



**JORNALISMO EDUCATIVO:
DA TEORIA À PRÁTICA NA TV UNIVERSITÁRIA**

Cíntia Neves de Azambuja

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. MÔNICA RABELLO DE CASTRO

**RIO DE JANEIRO
Setembro/2008**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ

CÍNTIA NEVES DE AZAMBUJA

**JORNALISMO EDUCATIVO:
DA TEORIA À PRÁTICA NA TV UNIVERSITÁRIA**

Dissertação apresentada à Universidade Estácio de Sá, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação.

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Mônica Rabello de Castro

RIO DE JANEIRO
Setembro/2008

CÍNTIA NEVES DE AZAMBUJA

**JORNALISMO EDUCATIVO:
DA TEORIA À PRÁTICA NA TV UNIVERSITÁRIA**

Dissertação apresentada à
Universidade Estácio de Sá como
requisito para a obtenção do grau
de Mestre em Educação.

Aprovada em 08 de setembro de 2008.

BANCA EXAMINADORA

PROF. DR^a. MONICA RABELLO DE CASTRO
UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ

PROF. TARSO BONILHA MAZZOTTI
UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ

PROF. MARIA LUIZA OSWALD
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Dedico este trabalho a minha família
e a todos aqueles que exercem
ou pretendem exercer o
Jornalismo Educativo.

AGRADECIMENTOS

Ao meu filho Diogo, que me serviu muitas vezes de inspiração.

À minha filhinha Laura, pelas mensagens em meus dedos tão cansados de digitar.

Ao meu marido Eduardo, pelo incentivo e compreensão.

À minha mãe Dagmar que, com olhar atento, fez meus olhos enxergarem mais além.

Ao meu pai Luiz, pelo excesso na bagagem de tantos livros que trouxe para mim de
suas viagens

Às Universidades pesquisadas por terem nos recebido com toda atenção.

RESUMO

Este estudo teve como objetivo verificar como os futuros jornalistas estão sendo preparados para produzir Jornalismo Educativo e como os profissionais que atuam com estes estudantes concebem e aplicam o conceito de Jornalismo Educativo no dia-a-dia de suas atividades acadêmicas. O campo foi constituído por universidades que produzem programas para o canal de Televisão Universitária no Rio de Janeiro (UTV), das quais foram escolhidas as três que mais realizam programas na emissora. Foram também verificadas as documentações institucionais (estatutos, manuais, publicações etc). A revisão bibliográfica apontou a existência de pouca literatura sobre o tema no Brasil e grande produção nos países de língua espanhola, que se tornou base de nossa pesquisa. Tivemos como principal fonte entrevistas jornalistas, produtores e estudantes que atuam nas instituições escolhidas. O estudo fundamentou-se nas Teorias da Comunicação e das Mediações e as entrevistas foram analisadas com base no Modelo de Estratégia Argumentativa (MEA). Verificamos que o Jornalismo Educativo é um termo desconhecido no meio acadêmico e, por isso, não difundido ou praticado. As referências de TV mais fortes são baseadas na prática anterior em televisões comerciais e estas são as preferencialmente praticadas com os alunos. A função do jornalista, para os depoentes, é a de informar. Informar apareceu com sentido de maior proximidade possível da realidade, mostrar o fato tal como é. Os profissionais com mais tempo de serviço em jornalismo tiveram maior dificuldade de relacionar jornalismo com educação. Na fala dos mais jovens, o conceito de Jornalismo Educativo foi mais bem assimilado. Eles argumentaram que, diante das dificuldades atuais, como falta de saúde e de educação e também da grande audiência da TV, a mídia precisa ter uma função educativa. As palavras *entretenimento* e *educação* aparecem sempre nos discursos separadamente, como se fossem antagônicas, educação na maioria das vezes referida ao contexto escolar. Os temas para as pautas são levantados a partir de interesses pessoais e não de interesses coletivos, o que evidencia pouco conhecimento sobre a responsabilidade educativa e social do jornalista. A falta de conhecimento sobre o estatuto da UTV contribui para que este espaço não seja utilizado como um ambiente de pesquisa e experimentação, o que dificulta o estudo e a aplicabilidade do Jornalismo Educativo na TV Universitária.

Palavras-chave: Jornalismo educativo. Jornalismo. Telejornalismo. Modelo da estratégia argumentativa.

ABSTRACT

The objective of this study is to verify how the future journalists are being prepared to produce Educational Journalism and how the professionals that deal with these students understand and apply the Educational Journalism concept on a daily basis during their academic activities. The environment was compounded by the universities that produce programs for the Rio de Janeiro University Television channel (UTV), and between them three institutions were chosen for their greater participation in this channel. The institutional documentations (statutes, manuals, publications, etc) were also analyzed. The revision of the literature showed few researches about the theme in Brazil and a great production at the Spanish speaking countries that formed the base for our research. Interviews with journalists, producers and students of the chosen institutions formed the main source of information. The study was fundamented on the Theories of Communication and Mediations and on the analyzed interviews based on the Model of Argumentative Strategy (MEA). It had been verified that the Educational Journalism is an unknown term in the academic field and, therefore, not divulged or used. The stronger references in television are based on an anterior teacher's practice and of others commercials channels professionals, and these references are preferably chosen by the students. For the interviewees, the journalist's mission is to provide information. To provide information seems to approach the reality, "show the fact as it is". The senior journalists had more difficult to make the relation between journalism and education. For the students, the concept of Educational Journalism was better absorbed. They argued that, in view of the actual difficulties in Health and Education, and also the big TV audience, the media has to have an educational mission. The words *entertainment* and *education* always appear separately, like they were opposites, and *education*, most of the times, appears in a scholar context. The tasks assignments in journalism are defined through personal interests, and not through the collectives ones, showing few understanding about the journalist educational and social responsibilities. The lack of knowledge about the UTV statute is the factor that contributes for the non-use of the channel as a research and experimentation environment, and difficult the learning about and the applying of the Educational Journalism on the University Television.

Key words: Educational journalism. Journalism. Broadcast journalism. Model of argumentative strategy.

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo verificar como los futuros periodistas están siendo preparados para producir Periodismo Educativo y como profesionales que actúan com estos estudiantes conciben y aplican el concepto de Periodismo Educativo en el día a día de sus actividades académicas. El campo fue constituido por universidades que producen programas para el canal de Televisión Universitaria en Río de Janeiro (UTV), de las cuales fueron escogidas las tres que más los realizan en la emisora. También fueron verificadas las documentaciones institucionales (estatutos, manuales, publicaciones, etc.). La revisión de la literatura señaló la existencia de poca investigación sobre el tema en Brasil y gran producción en los países de lengua española, que se volvió base de nuestra investigación. Entrevistas hechas con periodistas, productores y estudiantes que actúan en las instituciones escogidas constituyeron la principal fuente de datos. El estudio se fundamentó en las Teorías de Comunicación y de las Mediaciones y las entrevistas fueron analizadas con base en el Modelo de Estrategia Argumentativa (MEA). Se verificó que el Periodismo Educativo es un término desconocido en el medio académico y, por eso, no es difundido o practicado. Las referencias de TV más fuertes son con base en la práctica anterior de profesores y otros profesionales de televisiones comerciales y preferentemente son las practicadas con los alumnos. La función del periodista, para los testigos, es la de informar. Informar apareció con sentido de mayor proximidad posible de la realidad, “mostrar el hecho tal como es”. Los profesionales con más tiempo de servicio en periodismo tuvieron más dificultad de relacionar periodismo con educación. En el habla de los más jóvenes, el concepto de Periodismo Educativo fue mejor asimilado. Ellos argumentaron que, delante de las dificultades actuales, como falta de salud y de educación y también de la gran audiencia de la TV, los medios de comunicación necesitan tener una función educativa. Las palabras *entretenimiento* y *educación* aparecen siempre en los discursos separadamente, como si fueran antagónicas, y educación, en la mayoría de las veces, es referida al contexto escolar. Los temas para las pautas son sugeridos a partir de intereses personales y no de intereses colectivos, lo que evidencia poco conocimiento sobre la responsabilidad educativa y social del periodista. La falta de conocimiento sobre el propio estatuto de la UTV aparece como factor que hace con que este espacio no sea utilizado como un ambiente de investigación y experimentos, lo que dificulta el estudio y la aplicación del Periodismo Educativo en la TV Universitaria.

Palabras clave: Periodismo educativo. Periodismo. Tele periodismo. Modelo de la estrategia argumentativa.

SUMÁRIO

Página

Apresentação 13

Introdução 15

CAPÍTULO I

Referencial teórico: TV, Jornalismo e Educação 26

1.1 – TV e Cultura de Massa 31

1.2 – Comunicação, TV e Telejornalismo 38

1.3 – Ação educativa dos meios de comunicação 48

1.4 - Jornalismo Educativo 52

CAPÍTULO II

Ensino de telejornalismo: da teoria à prática 69

2.1 – A TV Universitária 78

2.1.1 – Programação da UTV: Comparando objetivos com o

Jornalismo Educativo 81

CAPÍTULO III

Metodologia 88

3.1 – Modelo de Estratégia Argumentativa (MEA) 91

3.2 Ferramentas 94

3.3 – Campo 96

3.4 Sujeitos da Pesquisa 97

CAPÍTULO IV

Resultados: Análise das Entrevistas 103

4.1 Análise das entrevistas realizadas na TV1 104

4.2 Análise das entrevistas realizadas na TV2 154

4.3 Análise das entrevistas realizadas na TV3 178

4.4 - Discussão dos resultados	208
Conclusão	218
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	222
LISTA DE ANEXOS	
Anexo 1 – Estatuto da UTV	231
Anexo 2 – Manual de Telejornalismo da TV Globo.....	243
Anexo 3 – Enquadramento padrão.....	245
Anexo 4 – Canal Universitário do Rio de Janeiro	246
Anexo 5 –Entrevistas	250

APRESENTAÇÃO

Quando eu era criança, sonhava em ser professora. Talvez por gostar de escrever e de ensinar. Mas, aos poucos, passei a me encantar com o Jornalismo. Era como se eu pudesse “educar” de outra maneira, educar informando. E para um público muito maior do que aquele limitado pelas paredes das salas de aula. E foi isso que fiz. Fui trabalhar em televisão.

O sonho de criança, porém, ficou apenas adormecido. De certa forma, sempre busquei algo bem próximo da Educação. E até o destino conspirou a favor. Primeiro, porque fui trabalhar na TV Educativa¹. Lá, o primeiro programa em que atuei como estagiária era uma novela educativa². Só depois passei para programas jornalísticos.

Com o tempo e a experiência em jornalismo, comecei a contribuir para a formação dos estagiários, orientando-os e ajudando-os na construção dos primeiros textos para TV.

Trabalhei em outros programas Educativos, em programas jornalísticos, em telejornais diários locais e nacionais; atuei também em um programa de incentivo à Pesquisa e à Educação que era apresentado com linguagem jornalística; e outro voltado para a informação em saúde - duas experiências claramente de Jornalismo Educativo³. Até que surgiu o convite para dar aulas de telejornalismo no Curso de Graduação. Pronto! Bastou para que o sonho de menina aflorasse novamente e virasse realidade.

Como professora e jornalista, passei a produzir um programa de Jornalismo Educativo na Universidade em que leciono para ser veiculado na TV Universitária do Rio de Janeiro. Durante dois anos orientei os alunos e produzi, com eles, reportagens tão boas que nós acabamos premiados no Festival de Gramado 2006 como o Melhor Programa de TVs Universitárias do Brasil. Percebi, com isso, que unir as duas áreas de

¹ A partir de 2007, a TV Educativa passou a se chamar TV Brasil.

² O nome da novela era Qualificação Profissional. Um projeto que começou a ser pensado em 1968, mas efetivamente estudado em 1980. Um ano depois tornava-se realidade. Em formato de novela-curso e endereçado aos professores leigos, o projeto seguiu até meados dos anos 80. Detalhes sobre esse projeto em <http://www.tvebrasil.com.br/acervo/006.asp>.

³ Jornalismo Educativo tem como função informar e formar o cidadão; tem a preocupação de não apenas difundir a informação, mas fomentar idéias. Definições e detalhes sobre Jornalismo Educativo podem ser encontrados ao longo desse trabalho.

conhecimento de que mais gostava - Educação e Jornalismo - era algo definitivo em minha vida. E a vontade de uni-las ainda mais me trouxe ao Curso de Mestrado.

Em minha experiência como repórter, pude observar a construção da notícia desde a pauta⁴ até sua exibição. Constatei, ao longo de 22 anos de trabalho na área, a precariedade na elaboração de muitas pautas e a pouca orientação sobre uma linguagem educativa na programação jornalística da TV, tanto para pauteiros⁵ quanto para os redatores e repórteres. Em conversas com profissionais de outras emissoras de TV e também de jornais e de rádios, a constatação era a mesma. E essa linguagem educativa era freqüentemente interpretada, de forma pejorativa, como linguagem didática - o que se traduziria, para os jornalistas, como linguagem cansativa, chata, monótona.

Esse tipo de pré-conceito não leva em consideração o fato de a televisão ter como característica (e trunfo) o entretenimento. E que o entretenimento pode ser a ponte entre a Educação e o telespectador. Portanto, senti interesse e necessidade de descobrir até que ponto os profissionais que trabalham em televisão conhecem e reconhecem a função educativa dos programas jornalísticos. E se eles se preocupam em produzir programas com as premissas de um Jornalismo Educativo.

Fiz muitas, incontáveis reportagens educativas. E nunca fui orientada quanto à forma de se fazer isso. Fazia por intuição e com todo o embasamento jornalístico necessário aliado aos ensinamentos de minha mãe, que sempre foi professora de mão cheia! Felizmente deu certo! Agora pretendo apresentar aos meus leitores o Jornalismo Educativo; como ele é visto e concebido entre os jornalistas; e verificar se os futuros jornalistas estão sendo preparados para a produção de um Jornalismo mais consciente de sua função educativa.

Portanto, o Jornalismo Educativo constitui o objeto desta pesquisa.

⁴ Pauta é o primeiro roteiro para a produção de uma reportagem. É o texto dado ao repórter com as principais informações sobre a reportagem - o endereço e o telefone da pessoa que será entrevistada, o local da gravação, o tema, informações sobre o tema e, principalmente, o direcionamento que deverá ser dado à reportagem. É a partir desse roteiro que é feita a reportagem.

⁵ Pauteiros são os jornalistas que produzem a pauta; são os responsáveis pela elaboração dos assuntos que irão virar notícia.

INTRODUÇÃO

A televisão ocupa um espaço privilegiado nos lares. A decoração da sala é disposta ao redor dela. A vida familiar se organiza a partir da TV e do que ela oferece. Está sempre disponível, dia ou noite. Serve como babá das crianças e de alimento para o imaginário infantil. E também refúgio dos entristecidos, dos angustiados, dos que buscam algo para entorpecer ou se distrair (FERRÉS, 1994).

Ao ligar a televisão, o telespectador está, em linhas gerais, em busca de entretenimento ou de informação sobre os acontecimentos do Brasil e do mundo. Independente da escolha - ao ver novelas, programas de auditório, musicais, entrevistas, telejornais, entre outros - esse telespectador aprende coisas novas a partir da programação transmitida pela TV. Interessante observar que isso acontece apesar de a televisão não ter como objetivo principal o ensinar e sim o “conquistar, manter e permanentemente ampliar audiência” (BACCEGA, 2000, p.100).

Com esse exemplo simples dá para perceber claramente que a televisão tem um potencial educador muito grande. Isso porque o telespectador é capaz de processar os conteúdos televisivos e criar suas próprias conclusões; e ainda de receber formação a partir de programas de TV. Dessa maneira, “a televisão é um poderoso instrumento de fortalecimento dos valores e costumes de uma sociedade e, por isso, deve ser considerada como estratégica” (CARMONA, 2004) ⁶.

Se com toda sua informação audiovisual a televisão está presente na vida das pessoas e as influencia; se a comunicação⁷ exerce influência no processo educativo - o que Pacheco (1998) chama de “revolução silenciosa” caracterizada pelo desenvolvimento das telecomunicações; e se essa influência não se limita a uma faixa etária, a um campo de atuação ou mesmo de um nível econômico-social ou de escolaridade, pode-se inferir que a televisão - assim como outras tecnologias de informação e comunicação - pode ser vista e estudada como mais um canal, um caminho para a educação.

Dentre essas mídias⁸, a televisão é, sem dúvida, a mais poderosa porque é mais influente, multifacetada e onipresente. Convive-se intimamente com ela.

⁶ Trecho de texto escrito pela autora para o site da TVE.

⁷ Comunicação vem do latim *communicatio* que, em linhas gerais, significa “atividade realizada conjuntamente”. Portanto, comunicar é compartilhar, transmitir, anunciar, trocar, reunir – palavras que exprimem relação.

⁸ Mídia vem do latim *medium* (meio, centro) mas também mediador. Os anglo-saxões introduzem o termo *mass media*- meios de comunicação de massa.(Gonnet, 2004).

No Brasil, a maior parte da população não tem acesso regular a outras fontes de informação, além do rádio e da TV (além de usá-la em larga escala, como fonte de lazer). (MAGALDI, 1997, p. 9-10).

Pesquisas já vêm apontando que não se pode ignorar que a televisão tem um papel significativo na formação dos jovens, seja positiva, seja negativamente. Fuenzalida (1984) afirma que a participação familiar é fundamental na mediação para a educação televisiva de crianças e adolescentes, idéia compartilhada por Ferrés(1994), que lembra que não basta que a criança fique diante da TV, mas que ela compartilhe essa experiência, que dialogue e confronte opiniões. Gonnet (2004) sugere que aconteçam muitos diálogos entre educação e mídia, mas que, para isso, é preciso que as escolas considerem a mídia um saber de base. Dessa forma, aprender as mídias, para o autor, é tão importante quanto saber ler e escrever. Moran (1991) lembra que os meios de comunicação divertem, ao mesmo tempo que são um espaço de educação informal; são fascinantes e preocupantes. E que, para entendê-los, é preciso que professores, pais, crianças e jovens a estudem e a conheçam. Yarce (1993) sugere a criação de estratégias em que a informação e o diálogo familiares se tornem a base para contrastar o que ele denomina “poder da caixa mágica”.

Por outro lado, muitas críticas foram feitas à TV. O próprio Yarce (idem) destaca o bom e o ruim da TV. Como aspectos positivos, o autor assinala o entretenimento do meio, o desenvolvimento da fantasia, a iniciação ao mundo da imagem e o conhecimento sobre o mundo em que vivemos. Como pontos negativos, cita o isolamento e a desunião que provoca, além de alterações psicológicas, a difusão de antivalores, ou seja, o consumismo e o materialismo, a violência, a manipulação, o erotismo etc. Falou-se, por exemplo, sobre a televisão como meio alienatório⁹. Numa ocasião, Steve Jobs disse que “as redes conspiram para nos tornar mais burros”. Sodré (1973, p. 59) afirma que “a televisão tende a dispersar a atenção do espectador ao invés de estruturá-la”.

Consideramos esse argumento como generalista e simplista. E compartilhamos o pensamento de Martín-Barbero (2003b) de que, o que se deve fazer é estudar não o que os meios fazem com as pessoas, mas o que as pessoas fazem com elas mesmas. Em outras palavras, que leitura elas fazem dos meios. Levando isso em consideração, pode-

⁹ A televisão, pelo simples fato de ser considerada um entretenimento, já é vista por muitos como um meio alienatório. Em contrapartida, o caráter educativo da televisão aparece frequentemente no meio acadêmico como o oposto do de entretenimento.

se dizer que “a verdadeira proposta do processo de comunicação não está nas mensagens, mas sim nas formas de interação que o meio permite ao receptor.” (AZEVEDO, 2003, p.08).

Ainda sobre a alienação atribuída à televisão, é possível constatar que as emissoras de TV vêm variando sua programação. Mas, essa variedade é considerada limitada e questionável, segundo Brittos (2003), que aponta dois motivos principais para a queda de qualidade na programação das televisões: a disputa pela audiência da TV aberta¹⁰ e a migração para a TV fechada¹¹ de pessoas, teoricamente, de condição sócio-econômica mais elevada.

Coutinho (2006) acredita que os programas ditos populares que divulgam a violência, a baixaria e o sexo, considerados ruins e alienatórios, são feitos a partir da crença de que a maioria das pessoas não consegue assimilar conteúdos mais profundos. De Fleur e Ball-Rokeach (1993, p.150) classificam esse tipo de programação de “conteúdo de mau gosto” enquanto Coutinho (2006, p.15) acredita que esse tipo de programa que coloca o “grotesco como linguagem do cotidiano” nivela por baixo o telespectador. No Brasil, algumas frases se tornaram clássicas no que diz respeito à crítica à TV, como a de Aparício Torelli, o Barão de Itararé, que não se cansava em dizer que “a televisão é a maior invenção da ciência a serviço da imbecilidade”. Ou ainda Sérgio Porto, o Stanislaw Ponte Preta, que a chamava de “máquina de fazer doido” (HOINNEF, 1996).

Apesar de todas as críticas, o que não se pode negar é a capacidade de a televisão dar acesso à informação e à educação, ou seja, que as pessoas podem se informar e estão constantemente se educando a partir do que vêm na televisão.

No âmbito específico das práticas escolares, o próprio sentido do que seja “educação” amplia-se em direção ao entendimento de que os aprendizados sobre modos de existência, sobre modos de comportar-se, sobre modos de constituir a si mesmo e para os diferentes grupos sociais, particularmente para as populações mais jovens e se fazem com a contribuição inegável dos meios de comunicação. Estes não constituiriam apenas uma das fontes básicas de informação e lazer: trata-se bem mais de um lugar extremamente poderoso no que tange à produção e à circulação de uma série de valores, concepções, representações e relacionadas a um aprendizado cotidiano sobre quem nós somos, o que devemos fazer com nosso corpo, como devemos educar nossos filhos, de que modo deve ser feita nossa alimentação diária, como devem ser vistos por nós, os negros, as mulheres, pessoas das camadas populares,

¹⁰ A TV aberta tem seu sinal de transmissão livre ao público que pode assisti-la sem a necessidade de pagamento de assinatura.

¹¹ As TVs fechadas, como as TVs a cabo, têm sinal restrito. É liberado apenas aos assinantes pagantes.

portadores de deficiências, grupos religiosos, partidos políticos e assim por diante. Em suma: torna-se impossível fechar os olhos e negar-se a ver que os espaços da mídia constituem-se também como lugares de formação e ao lado da escola, da família, das instituições religiosas. (FISCHER, 2002, p.2)

Ao questionar a diferença entre uma criança assistir a um programa de uma emissora educativa ou de uma comercial, Bezerra (1999, p. 114), afirma que:

(...) julgando-se que ambas interferem nos modelos de comportamento assimilados, portanto na educação dos seus telespectadores, sejam eles crianças ou não, podemos concluir que todas as TVs, toda a programação, todas as emissoras, educam sim. Sem distinção, todas são educativas. O que pode e deve variar é o conteúdo de cada proposta, de cada programa, de cada emissora.

Dessa forma, acreditamos no Jornalismo como um dos caminhos para a educação e a construção da cidadania de um povo e, conseqüentemente, de um país melhor.

De todas as definições que encontramos sobre o que vem a ser um programa de qualidade, compartilhamos o pensamento de que uma televisão de qualidade é “comprometida com a identidade nacional, com a cultura, a cidadania e a educação informal” (CARMONA, 2004). Concordamos também com Machado (2000, p.13) que diz que “o objetivo é fazer com que a idéia de qualidade possa contaminar tanto a produção quanto a recepção de televisão como um todo”. Ou seja, que essa qualidade seja vista e produzida em todo tipo de programa televisivo e que seja apreciada pelo telespectador.

O diretor do Núcleo de TV, Rádio e Cinema da MULTIRIO¹², Fábio Junqueira, em entrevista para o site da 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes, evento realizado em 2004, explica o que vem a ser qualidade na TV:

Uma programação televisiva de qualidade deverá promover o desenvolvimento da capacidade crítica do telespectador e servir de apoio à conquista da cidadania plena, contribuindo assim para uma sociedade mais justa e mais feliz. Deve também proporcionar experiências afetivas,

¹² A Empresa Municipal de Multimeios da Prefeitura do Rio de Janeiro – MULTIRIO é parte integrante da Secretaria Municipal de Educação (SME), desde que foi criada em 1993. Em consonância com a política educacional da Secretaria, concebe e produz mídias para crianças e adolescentes, alunos de escolas da Prefeitura do Rio, seus professores e familiares. Disponível no site <<http://www.multirio.rj.gov.br/portal/>> Acesso em 10 de maio de 2007.

cognitivas, artísticas, éticas, estéticas e políticas, importantes para a constituição de conhecimentos e valores¹³.

Apesar de a qualidade da televisão não ser o objeto desta pesquisa, concordamos que essas observações sejam importantes para se entender o que vem a ser um Jornalismo Educativo, este sim o nosso objeto. Acreditamos na hipótese de que uma programação de qualidade é viável - seja ela de musicais, de entrevistas, de programas de auditório, de telejornais etc. Por isso, o tema nos instiga a investigar a programação Jornalística da televisão porque, como dissemos, com os programas jornalísticos – inclusive o telejornal - também é possível aprender.

O conceito tradicional de Jornalismo não considera como um de seus papéis o “educar” já que, pela definição, jornalismo é a “atividade profissional que tem por objetivo a apuração, o processamento e a transmissão periódica de informações da atualidade, para o grande público, através de veículos de difusão coletiva (jornal, revista, rádio, televisão, cinema, etc.).” (RABAÇA; BARBOSA, 1987, p. 346). Ou seja, o jornalista recolhe, processa e difunde por qualquer meio de comunicação uma notícia de interesse público, com a finalidade de informar. Nós acreditamos que o jornalista, ao transmitir informação, pode estar provocando a produção de conhecimentos e, conseqüentemente, educando. Logo, uma das funções do Jornalismo é educar.

Neste procedimento – o de formatação da informação - o jornalista pode assumir diferentes responsabilidades e funções. Para Berti (2005, p.43), o que há de mais fascinante no trabalho dos jornalistas é o fato de eles fazerem “despertar nas pessoas o desejo e o prazer de ampliarem seus conhecimentos, além de conscientizá-las sobre a necessidade de buscar informação.”

Lembramos que Brasil (2007, p.18) considera que existem 180 milhões de brasileiros que assistem à televisão diariamente e 78 % de toda informação que recebem são de telejornais, o que reforça a questão do poder de penetração da TV.

Quando falamos em matérias educativas estamos, na verdade, nos referindo ao Jornalismo Educativo. Ou seja, a forma de se fazer Jornalismo com um objetivo além do de informar: um Jornalismo preocupado em informar, formar e educar, com uma clara função social. É, em suma, um jornalismo com as premissas de televisão de qualidade.

¹³ Entrevista completa disponível em
<http://www.riosummit2004.com.br/entrevista.asp?id_noticias=1157&idioma=por&forum=>

O teor puramente factual¹⁴ do Jornalismo se resume basicamente a seis questões – “o que”, “quem”, “quando”, “onde”, “como” e “por que” (e ainda “para que”) - sendo que nem sempre o “por quê” e o “para quê” constam na notícia. Ao responder a essas perguntas, o jornalista parece estar descrevendo a realidade dos fatos. Porém, essas questões engessam o texto numa estrutura fria e rígida, não necessariamente neutra. Já o Jornalismo Educativo oferece mais elementos e explicações para que o telespectador tenha condição de aprender novos conceitos, construir mais conhecimento.

A própria factualidade contribui para a produção do chamado Jornalismo Mecânico.

A factualidade é outro valor tido como sagrado nas redações dos veículos impressos e nas emissoras do jornalismo eletrônico de nossos dias. A notícia – unidade primordial de informação, a partir da qual a mensagem jornalística é construída – bem como outras modalidades de expressão do relato jornalístico, como a reportagem, o comentário, o ensaio, tomam o fato social como matéria-prima vital para sua razão de ser. (LIMA, 2000 p.31)

Vicchiatti (2005, p.26) define Jornalismo Mecânico como aquele “simplesmente informativo, sem contextualizar o leitor, o ouvinte, o telespectador”.

No caso do Telejornalismo diário, todas as reportagens que informam, formam e educam são reportagens educativas, ou seja, podem ser classificadas como Jornalismo Educativo. Elas, portanto, trariam reflexão, conhecimento e capacidade crítica ao telespectador.

Um exemplo são as séries de reportagens sobre assuntos ligados à cidadania, veiculadas nos principais telejornais do Brasil¹⁵. O DVD de comemoração dos 35 anos do Jornal Nacional da Rede Globo¹⁶ apresenta séries de reportagens sobre Fome no Brasil, formação do professor, saneamento básico, eleições etc. Todos esses temas foram trabalhados numa abordagem mais ampla e não superficial, como as reportagens de telejornais¹⁷, e são exemplos de Jornalismo Educativo.

Contudo, o termo *Jornalismo Educativo* não é usual no Brasil. Tanto que são raras as pesquisas produzidas especificamente sobre Jornalismo Educativo no País, ao contrário do que acontece em países como Argentina, Chile, Colômbia, Portugal, e

¹⁴ Factual se refere a notícia de um acontecimento do dia. A cobertura jornalística de uma tragédia, a inauguração de uma praça, um tiroteio na cidade são notícias factuais.

¹⁵ Por se tratar de Jornalismo Público, esse tipo de reportagem é considerado educativo.

¹⁶ Jornal Nacional – 35 anos. Globo Vídeo/Som Livre, 2004.

¹⁷ Em função do tempo de duração das reportagens de telejornais, que varia entre 60 e 90 segundos em média, os assuntos são apresentados de forma sintética, apenas com as principais informações sobre a notícia. Porém, acreditamos que, mesmo curtas, as reportagens podem contribuir com informação e formação.

Espanha, entre outros. A única pesquisa brasileira que encontramos com o termo foi a intitulada “A Construção da Linguagem no Jornalismo Educativo: a experiência do programa Canal 10 no Canal Futura”, de Ana Mascia Lagôa. Porém, Lagôa (2000) comenta que o Jornalismo Educativo do Canal 10 pretende “levar a notícia para a sala de aula e abrir a sala de aula para além da escola”, o que nos mostra que ela está se referindo ao Jornalismo especializado em assuntos educacionais. Entendemos que a pesquisa citada é voltada para um público específico de profissionais da área de educação, ou seja, um jornalismo especializado em educação. A maioria dos escritores especializados no Brasil considera esse tipo de Jornalismo como Jornalismo Educativo.

Para Crespo (2005, p.9) entende-se por Jornalismo Educativo “aquela dimensão que faz referência à formação, ao ensino, à educação e à cultura¹⁸”, ou seja, uma informação especializada sobre educação. Para o autor, a educação é um fenômeno social, cultural e econômico de grande complexidade e que demanda atenção contínua por parte dos meios de comunicação. Além disso, requer um tratamento especializado. Ele reforça, ainda, que não se pode limitar a cobertura jornalística a escolas fundamentais.

A universidade, os estudos superiores são também um campo de informadores sobre educação. Igualmente estes tem que abrir-se a outros segmentos educativos, formativos, que estão na sociedade e aos que tradicionalmente dedicam pouca atenção, como por exemplo, a formação de academias militares, das escolas de polícia em todos os gêneros, etc¹⁹. (IBIDEM, 2005, p.9)

Porém, neste trabalho, chamaremos esse tipo de jornalismo de Jornalismo Educacional, para fazer distinção entre o Jornalismo Educativo. Pode-se dizer que o Jornalismo Educacional se diferencia do Jornalismo Educativo por difundir apenas notícias relacionadas à educação, ao ensino, à pesquisa, à pedagogia e à vida escolar - desde o ensino fundamental até o nível superior - para um público específico, formado por professores e/ou para os estudantes. Portanto, ao contrário do Jornalismo Educativo,

¹⁸ La Universidad, los estudios superiores, son también un campo de los informados sobre educación. Igualmente éstos tienen que abrirse a otros segmentos educativos, formativos, que están en la sociedad y a los que tradicionalmente se dedica poca atención, como por ejemplo la formación en las Academias militares, las Escuelas de Policía en todos sus géneros, etc.

¹⁹ La universidad, los estudios superiores son también un campo de los informadores sobre educación. Igualmente éstos tienen que abrirse a otros segmentos educativos, formativos, que están en la sociedad y a los que tradicionalmente se dedica poca atención, como por ejemplo la formación en las academias militares, las escuelas de policía en todos sus géneros, etc¹⁹. (IBIDEM, 2005, p.9)

o Jornalismo Educacional é restrito a um público. Vale ressaltar que essa dicotomia que envolve o Jornalismo Educativo é muito comum no âmbito dos professores, jornalistas e acadêmicos do Brasil e dos países estudados. Nosso objeto de estudo, portanto, está relacionado ao Jornalismo Educativo dirigido à grande massa, que promove a popularização do conhecimento, com uma linguagem fácil e acessível a todos. Reconhecemos ser este o grande diferencial entre os dois conceitos. O Jornalismo Educativo também é freqüentemente associado a termos como Programas Educativos²⁰ ou Televisões Educativas²¹.

Curiosamente, ao fazer uma busca sobre a terminologia, encontramos o termo no segundo volume do Manual de Planejamento em Defesa Civil (1999), do Ministério da Integração Nacional/ Secretaria de Defesa Civil. O Manual apresenta as atividades de Comunicação Social com a Mídia:

O jornalismo educativo é um dos mais importantes instrumentos de mudança cultural. Por esse motivo, a área de comunicação social da Defesa Civil deve buscar ativamente a cooperação da imprensa nesta área de atuação. A atuação do jornalismo em proveito do crescimento do nível de segurança global da população deve ser planejada com antecipação. Esta atuação, quando bem planejada e conduzida, realmente contribui para desenvolver o senso de percepção de riscos, para aumentar o nível de exigência quanto aos riscos aceitáveis e para incrementar a segurança global da população em circunstâncias de desastres. (Op.cit., p. 51-52)

O Jornalismo Educativo citado no Manual é, portanto, o jornalismo que apresenta uma relação direta com promoção de mudança de comportamento da sociedade e com a prevenção a partir da comunicação, o que acreditamos ser a função do Jornalismo Educativo.

Temos como hipótese o fato de que os profissionais que atuam em programas jornalísticos que apresentam características de Jornalismo Educativo o fazem sem saber, sem conhecer seus conceitos ou sem levar em conta que estão produzindo Jornalismo Educativo.

Para Rivière (2000, p.157):

²⁰ Os programas educativos são aqueles que apresentam um grande número de informação e de conhecimento. Nesses programas, é possível encontrar entrevistas, minisséries, documentários e reportagens. E também aqueles de formato instrucional, com linguagem claramente educacional, como teleaulas ou videoaulas – gravação de uma aula convencional ministrada por um professor. (ARONCHI DE SOUZA, 2004, p.154)

²¹ As televisões educativas são, no Brasil, as emissoras que apresentam o maior número de programas educativos. Geralmente se autodenominam assim.

Los medios de comunicación son educación. Hay que decirlo con claridad. No es una afirmación radical o exagerada. A los periodistas no nos gusta pensar que somos educadores – Yo misma no me he dado cuenta de este papel educador, la verdad, hasta hace bien poco – pero esto no justifica que se ignore el gran malentendido que impide entender el sistema educativo permanente en el que estamos a través del periodismo y de la comunicación en general.²²

Tudo indica que, ao contrário do que acontece em outros países, não há uma cultura de Jornalismo Educativo no Brasil, sendo o tema até mesmo desconhecido ou pouco difundido entre os próprios jornalistas.

Dessa forma, acreditamos na importância deste estudo porque, no Brasil, não existem pesquisas específicas sobre Jornalismo Educativo até o momento da elaboração desta pesquisa. Como não encontramos estudos sobre o assunto no Brasil, partimos para uma busca do tema por países da América Latina²³. Encontramos muitas publicações sobre Jornalismo Educativo, inclusive discussões sobre o papel de educador do jornalista (GÓMEZ, 2001; SINOPOLI, 2006; TORNERO et al., 1994). Usamos as palavras-chave *Periodismo Educativo*²⁴, *ética periodística*, *calidad de la televisión*, *periodismo televisivo*, *recepción televisiva* e *televisión y educación*.

Escolhemos a América Latina pelo fato de ela ter maior proximidade cultural e geográfica com o Brasil. Como a língua falada nesses países é o espanhol e os estudos lidos na revisão de literatura constantemente mencionam publicações e embasamento teórico nas pesquisas acadêmicas da Espanha, decidimos pesquisar também aquele país (CRESPO, 2005; MATILLA, 2003; PÉREZ DE LA CONCHA, 1998; RIVIÈRE, 2003, entre outros).

Encontramos também vários estudos sobre a televisão dentro do contexto familiar²⁵, já que “a família é uma mediação institucional básica na interação dos telespectadores com o meio televisivo e especialmente entre crianças e jovens; será

²² Tradução livre: Os meios de comunicação são educação. Há de se dizer com clareza. Não é uma afirmação radical ou exagerada. Nós jornalistas não gostamos de pensar que somos educadores – eu mesma não me havia dado conta deste papel educador, na verdade, até bem pouco tempo – mas isso não justifica que se ignore o grande mal-entendido que impede entender o sistema educativo permanente em que estamos, através do jornalismo e da comunicação em geral. (RIVIÈRE, 2003: p. 157)

²³ Dos países pesquisados, destacaram-se Argentina, Colômbia, Chile e Venezuela.

²⁴ Jornalismo Educativo, em espanhol.

²⁵ Seguem essa linha de pesquisa Greenfield, P.M (1989); Domingues, M.J (1990), Fuenzalida, V; Hermosilla, M.E (1989); Ferrés, J. (1994) Rivero, Y.M (2006) entre outros. No Brasil, destaca-se José Manuel Moran. Em uma de suas obras (Como ver televisão, São Paulo: Edições Paulinas, 1991), o autor faz uma leitura crítica da relação da família e da escola com a TV.

necessário fomentar a educação televisiva na família”²⁶ (AGUADED, 1999, p.35). Estes estudos nos ajudaram a delimitar o objeto de pesquisa e a explicitar a relevância deste trabalho.

O objetivo deste trabalho é investigar como jornalistas, docentes e discentes das três universidades no Rio de Janeiro com o maior número de produções para a UTV²⁷ concebem, produzem e ensinam Jornalismo Educativo.

Achamos de suma importância, para a realização desta pesquisa, saber qual a concepção que os profissionais responsáveis pela formação de novos jornalistas têm de Jornalismo e, a partir daí, verificar até que ponto eles concebem o Jornalismo Educativo. E, ainda, se o Jornalismo Educativo aparece na prática dos professores. Assim, pretendemos saber de que forma os futuros jornalistas estão sendo preparados para produzir Jornalismo Educativo. E qual a concepção que os jornalistas e os futuros jornalistas têm da função educativa do jornalismo. Ou seja, se existe, na prática, uma preparação para a realização de um Jornalismo Educativo no Brasil (mesmo que não seja conhecida esta nomenclatura).

Para responder a estas questões, acreditamos que o melhor campo de pesquisa sejam as TVs Universitárias - mais especificamente a TV Universitária do Rio de Janeiro (UTV)²⁸ - uma vez que nelas podemos encontrar professores e alunos de Jornalismo de várias instituições de ensino, estas filiadas às TVs Universitárias e que participam da produção de programas de categorias diferentes, sendo que a maioria é de programas jornalísticos.

A finalidade das TVs Universitárias é de colaborar efetivamente para o desenvolvimento social, educativo, científico, cultural, artístico e econômico do País. Seu objetivo é voltado à “promoção da educação formal e não formal e de estimular a produção, por terceiros, de programas educativos, informativos, científicos, culturais, artísticos e de serviços” - conforme Estatuto da Associação de Televisão das Universidades do Rio de Janeiro/UTV (ANEXO1). Esta característica das Televisões Universitárias nos leva a imaginar que toda sua programação jornalística deveria ter como premissa a educação.

²⁶ Tradução do original em espanhol: “Se convenimos que la familia es una mediación institucional básica en la interacción de los telespectadores con el medio televisivo, y especialmente entre niños y jóvenes, será necesario tener presente la necesidad de fomentar la educación televisiva en la familia”.

²⁷ Os detalhes sobre essas Instituições se encontram no capítulo sobre a metodologia.

²⁸ O nome oficial é Associação de Televisão das Universidades do Rio de Janeiro - UTV

A Televisão Universitária proporciona a integração entre ensino, pesquisa, extensão e socializa seus atores principais, que são os alunos, os professores, os dirigentes, os funcionários e a comunidade onde atua. Por ser um canal vinculado à formação de novos profissionais de Jornalismo, trabalharemos com a hipótese de que os produtores dos programas veiculados nesses canais (ou seja, professores, alunos e profissionais de comunicação²⁹) devem ou deveriam ter conhecimento sobre Jornalismo Educativo.

Acreditamos que, ao pesquisar sobre o Jornalismo Educativo na UTV - poderemos verificar se há preocupação em difundir um jornalismo mais consciente e de qualidade, e em formar profissionais de comunicação mais preparados para a promoção do desenvolvimento social do país.

²⁹ Normalmente, os profissionais que atuam na produção de programas para a UTV nas universidades são editores de imagens, editores de jornalismo, produtores, em alguns casos, até mesmo repórteres e apresentadores. O mais comum é ter professores e alunos mais envolvidos com a produção de conteúdo, cabendo aos contratados as funções relacionadas à produção e à imagem.

CAPÍTULO I

REFERENCIAL TEÓRICO TV, JORNALISMO E EDUCAÇÃO

É fato: a televisão faz parte da vida da maioria da população do planeta, um fenômeno do século passado que surgiu numa época conturbada da história. Tão conturbada que a TV acabou por ter sua própria história atrasada, já que a guerra a impediu de se consolidar como “veículo de comunicação de massa hegemônico” (LEAL FILHO, 2006, p.13).

Emissoras tiveram seus sinais interrompidos por vários anos. Foi o caso da BBC de Londres, que ficou fora do ar de 1939 - três anos depois de sua estréia - até 1946, no pós-guerra (Idem, 1997, p.48). Durante a segunda grande guerra, apenas a TV alemã esteve no ar na Europa. Esse atraso histórico não impediu que a TV ganhasse espaço.

A guerra calou as transmissões, mas não as idéias. Pensadores que não eram diretamente ligados à comunicação se reuniram no que ficou conhecido como a Escola de Frankfurt³⁰ - um grupo que produzia teorias críticas sobre a sociedade em diversos campos do saber. Dentre as idéias desse grupo, surge o conceito de Indústria Cultural, no qual “a produção cultural e intelectual passa a ser orientada em função de sua possibilidade de consumo no mercado.” (HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2001, p.139). O conceito carrega a idéia de cultura como mercadoria. A TV viria a ser mais tarde para esse grupo seu principal alvo.

Enquanto a BBC – rede de TV inglesa - era retirada do ar em 1939, a TV chegava aos lares americanos. Nesse mesmo ano, no Brasil, acontecia a primeira demonstração de transmissão de TV em circuito fechado durante a Feira Internacional de Amostras no Rio de Janeiro, então capital do País. Somente em 1950, quando as transmissões na Europa estavam normalizadas e a TV era sucesso nos Estados Unidos,

³⁰ Escola de Frankfurt era um grupo de pensadores e cientistas sociais alemães que, por volta dos anos 40 do século XX, tratavam de diversos temas - da vida cotidiana até a política, passando pela arte, pela música e pela literatura. Mas eles deram um olhar especial sobre a importância da mídia e da cultura de mercado. O conceito de Indústria Cultural e a criação das pesquisas críticas da Comunicação são pontos importantes a se destacar desse grupo (HOHLFELDT, MARTINO, FRANÇA, 2001).

entra no ar a TV no Brasil, com a criação da TV Tupi, com tecnologia americana. Ao contrário do que acontecia na Europa, onde as emissoras são criadas a partir de redes estatais e voltadas para uma programação educativa, no Brasil ela nasce a partir do capital privado e voltada para o lazer.

Quando as primeiras transmissões aconteciam Brasil, eram apenas 200 aparelhos de televisão no País. Hoje, a realidade é bem diferente. Dados do IBGE de 2003 mostram que 90 % dos lares brasileiros têm aparelhos de Televisão³¹.

A TV, portanto, se transformou em fenômeno de comunicação. Ela cresceu e se agigantou nas últimas décadas e seu uso é hoje generalizado, ou seja, sem distinção de sexo, lugar, posição social, nível cultural etc. E não é difícil entender o motivo de tanto fascínio. A TV une o som do rádio e o poder de sedução das imagens. Uma mistura que estimula a curiosidade e os sentidos, já que a audição e a visão são as principais formas de nos comunicarmos.

Hoje, o ato de ver televisão reúne diversas ações ao mesmo tempo: além de ver e escutar, os telespectadores também podem conjugar os verbos comprar, imaginar, apreciar, avaliar, aprender etc. Todos eles podem acontecer paralela e simultaneamente em um complicado processo mediático-comunicacional. A televisão da era digital chega para agregar mais um verbo a essa coleção: o interagir. A interatividade no cotidiano das pessoas promete mudar a forma de ver TV e a relação entre mídia e comunicação, meio e conteúdo.

Apesar de a Televisão ter surgido em 1950, somente no final dos anos 60 é que começam a aparecer os primeiros estudos sobre a TV nos campos da sociologia e da comunicação (PRIOLLI, 2004), já que era vista pela academia como algo que não merecia atenção. A partir daí, a TV passa a ser cada vez mais estudada como um veículo de comunicação de massa. Afinal, havia a necessidade de se saber de que forma deveria ser o conteúdo da TV.

Se no início da história da TV, a linguagem foi importada do rádio, com o tempo ela passa a ter sua própria personalidade, sua própria forma de linguagem, influenciada pelo formato americano. Regras e manuais começam a surgir. O número crescente de telespectadores acelerou a necessidade de o jornalismo passar a ter suas próprias regras de texto, formato e tamanho.

³¹ Dados colhidos na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD 2004 sobre as Condições da habitação e posse de bens duráveis. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/mtexto/pnadcoment7.htm>>

Nas décadas de 50 e 60, os programas televisivos eram bastante improvisados. Até 1959, a TV era feita totalmente ao vivo, já que o *videotape*³² só chegou ao País naquele ano. Portanto, os telejornais eram feitos também ao vivo. Os apresentadores liam Notas Peladas³³ com a locução feita como no rádio e quase não havia reportagens externas (BRASIL, 2005, p.34-35). A partir do VT, a produção de TV fica mais barata, estando centralizada em São Paulo e no Rio de Janeiro. Em 1963, a TV ganha cores, o que já acontecia nos Estados Unidos desde 1954. Os programas, inclusive a programação jornalística, eram bastante ligados aos interesses comerciais até o final dos anos 60. Eram batizados com o nome dos patrocinadores – uma tendência que vinha dos americanos, como quase tudo na TV brasileira. Surgiram o Teledrama Três Leões, a Grande Gincana Kibon, o Seu Repórter Esso etc.

Quanto ao conteúdo dos programas, também seguiam o modelo americano. No Brasil, durante a ditadura e a censura do governo militar, muitos programas americanos entraram na programação brasileira. No telejornalismo, pouca criatividade. O formato era sempre o mesmo: mesa, cortina no fundo e a marca da emissora em cartela. Ainda nos anos 60, houve tentativa de romper o padrão de jornalismo estabelecido, como por exemplo, O Jornal de Vanguarda, da TV Excelsior do Rio de Janeiro, e o Show de Notícias, da Excelsior de São Paulo.

Se, no início, os profissionais das rádios foram para a TV, agora era a vez de os profissionais das redações dos jornais também começarem a migrar para a TV. O telejornalismo passa a ser mais crítico. Porém, o AI-5, Ato Institucional número 5, de 1968, impediu que isso se desenvolvesse. Um ano depois, surge o Jornal Nacional da TV Globo no Rio de Janeiro e, em 1972, ele passa a ser transmitido em todo o território nacional. O Jornal Nacional “estabelecia um novo ‘timing’ de informação; adotava um estilo de apresentação visual requintado e frio, pretensamente objetivo; e, finalmente, promoveu a instalação de escritórios no exterior” (SQUIRRA, 1995, p.16).

Ainda na década de 70, a TV Globo consolida-se com seu “Padrão Globo de Qualidade”, enquanto outras emissoras entram em decadência. Sai do ar o Seu Repórter Esso. Entra no ar A Hora da Notícia, jornal da TV Cultura de São Paulo, com o objetivo de oferecer um telejornal crítico e dinâmico. Porém, “o programa esbarrou na

³² Videotape ou VT é o equipamento eletrônico que grava o sinal de áudio e vídeo gerado pela câmera. Quando acoplados um ao outro, podem ser utilizados para a edição das reportagens, ou seja, a montagem do material editado. (PATERNOSTRO, 1999)

³³ Notas Peladas são notícias lidas pelo apresentador sem a presença de imagens relacionadas a elas. Quando aparecem imagens enquanto o apresentador lê a notícia chamamos de Nota Coberta.

brutalidade da censura, que culminou com o assassinato do jornalista e diretor do jornalismo da emissora, Vladimir Herzog, em 1975, e acabou desaparecendo” (TEMER, 2000, pág. 17).

O Padrão de Jornalismo da TV Globo se consolida e passa a ser copiado pelas concorrentes. Em 1980, chega ao fim a TV Tupi e em 1985, a Central Globo de Jornalismo lança o Manual de Telejornalismo, uma versão do livro *Television News* (MANUAL DE TELEJORNALISMO, 1985), o manual americano. Na primeira parte do Manual, encontram-se Normas de Redação. O tema vai desde a função do repórter – incluindo aí postura e ética – passando pelas medidas para facilitar a edição, a produção do *script*³⁴ até as regras do bom texto televisivo. Porém, desde a introdução (ver ANEXO 2) até a última página, não se encontra nenhuma referência à educação. O foco estava na informação e na audiência. O bom jornal é aquele “bem escrito”.

Quando o telejornal entra no ar, geralmente ele fala para o homem que chegou do trabalho, para a dona-de-casa atarefada com panelas, a mesa e as crianças. Essas pessoas querem se informar. Mas é preciso que a televisão dê a elas um telejornal bem escrito, bem ilustrado, bem dosado, senão, simplesmente poderão se desligar ou desligar o aparelho até amanhã ou até nunca mais. E todo o seu trabalho e de sua equipe terá ido por água abaixo. Seu objetivo – transmitir a informação – fracassou redondamente. (MANUAL DE TELEJORNALISMO, 1985, p. 10)

Quanto à elaboração do texto, o manual recomenda as regras de redação que vigoram até hoje, como não adjetivar o texto, utilizar artigos (ao contrário do que acontece em manchetes de jornais), formas de tratamento e tempo verbal adequados, palavras a se evitar etc. Já sobre a imagem, vale o velho provérbio chinês, que diz que “uma boa imagem vale mais do que mil palavras”.

Duas coisas prendem o telespectador ao telejornal. A primeira é a notícia. Diante de uma notícia forte, não há quem não pare e não passe a olhar a telinha. O outro ímã é a imagem forte. Imagem é, antes de tudo, emoção. Por isso, a boa imagem se comunica sozinha, sem palavras. (op.cit., 1985, p.71)

O Manual apresenta ainda as normas-padrão de enquadramento para repórteres e cinegrafistas (ver ANEXO 3). A postura correta na gravação da passagem (figura 1), a

³⁴ Script é a lauda do telejornalismo, ou seja, o tipo de papel que possui características e espaços diferenciados que serve como guia para a produção do telejornal. (PATERNOSTRO, 1999, P.150)

posição do repórter e do cinegrafista (figura 2), a posição do microfone (figura 3), tudo numa estética perfeita para que nada vire ruído na comunicação e desvie a atenção do telespectador.

(Figuras retiradas do Manual de Telejornalismo – Central Globo de Jornalismo)

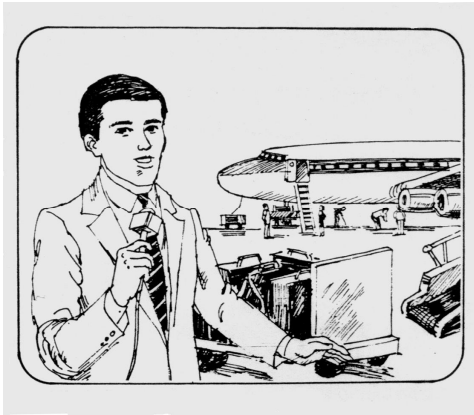


Figura 1 (Página 81)

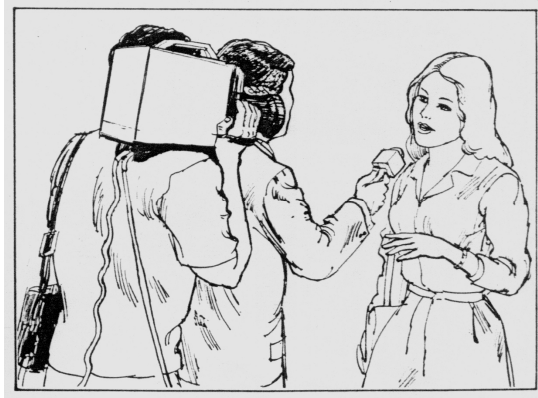


Figura 2 (Página 73)

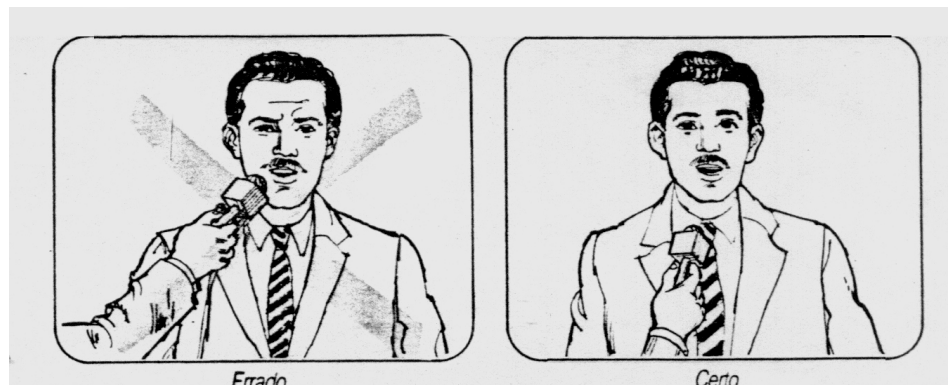


Figura 3 (Página 79)

De lá para cá, algumas tentativas de mudança na linguagem jornalística aconteceram, como o TJ Brasil, do SBT (1997), com a figura do âncora³⁵ que ficou a cargo de Boris Casoy e a introdução de comentários pessoais sobre as reportagens e notícias. Em 1990, o Aqui Agora, do SBT inova misturando sensacionalismo, dramatização e realismo em exibição quase sem cortes e o repórter narrando o fato diante da câmera. Há um investimento no jornalismo de entretenimento, o que

³⁵ Âncora (anchorman) é o apresentador de telejornal que interpreta as notícias com base em seu conhecimento próprio. (PATERNOSTRO, 1999)

contagiou até o Jornal Nacional. Mas o padrão Global, aquele do manual de 1985, permanece até os dias de hoje.

1.1 – TV e Cultura de Massa

Antes do século XV, as pessoas obtinham informações limitadas e relacionadas a pequenos grupos, como escolas e igrejas do bairro. Com o desenvolvimento de máquinas de impressão, como a tipografia no século XV, bem rudimentar, e mais tarde, no século XIX, as rotativas, foi possível pensar em termos mais amplos. Mesmo assim ainda limitados a regiões, ao país e ao continente. Não havia instrumentos para ir além, em uma escala global. Ninguém tinha noção de como e quanto às outras partes do planeta poderiam influenciar outras a partir da comunicação e da difusão de informações. A comunicação de massa passou a ser estudada, assim como a globalização e seus efeitos. Muito se falou e se fala sobre o tema, positiva ou negativamente.

Ao falar sobre comunicação de massa, Kientz (1973, p.18-19) lembra que ela era vista como uma comunicação de mão única, isto é, “uma minoria produz, de uma forma quase industrial, mensagens que a grande massa absorve em silêncio”. O autor dá o exemplo que associa a comunicação de massa a um marinheiro que joga uma garrafa ao mar com uma mensagem, sem saber quem exatamente vai recebê-la. O retorno, o diálogo com a massa - que seria uma espécie de “retroalimentação” - são as cartas de leitores, dos telespectadores, e os telefonemas e críticas de especialistas.

Uma pesquisa sobre o funcionamento da comunicação na sociedade foi feita no Chile durante os últimos meses do regime de Allende. Mattelart descreve a infraestrutura dos conglomerados da comunicação, um estudo meticuloso sobre a produção e recepção de notícias e programas de televisão. Mattelart fez parte de um pequeno grupo que relacionou a análise dos meios de comunicação e o programa de libertação nacional, levando em consideração a participação da comunidade (GUARESCHI, 1985).

Mc Luhan³⁶ propõe a idéia de ‘aldeia global’- todos estariam mais próximos, como se as mídias tivessem diminuído o espaço em que vivemos. O autor defende a importância do próprio meio, independente de seus conteúdos. Mc Luhan dizia que ‘o

³⁶ O autor canadense Herbert Marshall McLuhan apresenta três obras importantes sobre esse tema: *Understanding Media: The extensions of man*, 1964; *The Gutenberg Galaxy: the making of typographic man*, 1962 e *The Medium is the Message: an inventory of effects*, 1997.

meio é a mensagem'. O meio – que é o canal de passagem de conteúdo, o veículo de transmissão da mensagem - não apenas constitui a forma comunicativa, mas determina o próprio conteúdo da comunicação. Para o autor, só o fato de uma mensagem ser transmitida por um determinado canal (rádio, TV ou impresso etc.) pode fazer a mensagem adquirir diferentes significados, já que esses canais utilizam mecanismos diferentes de compreensão (áudio, vídeo, texto escrito).

Mas o conceito começa a ser questionado. A Análise de Conteúdo, por exemplo, instrumento de pesquisa que começava a ganhar fôlego nos anos 60, conduziria, involuntariamente, a uma análise do meio. Para Kientz (Op.cit., p.13), a mídia passa a ser vista não como um instrumento passivo nas mãos de quem os detém. A mídia teria diversas funções e acabaria por impor, como consequência, o seu tipo de conteúdo.

O meio estava em evidência. Passamos a receber, em tempo real, informações do outro lado do planeta, fato impossível de ser realizado antes das grandes invenções tecnológicas de comunicação. No momento em que as pessoas passaram a ter acesso à informação, a ser expostas a outras culturas e a perceber suas diferenças na descoberta da existência do outro, independente do tempo e do espaço, essas informações começaram a promover transformações no dia-a-dia delas.

A partir do reconhecimento simbólico dessas diferenças, é possível se falar em “enriquecimento potencial da nossa cultura” (MARTÍN-BARBERO, 2003a, p. 60). Isso significa que os meios de comunicação podem aproximar as diferentes culturas e, dessa forma, transformar culturalmente os povos. Por isso, os meios de comunicação, muitas vezes, são apontados como responsáveis pelos fracassos e conquistas dos povos, tanto na luta para se defenderem da opressão por outros povos, quanto em relação a sua renovação cultural.

Por esse potencial, a televisão tem sido vista positiva e negativamente. Foi duramente criticada pela corrente Apocalíptica e ferozmente defendida pela corrente Integrada³⁷. Ao mesmo tempo em que configura um veículo enriquecedor pelo simples fato de transmitir informações e entretenimento, ela também é vista como

³⁷ Os termos apocalípticos e integrados foram criados nos anos 70 por Umberto Eco para representar as discussões travadas sobre indústria cultural e cultura de massa. Eram dois pensamentos antagônicos: de um lado aqueles que acreditavam que a cultura de massa era sinônimo de anticultura e de decadência. Do outro lado achavam que a cultura iria se expandir para todas as camadas sociais.

manipuladora³⁸ de massas, capaz de destruir a cultura local. Culpa-se a TV de massificadora da cultura. Mas também atribuem a ela a capacidade de unir povos.

Leal Filho (2006, p.23) acredita que a TV penetra em todas as frestas da sociedade, “dita hábitos, muda comportamentos, impõe padrões de linguagem, faz e desfaz na política”, o que pode ser visto por uns como positivo e por outros como negativo.

Os argumentos favoráveis à TV não são poucos. Pesquisas vêm mostrando que a Televisão é capaz de promover o desenvolvimento da criança no que diz respeito à criatividade, ao seu vocabulário, à capacidade de resolver problemas, ao aumento do raciocínio lógico-matemático, podendo, inclusive, torná-la um ser mais crítico. Para Boutin (s/data), “quando a criança tem contato com um material de boa qualidade (...), pode ter estimulados, além da criatividade, o senso crítico, a vida em sociedade, a cooperação, a solidariedade, a amizade, o esforço escolar, entre outras qualidades”.

Outras pesquisas vão muito além, apontando, inclusive, o impacto social da TV. Arouchi de Souza (2004, p.23) lembra o estudo feito por demógrafos e pesquisadores. Eles trabalharam com a hipótese de que há uma relação entre a redução na taxa de natalidade nas últimas duas décadas do século XX e a exposição aos meios de comunicação, em especial à TV.

A TV também é vista como um aparelho alienante. Adorno e Horkheimer viam-na como uma forma de “seduzir e enganar as massas” (ROCHA, 2005, p.06). Távola (1996, p.9) afirma que “a televisão nunca será um produto de vanguarda (...) no momento em que se propõe ser vanguarda, perde a conexão significativa com os segmentos majoritários do mercado”. Outros apontam o entretenimento como um de seus fins o que, por si só, já seria alienante. Para Eco (2000, p.60), “a luta de uma ‘cultura de proposta’ contra uma ‘cultura de entretenimento’ sempre se estabelecerá através de uma tensão dialética feita de intolerâncias e reações violentas”.

Vale lembrar o conceito de Opinião Pública, que é o pensamento de um grupo de pessoas com interesses comuns, em relação a alguma coisa controversa. Os meios de comunicação seriam os determinadores principais da opinião pública, “uma vez que os estímulos transmitidos pelo emissor tendem a modificar o comportamento do receptor” (ALVES D’AZEVEDO, 1983, p.29).

³⁸ Considera-se manipulação como “uma ação violenta e restritiva que priva de liberdade aqueles a ela submetidos (...) a manipulação apóia-se numa estratégia central, talvez única: a redução mais completa possível da liberdade de o público discutir ou de resistir ao que lhe é imposto”. (BRETON, 1999)

Ao analisar o discurso de seus entrevistados de classe média no Rio Grande do Sul para a pesquisa sobre Cultura e Televisão³⁹, Magalhães (2004, p.2) afirma que eles mostraram que acreditam que a TV “dilui identidades através da massificação”, e também “expressa uma identidade nacional em suas mensagens na qual os entrevistados não se reconheciam”. Alguns autores são bem mais pessimistas, como Costa (1994, p.110-111) que acredita que:

A televisão abusa, sim, do direito de informar e divertir quando, sem pedir licença, invade a nossa privacidade e impõe-nos cabeça adentro a marca do desrespeito que seus mentores intelectuais têm por nossas vidas morais. Mais que isso, manipula o voyeurismo, o sadismo ou qualquer outra perversão latente em todos nós, exclusivamente de olho nos índices de audiência e nas contas bancárias. Contando com a passividade dos indivíduos reduzidos ao estado de massas, vendem escroqueria, sabendo que a maioria é incapaz de desligar o botão ou passar para outro canal quando se vê moralmente agredida.

Belloni (2001) lembra também que a mensagem da TV tem a capacidade de impregnar as pessoas de forma subliminar, utilizando arquétipos, drama ou humor vividos muitas vezes por galãs e atrizes renomadas e apreciadas pelo grande público.

Já Martín-Barbero (2003a, p.63) direciona o foco para a cultura. Ele acredita que, nos meios de comunicação, não apenas há reprodução de ideologias, mas produção de cultura a partir da recriação de narrativas.

A comunicação midiática aparece, portanto, como parte das desterritorizações e relocalizações que acarretam as migrações sociais e as fragmentações culturais da vida urbana; do campo de tensões entre tradição e inovação, entre a grande arte e as culturas do povo; do espaço em que se redefine o alcance do público e o sentido da democracia.” (Ibidem, p. 64)

Longe de pensamentos tão apocalípticos, compartilhamos as idéias de Martín-Barbero, que sugere a cultura e a comunicação como troca constante de símbolos e sentidos. Ele afirma que as culturas só vivem, só se mantêm vivas a partir do momento em que se comunicam umas com as outras, e que essas mudanças não são negativas. A massa, portanto, daria sentido às coisas sem ser passiva, pensamento que em muito se distancia do predominante, sobretudo no meio acadêmico que, até pouco tempo,

³⁹ Este trabalho retoma alguns dos dados da tese de doutorado da mesma autora denominada “Televisão, uma vilã na sociedade contemporânea – um estudo sobre modos de ver (a) TV de pessoas pertencentes a camadas médias”; PPGAS/UFSC, abril de 2004.

difundia a idéia de que a massa absorvia passivamente as informações - teoria dos integrados.

Martín-Barbero e Barcelos (2000) reconhecem a importância dos meios, mas acreditam ser impossível entender a real importância que os meios têm na vida das pessoas, já que não estudamos a vida delas. Martín-Barbero (2003b) passa, então, a chamar mediações aos espaços, às formas de comunicação, que estão entre a pessoa que ouve o rádio, por exemplo, e o que é dito no rádio. Não há, para o autor, um indivíduo solitário sobre o qual incide o impacto do meio, como na experiência de Pavlov com um cachorro⁴⁰. Mediação, portanto, significa que entre a emissão e a recepção existe um grande espaço onde se percebem os costumes, as crenças, ou seja, tudo relacionado à cultura. As massas dão sentido ao que vêem, num processo produzido pelas mediações. Portanto, Martín-Barbero acredita que não se pode medir a importância dos meios em si mesmos sem levar em consideração a vida familiar, religiosa, social etc. Isso seria, para ele, como falsificar a vida para que ela coubesse em um modelo pré-existente de estudo dos meios.

As maneiras de se compreender os meios de comunicação se propagam em diferentes esferas da sociedade e em diferentes direções teóricas.

O que os processos e práticas da comunicação coletiva põem em jogo não são unicamente os deslocamentos do capital e as inovações tecnológicas, mas sim profundas transformações na cultura cotidiana das maiorias: nos modos de se estar junto e tecer laços sociais, nas identidades que plasmam tais mudanças e nos discursos que socialmente os expressam e legitimam (MARTÍN-BARBERO, 2003a, p. 62-63).

Martín-Barbero (2003a) dá o exemplo de duas pessoas que assistem à televisão. Uma é um intelectual que apenas vê ópera e programas culturais. A outra é uma dona-de-casa que fica o dia todo com a TV ligada, algumas vezes vendo, outras apenas ouvindo a TV e acompanha as telenovelas. O autor afirma que é impossível que a TV influencie da mesma maneira essas duas pessoas. Ele conclui, portanto, que é preciso

⁴⁰ A experiência de Pavlov é aquela em que sempre que se apresentava a um cão um pedaço de carne, a visão da carne e sua olfação provocam salivação no animal. Ao tocar uma campainha ao mostrar e dar a carne ao cão repetidamente, depois de certo número de vezes o tocar da campainha passa a provocar a salivação no animal, preparando o seu aparelho digestivo para receber a carne. Portanto, um estímulo que nada tem a ver com a alimentação, meramente sonoro, passa a ser capaz de provocar modificações digestivas. Disponível em <<http://www.cerebromente.org.br/n09/mente/pavlov.htm>>

estudar os modos de relação das pessoas com o meio. Essa relação estaria diretamente relacionada ao nível de escolarização, à intensidade da vida familiar, à cultura. Portanto, para definir mediação, Martín-Barbero desloca seu olhar para o lugar de atribuição de sentido em que interagem a emissão e a recepção, onde se materializa socialmente o que se propõe como signo comunicacional.

Diante disso, assumimos que a comunicação emerge desse processo de mediação. Sendo assim, é possível concluir que o conteúdo das emissoras de televisão é capaz de transformar a cultura, e que os grupos sociais produzem cultura na interação com a TV.

Em suas pesquisas sobre a Teoria das Mediações, Martín-Barbero (2003b) conclui que a comunicação não constitui um fim, mas um meio de compreensão. O autor chegou a essa teoria a partir de um estudo que fazia sobre o papel que os meios de comunicação de massa exerceram nas diferentes fases da América Latina. Durante suas investigações, as atenções de Martín-Barbero voltam-se para as transformações sociais, econômicas e políticas que ocorriam nos países da região entre as décadas de 30 e 50 do século XX (MONTARDO, 2005).

Martín-Barbero propõe que se direcione o foco das análises para as mediações e não para os meios. De acordo com Martín-Barbero (2003b, p.270) mudar o foco para as mediações é mudar o foco “para as articulações entre práticas de comunicação e de movimentos sociais, [...] as diferentes temporalidades e [...] a pluralidade de matrizes culturais”. Isso coloca as mediações no centro da comunicação, passando a ser levado em conta o estudo “das mediações através das quais os meios adquiriram materialidade institucional e densidade cultural.” (Ibidem, p. 240).

Para atingirmos o objetivo de nossa pesquisa, partiremos dos três lugares de mediação da Teoria de Martín-Barbero (Ibidem, p.304): “a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural”.

No que diz respeito ao cotidiano familiar, Martín-Barbero diz que este deve ser um espaço visto como fundamental para a leitura e a codificação da televisão, já que normalmente é, em casa, que as pessoas vêem TV. No caso particular do telejornal, o público que assiste é heterogêneo, sendo formado por adultos, jovens e crianças⁴¹.

⁴¹ Uma pesquisa feita pelo Ibope em 1999 mostrou que dos 10 programas mais vistos pelas crianças e adolescentes no Brasil, nenhum era configurado como da categoria de programa infantil, sendo que 3 deles eram telejornais. (ARONCHI DE SOUZA, 2004)

Já na temporalidade social, enquanto o tempo durante o dia é corrido e sequencial, o tempo na televisão é repetitivo e fragmentado. Um programa que começa agora tem sua segunda parte no mesmo dia da semana seguinte ou outro à escolha da emissora de TV e ainda reprisa alguns dias depois. Além disso, o tempo de duração dos programas tem relação com o gênero deles. No caso do Telejornalismo, essa fragmentação e o tempo de duração das reportagens (média de 1 min 20 seg. por matéria) fazem parte de suas características. Para Ramos (2005, p.1), nas reportagens dos telejornais “os textos, as imagens e as abordagens ditam uma única lógica, em seu monologismo⁴² de linguagem. Parecem ser todos frutos da mesma árvore ideológica”.

Achamos oportuno lembrar que, para Bakhtin (1978), a linguagem humana e, conseqüentemente, os 'produtos culturais' nela engendrados, pressupõe troca e 'negociação' de sentido entre os sujeitos. Isso quer dizer que os discursos são sempre construções de sentido que se estruturam a partir de um jogo constante de linguagem com o outro, ou seja, não é muito produtivo falar pura e simplesmente em mensagem, tendo mais poder explicativo os conceitos de Mediação⁴³, de Modo de Endereçamento⁴⁴, de Produção de Sentido⁴⁵. Decidimos nos embasar nos conceitos de mediação por acreditarmos que se adapta melhor à nossa proposta.

No que diz respeito à competência cultural da TV, enquanto uns criticam a TV e a acusam de promover a decadência cultural, outros afirmam que cultura não tem relação com televisão porque, segundo esse argumento, ela não apresentaria obras-primas. Em nosso entendimento, a cultura, dessa forma, está sendo vista de maneira simplista, como se fosse sinônimo de quadro, estatuetas, música clássica. Cultura é mais do que isso; diz respeito, segundo uma visão sociológica, aos valores de um grupo de pessoas, às normas que seguem, aos pontos de vista que constroem, aos sentidos e aos bens materiais que produzem (GIDDENS, 2007). Já para Geertz (1978, p. 22),

cultura denota um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporados em símbolos; um sistema de concepções herdadas expressas em

⁴² Para Bakhtin, o termo “monologismo” se opõe a “dialogismo”, não necessariamente se referindo a “diálogo”. Há monólogos dialógicos e diálogos monológicos.

⁴³ Mediação é o lugar de onde se concede sentido ao processo de comunicação. Para Martín-Barbero, esse lugar é a cultura.

⁴⁴ Pode-se dizer que Modo de endereçamento tem relação com o posicionamento dos criadores da programação de TV e o que eles pretendem para sua audiência. O modo de endereçamento é, portanto, “uma estratégia para a fidelização do público telespectador” (Carvalho, 2006, p.30- 34).

⁴⁵ Produção de sentido é um processo de mediação no qual o indivíduo, a partir de sua capacidade de psiquismo, dá sentido ao que lê, vê ou ouve, ou seja, transforma-o em algo novo e diferente. Sentido tem sido considerado como da esfera do indivíduo, mas é compartilhado no processo de interação.

formas simbólicas⁴⁶ por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida.

Ou seja, do ponto de vista da linguagem, a cultura percorreria o modo de ser e agir de uma dada sociedade. Se cada cultura tem um emaranhado de significados, como afirma Geertz (1978), o discurso que parte de uma cultura deve estar de acordo com esses significados. Geertz (1997) trabalha com a abordagem semiótica⁴⁷ para verificar o cotidiano das pessoas. Essa verificação é feita através da explicação dos significados de certos indicadores⁴⁸. Assim, esses indicadores seriam explicados pela vida cultural de cada sociedade e não por eles mesmos.

1.2 – Comunicação, TV e Telejornalismo

O jornalismo é uma atividade profissional que tem como função a comunicação de fatos. Portanto, ele transmite mensagens (emissor) para um público (receptor), esquema que fez com que os profissionais da área de jornalismo, em sua maioria, propagassem a idéia de que a função do jornalismo é passar a informação. Mas, ao contrário da visão de Wiener (1978), ou seja, de ser necessário o *feedback* para se estabelecer a comunicação, nem sempre o jornalismo recebe esse *feedback*. Em outras palavras, uma reportagem chega ao telespectador, mas não há um retorno do efeito da reportagem nesse indivíduo.

Se o conceito de comunicação engloba a possibilidade de mudança do indivíduo a partir da comunicação, é possível afirmar que o jornalismo pode influenciar as pessoas. As conversas do cotidiano, que ocorrem com base no que foi mostrado no telejornal, acabam por influenciar o que o público vai discutir e opinar – o que se caracteriza como *agendamento* ou *agenda setting*⁴⁹ (na tradição de língua inglesa), isto

⁴⁶ O homem sempre reconheceu o poder da linguagem. O autor chama de capacidade simbólica a capacidade da linguagem de criar uma realidade e dar vida a essa criação.

⁴⁷ A semiótica é definida por Eco (1976) como a disciplina responsável por estudar os signos, sistemas de signos, significação, comunicação e todos os processos culturais. Seria, portanto, a representação das coisas do mundo que estão dentro de nossas mentes. É, a partir da semiótica, que é possível entender como as mensagens são interpretadas pelas pessoas, como interagem como objetos, como pensam e como se emocionam.

⁴⁸ Neste caso, o autor se refere a pinturas, poemas, músicas, peças teatrais, vasos, certas sensibilidades etc.

⁴⁹ Essa é uma das Teorias de Comunicação. O termo não foi aportuguesado por dificuldade de tradução e sua adoção internacional.

é “... um tipo de efeito social da mídia. É a hipótese segundo a qual a mídia, pela seleção, disposição e incidência de suas notícias, vem determinar os temas sobre os quais o público falará e discutirá” (BARROS FILHO, 1995, p. 169). O público adquire conhecimento e se interessa pelo que aparece na mídia, o que significa que os veículos de comunicação induzem o público sobre *o que* ele deve pensar e *como* deve pensar sobre determinados assuntos. Tudo isso é movido pela credibilidade do veículo.

Barros Filho (1995, p. 172) dá como exemplo de *agenda setting* no Brasil a reportagem do programa de variedades Fantástico da Rede Globo sobre a República dos Pampas – uma organização que pretendia criar um novo estado no Brasil. O programa foi ao ar em 1994, mas a organização tinha sido criada cinco anos antes. Para o público em geral, a República dos Pampas passou a existir apenas após a exibição da reportagem. E a notícia teve grande repercussão entre o público e as concorrentes.

Achamos ser importante esclarecer o significado da palavra notícia, que abarca diversas visões. Para Bistane e Bacellar (2005, p. 41), notícia é aquele assunto capaz de despertar interesse de um número grande de pessoas por afetar ou causar impacto na vida do leitor. Turner Catledge (apud JORGE, 2006), por sua vez, descreve notícia como “o que você não sabia ontem”. Já Neil Macneil (idem) acrescenta que “é uma compilação de fatos e eventos de interesse ou importância para os leitores do jornal que a publica”. A Revista Collier’s Weekly sintetiza: “é tudo o que o público necessita saber, tudo o que o público quer falar” (AMARAL, 1967, p. 60). Visão diferente tem Sigal (apud JORGE, 2006), que defende que “ninguém sabe o que são as notícias. O outro problema é que ninguém sabe o que significam”.

Menezes (2006) nos lembra o episódio em que o diretor de teatro Gerald Thomas disse ter visto de sua janela, em Nova Iorque, a queda do World Trade Center em 11 de setembro de 2001. Gerald Thomas viu, diante dele, as duas torres desabarem matando quase três mil pessoas. Mesmo tendo a cena pela janela, ele ligou a televisão. Em 8 de maio de 2005, no programa Altas Horas, da Rede Globo, Gerald Thomas relembra a experiência e explica o motivo de ter ligado a televisão: “A TV parece mais verdadeira do que o que a gente vê.” (MENEZES, 2006). Menezes conclui:

Acontecimentos como o 11 de setembro mostram que a televisão fomenta os ânimos das pessoas, conduz assuntos, pauta questões, mobiliza posições e dá sentido à realidade, criando um espaço privilegiado de trocas simbólicas. Um veículo de comunicação com tal legitimidade para lidar com a verdade, mostrando tudo o que acontece em tempo real, dificilmente terá sua credibilidade abalada. Ligar a televisão tornou-se mais natural do que olhar pela

janela. Já não vemos estrelas. Cobertura local, notas dos apresentadores, transmissões simultâneas, entrevistas e outros recursos telejornalísticos compõem a visão midiática da sociedade. Novelas, programas de auditório, de humor, jogos de futebol e uma infinidade de gêneros completam o caleidoscópio da realidade recriado nas ondas da TV. (ibidem)

Então, se a credibilidade é um fato e se o público absorve o conteúdo televisivo, é possível pensar em uma absorção positiva e construtora se esse conteúdo for educativo. Em contrapartida, alguns temas considerados “na moda” obtêm espaço significativo na mídia. Logo, não é apenas o público que é influenciado pela mídia. A mídia também é influenciada pelo público. Então,

A conversa dos espectadores sobre os conteúdos dos programas é uma das mais poderosas formas de evidência empírica a ser considerada em qualquer apreciação substantiva e revelação de aspectos sociais e culturais da televisão, é através da conversa sobre a televisão que a audiência se forma em determinadas direções, com determinadas características (ESTEVES, 2000: p.160).

Diante disso, faz-se oportuno citar a relação inversa entre qualidade e audiência. Para Matilla (2003, p.49), o que caracteriza a qualidade em TV são questões como criatividade, qualidade de imagem e de som, inovação, riqueza de linguagem audiovisual, efeitos e conteúdo. O autor cita como exemplos de programas de qualidade adaptações de novelas e obras teatrais, programas sobre artes (os que apresentam obras de arte, pinturas, esculturas, música clássica, programas sobre livros, espaços de debates etc). Mas quem dita o que tem qualidade? Para Matilla, são os espectadores, os profissionais, as instituições como universidades, conselhos superiores de audiovisual etc.

É de senso comum que a TV se preocupa com a audiência. Mede-se a audiência por um aparelho chamado audímetro, que é instalado em algumas casas de telespectadores – por amostragem - para medir os índices de audiência. O aparelho registra dados relacionados ao consumo televisivo da família. Cada membro da família recebe um código. E sempre que um deles liga a televisão precisa registrar o código para que seja possível verificar, ao longo do dia, quanto tempo cada um esteve vendo TV e quantas mudanças de canal aconteceram.

Matilla (ibidem, p.47) lembra que uma das críticas que se pode fazer sobre essa forma de medição é que o audímetro é capaz de medir a quantidade de tempo em que a televisão ficou ligada em determinado canal. Mas não é fiel à realidade, já que as

pessoas podem deixar a TV ligada enquanto vão ao vizinho, tomam banho etc. O resultado, portanto, não seria fiel à realidade. Pode-se dizer que quem escolhe o que a TV vai ter de programa são os cidadãos que constituem essa audiência, já que as emissoras vão manter ou não os programas, em sua grade de programação, de acordo com o nível dos índices de audiência. Portanto, o público dita o que prefere ver na TV. Se a audiência fosse uma forma de medir a qualidade da programação (quanto mais pessoas vendo, melhor o programa) um dos programas de maior qualidade seria o Big Brother Brasil, um *reality show* que vem fazendo sucesso desde sua criação, em 1999. No programa, pessoas comuns são confinadas em uma casa e vigiadas 24 horas por dia. Jabor (2002) lembra que “Nelson Rodrigues dizia que a novela era importante para satisfazer nossa fome de mentira. O show de realidade é para satisfazer nossa fome de verdade”. Andacht (apud FREITAS, 2002) complementa afirmando que o Big Brother “é uma tentativa de, olhando o outro, entender-se a si próprio”.

O programa tornou-se um grande negócio. A empresa criadora do Big Brother teve um crescimento de 73,4% no faturamento já no primeiro semestre de 2001, em plena crise do mercado de entretenimento, graças aos altos índices de audiência. Naquele mesmo ano, Big Brother, programa do gênero de entretenimento puro, estava entre os dez mais vistos em cinco países.

Os programas mais vistos não correspondem aos programas preferidos pelos críticos. Os programas de qualidade, portanto, são restritos a audiências menores.

Vale lembrar que a televisão brasileira é quase que exclusivamente um veículo de entretenimento. Segundo Melo (1985, p.79), a cada dez horas de programas exibidos, oito se classificam como de entretenimento. Apenas uma hora é dedicada a programas informativos (jornalísticos) e também uma hora para educativos e especiais⁵⁰.

Faz-se necessário abordar o tema gêneros televisivos⁵¹ para se entender a relação da TV com entretenimento, jornalismo e educação. No início da história da TV no Brasil, a programação não era muito variada. Programas de auditório humorísticos e jornalísticos migraram do rádio para a TV, como o Seu Repórter Esso. Desde aquela época, portanto, a programação já apresentava diferentes categorias⁵².

⁵⁰ Consideram-se especiais os programas musicais ou transmissão de carnaval e aqueles que fogem da programação normal.

⁵¹ O Gênero leva em consideração o estilo, a proposta e o formato do programa. O formato, por sua vez, tem relação com as características gerais do programa de televisão (ARONCHE DE SOUZA, 2004).

⁵² Em televisão, vários formatos formam um gênero de programa; esses gêneros de programa, agrupados, formam uma categoria.

Pesquisa realizada na Associação Brasileira das emissoras Públicas e Culturais (ABEPEC)⁵³, classificou as categorias basicamente em: entretenimento, informativo e educativo. E em cada um deles há gêneros diferentes. Há ainda uma quarta categoria, a de programas especiais – que incluiriam programas infantis, religiosos, de minorias étnicas, agrícolas etc. Aronchi de Souza (2004, p.29) lembra que aqui no Brasil, essa classificação remete a outro tipo de programas, como “produções exclusivas e inéditas apresentadas pelas emissoras como programas diferenciados, que podem ser (...) musicais, minisséries e entrevistas (...)”.

Categorias e gêneros dos programas na TV Brasileira (ARONCHI DE SOUZA, 2004, P.92)

CATEGORIA	GÊNERO
ENTRETENIMENTO	AUDITÓRIO, COLUNISMO SOCIAL, CULINÁRIO, DESENHO ANIMADO, DOCUDRAMA, ESPORTIVO, FILME, GAME, SHOW (Competição), HUMORÍSTICO, INFANTIL, INTERATIVO, MUSICAL, NOVELA , QUIS SHOW (Perguntas e Respostas) REALITY SHOW, (TV Realidade) REVISTA, SÉRIE BRASILEIRA, SITCOM (Comédia de Situações) TALK SHOW, TELEDRAMATURGIA (Ficção), VARIEDADES WESTERN (Faroeste)
INFORMAÇÃO	DEBATE, DOCUMENTÁRIO, ENTREVISTA, TELEJORNAL
EDUCAÇÃO	EDUCATIVO, INSTRUTIVO
PUBLICIDADE	CHAMADA, FILME, COMERCIAL, POLÍTICO, SORTEIO, TELECOMPRA
OUTROS	ESPECIAL, EVENTOS, RELIGIOSO

Pegemos o telejornalismo como exemplo. O telejornalismo – “programa que apresenta características próprias e evidentes, com apresentador em estúdio chamando matérias e reportagens sobre os fatos mais recentes”, é um gênero da categoria da informação. (ARONCHI DE SOUZA, 2004, p. 149).

⁵³ Pesquisa feita por Mello (1985).

Apesar de servir para classificar e estruturar o conteúdo televisivo, as categorias acabaram por colocar a programação em compartimentos isolados, que não se comunicam. Um programa com reportagens é classificado como jornalístico, o que exclui a possibilidade de olhar para o mesmo programa e vê-lo como entretenimento, por exemplo. O que o impediria de ser jornalístico e de entretenimento? Ou um programa de entrevistas ser também esportivo e de entretenimento? Ou uma novela ser educativa? Ou ainda um infantil ser jornalístico? Ou um jornalístico ser educativo?

Diante disso, é possível chegar à conclusão de que os gêneros e categorias nos ajudam a compreender as gavetas e compartimentos em que foram colocados os programas, e observar que é uma forma simplista de classificação.

No manual desenvolvido pela British Broadcasting Corporation (apud ARONCHI DE SOUZA, 2004, p.38) a rede BBC da Inglaterra para a produção de programas, lemos:

Os programas devem: 1. Entreter; 2. Informar. O entretenimento é necessário para toda e qualquer idéia de produção, sem exceções. Todo programa deve entreter, senão não haverá audiência. Não implica entreter só no sentido de vamos sorrir e cantar. Pode interessar, surpreender, divertir, chocar, estimular ou desafiar a audiência, mas despertar sua vontade de assistir. Isso é entretenimento. Programas com o propósito de informar são necessários para toda produção, exceto aquela dirigida integralmente ao entretenimento (balés, humorísticos, videoclipe etc.) Informar significa possibilitar que a pessoa, no final da exibição, saiba um pouco mais do que ela sabia no começo do programa, sobre determinado assunto ou assuntos.

Em resumo, qualquer programa de televisão, independente de sua categoria, *deve sempre entreter. E pode também informar e educar.*

Mesmo nos programas jornalísticos, o que entretém não é somente a notícia, mas também o cenário, o repórter na rua, os enquadramentos de câmera, a iluminação, as aberturas e vinhetas. Nós gostamos de dar uma “olhadinha” no figurino do apresentador, na gravata, no penteado da apresentadora, no terninho da moça do tempo etc. Todos esses itens compõem os elementos do entretenimento na TV. Mas como eles são trabalhados? Como eles são usados para distrair e fazer o telespectador entrar nesse mundo mágico? Cada programa aplica uma técnica diferente e agora vamos desvendar isso para que você, professor, também possa trabalhar esses elementos do entretenimento com os seus alunos em várias atividades didáticas. (ARONCHI DE SOUZA, 2004, p.17)

Como falamos anteriormente, o público absorve o conteúdo televisivo, como sugere a teoria de *agenda setting*. Então, se os programas jornalísticos têm a capacidade de gerar conversas, de se propagar na sociedade; se eles têm a credibilidade do público, pode-se chegar à conclusão de que, se o seu conteúdo for educativo, esse conteúdo se propagará nas conversas de amigos, tanto quanto as notícias factuais, podendo, inclusive, alterar comportamentos. É possível afirmar, portanto, que o Jornalismo Educativo tem função relevante na sociedade.

Martín-Barbero (2003b, p. 310) afirma que “gostemos ou não, para o bem ou para o mal – é a própria cultura, sua significação social, o que está sendo transformada pelo que a televisão produz e em seu modo de reprodução”. Se for assim, então, que seja a educação, dentro das salas de aula ou na televisão, um instrumento transformador. Rocha (2005) lembra que por causa da importância da televisão como Cultura das Massas da metade do século XX em diante, a TV foi alvo de críticas severas (da corrente Apocalíptica) e também de grandes defesas (essas da corrente Integrada) ⁵⁴.

Um dos temas mais frequentes nas críticas sobre a televisão é o que diz respeito ao entretenimento. Theodor Adorno e Max Horkheimer que, como dissemos anteriormente, fizeram parte da Escola de Frankfurt, foram críticos ferrenhos do cinema, da música popular e da TV. Ambos acusavam o divertimento advindo da televisão de “seduzir e enganar as massas e apenas uma prática educativa poderia proteger a ingênua massa e prepará-la para se defender dos efeitos da televisão (ROCHA, 2005, p. 06). Até mesmo Umberto Eco, que escreveu o livro *Apocalípticos e Integrados*, não toma partido de nenhum dos lados e afirma que “não se deve perguntar se a cultura de massa é boa ou ruim, mas como se pode veicular valores culturais em seus meios de difusão” (PENA, 2002, p. 41). A postura assumida aqui é que a televisão que entretém também pode educar. E pode educar com entretenimento, ou melhor, preferencialmente com entretenimento.

Durante muito tempo, prevaleceu a idéia de Adorno publicada no texto “*Television and the Mass Culture Patternes*”, de 1954. No texto, o autor trata a

⁵⁴ Atribuiu-se à televisão a culpa por uma massificação e estandardização da cultura que não é só dela, mas de todo o ambiente cultural pós-revolução industrial. No entanto, também se deu à televisão a capacidade de integrar os povos, de permitir o consumo proletário dos bens culturais burgueses. Só a televisão seria capaz de integrar uma nação. (ROCHA, 2005, p.06) Conclusão: para os apocalípticos, a Indústria Cultural é ruim e manipuladora. Os integrados já a vêem como algo positivo.

televisão como um mal. Porém, ao analisar os textos de Adorno, Machado (2000) constata que o autor não viu os programas e trabalhou com amostragem a partir de transcrições e textos feitos por pessoas que viram os programas televisivos, já que não havia *videotape* na época. Adorno chega a se referir a esses textos, no final do artigo, como “os textos de comédias colocados à sua disposição (...)”. O fato evidencia uma leitura tendenciosa do autor. Contudo, sua contribuição para o estudo da Comunicação é reconhecida.

Coutinho (2006) afirma que esse “ataque” à televisão ainda é repetido por acadêmicos que continuam reproduzindo os argumentos de Adorno. O autor acentua que, como fez Adorno, eles criticam sem ao menos ver televisão.

Hoje podemos dizer que a qualidade em televisão está diretamente ligada a três aspectos básicos e essenciais: entretenimento, reflexão e constituição de conhecimentos e valores. Entreter é missão do profissional de televisão. Para isso ele tem de ter intimidade com a “gramática televisiva”, uma linguagem específica onde a narrativa é fator primordial. E a narrativa televisiva está vinculada tanto à sensibilidade artística quanto ao conhecimento técnico desta complexa mídia.

A efetividade dos programas que, entretendo, educam é maior do que a dos programas explicitamente pedagógicos; o divertimento torna-se fonte de educação. A questão do entreter também se modifica, “deslocou-se [...] para além da alegria e da satisfação proporcionadas pelo trabalho e pelo divertimento em direção a uma concepção de aprendizado cultural” (CARNEIRO, 1999, p. 57).

O jornalismo, durante sua história, apresentou diferentes papéis e linguagens. Quando exerceu a função de diário oficial do Reino, a linguagem era mais formal. Depois passou pela fase poética e entrou no período das notícias bombásticas - esse último predominante no século XIX. É importante ressaltar que o século XIX foi marcado pela Revolução Industrial que promoveu grandes transformações sociais e econômicas no mundo. A comunicação e a imprensa não ficaram à margem dessas mudanças. Foi naquela época, por exemplo, que surgiram as primeiras agências de notícias na Europa e a circulação de jornais aumenta em função da capacidade de produção das novas máquinas de impressão. Os novos inventos favoreceram a consolidação do jornalismo porque proporcionaram técnicas de impressão de grandes tiragens e o aumento na difusão da notícia, através do telégrafo e de outros meios,

desenvolvidos a partir da eletricidade – como rádio, telefone e cinema. (PATERNOSTRO, 1999. p.21)

Como no século XIX a cientificidade era desejada em várias áreas, inclusive no jornalismo, que passa a adotar formalmente o *lead*⁵⁵ - texto sintético que corresponde ao primeiro parágrafo da notícia impressa, que tem o objetivo de prender a atenção do leitor. Com o lead, as notícias passam a ser mais objetivas, claras, concisas – características que se mantêm até hoje no jornalismo.

No século XX, o sensacionalismo cede a vez ao jornalismo informativo – este, mais imparcial e isento. Foi nessa época que surgiu a televisão. E pode-se dizer que ela chegou revolucionando a forma de se fazer notícia.

As notícias passam a ser apresentadas em telejornais com reportagens curtas, com a notícia seguindo o mesmo padrão de *lead* utilizado no jornalismo impresso e radiofônico. Em rádio e em televisão, o *lead* é a primeira parte da notícia lida pelo locutor ou apresentador, também denominada de cabeça de locutor⁵⁶.

Dines (1986) aponta que, com a televisão, o jornalismo passou a ser mais interpretativo, mais analítico. E, por isso, os jornais sentiram necessidade de mudar seu formato. Isto é, a televisão fez com que as outras mídias se adaptassem às necessidades criadas pelas imagens da TV. Essas mídias passaram a investir muito no visual, com o conteúdo apresentado de forma mais arrumada. Um reflexo disso é que as redações começaram a produzir manuais de estilo e de redação de texto jornalístico que padronizavam a linguagem e o formato das notícias em cada redação, inclusive nas redações de televisão.

As críticas à televisão continuam até hoje. E o número de processos judiciais contra ela tem aumentado. A televisão tem sido alvo de ações do Ministério Público; da Sociedade Civil e da campanha *Quem financia a baixaria é contra a cidadania*, da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados em parceria com a Organização da Sociedade Civil para Promoção dos Direitos Humanos e da Dignidade do Cidadão na Mídia. Essa campanha tem o objetivo de acompanhar a programação da televisão e indicar os programas que insistem em desrespeitar “as convenções

⁵⁵ O lead é muito utilizado nos textos jornalísticos, mas é obrigatório. Há, inclusive, notícias redigidas sem lead. O *lead* é, portanto, a abertura da matéria e deve procurar responder às perguntas **o quê?**, **quem?**, **quando?**, **onde?**, **como?**, **por quê?**. Com isso, é possível, ao leitor, ter uma noção geral da notícia no primeiro parágrafo. As outras informações complementares sobre a notícia são colocadas em seguida

⁵⁶ No caso do rádio, o lead aparece no texto do locutor e na televisão, o lead está normalmente na fala do apresentador.

internacionais assinadas pelo Brasil, princípios constitucionais e legislação em vigor que protegem os direitos humanos e a cidadania⁵⁷”.

Deve-se levar em consideração, também, o fato de um telejornal ter uma duração pré-determinada que deve ser preenchida, dia após dia, com notícias. O problema é que nem todo dia há notícia de interesse público. Rodrigues (2005, p. 80) ironiza dizendo que o telespectador não vai encontrar, em seu telejornal favorito, o seguinte aviso em caracteres: “caro telespectador, hoje, infelizmente, não temos notícia. Caso seja do seu interesse, vamos exibir uma reprise do jornal de ontem. Contamos com sua compreensão.”.

O telejornalismo vem sendo questionado quanto à forma e ao conteúdo. A luta por audiência faz com que muitos telejornais baixem sua qualidade para atrair um público mais leigo, tornando os telejornais mais vazios de informação e com grau elevado de sensacionalismo. A própria definição de notícia dada por John Bogart nos leva ao sensacional: “Se um cachorro morder um homem, isso não é notícia. Se um homem morder um cachorro, isto é notícia”. Uma paródia à frase se tornou uma piada clássica entre os jornalistas:

Se um cachorro morde um homem, isso não é notícia. Se o homem morde o cachorro, também não é notícia. Se o homem estivesse pagando ao cachorro por seus favores sexuais, aí sim seria notícia. Mas não seria uma notícia de primeira página. Para ser manchete, o cachorro teria de ser menor de idade e o homem deveria ter um cargo importante no governo. Ou o cachorro e o homem deveriam ter, ambos, o mesmo sexo – a menos que trabalhassem no cinema, o que transformaria a manchete numa notinha da coluna de fofocas. Se o cachorro tivesse falsificado o nome de alguém bastante conhecido num cheque, aí seria notícia de novo. Agora, se o cachorro fosse um grande anunciante, o caso teria muito menos interesse do que poderia parecer a princípio. (MORETZSOHN, 2002, p. 65-66)

Todos os dias, esse tipo de abordagem aparece em toda parte em forma de notícia e com aparência de espetáculo. Pode-se dizer, portanto, que a audiência é tratada como mercadoria, o que não acontece com o Jornalismo Educativo.

⁵⁷ Informações sobre a campanha disponíveis em
<http://www.eticanatv.org.br/pagina.php?id_pag=47&idioma=0>

1.3 – Ação educativa dos meios de comunicação

O conceito de educação é complexo, abarca várias possibilidades. Piletti (2003, p.7-8) apresenta uma conceituação de educação mais interdisciplinar.

(...) do ponto de vista meramente descritivo – geográfico? – o processo educacional é classificado em formal e informal; a Didática fala-nos seguidamente da educação como processo e como produto; na Moral vamos encontrar a ênfase na distinção educacional entre o certo e o errado, o bom e o mau etc.; já a Filosofia tem se esmerado em separar os fins dos meios no processo educacional; o estudo da educação como prática individual, em oposição à prática coletiva, parece ser um ponto recorrente em Psicologia.

Há uma tendência de se associar educação com os primeiros anos de aprendizagem escolar. Mas desde que nascemos, somos bombardeados pelo processo educacional por todos os meios. É a chamada educação informal, ou seja, aquela que não vem de um processo intencional ou sistemático. É o que aprendemos em casa e no trabalho, por exemplo. Na educação formal, há intencionalidade, objetivos, estratégias. A escola surge como a maior representante dessa educação e normalmente é considerada como a única formal. Porém, Piletti (op.cit., p.9) lembra que a educação formal pode acontecer na família, na igreja e em outras instituições, assim como a educação informal também está presente nas escolas, já que os alunos também aprendem com a convivência com os colegas.

Nosso objetivo não é descrever cada corrente, cada definição. Acreditamos ser importante acentuar que, a despeito de definições ou conceitos, todas elas têm alguns pontos em comum: a educação é universal. Dependendo da época, do país ou região, tem uma definição diferente. Ela “varia de sociedade para sociedade, de um grupo social a outro, segundo as concepções que cada sociedade e cada grupo social tenham de mundo, de homem, de vida social e do próprio processo educativo” (idem, p.8).

Em 1919, um informe do Comitê para a Educação de Adultos do Ministério da Reconstrução Britânica apresentava a Educação como uma parte integrante da vida social. Em 1970, foi publicado um livro com essas idéias pelo Conselho da Europa, que associava Educação a Sociedade. Esse mesmo Conselho, em 1979, lançou o termo ‘Educação para toda a vida’, que foi substituído em 1996 por ‘Educação Permanente’ a

partir do Informe da Comissão Internacional sobre a Educação do século XXI. O documento apresenta o conceito de educação com a seguinte visão:

Este conceito vai além da distinção tradicional entre educação básica e educação permanente e coincide com outra noção formulada minuciosamente: a de que a sociedade educativa, em que tudo pode ser ocasião para aprender e desenvolver as capacidades do indivíduo, tanto se refere a oferecer uma segunda ou terceira oportunidade educativa ou de satisfazer a vontade de conhecimento, de beleza ou de superação pessoal como de enaltecer e ampliar os tipos de formação estritamente vinculados com as exigências da vida profissional, compreendidos os de formação prática (...) O conceito inicial de educação permanente foi ampliado hoje não só pela necessidade de renovação cultural, mas sobretudo, diante de uma exigência nova de autonomia dinâmica dos indivíduos em uma sociedade em rápida transformação. Depois de ter perdido grande parte dos numerosos pontos de referência que antes lhes ofereciam as tradições, devem pôr em prática constantemente seus conhecimentos e seu raciocínio para orientar-se, pensar e atuar⁵⁸ (UNESCO, 1993, 125-126).

Pérez de la Concha (1998, p.34-35) afirma que ‘Educação para toda a vida’ contempla a educação em sua totalidade, o que incluiria a **educação formal** (é a escolar e institucionalizada), a **não-formal** (processos de formação e instrução que não estão diretamente ligados à escola) e a **informal** (é o que recebemos a partir de contatos pessoais, experiências, conteúdos e formas dos meios de comunicação). Portanto, tudo que tenha relação com a vida, com as pessoas, que leva a contribuir para o progresso da sociedade, pode ser considerado Educação.

Podemos aprender com tudo, sempre e em qualquer lugar. Estamos constantemente aprendendo porque a aprendizagem não está vinculada apenas a sistemas educativos ou métodos educativos. A aprendizagem está no dia-a-dia, mesmo que não haja nenhum professor habilitado. Gómez (2001) reforça que a escola monopolizou o campo da educação confundindo, ela mesma, educação com instrução. E

⁵⁸ Este concepto va más allá de la distinción tradicional entre educación básica y educación permanente y coincide con otra noción formulada a menudo: la de sociedad educativa, en la que todo puede ser ocasión para aprender y desarrollar las capacidades del individuo tanto si se trata de brindar una segunda o tercera ocasión educativa o de satisfacer la sed de conocimientos, de belleza o de superación personal como de perfeccionar y ampliar los tipos de formación estritamente vinculados con las exigencias de la vida profesional, comprendidos los de formación práctica (...) El concepto inicial de educación permanente se ha ampliado hoy no sólo por una necesidad de renovación cultural, sino además, sobre todo, ante una exigencia nueva y capital de autonomía dinámica de los individuos en una sociedad en rápida transformación. Tras haber perdido gran parte de los numerosos puntos de referencia que antes les ofrecían las tradiciones, deben poner en práctica constantemente sus conocimientos y su raciocinio para orientarse, pensar y actuar⁵⁸ (UNESCO, 1993, 125-126).

o momento é propício para colocar o tema em discussão porque estamos em plena era digital. As novas tecnologias favorecem a comunicação. Satélites, fibras óticas, informações digitais, realidade virtual, muitas possibilidades de comunicação audiovisual. Tudo isso vem modificando o dia-a-dia e transformando a forma de recepção de informações. Era de se esperar que essa avalanche mudasse o curso da educação no mundo.

As escolas passaram a sentir a pressão. Reformas, insuficiência de recursos, desmotivação de professores e de alunos.

A primeira tarefa é clara: tem que se romper a separação entre a educação e a televisão. Superar a distância entre dois mundos que, durante muito tempo, se ignoraram e se depreciaram mutuamente. Mas para isso será necessário um reestudo de ambas as esferas e uma troca de perspectiva.⁵⁹ (TORNERO, 1994, p. 26)

Agora, a própria escola, que gozava de hegemonia de instrução e de saber, reconhece a necessidade de mudança, mesmo quando não sabe bem o que isso representa na prática. O importante é que se abriu o diálogo entre escola e comunicação. Agora, é preciso que a teoria se transforme em prática e que a relação televisão e ensino seja uma via de mão dupla, ou seja, a educação tem de estar aberta ao mundo da televisão e a televisão não pode ser pensada e usada apenas como um aparato destinado a induzir ao consumo ou como instrumento político (idem).

Como vimos, apesar das críticas, a televisão é vista, assim como outros meios de comunicação, como agente educador, isto é, com o sentido de conduzir, de tratar, de convencer, de transmitir uma visão do mundo centrada na repetição de valores que atendam a uma série de princípios capazes de promover a cidadania (MATILLA, 2003).

Freire (1971 apud SOARES, 1999, p.19) diz que “o homem é um ser de relação e não só de contatos como o animal, não está apenas no mundo, mas com o mundo”. Já Martín-Barbero (2003b, p.20) aprofunda a questão dizendo que os meios de comunicação são “um espaço-chave de condensação e interseção de múltiplas redes de poder e de produção cultural”.

⁵⁹ Tradução nossa: La primera tarea es clara: hay que romper la separación entre la educación y la televisión. Superar la distancia entre dos mundos que durante mucho tiempo se han ignorado y despreciado mutuamente. Pero para ello se necesitará un replanteamiento de ambas esferas y un cambio de perspectiva.⁵⁹ (TORNERO, 1994, p. 26)

Os meios de comunicação podem ser vistos como um componente do processo educativo. E a mídia é parte do processo das ações da educação. E se é assim, pode-se dizer que, mesmo não tendo formação pedagógica, o jornalista exerce o papel de educador quando apresenta informações educativas. Para Freire (op.cit), a comunicação deixa de ser uma ferramenta a serviço da educação porque a própria comunicação do homem com o meio resulta em aprendizagem, ou seja, não é apenas a escola que transmite conhecimento. As pessoas estão constantemente aprendendo com a relação com outras pessoas, com o meio em que vivem, com o que vêem, lêem e escutam dos meios de comunicação.

Comunicação e ensino são partes de uma mesma realidade. Uma realidade que supera a inclusão do conceito de ensino no conceito mais amplo de comunicação. Em outras palavras, ensinar sempre é comunicar. Mas nem sempre a comunicação é ensino. O ensino se compara a uma realidade, limitada em seu sentido global, por umas fronteiras que não coincidem com as de comunicação. Ensinar é uma comunicação intencionalmente eficaz e em tempo limitado⁶⁰ (ILLERA, 1988, p.133).

Sierra (2000, p.21-22) afirma que a relação entre informação e educação, ou seja, entre o processo educativo e a prática comunicacional, define um novo enfoque global e dinâmico do processo ensino-aprendizagem. Para ele, “a informação codifica, dá forma e ordena a realidade. Se a educação forma, a comunicação in-forma.” Nesse encontro e convergência entre educação e informação, o autor acredita que “a comunicação pode formar e a educação, por sua vez, pode transformar, (...) participando, ambas, de uma mesma lógica cultural”.

A Association Internationale des Télévisions d’Education et de Découverte (AITED), em seu manifesto *Por uma Televisão para a Educação e a Cultura* (AITED, 1999/2000) convoca todos “a participar dessa tomada de consciência convidando a subscrever o presente manifesto como um instrumento inicial para contribuir com a decisiva tarefa de colocar a televisão a serviço dos valores da educação, da cultura e da convivência”. O documento mostra a preocupação da Associação Internacional de

⁶⁰ Tradução nossa: Comunicación y enseñanza son partes de una misma realidad. Una realidad que supera la inclusión del concepto enseñanza en el más amplio de comunicación. En otras palabras, enseñar siempre es comunicar. Pero no siempre la comunicación es enseñanza. La enseñanza se perfila así como una realidad más limitada en su sentido global por unas fronteras que no coinciden con las de la comunicación. Enseñanza es una comunicación intencionalmente efectiva y al tiempo controlada.⁶⁰ (ILLERA, 1988, p.133).

Televisões Educativas com o conteúdo da programação, prezando pela educação como forma de desenvolvimento das nações.

É importante lembrar que há outros fatores diretamente relacionados ao elo entre Comunicação e Educação: o de que muitos programas de televisão são utilizados em sala de aula; o telejornal e outros programas de televisão teriam uma função educativa direta ou indireta, da pauta à realização da matéria. Sem esquecer que, segundo a Unesco, “tudo pode ser motivo para aprender e desenvolver as capacidades do indivíduo”. Como diz Soares (1999, p.19-79) “no campo da inter-relação comunicação/educação, não somente na América Latina (...) cresce, em todos os lugares, a sensação de que tem sido feito muito pouco em relação ao que deveria estar sendo realizado”.

Outro fato importante, que não pode ser desprezado, é que a televisão chega à maioria dos lares brasileiros, que são cidadãos com poucas opções de lazer. A TV acaba sendo a única fonte de informação e de entretenimento para toda a família. O impacto da TV na vida deles – positiva ou negativamente - não pode ser ignorado (DUARTE, 2006).

A própria Constituição Federal, em seu artigo 221, determina que a produção e a programação das emissoras de rádio e de televisão deverão atender a alguns princípios. O primeiro deles é a “preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas”.

O que podemos observar é que a própria lei, que garante a prioridade à educação, faz distinção entre educação e informação. Acreditamos que a finalidade educativa pode estar presente em todas as outras finalidades contribuindo, inclusive, para a obtenção de bons resultados em todas as áreas.

1.4 - Jornalismo Educativo

A Educação, quando associada ao jornalismo, é vista com certa desconfiança, até mesmo e principalmente por quem faz televisão. Isso porque Jornalismo⁶¹ é definido

⁶¹ Jornalismo é a “atividade profissional que tem por objetivo a apuração, o processamento e a transmissão periódica de informações da atualidade, para o grande público, através de veículos de difusão coletiva (jornal, revista, rádio, televisão, cinema, etc.) (RABAÇA; BARBOSA, 1987, p. 346).

– com base na Teoria do Espelho⁶² (PENA, 2006) - como aquele que reflete a realidade e está embasado no fato de que sua função é a de informar e não a de educar.

Traquina (1993, p.167-168) lembra que essa teoria começou com o Novo Jornalismo⁶³, em meados do século XIX. Depois, já no século XX, a Teoria do Espelho se fortaleceu com o surgimento do conceito de objetividade, no qual a notícia é vista como “emergindo naturalmente dos acontecimentos do mundo real, bastando ao jornalista ser o espectador do que se passa, transmitindo-o fielmente”. O conceito de que o Jornalismo é a apuração, o processamento e a transmissão de informações da atualidade para o grande público, através de veículos de difusão coletiva, não inclui espaço para debate sobre o papel educador do jornalista.

Em uma crítica à Teoria do Espelho, Fernandes (2002, p.5) lembra um texto divulgado pela internet em 1996 pelo professor Jay Rosen da New York University, que fazia uma pergunta ainda atual:

Já temos informação, agora o que nos faz falta é a democracia. Neste sentido, há uma pergunta chave: para que nos preocuparmos de informar a um público que, quem sabe, nem sequer existe? O primeiro ato que devemos ter é construir o público. O jornalismo informativo clássico pressupõe a existência de uma esfera pública funcionando, na qual os assuntos coletivos são continuamente reconhecidos e discutidos. Por isso se pensa que é suficiente somente apresentar notícias, acrescidas de alguns testemunhos, além de publicar editoriais e fazer entrevistas de toda espécie.

Portanto, não é possível que o jornalismo continue se limitando apenas ao ato de noticiar os fatos. Sousa (2002, p. 17) argumenta que a Teoria do Espelho “ainda é forte, quer no meio social em geral, talvez ainda marcado pelos valores positivistas e pela força realista da imagem, quer mesmo em certos setores do meio profissional dos jornalistas, onde permanece viva a ideologia da objetividade e dos procedimentos que dela resultam”. Aí entra a importância do Jornalismo Educativo.

Montoro (1973, p. 54) define o Jornalismo Educativo como aquele jornalismo que “inclui comunicação por essência; informação por necessidade; formação por desejo de orientar; entretenimento por natureza e tudo isso dentro de uma área

⁶² Teoria do Espelho – uma das Teorias da Comunicação. Segundo a teoria, as notícias são da forma como a sociedade as conhece porque assim determina a realidade. Para Pena (2005, p.125) “a imprensa funciona como um espelho do real, apresentando um reflexo claro dos acontecimentos do cotidiano”.

⁶³ Novo Jornalismo é o jornalismo informativo cuja idéia central era o de separar fatos de opiniões. Nele, deveria ser apresentado ao público apenas a notícia pura e simples. (TRAQUINA, 1993, p.167)

envolvente que inclui estilo, técnica e representação adequados⁶⁴”. Parece-nos um conceito mais abrangente e que condiz melhor com a idéia de abordagem da notícia, principalmente nos dias de hoje. Não que o jornalismo puro e simplesmente não possa existir. Como lembra Moretzohn (2002), não há apenas um único modelo de jornalismo, mas várias concepções a partir de formas, métodos e objetivos de quem produz o conteúdo e do público a que ele se destina. Levando em consideração este pluralismo, Fonseca (2005, p.22) reforça que “seria possível pensar em jornalismo econômico, feminista, sindical, partidário, religioso, literário, empresarial, institucional, humorístico, informativo”.

Jornalismo Educativo pode ser visto como a produção e a distribuição de mensagens informativas da atualidade, levando em conta o benefício público, o interesse pela vida humana em todas as circunstâncias, fazendo com que o público descubra sua responsabilidade social⁶⁵, tornando-se capaz de encontrar um sentido para contribuir com a formação de pessoas nesse novo mundo (PÉREZ DE LA CONCHA, 1998). O Jornalismo Educativo, portanto, poderia circular por essa pluralidade.

Ao descrever o trabalho do jornalista, Abramo (1988, p.110) exemplifica:

Existe o jornalista que só conta o fato: um muro caiu na cabeça da dona Maria e ela morreu debaixo de 35 tijolos. Isso é um fato puro e simples. Haverá outro jornalista que dirá que o muro caiu porque o dono do terreno se recusou a gastar dinheiro e usou um suporte ruim, que ameaçava cair. Aí, começa-se a desenvolver o que se passa, da narrativa do fato para a crítica da sociedade.

O fato de o jornalista ir além das perguntas que compõem o lead da matéria (o que, quem, quando, onde como e por quê?) caracteriza a reportagem como de Jornalismo Educativo. Um repórter de qualquer veículo iria fazer uma reportagem de um acidente, por exemplo, seguindo essas mesmas questões. Já no Jornalismo Educativo, as informações sobre o acidente doméstico também seriam transmitidas.

⁶⁴ Tradução nossa do original em espanhol: El periodismo incluye comunicación por esencia, información por necesidad; formación por deseo de orientar; entretenimiento por naturaleza; y todo ello dentro de una área envolvente que incluye estilo, técnica y representación adecuada (MONTORO, 1973, p. 54).

⁶⁵ Em linhas gerais, um cidadão com Responsabilidade Social é aquele que “dedica parte de seu tempo, seu dinheiro, sua experiência, suas idéias e até mesmo seu carinho em prol da comunidade, melhorando e mantendo sua imagem social, e ajudando a construir cidadãos melhores e mais conscientes de suas responsabilidades”. Disponível em <<http://www.sebrae.com.br/br/parasuaempresa/responsabilidadesocial.asp>> Acesso em 22 de junho de 2007.

Contudo, o repórter teria a função de fazer com que o telespectador refletisse sobre o assunto, instigando-o a questionar: o que preciso saber para que isso não aconteça na minha casa? Será que minha família está segura? Em um caso como esse, como deve agir? O mesmo deve acontecer quando o tema é economia, política etc.

Diante disso, pode-se concluir que o que está em questão não é o jornalismo, mas quem faz o jornalismo. Hoinnef (1996, p. 118) critica os produtores de TV lembrando que “a televisão ainda não produziu seu Griffith, ainda não encontrou seu Eisenstein. Não teve depositados sobre ela o olhar de um Kuleshov e a ousadia transformadora de um Vertov⁶⁶”.

O Jornalismo Educativo deve fornecer ao público elementos para que ele possa tirar suas próprias conclusões dos fatos sem usar didatismo, mas sim linguagem jornalística.

Certa vez, uma criança perguntou para a professora por que uma marca de cerveja se chamava Antártica. A professora pegou o globo terrestre e começou a explicar onde é a Antártica⁶⁷, quais os animais que vivem lá, o frio na região. O aluno interrompeu dizendo: “Já entendi, professora. A cerveja se chama Antártica porque é muito gelada”.

No Jornalismo Educativo, assim como na história do menino, a reflexão e a chegada a uma conclusão são o grande diferencial em relação às reportagens feitas a partir do Jornalismo clássico.

Em matérias sobre poluição da água, por exemplo, o telespectador pode chegar a conclusões diversas, como a de que ele é capaz de contribuir com a qualidade da água em sua própria cidade, sem que isso seja mencionado diretamente pelo repórter. Portanto, pode-se dizer que há uma cumplicidade entre o Jornalismo Educativo e a Educação.

Em um primeiro momento, o Jornalismo Educativo pode parecer utopia ou algo que não vende jornal ou ganha espaço publicitário nas emissoras de TV. Devemos

⁶⁶ Todos esses profissionais foram cineastas de diversos países que contribuíram significativamente para o cinema mundial.

⁶⁷ No Brasil, as formas Antártica e Antártida são aceitas. Antártica é uma palavra de origem grega. Ártico ou *arktos* quer dizer urso ou faz referência à constelação da grande urso, que aponta para o Pólo Norte. Portanto, “o que apontaria para o Sul devia ser a anti-ártico, ou a Antártica. Apesar de os que trabalham com o tema preferirem a denominação “Antártica”, as duas formas estão corretas”. Antártica : ensino fundamental e ensino médio / coordenação Maria Cordélia S. Machado, Tânia Brito. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. (Coleção explorando o ensino ; v. 9, pág. 15) Disponível em <<http://www.inpe.br/antartica/download/livro9.pdf>>

lembrar que os telespectadores da TV Britânica BBC, considerada uma das melhores emissoras do mundo, pagam para assistir a sua programação recheada de documentários e de Jornalismo Educativo. No Brasil, programas com conteúdo educativo vêm sendo exibidos há anos, como o Globo Repórter, que está no ar há 25 anos. E as séries da TV Globo no Jornal Nacional renderam DVDs que vêm fazendo sucesso, inclusive dentro das salas de aula. Acreditamos que o público não consome Jornalismo Educativo pelo fato de ele não existir ou não ser freqüente em nossa programação. Contudo, na Europa, a percepção do público nos parece estar mais apurada, já que, como dissemos, o conceito de Jornalismo Educativo está mais difundido.

Tomemos como exemplo o Jornal Portugal Diário, de 19 de outubro de 2007. Uma reportagem informa sobre um acidente de carro⁶⁸:

Velocidade a mais terá causado acidente mortal

Quatro jovens entre os 20 e 25 anos morreram esta madrugada no IC-20

2007/10/19 | 14:46

O acidente ocorrido hoje de manhã no IC-20, à chegada à Costa de Caparica, que vitimou quatro jovens entre os 20 e os 25 anos, terá sido causado por excesso de velocidade, disse à Lusa fonte da PSP.

O quinto ocupante da viatura, de matrícula austriaca, também ele jovem, foi encaminhado para o Hospital Garcia de Orta com ferimentos graves, apesar, de acordo com a PSP, já não correr perigo de vida.

O acidente ocorreu às 06:20 na última curva do percurso entre Almada e a Costa de Caparica, tendo o veículo embatido e galgado o separador central, provocando morte imediata a quatro dos cinco jovens que estavam na viatura.

De acordo com fonte da PSP, «tudo indica que o despiste terá ocorrido por causa da viatura estar a circular em excesso de velocidade».

A PSP tenta agora localizar o proprietário do veículo, visto que a matrícula do automóvel é estrangeira, e o seguro está registrado em nome de uma pessoa de nacionalidade austriaca.

No entanto, três das vítimas mortais, bem como o ferido grave são de nacionalidade portuguesa, estando a PSP a apurar a nacionalidade da quarta vítima mortal, «prevendo-se que, também ela, seja portuguesa».

Apesar da gravidade do despiste, não foi necessário interromper a via para proceder à remoção dos destroços do veículo, que já está concluída.

⁶⁸ Retirado de <http://www.portugaldiario.iol.pt/noticia.php?div_id=&id=868252> em 29 de novembro de 2007. às 20h48min

A mesma notícia foi apresentada pelas redes de televisão naquele dia, sempre com a linguagem jornalística tradicional, mecânica.

No mesmo dia, um leitor envia uma mensagem para a seção de cartas do Jornal Portugal Diário sobre a reportagem do acidente veiculado pela TVI em rede nacional. Na carta, o telespectador argumenta:

Uma imagem vale mais que 1000 palavras

H.Costa – 2007-10-19 21:54

- (1) Foi uma pena o jornal nacional (às 20h00) não abrir com a imagem final da viatura austríaca que se despistou no IC20, pois uma imagem vale mais que mil palavras (e que foi por vocês filmado).
- (2) Perderam uma boa oportunidade de fazer jornalismo educativo, pois de certeza que a imagem do ford escort e do sangue dos jovens a correr pela estrada ficaria mais tempo na cabeça dos Portugueses do que a notícia com que iniciaram o vosso jornal nacional.
- (3) As quatro vidas que se perderam e a que está ainda em risco, para além de se lamentarem, teriam ao menos servido para fazer pensar e impressionar, prestando, assim a TVI um serviço ao público e um exercício que este Portugal tanto necessita, a reflexão aos actos cometidos nas estradas. Não seria necessário um grande documentário jornalístico pois o resultado do acidente e as suas imagens impressionam muito mais que qualquer palavra dita ou escrita.
- (4) É necessário que para além das polícias e das intervenções mais ou menos conseguidas de quem legisla, os órgãos de comunicação social se apliquem para fazer diminuir a sinistralidade em Portugal. O poder que tem os media deveria nestes casos ser mais interventivo e directo às pessoas e aos Portugueses mostrando o que muitos não querem ver.
- (5) Apenas a sensibilização directa e real consegue atingir as mentes daqueles que se comportam como a avestruz restando às polícias a repressão como forma de complemento a uma educação que muito poucos têm.

Ao fazer a análise do discurso do telespectador, pode-se observar que ele não gostou do conteúdo da reportagem apresentada pelo jornal de rede nacional exibido pela TVI. Por isso privilegiou a imagem da violência do acidente que a emissora não colocou no ar. Para ele, esse tipo de imagem vale mais do que mil palavras, porque as palavras não disseram nada a ele, ou seja, não provocaram nenhum tipo de reflexão sobre o

acidente (parágrafo1). O telespectador estava em busca de questionamentos. Afinal, o que realmente aconteceu? O que pode ter provocado o acidente? De que forma outras pessoas podem se prevenir? Eles desrespeitaram as leis de trânsito? Quais seriam essas leis? O telespectador, diante da falta de respostas, continua como avestruz.

Para Sinopoli (2006, p. 23) é desnecessária a explicação do que seja ‘comunicar educando’, já que, para ele, o primeiro termo (comunicar) implica no segundo (educar). Para o autor, “em jornalismo, informar é básico. Mas não se pode informar deformando. Um conteúdo jornalístico é sério quando nos damos conta de que ele está formando. Isso é educar.⁶⁹”.

Alguns autores utilizam o termo “formar informando” para se referir ao professor: “O desafio é formar, informando e resgatando, num processo de acompanhamento permanente, um educador que terá seu próprio fio, para apropriação de sua história, pensamento, teoria e prática” (WEFFORT, 1994, p.6). Usamos aqui o termo ‘informar deformando’ citado por Sinopoli (op.cit.) como uma referência a passar informação, sem levar em conta questões relativas à responsabilidade social, ao caráter, à ética e à cidadania.

Compartilhamos deste pensamento e, conseqüentemente, acreditamos que um Jornalismo Educativo é capaz de contribuir para a formação de uma TV de qualidade e, desta forma, ajudar a difundir conhecimento e participar do processo de educação.

Para isso, são necessários profissionais de televisão mais preparados e com capacidade de fazer da educação um instrumento de informação, de lazer e de entretenimento.

Uma programação de televisão pode ser ruim mesmo com um conteúdo interessante. A qualidade em televisão depende da adequação da narrativa. É o profissional desta mídia que irá fazer as escolhas adequadas à comunicação do conteúdo e ajudar a promover a reflexão. Esta é umas das razões que demonstram que a formação e a experiência do profissional de televisão são tão importantes⁷⁰.

⁶⁹ Tradução nossa: Em periodismo informar es básico, pero no se puede informar deformando. Un contenido periodístico es severo cuando damos cuenta de él formando. Eso es educar.

⁷⁰ Trecho da entrevista com Fabio Junqueira para a 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes, disponível em <http://www.riosummit2004.com.br/entrevista.asp?id_noticias=1157&idioma=por&forum> Acesso em 22 de junho de 2007.

Amaral (1967, p. 24-25) já definia as funções da imprensa como sendo quatro; a imprensa teria as funções política, econômica e social, educativa e de entretenimento. Para ele, a função educativa da imprensa é cumprida de várias maneiras:

(...) seja com a publicação do noticiário internacional, dos debates da Câmara e do Senado, das reportagens com expressões mundiais das múltiplas atividades humanas, de páginas especializadas sobre os problemas educacionais, de comentários e editoriais. As técnicas audiovisuais não são mais consideradas auxiliares do ensino, mas juntamente com a imprensa ‘os instrumentos necessários para uma educação universal e permanente de jovens e adultos’.

Vale lembrar que a definição de Jornalismo Educativo, mesmo nos meios acadêmicos, muitas vezes se confunde com a do *Public Journalism* ou *Civic Journalism*⁷¹. Consideramos aqui o conceito de que o Jornalismo Cívico é aquele que “mantém contato com a comunidade, descobrindo o que os leitores querem e abrindo espaço para discussão dos temas de interesse público.” (CASTILHO, 1997, p. 01).

Silva (2002) complementa:

Quando grandes jornais resolvem, por exemplo, dedicar sistematicamente parte de seu esforço de cobertura a causas públicas, estão praticando *civic journalism*. Quando empresas não jornalísticas resolvem financiar ou dar apoio institucional a coberturas dos mesmos assuntos, também ingressam na mesma linha. O combate às drogas e à violência urbana tem sido uma constante nas temáticas desse gênero de reportagem, embora, nos Estados Unidos, o *civic journalism* esteja muito associado, desde as suas origens, à formação do eleitor e ao estímulo ao voto, que para os norte-americanos é facultativo. Não basta votar, é preciso que o público assuma a responsabilidade de votar em candidatos diretamente interessados em seus problemas.⁷²

Fernandes (2002) afirma que, aqui no Brasil, não se encontra literatura sobre o tema⁷³ nem exemplos de Civic Journalism, mas sim algo que possa se assemelhar a ele. Mesmo assim, eles são em números incipientes.

⁷¹ O *Public Journalism* ou *Civic Journalism* pode ser chamado, em português, de Jornalismo Público, de Jornalismo Cívico, de Jornalismo de Interesse Público ou Jornalismo de Contato com a Comunidade. (CASTILHO, 1997, p. 01)

⁷² Trecho do artigo escrito para a universidade de Brasília (UNB).

⁷³ Os pesquisadores Jacques Wainberg e Manuel Luís Pereira (apud FERNANDES, 2002) apontaram que somente 4,55% dos trabalhos publicados sobre jornalismo no Brasil entre 1983 e 1997 versavam sobre ética no jornalismo. Em valores absolutos, isso significou 20 trabalhos (livros, artigos, teses e dissertações) num universo de 436 – Civic Journalism está intrinsecamente ligado a questões éticas”. (FERNANDES, 2002, p.14)

É importante ressaltar que o Jornalismo Cívico é, por essência, Educativo. Mas, nem sempre, o Jornalismo Educativo é Cívico.

Tomemos como exemplo uma reportagem sobre um incêndio. Isso é uma reportagem comum. Se o jornalista falar sobre os cuidados com a instalação elétrica para evitar incêndios, aí sim estamos falando de Jornalismo Educativo porque está transmitindo conhecimentos sobre o dia-a-dia que podem causar reflexo na vida de quem ouve a notícia. Já uma reportagem sobre a gravidez na adolescência pode ser considerada tanto educativa quanto cívica porque está lidando com assuntos mais enraizados nas questões da construção da sociedade.

Fazendo uma analogia, pode-se dizer que, se a educomunicação é “toda ação comunicativa no espaço educativo, realizada com o objetivo de produzir e desenvolver ecossistemas comunicativos” (SOARES, 1999, p.9), o Jornalismo Educativo seria toda ação educativa no espaço jornalístico realizada com o objetivo de produzir, desenvolver e promover educação.

Enquanto nos Estados Unidos, o Jornalismo Público está diretamente relacionado à política e às eleições, no Brasil, ele é associado à TV Pública que tem como finalidade “promover a partir de sua programação a formação crítica do telespectador para o exercício da cidadania”⁷⁴. O guia de princípios do Jornalismo Público da TV Cultura redigido por Freixeda (2004, p.7) apresenta o Jornalismo Público como sendo “a informação da televisão pública”. E essa informação apresenta “menos a idéia de espetáculo do que a compreensão dos conteúdos, sejam eles jornalísticos, artísticos, comportamentais, políticos, científicos, de lazer ou de filosofia” (idem). Portanto, acreditamos que o Jornalismo Público seja educativo. E o Jornalismo Educativo é público. Porém, a diferença é que o Jornalismo Educativo está aberto a todos os veículos de comunicação e não limitado à TV Pública.

O informe *La educación encierra un tesoro* apresentado para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), pela *Comisión Internacional sobre la Educación para el siglo XXI* (1996) afirma que:

O conceito de educação ao longo da vida é a chave para se entrar no século XXI. Esse conceito vai além da diferença tradicional entre a educação primária e a educação permanente e coincide com a outra noção formulada: a de sociedade educativa, em que sempre pode ser

⁷⁴ Jornalismo Público: guia de princípios, 2004, p.6.

ocasião para aprender e desenvolver as capacidades do indivíduo. (Unesco, 1996) ⁷⁵.

Portanto, é coerente dizer que Educação e Comunicação podem e devem dividir o mesmo espaço tanto nas escolas⁷⁶ quanto nas emissoras de TV e outros meios de comunicação. A Constituição Brasileira, em seu artigo 221, estabelece que “a produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios:

I – preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas;

II – promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua programação;

III– regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei;

IV– respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família.”

Diante disso, Bezerra (1999) entende que o papel social da TV está relacionado diretamente ao cumprimento do que estabelece a Constituição brasileira no inciso 1º na ordem apresentada (finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas). Mas, segundo o autor, é importante observar o que as emissoras consideram como função social da televisão.

Falgetano (1999, p.14) lembra que a função social da TV para as emissoras, “segundo a imprensa especializada (...) se restringe ao tempo dos programas anuais e ao espaço comercial dedicados às campanhas educativas, institucionais, comunitárias, beneficentes, esportivas e culturais.” Com isso, podemos perceber que a realidade está bem distante do que diz a constituição. Para ela, “seria um avanço se a responsabilidade social das emissoras não ficasse apenas no intervalo comercial, mas também tomasse conta da programação”.

Diante desta constatação, podemos afirmar que o jornalismo puramente informativo não teria primordialmente, portanto, papel social, enquanto um Jornalismo

⁷⁵ Tradução nossa: El concepto de educación a lo largo de la vida es la llave para entrar en el siglo XXI. Ese concepto va más allá de la distinción tradicional entre educación primera y educación permanente y coincide con otra noción formulada a menudo: la de sociedad educativa en la que todo puede ser ocasión para aprender y desarrollar las capacidades del individuo. (Unesco, 1996)

⁷⁶ Ao falar em Comunicação na Escola, estamos nos referindo ao Educomunicador - professor que introduz as diferentes mídias em sala de aula (escrita, falada e televisiva), criando estratégias para a utilização desse material e integrando os conteúdos pedagógicos às mídias; capacita os alunos para a criação de jornais, revistas e programas de rádio; promove toda comunicação no espaço educativo dentre outras atividades (Baseado no artigo “Educomunicador é preciso”, de Maria Cristina Castilho Costa. Disponível em 17 de março de 2007 no <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/7.pdf>> Acesso em 22 de junho de 2007.

Educativo, por se enquadrar na finalidade educativa, seria preferencial no que diz respeito ao papel social dos meios de comunicação.

O jornalista faz Jornalismo Educativo quando contempla a atualidade levando em consideração o benefício do público. Fazê-los descobrir e reforçar suas possibilidades pessoais de participar responsavelmente da vida social apresenta a necessidade de diálogo entre escola, imprensa, professores e jornalistas.

Bezerra (op. cit.) afirma que a imprensa não é uma escola. Ela mostra ao mundo o que vai sendo revelado a partir dos acontecimentos e a periodicidade limita o tempo da notícia. E os jornalistas não são professores, mas podem ensinar muito bem. Por outro lado, a escola não consegue polarizar as informações ou o ensino.

Como jornalismo tem relação com pessoas, com a vida e pode contribuir para o progresso da sociedade, é certo afirmar que Jornalismo pode ter função educativa. Para alertar sobre o assunto, Pérez de la Concha (1998, p.42) - um dos maiores especialistas em Jornalismo Educativo da Europa - pergunta: Por que um jornalista tem que se limitar a descrever o acontecimento como algo fechado e caduco? Não há outras possibilidades escondidas que deveriam ser parte importante das notícias? Não cabe a esperança de que especialmente o leitor faça algo com a informação que lhes entregam?

O autor lembra que quem apura bem os fatos de um acontecimento poderia publicar nomes, direções, telefones, possibilidades etc., e sugerir estratégias de ação aos leitores, ouvintes ou telespectadores. Esse tipo de reportagem apresentada não está apenas no relato do fato, mas nas múltiplas perspectivas. Acreditamos que isso não aconteça freqüentemente por falta de tempo e de reflexão dos jornalistas. É o que Diezhandino (apud PÉREZ DE LA CONCHA, 1998, p.42) chama de jornalismo de serviço, que define.

É a informação que mostra ao receptor a possibilidade de efetiva ação e/ou reação. Aquela informação oferecida oportunamente, que pretende ser de interesse pessoal do leitor-ouvinte-espectador; que não se limita a informar *sobre* mas *para*; que se impõe a exigência de ser útil na vida pessoal do receptor psicológica e materialmente, direta ou indiretamente, qualquer que seja o grau ou o alcance dessa utilidade. A informação cuja meta deixa de ser a de oferecer dados limitados ao acontecimento para oferecer respostas e orientação”.⁷⁷

⁷⁷ Tradução nossa: Es la información que aporta al receptor la posibilidad de efectiva acción y/o reacción. Aquella información, ofrecida oportunamente, que pretende ser del interés personal del lector-oyente-espectador; que no se limita a informar *sobre* sino *para*; que se impone la exigencia de ser útil en la vida personal del receptor, psicológica o materialmente, mediata o inmediatamente, cualquiera que sea el

Em um artigo publicado no site Jornal de debates intitulado “O Governo não precisa. O país sim”, Markun⁷⁸ transcreve o diálogo entre Fernando Pacheco Jordão, que havia produzido vários programas educativos e era responsável pelo Jornalismo da TV Cultura, da Fundação Padre Anchieta, e José Bonifácio Nogueira, presidente da Fundação. Era 1972 e Jordão estava implantando o programa O Foco da Notícia. Com a censura, vigente na época, havia a preocupação com a vigilância sobre o conteúdo do programa. O diálogo entre o presidente e o responsável pelo jornalismo da TV Cultura foi transcrito por Markun:

(Jordão) – Jornalismo Educativo não é jornalismo opinativo. O bom Jornalismo não tem que ser opinativo. Quem opina é quem recebe a informação. O que um jornalismo educativo tem que fazer é fornecer ao espectador elementos para que ele tenha condições de formar sua própria opinião, seu próprio conceito sobre o que está acontecendo.

(José Bonifácio) – Sim, mas isso pode ser subversivo, Jordão...

(Jordão) – Dr. José Bonifácio, talvez o senhor tenha razão. A gente pode ter problemas.

O problema a que se refere Jordão é a possibilidade de ver a população refletindo, analisando, deduzindo, tirando suas próprias conclusões, ao invés de receber uma notícia compactada colocando-a a par do factual. Esta reflexão e esta análise são o objetivo do Jornalismo Educativo.

Em uma pesquisa feita por Menezes (2006, pág. 02) com telespectadores, sobre a relação entre televisão e educação, visando à formação emancipatória do cidadão frente à linguagem audiovisual, o pesquisador concluiu que “diante da tensão entre palavra e imagem, haveria sim um diálogo. Frente à linguagem audiovisual, podemos produzir conhecimento, educar e formar valores socialmente responsáveis”. O estudo sobre a linguagem jornalística nos revela momentos em que a informação era obtida de qualquer maneira, principalmente diante da velocidade e do bombardeio de informações geradas pela concorrência.

Vicchiatti (2005) alerta para a necessidade de não se reduzir o jornalismo a um jornalismo mecânico e fragmentado. Ele cita um exemplo de texto fragmentado e não

grado o el alcance de esa utilidad. La información cuya meta deja de ser ofrecer datos circunscritos al acontecimiento, para ofrecer respuestas y orientación.

⁷⁸ Artigo de 24 de abril de 2007. Acesso em 27 de março de 2008. Disponível em versão completa em <http://www.jornaldedebates.ig.com.br/index.aspx?cnt_id=15&art_id=7889>

contextualizador publicado no dia 30 de abril de 2004, na primeira página do jornal Folha de São Paulo:

O governo definiu em R\$260 o novo salário mínimo, que vale a partir de amanhã. O reajuste real do atual mínimo (R\$240) é de 1,2%, estima o Governo, o menor desde 1999. Os dois reajustes reais do salário mínimo dados pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva somam 2,4%. Na campanha presidencial, Lula prometeu dobrar o valor real do mínimo. A equipe econômica, porém, vetou um aumento maior neste ano para não prejudicar o ajuste fiscal. Para compensar, foi concedido reajuste mais expressivo para o salário-família (Ibidem, p. 27).

O autor comenta em seguida que as informações são apresentadas “não somente para informar ao público, mas para convencê-lo de que as conclusões e decisões são corretas”. E conclui: “um indivíduo dotado de senso crítico possui a capacidade de analisar e discernir problemas de forma inteligente e racional, sem aceitar automaticamente opiniões alheias” (ibidem, p. 28)

A técnica de texto para TV é diferente da do jornal impresso. Na TV, o texto tem como característica principal a linguagem simples, direta, objetiva, palavras curtas, com a maior clareza possível. No caso específico do telejornalismo, tudo deve ser feito de forma coloquial, “como se estivéssemos contando as notícias do dia para um parente ou amigo, sentado no sofá da sala de visitas” (MACIEL, 1995, p.31). E tudo bem cronometrado - cada linha da lauda de TV corresponde a aproximadamente 2 segundos de leitura.

A reportagem a seguir apresentada no SBT em abril de 2007 segue as regras de redação em telejornalismo:

Off- Magno é administrador de redes, um especialista em computação. E nem assim escapou da fraude pela internet. O susto veio no extrato bancário. Dois mil reais foram parar na conta de outra pessoa sem que ele soubesse.

Sonora – Magno técnico em informática

Off- A fraude normalmente começa com um e-mail aparentemente inofensivo. São os chamados cavalos de tróia. O e-mail pede para que o usuário entre num determinado site para conferir informações pessoais. Eles escondem um vírus que, uma vez instalado no computador, copia a senha do usuário. De posse da senha, o hacker, como é conhecido o ladrão virtual, consegue movimentar a conta bancária da vítima.

Passagem- a transferência não autorizada de dinheiro é apenas um dos vários tipos de crimes cometidos na rede mundial de computadores. Essas fraudes vêm crescendo mês a mês de acordo com Comitê Gestor da Internet criado pelo governo há 10 anos. No segundo trimestre desse ano, foram registrados quase

oito mil casos. Um aumento de mil e trezentos por cento em comparação com o mesmo período do ano passado

Sonora- Marcelo Lopes presidente do comitê gestor da internet.

A reportagem está dentro do exigido em um texto para TV e contém as informações essenciais da notícia. Se levarmos em consideração que o Jornalismo Educativo faz o telespectador refletir, que além de informar, o texto do Jornalismo educativo ajuda a formar, o conteúdo da reportagem deveria levantar questões, por exemplo, sobre como o telespectador pode evitar fraudes como essa e o que ela pode representar, na prática, para o usuário da rede. Ou ainda como o usuário de internet deve agir se cair no golpe. Dessa forma, o telespectador não ficaria indiferente à notícia.

Num estudo desenvolvido por Fort (2005, pag.91), a pesquisadora constatou que:

a programação, mesmo quando não interessa, atrai a atenção com a gramática da linguagem audiovisual, composta pelas imagens em movimento, pelos sons correspondentes às ações captadas, os cenários envolventes, a iluminação apropriada e a instigação dos movimentos de câmera. E assim, pouco faz diferença se a televisão visa a entreter ou informar. Aliás, o grupo concorda que a televisão é um veículo de comunicação que visa a entreter e informar. Até mesmo o estudante que responde que só recorre a TV para “ver” o noticiário, comenta: “Pra mim é entretenimento. Eu vou buscar a TV quando não quero pensar”.

Mais uma vez o entretenimento remete à alienação. A televisão, para os grupos entrevistados, distrai. Quanto à questão do conteúdo das informações, os comentários foram sobre a superficialidade dos fatos, os compromissos comerciais das TVs abertas e o espaço curto para os programas jornalísticos:

Grupo 1 (de 19 a 23 anos):

J. F. de S. M. – A gente sabe da manipulação que há na informação.

H. L. G. – Muitas vezes os jornais pecam pela fragmentação da informação e pela contextualização da notícia.

Grupo 2 (de 18 a 25 anos):

A. C. – Como fonte de informação, eu já substituí a televisão pela Internet, isso há muito tempo.

T. M. P. – Eu vejo TV quando volto da faculdade. Eu vou mudando, vejo várias coisas. Fico na que mais me interessa.

L. M. M. B. – Eles (exibidores, produtores) têm que massificar a informação pra que todos entendam. Uma proposta rica requer mais trabalho, não é um (tele)jornalzinho de meia hora que fala tudo, mas não fala nada que vai solucionar.

Grupo 3 (de 26 a 35 anos):

L. L. – Há tanta notícia pra falar do Brasil e eles falam do aborígene na Austrália. A TV poderia participar muito mais.

E. R. S. – Os jornais sempre recorrem às mesmas fontes.

R. M. S. O. – Se a pessoa quer cultura, ela vai atrás, não precisa ver na TV.

J. A. B. – É, eu acho que a TV não precisa ter essa função de conscientizar as pessoas.

R. M. S. O. – Além disso, as pessoas não são obrigadas a engolir cultura.

Grupo 4 (de 33 a 42 anos):

J. S. – Falta agregar valores na televisão.

Ao perguntar sobre a televisão educativa, os entrevistados não apresentaram opiniões concretas.

J. F. de S. M. – É difícil definir. Não conseguiram ainda fazer algo educativo e ao mesmo tempo atrativo. Muitas vezes a palavra educativo é sinônimo de chato... Educar é uma palavra que pode ter vários sentidos...

L. L. – A maioria (das pessoas) não percebe, ou não tem um pensamento crítico: “isso é uma informação educativa”. É mais subliminar. Elas estão presas ao entretenimento.

E. R. S. – Eu acho interessante. A pessoa vai em busca de entretenimento e ali é jogado um pouco de informação.

Fort (Ibidem) concluiu que se não houver empatia, não há interesse no programa. Conseqüentemente, ele perde audiência. “Essa preocupação sempre ocorre nas televisões comerciais. Apresentadores de televisão, atores, personagens de novelas e até integrantes de *reality show* são escolhidos (e mantidos) em função do público-alvo”. Porém, se o público considerar algo enfadonho, chato, logo é promovida alguma mudança.

Pode-se concluir, portanto, que um telejornal não precisa mudar de formato para apresentar, em suas reportagens, informação relevante, que informa e forma cidadãos. O conteúdo, esse sim, seria melhor trabalhado pelo jornalista.

No caso de programas caracteristicamente de Jornalismo Educativo, o entretenimento não está obrigatoriamente excluído da notícia. Contrariando as teorias de categorias e gêneros, o programa jornalístico pode ser educativo e de entretenimento.

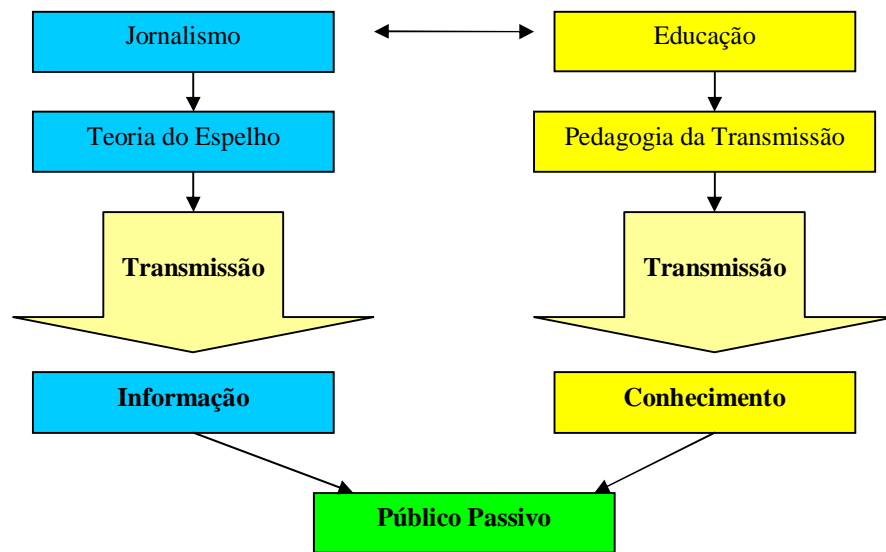
Observamos que a Teoria do Espelho, como dissemos anteriormente, ainda vigora na maioria das redações, ou seja, os jornalistas ainda usam no discurso que a função do jornalismo é passar a informação.

Ao fazer uma analogia do jornalismo com a Educação, remetemo-nos à Pedagogia da Transmissão que, para Freire (1979, p.38) é a pedagogia em que “o professor ainda é um ser superior que ensina a ignorantes. Isto forma uma consciência bancária [sedentária, passiva]. O educando recebe passivamente os conhecimentos, tornando-se um depósito do educador. Educa-se para arquivar o que se deposita.” Freire

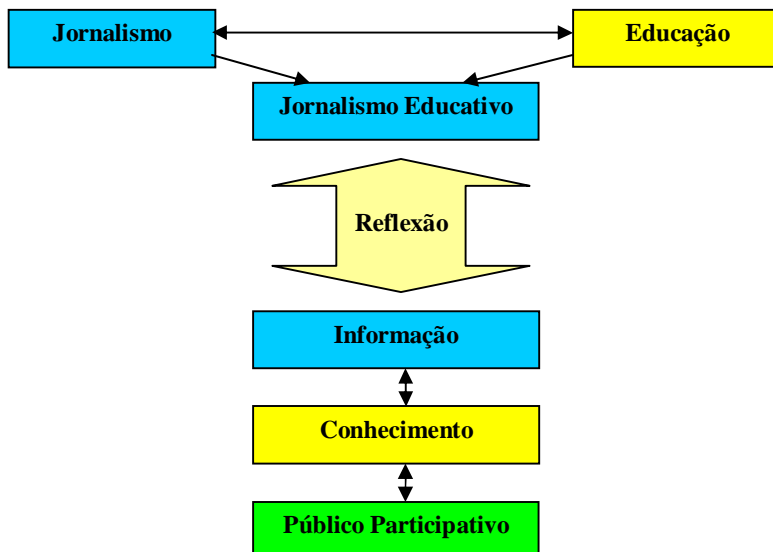
(1992, p.81) ainda afirma que “Ensinar não é a simples transmissão do conhecimento em torno do objeto ou do conteúdo. Transmissão que se faz muito mais através da pura descrição do conceito do objeto a ser mecanicamente memorizado pelos alunos.” Ou seja, dentro da analogia proposta, o Jornalismo Educativo torna o leitor, ouvinte ou telespectador um ser menos passivo do que no jornalismo informativo.

No primeiro esquema, a seguir, colocamos a analogia entre Jornalismo e Educação, mais especificamente a Pedagogia da Transmissão. Já no segundo, montamos um esquema do Jornalismo Educativo, no qual o público tem a possibilidade de refletir sobre a notícia e chegar às suas conclusões.

Esquema 1



Esquema 2



Um público participativo é, no nosso entender, aquele que, no esquema, aparece como consumidor de Jornalismo Educativo. Ele reflete sobre as informações e tira suas próprias conclusões a partir delas. Dessa forma, é possível informar e formar um cidadão mais consciente e atuante na sociedade. Este tipo de cidadão contempla o resultado das pesquisas de Putnan (apud D'ARAÚJO, 2003, p.10) sobre Capital Social⁷⁹, ou seja, “a capacidade de uma sociedade de estabelecer laços de confiança interpessoal e redes de cooperação com vista à produção de bens coletivos (...) e cujos benefícios são comuns a todo o grupo ou a toda a sociedade”.

Em sua pesquisa, Putnam acompanhou durante vinte anos o desenvolvimento da Itália. Ele percebeu que a região Norte se desenvolveu muito mais do que a do sul, mesmo tendo o mesmo tipo de política de governo e de economia. O autor chegou à conclusão de que o sul se desenvolveu menos porque é uma região “mais individualista e desconfiada, mais hierárquica e clientelística. Enquanto isso, a região norte apresentava “uma cultura cívica mais intensa, um maior envolvimento da população com a coisa pública, uma sociedade mais comprometida com o seu bem público, mais cooperativa e mais confiante em seus pares” (op.cit., p.15).

Acreditamos que o Jornalismo Educativo pode contribuir, mesmo que modestamente, com o desenvolvimento de uma cultura cívica; pode ajudar na formação desse cidadão e, conseqüentemente, na formação de uma sociedade mais comprometida com o social.

⁷⁹ O conceito de Capital Social é anterior ao livro lançado em 1993 intitulado *Making Democracy work: Civic Traditions in Modern Italy*, de Robert Putnan, porém foi a partir dele que o conceito ganhou notoriedade. (D'ARAÚJO, 2003)

CAPÍTULO II

ENSINO DE TELEJORNALISMO: DA TEORIA À PRÁTICA

Não é de hoje que se discute a necessidade de curso superior para formação de jornalistas. Um dos primeiros relatos sobre a discussão data de 1869. O General Lee – antigo comandante do sul na guerra civil americana, que também era reitor do Washington College, - decidiu reservar cinquenta lugares para interessados em estudar jornalismo, uma das primeiras iniciativas de se criar um curso universitário de formação de jornalistas. O diretor do Jornal New York Herald rebateu dizendo que não via utilidade naquela iniciativa já que, para ele, “o único lugar onde alguém pode aprender jornalismo é a redação de um grande jornal” (RIZZINI, 1953, p.9).

Joseph Pulitzer, ícone no jornalismo mundial, foi um dos maiores defensores no mundo da formação superior dos jornalistas. Para ele, um jornal não podia ser escrito por pessoas inexperientes, nem com improvisação, nem fundamentado em autodidatismo. Ele já pregava, naquela época, o equilíbrio entre a teoria e a prática. Portanto, o curso era repellido por uns que acreditavam que os jornalistas eram como poetas, ou seja, nascem com vocação para a arte (idem).

Em 1904, Pulitzer escreve para The North American Review em defesa da criação de uma escola de jornalismo:

A República do nosso país irá subir ou descer junto com a Imprensa. Uma imprensa capaz, voltada ao interesse público, com inteligência treinada para saber o que é certo e coragem para praticá-lo, pode preservar a virtude pública, sem a qual, o governo popular se torna uma piada. Uma imprensa cínica, mercenária e demagógica produzirá com o tempo um povo como ela própria. A força e o poder de moldar o futuro da nação estarão nas mãos dos jornalistas das gerações futuras⁸⁰.

Do outro lado, os defensores do curso argumentavam que ninguém, mesmo com vocação, conseguiria ser um bom jornalista sem receber conhecimentos específicos sobre o exercício da profissão.

⁸⁰Our Republic and its press will rise or fall together. An able, disinterested, public-spirited press, with trained intelligence to know the right and courage to do it, can preserve that public virtue without which popular government is a sham and a mockery. A cynical, mercenary, demagogic press will produce in time a people as base as itself. The power to mould the future of the Republic will be in the hands of the journalists of future generations. Disponível em <<http://www.pulitzeer.org>>

Depois que as escolas começaram a surgir, a discussão ficou em torno de como deveria ser esse ensino: técnico ou profissional. A primeira iniciativa mais consistente aconteceu na Universidade de Missouri, em 1898. A ementa do curso trazia arte e história da Imprensa; tipografia, impressão e gravura; gerência, publicidade, redação e reportagem; exercícios práticos de artigos, serviços telegráficos, condensação, entrevistas e coleta de novidades, conhecimentos sobre a constituição, sobre política, economia e leis relativas à imprensa.

Em 1903, o reitor da Universidade de Harvard preparou a relação de disciplinas do novo curso de Jornalismo da Instituição. Pulitzer disse que iria fazer uma grande doação para a manutenção do curso. Porém desistiu após tomar conhecimento do currículo⁸¹ do curso (RIZZINI, 1953). Nele constavam: Organização dos Cargos e Funções do Jornal; Administração; Legislação; Ética; História da Imprensa; Forma Literária do Jornal e revisão das matérias gerais em conformidade com o jornalismo. Diante dessa ementa, Pulitzer comenta:

Nada de ensinar tipografia ou gerência, nada de reproduzir com triviais variações o curso de uma escola comercial. Isso não é de âmbito universitário! Isto não precisa de uma doação! A idéia é a de trabalhar para a comunidade e não para o comércio, e não para o indivíduo, mas unicamente para o público (...). (op.cit., p.23)

Pode-se observar, portanto, que desde os primórdios da história da formação dos jornalistas, já havia a preocupação de se pensar na função social do jornalismo.

É interessante lembrar também que, nos países ocidentais, o jornalismo vem sendo uma ocupação de tempo integral desde meados do século XIX. Na Alemanha, por exemplo, os jornalistas eram considerados eruditos. No final daquele mesmo século já havia uma tendência a fomentar cada vez mais a formação acadêmica. Porém, comenta Kunczik (2002, p.38), com “o desenvolvimento da imprensa de massa baixou o nível acadêmico dos jornalistas”.

Não nos cabe aqui fazer o levantamento histórico completo do ensino de Jornalismo. Porém, consideramos necessário trazer o assunto para que se possa observar como se pensava e se pensa o ensino do jornalismo no Brasil. Acreditamos ser relevante

⁸¹ “Um currículo é um instrumento que expressa uma concepção de mundo, uma visão do trabalho sobre uma área. Do ponto de vista operacional, um currículo explicita os interesses do corpo docente sobre as suas possibilidades de ensino. Em relação aos alunos, é um roteiro para direcionar trânsito rumo ao diploma, abrindo ou fechando caminhos”. (KOSHIYAMA, 2005, p.9)

ver qual a ênfase, a diretriz dada ao curso para entendermos o processo de formação dos estudantes na atualidade.

No Brasil, o primeiro Curso de Jornalismo foi criado em 13 de maio de 1943 na Escola de Filosofia, no Rio de Janeiro. Mas o curso só foi inaugurado em 1948. No ano anterior, Cásper Líbero, jornalista e empresário da imprensa paulistana, tornou-se o pioneiro do ensino superior de jornalismo no Brasil, pelo início do funcionamento da Escola de Jornalismo Cásper Líbero, em São Paulo. Em 1953, o currículo básico do curso de jornalismo incluía Técnica de Jornal; Ética, História e Legislação da Imprensa; Administração de Jornal; História da Civilização; Língua Portuguesa e Literatura; Geografia Humana; História do Brasil; História Contemporânea; Geografia do Brasil. Além dessas, ainda constavam no currículo aulas práticas de Redação e de Radiojornalismo. O currículo seguiu a linha da ementa da Universidade de Missouri de 1898.

Observando o rol de disciplinas dos currículos, pode-se inferir que os cursos especializados em jornalismo no Brasil eram muito teóricos. Estimulava-se o estágio em empresas – o que supria, de alguma forma, a falta da prática. Nos anos 60, o curso de jornalismo deixa a faculdade de filosofia e começa a mudar, mesmo que de forma lenta e modesta. As inovações tecnológicas eram vistas ainda com desconfiança pela academia. Melo⁸² (2004) lembra que a reivindicação de laboratórios soava como “pedagogicamente incorreta, pois alguns mandatários temiam que as novas carreiras trilhassem pelos descaminhos do ‘tecnicismo’”.

Com a reforma curricular do Conselho Federal da Educação nos anos 70, foram instituídas novas diretrizes para os cursos de comunicação, como a criação de laboratórios. Mas somente em 1984 é que os laboratórios tornam-se obrigatórios por lei, forçando, assim, a criação deles nas universidades. Também na década de 70 foi criada a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom)⁸³. Em um período em que estavam teóricos e práticos em lados opostos, prevalecia na Intercom a teorização. A Exposição Universitária da Pesquisa Experimental em Comunicação (Expocom) chega para abrir espaço para as produções práticas dos alunos.

⁸² Artigo disponível em < http://www.marquesdemelo.pro.br/textos/textos_anteriores/txt_ant_01.htm>

⁸³ A Intercom promove um evento anual do mesmo nome em parceria com a Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo/ ECA-USP.

A EXPOCOM cumpriu um papel relevante na história das ciências da comunicação, em nosso país, legitimando o trabalho empírico. Em certo sentido o projeto vem fortalecendo a identidade peculiar ao campo. Começamos a nos distanciar organicamente do ensaísmo sociológico para adotar o perfil que efetivamente nos corresponde como integrante do bloco das ciências sociais aplicadas, de acordo com a classificação adotada pelo sistema nacional de ciência e tecnologia. (MELO, 2004)

Com o aumento da informação através das diferentes mídias, começamos a viver um processo curioso. Se antes, no passado, não recebíamos muita informação, com as tecnologias passamos a receber excesso de informações. Acreditamos que conhecer e reconhecer essa diferença é fundamental para a formação de novos profissionais de comunicação. Para Bentes (1998, p.78), a cultura midiática forma pessoas de todas as classes sociais – do menino da favela ao estudante universitário. A autora acrescenta “que hoje, a mídia toma para si as funções que já foram da escola, dos educadores e da própria universidade e tem um papel, gostemos ou não, decisivo na formação dessas novas gerações”.

As escolas estão começando a discutir mais a comunicação, trazendo à tona temas como a educomunicação, como aprender a ver televisão, a utilização de vídeos em sala de aula, produção de textos jornalísticos etc.. Mas a universidade ainda trava uma batalha para fazer dialogar a teoria com a prática.

A universidade e o ensino tradicionais ainda se estruturam a partir de uma divisão de saberes e disciplinas estanques que reflete o modelo industrial do século XIX, a divisão da linha de montagem industrial em que um setor parece isolado e independente do outro no processo de produção. Em contraposição a esse modelo industrial podemos pensar as redes eletrônicas como um fluxo ou organismo vivo, variável, mutante, que se modifica e se atualiza incessantemente fazendo circular os mais diferentes saberes, do mais prosaico ao mais especializado de um modo que nunca foi tão veloz, virótico e acessível. (BENTES, 1998, p.80)⁸⁴

Acreditamos que, diante da demanda de informações e da busca por elas, a universidade e o ensino em geral passam a ter uma nova função, agora como formadores de cidadãos capazes de interagir, de refletir sobre as informações e não apenas de formar mão-de-obra especializada. Como afirma Bentes, “hoje não basta estar

⁸⁴ Tradução completa disponível em
><http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/da131120021.htm>>

informado (...) a questão hoje é romper, quebrar a informação do seu interior, produzir uma informação qualificada na mídia ou uma recepção da informação diferenciada e seletiva, elaborar a informação” (ibidem, p.81).

As discussões acaloradas da época de Pulitzer sobre a necessidade ou não de curso superior para jornalistas ressurgem no século XXI. Dessa vez com nova roupagem. Koshiyama (2005) lembra que os norte-americanos estão convencidos da utilidade do curso superior. Mas reconhecem a necessidade de o curso “atender as demandas dos potenciais jornalistas de hoje”. A autora cita B. Cunningham que afirma talvez ser impossível resolver a questão sobre o que as escolas de Jornalismo devam ensinar:

Se jornalismo é dar sentido ao mundo, e o mundo está sempre mudando, então deveriam sempre existir pessoas procurando maneiras de melhorar o jornalismo. Mas, ao mesmo tempo, a alma do bom jornalismo – reportagem robusta, extensa e redação clara – nunca mudou, e não deveria. Jornalistas (...) são pessoas com as quais a sociedade conta para dizer: "O que diabos está acontecendo na economia? O que raios acontece com o sistema educacional?" (KOSHIYAMA, 2005)

Não faltam críticas sobre o ensino de Jornalismo no país. Brasil (2007, p.198) lembra que o professor John Pavlik, considerado um dos mais importantes estudiosos de novas tecnologias, acredita que o ensino de jornalismo ainda está baseado no modelo industrial de ensino do século XIX, que se estrutura a partir da divisão das disciplinas como numa linha de montagem; em que as peças parecem isoladas umas das outras no processo de produção, enquanto os cursos estão, em sua grande parte, seguindo as linhas tecnológicas do século XX. Porém, já estamos no século XXI e essa defasagem, segundo ele, fica evidente.

Brasil (idem) defende que a dificuldade maior não é a teoria, da qual a universidade vem dando conta. O problema está no ensinar a prática em universidades onde os “laboratórios são precários e os professores não estão preparados”. O autor acusa as empresas jornalísticas de não contribuir com o ensino e de criticá-lo, mas quando buscam profissionais, escolhem os que estudaram no que eles consideram as melhores escolas, normalmente as universidades públicas.

Para Aronchi de Souza (2004, p.27) é comum ouvir no mercado de trabalho que os cursos superiores de jornalismo não ensinam nada e que o recém formado é um

“recém-mal-informado”. Afirma ainda que para eliminar este (pré)conceito é preciso “ministrar as disciplinas de formação técnica com clareza, organização e eficiência, evitando o amadorismo e experimentalismo que permeiam o ensino de televisão”. Para isso, seria necessário também que se aprimorassem as técnicas de ensino utilizadas pelo professor.

As questões relevantes sobre o problema da relação entre teoria e prática nos cursos de comunicação já foram exaustivamente discutidas por diferentes autores. E mesmo com a discussão incessante sobre o ensino de Jornalismo no Brasil, ainda não houve uma mudança significativa nos últimos anos, a não ser as que surgiram a partir das novidades tecnológicas.

Bentes (op.cit., p.77) afirma que, com o crescente número de informações em circulação, aumenta a necessidade de “educadores preparados para desenvolver o senso analítico da população”. A autora acrescenta que há necessidade de preparar o que ela chama de “alfabetização audiovisual dirigida a universitários e não-letrados para formar cidadãos capazes de extrair do excesso de informações um pensamento ou uma ação”.

Contudo, acreditamos que o próprio jornalista não está preparado para isso. O currículo dos cursos de jornalismo no Brasil não contempla espaço para esse tipo de reflexão. O tema é abordado em Ética, mas de forma teórica. A prática do jornalismo dentro desse conceito não tem espaço efetivo e gira em torno da utilização da postura correta, da impostação da voz, das regras básicas do jornalismo tradicional, das técnicas de entrevista, da apresentação no estúdio etc. O que se observa em aulas práticas é, normalmente, a reprodução do que acontece no mercado, ou seja, alunos e professores reproduzem em sala o que é feito nas emissoras de televisão ou redações de rádio e TV, o que foi possível verificar, inclusive, durante as entrevistas desta pesquisa.

Genro Filho (1989, p.13) afirma que de modo geral, “as teorizações acadêmicas (acerca da redação jornalística) oscilam entre a obviedade dos manuais, que tratam apenas operativamente das técnicas, e as críticas puramente ideológicas do jornalismo como instrumento de dominação”. É como um dia disse Hélio Costa⁸⁵: “Você tem dois tipos de jornalista. Os que fazem jornalismo e os que ensinam. Escolha” (BRASIL, 2007, p.183).

Brasil (ibidem) ainda lembra um episódio em que o comentarista da TV Terra e âncora da TV Cultura disse, no Congresso de Jornalismo Empresarial em 2005, que

⁸⁵ Hélio Costa é jornalista e Senador. A declaração foi feita durante uma entrevista coletiva *on-line* sobre ética.

“nas faculdades de jornalismo, todos os alunos têm *blogs* e não lêem jornais, e os professores não têm a menor idéia do que seja um *blog* e internet”. Em seguida, Brasil discorda veementemente, argumentando que é jornalista, que é professor e que um não impediria o outro.

Muitos professores de jornalismo se dedicam exclusivamente ao ensino e são excelentes educadores. Esse tipo de comentário não só não ajuda em nada, como também estabelece mais uma divisão profunda entre a prática e o ensino e entre o presente e o futuro da nossa profissão. (ibidem, p.184)

O que se pode observar nas universidades são professores ainda no mercado de trabalho ou que durante muitos anos foram ativos e passaram a se dedicar exclusivamente ao ensino. Professores jornalistas estão em busca de aperfeiçoamento em cursos de pós-graduação (*latu e strictu sensu*). O próprio mercado já exige direta ou indiretamente essa especialização. Esta pesquisa, portanto, é um exemplo do empenho em buscar novos conhecimentos. Contudo, reconhecemos que isto não é regra.

Muitos jornalistas que estão no mercado de trabalho não são atraídos pelos salários das universidades. É fato que há professores muito teóricos e pouco práticos e que não há investimento na prática universitária. Os cursos de mestrado, por sua vez, ensinam muitas coisas, mas não ensinam o jornalista a ensinar o jornalismo (ibidem, p.184). Nos Estados Unidos, jornalistas e professores de jornalismo se reúnem numa oficina que eles denominam “educadores nas redações”. O objetivo é atualizar os professores no que diz respeito principalmente às novas tecnologias e possibilidades.

Ao longo da pesquisa de campo, pudemos observar que os jornalistas reconhecem que o jornalismo está passando por uma crise de identidade. Acreditamos que essa crise existe não apenas no mercado, mas também no ensino do jornalismo.

No que se refere ao termo Jornalismo Educativo, ele não vem sendo difundido nas universidades brasileiras e nem pesquisado, apesar de, como dissemos no início desta pesquisa, haver literatura sobre o tema em outros países vizinhos. O Jornalismo Educativo tampouco faz parte do currículo como disciplina nas instituições brasileiras nem mesmo como eletiva⁸⁶. Também na Europa, encontramos especialistas e bibliografia sobre o tema. As universidades naquele continente já apresentam, em seus currículos, ainda que modestamente, disciplinas que abordam o tema. Como nossa

⁸⁶ Disciplina optativa, ou seja, que o aluno pode escolher livremente para cursar fora aquelas obrigatórias que deve cumprir.

pesquisa está voltada para países de língua latina, tomaremos como exemplo a Espanha, para verificar como está sendo lecionado o Jornalismo Educativo naquele país.

O Jornalismo Educativo na Espanha é visto como uma disciplina optativa do curso de licenciatura em Jornalismo. Ela é denominada *Información sobre educación y sociedad*, em Complutense de Madrid; *Periodismo Educativo*, em Sevilla; e *Educación y periodismo*, em Málaga (PÉREZ DE LA CONCHA, 1998, p. 38-41). Estas, hoje, são as três únicas universidades espanholas que oferecem a disciplina, em um universo de aproximadamente 60 instituições de ensino superior⁸⁷.

Na *Universidad Complutense Madrid* (UCM), a disciplina propõe o estudo do fenômeno educativo presente na sociedade. A *Universidad de Sevilla* e a *Universidad de Málaga* já sugerem um jornalismo mais pedagógico. Assim como Perez de la Concha (ibidem, p. 38), acreditamos que as duas linhas deveriam ser complementares, ou seja, “informar *sobre* educação e educar com a informação”.

Nessas três universidades, o Jornalismo Educativo está diretamente ligado a jornalismo especializado, ou seja, é o que:

Estuda a produção de mensagens informativas que divulgam as diferentes particularidades do ser humano, de forma compreensível e atrativa, ao maior número de pessoas, com a finalidade de dar sentido à realidade através dos meios de comunicação⁸⁸ (PEREZ DE LA CONCHA, 1998, p.40).

Como jornalismo especializado, o Jornalismo Educativo deve selecionar a informação que recebe em grande quantidade. Se o profissional está preparado, pode separar o joio do trigo e, dessa forma, mostrar ao público com exatidão e profundidade o que dizem os cientistas, os técnicos etc. Dessa forma, toda a sociedade sai ganhando. (PEREZ DE LA CONCHA, 1998).

Perez de la Concha cita como formas ou modos de expressão do Jornalismo Especializado a exposição e a argumentação. A exposição seria situar o fato da atualidade, suas causas e conseqüências; e a argumentação estaria na defesa de uma posição a partir de razões e provas. Os gêneros mais adequados para isso são as reportagens, as entrevistas de personalidades, a crônica e a crítica e as colunas de

⁸⁷ Lista das Instituições de Ensino na Espanha disponível em < <http://lem.eui.upm.es/edues.html> >

⁸⁸ Tradução nossa: Estudia la producción de mensajes informativos que divulgan las distintas especialidades del saber humano, de manera comprensible e interesante, al mayor número posible de personas, con el fin de dotar de sentido a la realidad, a través de los medios de comunicación.

análise. No que diz respeito a reportagens, foco de nossa pesquisa, suas qualidades são a atualidade e o interesse do tema; clareza e abundância de fontes e dados. De todos os gêneros, a coluna de análise e as críticas são os mais didáticos do jornalismo, porque neles o jornalista informa de maneira que os destinatários passem a ter interesse e a sentir necessidade de conhecer melhor o tema, qualquer que seja ele - avanço tecnológico, comida, livro, idéia econômica etc. O autor lembra que, “para muitos, não basta saber o que passou, nem quem atuou ou por quê. Precisam saber como combater tanta injustiça, tantos desajustes, tanto horror e tanta morte. Ou como apoiar outras pessoas ou entidades que significam futuro e esperança” ⁸⁹ (ibidem, p. 42).

Assis (2001) acentua a necessidade de se redimensionar paradigmas no ensino da redação jornalística. A autora aponta a interdisciplinaridade como “um dos mecanismos para viabilizar a formação do jornalista, no tocante à produção de textos”. Assim, segundo ela, seria possível driblar aquela forma tradicional e antiquada, que ora é tecnicista, com base nos manuais de redação, ora é caracterizada por excesso de teorização.

Assis (op.cit.) afirma que a dicotomia entre os jornalistas da ativa e os pensadores da mídia, e a distância enorme que separa um do outro, contribuem para a produção desses absurdos. Acreditamos, assim como esses autores, que os pontos citados já mostram a necessidade de redimensionar o estudo e o ensino do texto jornalístico. Em outras palavras, seria ver o texto de forma pragmática, ou seja, “em cujo processo de significação também entram os elementos do contexto situacional”.

O duelo entre teoria e prática, presente desde o início da história do ensino de Jornalismo, ainda existe nas universidades. O que se observa é que a prática ainda apresenta carga horária limitada. Coutinho (2006, p.21) lembra que as “ementas abrangem o suporte teórico-prático, restando pouco tempo para que os alunos vivam a rotina de produção”. Uma das possibilidades de ampliar a prática nos cursos de Jornalismo foi a Lei de reforma Universitária, que criou a TV Universitária.

⁸⁹ Tradução nossa: Para muchos, no basta saber qué pasó, ni quién actuó o por qué. Necesitan saber cómo combatir tanta injusticia, tantos desajustes, tanto horror y tanta muerte o cómo apoyar a otras personas u organizaciones que significan futuro y esperanza.

2.1 - A TV Universitária

A lei de nº 5.540/68, denominada ‘Lei de Reforma Universitária’, determina em seu artigo 1º que “o ensino superior tem por objetivo a pesquisa, o desenvolvimento das ciências, letras e artes e a formação de profissionais de nível universitário”. Já no artigo 2º atesta que o ensino superior “indissociável da pesquisa, será ministrado em universidades, e, excepcionalmente, em estabelecimentos isolados, organizados como instituições de direito público ou privado”. O artigo 20 complementa afirmando que “as Universidades e os estabelecimentos isolados de ensino superior estenderão à comunidade, sob forma de cursos e serviços especiais, as atividades de ensino e os resultados de pesquisa que lhe são inerentes”. Assim surgem as TVs Universitárias.

A idéia da TV Universitária é a de que novos formatos e conteúdos diferenciados fossem disponibilizados à população. A TV Universitária passa a ser um espaço de estágio para o estudante de jornalismo. Com isso, “as televisões universitárias podem ser embriões de laboratório televisivo universitário que ofereça à sociedade brasileira uma base de pesquisa empírica acadêmica do fazer televisão, produzindo pesquisas para as emissoras de televisão” (COUTINHO, 2006, p.12). Portanto, a TV Universitária foi um espaço criado para ser um ambiente de aprendizagem, de saber como fazer televisão. Pode-se ler, inclusive, no Manual Passo a Passo de como ter uma Televisão Universitária⁹⁰, produzido pela Associação Brasileira de Televisão Universitária (ABTU) que o órgão considera televisão universitária aquela produzida por Instituições de Ensino Superior (IES) transmitida por canais de televisão (abertos ou pagos) ou por meios convergentes (circuitos internos de vídeo, TV *Web* etc.), e que seja voltada estritamente à promoção de educação, cultura e cidadania.

A televisão a cabo foi criada no Brasil nos anos 90 pelo Grupo Abril e as Organizações Globo. A Lei nº.8.977 de janeiro de 1995, em seu artigo 23, obriga as operadoras do serviço de cabo a disponibilizar alguns canais denominados ‘Canais Básicos de Utilização Gratuita’. Um deles era o canal Universitário “reservado para o uso compartilhado entre as universidades localizadas no município ou municípios da área de prestação do serviço”. Existe aproximadamente uma centena de Instituições de Ensino Superior produzindo TV e 87 delas veiculam seus programas em canais universitários (CARVALHO, 2006). A partir de sua implantação, as Instituições de

⁹⁰ Disponível em <<http://www.abtu.org.br/v3/conteudo.asp?id=44>> Acesso em 01 de maio de 2008.

Ensino Superior com cursos de Comunicação começaram a se planejar para produzir uma programação de TV com regularidade.

Brasil (2007, p. 191-192) defende a tese de que as TVs Universitárias não têm liberdade no que diz respeito ao seu conteúdo. Para ele a TV Universitária brasileira é “refém de uma política que favorece a omissão e o consenso. Não trata de assuntos polêmicos para não perder privilégios. Na dúvida, evita assuntos controversos, não critica ninguém e prestigia sempre os padrões, as reitorias”. Brasil também considera as televisões universitárias chatas principalmente porque repetem o que vem sendo feito nas TVs comerciais e esse seria o motivo de ela ser ignorada pelo público e pela mídia. Além disso, o autor afirma que a TV Universitária “não cria nada e não indica as alternativas para o futuro. Não é um veículo eficiente para o ensino, não é experimental, tampouco busca uma identidade.”

O que se pode observar é que as afirmações de Brasil têm fundamento, já que muitos programas da UTV são iguais aos existentes na TV comercial. A falta de tempo dos jornalistas envolvidos na produção destes programas, além de outras questões, também inviabiliza a criação.

Outra questão, levantada por Pena (2002) sobre as TVs Universitárias, é a tendência de se “sacralizar” a palavra ‘universitário’ e associá-la a algo iluminado, de alta cultura, como se novamente estivéssemos trazendo à tona a discussão sobre a arte ter ou não espaço na sociedade industrial, ou a ruptura entre culturas artística e científica da época da Revolução Industrial. Para o autor, “talvez seja viável propor uma vocação pluralista para o veículo, uma nova sensibilidade que, conforme descreve Susan Sontag, esteja ‘voltada ao mesmo tempo para uma torturante seriedade e para o divertimento, a ironia e a nostalgia’” (idem, p.42). Sontag vê a sensibilidade próxima à noção de gosto ou “camp”, termo ignorado ou diminuído pela ciência, o que, para Pena (idem), é um equívoco, já que “o gosto, quando circunscrito a uma lógica e enquadrado por um sistema, solidifica-se numa idéia”. O autor acredita que o “camp” tem relação direta com prazer, com diversão e generosidade. Por isso, o termo tem relação direta também com as TVs universitárias.

Em uma TV universitária, que se propõe séria, mas, ao mesmo tempo, é direcionada para um público jovem, o ideal “camp” encaixa-se perfeitamente. Para discutir os mais variados e pesados assuntos, sem perder o seu público, é preciso reduzir a esfera da banalidade e trabalhar com a superfície no âmbito da profundidade, conduzindo o espectador à simbiose entre a seriedade e a jocosidade, o prazer e a obrigação, o apolíneo e o dionisíaco.

Concordamos com as idéias do autor e acreditamos que, dessa forma, as TVs universitárias são capazes de cumprir seu papel, que vemos como democrático e pluralista, possibilitando a participação da sociedade e promovendo a cidadania. Nesse contexto, o Jornalismo Educativo se encaixa perfeitamente, já que, como vimos, ele informa, forma e promove a cidadania.

Mas um aspecto, agora legal, dificulta essa pluralidade. É que o estatuto das TVs universitárias no Brasil não considera os centros universitários e as faculdades isoladas como constituintes dos canais universitários. A exceção é a UTV, do Rio de Janeiro, como veremos em seguida.

A despeito disso, uma das questões que consideramos mais relevantes no que diz respeito à TV Universitária é o fato de ela agregar dois universos distintos. A TV tem uma estrutura e um ritmo de trabalho que contrasta com o ritmo acadêmico. Colocar uma dentro da outra não é tarefa das mais fáceis. Priolli (2004) afirma que os núcleos de TV nas IES se apresentam de formas diferentes. Contudo, três delas se destacam. Na primeira forma, o Centro de Produção de TV é implantado no curso de jornalismo. Neste caso, Priolli (ibidem) acredita que o projeto de TV departamentalizado é dominado por um dos setores da instituição.

A Televisão Universitária, aqui, é geralmente concebida em sua dimensão laboratorial, e privativa da área de comunicação, servindo às demais áreas, no máximo, como fontes de pautas e objeto de cobertura jornalística, não tendo acesso à produção independente de seus próprios conteúdos. Quem tem a TV, portanto, não é a IES, mas ‘o pessoal da comunicação’. (Priolli, 2004, p.06)

A segunda forma de institucionalização é a TV estar vinculada à Assessoria de Comunicação. É considerada, portanto, apoio ao marketing institucional, independente de o conteúdo da programação ter ou não linguagem publicitária. Priolli acredita que “os laços desses núcleos de TV com as diversas áreas das IES, sobretudo com os professores e os estudantes, são normalmente frágeis, quando existentes”.

Em alguns casos, o projeto de TV pode ser mesmo terceirizado para uma produtora de vídeo, que realiza a programação a mando da direção universitária, sem maior integração com a comunidade acadêmica. Nesse modelo, assim sendo, quem tem a TV não é a IES, como um todo, mas "a Reitoria".

A terceira forma é a TV Universitária ser autônoma, ou seja, subordinada à direção universitária, sem vínculo com departamentos ou cursos. Priolli considera esse modelo o mais adequado. Para ele,

O objetivo central da TV não é o de fazer marketing institucional, embora também possa, e até deva fazê-lo, na medida justa. Não é também o de servir como órgão laboratorial de determinado curso, atendendo a seus interesses em detrimento do restante da instituição. É o de produzir uma programação equilibrada e eqüidistante, que atenda as diversas áreas da IES, e que fomente a participação de toda a comunidade acadêmica. Nesse caso, quem tem a TV é, efetivamente, a IES. (PRIOLLI, 2004, p.6)

O fato de a IES ter que contratar profissionais estranhos ao quadro funcional da instituição (editores de imagem, operador de vídeo, cinegrafista, produtor, iluminador etc.) muitas vezes é dificultoso. E a questão do custo também não pode ser ignorada, já que esse fato onera o orçamento da Instituição. O ideal seria que tudo funcionasse em harmonia, o que, para Priolli (ibidem), “por ora, está no plano das utopias, porque demanda o amadurecimento dos projetos de televisão nas IES, e uma convicção profunda na sua importância e utilidade, condições que ainda não estão dadas”.

2.1.1 – Programação da UTV: Comparando objetivos com o Jornalismo Educativo.

O Canal Universitário no Rio de Janeiro, implantado em agosto de 1999, tem, como seus associados, universidades públicas e privadas, centros universitários e faculdades isoladas, o que não é comum. Em São Paulo, por exemplo, a TV Universitária só tem universidades como membros. No Rio de Janeiro, ela é exibida pelo canal 16 da Net e tem, de acordo com a própria UTV, aproximadamente 750 mil telespectadores, a maioria das classes A e B consideradas formadoras de opinião⁹¹. Contudo, com as ligações a cabo clandestinas nas comunidades carentes da cidade, conhecidas como “gatonet”, a TV Universitária abrange um número ainda maior de telespectadores, agora das classes D e E. Além disso, não há pesquisas relacionadas ao número e ao perfil de telespectadores. Pesquisas que abordam o tema concluem essa

⁹¹ Dados disponíveis no site da UTV em <<http://www.utv.org.br>>

falta de identidade do público-alvo da UTV, como veremos adiante. Já no interior dos Estados, em cidades pequenas, as TVs Universitárias têm um público considerável por ser fonte de notícias da região. Moradores e conterrâneos são entrevistados e se tornam personagens nas reportagens televisivas. (SATO; SIQUEIRA; AGUILERA apud CARVALHO, 2006).

Em seu Estatuto (ANEXO 1), no capítulo segundo, referente a Finalidade e Objetivos, artigo segundo, diz que “a UTV tem como finalidade o cumprimento do Art. 23 – Inciso I – Letra e, da Lei nº 8.977, de 06.01.95, de forma a colaborar efetivamente para o desenvolvimento social, educativo, científico, cultural, artístico e econômico do país”. Já em seu artigo terceiro o Estatuto traz os objetivos da UTV:

Art. 3º- A SOCIEDADE DE TELEVISÃO DAS UNIVERSIDADES DO RIO DE JANEIRO S/C - UTV tem como objetivo:

- I -** produzir, co-produzir, pós-produzir, adquirir, alienar, distribuir e transmitir, através do canal de televisão por assinatura que lhe é destinado, e de outros meios tecnológicos existentes e que venham a existir, programas educativos de natureza informativa, cultural, esportiva e recreativa que promovam a educação permanente, bem como exercer as atividades afins que lhe forem determinadas, como entidade integrante do sistema de televisão a cabo no Município do Rio de Janeiro – RJ;
- II -** priorizar a transmissão de caráter educativo, como apoio à educação formal e não formal, divulgando as manifestações culturais e desportivas;
- III -** estimular a produção, através de terceiros, de programas educativos, informativos, científicos, culturais e de serviços;
- IV -** distribuir programas educativos para utilização no meio universitário e em todas as entidades dedicadas ao ensino;
- V -** organizar e administrar o acervo de seus programas ou de terceiros a seu cargo, com o fim de garantir a sua preservação e reutilização;
- VI -** promover acordos e intercâmbios com entidades nacionais e internacionais visando a co-produção de programas, com troca de produções e outras experiências no âmbito de sua finalidade;
- VII-** exercer outras atividades afins que lhe forem atribuídas por sua Assembléia Geral e derivadas da legislação que lhe é aplicável.

A UTV, portanto, é um canal de promoção da educação, da cultura e da cidadania – a mesma característica das TVs Educativas. A diferença está no fato de a TV Universitária ser um espaço destinado à experimentação e à aprendizagem.

Vimos no Capítulo II que Kientz (1973, p.18-19), ao falar sobre a comunicação de massa, lembra que ela era vista como uma comunicação de mão única, isto é, “uma minoria produz, de uma forma quase industrial, mensagens que a grande massa absorve em silêncio”. Apesar disso, não podemos ignorar o pensamento de Gabriel Tarde (apud FORT, 2005), que vê a era das massas como passado. Para ele, a sociedade está prestes a entrar na “era dos públicos”.

Ao contrário da massa, conjunto amorfo, o público progride com a sociabilidade. Enquanto a massa é passageira, o público é forte em sua essência. Percebe-se que os meios de comunicação trabalham tanto a formação das massas quanto a dos públicos. O sociólogo alemão Georg Simmel, segundo Mattelart, vê o processo social como proveniente das relações e ações recíprocas entre indivíduos, uma “rede de afiliações”. A partir desse momento duas linhas específicas se definem neste campo: a comunicação dirigida às massas e a comunicação dirigida aos públicos. À televisão educativa, deve-se seguir o conceito de comunicação dirigida aos públicos (FORT, 2005).

Seguindo o raciocínio dessa teoria, pode-se dizer que as TVs Universitárias também seriam “dirigidas aos públicos”, mesmo que esse público ainda não esteja bem delineado.

De acordo com o estatuto da UTV, as decisões sobre a sua programação partem de seus sócios – representantes das universidades filiadas a ela. O que significa que eles decidiriam que tipo de programação estaria de acordo com seu estatuto e se seria apropriada para promover a educação e a cidadania. Diante disto, poderíamos supor que a UTV é um ótimo veículo para experimentações de novas linguagens e novos formatos televisivos, o que está claro, inclusive, na apresentação que a UTV disponibiliza em seu site para o público em geral (ANEXO 4).

Porém, o que se pode observar é que, na prática, não funciona desta forma. A UTV aparece como um veículo de marketing da Instituição, mais utilizado para dar visibilidade à Universidade, que parece estar mais preocupada em mostrar à sociedade o que a Instituição produz. Mas a própria TV universitária não produz nada novo; limita-se a reproduzir o que já vem sendo feito exaustivamente pela TV comercial. (COUTINHO, 2006).

Ao observar a Televisão Universitária como ambiente de aprendizagem, Coutinho (2006) concluiu que as duas universidades do Rio de Janeiro observadas por ele “estão longe de desenvolverem dentro de suas concepções de TV universitária um ambiente de aprendizagem capaz de comportar um laboratório de pesquisa de novos

formatos e linguagens para a televisão brasileira”. Ao longo da pesquisa, ele não encontrou, por exemplo, nada relacionado ao universo infantil ou que preparasse futuros profissionais de TV ou futuros telespectadores. Além disso, as referências televisivas de quem atua na TV Universitária são as de sua prática profissional, ou seja, as TVs educativas ou comerciais em que trabalharam. E os estudantes têm como referência as emissoras a que assistem, ou seja, as comerciais. Portanto, quem faz a UTV são pessoas que, em sua maioria, fizeram, fazem ou consomem as TVs comerciais.

As Instituições de Ensino ligadas à UTV têm autonomia para fazer sua própria programação e decidir seu conteúdo. Porém, essa programação precisa estar de acordo com as sete faixas temáticas da programação da emissora e que apresentamos abaixo.

Faixas temáticas	Conteúdo
IDEIAS	Programas de debates
DOIS MIL	Tecnologia de Ponta, Avanços Científicos
OFICINA	Furo de Reportagens, ensaios de estudantes
MOVIMENTO	Arte, Música, Literatura, Teatro, Cinema
OLHAR	Visão da Universidade
FORA DE SÉRIE	Programas com Temas Especiais
VIVER	Ecologia, Saúde e Meio Ambiente

Como cada instituição tem uma visão diferente sobre cidadania, por exemplo, a UTV apresentaria várias visões sobre o tema. Dias (2002, p.1) destaca o conhecimento, a crítica e a reflexão como aspectos fundamentais para formar um cidadão:

A relação transformadora entre a universidade e a sociedade depende da natureza do conhecimento que se produz e como é disponibilizado e democratizado. Nesse sentido, podemos situar o canal universitário como meio difusor desse conhecimento. Podemos afirmar, portanto, que reconhecendo a necessidade da universidade em se mostrar, em se desvelar e provocar o crescimento cognitivo e cultural, a reflexão, o pensamento crítico, o canal universitário, no sentido amplo da sua atividade, é instrumento amplo de sua cidadania. (DIAS, 2002, p.1)

Concordamos com Dias, mas reconhecemos que existe uma lacuna entre o que se apresenta na teoria e o que se verifica na prática. Picinnin (1998), por exemplo, acredita que as TVs Universitárias são o espaço propício para o aparecimento de

propostas eficazes e alternativas de se fazer televisão. Essas propostas seriam, para a autora, sérias e inovadoras, “comprometidas com o desenvolvimento do espírito crítico e de reflexão de nossos telespectadores, e não subjugada ao pacto medíocre de ‘tudo em nome da audiência’ como as TVs comerciais”. É certo que as afirmações de Dias estão de acordo com o que prega o estatuto da UTV. É certo também que não se verifica essa inovação e sim que as TVs universitárias estão reproduzindo o que existe na comercial.

Priolli (2004) faz uma crítica sobre as TVs universitárias. Ele parte do princípio de que seu conteúdo é generalista e direcionado a um público de nível fundamental ou médio. Por isso, o autor acredita que não há diferença entre TVs universitárias e educativas, principalmente quando se observa o conceito da TV universitária que, para ele, é quase um senso comum. Priolli diz que a TV universitária se apresenta de três formas distintas: a primeira seria a de uma televisão laboratorial, produzida por estudantes orientados por professores com o objetivo de capacitar os alunos para o mercado de trabalho.

O segundo modelo seria o de uma televisão com programação voltada para estudantes, independente de seu conteúdo ser produzido por alunos ou profissionais. E um terceiro modelo seria a união do trabalho do estudante, do professor e dos funcionários para o desenvolvimento de uma Televisão estritamente educativa, com conteúdo formativo e informativo, deixando de lado o entretenimento.

Priolli (idem) reforça que estas três concepções são impróprias e que elas “são redutoras e empobrecem o significado possível da Televisão Universitária”.

Por que limitá-la ao universo estudantil? Por que obrigá-la apenas à função laboratorial? Por que entender a sua missão educativa em sentido tão estreito, eliminando toda a dimensão do entretenimento, que, além de ser um dos fundamentos do meio televisivo, é tão presente no universo acadêmico quanto em qualquer outro, e se expressa num teatro, numa música, num esporte universitários?

Consideramos os questionamentos válidos, porém, não vemos a TV Universitária como um veículo que exclui o entretenimento porque, como observamos no Capítulo II, os gêneros e formatos existentes na televisão não podem ser vistos como se estivessem em depósitos isolados. Há, na programação da UTV, programas culturais que são também de entretenimento; programas de música que são considerados também de entretenimento; ensaios de estudantes com entretenimento, etc. Não consideramos, portanto, programas de entretenimento como aqueles que apenas se dispõem a isso, ou

seja, que não tenham compromisso com um conteúdo mais educativo, formativo, como os programas considerados de besteiro. O entretenimento, portanto, apresenta conteúdos e formatos diversos.

Acreditamos que esse tipo de programa não seja adequado à proposta de uma televisão Universitária. Não que queiramos que ela seja de um conservadorismo latente. Pelo contrário. Vemos a TV Universitária como um espaço democrático capaz de unir ciência, arte, cultura em forma de entretenimento com linguagens, inclusive, ainda a se descobrir. Portanto, consideramos que a programação da TV Universitária atual é diversificada e com conteúdo (educativo ou não) atrelado ao entretenimento.

Diante de todas as indagações levantadas por Priolli, o autor define a Televisão Universitária como

(...) aquela produzida no âmbito das IES ou por sua orientação, em qualquer sistema técnico ou em qualquer canal de difusão, independente da natureza de sua propriedade. Uma televisão feita com a participação de estudantes, professores e funcionários; com programação eclética e diversificada, sem restrições ao entretenimento, salvo aquelas impostas pela qualidade estética e a boa ética. Uma televisão voltada para todo o público interessado em cultura, informação e vida universitária, no qual prioritariamente se inclui, é certo, o próprio público acadêmico e aquele que gravita no seu entorno: familiares, fornecedores, vestibulandos, gestores públicos da educação etc. (PRIOLLI, 2004, p.4)

Assim como Priolli, reconhecemos a importância de se conceituar a TV Universitária como fundamental para orientar a programação que ela deve oferecer ao público e, ainda como Priolli, que as “IES que produzem televisão atualmente fazem-no sem enfrentar o debate conceitual, e têm pouca clareza sobre a natureza e a finalidade do que oferecem ao público”.

Carvalho (2006) atribui à falta de unidade no conceito da televisão Universitária à dificuldade de construção de uma identidade para as televisões universitárias. Outra questão levantada pela autora é a da falta de conhecimento do perfil do telespectador da TV Universitária. Se o público-alvo é um ilustre desconhecido, como direcionar a ele o conteúdo, a forma e a linguagem dos programas? Na pesquisa realizada por Carvalho sobre os Modos de endereçamento e a formação do telespectador da TV Universitária, constatou-se que os produtores dos programas idealizam públicos diferentes. Pessoas que fazem um mesmo programa vêem o público de formas distintas. Enquanto uns acreditam produzir para um público seletivo, outros imaginam o oposto:

Um idealiza um público inteligente que procura uma televisão inovadora, outro declara que quem assiste mesmo são os jovens que estão querendo entrar para a universidade, ou ainda que se fazem os programas para os colegas, gente que se identifica com a gente ou ainda que quem assiste mesmo são os mais velhos. Cada um está olhando para um público diferente, dificultando o endereçamento de uma programação que deve ter uma linguagem específica, deve atender a gostos e costumes específicos para atingir determinado público. (idem, 2006, p.84)

Na mesma pesquisa, Carvalho concluiu que, no que diz respeito à qualidade da programação, os programas “podem e devem conter muita informação, mas uma informação de qualidade, que amplie os conhecimentos e que propicie uma participação maior do indivíduo com a sociedade, com o mundo do trabalho e com a natureza” (idem).

Independente do público da TV Universitária e diante de tudo o que vimos, pode-se deduzir que a vocação da UTV é a produção de Jornalismo Educativo. Para Pena (2002, p.45), “a defesa da pluralidade é fundamental para a disseminação das discussões sobre a cidadania na TV Universitária. E uma linguagem que se aproxime das expectativas do público do canal materializa essa pluralidade.” O autor acredita que, dessa forma, a mensagem pode ser eficaz, o que pode ampliar as discussões sobre a formação do cidadão. Isso, a nosso ver, pode ser colocado em prática com o Jornalismo Educativo.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

Palavras. São elas que tornam a comunicação possível e, conseqüentemente, especificam a espécie humana e tornam o homem diferente de máquinas e animais. Isso porque, a partir das palavras, o homem pode se exprimir, informar-se e convencer. Máquinas (referimo-nos aos computadores) e animais podem se comunicar, mas de forma limitada. Animais podem expressar sentimentos (dor, raiva etc.), máquinas não – pelo menos até o momento desta pesquisa - se bem que o homem vem tentando fazer com que robôs expressem sentimentos. Mas esses seriam, no nosso entender, classificados como a expressão e o reflexo do sentimento do próprio homem no robô. Porém, o ato de convencer é característico de nossa espécie. Para Breton (1999), “o ser humano é um ser de convicções, animado pelo desejo de convencer”.

Convencer para o homem é uma atividade complexa, multiforme. Trata-se tanto – numa acepção ampla dada a esse termo – de convencer o ambiente material a submeter-se a um projeto que se formula a seu respeito (entalhar um osso como uma ponta de flecha ou na forma de agulha para costurar os sacos indispensáveis às migrações) como de convencer outra pessoa a partilhar determinada opinião ou a adotar certo comportamento. (ibidem, p.24)

A palavra argumento apresenta diversos significados à luz de diferentes ciências. Consideramos argumento quando alguém se dirige a outra pessoa tentando convencê-la sobre alguma idéia. Para que consiga convencê-la é preciso que quem argumenta leve em consideração as crenças, as convicções e as reações do outro. A réplica força o orador a reformular seus argumentos. Para Grize (apud CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p.52), a argumentação “é uma atividade que visa a intervir sobre a opinião, a atitude, e mesmo sobre o comportamento de qualquer indivíduo”.

A argumentação é feita através de palavras comuns, usadas no nosso dia-a-dia e não por linguagem técnica. Quem argumenta tem a intenção de convencer ou persuadir o auditório. Castro (1997, p.74) lembra que “para que um locutor assegure a persuasão por seus argumentos, deve haver entre o auditório e ele a possibilidade de interpretações comuns”.

Entende-se por auditório como o conjunto daqueles aos quais nos dirigimos (como locutor) para exercer influência a partir do nosso discurso. Conhecer o auditório é fundamental para que o locutor consiga ter sua tese aceita. Discurso, por sua vez, é toda forma de fala que ocorre nas conversações ou textos escritos de todo tipo. Castro (1997, p.66) entende como discurso, “a palavra em movimento visando a produção de sentido e por auditório o conjunto de pessoas sobre as quais o locutor quer exercer influência através do seu discurso.”

Podemos dizer que as palavras são a ferramenta de trabalho dos profissionais que produzem programas de TV, sujeitos desta pesquisa. É com as palavras que eles transmitem informações e educação para o público. A partir das palavras, esses profissionais podem modificar hábitos e condutas. Ou seja, com as palavras eles podem convencer ou persuadir o público a mudar atitude ou convicção.

Muitos autores definiram a fronteira entre as palavras persuadir e convencer. Para uns, persuadir seria fazer crer. Já convencer seria fazer compreender. Para Castro (1997), “esta distinção funda-se sobre uma dicotomia entre o sujeito do conhecimento e o sujeito da crença”. Para Perelman e Oldrechts-Tyteca (2002), em seu Tratado de Argumentação e a Nova Retórica⁹², os auditórios é que determinam essa diferença, ou seja, a argumentação será persuasiva se visa o auditório especializado. Mas se visa a obter a adesão de todos aqueles que são considerados dotados de razão, a argumentação se torna convincente. Os autores acreditam que, para “quem se preocupa com resultados, persuadir é mais do que convencer (...) e para quem está preocupado com o caráter racional da adesão, convencer é mais do que persuadir” (ibidem, p.30).

Perelman e Oldrechts-Tyteca (ibidem) identificam técnicas argumentativas de dois tipos: quando se procura estabelecer uma solidariedade com o que se defende por meio de premissas já aceitas pelo auditório, têm-se argumentos de ligação. Se a intenção é exatamente o contrário - romper uma ligação entre a tese e as premissas aceitas pelo auditório - caracteriza-se uma ruptura de ligação ou argumentos de dissociação. Estas técnicas podem ser usadas juntas ou separadas ou se complementarem. A argumentação

⁹² A arte da retórica se desenvolve com os sofistas na Grécia Antiga e propõe técnicas de discurso, exercícios de persuasão, captação da adesão do auditório. Já a Nova Retórica tem, como ponto de partida, como na retórica, a distinção estabelecida por Aristóteles entre raciocínio analítico, ou seja, a relação da verdade e da lógica, e o raciocínio dialético - que parte de premissas constituídas pelas opiniões geralmente aceitas e simplesmente verossímeis, visando deduzir e provocar outras teses. “É essa dialética que Perelman pretende prolongar e renovar, procurando, como Aristóteles o fizera, regras equivalentes, nesse domínio, às regras válidas para o raciocínio analítico” (BRETON; GHAUTIER, 2001, p.51)

por dissociação se caracteriza por substituir um valor aceito por outro conceito que seja mais conveniente para o locutor no ato de promover sua tese.

É possível identificar três tipos de associação ou de dissociação: o das argumentações classificadas por Perelman como argumentos quase-lógicos; os baseados na estrutura do real; e os que fundamentam a estrutura do real (RIZZINI; CASTRO; SARTOR, 1999, p.107).

O que caracteriza a argumentação quase-lógica é “seu caráter não formal e o esforço mental de que necessita sua redução ao formal” (PERELMAN, 2002, p.220). Incluem-se, nesse grupo, os argumentos de:

- Justiça – todo ser de uma mesma categoria deve ter o mesmo tratamento.
- Reciprocidade - situações correlatas devem ser tratadas da mesma forma.
- Transitividade – se há relação entre A e B e entre B e C, logo, há relação entre A e C.
- Inclusão parte no todo – “o que vale para o todo, vale para suas partes”.
- Divisão do todo em partes – o todo como a soma das partes fundamenta argumentos de divisão.
- Comparação – compara realidades e características entre si

Incluem-se aí também os argumentos que se utilizam das ligações usuais da lógica formal, tal como a definição, a implicação, a tautologia, entre outros.

Já os argumentos baseados na estrutura do real dependem de relações entre os elementos da realidade que podem ser vistos como associações de sucessão (relacionam fenômenos do mesmo nível, como causa e efeito, fato e consequência, meio e fim) ou associações de coexistência (que procuram traçar relação entre o caráter de uma pessoa e seus atos).

Os argumentos que fundamentam a estrutura do real são aqueles que surgem a partir da análise de um caso específico, para criar uma generalização.

Em uma pesquisa, as palavras devem ser vistas dentro de um contexto. Palavras isoladas podem ir ao sabor do vento. Palavras dentro de um contexto podem dizer mais do que elas próprias supunham dizer. Por isso, acreditamos que os argumentos e suas nuances devem ser analisadas a partir da análise do discurso.

A Análise do Discurso, em linhas gerais, “refere-se à intenção de estudar a organização da linguagem além da oração ou da frase e, por conseguinte, de estudar

unidades lingüísticas maiores, como a conversação ou texto escrito” (IÑIGUEZ, 2005, p. 198). A Análise do Discurso tem relação direta com o uso feito da linguagem dentro de determinados contextos sociais e a partir da interação entre sujeitos e o diálogo entre eles. Bakhtin (1978) defende o fato de que a linguagem vai além de sua dimensão comunicativa, pois considera que os sujeitos constituem-se por meio das interações sociais.

3.1 – Modelo de Estratégia Argumentativa (MEA)

Para analisar o discurso dos jornalistas, profissionais de TV e estudantes que produzem programas para a UTV, fundamentamos nossa investigação no Modelo de Estratégia Argumentativa (MEA) (CASTRO; FRANT, 2000) – um modelo alternativo de análise do discurso baseado na Teoria da Argumentação (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2002).

De acordo com a Nova Retórica, um discurso pode ter poder persuasivo e pode ou não obter a adesão do outro a partir de estratégias argumentativas. Seu foco é a busca de estratégias de convencimento por argumentos. Esse tipo de análise está baseado em um trabalho de reconstrução de argumentos a partir da relação do *como se diz* com o *quê* e o *porquê se diz*. Levando em consideração que as pessoas não podem dizer livremente o que quiserem por causa de regras sociais, o contexto é muito importante para se entender a intenção do outro.

O contexto de enunciação é fundamental para se ter acesso aos acordos sobre os quais a argumentação se baseia. A linguagem cotidiana é regulada por regras, regras de uso, oriundas de consensos nas práticas sociais, que devem ser explicitadas pela análise de discurso. Não se trata apenas de conhecer o contexto em que sujeito se expressa, mas a complexidade de elementos motivadores dessa expressão, ou ainda, a atividade em que está engajado. (CASTRO; FRANT, no prelo, p.46)

Para Rizzini, Castro e Sartor (1999, p. 110), esse modelo é eficaz quando se deseja encontrar “o perfil de grupos específicos em relação a diversos objetos sociais e quando se quer indicadores a respeito de valores e crenças de determinados grupos sociais, ou seja, quando buscamos a compreensão dos modos de vida e visões de mundo de grupos específicos.” Os autores acreditam que

(...) quando alguém fala ou escreve, o faz para um outro ou outros com um objetivo determinado (...) Um discurso é preparado pelo seu autor com uma intenção, mesmo que esta não seja totalmente clara para ele. A

análise buscará explicar a quem o falante está se dirigindo, o que ele diz e qual sua intenção. (idem, p. 100)

O Modelo de Estratégia Argumentativa destaca os argumentos dos interlocutores, buscando a intenção do locutor junto ao auditório a partir da análise dos acordos sobre os quais sua argumentação se baseia e dos tipos de argumento. O contexto de enunciação deve necessariamente ser levado em conta.

Os depoentes que participaram desta pesquisa foram entrevistados em seus locais de trabalho e, ao serem entrevistados, imaginaram com quem estavam falando (quem era o pesquisador? Como ele pensa? Quais as opiniões dele sobre o assunto?) e refletiram sobre como ele poderia reagir diante de suas respostas. A partir daí, tentaram direcionar o raciocínio do pesquisador. Isso porque, como sugere Perelman e Olbrechts-Tyteca (op.cit), quem argumenta está dirigindo seu discurso a alguém com alguma intenção.

O MEA foi escolhido como modelo de análise do discurso porque nosso material se constitui basicamente de falas e que pretendemos buscar o sentido produzido pelos sujeitos através da análise dos argumentos utilizados por eles ao defender suas escolhas. Nosso objetivo é, através do MEA, buscar na atividade do sujeito o sentido do que ele diz.

Para apresentar resumidamente o discurso de outrem, utilizando-se do MEA, sugere-se a produção de esquemas. Num esquema argumentativo, os implícitos devem ser apontados quando forem relevantes. É oportuno frisar que um esquema do discurso do locutor é uma hipótese dentre outras possíveis, ou seja, não é possível esgotar todos os aspectos em jogo em um discurso ou alcançar a sua totalidade. Privilegia-se sempre um ponto de vista determinado pelos objetivos da pesquisa.

O silêncio deve ser considerado, assim como lugares comuns e frases feitas, disjunção de tempo, de pessoa e de lugar que podem ter importância fundamental no discurso. Devem-se observar, também, a recorrência, as mudanças de estilo, os lapsos, a falha lógica, as pausas e as figuras de linguagem (metáforas, metonímias, paradoxo, sínecdoque, hipérbole, ilogismo, etc.).

É importante verificar, ainda, os pontos divergentes e em comum entre os depoentes e lembrar sempre que o processo discursivo mostra e oculta o tempo todo, muitas vezes de forma dialógica, ou seja, mostra para ocultar e oculta para mostrar. Em outras palavras, pode-se dizer que é possível analisar, no discurso dos depoentes, o que

se quer ou não dizer, o que se pode ou não dizer e ainda o que se diz mesmo quando não se fala (CASTRO, 1997).

Castro (idem, p.81) lembra que “quanto mais geral é um enunciado, mais ele é passível de adesão por parte de um auditório amplo”.

Durante a análise argumentativa, extraímos o sentido da fala a partir dos seguintes passos:

1. Leitura exaustiva das transcrições das entrevistas. Esta sequência de leituras é importante para nos familiarizarmos com a fala do entrevistado. É a adequação das perguntas às respostas, para saber se o entrevistado realmente falou sobre o que foi perguntado; é o início da interpretação da estratégia argumentativa desse interlocutor.
2. Marcação, no texto, do que foi mais significativo para que esses elementos nos ajudassem a construir um esboço. Ao mesmo tempo, buscamos identificar as respostas dadas a cada pergunta sobre o objeto da pesquisa, aplicando a regra de inferência⁹³. Com isso, identificamos as teses dos depoentes e formulamos os enunciados.
3. Retorno à transcrição da entrevista. O objetivo desse processo foi construir os enunciados. Com isso, observamos se a transcrição sustenta o enunciado. Quando isso não acontecia, voltávamos à transcrição, revendo, inclusive, as marcações feitas. Neste caso, foram construídos novos enunciados que também foram submetidos à transcrição da entrevista. Esse momento se caracterizou como um processo de síntese, reduzindo-se a um único enunciado o que foi dito pelo depoente, o que sempre se apresenta como uma afirmativa. Para Rizzini, Castro e Sartor (1999, p. 106), “devemos explicar como é que a intenção do discurso determina as escolhas do locutor.
4. Busca dos argumentos. Nesta etapa, fizemos a relação das teses com as premissas que o interlocutor usou para defendê-las. A partir daí, concluímos o que os depoentes quiseram dizer implícita ou explicitamente e recriamos o contexto da enunciação para avaliar e caracterizar cada argumento.

⁹³ Essa regra é a forma pela qual “as informações são ligadas umas às outras pelo locutor (...). São elas que permitem ao interlocutor compreender ‘aonde o locutor quer chegar’” (Rizzini, Castro&Sartor, 1999, p. 106)

5. Construção do esquema relativo aos discursos dos entrevistados. Esse esquema, que evidencia o sentido do discurso, auxiliou no processo de análise argumentativa. Fazer um esquema é como dizer o que o outro disse, dando a idéia de todo o jogo interpretativo caracterizado por um diálogo, a partir de um texto escrito (a transcrição da entrevista).
6. Processo da validação a partir da entrevista. A finalidade desta etapa é buscar evidências para a validação do esquema.
7. Apresentação dos resultados para o leitor de forma clara e minuciosamente detalhada para que fosse da compreensão de todos.

Pode-se dizer que as sete etapas do referido processo caracterizaram-se por três momentos: interpretar, submeter à interpretação da entrevista e, por fim, apresentar os resultados.

3.2 Ferramentas

Para saber que conhecimentos os profissionais que trabalham com formação de novos jornalistas e os estudantes envolvidos na produção de programas da UTV têm de Jornalismo Educativo e de que forma difundem esse conhecimento, realizamos pesquisa qualitativa. Essa escolha se deve ao fato de esta compreender diferentes técnicas interpretativas e, através dela, ser possível obter dados descritivos a partir do contato do pesquisador com o seu objeto de estudo. Dessa forma, o pesquisador é capaz de entender esse objeto a partir do olhar dos participantes, da perspectiva deles sobre o objeto estudado (ALVES-MAZZOTTI, 1999, p. 160).

Para iniciar a pesquisa, elaboramos perguntas de forma a guiar as entrevistas e produzir material que fosse comparável. Foram elas:

- 1- O que você entende por Jornalismo?
- 2- Qual a função do jornalista?
- 3- O que você achava de jornalismo antes de entrar para o curso e agora que atua?
- 4- Você sabe o que é Jornalismo Educativo?
- 5- É possível encontrar Jornalismo Educativo na UTV?

Realizamos entrevistas individuais semi-estruturadas com os responsáveis pelos programas jornalísticos, com profissionais de comunicação que atuam na UTV e com estudantes envolvidos na produção dos programas. Observamos que estes

estudantes normalmente são de cursos de jornalismo. Porém, encontramos estudantes de Cinema, de Relações Públicas e de História estagiando na produção dos programas.

A formação da equipe de produção de um programa da UTV varia de uma instituição para outra. Normalmente há um jornalista responsável pelo programa (editor geral) e um produtor (profissional registrado responsável pelas atividades relacionadas à produção, como marcações de entrevistas, aluguel de carro, marcar horário para montagem de cenário etc.). O trabalho de reportagem normalmente é feito pelos estudantes de jornalismo. Mas algumas instituições contratam profissionais para este fim. Neste caso, os estudantes de jornalismo fazem estágio apenas na produção e não na reportagem. O número de entrevistas em cada universidade foi relacionado diretamente ao número de pessoas envolvidas em cada produção.

Caracteriza-se como entrevista semi-estruturada aquela que é feita a partir de poucas perguntas pré-determinadas. Em seguida, vão surgindo novas perguntas ao longo da entrevista, relacionadas ao que o depoente vai dizendo. Ou seja, foram elaboradas poucas perguntas e, a partir da conversa com os depoentes, outras questões foram levantadas.

Quanto à validação da pesquisa, refletimos sobre alguns aspectos levantados por Lincoln e Guba (1985 apud ALVES-MAZZOTTI, 1999, p.171-172), como:

- a) Credibilidade (validade interna) - Os resultados e interpretações feitas pelo pesquisador são plausíveis para os sujeitos envolvidos?
- b) Transferibilidade⁹⁴ (validade externa) - Os resultados do estudo podem ser transferidos para outros contextos ou para o mesmo contexto em outras épocas?
- c) Consistência⁹⁵ (validade de constructo) – os resultados estabelecidos têm estabilidade no tempo?
- d) Confirmabilidade (confiabilidade) – Os resultados obtidos são confirmáveis?

A Triangulação, feita por meio do cruzamento dos dados obtidos na entrevista com aqueles obtidos por documentos, observação ou outros dados, também foi realizada nesta pesquisa.

⁹⁴ Esse item não se encaixa a nossa pesquisa porque reconhecemos a limitação e a delimitação de nosso tema.

⁹⁵ Este item é desejável em pesquisas. Mas não é nossa intenção, já que esta pesquisa apontará indicadores e não generalizações. Isso porque cada TV tem sua particularidade, embora alguns aspectos possam ser generalizados.

Analisando o discurso de quem faz a programação de uma emissora Universitária, mais especificamente a UTV do Rio de Janeiro, acreditamos ser possível observar como é feito o Jornalismo Educativo e quanto o termo é conhecido e difundido por profissionais da área da Comunicação Social.

Assim como Neder (2001, p.93), não consideramos que as novas tecnologias tenham o poder de mudar nossa realidade social. Mas acreditamos que ela possa contribuir e muito para a construção do conhecimento e, conseqüentemente, para mudanças da realidade.

3.3 – Campo

O campo desta pesquisa foi a TV Universitária do Rio de Janeiro (UTV) por ela incorporar profissionais de comunicação atuando na área de formação profissional e estudantes de jornalismo - ambos atuando em programas que, teoricamente, deveriam ter preocupação quanto ao conteúdo, já que se trata de uma Televisão universitária.

A UTV tem como parceiras 12 (doze) Instituições de Ensino e de Pesquisa dentre públicas e particulares. Elas são responsáveis pela produção dos 39 programas da grade de programação da emissora.

Ao observar os programas produzidos por essas instituições, optamos por selecionar algumas delas. O primeiro critério utilizado para a seleção foi a quantidade de programas produzidos pelas instituições, o que, por sua vez, se reflete no número de profissionais e estudantes envolvidos na produção dos mesmos. O segundo critério foi o número de programas com linguagem jornalística, já que nosso objetivo era verificar que tipo de jornalismo estava sendo produzido ali.

Observamos que a grade de programação se apresenta da seguinte maneira:

Instituições	Nº. de programas	Instituições	Nº. de programas
TV1	9	TV7	2
TV2	5	TV8	2
TV3	4	TV9	2
TV4	3	TV10	1
TV5	3	TV11	1

TV6	3	TV12	4
		Total de pgms	39

Constatamos que a TV12, apesar de ter 4 (quatro) programas na grade, produz apenas um. Os outros são produções antigas que estão sendo reprisadas e não há planos para voltarem a produzi-los. Por este motivo, não consideramos a TV12 uma TV com quatro produções e sim com apenas uma. Portanto, dentre as doze instituições produtoras de programas, quatro se destacam pelo maior número de produções. Levamos em consideração também o número de programas jornalísticos produzidos, o que coincide com as mesmas em destaque no item imediatamente anterior. Juntas, essas instituições produzem 21 programas da grade da TV Universitária do Rio em um universo de 39 programas produzidos⁹⁶.

Dessa forma, optamos por fazer pesquisa de campo nessas quatro universidades. Consideramos que, juntas, elas se caracterizam como representativas em relação ao que vem sendo produzido para veiculação na UTV, já que mais da metade dessa programação é feita pelas quatro instituições citadas anteriormente. Porém, ao entrarmos em contato com as instituições, não foram autorizadas as pesquisas na TV4, apesar de inúmeras tentativas até o final da pesquisa de campo. Dessa forma, não foi possível realizar a pesquisa naquela instituição.

Portanto, nosso campo ficou delimitado em três instituições de ensino produtoras de programas para a UTV – duas de ensino particular e uma pública. A maioria dos programas apresenta linguagem jornalística e eles, juntos, representam mais da metade da programação da UTV. Devemos lembrar que, apesar desta pesquisa ser qualitativa, ou seja, o que importa são os processos e não a quantidade, acreditamos que o número de instituições observadas foi um critério importante para contemplar nosso objetivo.

3.4 Sujeitos da Pesquisa

Nosso instrumento de pesquisa para a coleta de dados foi a entrevista semi-estruturada com responsáveis pelos programas e estudantes que fazem estágio nesses

⁹⁶ Esses números se referem a novembro de 2007.

programas. Acreditávamos inicialmente que esses estudantes eram, em sua totalidade, do curso de jornalismo. Porém, encontramos estudantes de Cinema, de Relações Públicas e de História atuando nos programas da UTV.

As entrevistas foram realizadas dentro das TVs Universitárias para que os depoentes não se sentissem constrangidos. Preferimos apenas mantê-los fora da sala de trabalho por conter movimento constante e grandes interrupções. Mesmo assim, em alguns casos, não foi possível evitar as interrupções devido às atividades do dia. Fomos entrevistando os depoentes separadamente, para que as respostas não fossem “contaminadas”, ou seja, influenciadas pelo discurso do outro. E todos autorizaram a gravação do áudio das entrevistas para que pudéssemos fazer a análise a partir das transcrições.

Durante os meses de entrevista, foram coletados 26 depoimentos, a saber:

Instituições	Número de entrevistas
TV1	08
TV2	08
TV3	10
Total	26

Inicialmente, fizemos contato com as três instituições por e-mail. Enviamos uma carta solicitando autorização para realização das entrevistas. Logo que foi autorizada, entramos em contato telefônico para agendar a visita. Nesse contato, e também no próprio e-mail, especificamos que gostaríamos de ouvir as pessoas envolvidas na produção e realização de conteúdo dos programas e sugerimos que fossem as pessoas que participam das reuniões de pauta e dos repórteres.

Na TV1, que também é de uma IES particular, constatamos que 27 pessoas atuam na produção dos programas. Cinco são professores, que coordenam os outros 22, que são estagiários. Estes atuam como cinegrafistas, editores de imagem, produtores, repórteres e apresentadores.

Os programas da TV1 são:

- Antena Coletiva - revista eletrônica o que é notícia na universidade 1 e na cidade do Rio de Janeiro.

- Pilotis - Série temática que busca refletir assuntos de interesse nacional.
- 2 Artes - As mais diferentes manifestações culturais são retratadas neste programa.
- Contraponto – Debate semanal sobre um assunto que foi notícia na semana.

Entrevistamos dois professores – os que efetivamente participam e aprovam conteúdo – e sete estagiários, todos também relacionados à produção de pauta, apresentação e reportagem. Excluímos, portanto, os estagiários de edição de imagem e os cinegrafistas, que não participam de elaboração de pauta da TV1.

Na TV2, que é de uma IES pública, encontramos aproximadamente 20 pessoas atuando na TV. Eles produzem cinco programas:

Andante - Programa semanal de entrevistas sobre música popular brasileira

Galeria – programa mensal de arte com linguagem de documentário.

Cenas de Cinema – programa sobre cinema

Campus – programa semanal de variedades de 24 minutos.

Olhar cidadão – Programa semanal que discute temas relacionados ao exercício da cidadania e às políticas públicas implementadas pelos governos.

Das vinte pessoas envolvidas nos programas, apenas três são estagiárias: uma era estudante de Jornalismo, o segundo de História e o terceiro de Relações Públicas. Todos os outros são profissionais contratados (por concurso ou CLT). Os estagiários atuam na apuração e na marcação de entrevistas, mas não exercem funções de repórter ou apresentador. Todo o trabalho é feito por equipe profissional. Eventualmente os estagiários acompanham a externa.

Entrevistamos oito pessoas que atuam na TV2. Porém, uma delas descartamos por ser estrangeira, estudante de Jornalismo de nacionalidade angolana. Consideramos que a realidade da depoente é diferente da que encontramos no Brasil. Além disso, o forte sotaque dificultou a transcrição da entrevista. Portanto, sete depoimentos foram considerados para a análise.

Na TV3, que é de uma instituição particular, constatamos que mais de 20 pessoas atuam na produção dos programas. E ainda existem os que eles chamam de colaboradores – estudantes que se oferecem para fazer alguma reportagem a título de experiência, mas sem nenhum vínculo ou compromisso com o Centro de TV.

A TV3 produz nove programas:

- 1- Bits&bites- Programas quinzenais sobre novas tecnologias e informática.
- 2- Na Boca do Povo - Programas quinzenais de variedades com temas atuais. Bate-papo com convidados que respondem às perguntas sobre os mais variados temas.
- 3- Interferência - programa debate assuntos atuais. Programas quinzenais
- 4- Qual é a sua? - programa sobre profissões que aborda o perfil de cada atividade, áreas de atuação e mercado de trabalho. Programas quinzenais
- 5- Quebra-cabeça - é um telejornal com dicas culturais e matérias jornalísticas que tratam de assuntos pertinentes à atualidade e ao mundo universitário. Programas quinzenais
- 6- Curta-x – um programa que mostra sempre um curta-metragem produzido por alunos do curso de Cinema e entrevista diretores e produtores dos filmes, dando visibilidade ao trabalho cinematográfico dos alunos. Programas mensais
- 7- x.doc – apresenta as produções experimentais da TV Estácio, como reality shows, especiais de curtas-metragens da Universidade, e programas-piloto com linguagens inovadoras. Programas mensais
- 8- x Ativa - apresenta matérias jornalísticas sobre a cidade de Niterói. Programas quinzenais
- 9- Eco x– sob ecologia e sustentabilidade

A produção desses programas é coordenada por profissionais. Porém, esses profissionais são, na maioria, ex-alunos já formados. Há também os estudantes que foram contratados para atuar na produção, o que não caracteriza um estágio. Apesar de a maioria ser diplomada, suas experiências profissionais são limitadas. Muitos deles não exerceram nenhuma atividade em TV sem ser na própria TV3. Alguns fazem reportagens e assinam como “formado em jornalismo”, algo que achamos curioso. Afinal, já que se trata de repórter profissional, por que anunciar que é formado? Bastava

creditar⁹⁷ o nome do/a repórter e a função logo abaixo – no caso, apenas a palavra repórter. Esses funcionários atuam na produção, na apresentação e nas reportagens. Profissionais técnicos são responsáveis por edição e gravação. Os alunos de comunicação aparecem com mais destaque na função de colaboradores, ou seja, sem vínculo com o Centro de Produção de TV, mas esporadicamente atuam para desenvolver uma atividade e obter alguma experiência em vídeo.

A intenção das perguntas que elaboramos para as entrevistas que serviram de base para a nossa análise era constatar qual a concepção que os profissionais responsáveis pela formação de novos jornalistas têm de Jornalismo; até que ponto eles concebem o Jornalismo Educativo; se o Jornalismo Educativo aparece nas suas práticas para saber de que forma ou se os futuros jornalistas estão sendo preparados para produzir Jornalismo Educativo; qual a concepção que os jornalistas e futuros jornalistas têm da função educativa do jornalismo e se existe, na prática, uma preparação para a realização de um Jornalismo Educativo no Brasil (mesmo que não seja adotada essa nomenclatura).

Apesar de não fazer parte da pesquisa o motivo que levou os depoentes a escolher a profissão de jornalistas, a pergunta foi importante porque as respostas se mostraram diretamente associadas às formas de se conceber a profissão.

As perguntas foram respondidas pelos depoentes no período de novembro de 2007 a abril de 2008. Ao iniciar a análise, optamos por confrontar as transcrições dos depoentes de uma mesma TV por constataremos que eles apresentavam visões diferentes do próprio trabalho. A forma que vêem a profissão também é bem particular. Iniciamos todas as entrevistas com perguntas sobre a trajetória profissional. Nossa intenção era verificar qual a experiência profissional do entrevistado e comparar as atividades que já exerceu com o que ele efetivamente produz para a UTV.

Os esquemas criados com base no Modelo de Estratégia Argumentativa, construídos ao longo da análise, surgiram a partir das falas dos sujeitos. Os esquemas foram utilizados para evidenciar acordos e argumentos utilizados com a finalidade de persuadir, assim como dar coerência ao discurso.

Carvalho (op.cit) afirma que a finalidade da UTV é “coerente com o conceito de formação do telespectador e está completamente afinada com a proposta do manifesto

⁹⁷ Creditar é identificar o repórter, o apresentador ou um entrevistado e ainda a equipe que trabalha na produção do programa (PATERNOSTRO, 1999). O crédito aponta também a função que a pessoa ocupa. Uma pessoa também pode ser creditada pela idade, pelo curso que faz ou por alguma característica que a chefia considerar relevante.

da Associação Internacional de Televisão Educativa (AITED, 1999/2000) (...)” e reforça o discurso com a frase “apoiar a educação formal e não formal” (op.cit., p.48). Pretendemos verificar, no que diz respeito à função sócio-educativa da UTV, que tipo de jornalismo está sendo produzido na emissora e se esse Jornalismo está afinado com o conceito de Jornalismo Educativo, que consideramos adequado para um veículo como a UTV, que tem como finalidade o desenvolvimento social, educativo, científico, cultural, artístico e econômico do País; e como objetivo a produção de programas educativos, informativos e culturais.

CAPÍTULO IV

RESULTADOS: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS








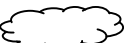






As entrevistas para esta pesquisa foram feitas individualmente. Éramos pesquisador e entrevistado. O objetivo era analisar a fala dos entrevistados, levando em consideração que as palavras ditas por uma pessoa não são meros códigos de transmissão de informação a um receptor. Nem mesmo são explícitos a todos. Falamos nas entrelinhas e falamos sem pronunciar uma única palavra ou afirmamos algo que negamos em seguida.

(...) temos necessidade de dizer algo e de poder fazer isso sem parecer ter dito, ou de dizer o que não pode ser dito, ou de poder recusar o que foi dito depois de dito. Existem temas que são proibidos e protegidos por uma espécie de lei do silêncio. Existem sentimentos, algumas atividades, alguns eventos sobre os quais não somos autorizados a falar, mas que, por algum motivo, queremos ou precisamos falar. Existem normas de conduta social determinadas pelo papel que desempenhamos em cada uma de nossas atividades, que determinam o que podemos dizer, como e quando. Além disso, na maior parte das vezes, temos mais de uma intenção quando falamos: queremos que nosso interlocutor nos compreenda, mas queremos também que ele nos ache inteligentes, que perceba o quanto somos gentis, que fale de nós com respeito, que reconheça nossa posição social etc.(CASTRO&FRANT, NO PRELO, p.17)

Com base nesse pensamento, iremos, neste capítulo, fazer a análise da fala dos depoentes a partir do Modelo de Estratégia Argumentativa. Esta análise tem como objetivo principal especificar qual a intenção do sujeito e o que determina suas escolhas. E, para compreender a fala desse sujeito, torna-se necessário buscar a coerência do discurso.

Os esquemas em forma de diagramas, resumem as falas dos depoentes, com o objetivo de ressaltar os argumentos e dar coerência ao discurso do depoente. Com isso, é possível acentuar a intenção do sujeito de persuadir.

Os ícones adotados nesta pesquisa nos esquemas são os seguintes

	SÍMBOLOS	SIGNIFICADO
Seta		É, na visão do depoente
Linha pontilhada		Pode (não necessariamente)
Retângulos		Relacionado à opinião do depoente
Círculos		Relacionado à pesquisa
Seta amarela		Logo (conclusão do raciocínio)
Seta vermelha		Teorização do Jornalismo Educativo
Sinal de negação		Não sabe, não conhece.
Nuvem		Metáforas
Quadrado tracejado		Implícito
Cor rosa		Visão do Jornalismo Educativo
Raio		Oposição
Faixa		Suposição do depoente
Explosão		Alguma Figura de Linguagem
Balão		Texto explicativo

Durante todas as visitas, as informações relevantes foram anotadas em um diário de campo, para que tais anotações nos pudessem ajudar na construção desse capítulo.

4.1 Análise das entrevistas realizadas na TV1

A Unidade 1, onde funciona a TV1 é uma universidade privada onde estudam alunos de classe alta e média alta. Para conseguir autorização para as entrevistas na TV1, entramos em contato por e-mail com a coordenadora da TV, que nos respondeu autorizando e marcando a entrevista para um dia e uma hora em que pudessemos encontrar a maioria das pessoas envolvidas no trabalho: um dia de reunião de pauta e de gravação de programa.

Ao chegarmos ao local, a coordenadora imediatamente nos identificou. Nós exercemos a função de repórter no mesmo período, mas em emissoras diferentes, e nos encontrávamos frequentemente nos locais de produção de reportagens. Este fato está sendo relatado aqui porque acreditamos que ele tenha contribuído para a tranquilidade e a facilidade de realização da pesquisa. A coordenadora, ao reconhecer a pesquisadora, abriu as portas da Instituição. A partir daí, fomos recebidas com toda atenção, sendo prontamente realizado tudo o que era solicitado. Todos que precisávamos entrevistar foram entrevistados.

A reunião de pauta de que participamos foi a do programa Contraponto. Eles realizam a reunião no hall dos elevadores porque não há local adequado para este fim no prédio onde trabalham. O local é impróprio por ter grande circulação de pessoas e muito barulho. Sete pessoas da equipe participaram da reunião. Duas professoras e cinco alunos (apenas um era do sexo feminino). Os estudantes foram incentivados a dar as sugestões de pauta. Foram apresentadas cinco sugestões de pautas: sobre violência (um panorama); uma sobre licitações; uma sobre educação (a questão da prefeitura querer premiar aluno com boas notas); uma sobre o futuro do cinema brasileiro; e a última sobre a questão do capitão Nascimento, personagem do filme Tropa de Elite estar sendo considerado um herói.

Depois de cerca de 40 minutos discutindo e os alunos não chegando a um consenso, a coordenadora sugeriu que fosse feito um programa sobre heróis. Como se constrói um herói, com exemplos verdadeiros e imaginários. Após uma votação aberta, esta foi a pauta aprovada. A coordenadora definiu, com o auxílio de todos, quais as três reportagens a serem produzidas sobre o tema. Mas nada foi aprofundado. Cada reportagem se limitou a um título e alguma informação básica, como quem entrevistar (se sociólogo, psicólogo, historiador, etc.). Também não foi levantada a necessidade ou a importância de se pensar na função educativa das reportagens.

Logo após a reunião de pauta, fizemos nossa primeira entrevista. Como a entrevistada alegou não poder ficar longe do local, pediu que fosse feita a entrevista no mesmo hall. Apesar disso, não fomos interrompidas. Voltamos à instituição outras vezes, para entrevistar estudantes que atuam em outros programas.

- **Depoente 1**

A **Chefe de Reportagem** da TV1 trabalhou nos Jornais O Globo e Estado de São Paulo. Sua única experiência em TV foi uma cobertura do carnaval pela TV Globo

como apuradora⁹⁸. Depois, migrou para Assessoria de Imprensa. Paralelamente, passou a dar aulas na universidade. Em seguida, foi convidada pela coordenadora da TV1 a assumir o cargo de chefe de reportagem da TV, cargo que vem ocupando nos últimos dois anos e meio.

Nossa presença, na condição de pesquisadoras, não pareceu ficar clara para a depoente. Acreditamos que esses fatos criaram expectativas na depoente e atribuímos isso à oportunidade de impressionar sua coordenadora, já que fomos apresentadas a ela como superior hierárquica desta.

É importante ressaltar que, no período de validação da entrevista, em que enviamos a transcrição para a depoente, ela nos retornou com o pedido para refazer a entrevista porque não a considerou com respostas claras para o nível de uma pesquisa de mestrado. Solicitamos, então, que ela utilizasse como base as perguntas da entrevista original e escrevesse como ela achava que seria adequado. Apesar de o texto estar mais claro, o fio condutor do pensamento da depoente não foi alterado, sendo suas novas intervenções coerentes com a primeira entrevista.

Na entrevista concedida originalmente, a depoente apresentou um discurso bem contraditório e com tentativas de obter a adesão da pesquisadora. Ao iniciar a entrevista, a depoente falou sobre sua carreira, revelando que não tinha experiência em TV. Devemos lembrar que, apesar de ser a mesma profissão, os jornalistas de mídias distintas trabalham com técnicas diferentes. Ela, portanto, usa como referência de TV não a sua prática no veículo, mas a programação a que ela assiste – que foi possível verificar implicitamente – que é a da Rede Globo.

Ao longo da entrevista, algumas controvérsias foram encontradas.

1. Para a depoente, os programas da TV1 não são comparáveis aos da Rede Globo, porque a TV Globo tem amarras⁹⁹. A UTV não tem essas amarras e, por isso, tem mais liberdade de abordar diversos temas. Contudo, ela fala em agradar o patrocinador da TV1, o que se caracterizaria como uma amarra.
2. Todo aluno tem dificuldade de criação, apesar de ser elite (la crème de la crème). A depoente destaca a falta de leitura como a causa da

⁹⁸ Apurador é o profissional que faz o levantamento das notícias do dia através de escuta de rádio e telefonia.

⁹⁹ A Depoente chama de amarras os interesses políticos e comerciais das emissoras de TV comerciais. A TV Universitária estaria, na opinião dela, livre dessas amarras porque não existiriam esses interesses para cercar pautas.

limitação e busca a adesão da pesquisadora, por ela também ser professora. Ela utiliza como argumento o uma falácia¹⁰⁰. Os alunos não criam, quem lê cria. Logo, os alunos não criam.

3. Faz uma oposição entre uma visão romântica do Jornalismo e uma visão realista, que é a produção de informação. Enquanto o primeiro é sonhador, acha que vai mudar o mundo, o segundo é “pé no chão” e tem “muito trabalho e pouco dinheiro”.
4. A Educação, para a depoente 1, está diretamente relacionada à postura e ao conteúdo. Ela não associa educação como função do Jornalismo. O caráter social aparece apenas como tema importante na formação do aluno, ou seja, ela quer que os alunos saibam que “o mundo não é a Universidade 1”.
5. Para a depoente, a UTV é um “mix”, ou seja, contempla duas finalidades: a de formar para o mercado e a de formar para a qualidade. Sua visão não compreende a função sócio-educativa da emissora. Ela entra em contradição ao dizer que não quer reproduzir o modelo do mercado, ou seja, ela rejeita o mercado no discurso enquanto, na prática, ela o reproduz. Pode-se inferir daí que ela educa para o mercado e não para a qualidade.
6. Tudo o que foge de notícia (hard news¹⁰¹) e da linguagem padrão de telejornalismo ela considera implicitamente de menor importância, utiliza aí o termo bobagem ao se referir a programas com conteúdo menor. A UTV, por sua vez, pode produzir bobagens porque não tem amarras.

Em um determinado momento, a depoente disse que os alunos estavam “lesados” com a presença da pesquisadora. Diante do fato narrado anteriormente, acreditamos que esse argumento se deve a uma disjunção de pessoa, já que ela é quem parecia estar mais incomodada, apesar de ter sido solícita.

O esquema abaixo resume os principais elementos da fala da depoente, colocando em destaque os argumentos que utiliza na defesa de seus pontos de vista. Observe que, na visão da depoente, Jornalismo tem a função de informar e é real e não

¹⁰⁰ Um argumento é falacioso quando parece que as razões (premissas) sustentam a conclusão, mas na realidade não sustentam. (DOWNES, 1996)

¹⁰¹ Hard News são as notícias quentes, ou seja, as de maior relevância. Contrário de Soft News. (PATERNOSTRO, p.144)

romântico, como na visão da mãe da depoente, que acredita que o jornalismo pode mudar o mundo. A TV Globo aparece em seu discurso como referência de telejornalismo, o que está relacionado diretamente ao mercado, sem muito espaço para temas abertos, ou seja, mais criativos, menos comerciais. É esse modelo que a depoente diz que os alunos reproduzem porque querem entrar no mercado de trabalho e fazer como quem está lá. Por isso, não há espaço para criação. Além disso, os alunos, segundo a depoente, não lêem. Portanto, não teriam capacidade de criar. Mas a própria depoente classifica as reportagens mais lúdicas como bobagens, o que reforça a falta de criação e de incentivo por parte da depoente. A depoente não sabe o que vem a ser Jornalismo Educativo.

A depoente 1 atribui a escolha da profissão ao fato de a mãe ser jornalista também. Ela vê jornalismo como direto e objetivo, centrado na informação, sendo utopia a responsabilidade social do jornalismo e a capacidade que ele

tem de promover mudanças a partir da reflexão das pessoas. Ela acredita que esse tipo de pensamento é romântico. E diz que a mãe era romântica, ela não.

“... e nunca tive uma visão romântica. Porque eu vivia isso em casa... Ooooh! Vou transformar o mundo. Ooooh! Cadê a força da informação e com as minhas matérias eu vou mostrar o sistema de saúde do País. Eu nunca tive isso. Eu sempre fui muito pé no chão.”

A imagem “pé no chão” é evocada para fazer oposição à visão romântica, o romântico voa em seus pensamentos, está distante da realidade. A depoente evoca para si a condição de realista.

A depoente, implicitamente, considera notícia como aquela apresentada como *hard news*. Tudo o que não tem esse formato ela chama de *bobaginha*. A reflexão, para a depoente, é atribuída aos entrevistados que falam na reportagem. Como eles estão numa universidade, a reflexão é feita pelos acadêmicos entrevistados, que têm, segundo ela, “reflexão como parte obrigatória do seu dia-a-dia”. Para ela, portanto, o telespectador não faz, na maioria das vezes, nenhuma reflexão.

Entrevistada: (...)Na medida em que você faz refletir sobre o que você está fazendo, depois com a responsabilidade com que está fazendo, isso a gente aproveita o máximo que pode o material humano melhor está aqui. Se eu quiser, eu não saio do campus. Eu saio às vezes, assim, eu vou te dizer por... o chato aqui das pessoas da academia... Que não falam, que são enjoados, assim, não precisaria, mas porque são umas áreas delicadas que não falam, que ficam meio... Enfim, ser humano, né, mas essas vaidades... Mas o material humano que tenho aqui, eu posso utilizar o material de pessoas que tenham reflexão como parte obrigatória do seu dia-a-dia. Acho que isso faz uma diferença.

Diante de tantos programas e de matérias, a citada por ela foi uma de puro entretenimento, sem conteúdo, apesar de apresentar um formato diferente daqueles do mercado. A forma com que ela classifica as categorias dos programas coloca *hard news* e *soft news* em lados opostos. *Hard News* aparecem diretamente relacionadas à notícia. Já os programas que trabalham mais o “lúdico” são mais difíceis para os alunos porque eles não lêem. Ela acredita que, para trabalhar com o lúdico, é preciso ser criativo.

Sobre como os estudantes estão sendo preparados, os novos jornalistas, a depoente apresenta idéias dicotômicas: ao apresentar um discurso que trata a UTV como espaço de criação e, ao mesmo tempo, criticar a busca dos alunos por copiar o modelo do mercado, reproduzindo o que eles vêem na TV, a depoente admite que, na prática, ela mesma reproduz esse modelo porque precisa prepará-los para o mercado de trabalho.

A gente prepara para o mercado de trabalho “sim”, né? Pra gente não...// Eu vivo dizendo que eu não quero repetir o modelo do mercado de trabalho, nem as coisas ruins do mercado de trabalho, mas “sim”. A gente prepara. O cara tem que sair daqui sabendo fazer um roteiro bom, né, saber costurar bem, saber entrevistar bem, se colocar diante da câmera. Enfim, ter que ser um pau pra toda obra em termos de TV, né. Agora, eu acho que ele tem que fazer reportagem que haja reflexão, ainda mais se ele está no canal universitário. Ele estar no canal universitário aí necessariamente,, (PL)

A imagem evocada pela expressão “pau para toda obra” sugere que a formação do aluno deva comportar todos os diferentes tipos de prática de um jornalista, de tal modo que ele esteja preparado para assumir qualquer função em uma TV.

A depoente tenta estabelecer um lugar comum quando generaliza a afirmação de que os estudantes não lêem, que têm pouca leitura. Baixando o tom de voz como querendo uma cumplicidade, mostra que quer obter a adesão da pesquisadora.

E não lêem também. Sem dúvida nenhuma, isso...você deve ver isso em sala de aula como eu vejo¹⁰².

Para ela, essa falta de leitura se reflete na falta de criatividade, na falta de reflexão, na perda de foco, na falta de iniciativa, na dispersão. Mas a própria prática da depoente revela a reprodução da repetição do modelo de mercado, que ela seguiu ao longo de sua carreira. Ela atribui a responsabilidade de mudança e de criação aos alunos porque não seria a função dela fazer isso.

(...) existe uma acomodação principalmente intelectual de esperar que venha a nós o vosso reino. Fica sempre esperando que parta da gente. E...aí um dia eu falei para um estagiário: O-l-h-a só...Porque ele estava reclamando: “Não...porque...” tudo bem, você quer fazer uma coisa ativa? Me proponha. Eu não sou paga pra criar por você. E-u s-o-u p-a-g-a p-r-a t-e i-n-s-t-i-g-a-r a c-r-i-a-r. se você espera isso de mim, vai ficar um marasmo aqui dentro. Eu posso te dar algumas sugestões, posso te mostrar alguns caminhos pra você trilhar. Até porque vai virar uma coisa totalmente falsa. Se eu estou criando por você não é você que está criando, é minha cabeça, minha linguagem, a minha experiência, enfim.

A depoente diz que instiga os alunos a criar coisas diferentes do que vêem na TV comercial. Mas, segundo ela mesma, eles não têm capacidade de criar porque não lêem. Ela constrói, em seu discurso, com base na falácia a falta de leitura leva a falta de criatividade:

¹⁰² Nesse trecho, a entrevistada baixa o tom de voz.

Premissa Maior: quem lê, cria

Premissa menor: os alunos não lêem

Logo: os alunos não criam

A Premissa menor aparece como sendo a única capaz de explicar a ausência de criatividade dos alunos, mas não mostra que ela é a única hipótese que resta depois de excluídas suas concorrentes. Portanto, trata-se de uma falácia na forma *modus tollens*, ou seja, o modo em que se retiram hipóteses, causas e razões concorrentes, deixando apenas uma capaz de explicar o porquê de algo ocorrer.

A depoente diz que instiga os alunos a criar coisas diferentes do que vêem na TV. Porém seu discurso nos mostra implicitamente o contrário. Ela diz "não posso criar por eles". Ela pode não criar por eles, mas é possível "criar" as condições para que as pessoas produzam por si mesmas. Neste caso, parece que a depoente isenta-se disso, uma vez que assume que apenas quando se lê é possível criar alguma coisa. Se for assim, temos um argumento que permite ocultar a ineficiência do trabalho docente, pois atribui a uma atividade do aluno (não lê) a falta verificada (não cria).

A imagem evocada pela expressão “venha a nós o vosso reino” refere-se a uma possível apatia dos alunos frente à prática jornalística. Em sua visão, o aluno espera que outros digam o que fazer, fica parado esperando pela iniciativa de outros, o que ela considera o motivo de não haver criação na TV universitária. É importante assinalar também que ela delimita muito claramente as atribuições de professor e aluno: o professor deve sugerir caminhos, mas a criação deve ser do aluno. Dá ênfase a esta afirmativa marcando sua fala pausadamente, como sugerida na citação acima. Importante frisar também que as reclamações dos alunos sobre criação no espaço da TV universitária devam ser freqüentes, já que ela propõe o caso explicitado como usual.

A depoente afirma não ter conhecimento sobre Jornalismo Educativo e mesmo depois de um exemplo dado pela pesquisadora sobre a diferença entre ele e o Jornalismo tradicional ela não demonstrou compreender.

A depoente associa Educação à formação do aluno, ou seja, à prática escolar. Assim, o fato de ela transmitir conhecimento sobre Jornalismo já tem relação com a função educativa a que a pesquisadora se referia.

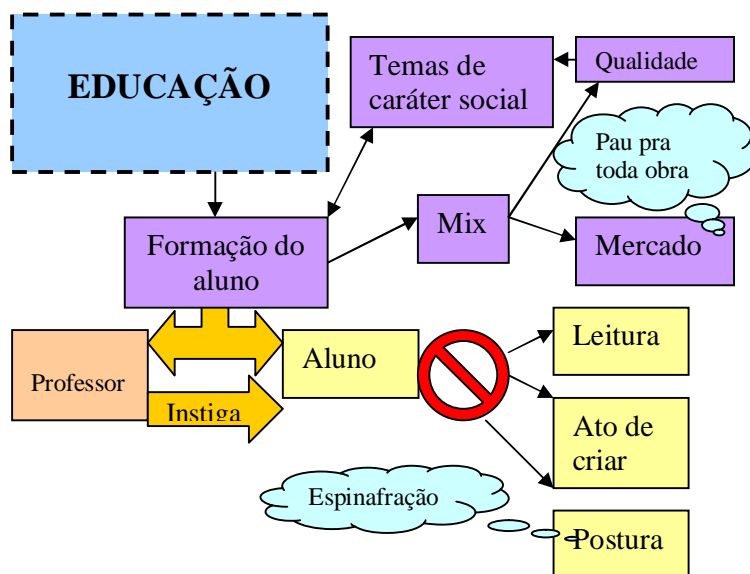
O que eu acho que eu faço é (PM) trabalho numa universidade e faço educação com jornalismo, né? Se você me pedisse “Adriana, fale sobre jornalismo educativo” Eu, aí, acho que seria leviano eu chegar aqui pra

você e começar... “bem...você sabe...” Mas eu acho que, enfim, é o meu compromisso, acho que o compromisso da Carmem, é o compromisso da Márcia.. As três coordenadoras trabalham efetivamente né, é... preparar para o mercado de trabalho, mas não descolar da coisa da educação.

A palavra Educação é também associada à Postura, ou seja, a atitudes de educação de base do estudante. Usar celular durante uma entrevista, por exemplo, é falta de postura, de educação. Porém, ela usa o verbo “refletir” e reconhece a importância da reflexão, mas não a usa como fator de escolha de pautas.

Observa-se que o Jornalismo Educativo, na prática, pode até aparecer dentro dos programas da UTV mesmo o termo não sendo conhecido. Porém, os temas que remetem a uma reflexão não são pensados ou vistos como prioridade na escolha das pautas.

O esquema abaixo destaca os principais elementos de sua concepção de Educação.



Um dos exemplos utilizados pela depoente, a matéria do All Star, deixa claro que a escolha pelo tema partiu de uma observação do dia-a-dia, sem a preocupação com a qualidade do conteúdo.

(...) você tem um quadro, é..., um quadro livre que a gente chama de “cria”, que é um quadro que, cara, tipo que, que , é, fica pro cinegrafista criar junto com o repórter. Pode ser texto, pode ser poesia, pode ser qualquer coisa. Essa semana, por exemplo, eu disse “vamos ver all star” e a gente se

deu conta de que tem All Star na PUC, na realidade no pé dos jovens (PM) e no pé da chefe (risos). Então, assim, aí a gente fez de cara imagem e informações sobre All Star. Não é aquela estrutura de vt, sonora, off, texto, entrevista e tal.

Depois que falamos sobre Jornalismo Educativo e sobre reflexão, ela volta a mesma reportagem e a trata, dessa vez, como “bobaginha”, “coisa boba, fútil banal”.

(...) mesmo que faça uma bobaginha, por exemplo, como o all star, não sei o que...mas ele tem que, tem que ter concepção que tem que ter reflexão...eu tô usando bem do all star porque, não tem como fazer reflexão sobre o all star, é uma coisa boba, banal, fútil, idiota, tipooo...é aí? Urra! Fomos aonde com esse VT, né? Isso, se faz, a gente diz “fomos aonde com esse VT?”, né?

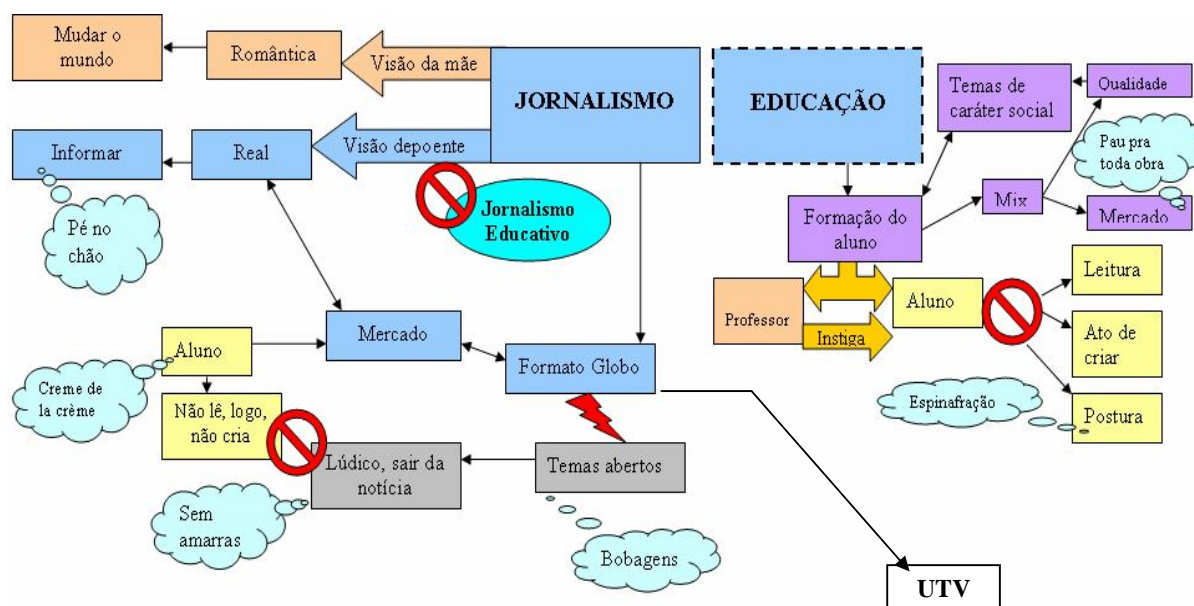
Interessante observar que na primeira vez que fala do All Star, ela se refere a um espaço que eles chamam de “cria”, que é um quadro de criação do cinegrafista junto com o repórter, ambos estudantes de jornalismo. Mas, apesar do espaço de criação ser dos estudantes e ela afirmar que não cria para o aluno, a idéia da pauta foi dela.

Quando diz que “a gente tem muita preocupação em incentivar os meninos a pensar temas de caráter social” a escolha da pauta a ser dada como exemplo (All Star) revela implicitamente que quando as pautas são pensadas por ela, a depoente não tem em mente obrigatoriamente a preocupação com a função educativa ou social do Jornalismo.

Pode-se concluir, portanto, a partir do discurso da depoente, que não há a prática de Jornalismo Educativo. Falta conhecimento sobre o assunto por parte dela. Não reconhece o potencial de mudança que o Jornalismo pode proporcionar na área social. Jornalismo está diretamente ligado a hard news, ao informar, à notícia propriamente dita e não à reflexão do telespectador. Os termos Jornalismo e Educação, para a depoente, não têm relação um com o outro. Jornalismo é informação enquanto Educação é formação, ou seja, está relacionada com escola. A UTV, portanto, aparece como um espaço permanente de estágio e de reprodução do mercado de trabalho e não um espaço de laboratório, de novas experiências e linguagens e nem há uma preocupação direta e pensada sobre a função sócio-educativa da emissora e até mesmo da IES.

O esquema abaixo resume suas crenças sobre Jornalismo e Educação e os argumentos que utilizou para defender seus pontos de vista.

Esquema 3 da depoente 1



Pode-se concluir, portanto, a partir do discurso da depoente, que não há a prática de Jornalismo Educativo. Falta conhecimento sobre o assunto por parte dela. Não reconhece o potencial de mudança que o Jornalismo pode proporcionar na área social. Jornalismo está diretamente ligado à hard news, ao informar, à notícia propriamente dita e não à reflexão do telespectador. Os termos Jornalismo e Educação, para a depoente, não têm relação um com o outro. Jornalismo é informação enquanto Educação é formação, ou seja, está relacionada com escola. A UTV, portanto, aparece como um espaço permanente de estágio e de reprodução do mercado de trabalho e não um espaço de laboratório, de novas experiências e linguagens e nem há uma preocupação direta e pensada sobre a função sócio-educativa da emissora e até mesmo da IES.

- **Depoente 2**

A **depoente 2**, coordenadora de Jornalismo da TV1, atuou durante seis anos em emissoras comerciais como repórter. Ela foi convidada pela Universidade 1 a assumir a coordenação da TV1 e, paralelamente, dar aulas na instituição. Ela achou que não estava preparada, mas aceitou o desafio. Admite que aprendeu muito dentro da universidade quando diz que fez o caminho inverso, ou seja, depois de atuar na profissão, voltou a estudar. No período em que foi feita a entrevista com a depoente, ela estava cursando

mestrado em Comunicação. A coordenadora foi bastante atenciosa e abriu as portas da instituição para nossa pesquisa.

A entrevista foi feita no hall do elevador, local onde eles fazem reunião de pauta porque não há sala disponível no andar. Tentamos conseguir outro local menos barulhento e sem circulação de pessoas, mas não foi possível liberarem sala próxima. Por isso, ao longo da entrevista, aconteceram duas interrupções. Mas elas não chegaram a atrapalhar o andamento da entrevista porque foram interrupções rápidas que não cortaram o encadeamento do raciocínio.

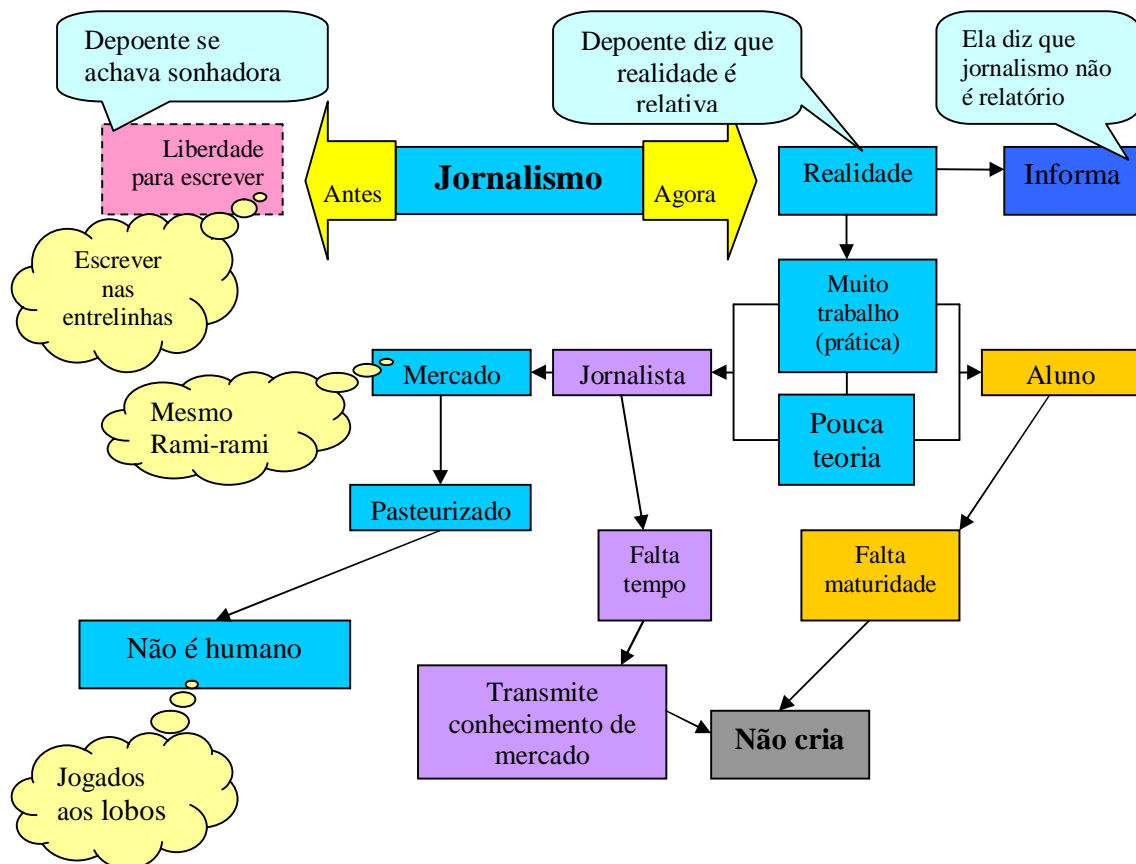
O discurso da depoente 2 apresentou os seguintes pontos e controvérsias:

1. A depoente escolheu jornalismo porque era boa em língua portuguesa, história e gostava de escrever.
2. Utilizou diminutivos para falar sobre o início da carreira e superlativos para falar sobre o que estava achando da profissão, uma forma implícita de pontuar sua ascensão profissional.
3. Define os estagiários como de perfil variado, desde aqueles que não querem trabalhar em TV até aqueles que só pensam em trabalhar no veículo.
4. A depoente usa a TV Globo como referência, mesmo tendo trabalhando em outras emissoras e não na TV Globo.
5. A depoente afirma levar para os alunos a experiência de mercado e, implicitamente diz que não faz nada de novo por falta de tempo.
6. A relação entre as pessoas da UTV é humana enquanto a relação no mercado é desumana.
7. A depoente afirma que o discurso de seu professor de mestrado sobre mudanças na TV não se enquadra na prática de mercado porque não há tempo para estudar e promover mudanças.
8. A depoente hipoteticamente imagina um fim do mundo para minimizar a figura do jornalista que apenas informa, já que ele não teria função em um mundo sem mídias. Ela, portanto, não vê sentido nela mesma, já que reproduz o mercado.
9. Depoente afirma que não existe a realidade do fato porque a presença do repórter já altera o contexto do fato.

10. A depoente diz que não sabe o que é Jornalismo Educativo e não o reconhece como legítimo. Para ela, o termo é redundante, já que acredita que educação faz parte do jornalismo. O discurso é controverso porque ela relaciona Educação a Escola, Educação a didatismo e didatismo a algo chato. E finaliza dizendo que é “quase que uma incapacidade” unir Jornalismo e Educação.
11. Para a depoente, o telespectador quer o que o mercado já oferece e não algo com reflexão. E para mudar o telespectador e até mesmo o jornalista, ela metaforicamente diz que é um trabalho lento (de formiguinha).

O esquema abaixo resume o essencial de sua argumentação sobre o papel do Jornalismo.

Esquema 1 do discurso da depoente 2.



A concepção que a Depoente 2, coordenadora de Jornalismo da TV1, tem de Jornalismo antes de atuar na profissão, é de um jornalismo em que há liberdade para escrever, o que ela chama de escrever nas entrelinhas, ou seja, liberdade para usar figuras de linguagem, conotações. Ela considera essa fase sonhadora, ou seja, não acredita que isto possa acontecer. Depois, ela passou a ver como um espaço que mostra o real, mesmo ela não acreditando existir uma realidade, já que a presença do repórter pode alterar a realidade do acontecimento.

Para a depoente, a teoria e a prática da profissão andam separadas. Na prática, ou seja, no mercado, o jornalismo é pasteurizado¹⁰³, rotineiro, que tem o objetivo de informar. Apesar de ser coerente ao longo do discurso, ela diz não saber definir jornalismo por ele ser muito. Ele fala na existência de realidade, mas ela mesma diz que a realidade não existe.

Porque eu acho que o jornalismo é, é, é uma coisa bastante ampla mesmo. Difícil. Não sei, não sei. Eu não sei definir. Porque não é simplesmente informar as pessoas. Não acho que é. Porque um relatório também informa. Então, onde é que tá a diferença entre jornalismo, né? Vocês acham o que, que vocês vão escrever lá, vocês estão descrevendo a realidade? Não é também, não é também. Porque de uma forma ou de outra o seu trabalho também interfere no que você está fazendo. O fato de você estar lá com a câmera com seu bloquinho anotando muda tudo, na verdade. A bagagem, enfim, então é muito, muito difícil pensar. Então, assim, vou te dizer, assim, não sei o que é que é.

A depoente disse que o professor dela de mestrado fala sobre a possibilidade de mudança na TV, argumento contestado por ela. Pode-se concluir, portanto, que se a depoente questiona o argumento do professor do mestrado, logo, ela acredita que não dá para promover mudanças na TV. E se na visão dela não dá para ter mudança, ela não o faz com seus estagiários. O resultado é a reprodução do que já sendo feito.

Eu tô lá no mestrado, mas também to aqui, to lidando com o dia-a-dia. E eu já cheguei pra alguns professores dizem assim: é... , muito bacana o que você tá falando. Mas me diz, como é que eu realizo na prática, no dia-a-dia.(PM) sendo utilizado deadline, etc e tal.

A depoente se refere ao mercado como pasteurizado, sempre apresentando a mesma coisa, sem mudanças. Esse teria sido o motivo para ela decidir migrar para a

¹⁰³ Ela considera o jornalismo pasteurizado, ou seja, tudo igual, tudo do mesmo jeito.

universidade. Ela emprega o termo rami-rami para representar essa mesmice que não levaria ela a nada. Já sobre o jornalismo da TV1, ela o considera como sendo humano, o que implicitamente caracteriza o jornalismo do mercado como desumano, ou seja, as pessoas são mais frias, sem respeito e sem relacionamento amigável. Ela usa a expressão “jogados aos lobos” para se referir a entrada dos novos jornalistas no mercado de trabalho. Na TV1 seria um clima mais amigável, apesar de também existir “esporro”¹⁰⁴. Fora isso, ela considera a TV1 um espaço para treinar a profissão como se fosse o mercado, já que o produto final realmente vai ao ar.

Parte da filosofia do Projeto, né, formar os alunos serem independentes, mas acho que é isso: trazer para, os alunos é... um pouco de experiência do mercado de trabalho né, trazer um pouco do que seria vivenciar esse mercado de trabalho... Por quê? Porque eles produzem um material que efetivamente vai pro ar. Tem deadline, entendeu, não é uma coisa, assim, que eu vô fazer pra gente olhar eternamente. Não! Entendeu? Estão lá expostos pra quem quiser ver. Então, é importante que eles, que eles façam bem se alguém elogia o programa, pô, eu vi o programa..então, eu acho que isso é legal. Acho que efetivamente aqui é um espaço que você consegue colocar em prática, né? Lógico que não na mesma proporção do mercado, isso é possível, né. E, ao mesmo tempo, a gente tem uma perspectiva que é um pouco diferente do mercado. Embora a gente cobre, tem deadline, tem que dar esporro, tem que brigar, tem que cobrar, etc, etc, a relação é muito mais humana.

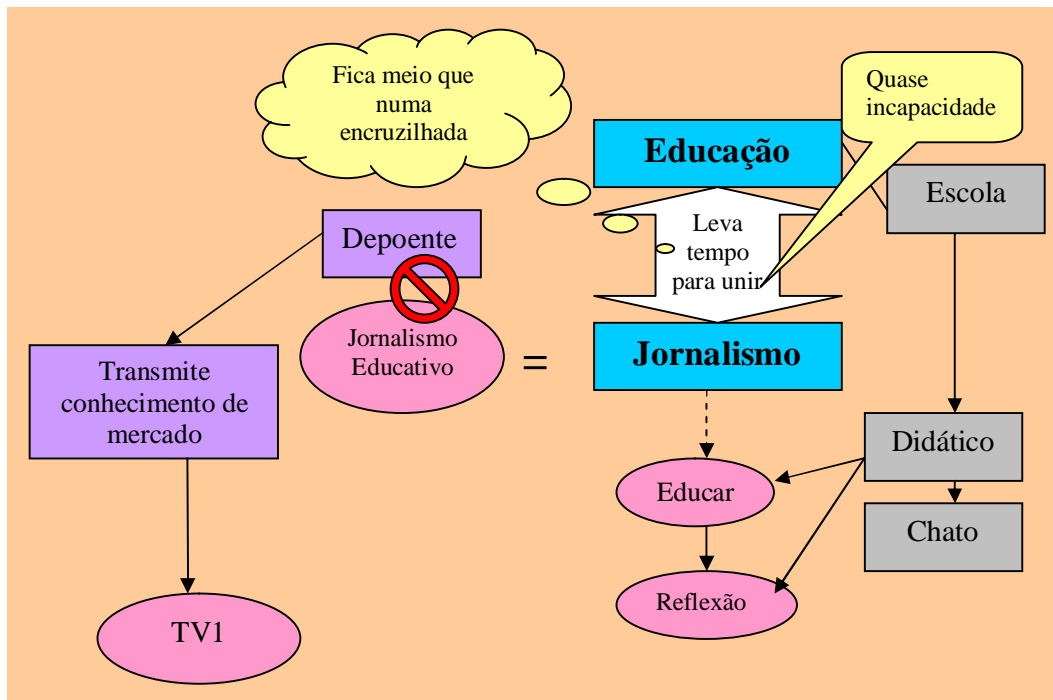
Já quando se refere à teoria, a depoente afirma que os jornalistas não têm tempo disponível para teorizar, para estudar e transformar a rotina em algo novo.

É quase que uma incapacidade porque você parar e pensar, né, o diferente ou como é que eu trago esses elementos, né, juntar educação e jornalismo e tal, você fica meio que numa encruzilhada, entendeu? Porque isso é um exercício que leva tempo. Talvez por isso muitas vezes você assiste um telejornal e você aí assiste outro e outro, são todos iguais. Você também tem isso porque você fica totalmente consumido por essa lógica, né, diária// dão, dá tempo. Aí, quando você// pra você pra pro, produzir alguma coisa diferente leva tempo. Tem que refletir um tempo. A gente um pouco... “é, realmente” leva tempo isso, né?

O esquema abaixo resume sua visão sobre a relação entre jornalismo e educação.

¹⁰⁴ A depoente diz na entrevista que eles dão bronca, são firmes com os alunos, mas não de forma agressiva como acontece no mercado.

Esquema 2 do discurso da depoente 2



A depoente 2 admitiu não conhecer o termo Jornalismo Educativo e, implicitamente não o reconhece como legítimo já que, para ela, a educação faz parte do jornalismo propriamente dito, ou seja, seria uma redundância falar em Jornalismo Educativo já que o jornalismo educa por si só. Por isso, ela acredita ser possível o jornalista educar e provocar reflexão no telespectador. Mas o discurso apresenta contradições. Ao mesmo tempo em que afirma que o Jornalismo educa, ela associa Educação à prática escolar.

Cíntia: Você já ouviu o termo Jornalismo Educativo?

Entrevistada: Jornalismo Educativo? Não, nunca ouvi.

Cíntia: Tem alguma noção?

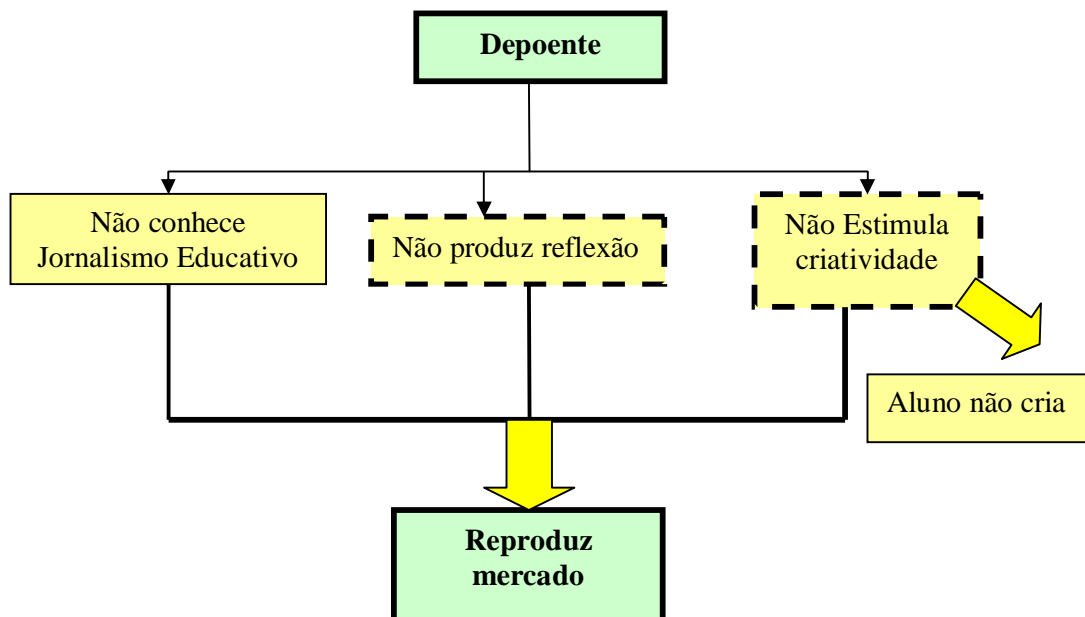
Entrevistada: Bom, assim, é porque é, eu, eu acho, assim, na verdade, eu acho isso difícil, assim, a conj, juntar essas duas coisas eu acho muito difícil, entendeu? Não é que é jun...é que pra mim, o jornalismo tem esse componente também,entendeu? Que não é uma coisa assim, educativo, não é necessariamente uma coisa de escola. Mas acho que o jornalismo tem esse componente, então assim, parece uma na verdade, redundância, porque acho que de, de por um outro lado também, o jornalismo, não sei, o que eu vejo, o que é identificado como jornalismo hoje ele é pobre, entendeu, eu acho que ele deveria ter um pouco essa noção do educativo. Um pouco não, não sei, deveria ter, né assim, sempre, eu acho.

Quando a depoente se refere a programa educativo, remete o pensamento a programa didático, o que considera chato. Educação, no jornalismo, ela associa com relatos de experiências.

Eu acho que/ O jornalismo pode ser educativo também. Educativo no sentido de que você pode trazer elementos não com informações, não é só “A Informação mesmo”, entende, mas você pode trazer experiências, vivências, enfim, coisas que vão fazer as pessoas, de repente, interajam enfim, que, que processem, essas, essas coisas todas, os dados a informação se transforme em outra coisa, né, eu acho que faz parte do dia-a-dia. Acho que o jornalismo, ele atua dessa maneira. Não aquela coisa assim, didática.

O discurso da depoente apresenta paradoxo já que ela afirma que Jornalismo é educativo, mas em seguida diz que leva tempo para unir Jornalismo e educação. E isso seria uma “encruzilhada” já que o jornalista não tem tempo. Dessa forma, ela conclui que existe uma incapacidade de unir os dois.

Esquema 3 da depoente 2



Apesar de não ter conhecimento de Jornalismo Educativo, ela diz que eles produzem às vezes reportagens mais educativas, que provocam reflexão. Isso não aparece como prática comum ou pensada. Mas existe a contradição no discurso já que ela diz que estimula a criatividade, o que não se confirma implicitamente, já que ela mesma afirma que os novos jornalistas estão sendo preparados com base no modelo do mercado. A depoente acredita que eles mesmos, por imaturidade, não conseguem, não se interessam ou mesmo não têm capacidade de criar algo novo. Ela diz que “puxa isso deles” ou seja, estimula a criatividade. Porém, ela admite não ter tempo. Portanto, não faz parte da prática o estímulo à criação.

(...) a gente tem que puxar isso muito deles porque, por incrível que pareça, eles são muito jovens e eles são extremamente conservadores em determinados aspectos. E tem uma dificuldade de, de...é...de ver que é possível fazer diferente ou tentar outra coisa.

Cíntia: *Eles buscam sempre o comercial?*

Entrevistada: *Buscam sempre o comercial, sempre o padrão, tem uma dificuldade de sair disso. Embora eles digam assim, que eles querem espaço para a criatividade. Tudo o que eles pensam “vamos fazer uma coisa diferente...” Pô, mas tem um monte de gente que faz isso. Aí eles ficam na decepção mas, assim, às vezes não vêem e tal, não tem muita experiência e a gente já teve esse momento em que a gente brigou, fala assim “Pô, toda vez que sai alguma coisa diferente é porque um de nós resolveu viajar entendeu (riso) e vocês ficam esperando que a gente dê pronto.*

É possível observar, portanto, que a depoente 2 via o jornalismo antes de exercer a profissão como aquele em que você pode escrever da forma que quiser, de forma conotativa. Já depois que passou a atuar, o jornalismo é escrever a realidade mesmo que, para ela, essa realidade seja relativa. O jornalismo também não é relatório que apenas informa. Ela diz que não consegue ver o jornalismo distanciado da educação, mas, implicitamente, não faz essa relação direta, já que educação para ela é educação escolar. A depoente 2 não sabe o que é Jornalismo Educativo, mas acredita que é possível encontrá-lo na TV1 porque eles o produzem, porém não intencionalmente.

• Depoente 3 – Estagiária¹⁰⁵ 1

A **depoente 3**, estagiária, decidiu fazer o curso de jornalismo porque não gosta de matemática e sim de ler muito, de escrever. Ela também se considera curiosa, o que seria uma qualidade que ajudaria na profissão. Chegou a pensar em ser advogada, mas desistiu por causa dos livros que precisa ler para exercer a profissão e porque os advogados não influenciam tanto as pessoas.

¹⁰⁵ Todos os estagiários entrevistados são jovens entre 20 e 24 anos.

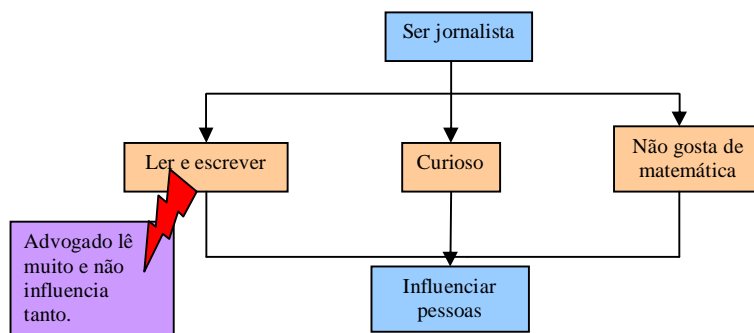
A depoente 3 diz que, antes de entrar para a universidade, acreditava que o jornalista podia escrever o que quisesse. Ela se sente desapontada pelo fato de não ter liberdade para escrever.

O seu discurso se pautou nos seguintes temas e controvérsias:

- 1- Jornalismo influencia as pessoas e, dessa forma, promove mudanças. Mas ao mesmo tempo diz que a reportagem não leva à reflexão, o que acontece mais com entrevistas de estúdio e opinião.
- 2- A depoente afirma que o jornalista tem que ser imparcial. Mas entra em controvérsia quando diz que imparcialidade não existe. Para ela, o jornalista pode educar, mas tem que fazê-lo com imparcialidade, aquela imparcialidade que ela não acredita que existe.
- 3- O jornalismo tem função social. Mas ela limita essa função aos espaços de prestação de serviço e diz que é possível educar, porém isso pouco acontece.
- 4- A depoente deseja mudança no jornalismo, mas é impedida pelas chefias que, ao invés de estimular a mudança, são o reflexo do mercado.
- 5- Uma das funções do jornalista é educar. Porém, ela não sabe como isso é possível acontecer, já que o jornalista pode ser tendencioso.
- 6- A informação e a reportagem não promovem a reflexão, enquanto a opinião e o estúdio (entrevistas) a estimularia.
- 7- A imparcialidade não existe no jornalismo, mas a depoente não sabe se ela existe na educação e como ela pode ser aplicada à educação.

O esquema a seguir resume sua concepção sobre ser jornalista e os motivos de sua escolha pela profissão.

Esquema 1 do discurso da Depoente 3

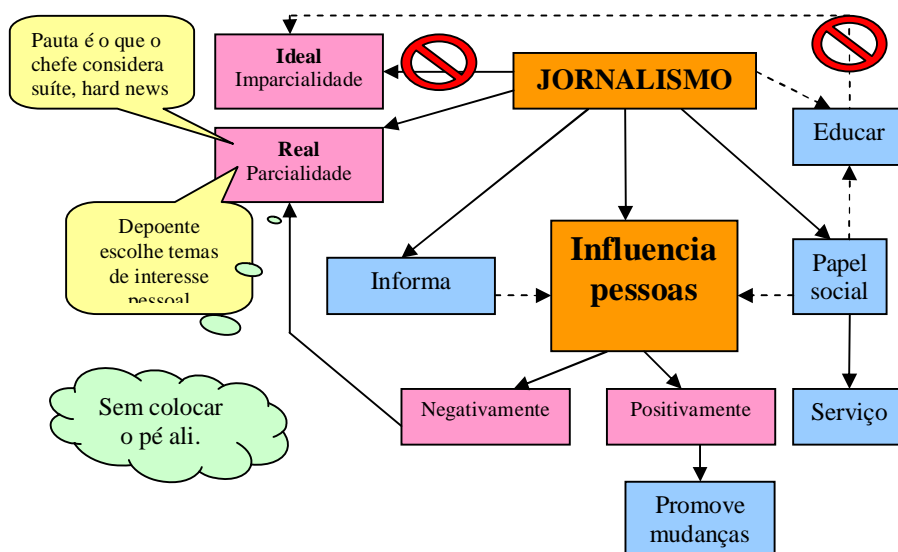


A depoente decidiu ser jornalista porque gosta de ler e escrever, é curiosa e não gosta de matemática. O fato de considerar que o jornalista influencia as pessoas também a fez decidir pela profissão. Ela desistiu de ser advogada porque o profissional de direito tem que ler apenas leis e por ela considerar que o advogado não influencia tanto quanto os jornalistas.

Então, eu pensei em direito também, você usa muito, tal, a parte escrita, mas você não, é...você não influê...não influencia tanto as pessoas, você não chega tanto direto às pessoas. No direito até tem aquela questão dos artigos, é muito cansativo aquilo. Aí foi por causa disso mesmo que eu, eu gosto desse poder de você poder, de poder de influenciar as pessoas.

Sua escolha pelo jornalismo repousa fundamentalmente no poder de influenciar pessoas, porém, para ela, essa influência pode ser positiva ou negativa. O jornalismo teria a função de informar e influenciar as pessoas, estes sendo os fatores ideais para o exercício da profissão. Ela confronta o que seria o ideal com o que seria real, concluindo pela não existência da imparcialidade na profissão. O esquema abaixo resume sua concepção sobre jornalismo.

Esquema 2 do discurso da Depoente 3



O jornalismo, para a depoente 3, é parcial, já que para ela não existe imparcialidade. O uso da imagem “colocar o pé ali” refere-se a um limite para o jornalista que determina uma prática parcial. Reconhece que o jornalismo pode educar, mas não necessariamente o faz. O papel social do Jornalismo estaria limitado ao espaço de prestação de “serviço”. O jornalismo, para ela, também pode educar, mas ela não sabe como isso pode ser feito com imparcialidade.

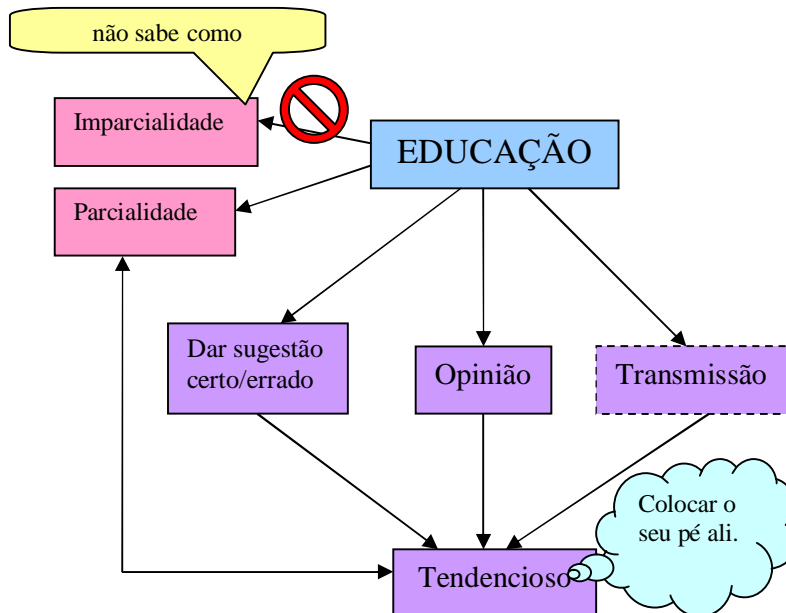
A depoente 3 acredita que o Jornalismo é capaz de exercer influências e, como consequência, pode promover mudanças. Mas ao mesmo tempo diz que reportagens não levam muito à reflexão porque são rápidas. Essa reflexão acontece com entrevistas de estúdio e opiniões de especialistas.

(...) vou dar um exemplo, assim, fiz minha terceira matéria que eu fiz aqui, mas a primeira que foi sobre o senado, a gente explica o que, que é o senado. E a gente explica o que está acontecendo e como deve ser feito, inclusive a gente tem uma discussão no estúdio, ele traz outras pessoas que falam aqui ao vivo, tem mais tempo para discussão porque quando tem uma sonora, né, algo meio rápido que você tira aquele trechinho. Aqui não, aí corre livre. Então, eu vejo sim.

A depoente vê a educação como o ato de dar sugestão ou simplesmente dizer como deve ser feito, o que a remete ao pensamento recorrente de que o Jornalismo influencia as pessoas. Mas o influenciar a que ela se refere é dizer como fazer e não fazer com que o telespectador reflita. Com isso, o jornalismo, para ela, pode ser tendencioso, já que é parcial e diz o que deve ou não ser feito. O esquema abaixo

resume sua visão sobre a educação no jornalismo, sua preocupação remetendo-se o tempo todo na possibilidade de ser imparcial.

Esquema 3 do discurso da Depoente 3



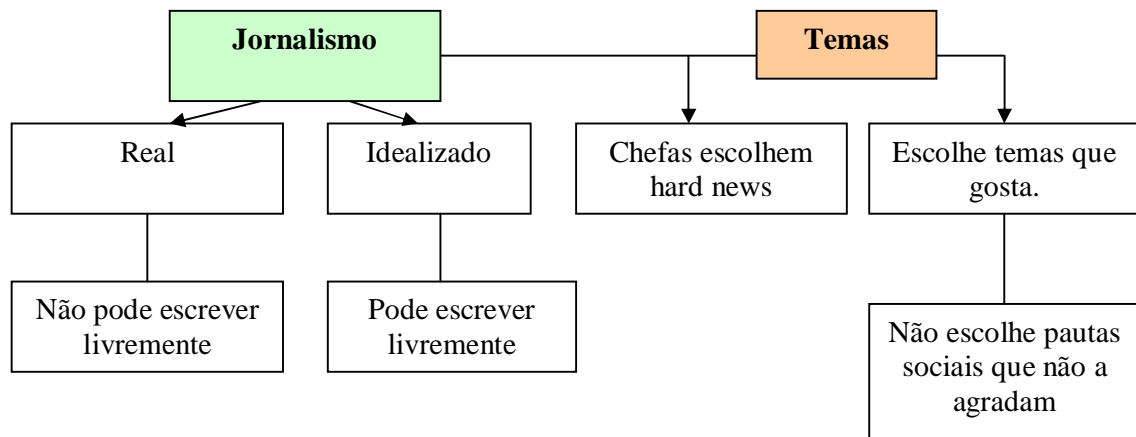
“Colocar o seu pé ali” é utilizado para representar a parcialidade do jornalista e, consequentemente, o conteúdo tendencioso que ele produz.

Assim, muito, muito raro ver o papel do jornalista como educador. Ou ele é tendencioso..., ele passa a informação. Mas, assim, eu acho assim, você, ele pode, se tem um papel educador, mas assim, tem um limite, porque acho que se ele (PC) a educação é o que? Você dá uma sugestão, eu acho, eu vejo muitas vezes “Ah, faça isso, não faça aquilo”. Se o jornalista, ele (PC) der uma (PC) ele tentar educar de alguma forma, ele pode cair na questão da parcialidade. Isso eu fico um pouco, assim, eu fico pensando nisso. Ao mesmo tempo que eu acho que pode ser um papel educador porque você tem que mostrar para sociedade, mas aí há um limite que eu sinto aí que eu, eu fico um pouco confusa. Você tem que mostrar, mas como você vai mostrar essa forma sem colocar o seu pé ali, entendeu?

Desse modo, a educação seria o limite para a imparcialidade. Educar de algum modo exigiria ser parcial.

A depoente se sente desestimulada pelo fato de não poder escrever o que quer, isto é, que existe um editor que corta ou mexe no conteúdo e no texto. Para ela, essa impossibilidade de escrever livremente se tornou um marco entre o jornalismo idealizado por ela (sonhador) e a realidade (muito mais dura). O esquema abaixo

destaca a importância da liberdade de escrever em sua concepção sobre jornalismo, sobretudo na escolha dos temas de reportagem.



A liberdade de escrever, segundo ela, é uma visão ilusória da prática jornalística, marca a diferença entre os que já são antigos na profissão “que estão em cima” e o iniciante. Dizer que os veteranos estão em cima é uma imagem geralmente evocada para dizer que eles têm mais poder.

Cíntia: Tá, e qual era a visão que você tinha de jornalismo antes de você fazer faculdade e agora que você está tendo contato com a profissão. Mudou alguma coisa?

Entrevistada: Mudou, mudou, mudou sim. Eu, assim, eu tinha uma, uma visão. Mas acho que um pouco ilusória, assim, aquele mundo lindo, muito legal de você escrever... você tem, você como repórter sendo iniciante ou não. Você pode escrever o que você quer, entendeu, e não é bem assim que funciona. Você entra num jornal, na TV, às vezes você escreve um texto enorme..., eu acho que, assim, claro, tem erros porque você é iniciante, mas é uma questão subjetiva que esbarra aí. Porque quem está em cima e quem tá começando, é... pode mudar, entendeu? Então, assim, dá um pouco de, assim, você fica desapontado, né, por conta disso.

A depoente 3 sugere pautas a partir de seus próprios interesses. Ela não vai abordar assuntos que não a agradam, mesmo que seja de interesse social.

Cíntia: Quando você escolhe uma pauta, sugere uma pauta, o que você leva em consideração. Ah, que tal fazer uma matéria sobre isso aqui... como é que funciona?

Entrevistada: Á. depende, assim, geralmente (PC) claro que quando sugere uma pauta, você pega um pouco do seu lado de interesse, assim, né?. Eu acho que sempre leva assim. Você não vai, por exemplo, eu não gosto muito, assim, não... qualquer coisa assim, por exemplo, eu não gosto muito de injeção, exame de sangue, eu num, talvez eu não sugeriria, até faria se alguém me propusesse, mas eu não sugeriria uma pauta sobre “doe sangue”, alguma coisa assim, que eu tenha aflição, porque não gosto de agulha e tal. Mas o que, que me leva a escolher uma pauta? Eu penso bem, assim, os

temas, assim, os temas que mais me interessam, assim, política, meio ambiente e cultura, então eu tento ir nesse lado, nos temas que mais me interessam, tento ver o que está acontecendo, pego as principais jornais, mais brasileiros porque acaba, principalmente aqui.

Sua referência à injeção e exame de sangue como exemplo de temas que evita é significativa, já que deixa implicitamente transparecer que a escolha das pautas envolve apreensões muito íntimas, “não gosto de agulhas e tal”, em detrimento de uma escolha racional que releve o cunho social do jornalismo.

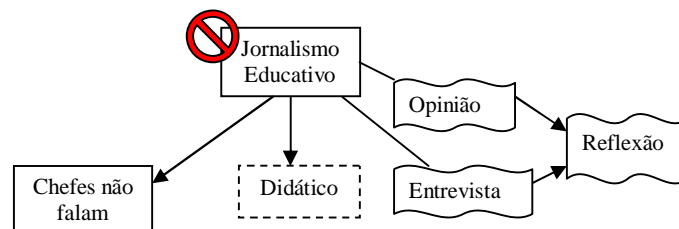
A depoente 3 diz que apesar de poder dar sugestão de pauta, os programas são pautados a partir do que as chefes consideram notícia, ou seja, o que já saiu no jornal ou na imprensa em geral.

Eu acho que é tudo isso, assim, não surge uma idéia no meio do nada, né, até porque ce não vai conseguir ser publicado. Você vai conseguir, é... o seu (PC) chefe vai querer uma pauta que ele também, ele ta lendo, ele ta se informando, uma pauta que tenha a ver com o contexto que os outros jornais tão publicando, assim, sabe, no site, na Internet, tal...

Para a depoente, a escolha das pautas também é filtrada pela chefia, já que ela sabendo o que poderá ser escolhido ou não, escolhe o que já está noticiado em outros veículos.

A depoente não sabe o que vem a ser Jornalismo Educativo, mas depois de explicado o significado, diz que ele existe na TV1. Porém, ela associa Jornalismo Educativo ao espaço de debate e de opinião e não às reportagens. O esquema a seguir destaca seu posicionamento em relação ao Jornalismo Educativo após a explicitação de seu significado.

Esquema 4 do discurso da Depoente 3



De algum modo identifica nesse momento a TV Universitária como uma TV Educativa.

Cíntia Você acha que isso acontece na UTV?

Entrevistada: É isso que eu ia falar. Você dando esses exemplos, eu acho que sim, eu vejo a TV Universitária como uma TV Educativa. Total, total porque, vou dar um exemplo, assim, fiz minha terceira matéria que eu fiz aqui, mas a primeira que foi sobre o senado, a gente explica o que, que é o senado. E a gente explica o que está acontecendo e como deve ser feito, inclusive a gente tem uma discussão no estúdio, ele traz outras pessoas que falam aqui ao vivo, tem mais tempo para discussão porque quanto tem uma sonora, né, algo meio rápido que você tira aquele trechinho. Aqui não, aí corre livre. Então, eu vejo sim.

Durante a entrevista, a depoente reconhece a função educativa, mas ela não é orientada para pensar pautas educativas. Ela não recebe nenhuma informação sobre a função sócio-educativa. Seu discurso apresenta uma disjunção de pessoa quando atribui o fato de não saber sobre Jornalismo Educativo porque ninguém passou isso para ela, ou seja, colocou-se em posição passiva, sendo o outro o culpado pela falta de conhecimento dela.

Mas eu vejo o papel educativo. Mas, engraçado, assim, é... pensando bem, eu, eu vejo. Só que, assim, eu acho que não, não me passam isso. Por exemplo: as chefes não falam: essa é uma televisão educativa. Então o ideal é que a gente eduque, que faça isso, isso e aquilo” . Entendeu? Ninguém, ninguém me passa isso. Mas eu pensando sobre esse papel, eu acho.

Portanto, concluímos que a estudante não sabe o que é Jornalismo Educativo, mas o reconhece e até o faz. Não é orientada sobre como pensar as pautas; ela está sendo preparada para o mercado de trabalho que é pautado pela chefia a partir do conceito de hard news. Acredita na função sócio-educativo do Jornalismo, mas pauta o programa em função de seus próprios interesses e do que é noticiado em outros veículos.

- **Depoente 4**

A Depoente 4 é uma estagiária, estudante de jornalismo do quinto período que diz que sempre pensou em fazer jornalismo. Porém, seu discurso é contraditório na medida em que diz que não tem jeito para TV e, ao mesmo tempo, afirma que nasceu para isso porque “foi pega” pelo destino, já que foi convidada a fazer parte da equipe de reportagem e por falarem que ela tem jeito. A opção da depoente por mencionar que os

colegas afirmam que ela “tem jeito” para TV, deixa transparecer uma necessidade de auto-afirmação. A timidez dela foi suplantada pela vontade de ser jornalista de TV.

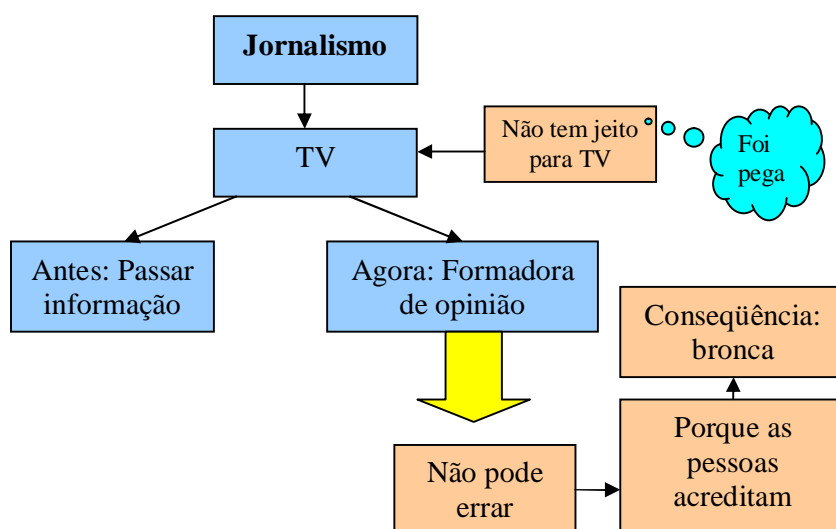
Os pontos principais e controvérsias do discurso da depoente são:

1. Ela diz que não serve para TV porque fala rápido e é tímida. Ao mesmo tempo diz que está convencida de que nasceu para a TV.
2. Ela apresenta disjunção de pessoa ao atribuir seu talento para TV a outros. Usa a chefe como álibi para corroborar a afirmação de que é talentosa.
3. Jornalismo é sinônimo de TV. Ela não considera outras mídias. A TV é formadora de opinião. Por isso, não pode errar porque as pessoas acreditam na TV.
4. A UTV é um aprendizado, porque engloba edição, produção, reportagem.
5. A depoente diz que sugere pauta a partir do que ela gostaria de ver. Ela afirma gostar de ver muita coisa, mas cita apenas esporte.
6. O discurso apresenta, de forma implícita, que Educação não faz parte das sugestões de pauta.
7. A depoente nunca ouviu falar em Jornalismo Educativo.
8. Usa no discurso a referência da TV Globo.
9. A depoente quis fazer jornalismo porque gosta de ler.

A depoente 4 não reconhece o jornal e a rádio como possibilidade de trabalho futuro porque acredita que o mercado não é favorável a eles. A internet e a TV, portanto, são as opções para ela. Porém, em seu discurso, ela apenas considera a TV.

Jornalismo é associado diretamente a Televisão. Inclusive, quando é mencionada a palavra jornalismo, ela é substituída por TV pela depoente. O esquema 1 destaca sua visão sobre jornalismo e sobre sua escolha pela profissão.

Esquema 1 da depoente 4



Para esclarecer sua escolha profissional, apresenta um paradoxo ao dizer que não tem perfil para trabalhar em TV porque fala rápido e é tímida. Porém, ela se considera escolhida pela própria TV, já que usa o termo “foi pega” para representar que não escolheu e sim foi escolhida pela TV.

Eu sempre fui ligada, a televisão, assim, como telespectadora, mas nunca pensei em trabalhar em televisão, também. Eu sempre disse “ah, eu sou muito tímida, eu falo muito rápido”... enfim, várias coisas, eu falei “não, televisão nunca”. Eu sempre tive, eu sempre gostei muito de ler, escrever, muito..., ah, to a fim de escrever uma coisa sobre a minha vida, escrevia.

A depoente utiliza álibis para afirmar que tem jeito para TV. A chefe é chata, exigente, louca, dá alfinetadas. Essa pessoa exigente a convida para ser repórter, mesmo a depoente tendo se inscrito para cinegrafista, diz que ela tem jeito para TV. Logo, ela deve trabalhar em televisão. Outro álibi é a professora de rádio, que afirma que ela “nasceu pra isso”.

É engraçado porque eu tô lá há cinco meses, seis meses agora e eu faço uma matéria, uma outra matéria de radiojornalismo com a chefe do jornal, com uma das chefes do jornal. Eu fui entregar um texto para ela, ela falou assim: você tem muito texto pra t, pra t, pra t, pra televisão. Você nasceu pra TV. Eu falei: como assim, sabe? (riso) E foi isso.

A depoente se coloca em uma posição de que era a única que achava que não tinha jeito para TV, um discurso de auto-afirmação. Ela se diz enganada pela “conversinha mole”, de sua chefe, que fez tudo de propósito e a pegou na primeira oportunidade.

Ah, você não vai aparecer nunca, passagem é só no Contraponto e olhe lá. Quando você entrar no contraponto, nã, nã, nã, e veio com conversinha mole pra cima de mim...eu...caí, ne’? Eu falei: Ah, é? Então, eu faço tudo menos aparecer? É, o Antena não precisa aparecer (...). na terceira semana da TV, eu apresentei, eu li a cabeça do, as cabeças do Antena (risos). Ela fez de propósito, lógico. Porque tem, teve, eu gravei antes de várias pessoas que tavam na TV há muito mais tempo, sabe? Mas ela... me pegou logo, assim, na primeira oportunidade que ela teve, ela me pegou. E eu não, né, sabe?

Sua escolha não foi, na realidade, uma escolha dela, seu jeito para a profissão é que foi determinante. Esse modo de apresentar sua escolha a isenta de futuros erros, já que é iniciante e apesar disso já tem responsabilidades atribuídas aos que já estão há mais tempo na TV.

Antes do estágio, a depoente considerava a TV um veículo de passar informação e agora acredita ser uma formadora de opinião. Por isso, não pode errar porque as pessoas acreditam que o que aparece na TV é verdade. Se errar, o repórter recebe “bronca”.

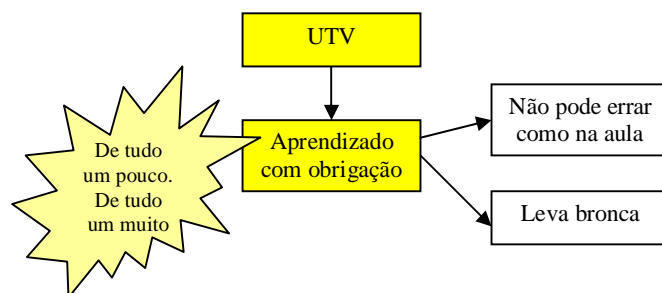
Cíntia: *O que que você imaginava do jornalismo antes de entrar e agora trabalhando na TV 1, tem diferença? O que era o jornalismo, qual a função do jornalismo na sua cabeça antes e depois?*

Entrevistada: *Antes eu acho que era uma coisa muito mais... informativa, assim, pra mim, sabe. Passar informação e pronto. Agora, eu tenho a consciência de que, principalmente a TV é formadora de opinião (PC) Então, o cuidado é, eu não faço uma coisa por fazer, sabe? Eu tenho, eu tenho, principalmente, eu tenho convicção no que eu estou fazendo e acreditar naquilo, sabe? Então, pra mim, a principal mudança foi essa, assim.*

Destaca a diferença entre informar e formar. Formar está relacionado a ter convicção, a acreditar no que está fazendo.

O trabalho na UTV é um aprendizado para ela, pois ela faz de tudo um pouco, isto é, passa por todas as etapas do processo de produção. O esquema abaixo ressalta sua visão sobre o estágio na UTV.

Esquema 2 do discurso da depoente 4



Ao utilizar a frase “de tudo um pouco e às vezes de tudo um muito” em relação ao que faz na UTV, a depoente exagera, caracterizando uma hipérbole. Ela afirma estar fazendo mais do que era necessário, fazendo mais do que tudo. Afinal, o que é “tudo”?

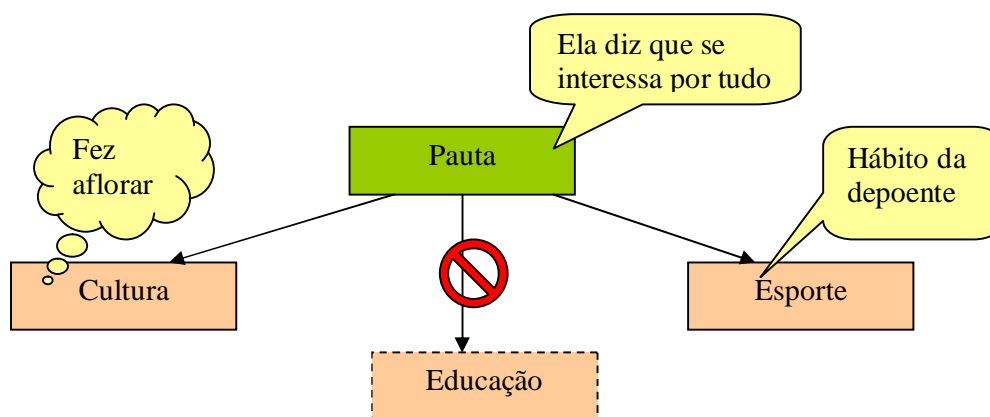
Você faz tudo. Eu, como repórter, eu apuro, eu, marco entrevista, eu produzo, eu edito, eu faço VT, eu vou para a ilha quando é o caso de eu, de eu querer uma coisa mais complicada, sabe, então, você tem, você acaba aprendendo de tudo um pouco e às vezes de tudo um muito. Então, é muito mais aprendido, sabe.

A depoente diz que sugere pautas a partir de seu próprio gosto como telespectadora. O esporte aparece em seu discurso como sendo uma preferência de programação de TV enquanto a cultura não é um gosto primário dela. Ela usa o termo “fez aflorar” para reforçar que ela passou a se interessar por cultura ao longo do estágio.

(...)Engraçado porque eu acho que a TV também me deu muito isso assim, antes que a única possibilidade de trabalhar na televisão seria trabalhando com esportes porque eu tenho, eu sou apaixonada, sabe, de ser, de praticar eu sou péssima, mas de ver eu adoro. Eu acordo de madrugada pra ver corrida, pra ver jogo, sabe, amo. Mas a TV não, o esporte, até, até por por por questão de hábito, muita, muita pauta pra isso, coisas especiais mesmo, específicas, tive que aflorar um lado cultural meu que achava que não existia, assim, a ponto de eu de eu gostar de me interessar e de querer trabalhar com isso também. Então...ã... acho que hoje, me interessa. Assim, muita coisa me interessa.

Por outro lado, ao ser indagada se ela pensa em educação ao pautar o programa, ela tenta ganhar tempo para responder. O esquema localiza os lugares da Educação e da Cultura em sua visão sobre a escolha das pautas.

Esquema 3 do discurso da Depoente 4



Ela inicia dizendo que dependendo da pauta ela pensa em educação e termina confessando implicitamente que não pensa em educação. Ela faz reportagens de cunho educativo pautadas por outros. Mas não pauta educação. Pode-se perceber que o tema é, para ela, controverso, mas que ela não tem como não defendê-lo. Ela usa o termo “confessar” para dizer que não pensa em educação, o que implicitamente remete à pecado.

Cíntia: E você pensa em educação em alguma pauta quando você vai... criar uma pauta no lado educativo disso?

Entrevistada: Ah, depende da pauta, sim. Eu acho que, principalmente as, as, as pautas principalmente que, que tenham, que sempre, dá pra fazer, por exemplo, ã... eu acabei de fazer uma pauta que eu peguei que e adorei fazer, que foi sobre, sobre os sites da Biblioteca da universidade 1, sabe, que... eu cheguei lá, falei assim, eu sabia que tinha um site mas nunca sequer entrei no site, entrei pra fazer a pauta, sabe, pra realmente me informar. E assim, você tem uma, uma, um mundo de coisa gigantesca, eu pego sempre pauta sobre a internet acho que, e...e, acho que falei pra Fulana que merecia um VT maior, entendeu, sempre... vou te confessar, não vou pensar em educação sempre não. Mas sempre que, que, que tenho pauta falando coisa interessante de, de sei lá, um site de biblioteca, gosto de fazer isso.

A depoente 4 minimiza os próprios erros, já que, para ela, em TV não pode haver erro.

É, a gente sugere pauta, a Fulana aprova ou não. E aí partir do momento que, que, que a, que a gente tem a pauta aprovada, ela, ela, a gente faz tudo, produz, marca e aí depois a gente faz o VT, escreve o roteiro, e aí ela, e aí ela senta com ela na mesa, ela corrige o que ta... pode ficar melhor, uma construção de frase, ou até às vezes um erro de português que passa assim... sem querer e aí ela fecha o VT e pronto, ela...

que ele forma opinião. A depoente acredita que aprende muito ou tudo na UTV, mas não conhece e nunca ouviu falar em Jornalismo Educativo. Ela também não se interessa pelo tema e não pauta reportagens sócio-educativas, limitando-se ao que é de seu interesse.

- **Depoente 5**

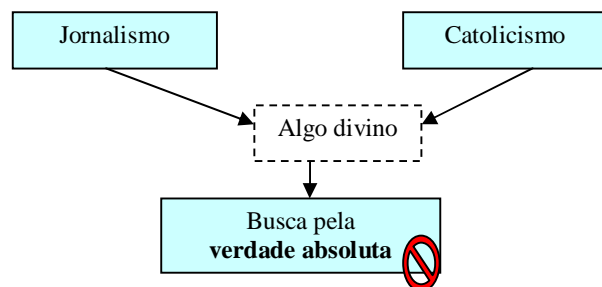
O depoente 5, estagiário, estudante de jornalismo, apresenta os seguintes pontos em seu discurso:

1. Ele escolheu a profissão porque acreditava que o jornalismo vai em busca de uma verdade absoluta. Ele usa um argumento de comparação entre jornalismo e catolicismo (sua religião), ambos vão em busca dessa verdade.
2. O depoente descobre que não existe sempre essa verdade absoluta no jornalismo depois que começou a atuar como estagiário.
3. Apesar de reconhecer a importância da teoria, a prática para o depoente é muito mais importante para a formação do jornalista. Ele valoriza seu próprio currículo, já que fez vários estágios. Portanto, ele se considera, implicitamente, mais preparado do que os outros.
4. Para ele, a linguagem da TV é sintética e, por isso, é mais difícil de escrever.
5. Antes o jornalismo era, para o depoente, a busca dos fatos mais importantes da sociedade, ou seja, o factual (hard news). Depois de começar a estudar e estagiar, passou a ver o jornalismo como um jogo de interesses, em que nem sempre são divulgadas as notícias por causa de fatores comerciais, do dono do jornal etc. Portanto, o jornalismo não é o retrato da realidade (o que o remete novamente a questão da realidade absoluta não existir).
6. Ele sugere pautas light e de entretenimento. Diz que pauta assuntos educativos, mas dá como exemplo disso as efemérides, que gosta muito. Ou seja, implicitamente ele pauta apenas os assuntos de interesse pessoal.

7. Quando ele vai escrever para a TV ele pensa primeiro em qual a informação mais importante, depois o texto para prender a atenção do leitor. Depois vem a preocupação da relação do texto com a imagem.
8. O depoente não sabe o que é Jornalismo Educativo, mas deduz que tem relação direta com didática. E identifica algumas reportagens feitas na TV1 com função educativa.

O depoente resolveu ser jornalista porque, assim como sua religião, o jornalismo para ele está em busca da verdade absoluta. Ele vê o jornalismo implicitamente como algo divino. Porém, ele se desestimula ao perceber que não existe sempre essa verdade que ele almeja. O esquema abaixo resume os motivos de sua escolha pelo jornalismo.

Esquema 1 do depoente 5



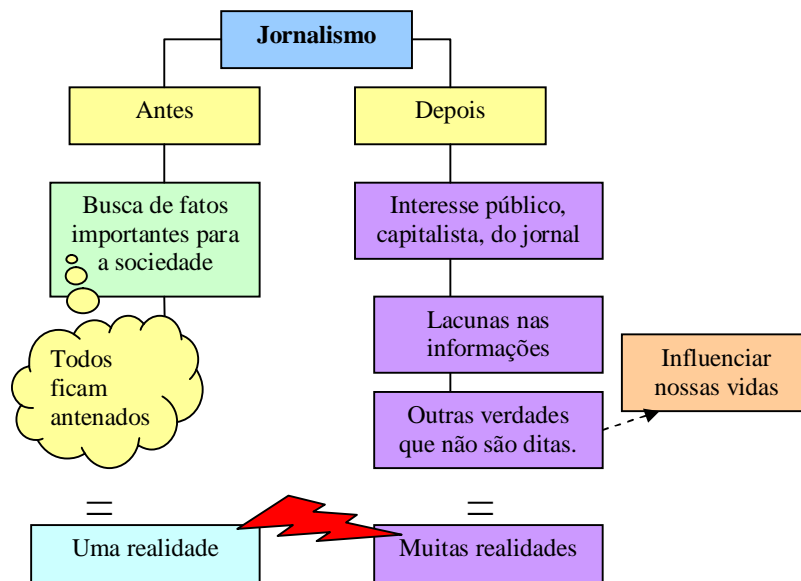
Esta visão divina do jornalismo não parece de todo abandonada, apesar de seu desencanto.

Mas o jornalismo, eu comecei, me identifiquei com o jornalismo por essa questão de busca da verdaaaade, né, de anúncio mesmo da verdade para os outros. E também no caso particular, esse é muito próximo do ideal que eu tenho de católico porque, assim, no catolicismo, a gente sempre busca a verdade absoluta e no jornalismo também. Então, esse foi o fato que me fez, assim... ah, a busca da verdade, eu vou conseguir chegar aos fatos e informar pras pessoas alguma coisa didática e, e, achei bem legal isso. Na verdade, depois eu me desencantei um pouco. Foi quando eu descobri que nem sempre a gente pode chegar à verdade absoluta, nem sempre a gente pode falar o que é verdade, mas foi o que me fez... e aí depois, eu me apaixonei por jornalismo e agora eu penso em seguir a carreira jornalística mesmo.

A visão do depoente sobre o jornalismo se divide em antes de entrar para a universidade e depois. Antes, o jornalismo apresentava fatos importantes para a sociedade. Deixa as pessoas atualizadas, o que ele representa com a expressão “todos

ficam antenados”. Hoje, ele acha que nem tudo é divulgado por causa de interesses políticos, capitalistas e dos donos das emissoras. O esquema mostra a oposição instalada por sua comparação entre o que pensava antes e depois de entrar para a universidade.

Esquema 2 do depoente 5



As lacunas nas informações contêm verdades não ditas que poderiam influenciar e, conseqüentemente, provocar mudanças. Ele afirma que existem diferentes realidades e não apenas uma.

(...) o jornalismo antes de entrar na faculdade, o jornalismo pra mim ele era muito restrito a jornal, eu tinha mais acesso pelo jornal escrito, e era mais isso mesmo e a busca dos fatos que acontecem e o anúncio desses fatos, dos fatos mais importantes pra sociedade, para que todos, todos fiquem mais antenados, pra todas as, pra sociedade de todas as, as formações e de todas as idades e de todos os públicos e... eu acho que depois que eu entrei pra faculdade a coisa que teve mais impacto, o lance que teve mais impacto foi descobrir é o terceiro setor, né? Que existem muitas áreas que o jornalismo não atinge. Que existem muitas áreas que, que, que acontecem muitas coisas importantes que influenciam diretamente na nossa vida e o jornalismo não noticia porque não é do interesse público, não é do interesse capitalista, não é do interesse do chefe do jornal, das agências.

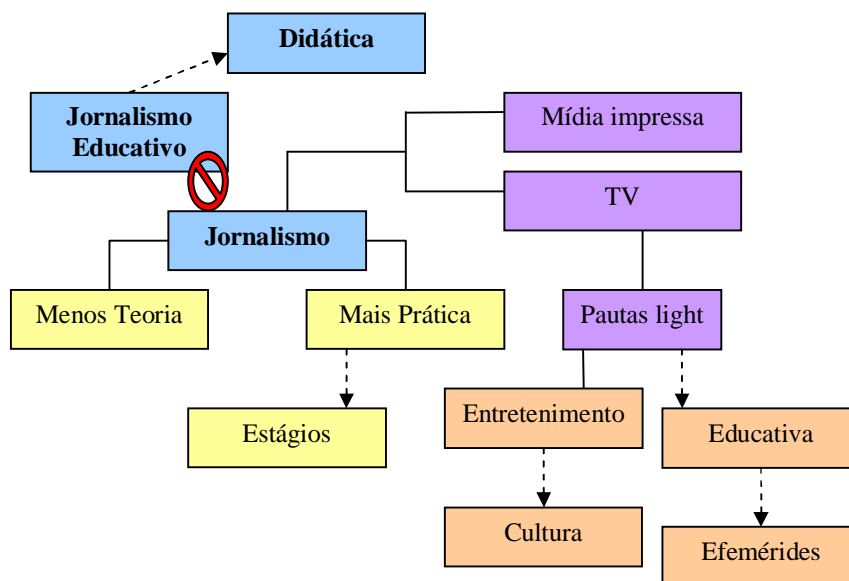
O uso da imagem “antenados” sugere que a existência do jornalismo faz com que as pessoas fiquem mais atentas, busquem mais se informar, ou seja, o jornalismo aumentaria a vontade das pessoas de se informar.

O Jornalismo, para o depoente, necessita de teoria, muito mais do que prática. Por isso ele dá valor aos estágios que fez.

Entrevistado: Pois é, a TV universidade 1... desde o primeiro período, eu processo estágio, pra...porque acho que essa carreira jornalística é uma carreira que muito mais do que teoria ela precisa de prática pra você aprender e aí eu já tinha estagiado na assessoria da universidade 1, na rádio catedral, que é a rádio católica e no jornal testemunha de fé, que também é do católico e eu queria outras experiências. E aí eu, os que faltavam, os, as mídias que faltavam no caso era TV, internet e outras que vieram, não sei, mas aí surgiu o processo de seleção da TV e eu gostava da linguagem da TV, nunca tinha tido nenhuma experiência e resolvi fazer a prova e passei.

O esquema abaixo resume o fundamental de sua experiência como estagiário da TV.

Esquema 3 do depoente 5



Ele separa o jornalismo em *escrita* e *TV*. A linguagem da TV ele considera sintética. Quando escreve textos, o depoente 5 se preocupa em selecionar as informações importantes, fazer o texto relacionado à imagem e que esse texto prenda a atenção.

Para ele, os programas têm linhas distintas: um mais denso e o outro mais *light*. O denso está remetido à economia e política, implicitamente *hard news*, e o *light* ao

entretenimento à cultura e educação. Para referir-se à educação, usa o termo “coisa didática”. Estas afirmações sugerem um leve desprestígio ao que é associado ao *light*.

O Contraponto fica com os temas mais densos de economia e política da semana que tão ocupação a semana e o Antena Coletiva acho que tem essa proposta de ser uma coisa mais, mais light, digamos assim. Então, quando eu proponho alguma coisa pro Antena Coletiva, eu me proponho, primeiro, (PC) é...em, em fazer uma, uma, uma pauta mais light, uma pauta que tenha entretenimento. Então, geralmente tem pautas de exposições pautas de eventos, de eventos de cultura, ou então eu me preocupo em fazer uma coisa didática, uma coisa que eu gosto muito, é efeméride, né?

O depoente diz que não ouviu falar em Jornalismo Educativo. Porém, ele associa Jornalismo Educativo a didática, que pode educar o telespectador tanto no que diz respeito a disciplinas escolares quanto a assuntos do dia-a-dia.

Eu acredito que Jornalismo Educativo (PC) quando eu penso em Jornalismo Educativo, eu penso no sentido didático da palavra educativa mesmo. De educar o leitor, o telespectador ou ouvinte sobre fatos, é... não só, não só o que a gente aprende na escola, as matérias de história, matemática, português, mas também sobre fatos que acontecem no dia-a-dia que a gente não tem conhecimento. Por exemplo, a gente fez uma matéria, uma matéria, três matérias com o Antena Coletiva sobre, sobre os três poderes. Então, ele explicou por, por exemplo, o, o, a importância do senado, o dever do senado, os senadores ficam responsáveis pelo o quê? Isso é uma coisa didática que as pessoas às vezes não têm conhecimento por que elas estão sendo representadas. Eu acho que seria essa questão de didatismo. De explicar mesmo e não só de noticiar.

Ao explicar o que seria para ele Jornalismo Educativo acaba por explicitar o que seria o educativo para ele. O educativo está relacionado a conhecimento. Para ele, existe diferença entre apenas noticiar e explicar, o que ele chama de questão de didatismo, mantendo o termo que inicialmente utilizou.

Portanto, pode-se dizer que o depoente 5 concebe o jornalismo como algo divino, uma profissão que almeja a verdade absoluta, mas que nem sempre existe. A função do jornalista, para ele, é fazer as pessoas ficarem atualizadas sobre o que acontece. Mas depois de entrar para a universidade, ele acredita que muitas notícias não são publicadas por causa de interesses comerciais, dos donos dos veículos de comunicação etc. Ele não sabe o que é Jornalismo Educativo, mas arrisca a dizer que ele tem relação com didática, com educação, o que estaria relacionado a ensinar disciplinas escolares e coisas do dia-a-dia e à explicação dos fatos.

- **Depoente 6**

A depoente 6 é estagiária, estudante de jornalismo. Ela escolheu jornalismo porque se considera curiosa. E porque cada dia o jornalista faz uma coisa diferente. A rotina agitada da profissão combina com seu jeito agitado. O seu discurso está embasado nos seguintes pontos:

1. Escolheu a instituição por causa da oportunidade de estágio. Para ela, estágio é fundamental, já que se aprende mesmo na prática e não na teoria.
2. A função social do jornalismo é associada pelo depoente com a influência que a mídia tem. Ele chega a dizer que hoje em dia tudo é linguagem, o que reforça a importância da comunicação.
3. Assim como o cinema reproduz a imagem do jornalista como um herói, ele também considerava assim. Porém, agora, ele não vê o jornalista com essa imagem heróica e até divina. O depoente acredita que, se errar é humano e jornalista é humano, então, jornalista erra. A afirmação caracteriza um silogismo ou uma argumentação de Transitividade, ou seja, se há relação entre A e B e entre B e C, logo, há relação entre A e C.
4. O depoente faz referência a TV Globo quando fala em credibilidade.
5. As pautas que sugere são as que considera curiosa, apesar de falar que o jornalismo deve ter função além de informação, que deve educar. Ao citar reportagem, tenta persuadir a pesquisadora citando uma reportagem que considera educativa e alterando o tom de voz para dizer que era didática.
6. O depoente diz que sabe o que é jornalismo Educativo, mas em seguida assume que não sabe do que se trata.
7. Ela gagueja bastante, o que mostra insegurança, ao falar sobre a existência de Jornalismo Educativo na UTV. Implicitamente ela não vê o Jornalismo Educativo sendo realizado de forma clara e pensada.

A depoente escolheu a profissão porque se considera curiosa, agitada e gosta de imaginar que pode fazer cada dia uma coisa diferente, tudo que é novo interessa a ela. Implicitamente a depoente diz que só se aprende realmente praticando e não apenas estudando.

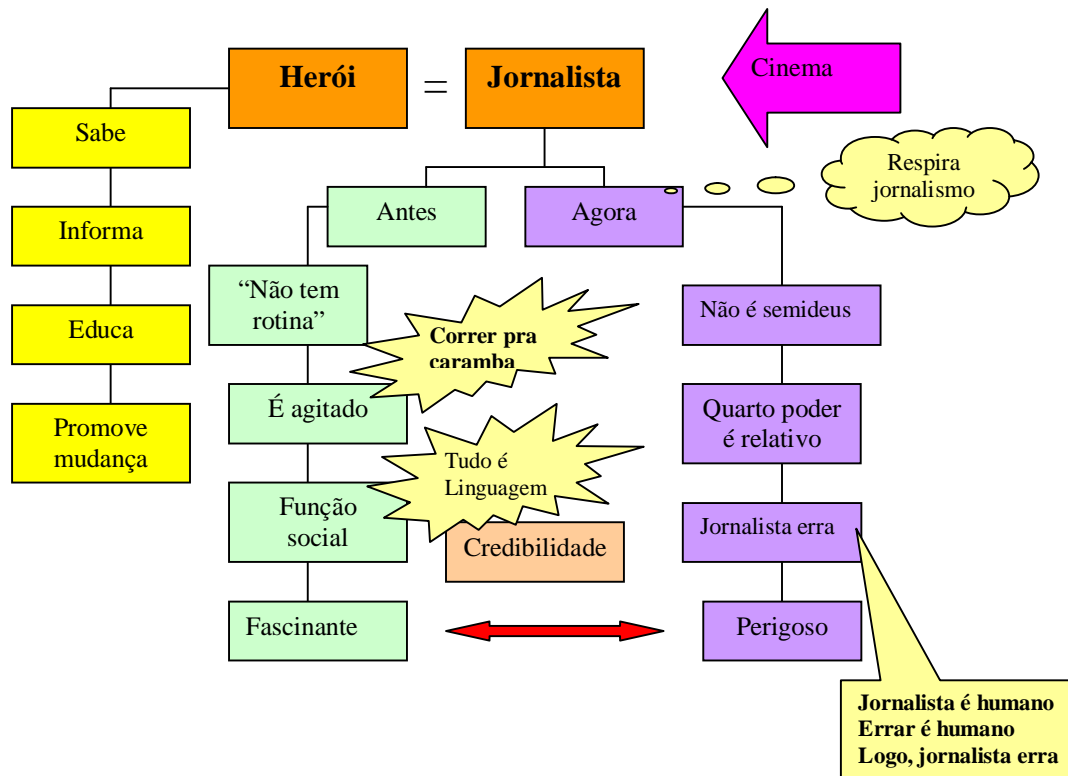
É... pelo fato de você não precisar sair daqui num primeiro momento.. pra estagiar e mesmo assim estar estagiando. e ta aprendendo pra caramba porque acho que jornalismo bem ou mal, você aprende um pouco na faculdade mas você não pega enquanto você num, você num, tem que fazer, tem que ficar pronto, é outra coisa, sabe?

Um outro fator que a levou ao jornalismo é o fato de achar que “tudo” é mídia. Se tudo é mídia, ela conclui que só pode trabalhar com mídia. Outra questão levantada pela depoente é o fato de ela perceber que as pessoas acreditam, dão credibilidade ao jornalismo. E esta credibilidade pode remeter implicitamente a uma manipulação. Daí surge uma relação que a depoente faz entre jornalismo e educação. Para ela, jornalismo educa, mas é preciso ficar atento porque o telespectador pode ser induzido a pensar de uma maneira.

Entrevistado: (...)Mas a maioria, a maior parte da população não tem, sabe? E o que fala, é aquilo e é verdade, então, toda hora, acho que, o que mais escuto, que, que fica bastante na minha, minha cabeça “mas eu vi na revista tal, eu vi no Jornal Nacional,” sabe? Falou lá, então é verdade, sabe? E acho que (PC), isso assim, é muito relativo. E não acho, é, que existe uma função social por isso, pela responsabilidade que tem de tudo que vai falar é verdade. Então, por exemplo, no momento político que a gente ta vivendo agora no país, sabe, é...tudo o que falar ali de política, sabe, quer dizer, informar a população do que, que acontece, sabe. É...eles vão, quer dizer, a gente vai, vai encarar como verdade, sabe? Então tem, tem uma função de, de, assim, informar mas educar também, sabe?

Ela destaca a importância da prática na formação do jornalista. Ao falar sobre a função de jornalista, diz que antes da universidade, ela via o jornalista como aquele que não tem rotina, que é agitado, tem função social porque tem credibilidade e é uma profissão fascinante. Essa imagem, segundo ela, tem relação com o fato de o cinema passar uma imagem heróica do jornalista, ou seja, aquele que informa, educa, sabe mais do que os outros, faz a promoção de mudanças. O esquema abaixo destaca sua concepção de ser jornalista.

Esquema 1 da depoente 6



Depois da universidade, a depoente vê o jornalista como aquele que não é semideus, diz que quarto poder é relativo e que o jornalista é humano, logo, erra, o que nos leva a destacar a tese, as premissas que vão dar sustentação à tese e o modo como essas premissas estão ligadas à tese, o que nos remete ao silogismo:

1ª premissa:	Errar é humano
2ª premissa:	Jornalista é humano
Conclusão:	Logo, jornalista erra

O uso do silogismo indica que, para a depoente, que o jornalista é falível, ao contrário do que imaginava antes de entrar para o estágio de jornalismo na UTV. Talvez seja uma forma encontrada pela depoente de justificar o ato de erra do repórter que, para ela, era injustificável.

Entrevistado: (...)Todos os filmes, assim, desde, se pegar a história do cinema, desde sei lá, 1940,50,60, vê que tem uma imagem do jornalista um pouco heróica, né? E...,não sei.eu acho que depois que eu entrei na faculdade e depois que eu comecei a estagiar, vê que não é bem assim, sabe, que ele não é um semideus, que essa coisa que

quarto poder é muito relativa, sabe? Apesar de acho que, ser um poder também. Essa imagem, é...eu tão acho que essa imagem em ela pode, de certa maneira, se não destruir, mas aten???? Um pouco e ver que o jornalista é uma pessoa, é humano também, e, e, ele erra também, sabe?

A depoente atribui função social ao jornalismo por causa de sua credibilidade e diz que “linguagem é tudo e tudo é a mídia”. A hipérbole se caracteriza no exagero ao afirmar que tudo é mídia. O que é tudo? Com o emprego da hipérbole, ela acentua o motivo da escolha da profissão. Afinal, se tudo é mídia, ela precisa estudar mídia.

Ao fazer uma sugestão de pauta, a depoente 6 diz que escolhe o que ela acha que é curioso. Dá como exemplo uma matéria sobre ioiô, que ela produziu a partir do que leu sobre o assunto na internet. Portanto, o critério utilizado para a escolha foi o de interesse pessoal. Ela cita também o Jornalismo Ambiental, tema que afirma sempre pautar. Ela justifica esta recorrência do tema ao fato de considerá-lo importante. Porém, o que fica evidente é o fato da depoente continuar pautando temas de interesse pessoal, já que há outros temas importantes que ela não aborda.

Então, eu acho que sempre, é...é...alguma coisa que eu olhei e, e achei curioso, sabe? E aí eu vou olhar, vou ver se aquilo rende uma pauta, entendeu? Se rende uma história legal, se ...acho que mais por aí. E também, como eu gosto de jornalismo ambiental, sempre (riso) acabou sugerindo alguma coisa ambiental porque eu acho que é importante pra caramba e a gente tem uma deficiência muito nova ainda, né, assim, muito recente e os problemas ambientais e a preocupação com, com o meio ambiente ainda é muito recente.

A depoente argumenta que é importante utilizar emoção nas reportagens ao invés de um “discurso do não”. Acreditamos que ela esteja associando o “discurso do não” ao “discurso didático”, que ela vê como aquele do faça isso, faça aquilo. Se ela utiliza emoção, ela acredita que pode transmitir a mensagem melhor.

Então, eu acho que é importante bater nessa tecla, sim, sabe, não só falando mal, falando das tragédias, mas falando bem também, né? Porque quando toca o seu telespectador por uma, de repente, por uma vertente...emocional, sabe, talvez funcione muito mais do que acusar e dizer olha, ta fazendo errado, não faz isso, quer dizer, o discurso do “não” é, é, acho que muito pior. Então, acho que é isso.

O esquema abaixo destaca sua concepção sobre jornalismo educativo.

Esquema 2 do discurso da depoente 6



A depoente não sabe o que vem a ser Jornalismo Educativo. Ela, a princípio, diz que sabe o que é, mas, ao ser interpelada sobre o significado, não soube responder. Depois da explicação, ela mostra dificuldade em tentar convencer a pesquisadora de que há Jornalismo Educativo na UTV. Porém, ela percebe-se que estava tentando convencer a si mesma, já que não vê Jornalismo Educativo naquela TV. Ela, inclusive utiliza diminutivo para representar o pouco que vê de Jornalismo Educativo na UTV. A depoente usa o Jornal Nacional como referência quando fala em credibilidade.

Eu acho que, de uma certa forma sim, a gente tenta fugir um pouco do, do hard news, daquela coisa dia-a-dia, sabe, é só o factual mesmo, como eu te falei aqui e...acho que sim. Até quando você me perguntou das pautas, é, é, acho que eu tenho pelo menos, é, refletir um pouquinho, né? Se você tem, tem um tempinho maior e, e, enfim, pra fazer e pra pra ir ao ar também, eu acho que, acho que existe sim, quer dizer, não sei se é, se é uma constante assim, mas eu acho que, que existe.

A depoente diz que a UTV tenta fugir um pouco do *hard news* e promover a reflexão “destrinchando” a notícia factual. Porém, o exemplo que ela dá de reportagem que gostou de fazer foi uma sobre ioiô.

Pode-se observar, portanto, que a depoente 6 vê o jornalismo de duas formas. Antes da Universidade, como uma atividade heróica e divina. Atualmente, vê de uma forma menos divina, porém não deixa de ver assim completamente. A função do jornalista é informar e educar. Para ela, o jornalista é humano e, por isso, erra. Ela não sabe o que é Jornalismo Educativo, mas depois de saber do que se trata, não está convencida de que ele existe na UTV.

- **Depoente 7**

A depoente 7, estudante de jornalismo, estagiária, escolheu fazer jornalismo porque sempre gostou de ler e escrever. Chegou a pensar em ser advogada, mas desistiu por causa da quantidade de leis. E ela resolveu fazer o estágio em TV mesmo tendo muita vergonha de aparecer. Ela acredita que o estágio tenha ajudado a superar um pouco da timidez. A profissão de jornalista a atrai porque tem oportunidade de escrever o que quer e ter acesso a coisas e pessoas que ela não teria se não fosse jornalista.

Os pontos principais do discurso da depoente 7 são:

1. A escolha da profissão tem relação direta com o fato de gostar de ler e escrever e com o fato da profissão dar oportunidade de acesso a pessoas ilustres.
2. Diminuiu a timidez depois que entrou para a TV porque tem que ir à casa das pessoas que não conhece e fala com pessoas que não conhece.
3. A depoente atribui qualidades negativas para o jornalismo antes de entrar para a universidade e qualidades positivas para depois que começou a fazer o curso de jornalismo.
4. A função do jornalismo é, para a depoente, informar.
5. As sugestões de pauta surgem a partir de sites, jornais e de seus próprios interesses. Assim, ela faz a reportagem com mais vontade.
6. Reconhece que existe uma função educativa na TV e que não existe, implicitamente, no jornalismo.
7. Acredita que a UTV deveria ter função educativa o que, implicitamente, diz que educação não é função das outras TVs.

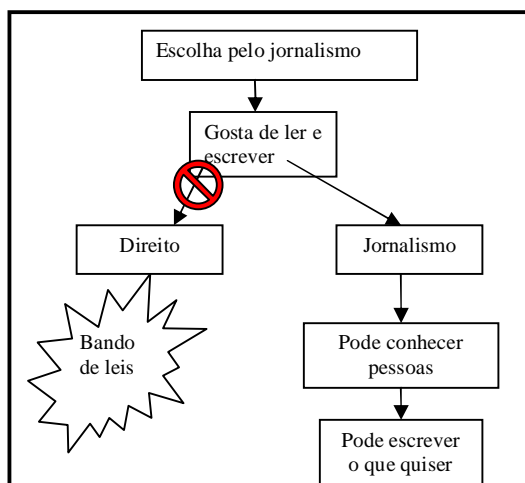
A depoente sempre gostou de ler e escrever e, por isso, pensava em ser jornalista ou advogada. Porém, a quantidade de leis a afastou da idéia de fazer direito. O fato de poder escrever sobre qualquer coisa e não apenas sobre leis e ainda ter acesso a pessoas ilustres fizeram com que ela decidisse por jornalismo.

Só que aí no direito, quando eu comecei a procurar saber mais sobre as carreiras, teste vocacional, essas coisas, comecei a ver, não sei, se era isso que eu queria trabalhar, sabe? Um bando de lei, eu achei que não que era muito a minha cara. E o meu principal, meu forte que eu sempre gostei muito de ler e escrever. Sempre li muito, escrevi muito desde nova... e... aí, eu achei que era um caminho. Eu ia poder ler,

escrever, me expressar, mas não necessariamente sobre leis, sobre qualquer coisa que eu quisesse.

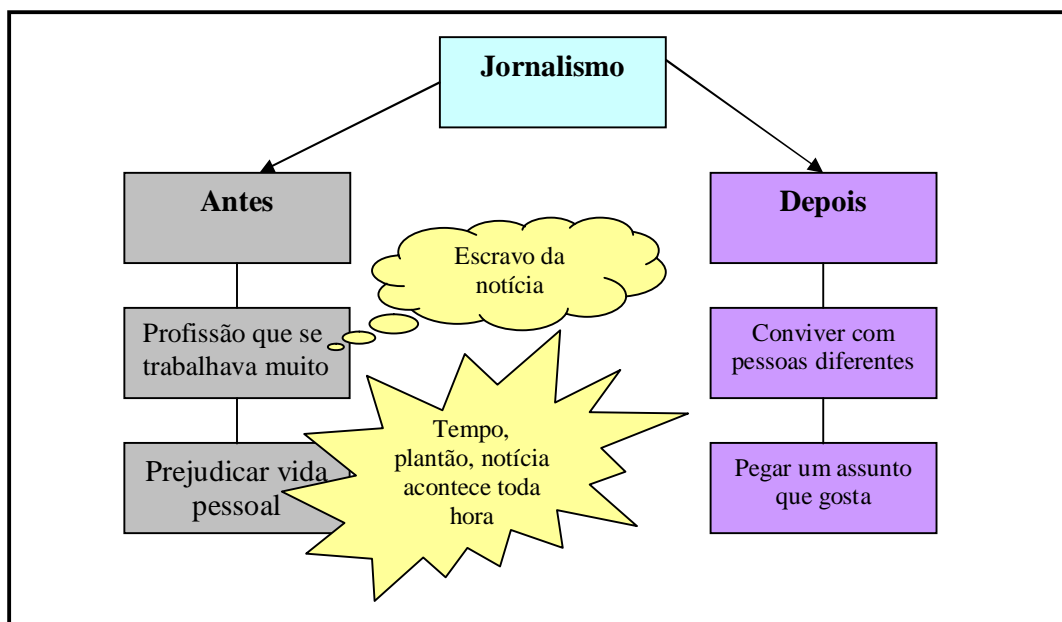
Importante ressaltar que a depoente associa fortemente o jornalismo à leitura, à escrita e ao ato de se expressar livremente.

Esquema 1 do discurso da depoente 7



A depoente utiliza qualidades negativas para representar a visão anterior à universidade, possivelmente o reflexo do que ouvia da família, e qualidades positivas para determinar como ela realmente vê o jornalismo, de uma forma mais glamourosa.

Esquema 2 do discurso da depoente 7



Usa os termos “escravo da notícia” para representar o tempo que a notícia consome. Como a notícia acontece toda hora, o jornalista é jornalista em tempo integral, o que prejudicaria a vida pessoal.

Bom, antes eu tinha noção de que era uma profissão que se trabalhava muito, (PC) que eu escutava as pessoas falando eu ia me prejudicar, vida pessoal etc. porque tempo, plantão, notícia acontece toda hora. Então, você fica meio que escravo do que está acontecendo. A sua vida passa a ser essa. (PC) e aqui, dentro é muito isso. E na TV, assim, no estágio (PC) eu acho que (PC) talvez o que (PC), que mais assim, que me faça enxergar é que eu convivo com, pessoas diferentes, áreas diferentes, eu convivo com muita gente, sabe, pessoas que talvez eu não tivesse oportunidade de conhecer se não fosse pela profissão. Eu tenho a oportunidade de, de repente, pegar um assunto que eu gosto, sugerir uma pauta e, através disso, chegar em alguma pessoa que eu admiro, e tal, que eu não, não ia ter acesso de forma alguma sendo, sabe, simples admiradora.

A insistente menção a pessoas ilustres a quem ela teria acesso somente através do jornalismo marca sua visão sobre a profissão. Ela contrasta o jornalista, que tem o acesso, ao que ela chamou “simples admiradora”, quem não tem acesso a estas pessoas.

Para a depoente, a função do jornalismo é informar. E ela escolhe os temas a partir de seus gostos pessoais que surgem a partir de leituras de jornal, revista, site etc. Quando isso é possível, ela se dedica mais, muito mais do que em assuntos pautados por outros.

Cíntia: *Como é que surgem essas pautas, surgem na sua cabeça? Você tira de onde isso, como é que elas vêm?*

Entrevistada: *Geralmente site, jornal, site de jornal e jornal mesmo, assim.*

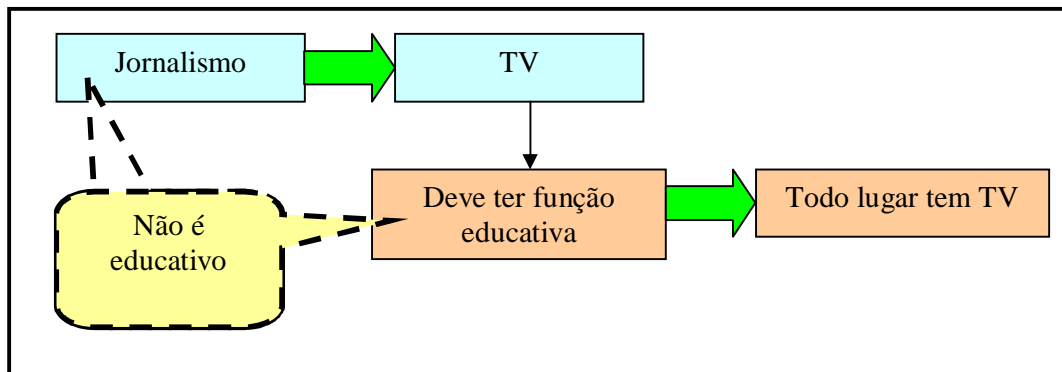
Cíntia: *O que você leva em consideração para escolher?*

Entrevistada: *Algum assunto que me interesse (PC) Eu sugerindo, às vezes, né, se eu faço uma pauta de outra pessoa não necessariamente aquele assunto me interessa, eu tenho que fazer. Mas alguma coisa, assim, que eu tenha vontade de produzir, de tá ali, de, ver aquilo acontecer, alguma coisa que seria do meu interesse, né. Porque acho que eu vou fazer com muito mais vontade, vou correr muito atrás, mas atrás do que eu correria se não fosse.*

O estágio em jornalismo, nesse sentido, ganha uma dimensão fortemente individual, gira em torno de interesses pessoais da estagiária.

Ao ser indagada sobre se jornalismo tem relação com educação, ela substitui a palavra jornalismo por TV e diz que a TV tem função educativa porque ela está na maioria dos lares brasileiros.

Esquema 3 do discurso da depoente 7



Por isso, ela deveria ser mais educativa, o que significa que, se *deveria* é porque implicitamente não é.

Cíntia: Você acha que jornalismo tem alguma relação com educação?

Entrevistada: Eu acho que tem muito. Principalmente (PM) eu não sei. Acho que todo lugar tem uma televisão. Então, começa por aí. E nem toda pessoa que vê televisão tem a oportunidade de... estudar. Principalmente lugar que tem pessoas carentes, a..., se tem escola é longe, você sabe, às vezes não pode ir ou tem que trabalhar pra ajudar em casa e não tem tempo de estudar, só mesmo informação da televisão. Então eu acho que a televisão, até eu acho que ela tem o dever¹⁰⁶ de educação de alguma, de alguma forma. Eu acho que o jornalismo tá muito nisso, porque ele mexe como o que está acontecendo. Então, se você usar a, o gancho do que acontece pra ensinar alguma coisa, passar uma mensagem que fique, sabe, que não se faz assim “ali, eu vi o jornal e acabou e nunca mais, sabe? Uma coisa que você pare pra pensar que você vai refletir, que você vai usar isso no dia-a-dia. Acho que isso é muito importante.

É preciso destacar que, a concepção da depoente sobre o Jornalismo Educativo se remete à reflexão, e sugere que ele provoque ações no telespectador em função da reflexão. Interessante a menção da depoente ao fato de o jornalismo “mexer com o que está acontecendo”. Esta menção sugere que, de algum modo, o jornalismo interfere no fato. Esta idéia é rara entre os depoentes.

A depoente não sabe se há jornalismo educativo na UTV. Porém, implicitamente não acredita que seja importante, já que é um canal fechado e, por isso, não teria a função educativa mais ampla para quem realmente, segundo ela necessita de educação. Para ela, implicitamente, o público da UTV é de nível mais elevado.

¹⁰⁶ Nesse trecho, a entrevistada deu ênfase.

- **Depoente 8**

O depoente 8, estagiário de jornalismo, tem o hábito de antes de responder, repetir a pergunta feita pela pesquisadora. Ele decidiu fazer estágio na TV porque ela é bem reconhecida entre os universitários e uma fonte de aprendizagem para ele, já que não havia feito estágio antes. O primeiro contato que teve com a TV1 foi no pátio da instituição, quando viu uma estudante de jornalismo, vendo o programa em que ela mesma aparece. A cena fez com que ele construísse a imagem em sua mente de que a TV1 é reconhecida pelos universitários, já que ele próprio valorizou a menina por ela ser da TV.

Os pontos principais do discurso do depoente foram:

1. O depoente decidiu ser jornalista porque se sentiu desafiado pelos professores de português, já que tirava notas baixas.
2. Ele fez uma analogia entre Jornalismo e a vida dele. O jornalismo é, para ele, uma profissão generalista que se reinventa a cada dia, ou seja, apresenta coisas diferentes a cada dia. Ele, desde pequeno, vem praticando diversos esportes, em busca de se encontrar, de se conhecer. Por isso, acredita que também se reinventa.
3. Acredita que o estágio é valorizado pelos estudantes. Ele mesmo valoriza bastante porque desejou estar no lugar da estudante que aparecia na TV no pátio da instituição. É também uma oportunidade de exercer a profissão ainda na universidade.
4. O depoente acredita que o Jornalismo está inserido no mundo capitalista porque seria uma empresa e, por isso, tem que vender jornal. Por isso, jornalismo não é apenas notícia de um fato atual.
5. Para o depoente, a função do jornalista é informar.
6. O depoente coloca em oposição a liberdade de pensamento (o que ele chama de jornalismo ideal) e jornalismo maquiado (um jornalismo político, com suposta objetividade e neutralidade).
7. Acredita que a internet vai modificar o jornalismo porque pode ter a participação do cidadão.
8. As pautas surgem de leitura, de pesquisa e de conversa com amigos.
9. Ele acredita que Jornalismo e Educação têm relação um com o outro e reforça dizendo que o jornalista é um professor pretensioso, porque ele “pretende ensinar sem a presença da sala”.

10. Não concebe Jornalismo Educativo na TV, apenas na internet em forma de *hiperlink*. O depoente acredita que se o jornalista ensinar pode ofender o telespectador, que pode achar que está sendo chamado de burro.

O depoente decidiu fazer jornalismo porque se sentiu desafiado pelos professores de português da escola, que não o incentivavam. Para ele, o jornalista é generalista, reinventa a realidade e até a si mesmo, características que ele atribui a ele próprio. Logo, escolheu ser jornalista.

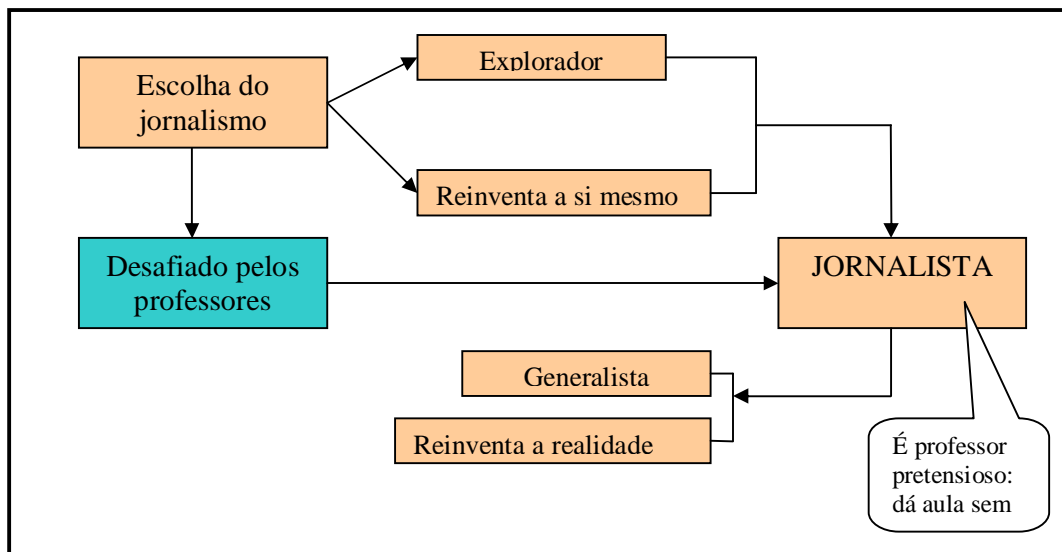
Cada, cada hora eu descubro alguma coisa diferente porque eu resolvi ser jornalista. É, ... agora eu to numa, to (riso) num momento de uma tese sobre mim mesmo que é...acho que foi pelo não incentivo das minhas professoras de português eu me sentia desafiado a escrever e a...e a... e aí eu falo// E aí eu só tirava notas ruins em português, eu queria saber fazer, eu queria, sempre eu me interessei, sempre me achei incompreendido nas coisas que fazia e aí acho que por orgulho, por vontade vim fazer jornalismo.

O depoente fala bem do estágio na TV1 e usa os universitários como álibi para reforçar a importância do estágio.

TV1 ...bom, primeiro que é...é uma experiência muito bem reconhecida entre, entre os universitários. Se fala muito bem, é..., da experiência, do aprendizado que se tem...então...eu agora, eu tranquei durante um ano, tava viajando, é...tive poucos estágios.

O depoente afirma com a frase “jornalista é o professor pretensioso porque dá aula sem sala” que é pretensão dar aula sem ser professor. E o professor tem esse desprendimento. Com essa imagem, implicitamente afirma um caráter educativo ao jornalismo. O esquema abaixo mostra sua justificativa pela escolha do jornalismo e uma primeira visão de sua concepção sobre ser jornalista.

Esquema 1 do discurso da depoente 8

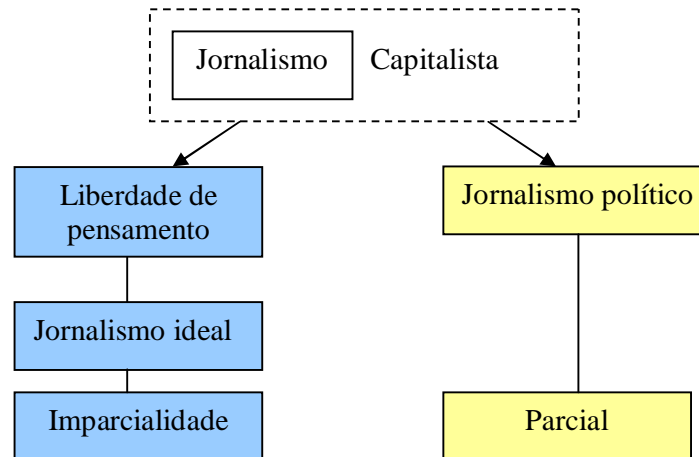


O depoente acredita que o jornalismo seja uma empresa porque está inserido no mundo capitalista. Para ele, a informação é essencial para a sociedade democrática, mas ele separa o jornalismo em duas categorias: uma ideal e outra política. Na ideal, há liberdade de pensamento e imparcialidade enquanto na política não há neutralidade ou isenção.

(PM) Acho que é uma função primordial dentro de uma sociedade, você informar, levar informação, função primordial do jornalista e essencial para uma... sociedade democrática onde, onde tem a liberdade de pensamento, liberdade, claro, falando de um jornalismo ideal, né? Não de um jornalismo... é... (PL) Não vou dizer jornalismo político porque, assim, eu prefiro que as coisas sejam esclarecidas, né, que enfim, que faça um jornalismo político, mas que seja claro pro público que ta, né, que ta recebendo. E..., que não seja maquiado por um, por um, uma suposta neutralidade, uma suposta objetividade que... a gente aprende aqui sim, estuda que não é possível, realmente, você é, é o ideal, né? Você buscar essa imparcialidade, mas qualquer coisa, uma foto, você ta, ta o seu dedo, ta o seu pensamento.

A imparcialidade, porém, aparece enquanto projeto para o jornalista, pois a neutralidade seria impossível. O esquema abaixo ressalta sua concepção sobre jornalismo.

Esquema 2 do discurso da depoente 8



O depoente sugere pauta baseado em pesquisa de internet, em leitura de jornal e ainda coisas que ouve entre os amigos. Ele citou como exemplos de matérias que gostou de fazer, aquelas que proporcionaram a ele experiência profissional nova ou contato com temas curiosos, o que evidencia na escolha das pautas o seu interesse próprio em detrimento ao interesse do público.

Entrevistado: *Que eu fiz? Faz, eu fiz um pro, acho que o programa que eu gostei foi o programa que a gente fez na Bienal. que a gente levou o Contraponto que o, é o nosso programa que grava sempre em estúdio, a gente saiu do estúdio e foi gravar na Bienal, então aí entrevistamos Ariano Suassuna, o Cristóvão Buarque, Afonso Romano de Santana. Eu achei que esse// Foi um programa que ia num aprendizado muito grande, eles controlavam toda a parafernália do estúdio, assim, com , com duas câmeras, três câmeras com uma galera, com uma equipe inteira correndo atrás, vendo “ali, o Ariano Suassuna ta lá em cima, vamo lá correndo”. Na sala de imprensa, então... isso foi um programa que eu acho que eu que eu mais gostei sem dúvida foi da Bienal do livro.*

Aprender a prática da profissão é um critério para considerar o programa bom.

O depoente fala metaforicamente que jornalista e educação têm relação.

Cíntia: *Você acha que jornalismo tem a ver com educação?*

Entrevistado: *Com educação?(PL) Sim. Acho muito que tenha a ver inclusive falei isso na minha entrevista. É que fui professor, durante alguns te// algum tempo. Professor de matemática, depois dei aula de alfabetização, depois é, virei supervisor de um projeto de educação. E, na verdade, o jornalista ele é o mais pretensioso dos professores porque ele pretende ensinar sem a presença da sala. Então, ele tem que tomar cuidado naqui, naquilo que ele prepara da melhor forma possível pra que não haja dúvidas. Então... claro que eu acho que o processo de construção de conhecimento//*

A relação que ele estabelece evoca o professor e a sala de aula, numa menção implícita à educação escolar. Evoca também implicitamente a idéia de substituição, o jornalista no lugar do professor.

Ao ser perguntado sobre Jornalismo Educativo, o depoente tentou esconder que não conhecia o assunto. Mas não sustentou a afirmação.

Cíntia: Você já ouviu falar em Jornalismo Educativo?

*Entrevistado: Sim*¹⁰⁷.

Cíntia: Você sabe o que é?

Entrevistado: Educativo? Do sentido de, de, de educar através de, de, de jornais/notícias? Não, na verdade (PC) não muito ouvi falar, então.

Mesmo depois de explicado o que vem a ser Jornalismo Educativo, o depoente afirma não conseguir visualizá-lo. Ele associa o tema a *hiperlink*. Sobre a internet, ele afirma que, com a interatividade, o cidadão pode atuar como repórter, o que pode, segundo ele, “dar pano pra manga”, ou seja, muita novidade ainda vai aparecer.

O depoente não consegue visualizar a prática do Jornalismo Educativo. Ele acredita que o Jornalismo Educativo pode ofender as pessoas, já que o fato de disponibilizar informação educativa pode ser entendida como chamar o telespectador de idiota. Ele apenas com visualiza Jornalismo Educativo no *hiperlink* na internet.

Entrevistado: Eu acho que aqui a gente tem um pouco mais de liberdade, eu acho que de certa forma tangencia essa idéia de Jornalismo Educativo. Eu nunca, nunca ouvi, num, num consigo vislumbrar ainda o ideal disso, né? Pra mim, acho que o ideal disso está perto, próximo da internet com conceito do hiperlink, né, que pode dentro de uma matéria, quer saber mais, vai buscar o link no negócio ao, aí começa a entrar e pode ficar uma hora guiando em torno daquele tema. Acho que, pra mim, seria, é...é como eu vejo da melhor forma. Porque quando isso é induzido, eu acho que, não sei, se pode funcionar direito. Poder, sei lá (PM) se pessoas que sei lá pô, sentir se ofendidas. O que o cara ta falando me explicando? Por que sou um idiota, sei lá, sentir ofendido. O cara ta falando e explicando porque sou um idiota? (...)

Pode-se concluir, portanto, que Jornalismo, para o depoente 8, é uma empresa com interesses comerciais, que é generalista. Antes da universidade, ele tinha uma visão de jornalismo imparcial, com liberdade de pensamento. Depois de ingressar na universidade, passou a ver o jornalismo como político, ligado a interesses. Para ele, a função do jornalista é informar, levar informação ao leitor, no entanto, às vezes pode substituir o professor, cumprindo a tarefa de ensinar. Acredita, contraditoriamente, que

¹⁰⁷ O entrevistado não demorou para responder, mas falou em tom mais baixo passando insegurança.

o jornalista pode ser ofensivo, pois se colocando no papel de professor pode dar a impressão de estar chamando, segundo ele, o telespectador de idiota. Apesar de não conceber Jornalismo Educativo, acaba dizendo que ele existe na UTV.

4.2 Análises das entrevistas realizadas na TV2.

Na TV2, que é de uma instituição pública, resolvemos entrar em contato telefônico para verificar de que forma poderíamos obter a autorização para as entrevistas. Eles nos informaram que teríamos que mandar um e-mail para a coordenadora, o que fizemos de imediato. Uma semana depois, cobramos uma resposta e fomos informados de que estavam apenas aguardando a autorização do diretor do curso de Jornalismo. Poucos dias depois, as entrevistas foram autorizadas e marcadas.

No dia agendado, chegamos ao local, mas a coordenadora, que iria nos receber não estava disponível, já que estava dando uma palestra na própria instituição. Diante disso, resolvemos procurar o diretor do curso de comunicação, que nos recebeu e nos concedeu a entrevista. Em seguida, voltamos para encontrar a coordenadora. Logo que ela viu a pesquisadora, a reconheceu. Ela foi estagiária da pesquisadora quando atuava como repórter. Novamente tivemos nossa pesquisa facilitada pelo fato de nos conhecermos. As entrevistas foram feitas separadamente em uma sala exclusiva. Um foi chamando o outro, o que facilitou e agilizou o trabalho.

• Depoente 9

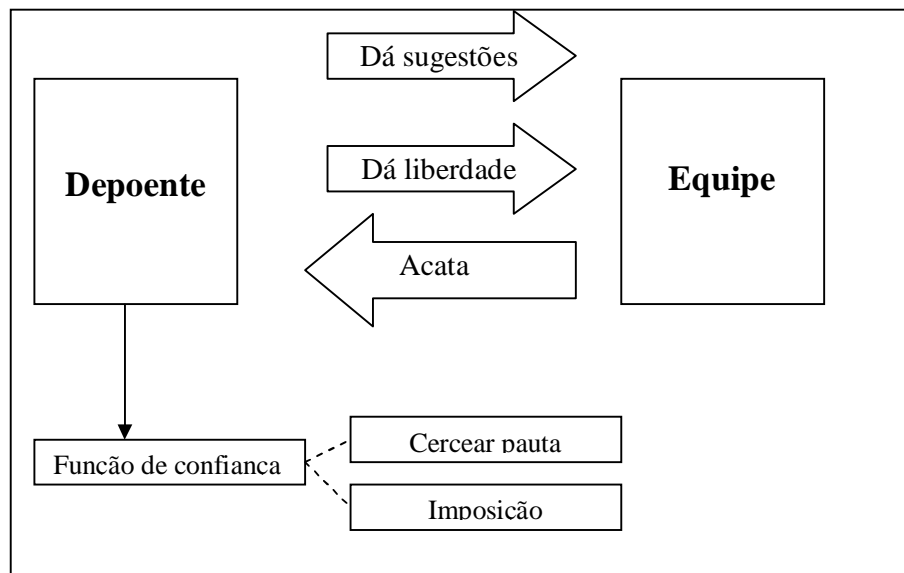
O Depoente 9 se formou em estatística econômica e depois decidiu fazer jornalismo para poder escrever em editoria de economia. Trabalhou durante algum tempo (não especificou quanto tempo) no Jornal do Brasil e depois passou a atuar em assessoria de imprensa. Dá aula na Universidade desde 1978.

Os pontos principais de seu discurso são:

1. Para o depoente, no passado, o jornal era mais do que informação. Era um veículo de defesa do cidadão e de questionamento.
2. Quando se fala em jornalismo, o depoente associa a jornal e não a outras mídias.

3. Para ele, o jornal está em fase de rearrumação por causa das múltiplas mídias.
4. O depoente acredita que o jornalismo tem a função de formar e não de educar. Ele atribui educação à escola, a família. Mas diz que Educação é comunicar educando.
5. Ele afirma não ter Jornalismo Educativo na TV2 porque educação não condiz com o público da UTV e não é a proposta dela.

Esquema 1 do discurso da depoente 9



O depoente 9 diz que não participa da reunião de pauta para dar liberdade à equipe e não “cercear” a pauta. Porém, ele utiliza a palavra “acatar” quando se refere à atitude da equipe diante de uma sugestão dele. Acatar tem relação com respeitar, reverenciar. Além disso, usa “eu deixo” e “eu dou liberdade” para se referir ao seu posicionamento quanto à escolha da pauta. O fato de argumentar em favor do fato de não se impor reforça ainda mais a interpretação de que sua palavra tem um valor soberano na hora da decisão. O argumento inclui o desconhecimento das razões que levam a equipe a acatar o que ele propõe, como se pelo fato de ele não ter uma estratégia para obter a adesão dos outros fosse suficiente para concluir que não há imposição.

Cíntia: O senhor participa da reunião de pauta dos programas?

Entrevistado: Não. É... eu deixo, eu dou liberdade, dou sugestões, essa coisa toda, mas eu prefiro, eu prefiro dar liberdade pra eles fazerem o trabalho porque aí, como minha função é de confiança, às vezes isso pode cercear a pauta ou pode parecer que eu estou impondo. É claro que às vezes eu tenho sugestões, às vezes tem alguma coisa que interessa a universidade, eu levo e, e aí eles acatam, não sei por que, mas eles acatam (risos).

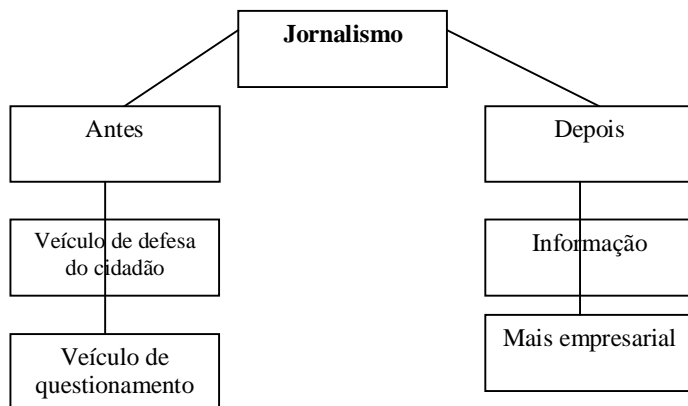
Os estagiários da TV2, segundo o depoente, atuam no estágio dependendo de sua competência. Implicitamente, o depoente qualifica os estagiários como competentes e incompetentes. Os competentes conquistam o direito de sair para a gravação externa.

Cíntia: E o que fazem os estagiários?

Entrevistado: Aí você pergunta pra Q. Dependendo da, da, da competência de cada um, eles entram fazendo pauta, produção e acabam indo pra externa se tiverem capacidade de acompanhar.

O depoente vê o jornalismo de uma maneira antes, quando começou a carreira e de outra agora. O esquema abaixo destaca as duas concepções que defendeu do jornalismo.

Esquema 2 do depoente 9



Antes, para ele, o jornalismo era um veículo de defesa do cidadão, com mais questionamento. Atualmente, a base das notícias é a informação. Hoje, a área comercial das empresas jornalísticas está mais presente.

Cíntia: Antes de exercer a profissão, o que era jornalismo pra e o que é Jornalismo atualmente? Houve diferença?

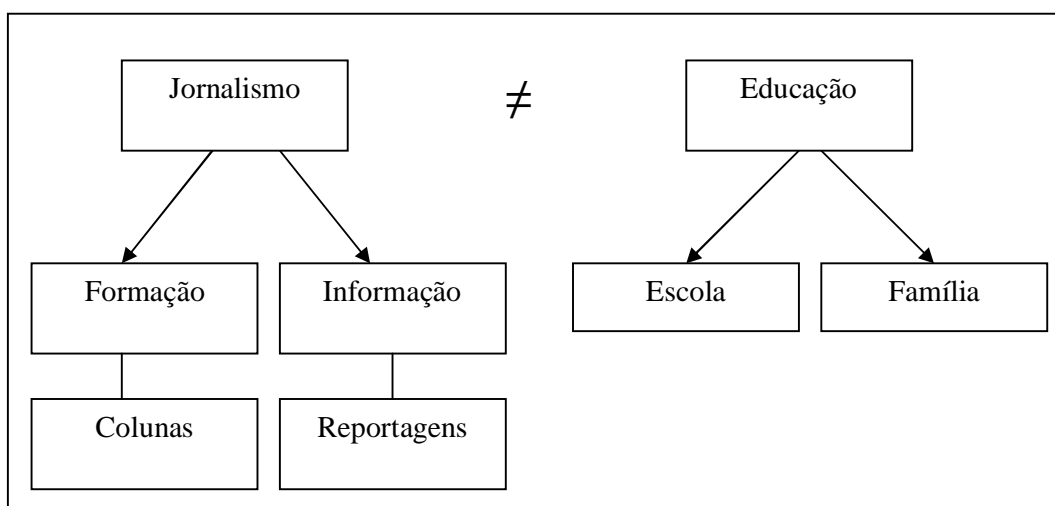
Entrevistado: Houve, porque a televisão não era tão forte e eu sou leitor de jornal desde 17, dezoito anos, acho que era, acho que um dos motivos era de (PC) um veículo

de defesa do cidadão (PL) Não era só informação, era um veículo de questionamento do estado, essa coisa toda.

Jornalismo para ele é informar e formar, uma vez que informar sozinho não é nada.

Entrevistado: Eu acho que é informar e formar. Informar e formar opinião. Informar simplesmente não quer dizer absolutamente nada, né? Mas acho que há necessidade de, isso que eu falei, por isso eu dou importância à coluna que também forma.

A Educação, para o depoente, não tem relação com o jornalismo e sim com escola e família. O esquema resume os elementos principais de sua concepção sobre o jornalismo e a distância que coloca da educação.



Cíntia: a função do jornalismo seria também de educação? Ou seria de informação?

Entrevistado: Formar. Não de educar. Eu acho que a educação é uma coisa da escola. Os jornais poderiam ajudar na formação que a escola dá. Não to falando de televisão, mas mesmo a televisão pode ter espaço pra ajudar na formação. Educação, eu acho que é família, casa, lar e escola. Eu acho que são essas coisas. O resto é fortalecimento ou comportamento.

Cíntia: a função do jornalismo seria também de educação? Ou seria de informação?

Entrevistado: Formar. Não de educar. Eu acho que a educação é uma coisa da escola. Os jornais poderiam ajudar na formação que a escola dá. Não to falando de televisão, mas mesmo a televisão pode ter espaço pra ajudar na formação. Educação, eu acho que é família, casa, lar e escola. Eu acho que são essas coisas. O resto é fortalecimento ou comportamento.

Interessante ressaltar que formar para ele não tem relação com a educação, isso estaria relacionado com o jornalismo. A educação para ele é o que se faz dentro da escola, portanto, distante da prática do jornalista. Apesar disso, coloca como ressalva

que o jornalismo pode ajudar na formação, esta com o sentido de fortalecer um trabalho que é feito pela escola e família.

Quando utiliza o verbo formar, o depoente se refere a formar opinião. E quem forma opinião são as colunas e não as reportagens.

***Entrevistado:** Eu acho que é informar e formar. Informar e formar opinião. Informar simplesmente não quer dizer absolutamente nada, né? Mas acho que há necessidade de, isso que eu falei, por isso eu dou importância à coluna que também forma.*

O depoente não conhece Jornalismo Educativo. Ele associa o termo a educomunicação quando diz que “educação é comunicar educando” e que esse trabalho seria restrito à escola, a um grupo e não direcionado a toda sociedade.

***Cíntia:** Você já ouviu falar em Jornalismo Educativo?*

***Entrevistado:** (PL) Depende do que você chama de Jornalismo Educativo. Existem várias formas. Educação é comunicar educando. Mas até onde eu sei, um trabalho em comunidade e não um trabalho na sociedade.*

Para o depoente, o público da UTV é de universitário, portanto, na visão dele, não cabe Jornalismo Educativo. Esse tipo de jornalismo não faria diferença se fosse aplicado na UTV. Além disso, ele não é, segundo o depoente, a proposta da UTV.

***Entrevistado:** (...) nosso público é universitário. Então, a TV Educativa que ajuda a formar, o aluno universitário está exercendo sua crítica, seu olhar, sua forma de receber informação. Deveria ou não fazer, isso a gente possa pensar.*

***Cíntia:** Será que faria alguma diferença?*

***Entrevistado:** Pro nosso telespectador, eu acho que não. A menos que a UTV mudasse sua proposta.*

Pode-se concluir que o depoente vê o jornalismo como uma empresa de informação e de formação e não de educação. A função do jornalista seria a de formar e informar. Antes, ele achava o jornalismo um veículo de defesa do cidadão e de questionamento. Hoje, ele considera o jornalismo comercial e informativo, podendo contribuir na formação. Ele não sabe o que vem a ser Jornalismo Educativo. Depois da explicação, não vê o Jornalismo Educativo na UTV porque não é a proposta da emissora e nem tem relação com o seu público telespectador.

- **Depoente 10**

O depoente 10 é estudante de Relações Públicas. Ele diz ter feito muitas coisas antes de entrar para a área de comunicação. Foi webdesigner, trabalhou com

informática, foi técnico em eletrotécnica. Ao entrar para a universidade, decidiu optar por relações públicas porque gosta de comunicação empresarial. Ele decidiu fazer o estágio na TV2 porque o horário permitia e porque ele queria aproveitar tudo o que a universidade podia proporcionar. Na TV2, ele passou a atuar em um programa de música. Como ele é músico, acabou gostando da atividade, mesmo dizendo que pretende voltar para a área dele e por não ter “veia de repórter”.

Alguns argumentos pontuaram seu discurso:

1. Ele diz que escolheu ser comunicador porque gosta de comunicação empresarial. Porém, está atuando dentro da universidade em uma área que não tem afinidade com o que ele deseja para o futuro. Porém é cômoda e atraente por ser ligada à música e ele ter uma banda.
2. Ele considera a função dele difícil porque a TV2 não tem estrutura, o que atrapalha o trabalho.
3. As pautas surgem a partir da experiência dele com o tema, os interesses dele em música e contatos.
4. Ele diz gostar de jornalismo por causa da possibilidade de produzir pautas diferentes. Mas afirma que quer continuar na área dele. A afirmação é recorrente, como se ele quisesse se convencer disso.
5. Ele considera que o papel da UTV é experimentar modelos novos, dar vazão ao pensamento da universidade e preparar os alunos para o mercado.
6. Ele acredita que haja relação entre educação e jornalismo porque os jornalistas estão em produções de diferentes programas e eles são profissionais de peso entre os comunicadores. São eles, segundo o depoente, os responsáveis pelo conteúdo das TVs, por programas que estimulam a socialização.
7. O depoente diz não ter conhecimento sobre o termo Jornalismo Educativo, apesar de falar fluentemente sobre Jornalismo e educação. Ele diz que no programa em que trabalha existe jornalismo educativo, mas implicitamente, fica claro que eles não produzem conscientemente jornalismo educativo.

O depoente 10, ao longo da entrevista, diz muitas vezes que faz Relações Públicas como se precisasse se convencer de que é a profissão que quer seguir. Ele diz

gostar de Relações Públicas, mas faz estágio em Jornalismo. Diz que gosta de comunicação empresarial, atividade exercida pelo Relações Públicas, mas gosta também das pautas variadas do jornalismo.

Cíntia: o que você gosta e o que não gosta no jornalismo?

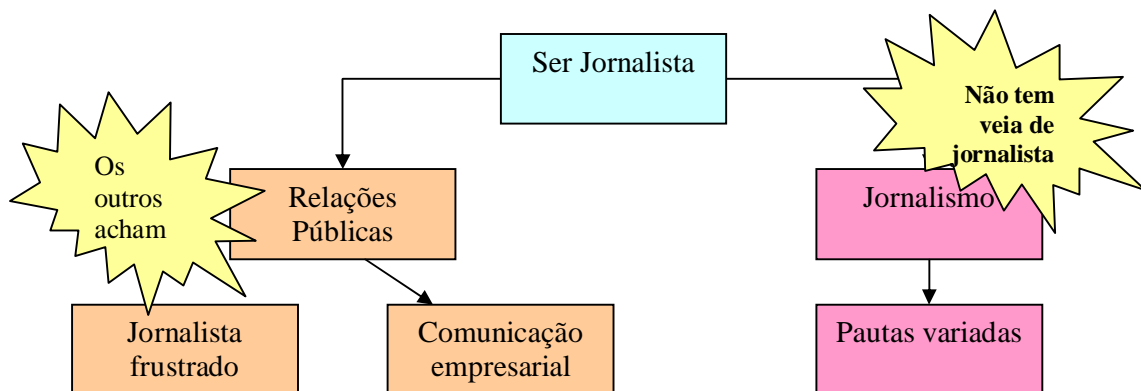
Entrevistado: que eu gosto mais é o fato das pautas mudarem e ter que ficar pesquisando uma coisa diferente. Eu gosto muito desse trabalho. Agora, minha formação é voltada para o mercado de Relações Públicas e eu gosto da minha área.

Cíntia: Não tem nada contra?

Entrevistado: É não tenho contra, mas quero ficar na minha área. Eu pretendo trabalhar com isso. Tem uma lenda na faculdade de comunicação que relações públicas são jornalistas frustrados que não conseguiram passar para jornalismo, mas eu escolhi Relações públicas mesmo, quis fazer e não teria feito jornalismo, não me identifico, não tenho essa veia de repórter, gosto de trabalhar com, comunicação estratégica, política de comunicação de empresa.

Além disso, diz que existe uma lenda que fala que o Relações Públicas é um frustrado porque não conseguiu passar para a faculdade de Jornalismo. Mas ele se diz certo do que quer, uma certeza que não aparece no discurso. Ele diz que “não tem veia de repórter”, ou seja, não tem vocação para a profissão, mas está atuante, dando sugestões de pauta, fazendo roteiro de entrevista. O esquema resume justificativa pela sua escolha por Relações Públicas.

Esquema 1 do depoente 10



O depoente se queixa da falta de estrutura da TV2, o que dificulta bastante o trabalho. Porém, em outro momento, ele reconhece a importância da UTV como divulgador das ações das universidades, como espaço para experimentações e modelos novos e uma forma de preparar o aluno para o mercado.

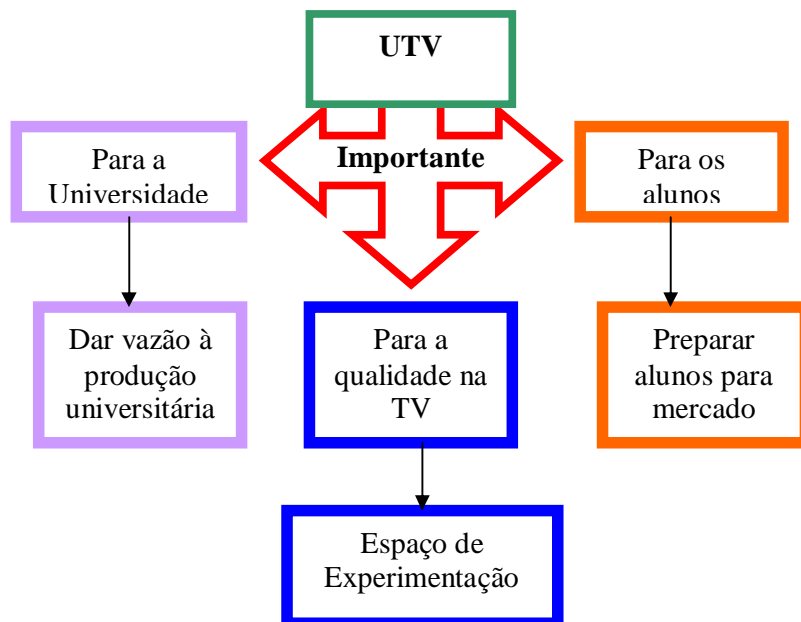
Cíntia: Qual você acha que é o papel da UTV?

Entrevistado: o papel mais importante da UTV tem a desempenhar é experimentar, ao mesmo tempo preparar os alu// eu acho que ela é muito importante para os alunos da faculdade. Acho que é a razão de existir da TV Universitária é dar vazão ao pensamento da universidade. Para o aluno de comunicação social, que é o meu caso, acho que é o lugar de experimentar, de testar modelo que não são os modelos hegemônicos da comunicação e ao mesmo tempo se acostumar com o mercado, aprender, experimentar, testar, porque a gente vê produção grande de modelos de rádio e colaram na televisão e continua assim. A gente vê programas de domingo, Silvio Santos, Faustão, o mesmo modelo de auditório, de rádio que foi para a televisão, não tem experimentação, não tem nada de novo, não tem um convite para a reflexão, e eu acho que é o convite à reflexão que a TV universitária tem que fazer. Dando visibilidade ao pensamento da universidade como permitindo os alunos de comunicação social propor novos modelos.

Identifica na prática da UTV o modelo comercial que supõe ter vindo do rádio e não ter se modificado. Reclama por um campo de experimentação de novos modelos para a televisão, pois não identifica a existência deste campo em seu estágio.

Quando perguntado se há relação de Jornalismo e Educação, o depoente fala da importância social do Jornalismo, mas ele não afirma que exista na prática. O esquema a seguir resume sua concepção sobre a UTV.

Esquema 2 do depoente 10



Ele reconhece o potencial que o jornalismo tem em trabalhar com a socialização, com grupos marginais e acentua que isso pode ser difundido a todos e não apenas para

uma minoria ou para crianças. A palavra criança empregada pelo depoente nos remete implicitamente às palavras escola, didática, ensinar. Mas ele finaliza afirmando que, apesar disso, é a informação quem pauta o jornalismo e não as questões educativo-sociais.

Cíntia: Você acha que jornalismo e educação têm relação?

Entrevistado: (...)O jornalismo é importante pelas pautas que propõe, da maneira que ele trabalha as pautas da maneira que ele traduz o discurso da academia para o público em geral,é... na proposta de modelos que... incentivam... a sociabilidade..., a inclusão de grupos marginais aos modelos que a gente tem. além da formação em si que pauta mais o jornalismo, que é a informação. Acho que a crítica em cima da informação passada também é muito importante para a informação e a educação do cidadão. Eu to falando numa educação numa perspectiva de Ah! Vamos educar nossas crianças. Passar daí para uma educação para todos.

O depoente diz não conhecer Jornalismo Educativo. Porém, depois de ser explicado, ele afirma que o programa dele apresenta Jornalismo Educativo. Portanto, pode-se deduzir que a produção não pensa jornalismo Educativo, ele surge “naturalmente”.

Pode-se concluir que o depoente 10 acha que o jornalismo tem função educativa e social, mas vê sua prática como só informativa, ou seja, a base do jornalismo seria a informação. Então, a função do jornalista é basicamente a de informar. O depoente não é jornalista, mas está trabalhando na produção de reportagens e entrevistas. Ele acha que jornalismo é bom porque apresenta variedade de pautas, mas que não tem vocação para a profissão. Ele não sabe o que vem a ser Jornalismo Educativo, mas depois da explicação, reconhece o Jornalismo Educativo na produção de seu programa. Ele, portanto, produz jornalismo educativo sem fazê-lo conscientemente.

• **Depoente 11 - TV2**

Encontramos a depoente 11 na Instituição no intervalo de um curso que estava dando para um grupo de terceira idade. Ela preparava o grupo para a produção de um documentário. Fomos convidadas a acompanhar o final da reunião. Em seguida, fomos para uma sala, onde foram realizadas todas as entrevistas individualmente. A depoente foi estagiária da pesquisadora no passado, o que facilitou o acesso a todos os entrevistados.

A depoente 11 é coordenadora da TV2. Ela entrou para a profissão de jornalista por acaso, porque o que gostava era de ser bailarina, mas não havia curso superior na

área. Uma amiga disse que iria fazer publicidade e sugeriu que elas estudassem juntas. Ela passou, mas logo gostou de jornalismo. Começou a trabalhar aos 18 anos como cinegrafista do Jockey. Depois, foi trabalhar como assistente de produção na TV Globo e fez estágio na TVE. Depois saiu da TV e foi para o grupo abril. Algum tempo depois, foi para o Telecine. Resolveu fazer mestrado e, neste período montou um laboratório de TV da Universidade Estácio de Sá unidade Niterói. Em seguida implantou e coordenou curso politécnico de Rádio e TV na mesma Universidade. Depois, foi convidada a assumir a coordenação da TV2, cargo que ocupa há dois meses. Na TV2, há aproximadamente vinte pessoas dentre eles estudantes e profissionais de comunicação.

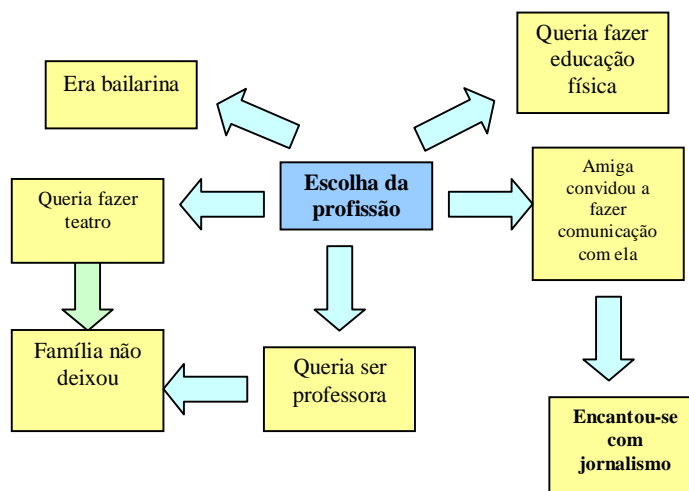
Alguns pontos se destacaram no discurso da depoente:

- 1- Há apenas três estagiários na TV2, sendo que um de história, um de Relações Públicas e um de jornalismo. Eles não atuam em todas as atividades, são limitados a apuração, pesquisa e produção, não podendo fazer reportagens. As reportagens são feitas por jornalistas contratados.
- 2- De acordo com a depoente, as pautas dos programas são criadas a partir da característica de cada programa para dar visibilidade aos trabalhos realizados pela instituição. Ela justifica a prática com o argumento de que a instituição precisa dar um retorno à sociedade das coisas que produz.
- 3- A depoente usa a TV Globo e History Channel como referência no seu discurso.
- 4- O que a encanta no jornalismo é a possibilidade de falar. Porém, ela diz que o lugar em que ela se sente mais realizada é diante de uma turma por causa desta possibilidade de falar.
- 5- A depoente afirma que jornalismo tem relação com educação. E diz que até o entretenimento está recheado de jornalismo com a intenção de educar.
- 6- A televisão é, para a depoente, a maior forma de transmitir jornalismo com fim educativo porque ela é mais comentada do que o jornalismo impresso. Televisão, para ela, está diretamente ligada à educação e à formação.
- 7- A depoente associa o termo Jornalismo Educativo a TV Educativa, mas admite que não viu na literatura nada sobre o assunto.

- 8- Depois da explicação, ela acredita que existe Jornalismo Educativo, mas que é um termo redundante como é o termo Jornalismo investigativo. E que na TV2 há mais tempo para trabalhar as matérias e que há mais liberdade do que numa TV comercial.
- 9- A depoente acredita que os estudantes não conseguem entender um texto e falar sobre ele porque não considera texto algo atrativo. Já diante da televisão, ele consegue entender e verbalizar o que viu porque prendeu a atenção dele.

O esquema abaixo resume sua justificativa para a escolha da profissão.

Esquema 1 da depoente 11

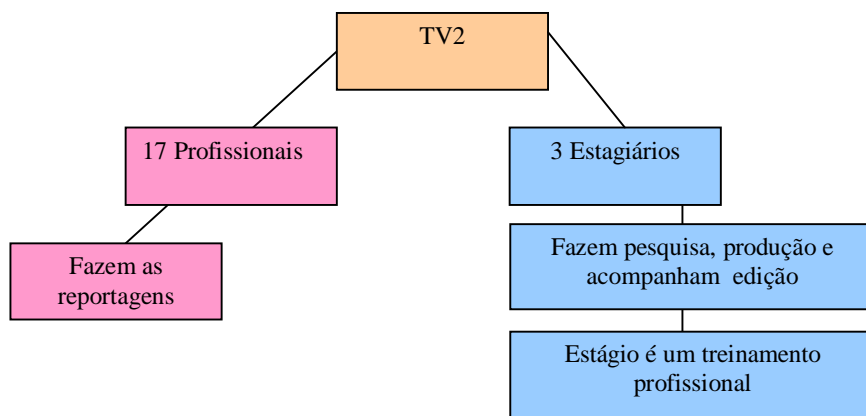


A depoente era bailarina e gostaria de ser atriz, mas a família não permitiu. Quis ser professora, mas a família também foi contra. Decidiu seguir uma amiga, que iria fazer em comunicação social o curso de publicidade. Ela se matriculou e logo se interessou pelo jornalismo.

A possibilidade de poder falar sobre tudo a atraiu para o jornalismo. Para ela, a possibilidade de falar a realiza. Ela diz que se sente mais realizada diante de uma turma.

A depoente diz que existem apenas três estagiários e todas as reportagens são feitas pelos profissionais que atuam nos programas. O esquema a seguir mostra o funcionamento da TV2, em sua visão.

Esquema 2 da depoente 11



Há repórteres contratados para a função, ao invés de utilizarem o espaço como laboratório para os estudantes. Ela justifica isso com o argumento de que eles não estão lá para fazer o programa, porque o estágio é um treinamento profissional. Ao que parece, ela opõe treinamento profissional à prática profissional feita por estudantes.

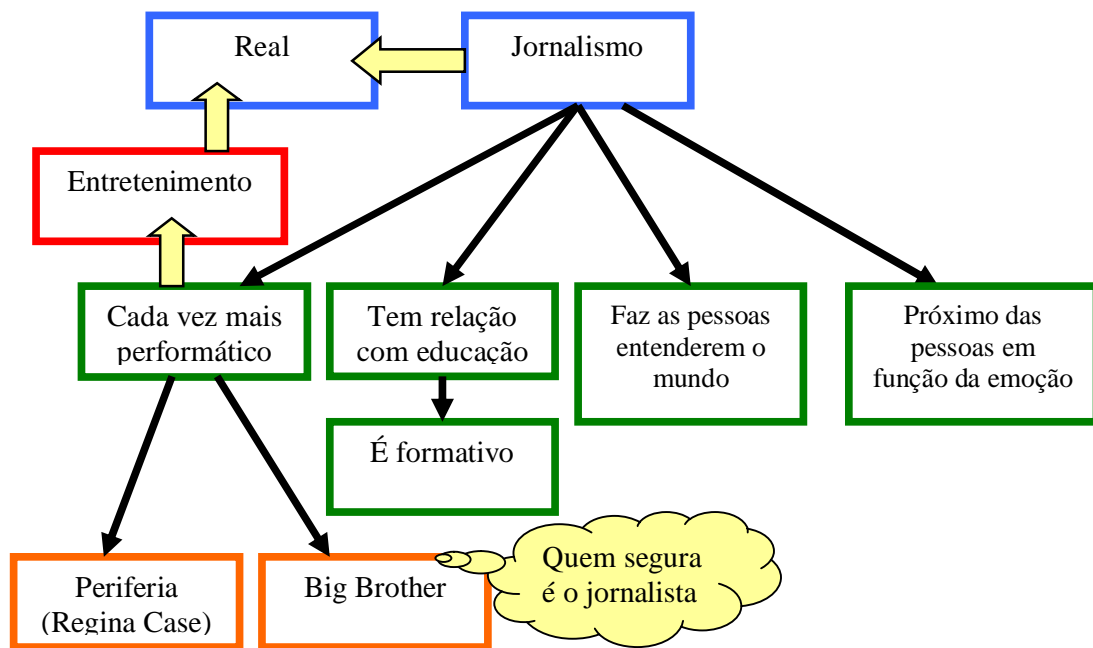
Cíntia: Quem faz as reportagens não são os profissionais.

Entrevistada: Não, não profissionais, (PC) eles acompanham fazem pesquisa, fazem a produção, acompanham a edição, mas não, não lhe é imputada nenhuma responsabilidade toda finalização do programa, eles tem uma coisa que eu sempre frisei aqui, estágio é um treinamento profissional, então ele está aqui pra ser, pra ter um treinamento profissional.

Aos estudantes, então, não deve haver responsabilidades com o programa, estas responsabilidades devem ser apenas dos profissionais que trabalham na instituição. A concepção dela de estágio, é muito particular, já que o estudante só faz parte do trabalho de produção, o que diverge um pouco da maior parte dos depoimentos.

Sobre Jornalismo, a depoente faz oposição entre entretenimento e realidade. O esquema mostra suas crenças a respeito da prática jornalística.

Esquema 3 da depoente 11



Para a depoente, o jornalismo faz as pessoas entenderem o mundo. Por isso, jornalismo tem relação com educação e é formativo. Por causa da emoção do repórter, é mais próximo das pessoas. Ela acredita que o jornalismo está cada vez mais performático e lembra os programas Periferia e Big Brother como tendo relação com jornalismo. O primeiro porque contém informação e o segundo porque é comandado por um jornalista (Pedro Bial). A depoente afirma que, apesar de ser de entretenimento, o Big Brother só quem conseguiu comandar ao vivo foi um jornalista (“quem segura é o jornalista”). O Jornalismo, para a depoente, é real e o entretenimento está cada vez mais real.

A depoente desloca para outros a aproximação entre Jornalismo Educativo e TVE. Isto geralmente acontece quando a pessoa não quer assumir a autoria de um dito. Ela entra em contradição quando dá a entender que conhece Jornalismo Educativo, mas confessa em seguida que não sabe o que é. Mas fazendo uma associação das palavras educativo e jornalismo, ela conclui que o termo é redundante. Isto porque ela acredita que jornalismo já seria educativo. Segundo ela, o mesmo acontece com o termo Jornalismo Investigativo. Ela não explica, mas implicitamente o argumento está

relacionado à discussão sobre a redundância do termo, já que para algumas correntes, Jornalismo, qualquer que seja, é por natureza investigativo.

O Jornalismo seria, por natureza, educativo. Porém, ela não associa desta forma. Ela diz que Jornalismo Educativo é formativo e não educativo.

Cíntia: Você já ouviu falar em jornalismo educativo?

Entrevistada: (PL) Jornalismo educativo que a gente conhece como jornalismo educativo geralmente o senso de comum atrela isso a TV educativa, né, acha que o jornalismo educativo é o jornalismo da TV educativa. Cientificamente essa expressão jornalismo educativo eu já li em livro tá, o que eu já vi foi estudando televisão uma das categorias da televisão, quer dizer, das categorias da televisão que uma é informação e outra é a educação, né, agora é (PC) eu acho que o jornalismo educativo na sociedade atual ele é como o jornalismo in, investigativo acho muito engraçado quando falam pra mim de jornalismo investigativo que, digo nunca apanhei tanto quanto como quando na Contigo, na Tititi então talvez tenha sido o lugar que eu mais apanhei na minha vida, então o jornalismo é sempre investigativo eu acredito que ele é muito (PC) formativo nesse sentido não sei se ele é educativo, mas eu acho que ele tem muito de educador mas essa expressão jornalismo educativo na literatura eu te confesso que eu nunca vi.

Podemos observar que para a depoente, o jornalismo está cada vez mais performático, ou seja, segundo ela, o jornalismo está sendo feito de maneiras diferentes, é formativo e faz as pessoas entenderem o mundo. O jornalista forma e informa. Ela não conhece Jornalismo Educativo e o associa a TV Educativa. Porém, depois da explicação, ela diz que o termo representa um pleonasmo já que todo jornalismo é educativo assim como todo jornalismo é investigativo. Ela reconheceu jornalismo Educativo na programação da UTV.

- **Depoente 12**

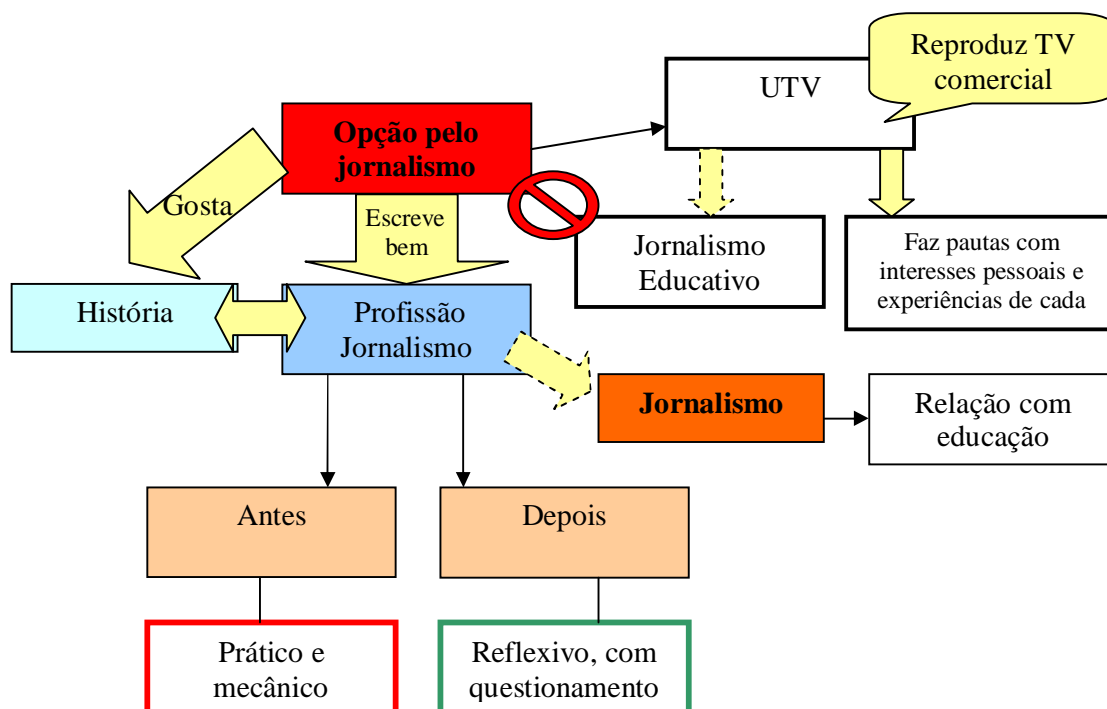
A depoente é coordenadora de produção de todos os programas da TV2. Ela é formada em jornalismo e história. Foi estagiária na instituição desde o segundo período do curso de jornalismo. Ela nunca trabalhou em outra TV, apenas em jornal de bairro. Ela disse que decidiu fazer jornalismo porque pareceu ser interessante e porque ela escrevia bem. Porém ela comete um deslize ao dizer que não sabe se faria de novo, imediatamente tentando consertar a frase, o que nos pareceu uma insatisfação com a profissão.

Os pontos de seu discurso que tiveram destaque foram:

1. O jornalismo para ela era, antes da universidade, algo mais prático, mais mecânico e menos reflexivo. Depois de estudar, achou que o jornalismo era mais reflexivo do que imaginava.
2. As pautas são criadas a partir da experiência e dos interesses de cada membro do grupo. Priorizam também eventos da instituição.
3. A depoente não conhece Jornalismo Educativo. Depois da explicação, diz que pode ter Jornalismo Educativo na UTV, mas ele acontece e não é planejado.
4. Ela afirma que a tendência é a TV universitária reproduzir o que é feito na TV comercial.

A depoente escolheu fazer jornalismo porque escreve bem e história porque gosta. Na TV2, ela consegue unir as duas atividades porque pode realizar pesquisas históricas para as reportagens. O esquema abaixo relaciona sua opção pelo jornalismo às suas crenças sobre a relação entre jornalismo e educação.

Esquema 1 da depoente 12



O Jornalismo, antes de fazer a universidade era, para ela, mais mecânico, com pouca reflexão, o que percebeu depois que entrou para a universidade. O jornalismo hoje, para a depoente é mais reflexivo e cheio de questionamentos.

Cíntia : o que você lembra do que você pensava antes e depois de trabalhar com isso

Entrevistada: quando a gente, na adolescência, o contato que a gente tem com jornalismo, jornalista que você conhece mais é mais da TV esta construção dos apresentadores, âncoras, parece que as coisas, parece uma vida mais, mais fácil do que na verdade é. Parece que aquilo não envolve as, as todos os questionamentos, e,e... a repercussão sobre a produção da notícia que, que na verdade envolve, parece uma coisa mais mecânica, e quando você vai conhece mais o trabalho não é tão mecânico e há varias reflexões que estão permeando o trabalho. Isso antes eu não tinha essa imagem. Eu achava que era uma coisa simples, mais prática, mais mecânica e menos reflexiva.

A depoente não esclarece, no entanto, o que faz a prática jornalística ser reflexiva, apenas afirma.

E pode ter relação com educação, mas não necessariamente.

Cíntia: jornalismo tem a ver com educação?

Entrevistada: eu acho que pode ter, não acho que todo jornalismo tem. Depende do veículo que você está, a liberdade que você tem de tratar o assunto. Você pode tratar o tema maternidade de forma mais factual, ao mesmo tempo você pode fazer trabalho de comportamento. Pode fazer um trabalho de história e tema liberdade de andar por várias áreas do conhecimento. Se você tem liberdade, você pode fazer a mesma forma educativa também. Pro canal universitário tem essa chance ampliada, porque assim você tem mais liberdade menos cobrança comercial e mais liberdade de produção e criação e tem mais chance de fazer algo educativo

A associação da educação com maior liberdade reflete uma dificuldade já conhecida: atender aos interesses comerciais em oposição aos interesses sociais. Essa referência aparece sobre a forma de uma queixa velada sobre a possibilidade de abordar com profundidade temas considerados de interesse exclusivamente dos indivíduos e dos grupos sociais, sem apelo comercial.

A depoente não sabe o que vem a ser Jornalismo Educativo, mas depois da explicação o identifica nas pautas que faz, principalmente naquelas que ela idealiza porque são quase sempre voltadas para a história.

Cíntia: você fazem isso?

Entrevistada: eu acho que a gente dá, na medida em que, nessas conversas que a gente faz para fechar a pauta, a gente tenta fazer, trazer uma coisa a mais sobretudo que as pessoas que assistindo o programa tenham uma reflexão sobre aquilo mesmo os programas históricos que a gente tenha...se a gente for falar sobre a ditadura, a gente traz o tortura nunca mais e saber como influencia a nossa vida hoje.

Cíntia: acontece, mas vocês não planejam...

Entrevistada: não, não. Não é um plano(...)

Ela acredita que a UTV reproduz a TV Comercial porque os professores precisam prepará-los para o mercado de trabalho. Por isso, acabam ensinando a fazer o que já existe.

***Entrevistada:** acho que existe. Eu acho que não são todos, mas eu, acontece muitas vezes é... uma reprodução do que se assiste na TV, mesmo porque muitos alunos e professores é uma disciplina do curso de jornalismo que você aprende a fazer o que você faz fora, e aí quer dizer faz, tem mais liberdade, mais chance do que do tempo corrido, talvez isso não seja tão possível e ao mesmo tempo que outros programas de outras universidade que têm programas com formato que possibilitem isso, mesmo programa sobre debates, talk show que tem essas possibilidades do jornalista ou aluno de fazer essa matéria, mais de ampliar o nível mesmo da informação que está dando não só o factual a notícia mas ir um pouco além. Eu acho que é possível o canal universitário tem muitos exemplos disso.*

Portanto, podemos observar que a depoente 12 vê o jornalismo de duas formas. Antes da Universidade, ele era mais mecânico, mais prático. Hoje, depois do curso e do estágio, ela vê o jornalismo mais reflexivo. O Jornalista aparece no discurso mais relacionado a informação. Ele pode ter relação com educação, mas nem sempre porque a UTV acaba reproduzindo a TV comercial. Mesmo assim, ela reconhece Jornalismo Educativo na UTV. Porém, ele surge sem ser planejado.

- **Depoente 14**

A depoente 14 é formada em jornalismo e ocupa a função de diretora de um dos programas da TV2. Ela foi estagiária da TV Educativa, atual TV Brasil, trabalhou na TV Bandeirantes, na extinta TV Manchete e depois passou para Assessoria de imprensa. Por medo de perder emprego, decidiu fazer concurso público e passou a trabalhar em uma instituição pública de ensino superior. Lá, ela participou da criação de uma TV *on-line* no laboratório de TV e Vídeo. Depois, pleiteou uma vaga no Centro de Produção de programas da instituição. Ela foi aceita e a colocaram como diretora de um dos programas, vaga que, para ela, era um desafio.

Do discurso da depoente, alguns pontos foram mais marcantes:

1. A depoente se achou imatura aos dezessete anos para escolher a profissão. Por isso, decidiu escolher algo que tivesse relação com o seu interesse por escrever.
2. Jornalismo, antes da universidade, tinha glamour, era idealista. Hoje ela não vê esse glamour.

3. Ela usa a TV Globo como referência de ascensão profissional no jornalismo.
4. A depoente acabou saindo da TV e migrou para as assessorias de imprensa. A falta de estabilidade a levou ao serviço público. Onde, surpreendentemente, conseguiu retornar à TV.
5. Para escolher a pauta, ela leva em consideração a imagem da instituição. Cultura interna e externa pauta o programa.
6. A Instituição é de peso, é cultural e por isso precisa abordar temas que sigam esta linha. A linguagem deve ser simples para que estudantes secundaristas e pessoas com pouca cultura entendam mas sem ser simplória porque é acadêmica.
7. A depoente minimiza a questão da falta de estrutura para produzir matérias.
8. Educação aparece no discurso como uma obrigação do jornalismo. A função do jornalista, portanto, seria a de ajudar a formar o povo.
9. A depoente diz que conhece Jornalismo Educativo da TV Educativa.

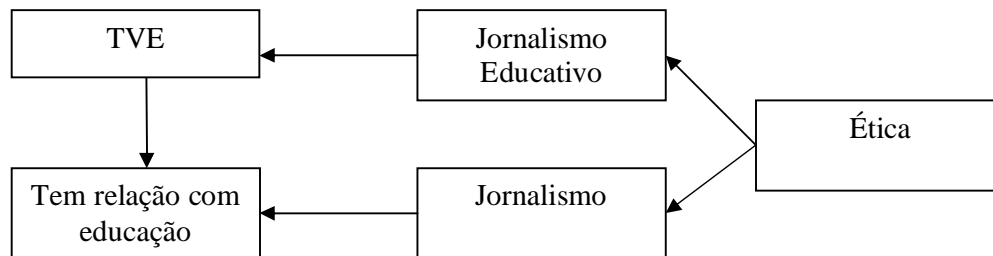
O depoente 14 afirma que o Jornalismo tem relação com educação. O Jornalismo Educativo tem relação com TVE que, por sua vez, tem relação com Educação. Portanto, implicitamente, a depoente não vê diferença entre Jornalismo Educativo e Jornalismo porque acredita que todo jornalismo tem relação com Educação.

Cíntia : você acha que jornalismo tem a ver com educação?

Entrevistada: sim tem muito a ver com educação e eu acho que isso é compromisso do jornalista. Acho que ele tem que estar sempre preocupado com a formação do povo, a formação do leitor, a formação de opiniões, mas uma formação de opiniões que não atenda só ao interesse de mercado, mas o interesse da nação, do povo no sentido de melhorar politicamente o país., acho que o jornalista tem esse compromisso ético.

Para ela, a educação é o compromisso ético do jornalista. O esquema abaixo relaciona jornalismo e educação em uma primeira abordagem da depoente 14.

Esquema 1 da depoente 14



Leva em conta, na hora de fazer as pautas, a imagem e o nome da instituição. Por isso, as pautas têm relação com cultura, com linguagem simples e não acadêmica, que ela considera chata.

***Entrevistada:** Olha em primeiro lugar eu levo em consideração a imagem da instituição. Porque esse espaço é um espaço da instituição na TV universitária. Então o que é a instituição? É uma instituição de peso, uma instituição cultural, então a gente tem que fazer um programa que respeita essa linha da instituição. Então eu tenho compromisso com a cultura e com um programa de qualidade eu penso em pautas que estejam dentro desse status da universidade e que seja simples e que de acesso para estudantes secundários porque também não pode ser muito sofisticado, com linguagem muito acadêmica porque senão o programa fica chato. Então a gente senta discute essas pautas, procurando fazer coisas que a imprensa não esteja badalando, exposições artistas interessantes e também dar visibilidade aos produtos culturais da necessidade porque aqui temos galeria de artes, teatro, várias galerias, várias é... exposições, peças de teatro e coisas feitas por alunos e artistas consagrados.*

A idéia de que a linguagem televisiva não deve ser muito sofisticada, por que senão fica chato, traz implícita a idéia de que o formato educacional é de algum modo incompatível com o de entretenimento.

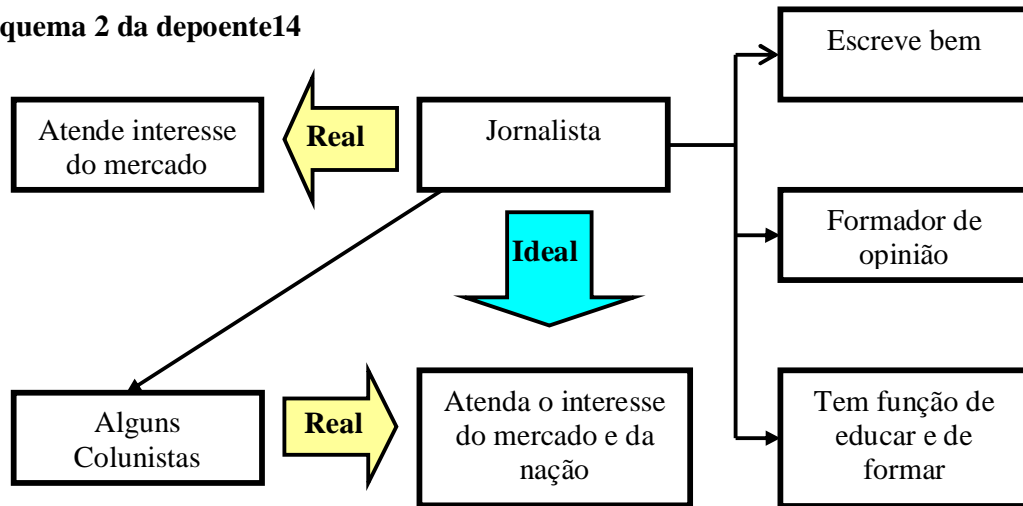
Para a depoente 14, o jornalista escreve bem, é formador de opinião, e tem a função de educar e de formar o povo. Ele deveria atender ao interesse do mercado e da nação. Porém, na realidade, atende apenas aos interesses do mercado. Apenas os colunistas de renome que conseguem chegar a este ideal.

***Cíntia:** você acha que isso acontece efetivamente?*

***Entrevistada:** olha, efetivamente não. Eu acho que o apelo mercadológico ainda é maior. Mas tem jornalistas muito inteligentes muito capacitados que têm o nome de respeito, que assinam matérias que conseguem entremear com o apelo mercadológico, conseguem ter uma linha educacional uma linha de respeito a inteligência do leitor.*

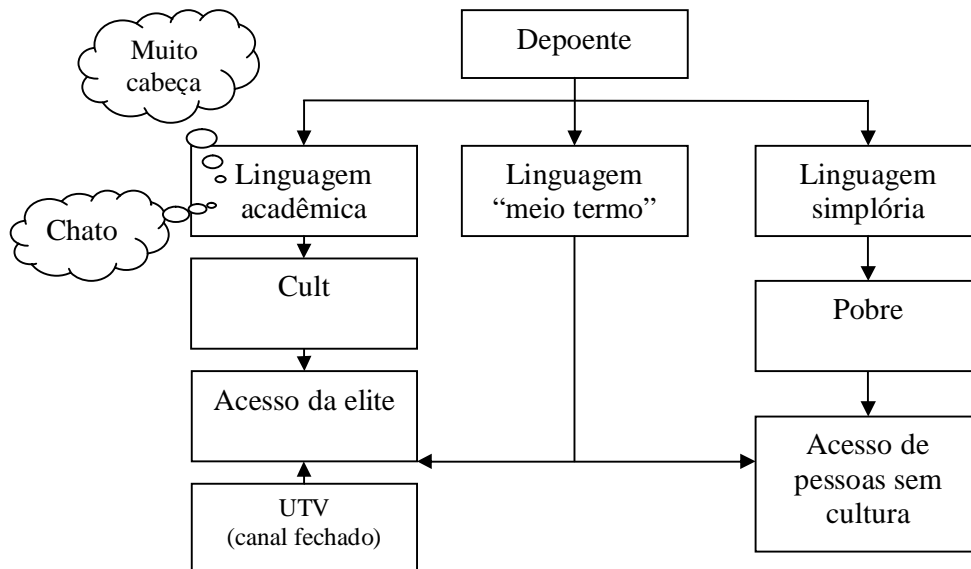
Para ela, o ideal é uma questão individual, de inteligência e de capacidade do jornalista, e de respeito ao leitor. O esquema abaixo resume sua concepção sobre ser Jornalista.

Esquema 2 da depoente¹⁴



A depoente diz que o programa em que trabalha não pode ter linguagem acadêmica, ser *cult* porque apenas a elite teria acesso. Além disso, ela diz que este tipo de linguagem é “muito cabeça”, ou seja, é de difícil entendimento. A depoente também considera este tipo de linguagem muito chata. Acaba por estabelecer uma espécie de classificação das linguagens televisivas, destacada no esquema abaixo.

Esquema 3 da depoente 14



A linguagem também não pode ser simplória, pobre, porque apenas pessoas sem cultura acompanhariam o programa. O ideal, portanto, na opinião da depoente, era ter uma linguagem “meio termo”, ou seja, que desse acesso a um público em geral. A UTV, por ser um canal a cabo, teria como público apenas o público *cult*, o que não faz sentido, para a depoente, já que se trata de uma TV Universitária.

Entrevistada: Olha, eu não posso falar por todos os programas, mas posso falar pelo meu que eu to há pouco tempo mas eu to dando esse direcionamento. A gente procura não fazer nada muito com linguagem muito acadêmica, muito cult, ou muito cabeça demais, né, mas também nem muito simplória e pobre, mas num meio termo pra que a gente possa dar acesso a pessoas culturalmente elitizadas e as que não tem acesso a cultura. Embora tem uma outra coisa que eu discorde, é que esse canal universitário seja num canal fechado, numa TV paga. Esse é um dos meus questionamentos quando eu cheguei aqui, por que não uma TV aberta? Que é pra poder chegar na favela, nos estudante de segundo grau, do primeiro, porque às vezes tem matérias que é de interesse de todos. Então, eu mesmo tive entrevistados que não puderam assistir programa a que eles deram entrevista porque ele não tinha TV a cabo em casa. Então isso é uma distorção que eu discordo. Eu já procurei saber se há a possibilidade de a gente entrar na grade da TVE, que agora é TV Brasil, para ter acessibilidade maior porque ficar fazendo um programa de arte, tentando mostrar um lado cultural brasileiro e de fora pra uma meia dúzia de pessoas que possam ter TV a cabo, né?

A repetição do termo “muito” em seu depoimento acentua diferenças e institui extremos: o simplório e o acadêmico. Cultura refere-se à cultura da elite, uma vez que admite a existência de pessoas que “não têm acesso à cultura”. Refere a linguagem simplória aos que não têm cultura e a linguagem acadêmica aos elitizados. Este pensamento é recorrente no meio televisivo.

Pode-se concluir que o jornalismo, para a depoente, deveria ter função educativa, mas na prática não tem. Portanto, o jornalista teria como função a formação do povo, a formação de opinião, o que apenas colunistas renomados conseguem fazer. A depoente diz conhecer Jornalismo Educativo e o associa à TV Educativa (atual TV Brasil). Ela reconhece o Jornalismo Educativo na UTV e afirma que o produz. Porém, fica implícito que ela não planeja produzir este tipo de conteúdo. Ele acontece.

- **Depoente 15**

O depoente 15 é estagiário e estudante de Relações Públicas. Ele decidiu fazer comunicação depois que trabalhou como *webdesigner*. Ele queria fazer Publicidade, mas passou para Relações Públicas e acabou fazendo. Na universidade, passou a fazer parte de um grupo de produção de vídeo. Mas teve que sair para trabalhar numa

assessoria de imprensa. Depois, por problemas de horário decidiu buscar estágio na própria instituição. A diretora do programa, que também trabalhava na assessoria em que ele atuou, o convidou a fazer estágio na instituição. Como o depoente é músico e o programa fala sobre música, ele aceitou fazer estágio em jornalismo porque achou interessante trabalhar com música. Ele faz estágio há nove meses na instituição.

Durante seu discurso, alguns pontos se destacaram:

1. Ele pauta o programa de acordo com o que achar interessante.
2. O depoente afirma que não tem “veia de repórter”, e, por isso, vai voltar para sua profissão de Relações Públicas.
3. A função da UTV é experimentar, preparar o aluno para o mercado e dar visibilidade à instituição.
4. A TV, para o depoente, apresenta um modelo arcaico, antigo, ainda do tempo dos programas de auditório das rádios.
5. Jornalismo tem relação com educação porque a TV apresenta conteúdo formador, educador.
6. O depoente não conhece Jornalismo Educativo. Depois da explicação, ele diz que tentam promover reflexão, mas nem sempre isto acontece por causa dos entrevistados, que não têm capacidade de se aprofundar nos temas.

Ao longo do depoimento, o depoente 15 fala várias vezes que está fazendo estágio em jornalismo, mas pretende voltar para sua área de Relações Públicas, curso que estuda, como se estivesse falando para ele mesmo ouvir e tomar as providências para que isto aconteça.

***Cíntia:** o que você gosta e o que não gosta no jornalismo?*

***Entrevistado:** que eu gosto mais é o fato das pautas mudarem e ter que ficar pesquisando uma coisa diferente. Eu gosto muito desse trabalho. Agora, minha formação é voltada para o mercado de Relações Públicas e eu gosto da minha área.*

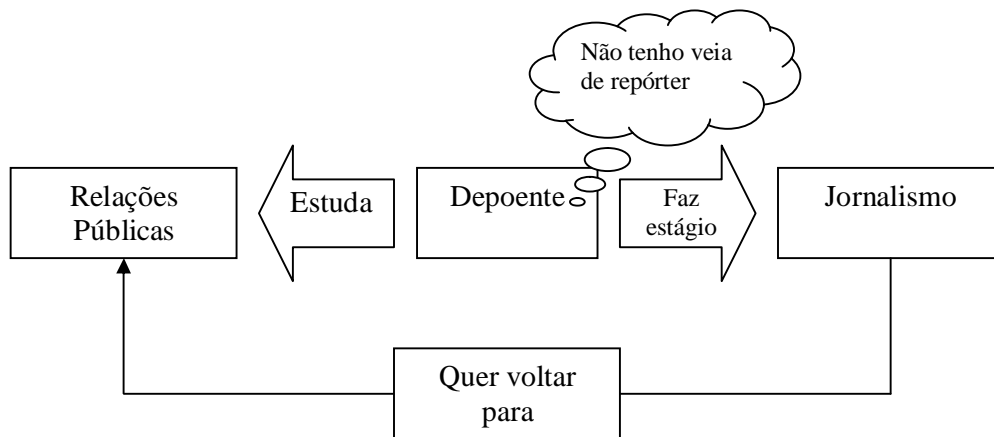
***Cíntia:** o que você está achando do trabalho?*

***Entrevistado:** É um trabalho difícil... por causa das condições materiais que a gente tem aqui no CTE. Poucas câmeras, poucas equipes, dificuldade de sair de carro, dificuldade de produção, de telefone para ligar para celular. É... realmente eu não pretendo ficar na área de produção, de jornalismo, por muito tempo... Pretendo voltar mais para minha área mesmo porque tive pouca oportunidade de ficar na assessoria, fiquei oito meses nessa ONG...*

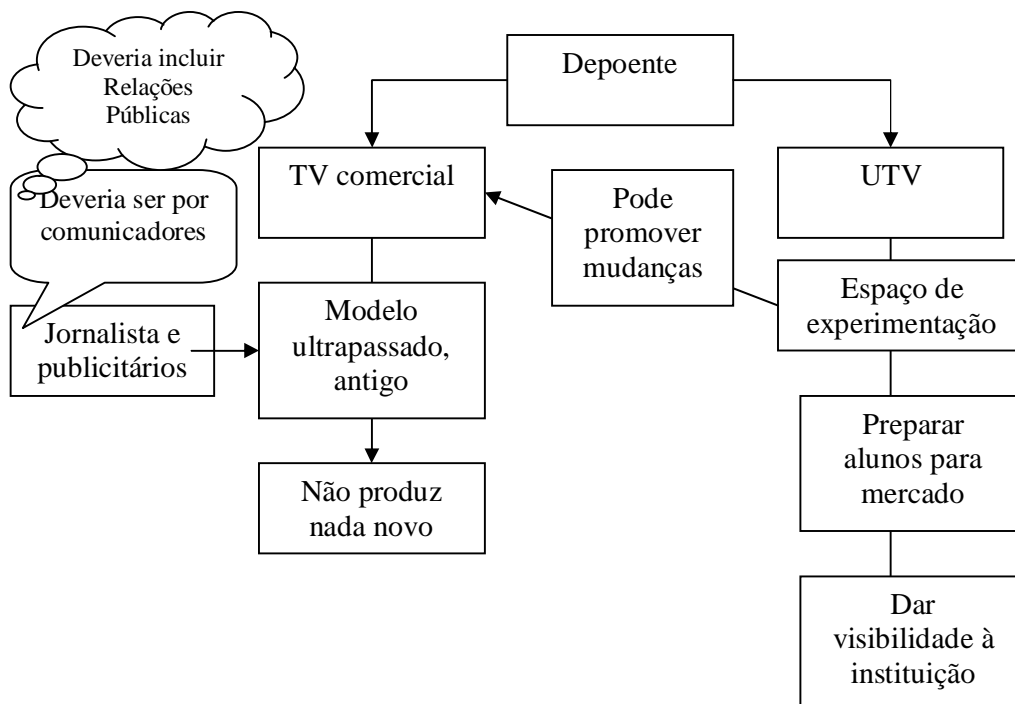
O depoente afirma que pretende voltar para Relações Públicas porque não tem “veia de repórter”, o que evidencia uma associação da profissão com algo além da técnica. É como se o repórter precisasse nascer repórter. A pessoa tem nas veias, no sangue a profissão.

Entrevistado: É não tenho contra, mas quero ficar na minha área. Eu pretendo trabalhar com isso. Tem uma lenda na faculdade de comunicação que relações públicas são jornalistas frustrados que não conseguiram passar para jornalismo, mas eu escolhi Relações públicas mesmo, quis fazer e não teria feito jornalismo, não me identifico, não tenho essa veia de repórter, gosto de trabalhar com, comunicação estratégica, política de comunicação de empresa.

Esquema 1 do depoente 15



Esquema 2 do depoente 15



O depoente acredita que o modelo da TV comercial está ultrapassado e ela não produz nada novo. A UTV, por sua vez, é um espaço de experimentação, o que poderia contribuir para uma mudança na TV comercial. É também espaço para preparar os alunos para o mercado – o que não garante nenhuma mudança, já que eles podem reproduzir na universidade o que é feito no mercado, e ainda dar visibilidade ao que está sendo produzido pela instituição.

Entrevistado: (...) A gente vê programas de domingo, Silvio Santos, Faustão, o mesmo modelo de auditório, de rádio que foi para a televisão, não tem experimentação, não tem nada de novo, não tem um convite para a reflexão, e eu acho que é o convite à reflexão que a TV universitária tem que fazer. Dando visibilidade ao pensamento da universidade como permitindo os alunos de comunicação social propor novos modelos.

A TV, para o depoente, aparece com modelos antigos. A UTV teria, como uma das funções, experimentar modelos novos.

Entrevistado: (...) Para o aluno de comunicação social, que é o meu caso, acho que é o lugar de experimentar, de testar modelo que não são os modelos hegemônicos da comunicação e ao mesmo tempo se acostumar com o mercado, aprender, experimentar, testar, porque a gente vê produção grande de modelos de rádio e colaram na televisão e continua assim.

Para o depoente, o conteúdo da TV é produzido por jornalistas e publicitários. Ele volta a defender a profissão futura dele, o de Relações Públicas, ao dizer que o conteúdo deveria ser feito por comunicadores e não jornalistas e publicitários apenas. Implicitamente, ele gostaria de ter o espaço da TV garantido para os Relações Públicas, apesar de antes dizer que não tem “veia de repórter”. Ele faz a relação de Jornalismo com Educação. Jornalismo, para ele, tem relação com educação porque é formador e educador. Porém, ele afirma que o jornalismo está mais voltado para a informação.

Entrevistado: Com certeza, não só jornalismo, mas toda produção de TV...a produção de TV tem sido muito feita por jornalista e acho que também não é preciso ser feito especificamente por jornalista ou publicitário. Acho que tem que ser feito por comunicadores. O jornalista é o comunicador que tem peso muito grande na, na nossa televisão e geralmente pauta os conteúdos, pauta os modelos mesmos dos programas, e eu acredito que o conteúdo veiculado na mídia é...divulgado pela mídia é um conteúdo de certa forma formador, educador. O jornalismo é importante pelas pautas que propõe, da maneira que ele trabalha as pautas da maneira que ele traduz o discurso da academia para o público em geral,é... na proposta de modelos que... incentivam... a sociabilidade..., a inclusão de grupos marginais aos modelos que a gente tem. Além da formação em si que pauta mais o jornalismo, que é a informação. Acho que a crítica em cima da informação passada também é muito importante para a informação e a

educação do cidadão. Eu to falando numa educação numa perspectiva de Ah! Vamos educar nossas crianças. Passar daí para uma educação para todos.

O depoente 15 não conhece Jornalismo Educativo. Depois da explicação, admitiu que nem sempre é possível promover reflexão no programa por causa do nível dos entrevistados. Este discurso se caracteriza como disjunção de pessoa, já que ele transfere para o entrevistado a responsabilidade que seria da equipe de produção. Quem escolhe o entrevistado é a produção. Se o entrevistado não tem capacidade de transmitir conteúdo, a “culpa” estaria relacionada à produção que o escolhe e não ao próprio convidado.

***Entrevistado:** No meu programa sobre música, a gente trabalha a perspectiva da vida pessoal e da carreira do entrevistado. A gente procura trabalhar o estilo musical, Por exemplo, a gente tenta contar a história do samba, da Mangueira, a gente tenta traçar um panorama, tenta refletir a questão do mercado do MP3, da pirataria. Geralmente a gente pergunta a visão geral do mundo, mas nem sempre é possível trabalhar isso no programa semanal. Porque não vai ser toda semana que a gente vai conseguir um entrevistado que tenha relevância, que tenha um estilo definido, eu trabalho com samba, com jazz, com blues e sei falar sobre blues, nem todos os entrevistados são assim. Entraram no mercado, construíram uma carreira, mas sem muita reflexão. Então, a gente não pode pedir de todos os entrevistados uma reflexão sobre a história ou sobre o mercado de música. O Patofu, por exemplo, falou muito sobre cenário independente, sobre selo, falaram sobre o mercado mesmo de música e analisaram. E os outros programas como campus, olhar cidadão eu acho que também eles busquem essa reflexão, mas eu não posso falar de fora.*

Portanto, pode-se concluir que Jornalismo, para o depoente, tem relação com Educação e formação, mas na prática, fica mais relacionado à informação. Ele não conhece Jornalismo Educativo, mas depois da explicação, diz que nem sempre é possível fazer um programa mais reflexivo por causa do nível dos entrevistados. Portanto, é possível encontrar Jornalismo Educativo na UTV, mas não é algo pensado.

4.3 Análises das entrevistas realizadas na TV3.

O primeiro contato que fizemos com a TV3 foi por telefone. Explicamos que tipo de pesquisa faríamos e nos foi solicitado um e-mail para formalizar a entrevista. Ao nos darem o nome da responsável por alguns dos programas, constatei que se tratava de uma pessoa que já havia trabalhado comigo no passado. Enviamos o e-mail a ela que, prontamente, nos respondeu com a autorização. Estávamos, portanto, liberadas para realizar a pesquisa, não apenas naquela unidade, mas também na unidade onde fica a

coordenadora geral e de onde produzem o maior número de programas. A TV3 é produzida por mais de uma unidade porque há curso de comunicação em outros campi.

Decidimos entrevistar aquelas pessoas que atuavam nas duas principais fornecedoras da programação: o Campus A, que produz dois dos programas da grade, e Campus B que, além de ser uma espécie de cabeça de rede, produz quatro programas da grade de programação da TV3 que, como vimos, tem ao todo nove programas.

Primeiro, fomos fazer entrevista na sede principal da TV3. Lá fizemos a maioria das entrevistas, já que no local é realizado o maior número de programas. A coordenadora não pôde chegar na hora marcada, mas me deu autorização por telefone para começar as entrevistas sem a presença dela. Uma das produtoras me mostrou um dos programas produzidos por ela. Todos foram muito atenciosos. As entrevistas foram realizadas individualmente, em local ao ar livre e agradável, sem barulhos.

Na outra unidade, fomos recebidas pela coordenadora local. Por conhecer a pesquisadora, ela ficou bem à vontade. Ela concedeu a entrevista e depois localizou mais dois estagiários para conversar conosco. A entrevista da coordenadora foi feita na redação que, apesar de estar vazia, não foi um bom lugar porque houve duas interrupções com o telefone tocando. As entrevistas dos estagiários foram feitas em local aberto, com algum barulho de pessoas, mas optamos pelo local para que eles pudessem ficar mais à vontade, já que a coordenadora estava na redação e a presença dela poderia inibi-los.

- **Depoente 16**

A depoente 12 é jornalista, tem 30 anos de televisão, 26 deles na TV Globo e 4 no Globonews. Ela acredita que tem jornalismo no sangue porque é filha de jornalista. Ela começou a atuar na TV3, segundo ela, por acaso, quando a instituição resolveu recuperar fitas de sua mãe, também jornalista. Ela passou a ser responsável pela TV3 e promoveu muitas mudanças nela. A primeira foi transformar uma das unidades em cabeça de rede¹⁰⁸ e as outras unidades como afiliadas¹⁰⁹.

¹⁰⁸ Emissora principal que gera a programação para as outras emissoras que compõem a rede (PATERNOSTRO, p.138). No caso de um telejornal nacional, a cabeça de rede recebe das afiliadas as reportagens da região que vão fazer parte da edição. Portanto, a unidade da Instituição que virou uma espécie de cabeça de rede gera a programação produzida pelas afiliadas para a UTV

¹⁰⁹ Emissoras de TV que retransmitem a programação da emissora principal de uma rede de emissoras. Elas têm formas estabelecidas e seguem a programação original, mas podem, normalmente, produzir

Os seguintes pontos foram observados no discurso da depoente:

1. A depoente atribui ser jornalista pelo fato da mãe ser jornalista. A profissão estaria, segundo ela, no sangue, no DNA.
2. O jornalismo antes era mais romântico, mas investigativo. Hoje, segundo a depoente, está mais comercial.
3. A depoente acredita que o jornalismo está em crise porque valoriza a tragédia. A depoente defende que o objetivo do jornalismo é informar e fazer pensar. Mas, segundo ela, como o mercado está em crise não está fazendo pensar.
4. A depoente não participa muito de reuniões de pauta por não ter tempo. Ela justifica a ausência com a confiança que tem na equipe.
5. Ela qualifica a equipe como semi-profissionais, ou seja, que não são profissionais, mas ela os está preparando para serem profissionais completos, mais completos do que a maioria. Ela os classifica como cabaiais dela.
6. A depoente afirma que fazer televisão é difícil e busca a adesão da pesquisadora, por ela atuar como jornalista e também em TV universitária.
7. A depoente diz ter promovido mudanças na TV3 ao apresentar projeto de TV ligada à extensão. Ela diz que uma televisão não é feita apenas de jornalismo e, por isso, promove a participação de outros cursos na TV3.
8. A pauta número 1 da depoente, segundo ela, é a educação. Porém, o discurso não se confirma ao longo da entrevista.
9. Não se mostra segura ao associar Jornalismo a Educação, intercalando no discurso as palavras “acho” e “com certeza”.
10. A depoente diz conhecer Jornalismo Educativo e diz que a TV Educativa e o Canal Futura o produzem. Ela afirma que não produz Jornalismo Educativo. Porém, depois da explicação da pesquisadora, ela reconheceu um de seus programas com função educativa..

programas próprios. Elas também geram reportagens para a cabeça de rede para compor um programa de rede nacional.

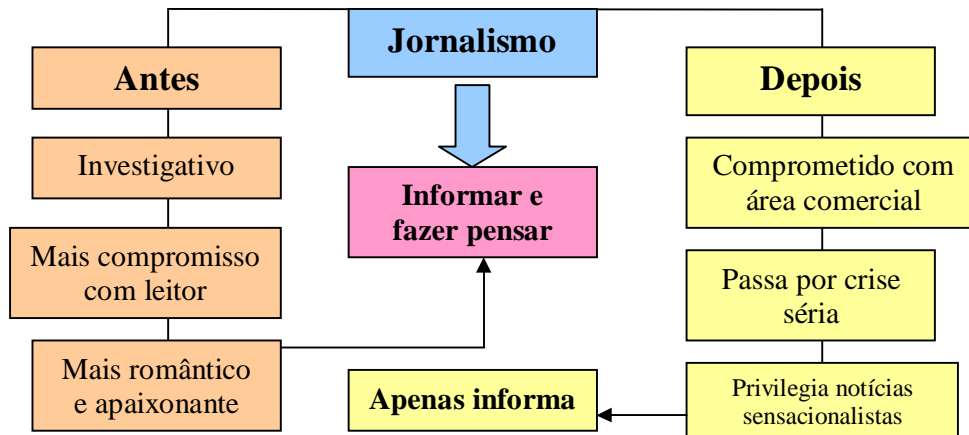
11. A depoente acredita que os interesses comerciais das emissoras de TV dificultam a produção de Jornalismo Educativo porque ele não venderia porque talvez o povo não queira educação.
12. Considera o telejornalismo educativo um desafio porque é difícil fazer educação atraente. Educação, portanto, aparece implicitamente associada à chatice.
13. A depoente faz uma associação de geração atual com digital e informação enquanto a geração “antiga entre aspas” (na qual ela faz parte) é analógica, mas tem conhecimento – o que falta para a geração atual, que não consegue unir informação e conhecimento.
14. Para a depoente, os alunos não são criativos e tentam reproduzir o que existe no mercado.

A depoente afirma que o jornalismo tem função de informar e fazer pensar. Porém, com as características do jornalismo atual, que segundo ela está em crise, ele não cumpre esse papel. Ao contrário, antes de exercer a profissão, o jornalismo tinha mais compromisso com leitor e cumpria este papel.

Entrevistada: (...) o objetivo do jornalismo que é informar e fazer você pensar. Então acho que hoje as pessoas se mobilizam mais por notícias sensacionalistas e que vendem o jornal, porque uma notícia dessa faz vender jornal do que propriamente uma matérias de pensar uma matérias de formação de opinião, e tudo. Então, nós tamos passando por uma crise muuito séria de informação e nós jornalistas deveríamos dar uma parada pra pensar sobre o papel do jornalista. Eu acho que ta uma coisa muito complicada.

Ao referir-se à crise no jornalismo deixa implícito que o objetivo de fazer pensar não é cumprido. Além disso, a própria informação não está sendo dada como devia, uma vez que faz alusão a notícias sensacionalistas. O esquema abaixo destaca o modo como concebe o jornalismo, fazendo alusão a um passado em que era feito com mais compromisso.

Esquema 1 do discurso da depoente 16

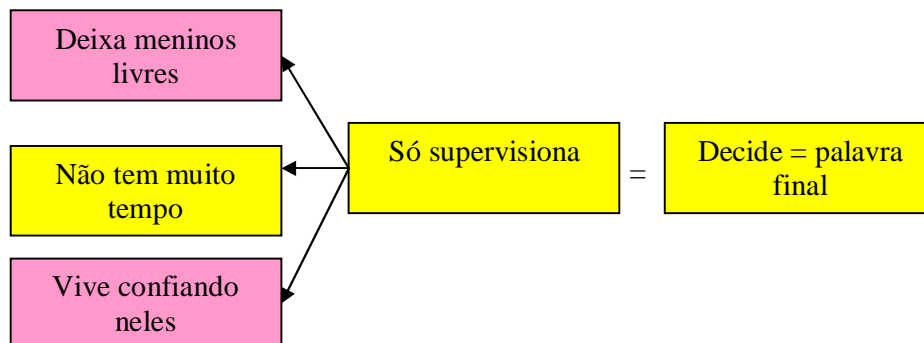


Ao falar sobre sua atividade na TV3, a depoente afirma que só supervisiona. Porém, ela enumera alguns motivos para isso

- 1- Ela deixa os meninos livres – o que induz a pensar que é uma opção dela. Porém, percebe-se que outro motivo a faz agir assim.
- 2- Não tem muito tempo de ver o trabalho – o que mostra que ela não tem escolha. Precisa que eles façam sozinhos.
- 3- Ela vive confiando neles – porque ela não tem outra alternativa, já que não tem tempo.

O esquema abaixo ressalta as justificativas apresentadas por ela para não participar das reuniões de pauta.

Esquema 2 do discurso da depoente 16



Apesar da falta de tempo, a depoente afirma que os estudantes são cobaias dela e que ela pretende transformá-los em profissionais completos. Não explicou como vai fazer isso se não tem tempo. Ela, portanto, delega a outros esta tarefa.

A depoente não se mostrou segura ao falar da relação de Jornalismo e Educação.

Cíntia: Quando... nessas reuniões tem espaço pra educação?

Entrevistada: Ah, olha, não, não, eu confesso que ultimamente a gente tem tido pouca reunião de pauta, tem feito mais reuniões segmentadas pelos programas. Mas educação sempre ta, a minha pauta número um é educação, eu acho. Eu acho que... informação e educação é o que falta, eu acho. Com certeza.

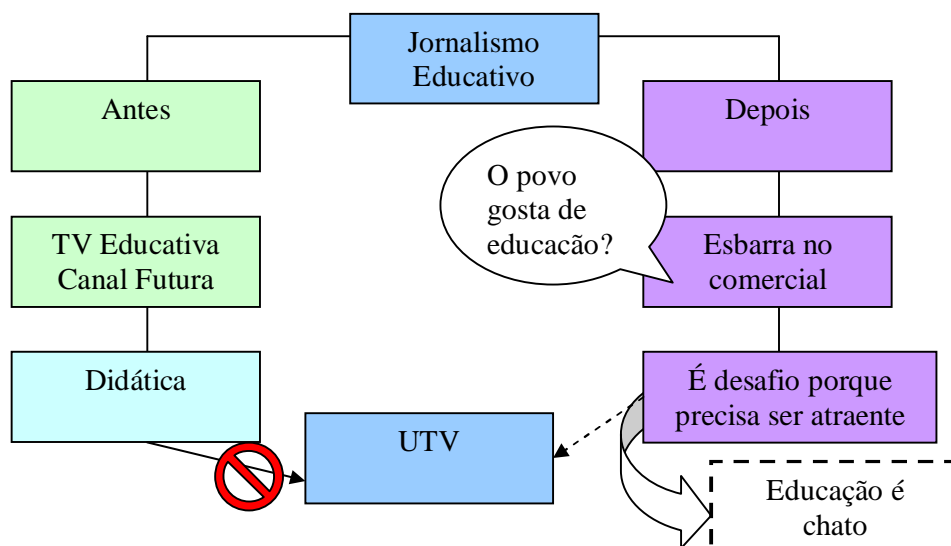
Cíntia: Há uma relação entre jornalismo e educação?

Entrevistada: eu acho que sim, com certeza, sim. Deveria caminhar paralelamente porque uma coisa ta ligada à outra. A base, tudo é educação. Eu acho que ta faltando é isso, talvez. Não digo a educação do bom dia, boa tarde, não, educação de base mesmo.

Ela utiliza muito os termos talvez, com certeza, acho, apresentando insegurança em relação ao tema. O discurso da depoente se torna controverso pelo fato de a depoente falar que educação e jornalismo andam paralelos. Ela diz que são paralelos porque estão ligados. Ela implicitamente está afirmando exatamente o contrário, que os dois termos não têm afinidade, não se encontram, como linhas paralelas.

Antes da explicação dada pela pesquisadora sobre Jornalismo Educativo, a depoente associa o tema à TV educativa e ao Canal Futura. O termo Educativo a remete a palavra didática o que, segundo ela, não tem na UTV. Porém, depois da explicação, ela diz que o Jornalismo esbarra no comercial, já que não acredita que o povo queira educação. Como não há interesse, não é vendável. O esquema abaixo destaca os elementos de sua visão sobre Jornalismo Educativo.

Esquema 3 do discurso da depoente 16



Ainda há segundo ela, o desafio de tornar algo didático, educativo em atraente. Ela reconhece um dos programas produzidos pela TV3 como de Jornalismo Educativo.

Entrevistada: (...)a gente não tem compromisso com ,com ibope e nem comercial, daí vocês terem liberdade para praticar. Mas acontece que eu acho que o Jornalismo educativo esbarra justamente com a crise que eu falei no início pra você. Os meios de comunicação esbarra com comercial, não sei se o pessoal está muito interessado em se informar, em se educar, entendeu? Isso não dá audiência. **INTERROMPIDA**

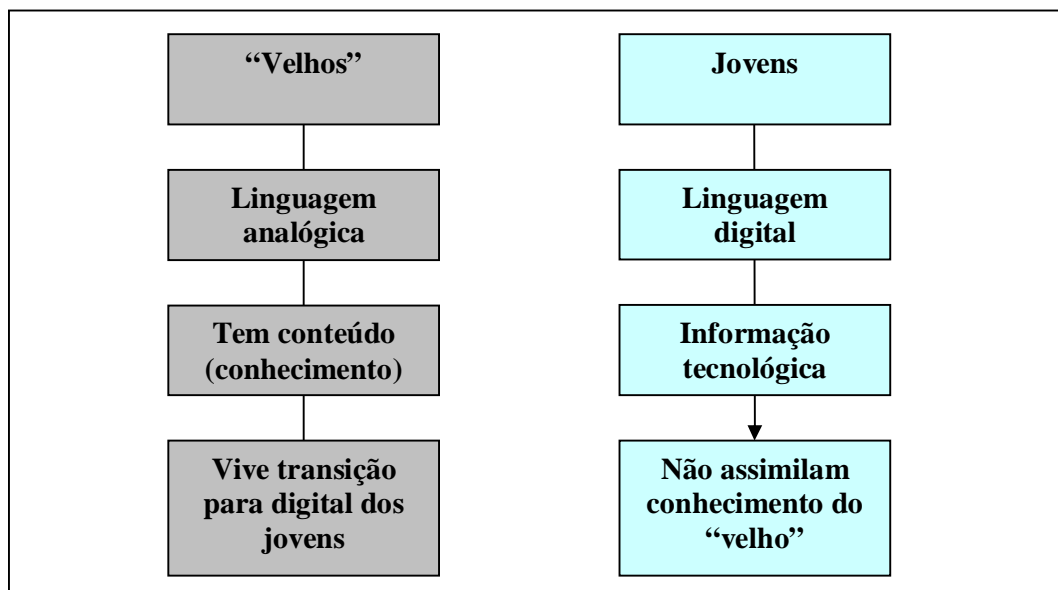
Cíntia: Você disse que não há interesse...

Entrevista: Eu não sei se não há interesse, né...atualmente não sei, eu acho, eu lembro que eu fiz um trabalho na TVE de um tempo atrás, também é muito difícil fazer, porque você fazer, telejornalismo educativo é um desafio. Porque a gente não pode fazer..porque você faz uma coisa educativa você tem que fazer uma coisa muito atrativa.

A depoente, ao dizer que é um desafio transformar o didático em atrativo, está implicitamente mostrando que ela acha a programação educativa sem atrativo, chata

Ao falar sobre a necessidade de se fazer programa educativo mais atrativo, a depoente divide as pessoas em velhas, como ela, e jovens, aqueles que estão entrando agora no mercado de trabalho. Para ela, os “velhos”¹¹⁰ vivem ainda a linguagem analógica, ou seja, estão se adaptando ao mundo digital enquanto que os jovens estariam bem adequados ao digital. O esquema abaixo resume esta idéia.

Esquema 4 do discurso da depoente 16



¹¹⁰ Ela utiliza o velho entre aspas porque, como ela se inseriu no grupo e não se considera uma pessoa velha, ela incluiu as aspas para dar o valor de antigo, experiente e não de envelhecido.

Conclui-se que a depoente disse, implicitamente, que os jovens não têm conteúdo para fazer programas atrativos e os “velhos” não dominam linguagem digital para produzir programas com esta característica.

Entrevista: (..) O mundo em que a gente ta vivendo, em que esses jovens falam uma linguagem de tecnologia, nós estamos uma linguagem analógica e eles falam uma linguagem digital nós temos o conteúdo, digo nós que a nossa geração pra cá né, você deve ter a mesma idade que eu, a gente né, a nossa geração é de informação e do analógico. Nós estamos numa transição justamente do analógico para o digital. Eles têm a informação tecnológica, mas eles não têm o conteúdo. Então essa divisa entre o analógico e o digital, essa fusão é que está difícil, porque o ...o que está acontecendo... a nossa geração, o antigo entre aspas, está cedendo para o digital para o jovem, mas sem levar a carga, de, a carga nossa carga de conhecimento, eles não estão assimilando nossa carga de conhecimento. A informação sim, mas o conhecimento não.

A depoente afirma que os alunos não têm criatividade porque somente querem reproduzir o que já existe. E a referência que a depoente utiliza é o modelo da TV Globo. Ela utiliza como exemplo o fato de antes da chegada dela eles terem feito telejornal com bancada e dois apresentadores como o telejornal da Rede Globo.

Portanto, podemos observar que a depoente Vê o jornalismo de maneiras diferentes antes e depois de exercê-lo. Antes, ele era mais romântico e mais investigativo. Hoje é ligado diretamente aos interesses comerciais. A função do jornalista é, para ela, essencialmente informar, mas também acredita que deveria existir a função formar, o que não é muito comum porque hoje se dá mais valor ao sensacionalismo. Ela acredita que o jornalismo Educativo é difícil de se conceber porque não atenderia a interesses comerciais. Afinal, ela tem dúvidas sobre o interesse que o povo teria em se educar. Se eles não querem, não há interesse comercial. Apesar de no início do discurso, a depoente dizer que não produz Jornalismo Educativo, depois de explicado o tema, ela reconheceu um de seus programas com as características de um. Com isso, ela mostra que ela produz programas de Jornalismo Educativo de forma inconsciente.

- **Depoente 17**

O depoente 17 é estagiário e está no segundo período de jornalismo. Ele decidiu fazer jornalismo depois que se desiluiu com curso de química e foi conversar com o tio que é jornalista. Como ele falou bem da profissão e disse que ele iria gostar, resolveu

fazer o curso. Ele faz estágio na TV e também em jornal impresso e revista da instituição.

O depoente apresentou os seguintes pontos em seu discurso:

- 1- O depoente achava que jornalismo era apenas aparecer e outras pessoas faziam tudo. Depois, com o estágio, ele descobriu que o jornalista faz muitas coisas.
- 2- Ele apresenta sugestões de pauta com base em interesses próprios e assuntos que gosta.
- 3- Quando se fala em Jornalismo e Educação, o depoente associa as duas palavras a conteúdo voltado apenas para temas educacionais e principalmente para crianças.
- 4- O depoente não conhece Jornalismo Educativo. Depois da explicação, diz que fazem este tipo de jornalismo, mas não de forma planejada. Portanto, as matérias fluem desta forma, sem a intenção de produzir desta forma.

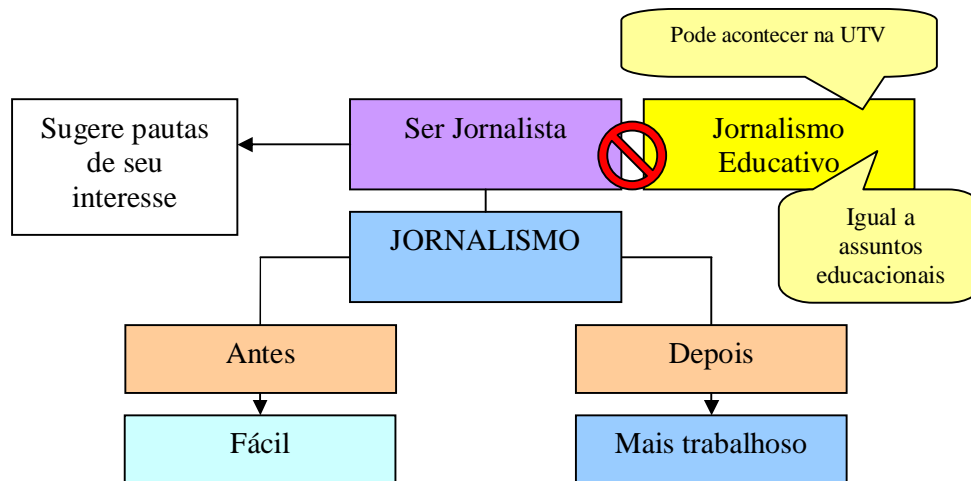
O depoente acreditava, antes do estágio, que o jornalista (repórter) apenas aparecia e todo o resto era feito por outras pessoas. Com o estágio, ele descobriu que o repórter faz muitas coisas.

***Cíntia:** Antes de você entrar pra faculdade de, de jornalismo o quê que você pensava sobre o jornalismo o que era ser jornalista pra você antes do curso e agora que você tá tendo contato com a profissão?*

***Entrevistado:** Olha, pra mim jornalismo eu achava que era uma coisa muito fácil achava que era só (PC) dá é fazer uma entrevista e tudo quem fazia por trás eram outras pessoas (PC) mas eu entrando aqui é... eu percebi que é uma coisa muito mais trabalhosa toda é, é investigação de fazer a produção, é de tudo, de editar as coisas, esse lado a tv não mostra (PC) é o lado por trás das câmeras, mas é muito legal.*

O esquema abaixo resume sua concepção acerca do jornalismo.

Esquema 1 do discurso da depoente 17



O depoente acreditava, antes do estágio, que o jornalista (repórter) apenas aparecia e todo o resto era feito por outras pessoas. Com o estágio, ele descobriu que o repórter faz muitas coisas.

Cíntia: Antes de você entrar pra faculdade de, de jornalismo o quê que você pensava sobre o jornalismo o que era ser jornalista pra você antes do curso e agora que você tá tendo contato com a profissão?

Entrevistado: Olha, pra mim jornalismo eu achava que era uma coisa muito fácil achava que era só (PC) dá é fazer uma entrevista e tudo quem fazia por trás eram outras pessoas (PC) mas eu entrando aqui é... eu percebi que é uma coisa muito mais trabalhosa toda é, é investigação de fazer a produção, é de tudo, de editar as coisas, esse lado a TV não mostra (PC) é o lado por trás das câmeras, mas é muito legal.

O depoente diz que dá sugestões de pauta mais voltados para seus interesses, os temas que ele gosta e que gostaria de mostrar para as pessoas.

Cíntia: E de onde surgem essas pautas, como é que você tem idéias sobre essas pautas?

Entrevistado: Olha, às vezes por assuntos que, que a gente (PC) é mais ligado ou que viu em algum lugar e gostou que quer trabalhar em cima se aprofundar mais no assunto, mostrar o assunto pra outras pessoas(PC) é basicamente isso.

Educação, para o depoente, está relacionada diretamente a temas educacionais e a formação de crianças.

Cíntia: E quando...você acha que tem educação que tem espaço pra educação na nessas pautas?

Entrevistado: Tem, tem principalmente na (PC) na associação dos professores né eu procuro mais a parte da educação que é pro jornal que das pessoas, mas no telejornal

também a gente visa à educação também como implantação de novas tecnologias pra educação e tudo.

O Jornalismo Educativo é um termo não conhecido pelo depoente. Porém, após a explicação, ele diz que existe Jornalismo Educativo, mas ele surge normalmente, sem ninguém planejar desta forma.

Cíntia: Mais na hora que você tem essa pauta você pensa nessa reflexão o que eles fariam ou isso acaba acontecendo?

Entrevistado: Isso acaba acontecendo conforme a gente vai produzindo a matéria né, na verdade no início a gente pensa numa matéria, numa pauta aí quando for trabalhar na pauta a gente vai achando os melhores caminhos pra compreensão das pessoas como é que vai mostrar, se as pessoas vão entender de uma maneira ou de outra, a gente trabalha pra a pessoa ter cada tipo de compreensão pra poder estudar o assunto e entender da forma que ela quiser.

Concluimos que o depoente vê o jornalista como uma pessoa mais produtiva do que ele imaginava, que ele não conhece Jornalismo Educativo, mas as pautas que escolhe por interesse próprio acabam gerando reflexão, mas sem a intenção de se produzir Jornalismo Educativo.

- **Depoente 18**

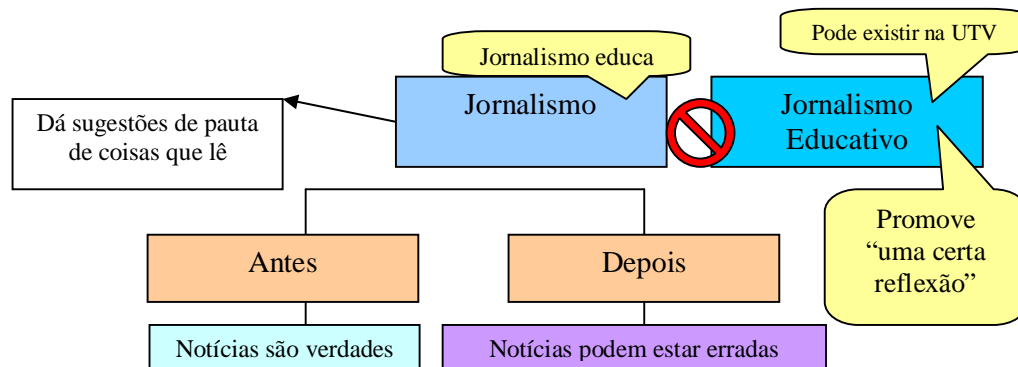
A depoente é estagiária, estudante de jornalismo do terceiro período. Ela diz que resolveu fazer jornalismo porque sempre viu muita televisão porque seus pais não podiam ficar com ela. Por isso, considera conhecer bastante televisão.

Os pontos principais do seu discurso foram:

1. O jornalista pode errar, o que não acreditava que acontecia antes do estágio.
2. Ela dá sugestões de acordo com as coisas que lê na mídia.
3. Ela não conhece o termo Jornalismo Educativo, mas depois da explicação diz que ele existe na UTV. O programa em que atua, por exemplo, promove “uma certa reflexão” por falar sobre profissões.
4. Para ela, jornalismo educa.

Para a depoente, Jornalista tem que ser curioso e vê jornalismo de duas formas diferentes antes e depois de fazer o estágio. O esquema abaixo reúne as idéias concebidas sobre o jornalismo.

Esquema 1 do discurso da depoente 18



Antes, o jornalismo era sinônimo de verdade. Hoje ela descobriu que o jornalismo pode conter erros e que a edição pode cortar muito a informação.

Cíntia: Tem alguma diferença do que você imaginava e agora que você tá fazendo estágio aqui tá vendo de perto a profissão?

Entrevistada: Tem bastante que principalmente na parte de edição você corta muita coisa, você pode mudar tudo o que a pessoa falou através do processo de edição (PC) e assim eu também sei que agora que a televisão não é, não é ela não tá sempre certa ela também pode errar (PC) é uma das coisas que eu via na televisão, não tá certo umas coisas que eu até hoje vejo minha mãe fazendo e a ela via na televisão o jornal publicou que agora os pais daquela menina foram os culpados e ela acreditou sabe, mas não tem prova os caras ainda não foram presos não tem prova suficiente, mas aí sai escrito lá embaixo segundo não sei quem com as provas tais entendeu, eles também se comprometem lá o compromisso direto(PC)lá do meio.

A depoente diz que dá sugestões de pauta a partir de coisas que lê, que saem nos jornais, nas revistas e que ela acha interessante para cada tipo de programa.

Cíntia: De onde vêm essas pautas? De onde vêm as idéias das pautas?

Entrevistada: Dos jornais, das revistas, do meio também de ficar olhando, saiu olhou alguma coisa achou interessante...

Cíntia: E o quê que é interessante pra você, qual o critério que você usa pra falar essa é boa e essa não é boa?

Entrevistada: É o programa... entendeu, essa é boa pra um programa pra um tal programa, é um segmento entendeu? O quebra cabeça tem um segmento, Bites&bites tem outro segmento e Qual é a sua tem outra diferente, sabe.Então é pra aquele segmento, é interessante pra aquele segmento Bites&bytes que é de tecnologia é interessante(PC) eu acho que é tecnologia é o segmento que faz o programa.

Educação, para a depoente, tem relação com jornalismo porque jornalismo está ensinando quando passa informação.

Cíntia: *Você acha que a educação tem espaço como o jornalismo?*

Entrevistada: *Tem a educação ta ensinando, ce tem que ensinar de alguma maneira as outras pessoas, tem que transmitir alguma coisa pra acrescentar na vida de outra pessoa.*

A depoente diz que já ouviu falar sobre Jornalismo Educativo, mas não mostrou conhecimento sobre o assunto. Depois da explicação sobre o tema, ela reconhece um dos programas como tendo “uma certa reflexão”. A utilização de “uma certa” demonstra que ela não estava segura quanto ao que seria essa reflexão. Quanto a outro programa feito por eles, ela acha que “não tem como refletir”. Trata-se de uma revista eletrônica, com reportagens diversas que poderiam, no nosso entender, produzir conteúdo de Jornalismo Educativo. Portanto, o Jornalismo Educativo não é pensado, mas aparece na produção deles naturalmente.

Entrevistada: *Ó, o nosso programa agora é, acabei de editar, é de profissões, então faz de uma certa forma as pessoas refletirem se é aquela posição que elas querem, principalmente pra quem não, não ta fazendo faculdade ainda não entrou nesse mercado (PC) estudantes de ensino médio que ainda não sabem o que tão querendo então vão refletir naquilo que eles tão querendo.*

Cíntia: *E o Quebra-Cabeça?*

Entrevistada: *O quebra-cabeça é mais, é uma revista interativa, não tem muito que refletir, ce mostra, não, tem umas matérias até que não, sabe?! Outras não têm outras que é só entretenimento.*

Cíntia: *Então o que acontece sem reflexão é por que acontece porque tinha que acontecer não foi nada planejado?*

Entrevistada: *É o quebra-cabeça não, mas o Qual é a sua, sim.*

Pode-se observar, portanto, que a depoente vê o jornalismo como algo que pode errar e que o jornalista faz muitas coisas ao contrário do que pensava no início (que ele só aparecia na frente da TV e o resto era feito por outros profissionais). Ela não sabe o que vem a ser Jornalismo Educativo. Porém, ao ser explicado o tema, ela identificou programa que produz como sendo de jornalismo Educativo.

- **Depoente 19**

A depoente é jornalista, tem 20 anos de jornalismo, a maior parte deles em TV. Começou na TV como repórter, sem saber nada sobre TV e, por isso, considera o começo da carreira difícil sem aulas práticas anteriores. Ela atuou em diferentes emissoras, citando SBT e Manchete além da TV Educativa, onde trabalha até hoje. A depoente dá aulas na instituição de disciplinas voltadas para TV e coordena a produção

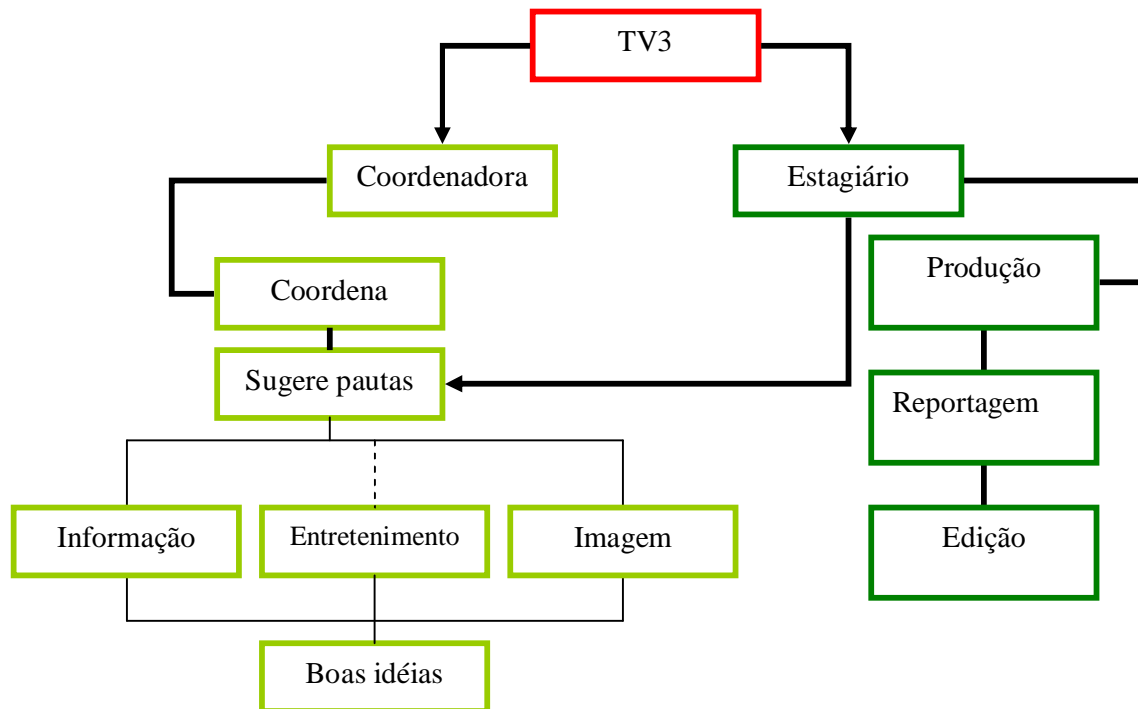
de programas de uma das unidades da TV3. Durante a entrevista, foram feitas duas interrupções pelo telefone tocando, mas que não comprometeram o andamento da mesma.

Alguns pontos nortearam seu discurso:

1. Para fazer televisão é preciso ter prática. O argumento fortalece o discurso de que as aulas práticas na TV3 são importantes para a formação do aluno.
2. Os alunos participam de todo o processo de produção. Eles é quem fazem. Ela coordena e faz com que o que eles pensam vire realidade.
3. Os critérios utilizados pela depoente para escolher pautas são a informação, o entretenimento e a imagem.
4. A depoente associa temas educativos a questões sociais e a divulgação de eventos acadêmicos dentro da universidade.
5. A depoente afirma que já ouviu falar em Jornalismo educativo, mas não é o foco de trabalho dela. Ela implicitamente apresenta dúvidas sobre o tema e enrola o discurso na tentativa de conceituá-lo.
6. Ela diz que não existe nenhuma diretriz para que ela produza jornalismo Educativo. Porém, ela diz que o Jornalismo Educativo acaba fluindo.
7. Ela diz que na TV Educativa ela privilegia a crítica, a reflexão porque é o formato do programa. Já na UTV não seria este formato.

A depoente diz que a ela, como coordenadora, coordena os estagiários e sugere pautas. Porém, as pautas precisam ser aprovadas pelos estagiários, que devem se sentir entusiasmados por elas. Todas as atividades são desenvolvidas pelos estudantes. As pautas precisam ter informação, podem ter entretenimento e precisam ter imagem. O esquema abaixo apresenta suas principais idéias sobre o funcionamento da TV3.

Esquema 1 do discurso da depoente 19



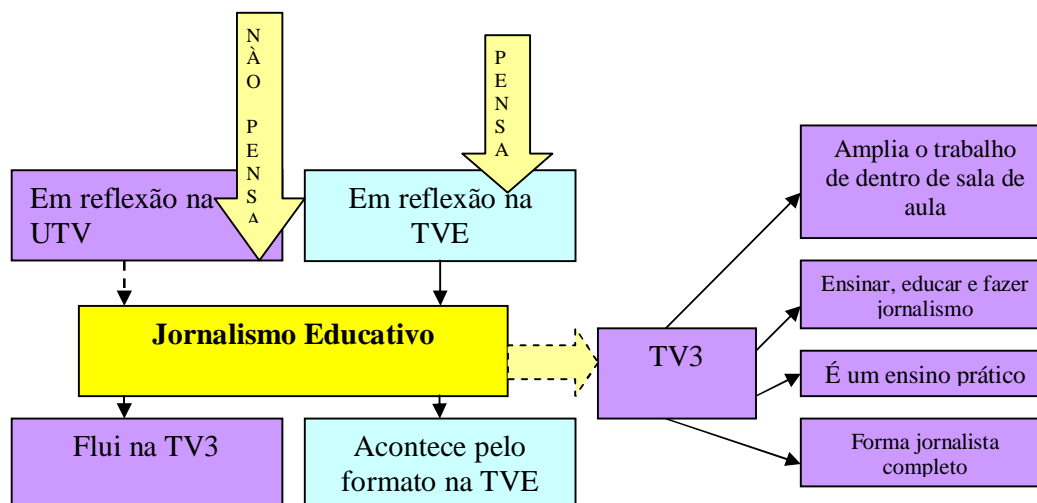
Ela afirma que Educação tem espaço na TV3 porque fazem matérias com vínculo social e reportagens sobre cursos e palestras promovidas pela Instituição. Além disso, o fato de os alunos aprenderem com o que vêem e este material ser veiculado na UTV, fazem com que também tenha caráter educativo.

Cíntia: Educação tem espaço neste programas?

Entrevistada: Tem, em todas. No quebra-cabeças, por exemplo, a gente seleciona e costuma dar muito matérias com vínculo social que tem sempre tem vínculo educativo e variadas sugestões que aparecem aqui. A gente prioriza também é...ter um programa importante dentro da universidade que é educativo e que tem relação com outras matérias, fazemos também, entendeu. A...sempre fazemos quando a universidade promove por exemplo, cursos ou seminários, palestras voltadas para os alunos a gente vai sempre cobrir porque isso é importante para os alunos. Desde mostra de cinema, ta, eles estão realizando um festival de mostra agora, eles estão fazendo esta matéria. São feitas pelos alunos, isso faz parte do currículo de cinema. Outra coisa que alia educação e questão social. O curso de nutrição faz um curso aberto para, é...aberto a comunidade de nutrição e alimentos, seja de aproveitamento de sobras, do alimento que utiliza todo dia, aberto para a comunidade acadêmica e comunidade da região, desde moradores da favela como estudante. **INTERROMPIDA** bom, então, eu to voltando, lembrando a matéria de nutrição. Então aquilo tem os alunos, né, os alunos estão lá ajudando e mostrando esse trabalho está sendo feito com a comunidade, vale nota pra eles, os alunos daqui estão gravando e conhecendo o trabalho e aproveitando esse trabalho para o nosso programa e vai ao ar e será absorvido por quem assiste o programa.

A depoente afirma conhecer o termo Jornalismo Educativo. Porém, em seu discurso, implicitamente aparecem dúvidas sobre os conceitos que envolvem o tema, identificados pelos termos “eu acho” utilizados diversas vezes. O esquema abaixo apresenta sua concepção de Jornalismo Educativo.

Esquema 2 do discurso da depoente 19



Aborda o tema de aspectos diferentes, como o fato deles ensinarem, educarem e fazerem jornalismo, o que poderia ser um conceito de Jornalismo Educativo.

Cíntia: Você já ouviu falar em Jornalismo Educativo?

Entrevistada: Sim. Mas, eu não, não acho que não, não (riso) na minha área acho que não passo exatamente dentro, acho, não é com este espírito, mas acho¹¹¹ que o trabalho que é feito aqui é muito Jornalismo Educativo. Afinal de contas a gente aqui trabalha aqui Ensinando, educando fazendo jornalismo o tempo todo. Meu trabalho aqui eu vejo que é uma... amplia o trabalho que é feito dentro da sala de aula. Eu sou professora e ensino várias matérias de jornalismo. Quando eu chego aqui, o que eu falo pra eles, eu também falo aqui. Só que eu falo aqui em cima da prática. Então eu diria que é um ensino prático, aqui dentro dessa coordenação, desse trabalho. Mas é muito e totalmente educativo. Mas não com este título, jornalismo educativo, mas é absolutamente educativo. E é uma coisa muito mais abrangente porque aqui vai desde ensinar a fazer um texto, e tudo, como ensinar como o aluno ter informação, ter cultura, sabe, um melhor aproveitamento dele pro trabalho dele porque ele só vai ser um bom profissional se ele for uma pessoa completa, e uma pessoa completa em cultura em educação em ampliar os horizontes, pra tudo abrir pra tudo, absorver conhecimento de maneira geral.

¹¹¹ Dá ênfase na palavra acho.

Depois de dados exemplos sobre Jornalismo Educativo, a depoente afirma que não pensa em reflexão quando faz os programas da UTV, mas elas podem acontecer, ao contrário do que acontece com ela na TVE, onde faz o tempo todo refletir porque é o formato do programa. A reflexão na TVE produz Jornalismo Educativo, porém nem mesmo lá é utilizado o termo Jornalismo Educativo. A depoente adota os termos analítico, crítico, reflexivo como sendo fundamentais para a formação.

***Entrevistada:** eu acho que não há uma formatação em cima disso, mas isso acaba fluindo sim e tendo. Pelo menos eu procuro. Eu já faço na TV Educativa hoje um programa, que é um programa analítico, crítico, reflexivo sobre a mídia. Eu trabalho fazendo isso, todos os dias, metade do meu dia. E é obvio que eu sou uma pessoa e é claro que absorvo as informações e não vou ser diferente outra F. aqui, é claro que eu vou estar atuando com isso, e eu tento passar isso pra eles não só aqui como também dentro da sala de aula, porque você tem que ser crítico, analítico, que tem que ver o outro lado, que você não pode ser maniqueísta, isso é uma coisa que a gente vai passando, transpassando pra eles o tempo todo. Eu não recebo nenhuma determinação ou indicação de que eu tenho que fazer isso, mas isso permeia o nosso trabalho o tempo todo.*

Portanto, conclui-se que a depoente afirma que a pauta está vinculada diretamente a informação, ao entretenimento e a imagem, por se tratar de televisão. Ela reconhece o caráter educativo do Jornalismo, mas o atribui ao formato do programa. Ela diz conhecer Jornalismo Educativo, mas o discurso não revela clareza na resposta. E ela vê Jornalismo fluir na UTV, mas de forma não intencional. Já na TVE ela afirma promover maior reflexão por causa do formato do programa que já induz para isso.

- **Depoente 20**

A depoente é estudante de jornalismo e está no sétimo período, mas não é estagiária. Ela ocupa a função de produtora, mas também faz reportagens, cria pautas, acompanha edição e é responsável pelo programa. Ela é formada em administração e dá aula para estudante do ensino médio. Decidiu fazer jornalismo porque sempre gostou da profissão, mas não teve dinheiro para fazer o curso. Já trabalhou em rádio e é a primeira vez que trabalha em TV. Está há 1 ano e meio como produtora. Antes, tinha sido estagiária.

Alguns pontos se destacaram no discurso da depoente:

- 1- Antes da Universidade, ela achava que a função do jornalista era de informar. Agora, ela tem uma visão mais ampla, porque “informar todo mundo informa” Ele tem que manter atualizado sobre tudo e qualquer assunto.
- 2- A depoente afirma que participa de todas as etapas de produção do programa e faz tudo praticamente sozinha. Depois diz que são quatro no programa e ela é a “cabeça pensante”, ou seja, ela é quem toma as decisões.
- 3- As pautas estão relacionadas com fatos da atualidade.
- 4- O programa, segundo a depoente, tem enfoque na educação, mas apenas em algumas matérias e não todas. Ela diz que sempre se deve pensar que as pessoas em casa querem aprender alguma coisa. E que ela pensa dessa maneira talvez pelo fato de ser professora.
- 5- A depoente diz implicitamente que educação tem a ver com informação e atualização e que sempre tem enfoque de educação no programa. Porém, ela entra em contradição ao dizer depois que nem sempre existe Jornalismo Educativo. Ela justifica dizendo que há um leque amplo na UTV porque os alunos são de a terceira idade até adolescentes.
- 6- A depoente diz conhecer Jornalismo Educativo, mas não é segura na explicação.

A depoente diz que é a cabeça pensante do programa, ou seja, que pensa o programa e decide, mas também participa de todo processo de produção. Ela faz pautas relacionadas a fatos que estejam na mídia e busca o enfoque educativo do tema.

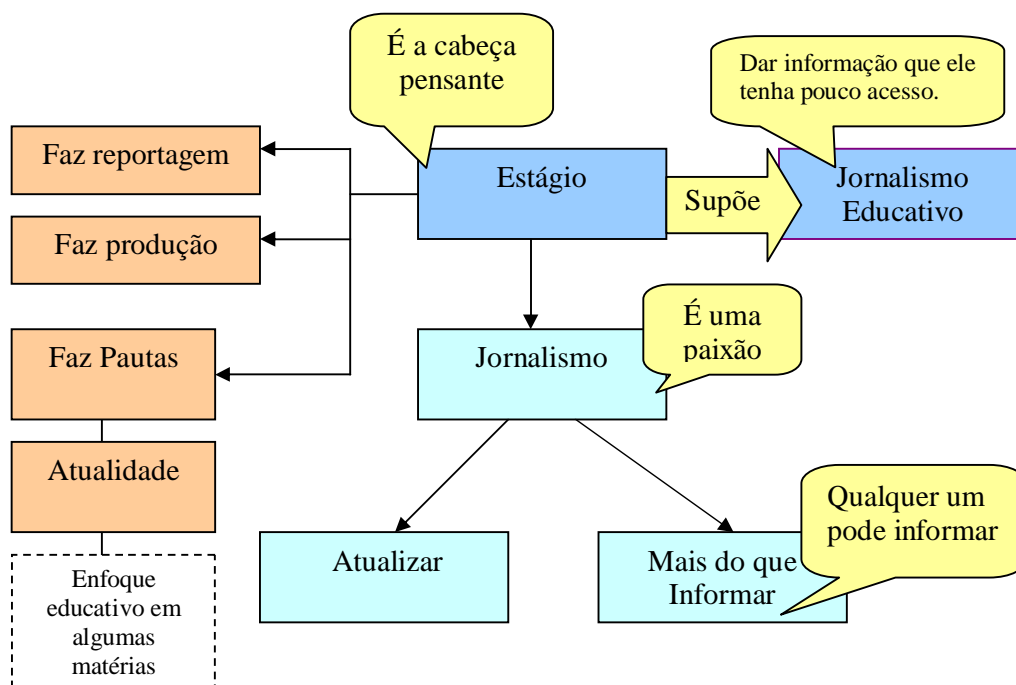
Cíntia: quando vocês pensam as pautas vocês pensam em educação?

Entrevistada: sempre tem o informe. Este do esporte, a gente tem o outro lado da saúde, né, da importância de você procurar profissionais especializados na área tanto que a gente tem sempre debates e notas informativas durante o programa. Que é justamente para manter as, as pessoas com essa preocupação. Sempre tem um enfoque, dentro de uma matéria e de outra, a gente procura dar esse enfoque na educação.

Implicitamente, este enfoque não acontece em todas as matérias e sim dentro de uma matéria ou de outra. Mesmo a pergunta sendo sobre educação, na resposta, a depoente emprega o termo “notas informativas” atribuído ao conteúdo educativo.

O esquema mostra sua visão sobre o estágio.

Esquema 1 da depoente 20



A depoente diz que é a cabeça pensante do programa, ou seja, que pensa o programa e decide, mas também participa de todo processo de produção. Ela faz pautas relacionadas a fatos que estejam na mídia e busca o enfoque educativo do tema. Porém, implicitamente, este enfoque não acontece em todas as matérias (dentro de uma matéria ou de outra).

Cíntia: quando vocês pensam as pautas vocês pensam em educação?

Entrevistada: sempre tem o informe. Este do esporte, a gente tem o outro lado da saúde, né, da importância de você procurar profissionais especializados na área tanto que a gente tem sempre debates e notas informativas durante o programa. Que é justamente para manter as as pessoas com essa preocupação. Sempre tem um enfoque, dentro de uma matéria e de outra, a gente procura dar esse enfoque na educação.

A depoente afirma que atualmente todo mundo pode entrar na internet e viram repórter. Por isso, o jornalista precisa fazer mais do que informar. Ele precisa atualizar o público.

Cíntia: *Qual a função do jornalista*

Entrevistada: *olha, eu acho que a função do jornalista hoje é mais ampla do que era antigamente. Porque antigamente o jornalista apenas te informava. Hoje ele tem uma função mais ampla. Porque informar, todo muito informa. Eu entro lá no site, eu repórter, e boto lá uma foto, minha opinião, entendeu? Então eu acho que o jornalista tem que te manter atualizado, não apenas informado, mas atualizado também. Vê aqueles sites da internet, com vários links que te relembram o passado. Então eu acho que cada vez mais o jornalista tem que te manter atualizado sobre todo e qualquer assunto.*

O Jornalismo, para ela, é uma paixão. Ele tem que informar e atualizar. E o Jornalismo Educativo está relacionado a dar informações que não estariam disponíveis para o público.

Cíntia: *vc já ouviu falar em jornalismo educativo?*

Entrevistada: *Já*

Cíntia: *o que seria isso?*

Entrevistada: *Bom, na minha opinião seria mais esse lado da informação. De você manter o seu telespectador, leitor, estar disponibilizando para ele no momento, determinadas informações que até então seriam difíceis e ele não teria acesso. Eu vejo isso como jornalismo educativo.*

Pode-se dizer que, para a depoente, o jornalista tem que informar e atualizar o público para se diferenciar dos repórteres de ocasião. Ela diz que conhece Jornalismo Educativo, mas o associa a informação que o público não tem acesso. Ela reconhece, depois da explicação, o Jornalismo Educativo na UTV. Ela diz que o produz porque é professora.

- **Depoente 21**

O depoente 21 é produtor de dois programas da TV3. Ele ainda é estudante de Jornalismo do sexto período. Ele queria ser ator, trabalhar em televisão. Mas acabou fazendo jornalismo.

São os seguintes os pontos que se destacaram no discurso do depoente.

1. O que atrai o depoente é a informação. Antes da TV, ele era consumidor de informação. Agora, ele está perto da informação.
2. Ele escolhe a pauta pela vivência do dia-a-dia.
3. O Jornalismo, para o depoente, tem relação com Educação porque, diante da educação precária do país, o Jornalismo passa a

ter importância ainda maior, já que passa informação e educação quando mostra coisas boas e ruins.

4. O depoente não sabe o que é Jornalismo Educativo.
5. Ele não produz Jornalismo Educativo de forma consciente. Ele o associa a matérias grandes e ao ato de ensinar o telespectador.

O depoente 21 acredita que o Jornalismo esteja mais relacionado à informação do que a Educação, apesar desta relação entre Jornalismo e Educação existir. A Educação no jornalismo se deve principalmente ao fato dela ser precária no Brasil. O depoente não sabe o que vem a ser Jornalismo Educativo, mas depois da explicação, acredita que ele seja aconselhável.

***Entrevistada:** O jornalismo pra mim era uma forma de receber informações, entendeu, eu gosto muito de esporte, entendeu, via muito por esse lado, de receber informações sobre o time que eu gosto de acompanhar, dos atletas que eu acompanho, o dia-a-dia da minha cidade. Hoje em dia, que eu trabalho, assim, que eu eu to perto dessa área, porque trabalho com produção, me fascina a forma que é.. eu posso formar opinião, de participar dessa informação, não to só recebendo, entendeu, estou sendo esse link a conexão das pessoas com a notícia, com os fatos, isso me fascina muito.*

Para o depoente, o Jornalismo tem relação com Educação porque a educação no Brasil é precária.

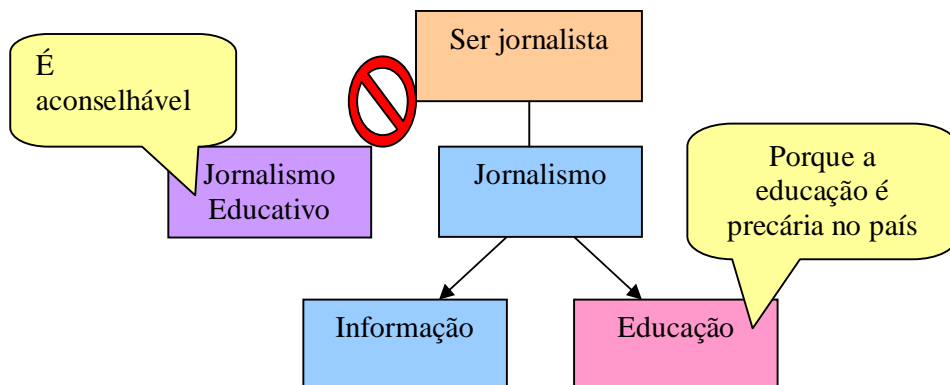
***Cíntia:** você acha que jornalismo tem a ver com educação?*

***Entrevistada:** Com certeza. O... no país que a gente vive atualmente onde a educação é um pouco deixada de lado, as pessoas não recebem a educação que deveriam, o jornalismo educa um pouco as pessoas porque ele ele, traz é... a forma, não é que traga a forma, eu me expressei errado, ele, ele passa muita coisa pras pessoas, então as pessoas não tiveram oportunidade de estudar, de se educar, mas o jornalismo trazendo as conseqüências de coisas ruins e coisas boas, não deixa de educar as pessoas também.*

A escolha das pautas tem relação com o que ele vivencia ao longo do dia e observa com um olhar que ele acredita estar mais apurado do que antes de trabalhar em TV.

O esquema a seguir mostra sua visão sobre jornalismo.

Esquema 1 do depoente 21



Pode-se concluir que o depoente vê o jornalismo como informação, apesar de ter relação também com educação. Ele não conhece Jornalismo Educativo, mas o reconhece na UTV. Portanto, ele não pensa em fazer Jornalismo Educativo na hora de produzir as pautas por falta de conhecimento. Mas promove reflexão às vezes, o que garante a produção de Jornalismo Educativo.

- **Depoente 22**

O depoente 22 é produtor de um dos programas da TV3. Ele também é estudante do curso de cinema. Ele procurou a universidade para trabalhar. Assim, ele achava que poderia realizar o sonho de fazer uma universidade. Conseguiu trabalho porque tinha curso de câmera.

Durante o discurso do depoente, alguns pontos foram destaque:

1. As pautas são escolhidas levando como base o perfil dos entrevistados. Como são dois, um seria o nome chave e o outro iria contrapor as idéias dele.
2. Educação, para o depoente, é uma coisa chata, que não pode ser feita cem por cento.
3. O depoente não sabe o que vem a ser jornalismo Educativo. Tenta responder a pergunta associando Jornalismo Educativo à TV Educativa.
4. Existe uma controvérsia no discurso em relação ao pensamento do depoente sobre jornalismo e educação e Jornalismo Educativo. Ao mesmo tempo que diz que educação é chato, ele diz que deveria ter mais educação no jornalismo. Ele diz que perderia audiência e seria inviável,

mas deseja que seus filhos pelo menos tenham uma TV com Jornalismo e Educação.

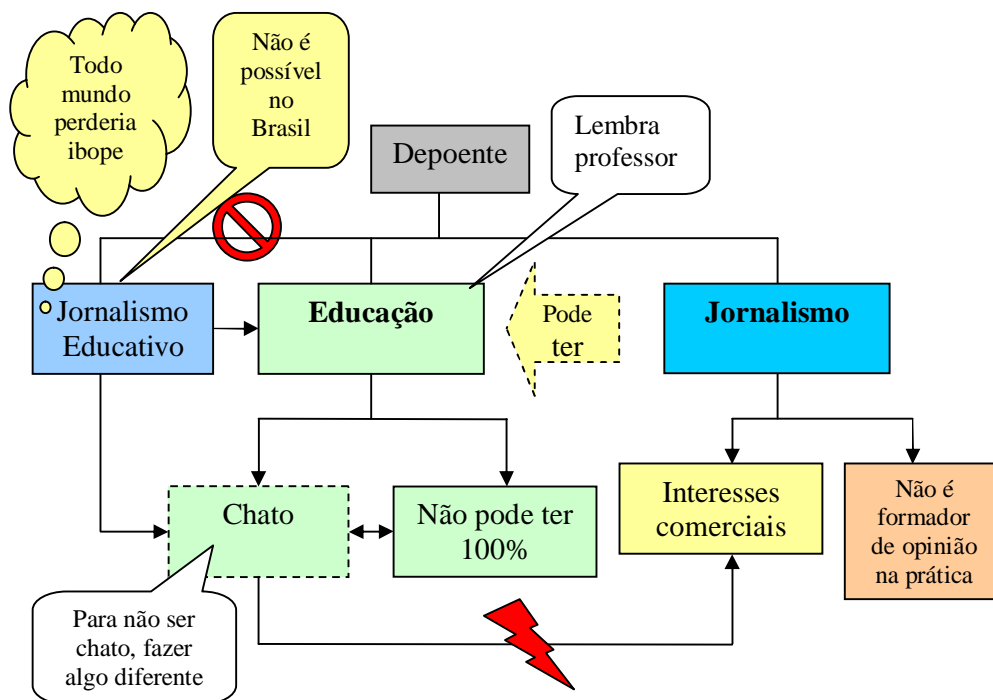
O depoente 22 diz que o Jornalismo pode ter relação com Educação que ele associa com professor. Porém, educação é algo chato que, por isso, não pode ser usado cem por cento. Para não ser chato, é preciso fazer algo diferente.

Cíntia: Educação tem espaço no programa?

Entrevistado: Tem, mas a gente tenta não fazer uma educação, uma coisa educativa cem por cento, que fica uma coisa chata, mas também a gente, o ideal da UTV é... mostrar educação? Vambora, mostrar uma coisa diferente, transmitir uma idéia de professor, nesse último dava aula de história, de línguas, porque ele fazia de forma muito descontraída porque tinha o Dicro ali entendeu, isso que a gente vai...tem educação sim, mas não aquela forma de professor sentado, entendeu?

O depoente não sabe o que vem a ser Jornalismo Educativo. Mas depois da explicação, disse que a UTV apresenta Jornalismo Educativo. O esquema a seguir mostra a relação do depoente com Jornalismo e educação.

Esquema 1 do depoente 22



O jornalismo, assim como o Jornalismo Educativo, para o depoente, atende a interesses comerciais. A Educação, por sua vez, pode ser chato. Se o Jornalismo é educativo, pode ser chato e, portanto, não atenderia a estes interesses, o que faria a audiência cair. Por isso, conclui que Jornalismo Educativo não é possível no Brasil.

***Cíntia:** É possível fazer Jornalismo Educativo no Brasil?*

***Entrevistada:** A princípio, não. Acho que não. Seria uma mudança muito brusca e a gente ia ter espaço na televisão. A Globo vai perder ibope, o Sbt e a Record, todo mundo perderia ibope. Porque a princípio ninguém quer ver, entendeu, o...se ...como é que ta o mundo na água, ta acabando a água, só passa rapidinho no jornal nacional que ta acabando a água, se colocar o globo ecologia no horário do Big Brother, a Globo vai perder milhões, eu tenho noção disso, por isso não pode ser uma coisa brusca. Eu acredito que eu não esteja pra ver se isso vai acontecer ou não mas eu gostaria de ver pelo menos para os meus filhos.*

Pode-se concluir que o depoente 22 considera que o Jornalismo pode ser educativo, mas com isso pode se tornar chato. Por ser chato, pode perder audiência e, por isso, ele acredita que o Jornalismo Educativo seja inviável. Ele acha que é possível encontrar Jornalismo Educativo na UTV, mas diz que deveria ter mais. Ele não pensa em Jornalismo Educativo ou promover reflexão com os temas.

- **Depoente 23**

A depoente 23 é formada em Jornalismo na própria instituição. Começou como estagiária e depois de formada foi contratada como diretora do programa em que atua. Ela decidiu fazer jornalismo depois que fez teste vocacional porque não sabia o que gostaria de seguir como carreira. Quase desistiu do curso por causa do excesso de teoria dos primeiros períodos. Depois que começou a exercer a profissão, passou a gostar. Sua experiência profissional em TV foi só na TV3.

Durante o seu discurso, alguns pontos foram assinalados como principais e também os controversos:

1. O jornalista, para a depoente, é um contador de histórias.
2. As pautas são feitas a partir da temporalidade e variedade entre matérias leves e sérias.
3. A depoente diz que pensa em educação nas pautas e cita matérias sobre instituições de ensino e de serviço.

4. A depoente diz que antigamente o jornalismo era voltado para os fatos. Hoje ele assume um papel que não é o dele, que é o de denúncia sobre saúde, educação, justiça.
5. Ela não sabe o que vem a ser Jornalismo Educativo. Depois da explicação, ela diz que em algumas matérias é possível verificar a preocupação com a educação. Mas nem sempre elas fazem e não é pensado sobre Jornalismo Educativo.

A depoente 23 diz que antes da universidade, ela achava que o jornalista era mais voltado para a notícia, o fato. Hoje, o jornalista ocupa um espaço que não é dele, o de denunciador de falhas na saúde, na educação, etc.

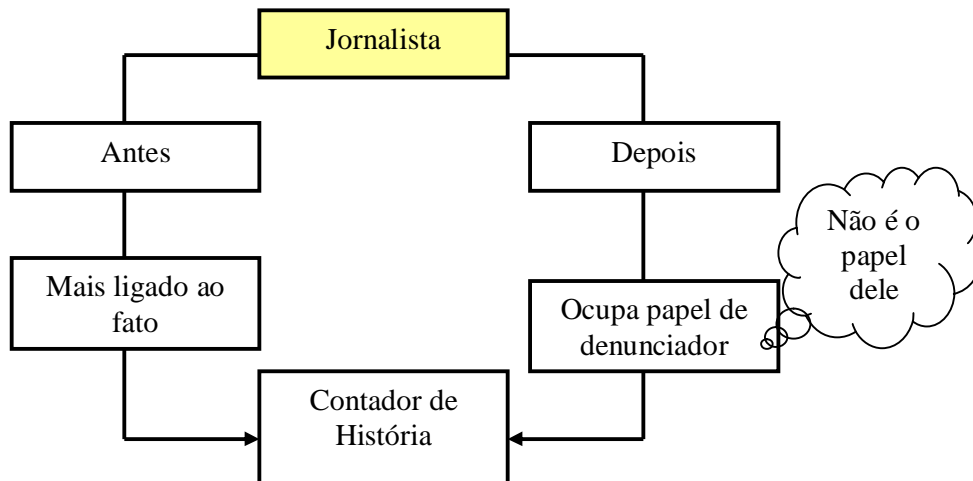
***Entrevistada:** É, o jornalista antigamente só tinha que realmente, tinha apenas que contar os fatos, mas agora o jornalista tem a ver com muita coisa, como, tipo assim, a política, a justiça tá falha, então o jornalista assume o papel de denunciar o que está errado, entendeu em relação e educação também, a saúde, um monte de coisa tá falha, agora, acaba que a gente assume esse papel porque uma pessoa vai no hospital, aconteceu um absurdo, aí ela vai lá, tenta expor sua idéia e não consegue. Aí chama uma globo da vida, uma grande emissora dessa, que denuncia, rapidinho resolve o problema. Então, eu acho que..assim como a educação tá falha e outras coisas, a gente acaba assumindo esse papel que não é nosso papel mas a gente acaba fazendo isso.*

Independente de quem seja este jornalista, ele é, em suma, um contador de história.

***Cíntia:** o que é ser jornalista?*

***Entrevistada:** o jornalista nada mais é do que um contador da história, né porque você vai assim, em lugares, em acontecimentos, que não dá pra todo mundo ir, que você tem oportunidade de ir, vai apurar os fatos, vai ver o que está acontecendo, ser imparcial, tem que ouvir os dois lados, né, às vezes, de quem acusa e de quem esta sendo acusado, você vai mostrar os fatos as partes boas e as partes ruins e contar para as pessoas de uma forma que elas entendam.*

O esquema a seguir apresenta a visão do depoente sobre o que é ser jornalista antes da universidade e depois de ingressar nela.



As pautas são feitas a partir da temporalidade e dos temas, já que privilegiam a variedade entre matérias consideradas leves e as mais sérias, que são as de cunho social.

Cíntia: o que vc leva em consideração para criar as pautas

Entrevistada: É assim, o nosso telejornal aqui é quinzenal. Então a gente não pode trabalhar com matérias temporais, porque elas podem perder a validade. Então a gente trabalha com matérias atemporais, então a gente pensa em matérias atemporais que não sejam fúteis, então a gente procura estar sempre equilibrando uma matéria mais séria, de cunho social, e outra mais leve, então... coisa que a gente não sabe que existem e existem

A depoente afirma que pensa em educação nas pautas, mas enumera apenas reportagens voltadas para instituições de ensino e de cunho social. Educação faria, portanto, parte das matérias consideradas sérias. A depoente não conhece Jornalismo Educativo e reconhece algumas reportagens do gênero na UTV. Porém admite que não são todas as matérias e elas não são planejadas.

Cíntia: Você acha que isso acontece na UTV?

Entrevistada: eu não conheço todos os programas

Cíntia: os daqui.

Entrevistada: o meu, assim, algumas matérias sim, outras não, acho que as matérias mais de cunho social, pessoal até tenta fazer assim.

Pode-se concluir que a depoente vê o jornalismo como sendo mais ligado aos fatos no passado e agora, por falta da estrutura do governo, ele assume o papel de denunciador de falhas na sociedade, o que não é o papel dele. A função do jornalista,

portanto, é informar e educar. A depoente não conhece Jornalismo Educativo e acha que ele existe na UTV, mas não são feitas de forma consciente.

- **Depoente 24**

A depoente é recém-formada em cinema e trabalha como roteirista e diretora de um dos programas da TV3. Ela chegou a pensar em fazer jornalismo mas achou que tinha mais afinidade com cinema. A televisão se transformou numa possibilidade de aprender e de ter liberdade para criar e utilizar equipamentos modernos.

São os seguintes os pontos principais e controversos do discurso da depoente:

1. A depoente escolhe os temas a partir de uma releitura do que está acontecendo na atualidade.
2. A depoente diz que, de certa forma, pensa em educação quando vai produzir pautas, o que contradiz ao longo do discurso.
3. O jornalista deve ter algo especial para se diferenciar das outras pessoas.
4. A função do jornalista é dizer o certo e o errado, como fazer e deixar de fazer, o que ela considera educar.
5. Ela acha que não está educando quando faz o programa.
6. A depoente acha que não tem muito jornalismo educativo na UTV porque não seria a função dela educar.

A depoente 24 diz que os jornalistas fazem pauta, educam e informam. Porém ela, mesmo não sendo jornalista, faz pautas. Por isso, ela acredita que o jornalista tem que ter alguma coisa a mais.

Cíntia: como definiria jornalismo?

Entrevistada: o jornalismo é... não sei. Complicado porque não sou da área. Na época que eu optei pelo jornalismo eu larguei e fui para cinema. A maioria aqui é jornalista. Eu vejo que eu conseguiria fazer uma pauta. Eu não sou jornalista e eu conseguiria e é muito complicado isso. Porque jornalista precisa ter alguma coisa interessante, especial, porque senão ele pode ser qualquer coisa

Cíntia: e como vêm os temas?

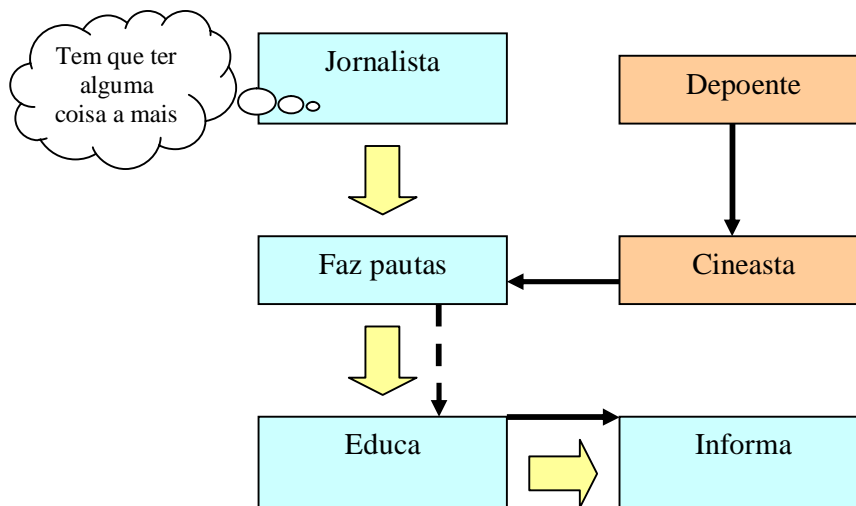
Entrevistada: a gente faz uma releitura da atualidade. Na época do pan a gente fez um programa sobre esporte, na época da bienal, a gente fez sobre literatura, a gente pesca o que tá acontecendo.

Cíntia: vocês quando escolhem decidem juntos?

Entrevistada: geralmente sou eu e a H. A coordenadora pode dar palpite.

Sobre as pautas, a depoente diz que elas devem ter temas ligados à educação porque a TV3 é ambiente acadêmico. O esquema a seguir apresenta a visão do depoente em relação ao papel do jornalista.

Esquema 1 do depoente 24



A depoente afirma que pensa em educação ao fazer pauta.

Cíntia: vocês pensam em educação quando fazem as pautas?

Entrevistada: bom, eu acho que de uma certa forma sim, porque como a gente faz uma programação acadêmica, a gente tem que pensar nisso sim. Como isso pode afetar o aluno. O bites e bytes, ele é muito, tem muito, um lado dele acadêmico também, ele fez uma ligação com um departamento que é de educação para informática. Tem convênio com microsoft, esse programa, e lê é mais acadêmico, voltada mais para o que a Instituição produz em termos acadêmicos.

Porém, ela entra em contradição quando diz que não fazem pautas educativas.

Cíntia: (...) Você acha que existe Jornalismo Educativo na TV universitária

Entrevistada: acho que não muito. Porque a gente também não tem a função de falar, olha você tem que fazer assim, pode ser mais seguro, pode ser melhor, a gente não tem vivência para isso, a gente tá aprendendo ainda, a gente tá aprendendo agora, é nova, ter a sensibilidade para falar oh, isso aqui pode te levar para um bom caminho, a gente precisa de mais vivência ainda.

Observa-se que a depoente vê o jornalista como uma pessoa como outra qualquer que precisa, para se firmar, desenvolver algo diferente. A função dele é informar e educar. Ela não conhece Jornalismo Educativo e ela acredita que o gênero não é muito encontrado na UTV porque a função dela não é de educar.

- **Depoente 25**

O depoente 25 é produtor da TV3 e formado em jornalismo. Ele começou como estagiário e depois passou a ser funcionário. Ele está na TV3 desde 2003. Quando ele pensou em fazer jornalismo, não idealizava o telejornal, o factual porque acha que ele não acrescenta nada. Pensou em programas de entretenimento e de programas que ensinam alguma coisa.

No discurso do depoente destacaram-se os seguintes pontos e controvérsias:

1. A função do jornalista é trazer os fatos ao público
2. As pautas surgem a partir de bate-papo, sugestões e vivência de cada um, ou seja, de interesses pessoais.
3. Educação tem relação com ensinar
4. O depoente gosta de ensinar, acha fundamental, mas ele mesmo não ensina.
5. O depoente não gosta do jornalismo informativo apenas, acha que a notícia deveria ter aprofundamento, mas não aplica isto em seu trabalho.
6. Para o depoente, a UTV não tem Jornalismo Educativo
7. O depoente acredita que seja possível ter Jornalismo Educativo na UTV a partir do momento que se decidir dar este foco.

O depoente 25 acha que o jornalista informa fatos isolados, sem continuidade e que não levam a nenhum conhecimento e deveria educar.

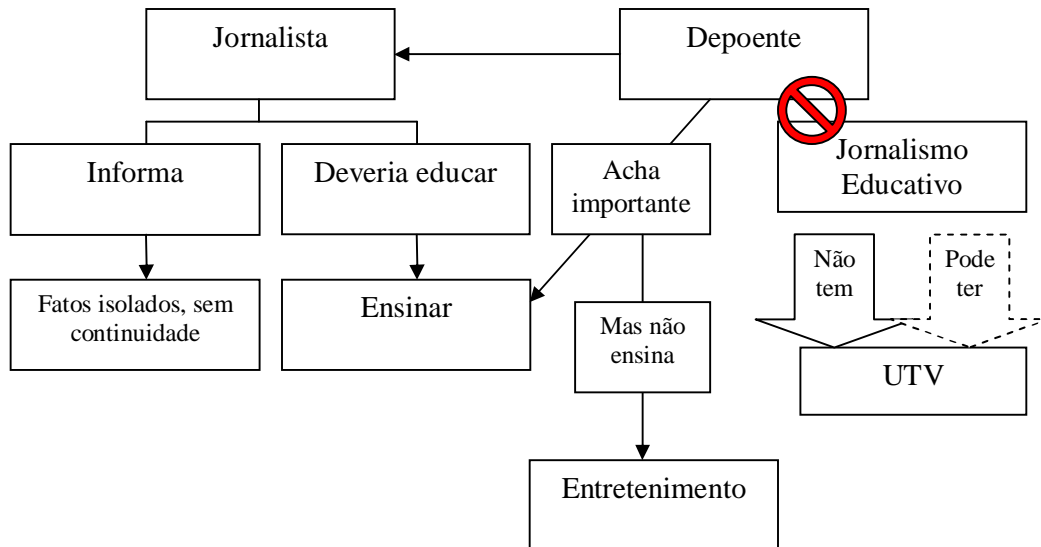
***Entrevistada:** (...)Nunca pensei o jornalismo que mostra o político roubou , a inflação ta péssima... O povo não sabe o que é inflação, o político rouba desde sempre e mostra que rouba e mostra que não foi preso, mostra e não vai até o final. Eu prefiro um jornalismo que mostra alguma coisa do tipo de como sobe aquele prédio ali, é que a pessoa aprende, acho que a televisão tem muito mais coisa que ensinar do que informar, informa. O povo não sabe o que ta fazendo, não tem acompanhamento. O melhor é ensinar, entender, vou te ensinar a plantar uma árvore...*

***Cíntia:** Então, qual a função do jornalista?*

***Entrevistada:** é trazer os fatos ao público. Mas eles não conseguem ir até o final. Vou dar a notícia de que o político, roubou daqui a um mês ele não vai dizer que ele foi condenado e cai em esquecimento. Mas a função dele é essa, de trazer ao publico os fatos mais importantes e trazer o que tem de mais importante no mundo*

Educação, para o depoente, tem relação implícita com o ato de ensinar, de transmitir conhecimento. O esquema a seguir apresenta a concepção do depoente sobre a atividade do jornalista.

Esquema 1 do depoente 25



Ele acha que, de uma certa forma, educação acontece em outro programa da TV3, que ensina a usar pen drive e outras coisas ligadas à informática.

Cíntia: educação faz parte das pautas? Tem espaço nas pautas de vocês?

Entrevistada: na revista eletrônica a gente tenta mostrar, por exemplo de como usar o pen drive, como usar, tenta ensinar um pouco de informática. Tenta dar uma de telecurso segundo grau. O de entrevista e entretenimento, a gente não tem essa preocupação, nos outros não, como na TV educativa, não, tá distante disso, acho que é mais um treinamento. A UTV é mais um laboratório de quem faz.

Ele acha importante educar, porém ele mesmo não educa no programa que faz. O depoente 25 classifica o programa em que trabalha como entretenimento, o que implicitamente não tem relação com educação. Ele acredita que não seja o foco do programa de entrevistas. O que prevalece são os gostos pessoais e não a função social do tema do programa.

Cíntia: você conseguiu conciliar estas coisas na vida profissional?

Entrevistada: a gente não trata muito do factual. A gente cuida mais do cultural ou do entretenimento. Mas conciliei. O que eu queria fazer, eu consegui. Eu gosto muito de carro, as primeira matérias que eu fiz foi de carro. Informe, expliquei e uni o útil ao agradável. É o que eu falo pra eles, Você gosta de arte, então vai fazer uma matéria de arte, vai fazer passagem, vai aprender escrever um texto sobre o que você gosta.

O depoente 25 não sabe o que vem a ser Jornalismo Educativo e depois da explicação disse que não existe Jornalismo Educativo na UTV, em nenhuma universidade. Mas seria possível existir se dessem direcionamento para isso.

***Cíntia:** Você acha que existe jornalismo Educativo na UTV?*

***Entrevistada:** não, acho que não. Não é porque trabalho aqui não, a instituição e a Gama traz também, faz a UTV ser laboratório. Outras universidades usam como propaganda da universidade. Você não vê nada de idéia do programa do aluno. Mas acho que nenhuma delas tem essa de educativo.*

***Cíntia:** você acha possível o Jornalismo Educativo na UTV?*

***Entrevistada:** acho que é só questão de direção, questão de focar os programas pra isso, tem espaço para entretenimento que a gente faz, que tem gente que quer fazer isso como eu, tem espaço para laboratório e tem o espaço para o jornalismo também.*

Portanto, pode-se concluir que o depoente vê o jornalismo como factual sem profundidade e por isso, nunca pensou em trabalhar em telejornal. O jornalista deveria educar e não apenas transmitir a notícia sem dar continuidade. Ele não conhece o Jornalismo Educativo, acha que ele pode acontecer na UTV se houver direcionamento para isso mas que, apesar de reconhecer alguns momentos da programação com educação – que ele relaciona com ensino – ele acredita não existir Jornalismo Educativo na UTV.

4.4 - Discussão dos resultados

O cruzamento de dados a seguir possibilita uma visão geral da concepção que os profissionais e estudantes que atuam na UTV têm de Jornalismo e até que ponto eles concebem o Jornalismo Educativo e, ainda, se o Jornalismo Educativo aparece na prática deles. Assim, pretendemos saber de que forma os futuros jornalistas estão sendo preparados para produzir Jornalismo Educativo e qual a concepção que os jornalistas e futuros jornalistas têm da função educativa do jornalismo. Ou seja, se existe, na prática, uma preparação para a realização de um Jornalismo Educativo no Brasil, mesmo que não seja conhecida essa nomenclatura.

Os cruzamentos foram feitos para caracterizar as opiniões dos depoentes por instituição e pela função que exercem, se professores, se alunos. Buscamos, neste procedimento, o posicionamento da instituição, em seguida comparando as instituições entre si, e as concepções que poderiam derivar da função que cada depoente exerce em

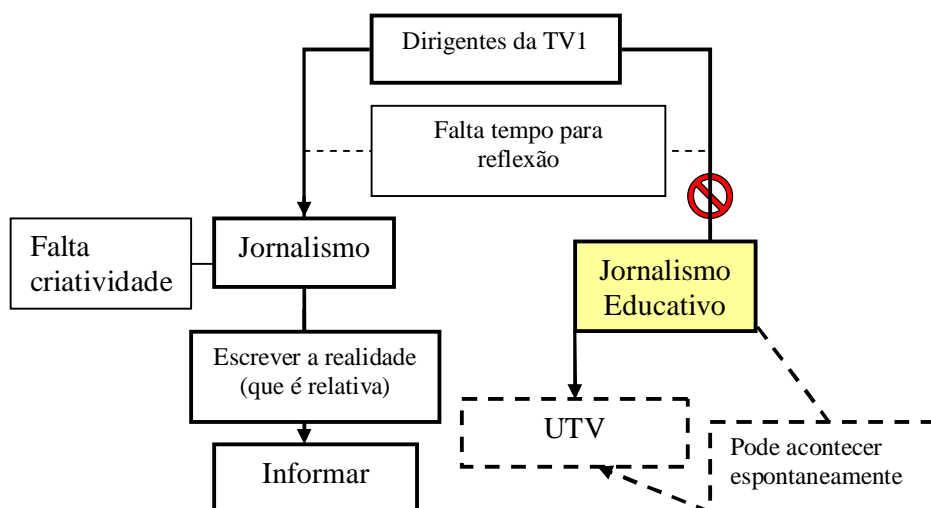
sua instituição, procurando semelhanças entre os discursos por categoria nas três instituições pesquisadas.

As duas profissionais responsáveis pela TV1 ouvidas concebem o jornalismo com uma estreita relação com a realidade, a partir da informação. O jornalismo retrataria o que acontece, tal como acontece e sua qualidade estaria exatamente no grau de aproximação com a realidade. Esta realidade se apresenta relativa, porque alguns fatores podem modificá-la, como a presença do repórter no local – só este fato já pode fazer com que os acontecimentos passem por mudanças – ou a influência de interesses que podem não viabilizar a publicação do tema ou fato, ou a escolha em publicar determinados assuntos em detrimento de outros. Elas não conhecem o termo Jornalismo Educativo, portanto, não o difundem.

O tema educação entra nas pautas da UTV, mas não de maneira articulada, planejada. Ele aparece quase que espontaneamente a partir de pautas de interesses pessoais. Se um tema agrada a uma delas, ela o pauta. E se este tema provoca reflexão, é porque naturalmente o tema remete a esta reflexão. A reflexão é consequência e não a causa. A UTV, para ambas, é um espaço de preparação dos alunos para o mercado de trabalho e, apesar de afirmarem que estimulam a criação dos alunos, está implícito no discurso que elas reproduzem a experiência profissional de mercado na UTV. A falta de tempo é apontada como a principal causa de não haver reflexão por parte dos dirigentes sobre televisão na TV universitária e a falta de criatividade é apresentada como o motivo de não haver linguagem nova por parte dos estudantes.

O esquema abaixo resume os principais pontos defendidos por elas.

Esquema dos dirigentes da TV1

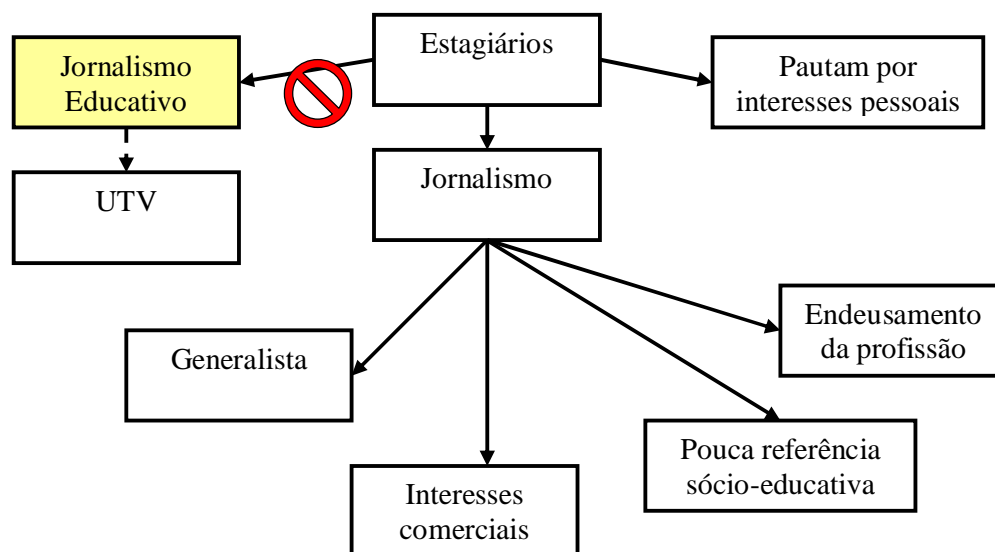


Elas alegam não terem tempo para estudar, para repensar a TV porque têm atividades demais a cumprir na UTV. As atividades estão relacionadas ao compromisso de colocar programas inéditos no ar e não à pesquisa.

O aspecto educacional apareceria espontaneamente, já que não é inerente à prática jornalística. Os temas, privilegiadamente, é que determinariam a maior ou menor relação com a educação.

Os estudantes de jornalismo que fazem estágio na TV1 apresentam discursos semelhantes ao se referirem aos conceitos que têm sobre Jornalismo. Eles associam Jornalismo à informação generalista, fazendo pouca referência a sua função sócio-educativa. Apenas os depoentes 4 e 6 fazem algum tipo de referência a esta função. Há uma tendência a endeusar a figura do jornalista, que, como figura divina, que vai em busca da verdade. Porém, a verdade fica ofuscada quando relacionam o que vai ao ar com interesses comerciais. O esquema a seguir ressalta os principais pontos defendidos pelos estagiários e profissionais da TV1.

Esquema dos estagiários e profissionais da TV1



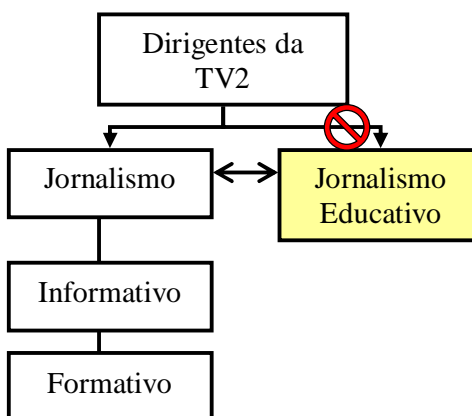
O Jornalismo Educativo não é conhecido por nenhum dos estudantes, todos jovens. Eles dizem pautar os programas a partir de seus interesses pessoais. Dois dos estudantes disseram não saber se existe Jornalismo Educativo na UTV mesmo depois da

explicação sobre o tema. Educação aparece frequentemente associada à idéia de escola. Um deles afirmou, inclusive, que a função da UTV não é educar, o que evidencia a falta de conhecimento sobre o estatuto e a função da UTV.

Ao todo, cinco estudantes de um total de seis reconheceram o Jornalismo Educativo em algumas reportagens da UTV. O Jornalismo Educativo aparece no discurso dos depoentes como algo não muito importante, ligado à educação escolar e à didática. Um dos depoentes acha que a UTV não seria o canal adequado para o Jornalismo Educativo por se tratar de um Canal pago, fechado. A educação, portanto, estaria relacionada a uma educação básica depositada para um público de classe baixa (o depositar nos remete à educação bancária, de Paulo Freire). Mesmo diante de afirmações como estas, os depoentes reconheceram a reflexão e a opinião na UTV, o que se apresenta como um aspecto positivo em direção ao Jornalismo Educativo. Um deles chega a lamentar o fato de as coordenadoras não orientarem sobre Jornalismo Educativo. O formato dos programas, o tempo das matérias e a possibilidade de criar coisas novas são fatores que se apresentam favoráveis à produção de um jornalismo com caráter educativo. Porém, pode-se inferir que os estudantes que atuam na TV1 não estão sendo preparados para desenvolver um jornalismo sócio-educativo porque não são orientados pelos responsáveis que, por sua vez, desconhecem o assunto e reproduzem o que é feito no mercado. A UTV não estaria, dessa forma, produzindo um Jornalismo Educativo nem formando jornalistas com mais responsabilidade social.

O esquema a seguir apresenta a visão da coordenadora e do diretor da TV2

Esquema dos dirigentes da TV2



A coordenadora da TV2 e o diretor do curso de jornalismo, a quem a TV2 está subordinada, vêem o jornalismo como um canal de informação e de formação. E eles não sabem o que vem a ser Jornalismo Educativo. Porém, quanto à função educativa, as opiniões divergem. A coordenadora acredita que, assim como todo jornalismo é investigativo, todo jornalismo é educativo e, por isso, considera o termo Jornalismo Educativo um pleonismo.

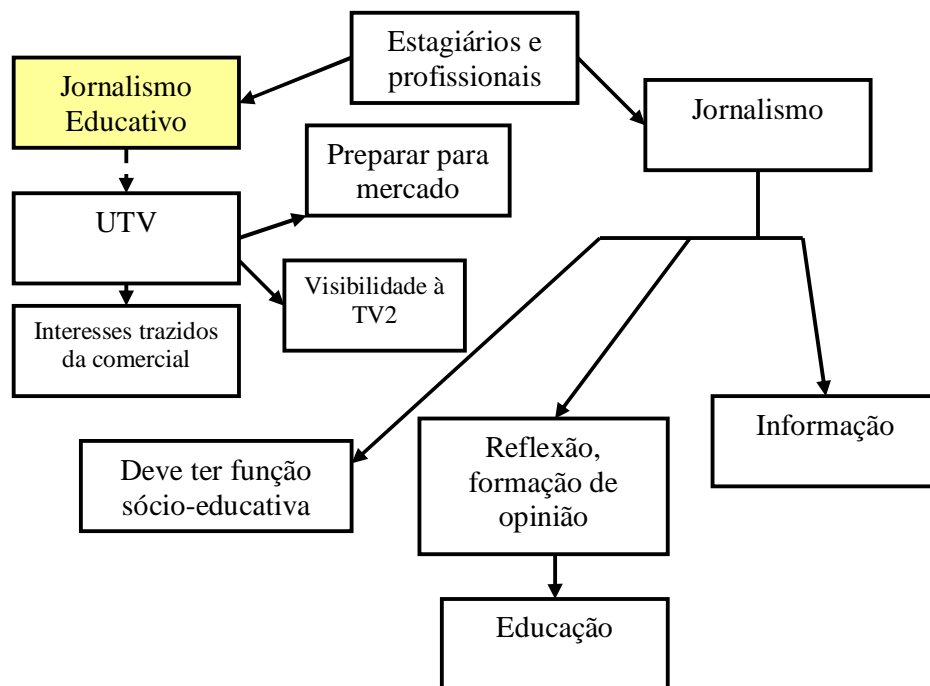
A depoente usa o argumento de que todo Jornalismo é investigativo e, portanto, Jornalismo Investigativo é um termo redundante. Podemos observar que o verbo transitivo investigar significa indagar, pesquisar, inquirir, ou seja, procurar informação sobre alguma coisa. Portanto, é aceitável a afirmação de que Jornalismo Investigativo seja um pleonismo. Afinal, todo jornalismo procura informação sobre alguma coisa. Porém, se todo jornalismo é educativo, como afirma a depoente, então por que, na opinião da própria depoente, nem todas as matérias produzidas pela TV2 são de Jornalismo Educativo? Se tudo é educação, por que não há educação em tudo? É bem possível que ela não veja realmente educação em tudo. Talvez veja de forma pontual, em canais voltados para a educação. Com isso, a opinião dela não estaria tão longe da visão do diretor.

Em contrapartida, o diretor diz que não é função do jornalismo educar o povo, não conhece e não reconhece o Jornalismo Educativo como uma possibilidade e afirma que ele não existe na UTV. O discurso do diretor está relacionado à concepção que ele tem sobre Jornalismo, que é essencialmente informar. O Jornalismo Educativo é uma forma de fazer Jornalismo visando ao bem da coletividade, visando à educação. Este pensamento não reflete diretamente o dos dirigentes da TV2, prevalecendo o fato de eles estarem utilizando o espaço para dar visibilidade à instituição e também preparar para o mercado de trabalho.

A coordenadora da TV2 afirma que existe Jornalismo Educativo na UTV porque as matérias da emissora são maiores. Desta forma, é possível se aprofundar mais, o que não aconteceria no telejornal de uma emissora comercial. Nem todas as matérias precisam, necessariamente, ter função educativa. Mas acreditamos que, se todo jornalista tiver conhecimento sobre Jornalismo Educativo, será possível contribuir para a formação do cidadão, com matérias que possam enriquecer o conhecimento dos telespectadores. Ela associa o termo Educação a passar matéria.

Os estudantes e profissionais que atuam na TV2 não conhecem o termo Jornalismo Educativo, mas todos acreditam que o jornalismo tem ou deveria ter função sócio-educativa, mas nem sempre isto aparece na prática deles. O jornalismo, para eles, aparece, em primeiro lugar associado à informação, mas também o vêem ligado à reflexão e à formação de opinião, o que, em alguns casos, remete à educação. A Educação, por sua vez, aparece associada à sala de aula, a didatismo, a passar conhecimento (passar no sentido de depositar conhecimento no outro). Os argumentos e explicações sobre o que vem a ser Jornalismo Educativo foram bem recebidos pelos estudantes.

Esquema dos profissionais e estagiários



A maioria visualiza Jornalismo Educativo na UTV, mas de forma modesta, já que nela também prevalecem interesses – da instituição ou aqueles interesses que existem na TV comercial. E, porque estes profissionais e estagiários reproduzem o modelo existente, acabam perpetuando a forma como que se faz televisão no Brasil.

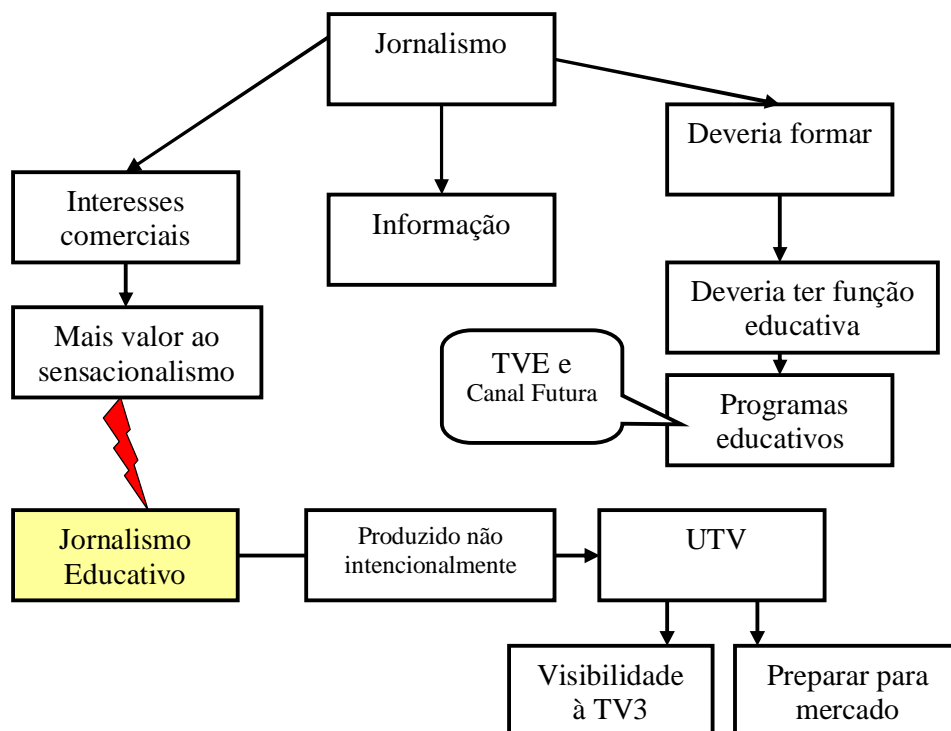
Vale ressaltar que, para os profissionais, a UTV tem como função dar visibilidade aos projetos da instituição, mas o que prevalece mais nos discursos dos estagiários é a sua função de prepará-los para o mercado de trabalho. Porém, um dos

estudantes reclama da estrutura da instituição que é falha, como falta de equipamentos de gravação e de edição, o que comprometeria a formação para o mercado de trabalho.

A visão dos estudantes é de que a UTV existe para prepará-los para o mercado de trabalho e para dar visibilidade à instituição, não aparecendo, em nenhum momento da fala dos depoentes, o espaço para a pesquisa.

Observamos que as coordenadoras da TV3 vêem uma relação forte do jornalismo com interesses comerciais. Por isso, há muito sensacionalismo. O Jornalismo Educativo, portanto, seria oposto a estas idéias. Uma das coordenadoras chegou a afirmar que Jornalismo Educativo, por este motivo, seria inviável. O esquema abaixo sintetiza as principais crenças e argumentos dos dirigentes da TV3.

Esquema das coordenadoras da TV3

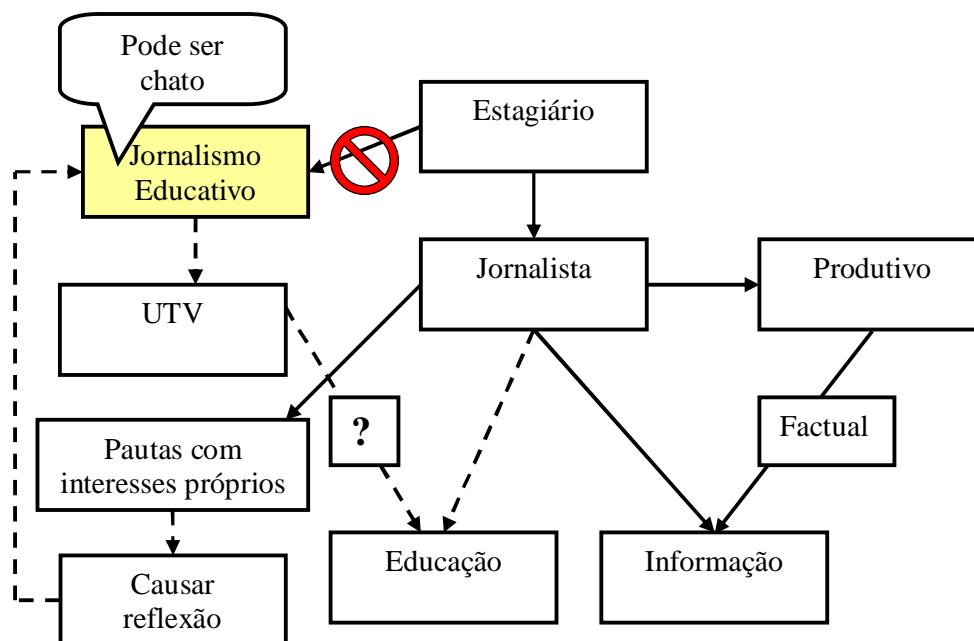


No final do discurso das duas coordenadoras, elas concluíram que existe programação com Jornalismo Educativo na UTV, ainda que elas não o façam intencionalmente.

Para as coordenadoras, o Jornalismo é essencialmente informação, mas deveria formar e educar. Elas acabam associando estes verbos à TV Educativa e ao Canal Futura e não às emissoras em geral, nem mesmo à UTV. Nos discursos de ambas pode-se observar a tendência de valorizar a experiência profissional que elas têm, que, para elas, é o motivo de ocuparem os cargos na UTV. Há falta de reflexão sobre as atividades da UTV por falta de tempo. Isto acaba influenciando a forma de se pensar a TV2, ou seja, acaba propagando a idéia de que a emissora universitária é um espaço de produzir programas, treinar para o mercado e dar visibilidade ao nome da instituição. Há também um esforço em valorizar a UTV como espaço de prática, de aprendizagem para os estudantes, já que ali eles podem praticar o que aprendem em sala de aula. Em nenhum momento foi citada a pesquisa como finalidade da UTV.

Para os estagiários e outros profissionais que trabalham na TV3, o jornalismo está relacionado exclusivamente à informação. Ao longo da entrevista, vão concluindo que jornalismo pode ter relação também com educação, mas os discursos são normalmente inseguros, possivelmente por falta de conhecimento sobre o tema. O esquema abaixo resume as posições dos profissionais e estagiários.

Esquema do discurso dos profissionais e estagiários



O jornalista aparece como um profissional produtivo e mais voltado para o factual, para a informação. As pautas dos depoentes são relacionadas, na maioria das vezes, por assuntos de interesses pessoais, não prevalecendo outros critérios de escolha de pautas. Mas eles acreditam que elas possam, algumas vezes, estimular a reflexão do telespectador, o que caracteriza que eles não promovem esta reflexão de forma pensada, estudada, intencional. A reflexão simplesmente acontece. Esta reflexão é o que os depoentes apontam como a existência de Jornalismo Educativo na UTV, termo que eles não conhecem. Alguns estudantes chegam a dizer que o Jornalismo Educativo, por ser educativo, é chato. E dois acreditam que não exista Jornalismo Educativo na UTV. Porém, a maioria reconhece a importância da educação no Jornalismo. O depoente 23 afirma que, diante das falhas em diferentes setores, o jornalismo ganha um peso ainda maior no que diz respeito à sua função educativa, o que reforça a idéia de Jornalismo Educativo.

Comparando os depoimentos por categoria, foi possível perceber que os dirigentes das três instituições analisadas não sabem o que é Jornalismo Educativo e, conseqüentemente, não o difundem. Nenhum deles pensa efetivamente em educação e as pautas têm relação com interesses pessoais e não com interesses da sociedade. Jornalismo está relacionado diretamente com informação. O caráter formativo aparece modestamente no discurso deles e o educativo praticamente só surge quando estimulado pela pesquisadora. O aspecto educacional, para eles, aparece espontaneamente das próprias notícias, apesar de não fazer parte da prática do jornalismo. É evidente a reprodução do mercado feita por todos os dirigentes. A falta de tempo é freqüentemente utilizada como desculpa para não refletirem sobre televisão e não produzirem novas linguagens e formatos novos para os programas.

Os estudantes também consideram Jornalismo diretamente relacionado à informação. Eles desconhecem o termo Jornalismo Educativo e as pautas são elaboradas com temas de interesse pessoal deles. Educação aparece freqüentemente associada à escola, à educação básica, ao didatismo, o que, implícita e explicitamente, classificam como chato. Eles reproduzem na UTV o que se faz na TV comercial por estarem sendo preparados desta forma, para o mercado de trabalho. O discurso sobre a função sócio-educativa da UTV é modesto, mas aparece com certa freqüência.

Curioso observar que duas depoentes – as de duas TVs distintas – acreditam que são jornalistas porque têm jornalismo no sangue, já que as mães das duas eram

jornalistas. Um depoente estudante disse que não pensa em fazer jornalismo porque não tem jornalismo no sangue. Os três depoentes apresentam o jornalismo também como além de uma escolha. Para eles, o jornalismo é algo que nasce ou não com as pessoas, independente de eles quererem ou não. Este tipo de visão é implicitamente recorrente.

Conclusão

Ao cruzar os dados coletados para a pesquisa, verificamos que o termo Jornalismo Educativo é desconhecido por todos os depoentes das três TVs Universitárias visitadas. Alguns se arriscaram a dar palpites sobre o tema, mas por não o conhecerem, não havia nenhum embasamento teórico. Apesar disso, eles reconhecem a importância da promoção da reflexão pelo jornalismo. Eles fizeram a associação das duas palavras a partir das explicações dadas por nós. Não há nenhuma sinalização de que os coordenadores e responsáveis pelas TVs Universitárias difundam a importância educativa do jornalismo. As reflexões que acontecem a partir das matérias surgem de forma espontânea e sem intenção de formar jornalistas com esta visão educativa.

A referência televisiva dos responsáveis pelas TVs analisadas é a prática profissional de cada um. Para eles, isso prevalece, já que a UTV, em suas concepções, existe para ajudar a preparar o aluno para o mercado de trabalho. Diante disto, o fato de terem trabalhado em emissoras, principalmente na função de repórteres, faz com que eles acreditem que a experiência que tiveram é fundamental para o aluno. Os coordenadores dizem como faziam e os estudantes acabam reproduzindo o modo de fazer.

Carvalho (2006) afirma que a falta de unidade no conceito de televisão universitária acarreta dificuldade na construção de uma identidade para as televisões universitárias. Assim como o autor, percebemos que as concepções de TV universitária dos responsáveis por ela interferem na prática destes profissionais e influenciam os estudantes. O fato de verem a UTV como um local de preparação para o mercado de trabalho e um canal para dar visibilidade à Instituição acaba sendo observado no conceito das TVs analisadas.

Além disso, os profissionais com mais tempo de serviço em jornalismo têm mais dificuldade de relacionar o jornalismo com a educação. Eles citam os interesses comerciais como empecilho para sua produção de Jornalismo. A função do jornalista, segundo eles, é de informar e, no máximo formar. Mas não teria a educação como finalidade. Eles, portanto, não associam a palavra formar com educar.

Achamos curioso verificar que os responsáveis pelas TVs universitárias apresentam o mesmo discurso: que os estudantes têm dificuldade de escrever, de criar e mesmo de assimilar o que está escrito.

Na fala dos mais jovens, o conceito de Jornalismo Educativo é mais bem assimilado. As dificuldades atuais, como falta de saúde e de educação e também a questão da grande audiência da TV, aparecem nos discursos para justificar que a mídia precisa ter uma função educativa. Porém, eles não são orientados para isso. A depoente 3 chega a dizer que nunca ninguém a orientou sobre o que vem a ser Jornalismo Educativo ou a função educativa da UTV ou do jornalismo.

Os depoentes em geral apresentaram concepções diferentes em relação ao jornalismo antes e depois de exercer a profissão. Antes prevalece a idéia de romantismo, idealismo, liberdade e expressão. Depois de entrar para o curso, a visão é mais comercial, mais factual, mais notícia.

As palavras *entretenimento* e *educação* aparecem sempre nos discursos separadamente, como se fossem antagônicas. Elas, para os depoentes, não têm relação, já que é freqüente a idéia de que educação está ligada a algo chato, sobretudo à educação escolar.

Educação, na visão dos depoentes em geral, remete quase sempre à escola, à sala de aula, à educação bancária, que deposita conhecimento. Os depoentes acreditam que educação seja chata, cansativa e não vêem como fazer educação sem ser chato. Ao mesmo tempo que acham chato, acreditam que é importante falar em educação e jornalismo. Há uma aceitação rápida da associação das palavras educação e jornalismo por parte dos profissionais e estagiários e um pouco de resistência por parte dos dirigentes. Acreditamos que estes estejam mais arraigados nos conceitos de jornalismo como transmissor de informação e notícia, e não de conhecimento. Este tipo de pensamento, associado ao fato de os dirigentes estarem reproduzindo na UTV o que faziam na TV comercial, acaba sendo refletido na UTV e nas ações dos estudantes. Ou seja, o fato de os dirigentes acharem que o importante é preparar para o mercado de trabalho, provavelmente, explica que os alunos pensem da mesma forma e almejem exatamente isto.

De acordo com o Estatuto da Sociedade de Televisão das Universidades do Rio de Janeiro, o objetivo da UTV é de “produzir, co-produzir, pós-produzir, adquirir, alienar, distribuir e transmitir (...) programas educativos de natureza informativa, cultural, esportiva e recreativa que promovam a educação permanente”. Portanto, é clara no Estatuto a função educativa da UTV. Também é evidente que a programação tem de ser toda educativa, inclusive aqueles programas de natureza informativa. Isto significa que o Jornalismo Educativo deveria estar sendo difundido, pesquisado, estudado pelas

TVs universitárias. Contudo, o que podemos observar é que não existe uma concepção clara sobre o que é educação, palavra associada à escola, à pedagogia da transmissão (no ato de passar ensino para o aluno, como na Educação Bancária, de Paulo Freire), à “chaticice”.

Coutinho (2006) assinalou em sua pesquisa que existe, na concepção de televisão universitária, a preocupação de atender aos departamentos da Universidade. Observamos que dar visibilidade à produção e ao nome da Instituição é uma prática das TVs universitárias pesquisadas. Mas o que prevaleceu, na maioria das falas de quem faz a programação da UTV, foi a importância dela para a formação dos estudantes. Em nenhum momento os responsáveis pelas TVs, estudantes e profissionais falaram de produção de pesquisa em Televisão. Apenas uma das depoentes, a responsável pela TV1, afirma que existe a necessidade de se repensar a TV, porque o jornalismo está perdido. Porém, como vimos, ela afirma que não há tempo para este tipo de preocupação na TV1 porque eles têm de produzir, têm muitas tarefas e não podem parar para fazer este tipo de questionamento. A quantidade de tarefas e a falta de tempo também foram citadas pelos dirigentes da TV3. Conclui-se, portanto, que temas como o Jornalismo Educativo não podem ser estudados.

Os temas para as pautas apresentados pelos estudantes e profissionais que atuam nas TVs pesquisadas são levantados a partir de interesses pessoais e não de interesses coletivos, o que evidencia pouco conhecimento sobre a responsabilidade educativa e social do jornalista.

Diante destes dados, verificamos que não há espaço pedagógico em nenhuma das três TVs analisadas e nenhuma experimentação científica está sendo realizada. Concluímos que as instituições estão se aproximando mais dos interesses comerciais (de divulgação do nome da instituição) e de ser local de treinamento para entrar no mercado de trabalho do que de desenvolver um ambiente de aprendizagem, capaz de comportar um centro de formação de novos profissionais e, ao mesmo tempo, um laboratório de pesquisa de novos formatos e linguagens para a televisão brasileira, o que está em acordo com os resultados de Coutinho (2006).

Na nossa avaliação, acreditamos que os dirigentes das TVs Universitárias deveriam repensar a TV universitária, vendo-a como um espaço de pesquisa sobre televisão. Na nossa concepção, o jornalista de hoje precisa buscar este diferencial, precisa desenvolver um trabalho sócio-educativo em um mundo em que se fala muito sobre responsabilidade social e cidadania.

Ao cruzar os dados coletados a partir dos discursos de dirigentes, estudantes e profissionais sobre educação, verificamos que é freqüente a idéia de que educação está diretamente relacionada à sala de aula, à didática e não ao jornalismo. Percebe-se que as concepções apresentadas pela maioria dos depoentes sobre educação é de algo chato, cansativo ou que está distante de entretenimento, já que algo chato não poderia entreter.

O fato de os estudantes reconhecerem a importância educativa do jornalismo pode ser um indicativo na direção de uma mudança na qualidade do jornalismo produzido na UTV. A receptividade ao tema, independente de críticas e associações ao didatismo, também evidencia a possibilidade de produzirem Jornalismo Educativo. O desejo de produzir algo novo evidenciado por parte dos dirigentes de TVs universitárias pode ser um caminho, uma brecha para se tentar um jornalismo diferenciado. Até mesmo o desejo de ser um jornalista pleno, um profissional que informa e forma, consideramos um incentivo para a busca de novos formatos que contemplem o Jornalismo Educativo.

Por fim, concluímos que as IES que mantêm televisões universitárias têm um espaço privilegiado para pesquisas de linguagens e formatos novos para a televisão brasileira. Porém este espaço não está sendo explorado para a produção de pesquisas acadêmicas. Ao contrário, ele acaba por reproduzir modelos comerciais, com interesses comerciais, implicitamente relacionados à visibilidade dada à instituição ou de prestação de contas à sociedade (como no caso da instituição pública) ou ainda de cumprimento da grade de programação da UTV (que deve ir ao ar). Devemos lembrar que a televisão é um fenômeno social que merece ser estudado em toda a sua complexidade.

Esta pesquisa apontou a ausência de conhecimento sobre o termo Jornalismo Educativo e sobre sua prática, por parte de dirigentes das TVs Universitárias e, conseqüentemente, de seus profissionais e estagiários. Como lembra Coutinho (2006, p.112) “a Universidade (...) não tem como único objetivo formar mão-de-obra técnica para as empresas e instituições públicas (...), ela também tem como objetivo propor alternativas para os problemas sociais que se apresentam”. Portanto, verificamos que o Jornalismo Educativo está presente na programação da UTV de forma modesta, não planejada ou estudada. TVs universitárias se apresentam como espaço privilegiado para o estudo do Jornalismo Educativo que acreditamos ser uma forma de se fazer jornalismo de qualidade, jornalismo mais responsável e que ajude a formar o cidadão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Claudio. **A Regra do Jogo**: o jornalismo e a ética do marceneiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DO DIREITOS DA INFÂNCIA (ANDI), MEC, IAS, UNICEF, NEMP, FUNDESCOLA, CONSED. **Mídia e Educação**: perspectivas para a qualidade da informação. Brasília, 1999. Disponível em <<http://www.andi.org.br/pdfs/midiaedu.pdf>> Acesso em: 10 de maio de 2007.

AGUADED, José Ignacio. **Convivir com la televisión**: família, educación y recepción televisiva. Barcelona, 1999.

AITED - Association Internationale des Télévisions d'Education et de Découverte - Por uma televisão para a educação e a cultura. Manifesto datado de 1999/2000. Disponível em <http://www.abeppec.com.br/tv_publica.asp> Acesso em 01 de maio de 2008.

ALVES D'AZEVEDO et al. **O Jornal como formador de Opinião**. Porto Alegre: Editora da Universidade, Textos Para discussão 16, 1983.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith.; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais**: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 1999.

AMARAL, Luiz. **Técnica de jornal e periódico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus Editorial, 2004.

ASSIS, Cássia Lobão. **A Necessidade de Redimensionar Paradigmas no Ensino da Redação Jornalística**. Artigo apresentado na Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Campo Grande/MS - Universidade Estadual da Paraíba, 2001

ASSOCIATION INTERNATIONALE DÊS TÉLÉVISIONS D'EDUCATION ET DE DECOUVERTE (AITED). **Manifesto por uma televisão para educação e cultura**. Disponível no site da ABEPEC. Associação das emissoras Públicas Educativas e Culturais. AITED, 1999/2000. Disponível em <http://www.abeppec.com.br/tv_publica.asp> Acesso em 13 de nov. 2006

AZEVEDO, Maria Verônica Rezende. **Telejornalismo e Educação para a Cidadania**: uma experiência de educomunicação. Artigo apresentado na Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares. Belo Horizonte, 2003. Disponível em <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/4897/1/NP11AZEVEDO_MARIA.pdf> Acesso em: 24 de maio de 2007.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Televisão e Escola**: uma mediação possível? São Paulo: Editora Senac, 2000.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1978.

BARROS Filho, Clóvis de. **Ética na Comunicação**: da Informação ao Receptor. São Paulo: Editora Moderna, 1995.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2001.

BENTES, Ivana. **A Universidade concorre com a mídia**. Revista Lumina da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora – Facom UFJF, VI, nº1, p.77-84, julho/dezembro, 1998. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bentes-ivana-universidade-midia.pdf>> Acesso em 10 de fevereiro de 2008.

BERTI, Janaína dos Santos. **O Trabalho do Jornalista na produção de um material educativo em vídeo**: um estudo de caso sobre o guia do casal grávido. Dissertação (mestre em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

BEZERRA, Wagner. **Manual do telespectador insatisfeito**. São Paulo: Editora Summus, 1999.

BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV**. São Paulo: Contexto, Coleção Comunicação, 2005

BOUTIN, Renata. **Tv, criança e irresponsabilidade social**. Artigo sem data publicado na revista eletrônica Contexto. Disponível em <<http://www.contexto.com.br/convicomartigorenataboutin.htm>> Acesso em 26 de janeiro de 2008.

BRASIL, Antônio Cláudio. **A Revolução das Imagens**: uma nova proposta para o telejornalismo na era digital. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2005

_____. **Antimanual de jornalismo e Comunicação**: Ensaios críticos sobre jornalismo, televisão e novas tecnologias. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

BRETON, Philip. **A Manipulação da Palavra**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BRETON, Philip e GAUTHIER, Gilles. **História das teorias da argumentação**. Tradução de Maria Carvalho. Lisboa: Bizâncio, 2001

BRITTOS, Valério Cruz. **A Televisão no Brasil hoje**: a multiplicidade da oferta. Artigo apresentado na INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares. Belo Horizonte, Setembro de 2003.

CARMONA, Beth. **Televisão Brasileira**: alternativas e políticas para a melhoria da qualidade. Rio de Janeiro, 18 de fevereiro de 2004 Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/noticias/040218_texto_beth.asp> Acesso em 10 de maio de 2007.

CARNEIRO, Vânia Lúcia Q. **Castelo Rá-Tim-Bum: o educativo como entretenimento.** São Paulo: Annablume, 1999.

CARVALHO, Lucimar da Silva. **Os Modos de Endereçamento e a Formação do Telespectador na TV Universitária.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro.

CASTILHO, Carlos. **Jornalismo Público.** Texto produzido para o Instituto Gutenberg. Boletim nº15 maio/junho 1997. Disponível em: <<http://www.igutenberg.org/casti15.html>> Acesso em 10 de março de 2007.

CASTRO, Mônica Rabelo de. **Retóricas da Rua: educador, criança e diálogos.** Rio de Janeiro: Editora Universitária Santa Úrsula, 1997.

CASTRO, Mônica Rabelo de e FRANT, Janete B. **Estratégia Argumentativa: um modelo,** proceedings of I SIPEM, p.381-383, nov/2000.

CASTRO, Mônica Rabelo de; FRANT, J. B. **O modelo da estratégia argumentativa: Análise da fala e de outros registros em ambientes interativos de aprendizagem.** Curitiba: UFPR, no prelo.

CHARAUDEAU, Patrick&MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso.** São Paulo: Editora Contexto, 2004

COSTA, Jurandir Freire. **A ética e o espelho da cultura.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

COUTINHO, Ricardo Nespoli. **A Televisão Universitária como ambiente de aprendizagem.** Dissertação de Mestrado em Educação - Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2006.

CRESPO, Donaciano Bartolomé. **Periodismo Educativo.** Espanha: Sintesis, 2005.

D'ARAÚJO, Maria Celina. **Capital Social.** Rio de Janeiro: Zahar, Coleção Passo-a-passo, vol.25, 2003.

DE FLEUR, M. L.; BALL-ROKEACH, S. **Teoria da Comunicação de Massa.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

DIAS, Gabriela. **Canal Universitário X Cidadania.** Rio de Janeiro: mimeo, 2002

DINES, Alberto. **O Papel do Jornal: uma releitura.** Rio de Janeiro: Summus Editorial, 1986.

DOWNES, Stephen. **Stephen's guide to the logical fallacies.** University of Alberta, Canadá. Trad. Julio Sarneiro. Disponível em <<http://criticanarede.com/falacias.htm>>

DUARTE, Rosália. **Crianças e televisão: o que elas pensam sobre o que aprendem com a tevê.** Rio de Janeiro. Artigo publicado na Revista Brasileira de Educação. Vol.11, número 33. Estudo realizado pelo Grupo de Pesquisa em Educação e Mídia (GRUPEM), ligado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio. sept./Dec.2006. Disponível em <<http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi->

bin/PRG_0599.EXE/7388.HTM?NrOcoSis=26551&CdLinPrg=pt> Acesso em 12 de dezembro de 2007.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

ECO, Umberto. **Tratado geral de Semiótica**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ESTEVES, João. **A ética da comunicação e os media modernos**/Legitimidade e poder nas sociedades complexas. Lisboa: Gulbenkian. FABRI, Paolo, 2000.

FALGETANO, Edylita. **TV Social**. São Paulo: Tela viva, 1999.

FERNANDES, Márcio Ronaldo Santos. **Civic Journalism no Brasil**: a construção de um plano de referência para um Jornalismo Público. Artigo publicado na INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Salvador/BA, 2002. Disponível em <http://200.155.18.61/informacao/-79c2f01_115d80a527a_-7fe1.pdf> Acesso em 17 de novembro de 2007.

FERRÉS, Joan. **Televisión y Educación**. Espanha: Paidós, 1994.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo pedagógico da mídia**: modos de educar na (e pela) TV. Artigo publicado em Educação e Pesquisa. v.28 n.1 São Paulo jan./jun. 2002 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022002000100011&lng=es&nrm=iso/&tlng=pt> Acesso em 26 de setembro de 2006.

FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. **O Jornalismo no Conglomerado de Mídia**: reestruturação produtiva sob o capitalismo global. 2005. Tese (Doutorado) Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

FORT, Mônica Cristina. **Televisão Educativa**: a audiência como fator de construção de uma identidade pedagógico-cultural. Artigo publicado na Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v.5, n.15, p.127-138, mai./ago.2005. Disponível em <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/DIALOGO?dd1=671&dd99=view>> Acesso em 12 de março de 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

_____. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREITAS, Ademar Vargas de. **Big Brother é um marco mundial na programação de TV**. Entrevista com o professor Fernando Andacht, 2002. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/jornal/abril2002/pag07.html>> Acesso em 21 de março de 2008.

FREIXEDA, Nivaldo. **Guia de princípios do Jornalismo Público**. São Paulo, Fundação Padre Anchieta, 2004.

FUENZALIDA, V. **Televisión, Padres y Hijos**. Santiago de Chile: Ceneqa/Paulinas, 1984.

GEERTZ, Clifford. Uma Descrição Densa: Por uma teoria interpretativa da Cultura. In: **A interpretação das Culturas**. Trad. De Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

GEERTZ, Clifford. A arte como um sistema cultural. In: **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1997.

GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide: por uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Ortiz, 1989.

GIDDENS, A. **Sociologia**. Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. **Televisión, audiencias y educación**. Colômbia: Grupo Editorial Norma, 2001.

GONNET, Jacques. **Educação e Mídias**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Comunicação e Poder: A presença e o papel dos meios de comunicação de massa estrangeiros na América latina**. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

HOHLFELDT, Antônio, MARTINO, Luiz C, FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da Comunicação: Conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001

HOINNEF, Nelson. **A Nova Televisão: desmassificação e o impasse das grandes redes**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

ILLERA, J.L. Rodrigues. **Educación y Comunicación**. Paidós, Barcelona, 1988.

ĨÑIGUEZ, Lupicínio. **Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais**. Petrópolis: Vozes, 2005.

JABOR, Arnaldo. **Reality Shows matam fome de verdade**. Artigo publicado no Jornal Estado de São Paulo em 09 de abril de 2002. Disponível em <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/asp170420028.htm>> Acesso em 15 de abril de 2008.

JORGE, Thaís de Mendonça. **A notícia e os valores-notícia**. O papel do jornalista e dos filtros ideológicos no dia-a-dia da imprensa. **UNIrevista**, v. 1, n. 3, jul. 2006, Brasília. ISSN 1809-4651. Disponível em: <http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Jorge.pdf> Acesso em 24 de outubro de 2007.

KIENTZ, Albert. **Comunicação de Massa: Análise de Conteúdo**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. **Ensino de Jornalismo Brasil-EUA: O Legado de Pulitzer nos Tempos do Capitalismo Financeiro**. Trabalho apresentado no Congresso INTERCOM 2005 - I Colóquio Brasil-Estados Unidos de Ciências da Comunicação 2nd Brazil-USA Colloquium on Communication Studies, USP, 2005

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo**: Norte e Sul. São Paulo: Edusp, 2002.

LAGÔA, Ana Mascia. **A Construção da Linguagem no Jornalismo Educativo**: a experiência do programa Nota 10 no Canal Futura. Texto publicado na revista eletrônica portuguesa A Página da Educação, 2000 disponível em <<http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=957>> . Texto completo disponível em <<http://www.eca.usp.br/nucleos/nce/pdf/010.pdf>> Acesso em 21 de março de 2007.

LEAL FILHO, Laurindo Lalo. **A Melhor TV do mundo**. São Paulo: Summus, 1997.

LEAL FILHO, Laurindo Lalo. **A TV sob Controle**: a resposta da sociedade ao poder da televisão. São Paulo: Summus, 2006.

LIMA, Eduardo Pereira. **O Jornal Laboratório, Revelação e a Humanização da Narrativa Jornalística Brasileira**. Associação Brasileira de Ensino Superior. Brasília, ABMES, 2000.

MACHADO, Arlindo. **A Televisão Levada a sério**. São Paulo: Editora Senac, 2000.

MACIEL, Pedro. **Jornalismo de Televisão**. Sagra-Luzzatto. Porto Alegre, 1995.

MAGALDI, Sylvia. **Educação, Escola & Mídia**: a imprescindível aliança. Revista de Educação e Informática, São Paulo: ano 07 nº 12, janeiro, 1997. Disponível em <<http://www.educacao.sp.gov.br/publicacoes/acesso/acs12p06.html>>

MAGALHÃES, Nara. **Culturas no plural e as suposições de “falta de cultura brasileira”, em contextos específicos de recepção televisiva e no debate intelectual**. Trabalho apresentado ao NP 21- Comunicação e culturas urbanas, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2004. Disponível em <<http://http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/18432/1/R0519-1.pdf>> Acesso em 26 de janeiro de 2008

MANUAL DE PLANEJAMENTO EM DEFESA CIVIL Volume II – Ministério da Integração Nacional/ Secretaria de Defesa Civil, Imprensa Nacional, Brasília, 1999

MANUAL DE TELEJORNALISMO – Central Globo de Jornalismo, 1985.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Globalização Comunicacional e Transformação Cultural**. IN: MORAES, Dênis de. (Org.). **Por uma outra comunicação**: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro Record, 2003a.

_____. **Dos meios às mediações**. Comunicação, Cultura e Hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003b

MARTÍN-BARBERO, Jesús. BARCELOS, Claudia. **Comunicação e mediações culturais**. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação** - Diálogos Midiológicos nº 6, Vol. XXIII, nº 1, janeiro/junho de 2000

MATILLA, Agustín García. **Una Televisión para la educación** – la utopia posible. Barcelona: Editora Gedisa, 2003.

MELLO, José Marques de. **Para uma leitura crítica da comunicação**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

_____ **Pesquisa experimental nas escolas de comunicação:**
Reduzindo a distância entre academia e mercado. ScienceNet, Ano VIII - nº 53 - Março de 2004

MENEZES, Ebenezer Takuno de. **Preferências midiáticas como estratégia de qualidade no ensino de comunicação**. Trabalho apresentado na Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação/ ENDECOM 2006 – Fórum Nacional em Defesa da Qualidade do Ensino de Comunicação. Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, 11 a 13 de maio de 2006. Disponível em <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/19321/1/EbenezerTakunodeMenezes.pdf>> Acesso em 12 de janeiro de 2008.

MONTARDO, Sandra Portella. **Comunicação: Campo de mediações e de complexidades**. Artigo disponível na Biblioteca Online das Ciências da Comunicação (BOCC), 2005. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/montardo-sandra-comunicacao-mediacao-complexidade.pdf>> Acesso em 22 de junho de 2007.

MONTORO, José Acosta. **Periodismo y Literatura**. Guaderrama, Madri: T.1 y 2, 1973.

MORAN, José Manuel. **Como ver televisão: leitura crítica dos meios de comunicação**. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em “tempo real”: o fetiche da velocidade**. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

NEDER, Cristiane Pimentel. **As Influências das Novas Tecnologias de Comunicação Social na Formação Política**. 2001. Dissertação (Mestrado) Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo no Departamento CTR- Cinema, Televisão e Rádio.

NUNES, Pedro. **Dicionário de Tecnologia Jurídica**. Rio de Janeiro: Renovar, 1999.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: Editora Campos, 1999.

PENA, Felipe (org.). **Televisão e Sociedade** (do Big Brother à TV Universitária): Ensaio crítico sobre televisão, jornalismo e mitologia; e alguns artigos sobre educação e literatura. Rio de Janeiro: Ed. 7 Letras, , 2002

_____ **1000 Perguntas – Jornalismo**. Rio de Janeiro, Editora Rio, 2005.

_____ **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2006.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação: a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PÉREZ DE LA CONCHA, Guillermo Raigón. **Uma escuela tan grande como el mundo: los periodistas y la educación de los ciudadanos**. Espanha: Editorial Mad, 1998.

PICCININ, Fabiana. **TV Universitária: Telejornalismo Alternativo**. In: XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 1998. Disponível em <http://scholar.google.com/scholar?hl=pt-BR&lr=&q=cache:btbTtT_kFsJ:www.intercom.org.br/papers/xxi-ci/gt09/GT0904.PDF+%22baixa+qualidade%22+%2Btelejornalismo> Acesso em 20 de dezembro de 2007.

PILETTI, Nelson. **História da Educação no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

PRIOLLI, Gabriel. **Televisão universitária: TV Educativa em Terceiro Grau**. Artigo publicado originalmente no site da ABTU -Associação Brasileira de Televisão Universitária em 26 de agosto de 2004. Disponível em <http://www.universia.com.br/html/materia/materia_eied.html> Acesso em 21 de abril de 2008

RABAÇA, Carlos Alberto & BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de Comunicação**. São Paulo: Ática, 1987.

RAMOS, Roberto. **Telejornalismo: a pacificação do sentido**. Artigo publicado na Revista de Comunicação Verso e Reverso, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Rio Grande do Sul, ano XIX, 2005/3, número 42. Disponível em <<http://www.versoereverso.unisinos.br/index.php?e=6&s=9&a=54>> Acesso em 21 de abril de 2008.

RIVIÈRE, Margarita. **El Malentendido**. Barcelona: Icaria, 2003.

RIZZINI, Irma; CASTRO, Mônica Rabello de; SARTOR, Carla Daniel. **Pesquisando...** Guia de metodologias de pesquisa para programas sociais. Série Banco de Dados 6, Rio de Janeiro, Editora Santa Úrsula, 1999.

RIZZINI, Carlos. **Ensino do Jornalismo**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1953.

ROCHA, Larissa Leda Fonseca. **Telenovela e Merchandising Social: mediações, hibridismos e miscigenações**. Artigo apresentado na Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Uerj – em setembro de 2005. Disponível em <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/18440/1/R0851-1.pdf>> Acesso em 15 de fevereiro de 2008.

RODRIGUES, Ernesto. **No Próximo Bloco...** o Jornalismo na TV e na internet. Rio de Janeiro: Editora Puc Rio, 2005.

SIERRA, Francisco. **Introducción a la Teoría de la Comunicación Educativa**. Sevilla: Editorial Mad, 2000.

SILVA, Luiz Martins da. **Civic Journalism: um gênero que no Brasil ainda não emplacou**. Artigo sem data publicado no site da UNB - Universidade de Brasília, 2002. <<http://www.unb.br/fac/sos/artigos/civicjournalism.htm>> Acesso em 10 de novembro de 2006

SINOPOLI, Daniel. **Ética Periodística**: Ensayos sobre responsabilidad Social. Buenos Aires, Argentina: Ugerman Editor, 2006.

SOARES, Ismar. **Comunicação/Educação: A emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais**. In Contato: revista brasileira de comunicação, arte e educação. Ano 1, nº 2, jan/mar. 1999, p. 19-74

SODRÉ, Muniz. **A Comunicação do Grotesco**: um ensaio sobre a cultura de massa no Brasil. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

SOUSA, J. P. **Teorias da notícia e do Jornalismo**, Chapecó: Argos, 2002.

SQUIRRA, S. **Aprender Telejornalismo**: produção e técnica. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1995.

TÁVOLA, Artur da. **A Telenovela brasileira**. São Paulo: Globo, 1996.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. **Brincando nos Campos do Saber**: Uma análise exploratória dos espaços dedicados a divulgação científica no horário nobre da televisão de São Paulo entre 1965-1995. Artigo apresentado no Congresso Latinoamericano de Investigación de la Comunicación – ALAIC 2000 GT 14: Historia de la Comunicación, 2000.

TORNERO, José Manuel Pérez. **El desafío educativo de la televisión**: para comprender y usar el medio. Barcelona: Paidós, 1994.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**: Questões, Teorias e “Estórias”. Lisboa: Veja, 1ª edição, Coleção Comunicação e Linguagem. 1993.

UNESCO (Organización Panamericana de la Salud/UNESCO, 1993. **Por una Política de Comunicación para la Promoción de la Salud en América Latina**. Quito: OPS/UNESCO.

UNESCO. **La Educación Encierra un Tesoro**. Informe a la UNESCO de la Comisión Internacional sobre la Educación para el Siglo XXI – Compendio Ediciones UNESCO, 1993. Disponível em <http://www.unesco.org/education/pdf/DELORS_S.PDF> Acesso em 10 de novembro de 2006.

VICCHIATTI, Carlos Alberto. **Jornalismo**: comunicação, literatura e compromisso social. São Paulo: Paulus, 2005.

WEFFORT, Madalena Freire. **Sobre o Processo de Formação do Educador**. Petrópolis: Em Foco. Vozes, n. O, outubro, 1994.

WIENER, Norbert. **Cibernética e Sociedade**. São Paulo: Cultrix, 1978.

YARCE, J. **Televisión y Familia**. Madri: Palabra, 1993.

Anexo 1

ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO DE TELEVISÃO DAS UNIVERSIDADES DO RIO DE JANEIRO UTV

Capítulo Primeiro

DA DENOMINAÇÃO, NATUREZA, DURAÇÃO, SEDE E FORO

ARTIGO PRIMEIRO

A ASSOCIAÇÃO DE TELEVISÃO DAS UNIVERSIDADES DO RIO DE JANEIRO – UTV, constituída nos termos do Art. 23 – Inciso I – letra e, da Lei nº 8.977, de 6 de janeiro de 1995, com personalidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, a seguir denominada simplesmente **UTV**, tem prazo de duração indeterminado, sede e foro no Cidade do Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro, e se rege por este Estatuto, pela legislação que lhe for aplicável e pelas normas de complementação que venham a ser editadas pelos órgãos administrativos nos limites de suas atribuições.

Capítulo Segundo

DA FINALIDADE E OBJETIVOS

ARTIGO SEGUNDO

A **UTV** tem como finalidade o cumprimento do Art. 23 – Inciso I – Letra e, da Lei nº 8.977, de 06.01.95, de forma a colaborar efetivamente para o desenvolvimento social, educativo, científico, cultural, artístico e econômico do país.

ARTIGO TERCEIRO

A UTV tem como objetivos:

- I** produzir, co-produzir, pós-produzir, adquirir, alienar, distribuir e transmitir, por meio do canal de televisão por assinatura que lhe é destinado, e de outros meios existentes e que venham a existir, programas educativos, de natureza informativa, cultural, artística, esportiva e recreativa que promovam a educação permanente, bem como exercer as atividades afins que lhe forem determinadas, como entidade integrante do sistema de televisão a cabo no Município do Rio de Janeiro, RJ;

- II** priorizar a transmissão de caráter educativo, como apoio à educação formal e não formal, divulgando as manifestações culturais, artísticas e esportivas;
- III** estimular a produção, através de terceiros, de programas educativos, informativos, científicos, culturais, artísticos e de serviços;
- IV** distribuir programas educativos para utilização no meio universitário e em todas as entidades dedicadas ao ensino;
- V** organizar e administrar o acervo de seus programas ou de terceiros a seu cargo, com o fim de garantir a sua preservação e reutilização;
- VI** promover acordos e intercâmbios com entidades nacionais e internacionais, visando a co-produção de programas, com troca de produções e outras experiências no âmbito de sua finalidade;
- VII** exercer outras atividades afins que lhe forem atribuídas por sua Assembléia Geral ou derivadas da legislação que lhe é aplicável

Capítulo Terceiro DO QUADRO SOCIAL

ARTIGO QUARTO

O quadro social da entidade é integrado por associados efetivos – titulares e colaboradores – que não respondem pelas obrigações sociais, e cujos direitos e deveres serão mais especificados pelo Regimento Interno.

§ 1º – Poderão ser associados titulares as Universidades sediadas no Município do Rio de Janeiro, dentro da área de operação da Concessionária/Rede de TV a Cabo, sendo considerados Associados fundadores as Universidades que assinaram a ata de constituição da **UTV**;

§ 2º – Poderão ser associados colaboradores as pessoas físicas ou jurídicas, vinculadas à área de educação, indicadas pelos associados efetivos e aprovadas em Assembléia Geral, por 2/3 (dois terços) de seus membros.

§ 3º – Os associados estarão obrigados ao pagamento da contribuição financeira mensal estabelecida pelo Conselho Diretor, para a manutenção da Associação.

§ 4º – Considerando a diversidade de instituições que compõem a **UTV**, poderão ser analisadas, pelo Conselho Diretor, formas diferenciadas de pagamento da contribuição, que, justificadamente, sejam encaminhadas em grau de recurso.

ARTIGO QUINTO

O desligamento da **UTV** dar-se-á por solicitação dirigida ao Conselho Diretor, com antecedência mínima de 60 (sessenta) dias.

Parágrafo único – O associado que se desligar do quadro social mantém as obrigações assumidas até a data do seu desligamento.

ARTIGO SEXTO

O Conselho Diretor, por maioria de 2/3 (dois terços) de seus integrantes, poderá excluir do quadro social aqueles associados que não cumprirem os seus deveres estatutários e regimentais para com a UTV, observando-se o disposto no art. 42 deste Estatuto.

Capítulo Quarto

DOS DIREITOS E DEVERES DOS ASSOCIADOS

ARTIGO SÉTIMO

São direitos dos Associados:

- I -** Concorrer à composição da Assembléia Geral e aos Conselhos, na forma estabelecida neste estatuto;
- II -** participar da programação da UTV;

ARTIGO OITAVO

São deveres dos Associados:

- I -** Pagar, em dia, as contribuições financeiras mensais à UTV;
- II -** Cumprir e fazer cumprir este Estatuto.

Capítulo Quinto

DA ESTRUTURA ORGANIZACIONAL E DA GESTÃO

ARTIGO NONO

A gestão das atividades da UTV exerce-se por deliberação e atuação dos órgãos que compõem a sua estrutura organizacional:

- I** *ASSEMBLÉIA GERAL*
- II** *CONSELHO DIRETOR*
- III** *CONSELHO DE PROGRAMAÇÃO*
- IV** *CONSELHO FISCAL*
- V** *SUPERINTENDÊNCIA*

Seção I

DA ASSEMBLÉIA GERAL

ARTIGO DÉCIMO

A Assembléia Geral, órgão deliberativo supremo da UTV é integrada por todos os Associados Titulares, que estiverem em dia com suas obrigações sociais, e por uma representação dos associados colaboradores, igualmente em dia com as obrigações sociais, na proporção de 25% (vinte e cinco por cento) dos anteriores.

§ 1º – Para a condução dos seus trabalhos, a Assembléia Geral elegerá, dentre seus membros, um Presidente e um Secretário, os quais, uma vez elaborada a respectiva ata, cessarão em suas funções.

§ 2º – Os Associados Colaboradores reunir-se-ão, a cada dois anos, imediatamente antes da Assembléia Geral, para definir sua representação na Assembléia Geral.

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO

Compete à Assembléia Geral:

- I** aprovar o Estatuto, o Regimento Interno e suas eventuais alterações e revisões;
- II** aprovar as diretrizes e políticas de atuação da UTV, propostas pelo Conselho Diretor;
- III** aprovar o Plano Diretor Bienal proposto pelo Conselho Diretor;
- IV** examinar e aprovar o relatório, o balanço e as contas da UTV;
- V** aprovar a admissão de novos associados;
- VI** decidir, em grau de recurso, a exclusão de associados do quadro social;
- VII** eleger os membros do Conselho Diretor, do Conselho de Programação e do Conselho Fiscal, na forma deste Estatuto;
- VIII** deliberar sobre matérias de interesse da UTV;
- IX** autorizar a alienação ou constituição de ônus sobre os bens imóveis pertencentes à UTV;
- X** interpretar o presente Estatuto e decidir sobre os casos omissos.
- XI** aprovar a destituição dos administradores

Parágrafo Único – Para a aprovação dos itens acima, será sempre necessário o voto de 2/3 dos presentes.

ARTIGO DÉCIMO SEGUNDO

A Assembléia Geral reunir-se-á, de forma ordinária, no último trimestre de cada ano, mediante convocação do Diretor Presidente e, extraordinariamente, sempre que

for convocada pelo mesmo Diretor Presidente, ou pelo Conselho Diretor, quer por iniciativa própria, quer por petição da maioria absoluta dos Associados.

ARTIGO DÉCIMO TERCEIRO

A Assembléia Geral é convocada mediante comunicação escrita, enviada a todos os Associados, com antecedência de, pelo menos, 20 (vinte) dias, e considerar-se-á instalada, em primeira convocação, com a presença de, pelo menos, a metade dos Associados + 01 e com 1/3 (um terço), em segunda convocação, meia hora depois.

ARTIGO DÉCIMO QUARTO

A não convocação da Assembléia Geral Ordinária, no prazo estabelecido no artigo anterior, salvo caso de força maior, devidamente justificado, implica na suspensão do Diretor Presidente, devendo o Conselho Diretor, por maioria absoluta de seus membros, providenciar a convocação imediatamente.

ARTIGO DÉCIMO QUINTO

As decisões da Assembléia Geral, fora dos casos em que este Estatuto exigir um quorum qualificado, tomar-se-ão pela maioria dos membros presentes, em dia com suas obrigações sociais e serão consignadas em ata, assinada por todos os presentes.

Seção II

DO CONSELHO DIRETOR

ARTIGO DÉCIMO SEXTO

O Conselho Diretor, órgão colegiado de consulta e deliberação, é composto por não menos de 7 (sete) e não mais de 14 (quatorze) Associados, eleitos pela Assembléia Geral, na forma deste Estatuto, para um mandato de 2 (dois) anos.

ARTIGO DÉCIMO SÉTIMO

O Conselho Diretor é coordenado por um Diretor Presidente, membro do próprio Conselho, eleito pelos seus pares, para um mandato de 2 (dois) anos, coincidente com o do Conselho Diretor, sendo permitida uma única recondução.

Parágrafo único – Na mesma eleição do Diretor Presidente será escolhido um Diretor Vice-presidente, substituto eventual do Diretor Presidente;

ARTIGO DÉCIMO OITAVO

Compete ao Conselho Diretor:

- I** eleger, entre seus membros, o Diretor Presidente e o Diretor Vice-presidente;
- II** escolher o Superintendente;
- III** elaborar as Diretrizes e Políticas de atuação da **UTV**, submetendo-as à aprovação da Assembléia Geral;

- IV** elaborar o Plano Diretor Bienal da **UTV**, submetendo-as à aprovação da Assembléia Geral;
- V** aprovar a proposta do Superintendente para o Plano Anual de Trabalho, o orçamento e suas eventuais alterações;
- VI** acompanhar e avaliar periodicamente a atuação da Superintendência;
- VII** apreciar o Relatório Anual de Trabalho, a ser apresentado à Assembléia Geral, junto com a prestação de contas;
- VIII** deliberar sobre a admissão e exclusão de associados, submetendo a sua decisão à homologação da Assembléia Geral;
- IX** fixar a taxa de adesão à **UTV** e a contribuição mensal dos Associados;
- X** aprovar as normas e rotinas para as atividades da **UTV**, integrando-as, quando necessário, ao Regimento Interno;
- XI** cumprir e fazer cumprir o presente Estatuto, o Regimento Interno, e as demais disposições legais e programáticas;
- XII** julgar, em grau de recurso, as matérias que lhe forem devidamente encaminhadas pelos demais Conselhos;
- XIII** elaborar o Regimento Interno da **UTV**, para aprovação pela Assembléia Geral.

ARTIGO DÉCIMO NONO

O Conselho Diretor reunir-se-á ordinariamente uma vez cada seis meses e, extraordinariamente, sempre que necessário, por convocação expressa do Diretor Presidente.

ARTIGO VIGÉSIMO

As deliberações do Conselho Diretor, formalizadas, quando necessário, na forma de resoluções, serão tomadas pela maioria de seus membros presentes, cabendo ao Diretor Presidente, além do voto próprio, o de qualidade.

ARTIGO VIGÉSIMO PRIMEIRO

São atribuições do Diretor Presidente:

- I** convocar a Assembléia Geral;
- II** convocar, dirigir e coordenar as reuniões do Conselho Diretor;
- III** submeter uma lista tríplice de nomes para o cargo de Superintendente, a ser escolhido pelo Conselho Diretor e nomear o escolhido;
- IV** planejar e praticar os atos de gestão;

- V** representar a **UTV**, ativa e passivamente, em juízo e fora dele, junto a entidades públicas e privadas, nacionais ou internacionais, podendo para tanto delegar poderes e constituir procuradores, especificando no instrumento os atos ou operações que poderão ser praticados e a duração do mandato, mesmo por prazo indeterminado, no mandato judicial;
- VI** praticar atos de comprovada urgência, “*ad referendum*” do Conselho Diretor, submetendo-os à aprovação do mesmo, na primeira reunião convocada, após os atos;
- VII** propor ao Conselho Diretor, para sua aprovação e devida homologação da Assembléia Geral, o projeto do Regimento Interno da **UTV**, bem como suas alterações e revisões;
- VIII** aprovar os demais atos da estrutura organizacional e as normas de funcionamento da **UTV**, que não forem reservados por este Estatuto a um órgão colegiado;
- IX** representar a **UTV** em todos os atos e contratos que imponham obrigações ou importem na liberação de obrigações de terceiros para com a **UTV**, especialmente os de aquisição e alienação de bens e direitos patrimoniais, gestão de recursos financeiros e de contratação de empréstimos, bem como assinar convênios e outros ajustes.

ARTIGO VIGÉSIMO SEGUNDO

A UTV obriga-se, perante terceiros, em decorrência de contratos, convênios, protocolos de intenções, movimentação de contas bancárias e quaisquer outros tipos de obrigações, desde que estes atos sejam conjuntamente assinados pelo Diretor Presidente e pelo Superintendente.

Seção III

DO CONSELHO DE PROGRAMAÇÃO

ARTIGO VIGÉSIMO TERCEIRO

O Conselho de Programação é o órgão de natureza técnica, consultiva, normativa e deliberativa, responsável pela atividade-fim da **UTV**, nos assuntos ligados à grade de programação, estabelecendo suas políticas norteadoras.

ARTIGO VIGÉSIMO QUARTO

O Conselho de Programação é composto por, no mínimo, 7 (sete) e, no máximo, 14 (quatorze) membros, eleitos, pela Assembléia Geral, na mesma oportunidade em que for eleito o Conselho Diretor, com mandato e possibilidade de recondução coincidentes com os deste.

ARTIGO VIGÉSIMO QUINTO

O Presidente do Conselho de Programação é eleito pelos seus membros, por maioria absoluta.

Parágrafo único – O Presidente do Conselho de Programação não poderá ser representante do mesmo Associado ao qual pertencer o Diretor Presidente.

ARTIGO VIGÉSIMO SEXTO

Compete ao Conselho de Programação:

- I** eleger, entre seus membros, o Presidente do Conselho de Programação;
- II** elaborar suas Normas Internas de Programação e submetê-las à aprovação do Conselho Diretor;
- III** planejar a grade de programação de acordo com as políticas aprovadas pela Assembléia Geral;
- IV** supervisionar, definir e aprovar os procedimentos pertinentes às atividades de programação;
- V** avaliar e aprovar, periodicamente, os programas, mensagens institucionais, vinhetas, campanhas e quaisquer outras peças veiculadas pela **UTV**, zelando pela qualidade das mesmas;
- VI** avaliar os projetos de produções que lhes forem enviados;
- VII** vetar os programas ou qualquer peça que não respeitem o Código de Ética ou os critérios estabelecidos nas Normas Internas de Programação;
- VIII** tomar ciência e analisar as pesquisas de audiência relativas à **UTV**;
- IX** aprovar a programação da **UTV**

Parágrafo único – As atribuições do Presidente do Conselho de Programação estão definidas no Regimento Interno da UTV.

ARTIGO VIGÉSIMO SÉTIMO

As deliberações do Conselho de Programação serão tomadas pelo voto da maioria dos membros presentes, cabendo ao Presidente, além do voto próprio, o de qualidade.

Parágrafo único – Da programação aprovada pelo Conselho de Programação, bem como da recusa de algum programa proposto caberá recurso ao Conselho Diretor, na forma e nos prazos previstos no Regimento Interno.

ARTIGO VIGÉSIMO OITAVO

O Conselho de Programação reunir-se-á ordinariamente a cada mês e, extraordinariamente, sempre que necessário, convocado pelo seu presidente, deliberando com a presença de, pelo menos, 6 (seis) dos seus membros’.

Seção IV

DO CONSELHO FISCAL

ARTIGO VIGÉSIMO NONO

O Conselho Fiscal é o órgão fiscalizador no âmbito econômico-financeiro.

ARTIGO TRIGÉSIMO

O Conselho Fiscal é constituído por 3 (três) membros titulares e 3 (três) suplentes, eleitos pela Assembléia Geral da **UTV**, mediante aclamação, para um mandato coincidente com o do Conselho Diretor, podendo ser reconduzidos.

ARTIGO TRIGÉSIMO PRIMEIRO

O Presidente do Conselho Fiscal é escolhido pela maioria de seus integrantes.

ARTIGO TRIGÉSIMO SEGUNDO

O Conselho Fiscal reunir-se-á ordinariamente uma vez cada seis meses e, extraordinariamente sempre que necessário, por convocação de seu Presidente ou pela maioria de seus membros.

Parágrafo único – O Conselho Fiscal poderá valer-se, no exercício de sua competência, do auxílio de pessoal técnico especializado.

ARTIGO TRIGÉSIMO TERCEIRO

Compete ao Conselho Fiscal:

- I** verificar a regularidade dos balanços, balancetes, relatórios financeiros e prestações de contas da Superintendência, bem como da documentação respectiva, emitindo parecer a respeito;
- II** fiscalizar a execução orçamentária da **UTV**, podendo examinar livros e documentos, bem como requisitar informações sobre a contabilidade;
- III** dar parecer sobre a proposta de alienação de bens imóveis de propriedade da **UTV**, antes de sua apreciação pelo Conselho Diretor;
- IV** analisar e aprovar o Plano Anual de Trabalho, o orçamento e as contas da **UTV**, apresentadas pelo Diretor Presidente;
- V** emitir parecer sobre qualquer outra matéria de natureza contábil e financeira, que lhe seja submetida pelo Conselho Diretor;
- VI** solicitar aos dirigentes da **UTV** outras informações e documentos necessários ao exercício das suas atribuições.

Seção

DA SUPERINTENDÊNCIA

ARTIGO TRIGÉSIMO QUARTO

A Superintendência é o órgão responsável pelo funcionamento operacional da **UTV**.

ARTIGO TRIGÉSIMO QUINTO

O Superintendente é escolhido pelo Conselho Diretor entre os indicados pelo Diretor Presidente numa lista tríplice, composta de nomes de profissionais de comprovada experiência e qualificação para a execução dos fins da **UTV**.

ARTIGO TRIGÉSIMO SEXTO

Compete à Superintendência:

- I** executar a grade de programação, devidamente aprovada pelo Conselho de Programação, valendo-se dos setores especializados, que assegurem o bom desempenho da UTV, atendendo aos procedimentos definidos pelo Conselho de Programação;
- II** decidir, nas situações extraordinárias e de emergência, os procedimentos determinados pelo Conselho de Programação para as alterações que possam ocorrer na programação, justificando, na primeira oportunidade para o Conselho de Programação;
- III** propor o Plano Anual de Trabalho e respectivo orçamento a serem aprovados pelo Conselho Diretor;
- IV** prover os recursos administrativos necessários ao funcionamento da UTV;
- V** realizar a gestão administrativa e financeira da UTV;
- VI** participar do Conselho de Programação com direito a voz e sem direito a voto.
- VII** Captar recursos extra-orçamentários, segundo diretrizes do Conselho Diretor.

Parágrafo único – A estrutura e funcionamento da Superintendência serão definidos no Regimento Interno da UTV.

Capítulo Sexto

DO PATRIMÔNIO E DOS RECURSOS FINANCEIROS

ARTIGO TRIGÉSIMO SÉTIMO

O exercício social e financeiro da UTV corresponde ao período de primeiro de janeiro a 31 de dezembro de cada ano.

ARTIGO TRIGÉSIMO OITAVO

O patrimônio da UTV é constituído por bens móveis e imóveis, de qualquer natureza, legitimamente adquiridos em seu nome.

ARTIGO TRIGÉSIMO NONO

Para o cumprimento suas finalidades, a UTV poderá contar com as seguintes receitas:

- I** contribuições de seus associados, titulares e colaboradores, cujos valores serão fixados anualmente pelo Conselho Diretor e homologados pela Assembléia Geral;

- II** dotações e subvenções eventuais da União, dos Estados e dos Municípios;
- III** auxílios, contribuições e subvenções de entidades públicas ou privadas, nacionais ou estrangeiras;
- IV** doações e legados;
- V** produtos de operações de crédito, internas ou externas, para financiamentos de suas atividades, com aprovação prévia de seu Conselho Fiscal;
- VI** rendimentos oriundos dos imóveis que possuir;
- VII** rendimentos adquiridos no exercício de suas atividades;
- VIII** rendimentos decorrentes de títulos, ações ou papéis financeiros;
- IX** usufrutos constituídos em seu favor;
- X** juros e outras receitas auferidos no mercado financeiro;
- XI** recursos oriundos da renúncia fiscal para o incentivo cultural, bem como patrocínio cultural, em conformidade com as legislações Federal, Estadual ou Municipal;
- XII** recursos ou transferências oriundos de outras fontes, aprovados pela Assembléia Geral.

ARTIGO QUADRAGÉSIMO

A **UTV** não distribui lucros, dividendos ou quaisquer outras vantagens econômicas entre seus associados, nem remunera os cargos eletivos. Todo o eventual superávit do exercício será incorporado, a juízo da Assembléia Geral, ao patrimônio da **UTV**.

Capítulo Sétimo

DA EXTINÇÃO

ARTIGO QUADRAGÉSIMO PRIMEIRO

A **UTV** extinguir-se-á nos casos previsto em Lei ou por deliberação da Assembléia Geral, especialmente convocada para esta finalidade, com o voto favorável de pelo menos 2/3 (dois terços) de seus membros.

ARTIGO QUADRAGÉSIMO SEGUNDO

A Assembléia que determinar a extinção da **UTV** destinará os *seus* bens e patrimônio a uma ou mais instituições sem fim lucrativo, declaradas de utilidade pública, respeitadas eventuais vinculações estabelecidas pela legislação vigente.

Capítulo Oitavo

DAS DISPOSIÇÕES FINAIS E TRANSITÓRIAS

ARTIGO QUADRAGÉSIMO TERCEIRO

As Instituições fundadoras da **UTV**, cuja relação ficou registrada na ata de constituição da **UTV** e na primeira redação do seu Estatuto, somente poderão ser excluídas do quadro social pelo voto de, pelo menos 3/4 (três quartos) dos membros da Assembléia Geral.

ARTIGO QUADRAGÉSIMO QUARTO

O presente Estatuto poderá ser modificado por deliberação de 2/3 (dois terços) dos membros de pleno direito da Assembléia Geral, sendo permitido, para esta finalidade, o voto por procurador, desde que o procurador seja designado por escrito.

ARTIGO QUADRAGÉSIMO QUINTO

O presente Estatuto, aprovado pela Assembléia Geral, entrará em vigor na data de sua promulgação, revogadas todas as disposições em contrário.

Anexo 2

Manual de Telejornalismo, Central Globo de Jornalismo, 1985.

Introdução (transcrição fiel ao original)

A palavra é tão importante na televisão quanto no jornal. A diferença é que o texto de jornal é para ser lido pelo público e o da televisão para ser ouvido. Na televisão, não dá pra voltar atrás e ler de novo. É importante pois que o texto seja claro, direto, simples, enfim, tenha as virtudes da linguagem coloquial. O locutor conversa com o telespectador.

O livro “Television News” faz uma comparação feliz: é como se a gente abrisse a janela e contasse para o vizinho a novidade do dia. Se a gente fizer assim, certamente começará o papo com a expressão do gênero: Ei, João, sabe o que aconteceu? – esse é um truque que você deve usar na hora de escrever uma notícia. Imagine que você está contando alguma coisa pra alguém. Sempre que escrever, imagine uma pessoa – é com ela que você vai conversar, é pra ela que você vai transmitir a sua informação. Não esqueça que é importante motivar a pessoa para que ela receba o seu recado.

O texto de televisão, que é para ser ouvido, é também naturalmente para ser lido em voz alta pelo narrador. Então, a primeira pessoa a ler o seu texto, em voz alta, deve ser você mesmo. A leitura em voz alta vai dar a você a chance de descobrir muitos erros. Palavras que não soam bem, comprometendo a musicalidade da frase; palavras mal colocadas, prejudicando o ritmo do texto, - e o ritmo é essencial para a apreensão da mensagem. Corrija as falhas. E, depois, mais uma vez, leia em voz alta. Se tiver tempo de ler para outra pessoa, não deixe de ler. Duvide sempre do texto que lhe sair de primeira. O texto tem que ser curtido, vivido, sofrido na máquina. Há redatores capazes de fazer um bom texto de primeira. Mas esses a gente conta nos dedos. E talvez não seja o seu caso. Por isso, duvide sempre do seu primeiro texto.

A televisão exerce sobre as pessoas um grande fascínio. Ao contrário do cinema, no entanto, ela nunca é dona absoluta do ambiente. Na sala, no quarto, onde quer que ela esteja, a televisão está sofrendo a concorrência de outros elementos: gente entrando e saindo, coisas acontecendo na sala, bagunça das crianças. Essas pessoas querem se informar. Mas é preciso que a televisão dê a elas um telejornal bem escrito, bem ilustrado, bem dosado, senão, simplesmente poderão se desligar ou desligar o aparelho até amanhã ou até nunca mais. E todo o seu trabalho e de sua equipe terá ido por água abaixo. Seu objetivo – transmitir a informação – fracassou redondamente.

Outra coisa importante na hora de escrever é lembrar que o locutor precisa respirar. E uma pausa para respirar no meio de uma frase quebra o ritmo da leitura e pode até alterar o sentido do texto. Portanto, frase curta, ordem direta. As intercaladas, a não ser curtinhas, devem ser evitadas.

Não só frases curtas: prefiro também palavras curtas. Aí está outro segredo de um bom texto de televisão. A palavra longa geralmente sugere coisa abstrata. A frase é um pacote de informação – compara o “Television News”- e a informação em palavras longas é um pacote pesado demais. Mas se tiver que usá-lo, use-as em frases curtas.

Uma série de frases curtas e incisivas dá à notícia um sentido de ação e urgência. Assim mesmo, é bom variar um pouco o comprimento das frases para evitar que o estilo fique muito pingue-pongue.

Churchill dizia, com muita sabedoria: “As palavras curtas são as melhores. E as palavras curtas, quando são velhas, são as melhores de todas”.

Outro homem bem humorado, Mark Twain, que ganhava por palavras que escrevia, afirmava: “Nunca escrevo METRÓPOLE por sete cents se posso escrever CIDADE pelo mesmo preço”.

“Escrever é cortar palavras” – é a lição do mestre Carlos Drummond de Andrade. Essa mesma lição está no “Television News” em duas frases: se a palavra não é necessária, corte. Se a palavra não acrescenta nada à informação, não use a frase.

O importante é levar a notícia, a idéia, em poucas e bem escolhidas palavras. Não se quer o texto vulgar. O que se quer é um texto coloquial, com as palavras bem escolhidas, usadas na hora certa e no ritmo certo.

Respeitar a palavra é muito importante no texto de televisão. Imprescindível, no entanto, é não esquecer que a palavra está casada com a imagem. O papel da palavra é enriquecer a informação visual. Quem achar que a palavra pode competir com a imagem está completamente perdido. Ou o texto tem a ver com o que está sendo mostrado ou o texto trai a sua função. Assim, filme de arquivo só deve ser usado quando tiver informação, quando a imagem do arquivo valer como informação. Imagem só pra disfarçar, sem peso de notícia, não vale. É melhor fazer um bom texto e dar, ao vivo, no locutor.

Manual de Telejornalismo – Central Globo de Jornalismo, p.9-11, 1985.

Anexo 3

Manual de Telejornalismo, Central Globo de Jornalismo, 1985.

ENQUADRAMENTO PADRÃO

Parte das costas e do ombro do repórter deve aparecer em algumas respostas do entrevistado (Fig. A). O entrevistado deve sempre aparecer em primeiro plano, olhando para a câmera (Fig. C). O repórter pode aparecer em primeiro plano nas perguntas (Fig. D). O repórter pode também refazer as perguntas, em plano médio, no final da entrevista: é mais um recurso para a edição (Fig. B). E atenção: o entrevistado não deve ser enquadrado, o tempo todo, em plano fechado. O plano americano, numa parte da entrevista, é indispensável para facilitar a inserção dos créditos em gerador de caracteres. Do contrário, as letras vão cobrir a boca do entrevistado, enquanto ele está falando.



Anexo 4



CANAL UNIVERSITÁRIO DO RIO DE JANEIRO

1. APRESENTAÇÃO

O INÍCIO

Em janeiro de 1995 foi promulgada a **lei de nº 8977**, estabelecendo que as operadoras de TV a Cabo, deveriam tornar disponíveis seis canais de utilização gratuita na sua área de prestação de serviço.

Conhecida como a Lei de TV a Cabo, em seu artigo 23, dispõe que dentre os quatro canais de âmbito local, um deles deveria ser disponibilizado **para uso compartilhado entre as universidades localizadas no município da área de prestação do serviço.**

Reconhecendo a importância da utilização desse canal gratuito, foi criado o Canal Universitário do Rio de Janeiro reunindo as principais Instituições de Ensino Superior do Rio de Janeiro, em torno de um projeto inovador de TV pública e educativa.

O Canal Universitário do Rio de Janeiro - UTV surgiu com a força e o respaldo de sua mantenedora, a Sociedade de Televisão das Universidades do Rio de Janeiro, sociedade civil, sem fins lucrativos, de utilidade pública, um promissor espaço para difusão do conhecimento gerado diretamente destes centros de educação e pesquisa.

Iniciando suas transmissões no dia 30 de agosto de 1999, o Canal Universitário do Rio de Janeiro, assim como os demais canais universitários do país, diferenciam-se de outros canais educativos, que da mesma forma objetivam uma programação de caráter educativo-cultural, pela **concepção de programas orientados pelo conhecimento produzido nas universidades, sobre assuntos diversos e de interesse da coletividade.**

As Instituições Associadas

A **Sociedade de Televisão das Universidades do Rio de Janeiro**, mantenedora do Canal Universitário do Rio de Janeiro reúne Instituições de Ensino Superior do Rio de Janeiro que juntas, formam o sustentáculo das diretrizes e ideologia da UTV, uma rede de informações privilegiada pela natureza da sua fonte geradora.

São elas: **Universidade Candido Mendes, Fundação Cesgranrio, Universidade Estácio de Sá, Fiocruz, Universidade Gama Filho, IME, PUC-Rio, UERJ, UNIRIO, UniverCidade, e Universidade Veiga de Almeida.**

UTV - A UNIVERSIDADE NA TELEVISÃO

A Universidade enfrenta hoje um grande desafio. Por um lado, as exigências do desenvolvimento tecnológico cada vez mais acelerado, e do outro os apelos de uma Sociedade justa e democrática. Estas situações não são independentes, pelo contrário, são conseqüentes.

As exigências pela melhoria na qualidade de vida requerem investimentos na área tecnológica, que, entretanto, nem sempre correspondem na mesma proporção, em benefícios para a população.

Neste panorama e, ainda, diante das demandas de agentes com diferentes formações e tarefas voltadas para múltiplos assuntos, parece-nos que não é nada simples situar a instituição Universidade e seu papel social.

Entretanto, fica mais fácil defini-la quando, entendemos que a razão de sua existência e o objeto de que se ocupa, é o conhecimento. Por outro lado, não basta considerar o papel intrínseco da Universidade na produção do saber, mas reconhecer que o **acesso ao conhecimento produzido** é fator primordial para a transformação da sociedade.

A relação transformadora entre a Universidade e a Sociedade dependem da natureza do conhecimento que se produz, e como este é **disponibilizado e democratizado**, portanto, nesse sentido, podemos situar os **canais universitários, e entre eles a UTV, como meios difusores de conhecimento e instrumentos de construção da cidadania.**

2. PRINCÍPIOS NORTEADORES:

Na sociedade atual, os canais de TV a cabo representam um forte meio para a **inclusão da programação de televisão segmentada**, atendendo à demanda do público telespectador e sua diversidade. No Brasil, o segmento das tvs a cabo que produz educação e cultura é bastante restrito e necessita ser ampliado e valorizado.

Entendendo que as Instituições de Ensino Superior que compõe a UTV, são espaços, onde, articula-se a produção e a comunicação do conhecimento, é seu compromisso tornar público as ações de ensino, pesquisa e extensão, cumprindo assim, seu papel junto à sociedade.

Nessa linha, o Canal Universitário do Rio de Janeiro - UTV, é um canal comprometido com a educação, com a informação, com a ciência e com a cultura. Com uma linguagem acessível a diferentes públicos, transmite uma programação de qualidade e de interesse, especialmente, para o telespectador carioca.

A UTV tem como proposta:

>>Proporcionar o **debate público e democrático** de questões de interesse geral, de forma a elucidar e informar, garantindo a participação da sociedade ;
>>**Construir um conhecimento que se produz nas trocas sociais**, no debate democrático e plural, a partir de situações com as quais a sociedade concretamente se defronta, apontando alternativas;
>>**Defender e preservar valores** que, diante das instabilidades de uma economia cada vez mais competitiva, vem sendo esquecidos: a solidariedade, os direitos humanos, sociais e políticos;
>Transmitir **mensagens de natureza informativa** sem a intenção do convencimento;
>>**Preservar o patrimônio cultural brasileiro** através de produções que promovam a consciência participativa e beneficiem diferentes níveis de interação educativo -cultural;
>>**Fortalecer a cidadania** e respeitar os valores morais e éticos da sociedade, democratizando a informação e a expressão;
>>**Atender às expectativas** que a sociedade deposita nas instituições de ensino e pesquisa e daqueles que selecionam um Canal desta natureza;
>>Utilizar a diversidade de recursos tecnológicos de forma a experimentar novas **linguagens e formatos televisivos**, constituindo-se num permanente laboratório para alunos, professores e funcionários técnicos de diferentes cursos;
>>Permitir que as futuras **linguagens digitais** e as **novas velocidades** de expansão das comunicações **sejam incorporadas** e direcionadas para o telespectador da UTV;
>>Atender às necessidades culturais, sociais, políticas e econômicas da sociedade brasileira como um todo e da população do Município do Rio de Janeiro.

3. PROGRAMAÇÃO:

A concepção do Canal Universitário, desde sua criação, pautou-se por uma preocupação com a veiculação de programas que atendessem aos seus princípios éticos e a sua proposta educativo-cultural.

A Programação é constituída de programas produzidos por suas Associadas, isoladamente, ou em co-produções, e ainda, de produções independentes, desde que atenda aos princípios que a norteia. Os programas produzidos pelas Associadas da UTV, Instituições de Ensino Superior do Rio de Janeiro, trazem um alto padrão de qualidade à informação, interessando outros segmentos de público que venham a se tornar receptores mais críticos e exigentes em relação aos meios de comunicação. A UTV, através de sua grade de programação que mescla informação e entretenimento, tem por objetivo, alcançar os seguintes propósitos:

- >>Debater as questões da atualidade;
- >>Discutir saúde, educação e meio-ambiente;
- >>Experimentar novas linguagens de tv;
- >>Divulgar os avanços tecnológicos;
- >>Difundir o pensamento científico;
- >>Refletir sobre os direitos e deveres do cidadão;
- >>Informar sobre profissões e mercado de trabalho;
- >>Valorizar a diversidade cultural.

O padrão de organização da grade de programação, com a distribuição de programas em faixas temáticas, distingue a UTV de outros canais universitários existentes, desde o início da composição da primeira grade de programação.

E mais, compreendendo a importância de aproximar as instituições de ensino e pesquisa da sociedade em geral, a UTV, também de forma distinta, reserva os seus intervalos interprogramas e os breaks dos programas para exibir programetes institucionais de 30 segundos ou de 1 minuto, que informem sobre a natureza de cada Instituição, seus cursos, projetos científicos, serviços de atendimento à comunidade, enfim, sua produção acadêmica e sua relação com a população do Rio de Janeiro.

Atualmente, com 16 horas de transmissão diária, a programação do Canal Universitário do Rio de Janeiro - UTV, conta com a participação ativa de professores e alunos, e está distribuída nas seguintes faixas temáticas:

IDÉIAS	Programas de debates
DOIS MIL	Tecnologia de Ponta, Avanços Científicos
OFICINA	Furo de Reportagens, ensaios de estudantes
MOVIMENTO	Arte, Música, Literatura, Teatro, Cinema
OLHAR	Visão da Universidade
FORA DE SÉRIE	Programas com Temas Especiais
VIVER	Ecologia, Saúde e Meio Ambiente

Desde sua criação, o Canal Universitário do Rio de Janeiro tem como meta atingir com a sua programação, de forma o mais ampla possível, os diferentes públicos.

Em seus programas são discutidos assuntos de interesse específico do morador da cidade do Rio de Janeiro, mas , também, são pautados temas nacionais e de âmbito mundial. Brasileiros que se destacam em vários campos do conhecimento, da política e das artes têm enriquecido os debates da UTV. Personalidades e pesquisadores de vários países também estiveram presentes em nossos programas.

Buscando novos formatos e oportunizando aos estudantes um espaço para a experimentação, o Canal vem contemplando na sua forma e nos conteúdos, o telespectador exigente que quer discutir temas da atualidade e o jovem que se identifica com a descontração dos programas da faixa OFICINA.

4. APOIO CULTURAL E PATROCÍNIO:

A proposta de televisão da UTV mescla informação e entretenimento, com o propósito de discutir as questões da atualidade; discutir saúde, educação e meio-ambiente; difundir o pensamento científico e avanços tecnológicos; e valorizar manifestações artísticas e culturais como a arte, a música, a literatura, o cinema e teatro no Rio de Janeiro.

A UTV propõe ainda, uma constante reflexão sobre os direitos e deveres do cidadão, um informe atual sobre o mercado de trabalho, trazendo assim um Canal único, para seus telespectadores.

Por se tratar de um canal de utilidade pública, sem fins lucrativos, o Canal Universitário do Rio de Janeiro- UTV poderá manter-se com auxílio do recebimento das seguintes receitas:

#dotações e subvenções eventuais da União, dos Estados e Municípios;

#auxílios, contribuições e subvenções de entidades públicas ou privadas, nacionais ou estrangeiras;

#doações e legados;

#recursos oriundos da renúncia fiscal para o incentivo cultural, bem como patrocínio cultural, conforme legislação Federal, Estadual ou Municipal. No Canal Universitário do Rio de Janeiro - UTV a veiculação de publicidade está limitada à menção de patrocínio do Canal e de programas, através do apoio cultural, que é caracterizado por uma vinheta de seis segundos de duração, atendendo ao seguintes formatos de áudio e vídeo:

#Vídeo - logomarca da empresa / produto e um slogan de no máximo oito palavras.

#Áudio - trilha sonora do programa em BG e locução: "Apoio Cultural" + nome da empresa + slogan (até 08 palavras) O slogan não poderá ser substituído por endereço, telefone, preço ou qualquer mensagem comercial.

5. AMPLIANDO HORIZONTES NA UTV

Por se tratar de um **canal de utilidade pública**, sem fins lucrativos, o Canal Universitário do Rio de Janeiro -UTV poderá manter-se com o recebimento de receitas, como dotações e subvenções eventuais da União, dos Estados e Municípios; auxílios, contribuições e subvenções de entidades públicas ou privadas, nacionais ou estrangeiras; doações e legados, e recursos oriundos da renúncia fiscal para o incentivo cultural, bem como patrocínio cultural, conforme legislação Federal, Estadual ou Municipal.

Apoios e Permutas

Desde sua implantação a UTV vem contando com o apoio e patrocínio de empresas de projeção nacional como **FURNAS CENTRAIS ELÉTRICAS, EMBRATEL, CREA, Banco do Brasil**.

Realizou contratos de permuta com o **Jornal do Brasil** e com o jornal **A Folha Dirigida**, que publica a grade de programação da UTV, em suas edições.

Foi firmado Convênio com a CAPES/MEC, que resultou na série Pensamento Contemporâneo, para produção e veiculação de programas com pensadores da atualidade, reconhecidos mundialmente, como o sociólogo francês **PIERRE BOURDIEU**, a filósofa húngara **AGNES HELLER** e o economista brasileiro **CELSO FURTADO**.

Completando nesse ano de 2007, **oito anos de veiculação ininterrupta**, a UTV vem mantendo o mesmo padrão de qualidade técnica e de conteúdo na sua programação. Destaca-se no conjunto de Canais Universitários pelo profissionalismo com que abraçou a proposta de um canal que veicula o pensamento acadêmico das mais importantes Instituições de Ensino e Pesquisa do Rio de Janeiro.

Tendo como meta permanente o aprimoramento e a melhoria no atendimento ao telespectador, a UTV busca novas parcerias que acreditem no investimento na educação e na pesquisa como caminho para o desenvolvimento social e econômico do país.

ANEXO 5– ENTREVISTAS

TV1

Depoente 1 -- chefe de reportagem

Cíntia: Qual a sua formação?

Entrevistada: Eu sou formada em comunicação. Trabalhei no Globo, no Estadão...Estado de São Paulo, fiz, cobri o carnaval na TV Globo, a minha experiência com televisão é mais essa, mas a minha formação toda eu trabalho com impresso, jornal impresso.

Cíntia: Aí veio trabalhar aqui na...?

Entrevistada: Eu tava trabalhando como assessora de imprensa... tava começando a dar aula...eu comecei a dar aula aqui. Aí precisaram de uma pessoa para substituir a chefe de reportagem da TV que tava entrando em licença maternidade. Eu substituí essa pessoa. Só que essa pessoa voltou e aí essa pessoa...foi trabalhar aqui muito pesado. Aí a pessoa estava num momento maternidade, pediu para sair pra ficar mais com o neném...e tal. A gente aqui trabalha, as chefes, eu, A e B, aqui trabalho, chefe trabalha aqui direto. Há um volume muito grande de trabalho. São 26, 27 pessoas. Aí essa pessoa pediu para sair, pediu, é...desligamento, né... da TV. Aí a A falou comigo. Bom, aí vem.

Cíntia: Os estagiários trabalham em programas específicos ou são de todos os programas?

Entrevistada: Em todos. não pode, não é um faz tudo. Mas...quem é repórter trabalha como repórter, quem faz prova para cinegrafista trabalha como cinegrafista.

Cíntia: Não há revezamento?

Entrevistada: Não há revezamento. Se faz prova para editor, trabalha como editor. É... depois de seis meses, na metade do seu estágio, no final do estágio, faz prova novamente pra falar, pra tentar ser repórter, pra tentar ser editor, pra tentar ter outra função.

Cíntia: Então, não tem como passar de função?

Entrevistada: Não, não. Não necessariamente porque já é de casa...

Cíntia: Qual a sua função?

Entrevistada: Eu sou, na verdade, chefe de reportagem... Oriento todos os repórteres, mas acabo orientando cinegrafistas também, tipo... que é assim, é... uma coisa que a TV tem aqui, ela não tem um chefe específico para repórter. Por exemplo, na edição tem a B que é a chefe de toda pós-produção, né? Enfim, aqui os repórteres têm eu, tem a A, os outros dois professores, eles orientam também. Mas assim, mas acontece o seguinte, a gente não tem um chefe de cinegrafista. Os cinegrafistas, tipo assim, meio orientado por todo mundo.

Cíntia: Mas o texto olha!

Entrevistada: O texto eu olho. Na verdade, assim, eu to meio três em um, quatro em um, cinco em um...jogo nas onze (riso) porque eu não faço só trabalho de chefe de reportagem.quer dizer, os textos são todos aprovados por mim antes de entrar em ilha, né? Quando, quando eu não to, a A. Mas, como a A//a A é a coordenadora geral. Aí depois vem eu e B, né? Então, assim, a A nem sempre está aí no dia-a-dia, tem uma, tem uma, uma reunião. Então a parte toda de a, de aprovação de texto é comigo sendo que a gente meio que divide porque, no Contraponto são só três vts, como viu. Aí, ela em geral, aprova os roteiros dos vts do Contraponto. Mas o resto... fica comigo.

Cíntia: Então, os textos vão passar por ela, ela vai dá o ok e está aprovado. E quando é com , o texto passa....

Entrevistada: É, porque...é assim. Para especificar a estrutura que é assim, que na realidade a gente tem quatro programas. Contraponto, que é telejornal semanal; o Antena Coletiva, que é nossa revista eletrônica semanal, ta? Esse é semanal. A A fica com o Contraponto. Participa das reuniões de pauta, dá orientação... como o Antena, como é uma agenda eletrônica, tem váááários vts. Aí eu fico na orientação, na produção, na orientação de fazer a pauta e depois aprovação de textos e etc. Tem programas tipo Pilotis, que são programas temáticos, enfim, que às vezes são mensais ou, enfim, semanais, mas aí é uma outra dinâmica, aí passa por mim e a A o texto. As duas lêem, as duas decidem. Não sei se é difícil entender, mas é porque...

Cíntia: Deu para entender. Desde quando está aqui trabalhando na TV?

Entrevistada: Dois anos e meio.

Cíntia: Qual seria.... como classificaria os programas daqui. Jornalismo, entretenimento...

Entrevistada: Eu acho que, na realidade, a gente procura meio que, que, que, é...fazer um pouco de todas as áreas, quer dizer,esse Contraponto de hoje foi meio que atípico. Enfim, o Contraponto, que é um programa... Basicamente são três vts a ainda tem discussão no estúdio. É um programa de estúdio, debate em estúdio. É hard news são...vão ser sempre assim, tem CPMF, brasileiro lê e a gente aprovou e fez a Bienal, é..., aproveitando até o gancho da Bienal, é...,programa de saúde, bem hard news, bem notícia e bem noticioso mesmo, né? vai, vai discutir no no estúdio. O Antena Coletiva é aquela coisa de revista eletrônica, tem de tudo um pouco. Então, pode ter pauta de atualidade, pode ter pauta, enfim, enfim, uma coisa mais leve de Contraponto, uma coisa de entretenimento, tem dicas, dicas de livro, de show, dica de de alguma coisa...de teatro, tem um quadro, é..., um quadro livre que a gente chama de “cria”, que é um quadro que, cara, tipo que, que , é, fica pro cinegrafista criar junto com o repórter. Pode ser texto, pode ser poesia, pode ser qualquer coisa. Essa semana, por exemplo, eu disse “vamos ver all star” e a gente se deu conta de que tem All Star na Instituição, na realidade no pé dos jovens (PM) e no pé da chefe (risos). Então, assim, aí a gente fez de cara imagem e informações sobre all star. Não é aquela estrutura de vt, sonora, off, texto, entrevista e tal. Quer dizer, o Antena, na realidade, é variado como a estrutura do Fantástico. tem desde opções do tipo, tipo o hard news até uma coisa absolutamente e, enfim... E aí tem o Pilotis, que é um programa, é..., que é um programa, é... semanal também, mas aí é assim: ele, ele é todo um tema específico. Então, a gente fala, é..., é, seria um Globo Repórter nesse sentido. Não estou comparando com a TV Globo, pelo amor de Deus...

Cíntia: Eu entendi.

Entrevistada: É só o formato. Quer dizer que aquela coisa que... pega o tema, destrincha ele em 3 blocos de maneira bem aprofundada. Então, por exemplo, a gente ta fazendo sobre perícia, a gente fez um sobre riso, aí, podem ser temas desde temas pesados, enfim. Já fizemos um sobre favelas. Já fizemos um sobre..., é..., fome, um sobre menores infratores. Desde, enfim, temas, é... abertos sobre Freud...

Cíntia: Mas a linguagem é jornalística?

Entrevistada: também, totalmente. Essa é a linguagem totalmente jornalística. Né? Agora... os temas são bastantes abertos. tem desde uma coisa quente, hard news, até uma coisa mais leve.

Cíntia: Tem um outro, um quarto programa...

Entrevista: Que é o X Artes, que aí é feito sobre, em cima de, de..., de..., é..., por exemplo: fizemos um sobre os anos oitenta e aí tem uma liberdade maior de, de, de

trabalhar com a linguagem...né? Mas, engraçado! Eles têm dificuldade de trabalhar com X Artes porque tem que trabalhar essa coisa com o lúdico e sair ali da notícia ...é muito interessante.(PM) *E não lêem também. Sem dúvida nenhuma, isso... deve ver isso em sala de aula como eu vejo*¹¹². E olha que aqui na TV é o seguinte: a gente tem uma média de... qualquer coisa me corta, tá?

Cíntia: Está tudo bem.

Entrevista: tem uma média de duzentos, cento e cinquenta, duzentos candidatos por prova. Então, a gente seleciona, a gente seleciona muuuuuuito bem. Até porque não é uma coisa assim... entram vinte e sete de vez. Então, às vezes, entram às vezes dez, às vezes cinco, às vezes quinze, depende. Porque eles vão saindo, enfim... entra e sai todo mundo, não é um blocão. Então, enfim, não, não se tem muitas vagas, né? E...assim, a gente faz uma prova absolutamente, assim, difícil. (PM) O que tem aqui é...eu posso te dizer, é o crême de la creme de la INSTITUIÇÃO. *E, assim, a gente mesmo, assim, eles tem uma dificuldade absurda. Eu acho, eu acho que por falta de leitura.*¹¹³

Cíntia: sente isso no conteúdo?

Entrevista: Com certeza. Quer ver, a dificuldade de fechar... eu acho que eles estão meio lesados porque estão com aqui.(riso) É uma dificuldade, é...qual é o foco, a síntese, o ponto, qual o ponto, sabe?

Cíntia: Deixa eu voltar um pouco na sua vida profissional. Antes de fazer jornalismo, como via o jornalismo. O jornalismo era o que? Qual a função do jornalismo?

Entrevista: Olha só. Eu acho que sou uma pessoa meio atípica porque sou filha de jornalista (PL). Sou filha de jornalista. Convivi a vida toda com jornalista. Então, assim, é...eu tinha, eu sentia que tinha visão muito específica e muito clara porque sou filha de jornalista e a vida toda vi isso, entendeu? É..., li, leitura de jornal...eu lembro, assim, lembro de JB lá em casa porque chegava lá em casa todo dia. Muita leitura de livro, muita leitura de, de, de revista... então, assim, é..., é uma produção de informativo, de muuito trabalho...sempre, muuito trabalho e pouco dinheiro (risos). E nunca tive uma visão romântica. Porque eu vivia isso em casa... Ooooh! Vou transformar o mundo. Ooooh!Cadê a força da informação e com as minhas matérias eu vou mostrar o sistema de saúde do País. Eu nunca tive isso. Eu sempre fui muito pé no chão.

Cíntia: Mudou alguma coisa? Ou continua com essa mesma...

Entrevista: Eu continuo com a mesma...

Cíntia: falou sobre a classificação deles. pensa em educação quando s (entrevistada corta)

Entrevistada¹¹⁴: o tempo todo. Inclusive uma coisa que a gente trabalha aqui muito com os meninos é...a gente hoje não quis fazer. Até porque... a gente faz um pouco na reunião (PL) Não é que não quis. Eu até falei para a A, “não vamos expor os meninos” (PM) tem uma coisa que...a gente sempre analisa com eles, assim, como é que foi a produção do programa que foi fechado ontem?Como é que foi a gravação do estúdio. To falando no caso do Contraponto, né? E, assim. E como é que foi o grupo, a postura do grupo, a organização do grupo, né? Isso a gente pega muito pesado...com eles. Por exemplo: eu, por um acaso, eu entrei na semana passada para editar o programa da...que eu também para a edição. A B edita, mas a aprovação final eu e A que fazemos. Então, quer dizer, quando eu digo que eu to nas onze, eu to nas onze mesmo! (riso). Então, hoje é um dia que eu vou sair dez horas porque vou ver Contraponto junto com a A, depois vou fechar o Antena porque, geralmente, tenho fechado nos últimos meses tenho fechado meio que sozinha porque não tem dado para a A vir junto comigo, né? Mas a A

¹¹² Nesse trecho, a entrevistada baixa o tom de voz.

¹¹³ Nesse trecho, a entrevistada baixou o tom de voz.

¹¹⁴ Nesse momento, a entrevistada diminui o tom de voz e começa a falar mais suavemente.

também...semana passada eu consegui que ela fechasse e eu fazer outra coisa. Mas, assim, é..., desculpe, mas eu perdi um pouco o...

Cíntia: A educação.

Entrevistada: A educação, pois é, a coisa da postura. Então, por exemplo, na semana passada quando a gente estava editando a Bienal, tal, a gente teve que procurar uma fita bruta aí eu vi a seguinte coisa: a menina me pega a diretora do Prosa e Verso, vai entrevistar ela na Bienal. Quem estava lá a trabalho ficou um pouco no estande. Ela se dispôs a sentar, conversar com a gente, pereré, pereré...ela está no meio da entrevista, o celular me toda. Aí ela teve que parar a entrevista. Ela também não é malandra, está aprendendo, papapá...eu dei espinafração nela e na equipe. Olha, isso não é admissível, isso não é postura, nem dentro de bolsa, de bolso. Mas porque peguei em cima? Porque, por exemplo, isso acontece em sala de aula porque...fica na minha frente...oi, mãe, não tomei ca...não, to na aula da B.G, mas não, não tomei café, entendeu? É um problema de postura.

Cíntia: E o tema, temas ligados à educação, À cidadania, pensar nisso nas matérias, s pensam nisso?

Entrevistada¹¹⁵: Muito, muito. Até porque...o seguinte: a gente tem uma preocupação muito grande, o seguinte:a gente vive num universo muito especial. Na verdade, é o seguinte: a INSTITUIÇÃO é uma faculdade de elite sim. Por mais que tenha, que a INSTITUIÇÃO tenha uma política absurda de, de, de bolsa que... tem gente que efetivamente..., mas o grosso dela é elite e zona sul. E Barra da Tijuca, né, que agora virou também uma praia e tanto. Então, assim, a gente tem muita preocupação em incentivar os meninos a pensar temas de caráter social, pensar o Brasil, poder dizer pra eles “o mundo não é a INSTITUIÇÃO. O mundo não é a zona sul” e a gente sempre incentiva muito a trabalhar. A gente sempre, assim estimula que passe deles pra gente. Senão a gente começar a impor uma uma programação, uma pauta nossa, né. E eu,eu, acho que, assim, não pode ser isso.

Cíntia: qual seria a função de um programa de, da, da UTV?

Entrevistada: Eu acho que eles têm que, é..., na realidade, é..., eu acho que aqui existe um mix, né? A gente prepara para o mercado de trabalho “sim”, né? Pra gente não...// Eu vivo dizendo que eu não quero repetir o modelo do mercado de trabalho, nem as coisas ruins do mercado de trabalho, mas “sim”. A gente prepara. O cara tem que sair daqui sabendo fazer um roteiro bom, né, saber costurar bem, saber entrevistar bem, se colocar diante da câmera. Enfim, ter que ser um pau pra toda obra em termos de TV,né. Agora, eu acho que ele tem que fazer reportagem que haja reflexão, ainda mais se ele está no canal universitário. Ele estar no canal universitário aí necessariamente,,(PL) mesmo que faça uma bobaginha, por exemplo, como o all star, não sei o que...mas ele tem que, tem que ter concepção que tem que ter reflexão...eu to usando bem do all star porque, não tem como fazer reflexão sobre o all star, é uma coisa boba, banal, fútil, idiota,tipooo...é aí? Urra! Fomos aonde com esse VT, né? Isso, se faz, a gente diz “fomos aonde com esse VT?”, né? Porque assim, se está num canal em que não tem tantas amarras então porque não, enfim, trocas de assuntos que ... talvez normalmente normalmente não poderia?

Cíntia: O que chama de amarras?

Entrevistada: Tipo amarras de uma TV, por exemplo, de uma TV, enfim, absolutamente profissional, que tem patrocinador..., que tem compromissos políticos... isso o cara não tem. Evidentemente tem compromisso porque está numa TV pública com vários parceiros... são vários parceiros, várias instituições então o cara não vai sair,

¹¹⁵ Novamente a entrevistada baixa o tom de voz.

enfim, dando tiro pra tudo quanto é lado. Até porque não sabe... tem o cara aí do lado que pode sentir assim, se sentir ofendido com algum tipo de VT que a gente passa. Esse tipo de cuidado tem que ter. Agora, eu acho que também, também não... tem uma coisa... não podemos fazer porque é nosso patrocinador. Então, isso tá proibido de fazer. Se não tem esse tipo de amarra, eu acho que pode pensar em alguns temas diferente.

Cíntia: Jornalismo Educativo. O que sabe sobre o tema?

Entrevistada: Olha, vou ser muito sincera. Eu, eu, não, é..., não, essa coisa que eu me aprofundo e não é uma coisa que eu entenda porque nunca foi minha área. O que eu acho que eu faço é (PM) trabalho numa universidade e faço educação com jornalismo, né? Se me pedisse “B, fale sobre jornalismo educativo” Eu, aí, acho que seria leviano eu chegar aqui pra e começar... “bem... sabe...” Mas eu acho que, enfim, é o meu compromisso, acho que o compromisso da A, é o compromisso da B.. As três coordenadoras trabalham efetivamente né, é... preparar para o mercado de trabalho, mas não descolar da coisa da educação.

Cíntia: acha que faz diferença um conteúdo com educação para o telespectador?

Entrevistada: (PC)Ah, faz. Na medida em que faz refletir sobre o que está fazendo, depois com a responsabilidade com que tá fazendo, isso a gente aproveita o máximo que pode o material humano melhor está aqui. Se eu quiser, eu não saio do campus. Eu saio às vezes, assim, eu vou te dizer por...o chato aqui das pessoas da academias. Que não falam, que são enjoados, assim, não precisaria, mas porque são umas áreas delicadas que não falam, que ficam meio...enfim, ser humano, NE, mas essas vaidades...mas o material humano que tenho aqui, eu posso utilizar o material de pessoas que tenha reflexão como parte obrigatória do seu dia-a-dia. Acho que isso faz uma diferença.

Cíntia: tinha comentado comigo sobre o conteúdo. Os alunos tendem a reproduzir aquilo que eles vêem na TV comercial?

Entrevistada: Totalmente, totalmente. É uma luta, é uma luta. É muito interessante porque... é..., uma coisa recorrente aqui....”Ah, porque a gente, assim, ah, se cria muito pouco na TV1”. “Arrã, vamos lá, propostas” Porque existe uma coisa muito complicada e aí muita teoria da, de psicologia, dentro da sociologia...eu nem sei dizer a razão. Eu vivo dando toques, é o seguinte...existe uma acomodação principalmente intelectual de esperar que venha a nós o vosso reino. Fica sempre esperando que parta da gente. E...aí um dia eu falei para um estagiário: O-l-h-a só...Porque ele estava reclamando: “Não...porque...” tudo bem, quer fazer uma coisa ativa? Me proponha. Eu não sou paga pra criar por . E-u s-o-u p-a-g-a p-r-a t-e i-n-s-t-i-g-a-r a c-r-i-a-r. se espera isso de mim, vai ficar um marasmo aqui dentro. Eu posso te dar algumas sugestões, posso te mostrar alguns caminhos pra trilhar. Até porque vai virar uma coisa totalmente falsa. Se eu estou criando por não é que está criando, é minha cabeça, minha linguagem, a minha experiência, enfim.

Cíntia: Quando eu falei Jornalismo Educativo, eu estou vendo ele como aquele que vai além da informação. Um incêndio aconteceu, então a gente faz o que, quem, quando, onde e por que?. Mas João diria: será que está seguro? Será que seu prédio está seguro? O que precisa saber pra que não aconteça a mesma coisa no seu prédio? Seu prédio está precisando de uma avaliação? s fazem alguns questionamentos assim. Além da informação fazer a pessoa, é, pensar, refletir, Existe esse tipo de preocupação ou isso acontece?

Entrevistada: Existe esse tipo de preocupação e de orientação. Agora (PM), aí tem a execução. Aí tem uma outra...que acho que está em cima dessa discussão que eu te falei, né? É se um programa, acho que é muito sério... engraçado...Eu converso com os meninos aqui da TV e converso com meus alunos o seguinte: é em relação à dispersão. Hoje aconteceu isso em sala de aula.eu falei uma coisa, eu terminei de falar, uma

menina me pegou...eu falei assim: “mulheres ficam bem de blusa marrom”. Aí a menina disse: “professora, que cor que acha que as mulheres ficam bem?” Eu tinha acabado de falar! Pô, ela acabou de falar!! Então, eu acho que eles têm uma dificuldade de...aí eu acho que é uma série de coisas. Uma, uma, uma junção audiovisual... tem tudo e não tem anda. Então, é o online, né, a televisão, é o...enfim, é o ipod...são... muita estimulação mas não é... não existe uma estimulação específica para concentração e para dar um foco nas coisas. E não tem leitura (PL) eu acho que, assim, que é o g-r-a-n-d-e buraco nessa história. Tudo eu chego na falta de leitura.

Depoente 2 respostas por email

TV1:

Entrevista de Adriana Ferreira

1) Qual a sua formação?

Eu sou formada em Comunicação/Jornalismo pela INSTITUIÇÃO. A minha formação é, basicamente, no jornalismo impresso. Trabalhei sete anos no jornal O Globo, mais sete na sucursal Rio do jornal O Estado de S. Paulo. Também tive experiência em algumas assessorias – tanto públicas quanto privadas. Em televisão fiz parte da equipe que faz a apuração – levantamento de barracões etc – para a cobertura de carnaval da TV Globo.

2) Aí você veio trabalhar aqui na TV1?

Eu já dava aulas aqui na INSTITUIÇÃO quando fui convidada pela D. – que eu já conhecia da rua, quando “corríamos” juntas para as mesmas matérias – para cobrir a licença-maternidade da então chefe de reportagem da TV1, professora G. A G. voltou, mas depois de um mês ela pediu para sair, pois queria se dedicar mais à filha. A D., então, me chamou para eu ocupar o cargo definitivamente, e há três anos divido com a D. e a N. a chefia da TV.

3) Os estagiários trabalham em programas específicos ou são de todos os programas?

Eles passam por todos os programas produzidos pela TV1. Os nossos programas têm de 22 a 26 minutos, com exceção dos especiais, que têm a duração de 50 minutos. Temos quatro programas:

- O Contraponto é um telejornal. Uma equipe de quatro repórteres produz o programa, que é gravado em estúdio. Fazemos uma reunião de pauta semanal (o telejornal é exibido na sexta-feira à tarde), decidimos a pauta e quem vai fazer tal VT (ao todo, são três VTs no programa). O Contraponto é bem hard news, a pauta é elaborada baseada em algum fato que está em evidência no noticiário. Um exemplo: fizemos um Contraponto sobre perícia aproveitando como gancho o caso Isabela Nardoni. O programa tem três blocos. São três repórteres e cada um produz um VT que será exibido antes de um bloco de discussão em estúdio. O quarto integrante da equipe trabalha como subeditor. É ele quem escolhe e chama os convidados para participar das discussões no estúdio e é quem escreve o roteiro do programa.

- O Antena Coletiva é também semanal (ele é exibido na sexta-feira à noite) e é um programa de variedades. Ele pode ter assuntos leves, de comportamento, mas pode também tratar de temas mais hard news. Aqui, os VTs são produzidos por uma pessoa só.

- O Pilotis é também semanal (é exibido na segunda-feira à noite) e é temático. Os temas são variados: já fizemos programas sobre fome, sobre menores infratores, sobre

Freud, sobre casa, sobre o fusca. Agora, por exemplo, estamos fechando alguns: sobre espaço; sobre a chegada da família real ao Brasil; sobre a história do funk carioca; sobre a visão do que é o belo em diferentes países; sobre as ditaduras militar e de Getúlio Vargas. O Pilotis pode ser produzido por uma pessoa ou por uma dupla de repórteres. Ele (ou eles) faz tudo: produz as pautas, faz as entrevistas e escreve os roteiros.

- O 1Artes. Ele tem a mesma estrutura do Pilotis, só que os assuntos que são abordados são mais relacionados à área cultural. O 1Artes tem o mesmo sistema de produção do Pilotis.

Muitas vezes os estagiários produzem para dois programas ao mesmo tempo. Exemplo: quem está na equipe do Antena Coletiva consegue produzir também para Pilotis. Mas a equipe que fica no Contraponto (cada equipe produz quatro programas, isto é, fica fixa por um mês) não faz outras produções. O porquê disto? Não dá tempo, por conta do ritmo de produção do Contraponto, que é muito curto: reunião de pauta na quinta, produção de VTs na sexta e segunda-feira. O fechamento do VT é na terça, mas, dependendo do tema e dos entrevistados, os meninos ainda produzem na terça também. A gravação no estúdio é na quarta-feira.

4) Não há um revezamento?

Existe um revezamento nos programas, mas não há é revezamento de funções. A TV oferece as seguintes funções: repórter, assistente de produção (vaga só oferecida na parte da manhã), cinegrafista e editor. Quando o aluno faz prova para a TV1 ele se inscreve para uma função e nela permanece até o final do seu tempo de estágio - que pode ter a duração de até um ano. Porém, durante o período de estágio ele não pode rodar nessas funções. Mas, se ele quiser, pode, de vez em quando, se oferecer para fazer outra tarefa. Exemplo: um editor, se quiser, pode pedir para produzir um VT. Um repórter pode pedir para fazer imagens para uma matéria. Mas isto se o aluno quiser e ele não é obrigado por nós a fazer isso.

5) Então, não tem como passar de função?

Não tem como mudar de função. Mas depois de terminar o período de estágio o aluno pode fazer prova novamente para outra função. Agora, o fato de ele já ter sido da TV não é garantia de que ele vai passar. Ele tem que fazer uma boa prova, e, se passar, vai para a entrevista. E aí tem que nos convencer – a mim, à D. e à N. – que vale a pena voltar para a TV.

6) Qual a sua função?

Eu sou chefe de reportagem, portanto, oriento todas as pautas. Também faço revisão dos textos e fechamento dos programas. Como o volume de trabalho é muito grande, eu e D. nos dividimos entre os programas semanais: eu fico mais por conta do Antena Coletiva, e ela fica mais à frente do Contraponto. Mas eu participo de praticamente todas as reuniões de pauta do Contraponto com D., por exemplo. E quando a D. não pode fechar o Contraponto, eu fecho os textos dos VTs, fecho o roteiro com o subeditor e participo da edição do telejornal. Os textos de Pilotis, 1Artes e dos especiais de uma hora são aprovados por mim e pela D.. A reunião de pauta do Antena Coletiva, que é realizada toda sexta-feira, é feita só por mim. Os textos de Antena são revisados por mim, mas na minha ausência a D. revisa no meu lugar.

7) Como você classificaria os programas daqui? Jornalismo, entretenimento?

A base do nosso trabalho é o jornalismo. A TV1 tem como objetivo – este, na realidade, é de todo o Projeto Comunicar – preparar o aluno para o mercado de trabalho. Por isto, os nossos estagiários têm que pensar - e refletir - em uma linguagem jornalística. Isto

não quer dizer, entretanto, que não eles não são incentivados a trabalhar a criatividade, e provocados a cometer ousadias. O fato de estar aprendendo a dominar uma técnica não quer dizer que o estagiário não poderá usar uma abordagem menos convencional nas produções. Agora, eles têm muitas dificuldades para dar estes saltos. Não conseguem sair das amarras do nosso padrão tradicional de jornalismo. E nós, professoras orientadoras, provocamos, mas não vamos lá e fazemos por eles. Por quê? Porque aí, para eles, isso não seria aprendizado.

8) Você sente essa dificuldade no conteúdo?

Com certeza. E olha que o nível dos nossos meninos é excelente. Em média, são 100/150 candidatos inscritos para a prova de seleção da TV. Por isso, nossas provas são difíceis e somos exigentes nas entrevistas. Mas acho que é um problema de geração. Eles fazem parte de uma geração envolvida por muitas solicitações: TV, internet, videogame etc. Acho que, por conta disso, eles são muito dispersos e têm sérias dificuldades de concentração. E como lêem pouco – ou simplesmente não lêem – apresentam as dificuldades típicas de quem não cultiva o hábito da leitura: capacidade de imaginação, de criar, de ir além do básico, de parar para refletir e conseguir organizar o raciocínio para fazer uma síntese.

9) Deixa eu voltar um pouco na sua vida profissional. Antes de você fazer jornalismo, como você via o jornalismo? O jornalismo era o quê? Qual a função do jornalismo?

Olha, eu sou filha de jornalista. Por conta disso, sempre tive uma visão bem realista da profissão e nada romântica. Nunca achei, por exemplo, que eu iria mudar o mundo com o jornalismo. Para mim o jornalismo era uma profissão cuja função é informar e, por que não?, entreter as pessoas. Uma profissão em que se trabalha muito e ganha-se pouco. Sempre fui muito pé no chão com relação à profissão.

10) Você pensa em educação no seu trabalho na TV INSTITUIÇÃO?

O tempo todo. Aqui na TV1 temos como objetivo preparar o estagiário para o mercado de trabalho. Mas não é só isso. Pelo tipo de contato que temos na TV, muito próximo, sabemos que nossa orientação deve ir além da técnica jornalística. Não podemos esquecer que eles são muito jovens – a média é de 19/21 anos - e ainda estão em fase de formação da personalidade.

11) Vocês pensam em temas ligados à educação e à cidadania nas matérias?

Com certeza. O Contraponto é um bom exemplo disso. Procuramos abordar assuntos atuais e debatê-los no estúdio com especialistas que possam acrescentar informação, e analisar mais profundamente um determinado assunto. Há alguns Pilotis que tratam temas de cunho social. O programa “Açougue da Alma”, por exemplo, que ganhou prêmio em Gramado, é sobre menores infratores. Temos também um Pilotis sobre justiça, que aborda questões da área, e produzimos um outro, o “Edifício Favela”, que fala da questão da moradia nas favelas do Rio de Janeiro. Nós, as coordenadoras da TV, temos noção de que os nossos meninos vivem em um universo muito especial. Não adianta: por mais que a INSTITUIÇÃO tenha uma política de bolsas abrangente e eficiente, ela é uma universidade de elite. A gente tem muita preocupação em incentivar os meninos a pensar temas de caráter social, pensar o Brasil, e de dizer para eles: “O mundo não é a INSTITUIÇÃO. O mundo não é a Zona Sul”.

12) Qual seria a função de um programa da UTV?

Eu, D. e N. sempre dizemos que não queremos repetir o modelo do mercado de trabalho, as coisas ruins do mercado de trabalho. Mas também não podemos abrir mão do nosso objetivo que é preparar os meninos para o mercado de trabalho. Eles têm que sair daqui sabendo fazer um roteiro bom, sabendo entrevistar bem, sabendo apresentar um programa e sabendo se colocar profissionalmente. Agora, achamos que eles têm que fazer uma reportagem em que haja reflexão, ainda mais se ele está no canal universitário. Afinal, se o aluno está produzindo dentro da universidade e para um canal universitário, enfim, instituições que valorizam o conhecimento, ele deve aproveitar isso para ir mais além e não ficar fazendo reportagens medíocres e sem conteúdo que tanto vemos por aí. Mas também acho que eles podem fazer algumas coisas com uma linguagem um pouco mais solta, até “experimental”, porque eles não estão trabalhando para um canal que tem compromissos, amarras profissionais, como por, exemplo, um patrocinador que pode dificultar a veiculação de determinados programas ou a exibição de certos temas.

13) Jornalismo Educativo. O que você sabe sobre o tema?

Vou ser sincera: não tenho um conhecimento e uma elaboração teórica sobre o assunto. Mas se você me perguntar se eu faço um jornalismo educativo, vou dizer que sim, por tudo o que já te expus nas perguntas anteriores.

14) Você acha que faz diferença um conteúdo com educação para o telespectador?

Ah, faz. E acho que o telespectador que pára para assistir a um programa do canal universitário, ele está esperando ver algo diferente. Ele sabe que os programas do canal universitário são produzidos por gente do meio universitário, portanto, que tem acesso a muita novidade e a conhecimento. E nós, por nossa vez, temos um material rico de profissionais – a INSTITUIÇÃO tem um corpo docente de primeira linha – para oferecer e não podemos ignorar isso. Se eu quiser, eu não preciso sair muito do campus para produzir um material de qualidade. E essa história de que telespectador gosta só de feijão com arroz, de programa medíocre, isso é lenda.

15) Você tinha comentado comigo sobre o conteúdo. Os alunos tendem a reproduzir aquilo que eles vêem na TV comercial?

Totalmente. É uma luta. É muito interessante porque alguns deles chegam aqui, cheios de pose, criticando e dizendo que acham a TV1 pouco (ou nada) criativa. Mas na hora de propor, ou eles não sabem criar nada de diferente ou simplesmente não propõem. Existe uma acomodação, principalmente intelectual, de esperar que as propostas venham de nós professores. Eu sempre falo para os estagiários: “Olha só, vocês querem fazer uma coisa criativa? Me proponham. Eu não sou paga para criar por vocês. Eu sou paga para instigar a criar. Se vocês esperam que eu crie por vocês, vai ficar um marasmo aqui dentro.” É isso, nós orientamos, damos sugestões, mostramos caminhos e cobramos muito. Somos exigentes, sem dúvida. Mas fazer por eles, jamais. Até porque vai virar uma coisa totalmente falsa. Se eu estou criando por eles, não será o trabalho deles, mas o meu, da D., da N.. E aí é nossa cabeça, de profissionais, de gente de outra geração, com experiência e maturidade, e com outras questões, certamente, muito diferentes das questões deles. Não tem jeito: nós só crescemos caminhando com as nossas próprias pernas e não com as dos outros.

Depoente 2 - TV1– coordenadora da TV

Cíntia: Fale-me um pouco de sua trajetória, como foi sua vida profissional.

Entrevistada: Bom, eu,eu.. me formei aqui pela Instituição mesmo, né, em 93. A... e escolhi, assim, na verdade, assim, foi uma escolha que eu fiz assim muito no ano do vestibular mesmo. Porque eu tinha outras idéias, queria fazer medicina, até que eu cheguei e falei assim: por que que eu quero fazer medicina? Não tem nada a ver, nem boa em biologia eu sou!(risos) E a única que eu gostara e que eu me interessava mais era normalmente assim, era língua portuguesa, história, esse perfil, né? Aí eu comecei a prestar um pouquinho mais de atenção e comecei a sacar que eu sempre tinha, sei lá, escrever pra jornais, participar de publicações, não sei o que, aí eu falei: bom, acho que deve ser por esse caminho. Aí eu... decidi fazer.... e aí eu comecei a fazer faculdade. E, na verdade, eu pensava muito em trabalhar em... jornal quando eu comecei ...quero trabalhar no jornal, não sei o que, tal, e... Quando chegou no último ano da faculdade, eu já tava praticamente me formando, abriu um curso na extinta TV Manchete. Aí eu fiz esse curso, me inscrevi, fiz pra reportagem. Pô, que coisa bacana e, na verdade, assim, naquela época, o curso era muito teórico aqui na Instituição e...eu nunca tinha atentado, entendeu, para TV e tal e pô foi bacana, aprendi várias coisas. Isso aqui, nessa época eu trabalhava na Casa da Leitura, no núcleo de publicação. Era editora, fazia um jornalzinho, eu fazia, eu era editora, repórter, enfim, teve várias coisas e...nesse jornal já tinha um tempinho. Tinha trabalhado no jornal do Instituto de Arquitetos e tal. E era um trabalho que eu gostava. Só que aí pintou e eu falei: Pô, já tô terminando a faculdade, o que eu vou fazer? Aí eu...é....resolvi a,a,a minha professora do curso que era a Eliane Furtado ela falou assim: Ah, eu tenho uma amiga que trabalha na CNT e tal, não sei o que, porque ce não manda, né, não vai lá e tal? Aí eu fui, falei assim: É, eu já tava...era, eu tinha acabado de me formar. Aí eu falei: Ah, deixa eu ficar pra aprender e tal, fico como estagiária apesar de ser formada. Aí eu fiquei, eu ia todo dia, eu ia todo dia de manhã cedinho, e à tarde, ia pra Casa da Leitura ou então invertia o horário. E aí eu fiquei, fiquei um bom tempo lá como estagiária, acompanhava as equipes e tal e nisso eu fui pedindo pras pessoas aí eu falei: Pô, será que dá pra eu gravar alguma coisa, se sobrar tempo e tal? Aí eu comecei. Eu saía com a repórter, vários repórteres aí, é, enfim, apurava junto, também o material, é... se sobrasse tempo, eu gravava uma passagenzinha e ia pra redação e fechava um “vtzinho”. Aí, quando chegou num determinado ponto, eu falei assim: ah, acho que dá pra montar e pedi autorização e montei alguns vts, né, com o material que eu tinha. Eu fiz uma fitinha e entreguei pra essa minha chefe. Aí pintou uma vaga pra fazer uma coisa que era meio globo cidade, assim, só que era CNT cidade com o patrocínio da prefeitura. Aí ela falou: quer? Eu falei: quero! Aí, tinha que fazer vários flashezinhos pré-gravados e tal e foi em 96. Aí eu fiz, fazia amarradona, gostava pra caramba e tal. Depois surgiu, tinha uma repórter que tava saindo pra ir pra Londres. Aí eu acabei ficando pro jornal também e, enfim, aí fiquei trabalhando lá durante um tempo, foram seis anos, até que me chamaram aqui na Instituição. Perguntaram se eu não queria assumir a coordenação do Núcleo de TV. E...também, paralelo a isso, professora do departamento. Aí eu achei que... (riso) era esquisito porque, pô, eu acabei de sair, eu não tenho nada pra ensinar pra ninguém. Me senti assim, um pouco desconfortável mas também gostei porque na verdade, é... Apesar de, eu sempre gostei muito do trabalho de rua, adoro, assim, acho meio... acho claustrofóbico ficar numa redação, eu gostei de estar na rua. Mas aí,,como eu não tinha muito mais perspectiva, eu tava, aquelas coisas que a gente sai do trabalho, assim, fica naquele “rami-rami”, fica...vou encarar essa experiência. Aí vim pra cá pro Núcleo de TV. Comecei a dar aula. No começo, eu falei assim/, eu demorei a acreditar que eu tinha condição de... ensinarcomo pode uma pessoa que acabou de se formar vai ensinar os outros? Mas foi bacana porque ...uma coisa que eu acho muito legal é porque eu aprendi na faculdade várias coisas que no mercado de trabalho eu não tinha aprendido,

entendeu? E essa experiência da sala de aula, que eu fui correr atrás de muitas coisas pra, assim, coisas que eu aprendi fazendo, eu tive que fazer o processo inverso. Porque quem faz, assim, né? Aí eu fui começar a fazer a buscar, né, pra fazer o inverso. E aqui na TV porque abrir uma outra perspectiva porque aí eu, na verdade, ao mesmo tempo que eu olho o texto, que eu dou orientação de produção, de apuração, eu também tenho que entender de equipamento, eu comecei a ter que entender como faz imagem, como é que mexe na câmera como era x, y, z, onde é o que...essas coisas que na verdade eu nunca me interessei. É uma experiência super rica para mim.

Cíntia: O que percebe nos alunos em relação à expectativa deles no jornalismo de TV, na TV1?

Entrevistada: Olha, não sei, é difícil isso, assim, eu não consigo separar muito a TV da, da sala de aula, né? É lógico que eu vejo que na TV, tem um, as pessoas conseguem perceber melhor como é que funciona. Uma coisa que dentro da sala de aula não é possível. Até porque tem uma experiência, é um tempo menor. Então, por mais que diga nunca é suficiente. Agora, quando as pessoas vivenciam isso, acho que muda, entendeu? Porque ele começa a entender que aquilo que falou... “é, realmente, tem razão!” Eu acho que... é... a gente já teve assim, perfis, de pessoas aqui na TV, desde gente que...que gosta de TV, que quer trabalhar com TV até gente que vem pra cá porque, assim, “não é muito a minha praia a televisão, mas eu quero ver qual é” ou vem porque, fala “não, eu, eu to aqui, quero aprender mas eu quero impresso”. A gente já teve todo tipo de perfil, né e foi bacana assim porque a gente já teve ao longo da história, assim, desde gente que falou assim “não eu descobri que realmente não quero nem jornalismo”. Quero dizer, a pessoa realmente teve contato com aquilo que vai ser o sei dia-a-dia e descobriu que ela realmente não tem vocação pra aquilo, né? Ou gente/, eu tenho, tenho uma menina que hoje é editora da Globo News que ela entrou aqui, que era estagiário do jornal. Aí foi pra TV, meio assim, desacreditada, eu disse “Vamos, vamos”. “Esse negócio de televisão não é pra mim, eu falo muito rápido, não tem nada a ver comigo, não sei o que”. Aí ela foi, ficou um tempo aqui ainda pegou uma bananosa, porque eu cismeí que tinha que fazer, eu cismeí não, é que teve um congresso aí cheio de engravatado. Era um programa sobre na, nanotecnologia. Aí ela falou, ta maluca, como é que eu vou fazer sobre nano tecnologia, onde é que eu vou arrumar imagem? Eu falei, “olha só, vamos usar (riso) a criatividade”. Enfim, e aí que ela acabou que ela se formou, nem ficou muito tempo, ela passou numa prova pra Globo News como editora e adoro. Toda vez que eu a encontro com ela, aí falo assim: “Ta vendo? Não falei pra ?” Ela fala: é, nem posso encontrar, que vergonha! Eu falei: ta vendo? Eu falei que tinha jeito pra coisa!

Cíntia: Qual seria a função da TV1?

Entrevistada: Eu acho que, assim, a...é..., a gente trabalha muito pra isso no, é..., parte da filosofia do Comunicar, né, formar os alunos serem independentes, mas acho que é isso: trazer para, os alunos é... um pouco de experiência do mercado de trabalho né, trazer um pouco do que seria vivenciar esse mercado de trabalho... Por quê? Porque eles produzem um material que efetivamente vai pro ar. Tem deadline, entendeu, não é uma coisa, assim, que eu vô fazer pra gente olhar eternamente. Não! Entendeu? Estão lá expostos pra quem quiser ver. Então, é importante que eles, que eles façam bem se alguém elogia o programa, pô, eu vi o programa. Então, eu acho que isso é legal. Acho que efetivamente aqui é um espaço que consegue colocar em prática, né? Lógico que não na mesma proporção do mercado, isso é possível, né. E, ao mesmo tempo, a gente tem uma perspectiva que é um pouco diferente do mercado. Embora a gente cobre, tem deadline, tem que dar esporro, tem que brigar, tem que cobrar, etc, etc, a relação é muito mais humana. Eu acho, né? Então, assim, aqui no comunicar, assim, toda semana tem

alguma festa, tem um aniversário, não sei o que, a gente brinca, a gente fala assim. Tem uma menina que é cinegrafista e ele se despede de todo mundo dizendo assim: Tchau, família (risos). É um pouco esse espírito. Então, briga, cobrança e tal, mas tem uma relação um pouco mais humana, né. E...eu falo muito em sala, né porque hoje o mercado que tá completamente desvirtuado, não é à toa que tem estagiário trabalhando, trabalhando e fazendo um trabalho que deveria ser de um profissional. Então, eu debato muito isso em sala, em sala de aula. Isso é a realidade na qual s vão se deparar. Qual seria o ideal? Tô sempre trabalhando assim. O que é realidade e o que seria ideal, né, e eu falo até pros meninos daqui da TV, aqui s estão estagiários, s fazem uma coisa que vai pro ar, s levam esporro e tal. Só que, assim, no mercado de trabalho, muitas vezes s vão levar um esporro como se fossem gente grande, entendeu, como se s já tivessem que saber aquilo há muito mais tempo. E às vezes, tem que se deparar com chefe que não vai ser delicado, porque todo mundo...

Cíntia: que é mais comum, né?

Entrevistada: Exatamente. Que quando a gente faz entrevista a gente sempre pergunta: mas aceita bem crítica? Todo mundo diz: Ah, lógico! Mas mesmo se essa crítica foi um pouco mais dura? Depende do jeito que vai falar, então, bom, não aceita bem.. Assim, é... então acho que ao mesmo tempo a gente procura dizer isso. Só que isso eles só realmente vão ter dimensão quando forem jogados ao lobos, vamos dizer que aí é que eles vão realmente...uma coisa é quando fala. Outra coisa é quando vive.

Cíntia: E , por exemplo, lá no passado, como é que era... qual era o jornalismo na sua visão e depois que entrou na CNT,começou a trabalhar? Como é que virou o jornalismo pra ?

Entrevistada: É, eu assim, como eu fazia faculdade, eu era(riso) muito sonhadora, né? Tinha aquela fase não, vai escrever no jornal, eu vou escrever nas entrelinhas aquela coisa, né enfim, que ainda é resquício de uma época anterior. Depois, vê que não é bem assim. Não é assim que funciona, e tal. E aí depois vê que não é bem assim que funciona. E aí depois vê que não é bem assim e agora eu to vivendo um momento bacana porque, assim, vendo toda assim, o que era, fazer o trabalho no dia-a-dia, o que eu imaginava que era o jornalismo e hoje fazendo mestrado também, eu que era pra ter, eu tenho uns professores que chegam na sala, que fazem umas coisas e falo assim: Tá, tudo bem, mas eu fico muito dividida, entendeu? Por que? Tudo bem, eu to lá no mestrado, mas também to aqui,to lidando com o dia-a-dia. E eu já cheguei pra alguns professores dizem assim: é... , muito bacana o que ta falando. Mas me diz, como é que eu realizo na prática, no dia-a-dia.(PM) sendo utilizado deadline, etc e tal. Mas pro outro lado, me abriu um pouco a cabeça no sentido de pensar o que que é jornalismo efetivamente. Porque talvez, e eu acho que eu nunca pensei. E eu acho que muitos jornalistas não pensam sobre o que é fazer jornalismo. E é muito difícil na verdade. Porque fica tentando encontrar algum lugar, eu, eu, fiquei pensando, assim, se de repente não pudesse, sei lá, se acabasse o mundo, uma bomba e não sei o que. Eu tive que me recolocar porque não tem sentido. Não tem mais televisão, não tem mais papel, entendeu? O que eu faria nesse mundo sendo jornalista? Porque um médico imagina o que ele vai fazer, né, um dentista. Mas e o jornalista, qual a função dele nesse mundo sem televisão, sem jornal, sem revista. Então, eu não vou fazer nada? E... eu fiquei pensando e é um exercício na verdade eu ainda penso sobre isso, o que que eu poderia fazer nesse mundo.

Cíntia: Chegou a alguma conclusão?

Entrevistada: Não. E eu acho que nem vou chegar (risos), na verdade. Porque eu acho que o jornalismo é, é, é uma coisa bastante ampla mesmo. Difícil. Não sei, não sei. Eu não sei definir. Porque não é simplesmente informar as pessoas. Não acho que é. Porque

um relatório também informa. Então, onde é que tá a diferença entre jornalismo, né? s acham o que, que s vão escrever lá, s estão descrevendo a realidade? Não é também, não é também. Porque de uma forma ou de outra o seu trabalho também interfere no que está fazendo. O fato de estar lá com a câmera com seu bloquinho anotando muda tudo, na verdade. A bagagem, enfim, então é muito, muito difícil pensar. Então, assim, vou te dizer, assim, não sei o que é que é. Eu vou ter que, eu gosto muito particularmente de...// INTERROMPIDA// Então, assim, na verdade, eu... hoje em dia, quer dizer, eu tenho pensado muito nisso, mas eu penso isso muito atrelado à televisão. Penso o tempo todo atrelado à televisão. Porque, enfim, é um veículo que me encanta, que eu gosto, que eu fico tentando também pensar, é...das possibilidades, como é que poderia ser diferente, tal, tudo isso pinta na minha cabeça e isso não ta resolvido, entendeu? Mas eu penso sempre as duas coisas juntas, hoje. Eu não penso, assim, (PM) eu penso jornalismo e penso televisão. E acho que essa experiência com o núcleo de TV pra mim é bárbara. Porque eu acho que se eu tivesse trabalhando como repórter no jornal, eu não teria a visão que eu tenho hoje, entendeu? Uma visão do veículo, da profissão do que que é o jornalismo. Eu, eu, sinceramente, eu talvez eu nem tivesse tantos questionamentos. Eu hoje, eu sei mais ou menos o que me angustiava naquela época, porque que eu me incomodava com tantas coisas, entendeu? Ficava aquela coisa assim,: Ah, todo dia a mesma coisa, não sei o que, algumas coisas me incomodavam e, pô, eu posso fazer mais, posso ter mais perspectiva. E hoje, eu entendo porque eu ficava angustiada.

Cíntia: consegue ver educação trabalhando junto, se cruzando com o jornalismo?

Entrevistada: Educação e Jornalismo? Eu acho que sim porque, na verdade... não sei, quando a gente fala de educação, né, outro dia eu tava numa discussão sobre o que que é um que é um programa educativo, né? E a gente tava envolvido num projeto aí alguém perguntou: não, s têm programas educativos. Não sei, a gente faz programa jornalístico. E o que é um programa educativo? O, quer dizer, um programa jornalístico pode ser...(INTERROMPIDA)// Eu acho que/ O jornalismo pode ser educativo também. Educativo no sentido de que pode trazer elementos não com informações, não é só “A Informação mesmo”, entende, mas pode trazer experiências, vivências, enfim, coisas que vão fazer as pessoas, de repente, interajam enfim, que, que processem, essas, essas coisas todas, os dados a informação se transforme em outra coisa, né, eu acho que faz parte do dia-a-dia. Acho que o jornalismo, ele atua dessa maneira. Não aquela coisa assim, didática. Hoje vamos ensinar tal coisa, porque acho que isso é, é muito chato. E a gente fez uma vez um programa no mês de fevereiro dois programas sobre a física e eu falei assim: gente, não me lembro que física é tão legal (riso). Aí eu falei assim: se alguém tivesse feito, me mostrado um programa como esse, eu acho que talvez eu gostasse, porque é justamente isso, é trabalhar assim, com isso, né, porque física vai tratar da teoria do Einstein, de não sei mais quem, não sei o que, aí pensa numa escola. Aí pensa num programa jornalístico de televisão. Dá pra juntar as duas coisas. E de repente, às vezes é legal porque junta as duas coisas e, e pode gerar um encantamento também de outra pessoa. Até ela descobrir: caramba, sabe que eu nunca pensei...dessa forma? Então, eu acho que é possível as duas coisas se juntarem.

Cíntia: E esse tipo de preocupação s tem em relação a fazer a pauta, ou quando acontece, acontece normalmente não é algo que não fica pensando “não olhe, não temos que pensar na proposta, na reportagem, qual a mensagem que a gente vai passar, o lado educativo...”

Entrevistada: É, claro que isso...acontece mas não sempre. Algumas vezes.... INTERROMPIDA.// Eu acho que, assim, não acontece todo dia porque a gente tem, assim, a gente tem aqui três programas semanais e muitas vezes essa própria rotina né,

esse modo de produzir que é TV comum no mercado, de uma certa forma a gente reproduz aqui. Não na mesma forma... INTERROMPIDA. Então, assim, acho que ele não se reproduz da mesma maneira mas de reproduz em alguns momentos sim, né? Agora... é... eu acho que, por exemplo, no contraponto que a gente procura pegar temas de atualidade, tenta pensar, assim, coisas que não tão, estão nos outros lugares, mas como é que a gente pode abordar isso, como é que a gente pode trazer junto com um olhar diferenciado, porque a gente procura fazer isso, no Pilotis também, é, nem sempre a gente consegue porque às vezes é uma... é quase que uma incapacidade porque parar e pensar, né, o diferente ou como é que eu trago esses elementos, né, juntar educação e jornalismo e tal, fica meio que numa encruzilhada, entendeu? Porque isso é um exercício que leva tempo. Talvez por isso muitas vezes assiste um telejornal e aí assiste outro e outro, são todos iguais. também tem isso porque fica totalmente consumido por essa lógica, né, diária// dão, dá tempo. Aí, quando // pra pra pro, produzir alguma coisa diferente leva tempo. Tem que refletir um tempo. A gente um pouco... “é, realmente”leva tempo isso, né? E também é a coisa de experimentar, às vezes...eu tenho várias experiências aqui que a gente “não, agooora eu acho que, pó, muito bacana isso” e são coisas que a gente não teria possibilidade de fazer se fosse numa emissora mesmo assim, comercial e tal. Não funcionaria, entendeu? Quer dizer, não é que não funcionaria, a gente não teria condições nem de propor, e, e, esse espaço, entendeu? Então,aqui, tem uma coisa assim, do erro, assim, tem coisa que a gente viaja, assim, aí depois “é, acho que não funcionou!”(risos). Entendeu? Já teve um que a gente pensou, era uma idéia sensacional pra falar de fronteiras, de vários aspectos, a questão do muro, né, das barreiras que ergue e tal. Pó, a gente viaja, não sei o que, mas a realização não foi bacana , entendeu? Por isso, porque chega uma hora como é que eu saio daqui? Não sei! né, então, e...,acho que...foi uma constatação, a gente tem que puxar isso muito deles porque, por incrível que pareça, eles são muito jovens e eles são extremamente conservadores em determinados aspectos. E tem uma dificuldade de, de...é...de ver que é possível fazer diferente ou tentar outra coisa.

Cíntia: Eles buscam sempre o comercial?

Entrevistada: Buscam sempre o comercial, sempre o padrão, tem uma dificuldade de sair disso. Embora eles digam assim, que eles querem espaço para a criatividade. Tudo o que eles pensam “vamos fazer uma coisa diferente...” Pô, mas tem um monte de gente que faz isso. Aí eles ficam na decepção mas, assim, às vezes não vêm e tal, não tem muita experiência e a gente já teve esse momento em que a gente brigou, fala assim “Pó, toda vez que sai alguma coisa diferente é porque um de nós resolveu viajar entendeu (riso) e s ficam esperando que a gente dê pronto, não vai dar pronto. A gente começa e s têm que continuar (riso) a viagem, entendeu? Então, é, é... a gente procura juntar as duas coisas, né. Eu acho que, de uma certa forma aparece nos programas,não sei se é tão evidente assim como é pra gente que trabalha aqui, que vive, que acompanha a evolução de cada um, mas é bacana quando eles entram, entram nessa, nessa história e começam a pensar mesmo diferente.

Cíntia: já ouviu o termo Jornalismo Educativo?

Entrevistada: Jornalismo Educativo? Não, nunca ouvi.

Cíntia: Tem alguma noção?

Entrevistada: Bom, assim, é porque é, eu, eu acho, assim, na verdade, eu acho isso difícil, assim, a conj, juntar essas duas coisas eu acho muito difícil, entendeu? Não é que é jun...é que pra mim, o jornalismo tem esse componente também,entendeu? Que não é uma coisa assim, educativo, não é necessariamente uma coisa de escola. Mas acho que o jornalismo tem esse componente, então assim, parece uma na verdade, redundância, porque acho que de, de por um outro lado também, o jornalismo, não sei, o que eu vejo,

o que é identificado como jornalismo hoje ele é pobre, entendeu, eu acho que ele deveria ter um pouco essa noção do educativo. Um pouco não, não sei, deveria ter, né assim, sempre, eu acho.

Cíntia: Vou te dar um exemplo: se tiver um incêndio aqui perto, vai mandar um repórter e ele vai fazer a matéria do incêndio. A história da fórmula do que quem quando onde como e por que. Mas quando eu falo em Jornalismo Educativo, ele vai fazer a matéria mas vai fazer o telespectador vai pensar sobre é...o que aquilo pode representar para a vida dele. O meu prédio está seguro? O que eu preciso saber para que isso não aconteça com o meu prédio. Então, além da informação ele daria algum outro elemento para pessoa refletir, então isso pode ser visto num jornal nacional da vida, uma matéria sobre fome no Brasil. Então eles vão pontuando, mostrando a situação das pessoas. De alguma forma vamos entender o que está acontecendo, de que forma isso pode melhorar.

Entrevistada: Engraçado, isso para mim é jornalismo. Isso não é Jornalismo Educativo. Isso é jornalismo. O problema é que hoje, isso que eu tava falando, assim, o que se apresenta como jornalismo é aquela coisa absolutamente pasteurizada.

Cíntia: É o informar.

Entrevistada: É o informar, é quase um relatório, na verdade. Por isso que todo mundo faz igual. Praticamente um relatório. Não tem esse espaço para essas coisas. Então, para mim, é difícil pensar em Jornalismo Educativo porque eu acho que ele, a imagem que eu tenho de Jornalismo emq, engloba isso também. Eu não penso separado, na verdade.

Cíntia: Essa seria a função da UTV, da TV1? Tem essa reflexão?

Entrevistada: (PM)Eu acho que sim, eu acho que sim. Na verdade, eu vou te dizer muito sinceramente. Mas eu acho que é... a TV, de modo geral, deveria ser assim, né, porque acontece é que... desvirtua de uma tal maneira, parece que fica preparando as coisas em nicho. Então, uma coisa é só entretenimento, outra é o educativo que, no caso da TV fica restrito a seis horas da manhã, então assim, é uma lógica de mercado que vai revendo, então, passa do princípio de que o educativo (riso) não interessa as pessoas, não é entretenimento. As pessoas, vai ser difícil das pessoas, vai ser difícil das pessoas assistirem porque elas chegam cansadas do trabalho e elas querem se divertir. A própria ideia de televisão é isso, né? Eu falei sobre isso na aula passada. Eu falei: alguém criou a ideia que quando assiste televisão tem que relaxar. Por isso, um jornal abre com a notícia da tragédia, notícia quente, fecha com o bichinho que procriou no cativeiro, imagens lindas da natureza. Por quê? O telespectador, afinal de contas, depois de ver tanta tragédia, precisa relaxar. O que, na verdade, é uma coisa cínica porque o jornalista, o que que ele seleciona como notícia? Tudo aquilo que é ruim. Tudo o que é ruim tá ali no jornal. Não porque o mundo esteja pior, mas é porque esse é o elemento com o qual ele trabalha. Se uma coisa for boa, não vai ser propriamente notícia, a não ser se for série, né. Assim, mas vai trabalhar, assim, se alguém morreu, um acidente, desabamento, se tem corrupção ele vai fazer matéria com político que não é corrupto. “Ah, hoje vamos apresentar o deputado xis que é muito honesto”. Aí (risos) vão perguntar “cê tá maluco? Isso não é notícia!”

Cíntia: Até deveria ser!

Entrevistada: Até deveria ser (risos) Até deveria ser. Mas eu acho, assim, não faz parte da lógica, entendeu, em que a gente trabalha hoje, então, é difícil pensar assim, que, qual a pergunta...deixa eu...

Cíntia: Do Jornalismo Educativo.

Entrevistada: Então, é o que falei, assim, no caso de UTV, eu acho que ela também¹¹⁶ tem esse papel mas a outra também é, entendeu? Se discute muito pouco a concessão, não se o que, todo mundo acha que é uma festa, TV do Silvio Santos (riso), TV do Bispo Macedo...parece assim, é uma propriedade, privada, ninguém tem que se meter com isso. Eles são os donos. Não é assim. É uma concessão pública. Então, virou esse meio uma bagunça. E eu acho que os próprios canais que se apresentam como educativos têm um problema de questão de dinheiro, que isso é fato, mas eu acho que, assim, até nesses canais, a lógica que se trabalha é a lógica da TV comercial. Porque assiste um jornal numa TV Educativa, esse jornal é igual ao Jornal Nacional, do RJ, enfim, todos são muito parecidos, né? Assim, não tem muita diferença, e eu acho talvez onde pudesse ter espaço nas TVs universitárias, no nosso caso, a gente só trabalha com alunos, não é assim pra todo mundo, então, é...assim, mas eu acho que tem, tem um diferencial que eu acho bacana, mas que tem espaço para outro tipo de coisa na UTV também. Mas não deveria ter essa gente que trabalha com isso. Porque eu acho, assim, é muito desperdício no caso de TV o dinheiro que gasta, o potencial que tem o veículo e a gente fazer só isso que tem aí. Eu fico sozinha me perguntando “não é possível, tem que ter alguma opção, entendeu? Mas é difícil sair daquela lógica que tá raciocinando a toda vida toda, entende? É muito difícil. Assim, às vezes é doloroso (riso). ta assim, o tempo todo “não que eu tenha certeza que tem uma maneira de sair disso. Eu ainda não encontrei, tô tentando.

Cíntia: Faz diferença para o telespectador?

Entrevistada: (PM) Eu acho que faria, mas isso é uma coisa que leva tempo, porque o telespectador, assim como eu, como , como qualquer pessoa que tá aqui e todos nós somos espectadores também, é... a gente também tá dentro dessa lógica. É lógico que , talvez os canais educativos e as, as, é..., e as TVs universitárias, onde tem, como eu te disse, assim, a gente teve várias experiências que não deram certo, né? Então, tem uma possibilidade do erro, do desacerto, que não é tão assim: “olha, perdemos audiência, perdemos dinheiro, vamos perder isso”. Não tem isso, dessa maneira. Então, talvez a gente possa ser, assim, o embrião pra isso, mas não é fácil. Eu acho que faria a diferença pro espectador, faria. Mas primeiro ele precisa saber que ele poder ver alguma coisa diferente. Porque eu acho que, assim, pro espectador e pra mim, pra também, de forma geral, ta acostumado a ver isso. Então, pra é isso que pode, entendeu? Então, não vai querer um telespectador na casa dele, na sala dele pensando: “Pô, veja bem...eu acho...”. Pô, pra gente que tá vivendo isso ta tentando pensar é difícil! Imagina pro telespectador que não vive isso. Então, mas ele notaria a diferença?Notaria!Mas é tanto trabalho que (riso) olha! De formiguinha! Demora muito tempo.//

Depoente 3 – TV1 - estagiária

Cíntia – Por que resolveu ser jornalista?

Entrevistada: Porque eu... tenho paixão pela profissão. Assim, eu, eu, gosto de poder influenciar outras pessoas através da palavra ou através da imagem...é... eu realmente, assim, sou vidrada, assim, desde que eu entrei eu, que, eu ia fazer direito, mas, assim, acho que foi algo, assim, sei lá, um mês antes da faculdade, eu acho que eu estava vendo algum filme...jornalismo, acho que é aquele do, do impeachment, do Nixon...aquele do Harrison Ford, eu acho.

Cíntia: Todos os.

¹¹⁶ A entrevistada deu ênfase na palavra “também”.

Entrevistada: É, acho que é, acho que é isso. Todos os homens do presidente. E aí fiquei encantada, fiz vestibular e já, eu gostava de publicidade também, mas acabei me decidindo por jornalismo...eu sou muito curiosa e gosto de ler muito. E gosto de escrever. Como eu detesto matemática...não é que eu detesto. Eu sei que não sou boa, entendeu? Então, eu já sabia: não vou escolher nada com matemática, física, química e eu vi que nas aulas de gramática, de português, eu era muito boa. Então, eu pensei em direito também, usa muito, tal, a parte escrita, mas não, é... não influê...não influencia tanto as pessoas, não chega tanto direto às pessoas. No direito até tem aquela questão dos artigos, é muito cansativo aquilo. Aí foi por causa disso mesmo que eu, eu gosto desse poder de poder, de poder de influenciar as pessoas.

Cíntia : está em que período?

Entrevistada: sexto, sétimo.

Cíntia: E quanto tempo aqui na TV?

Entrevistada: Eu to... vai fazer um mês a semana que vem. Eu sou a mais nova porque voltei do intercâmbio. Aí fizeram um processo de seleção agora e aí só entrou eu de repórter agora.

Cíntia: Ta, e qual era a visão que tinha de jornalismo antes de fazer faculdade e agora que está tendo contato com a profissão. Mudou alguma coisa?

Entrevistada: Mudou, mudou, mudou sim. Eu, assim, eu tinha uma, uma visão. Mas acho que um pouco ilusória, assim, aquele mundo lindo, muito legal de escrever... tem, como repórter sendo iniciante ou não. pode escrever o que quer, entendeu, e não é bem assim que funciona. entra num jornal, na TV, às vezes escreve um texto enorme..., eu acho que, assim, claro, tem erros porque é iniciante, mas é uma questão subjetiva que esbarra aí. Porque quem está em cima e quem tá começando, é... pode mudar, entendeu?Então, assim, dá um pouco de, assim, fica desapontado, né, por conta disso. Então, é mercado de trabalho, assim, acho que... eu não pensava muito antes e agora eu vejo o quanto é difícil e fico preocupada também com a questão da crise dos jornais, como é que vai ser esse modelo de jornalismo daqui a algum tempo. Por isso que eu to querendo mas pro lado da Internet, da televisão, que eu acho que isso daí não vai acabar tão cedo. Os jornais, as tiragens caem a cada ano e tal, eu to preocupada, mas eu sempre pensei que eu fosse mais pro lado do jornal, pro lado impresso mesmo. Mas to gostando muito...

Cíntia: E qual a função do jornalista pra ?

Entrevistada: *A função do jornalista é..., é...(PL) até tem...assim, eu descreveria...que é escrever porque é sem nenhuma...sem tomar partido daquilo que ele está escrevendo, né, tentar ser imparcial. Sei que não existe imparcialidade, mas é...poder de alguma forma, é...,¹¹⁷ ser um, um, um protagonista num contexto. Então, assim, está acontecendo algum problema numa sociedade, é ele poder influenciar e tentar mudar de alguma forma. Eu vejo esse papel, assim, dele...mas, muitas vezes, o jornalista, ele influencia no lado ruim,NE?. A gente tem uma fama de que a gente quer o mal dos outros, né? Que a gente influencia pro mau caminho, isso é muito ruim, tem que ser mudado. Mas eu acho que esse é o papel. É informar o público, é um papel até um pouco social, né? Eu acho que é social. Tem que informar e...prestar um serviço ao público de...tá bem informado, de saber o que está acontecendo e por isso que, não ter uma tendência ao ideal.*

Cíntia: Quando escolhe uma pauta, sugere uma pauta, o que leva em consideração. Ah, que tal fazer uma matéria sobre isso aqui...como é que funciona?

¹¹⁷ Durante esse trecho, ela foi muito cautelosa com a escolha das palavras. Falou lentamente, como se buscasse as palavras com dificuldade.

Entrevistada: ã...depende, assim, geralmente (PC) claro que quando sugere uma pauta, pega um pouco do seu lado de interesse, assim, né?. Eu acho que sempre leva assim. não vai, por exemplo, eu não gosto muito, assim, não...qualquer coisa assim, por exemplo, eu não gosto muito de injeção, exame de sangue, eu num, talvez eu não sugeriria, até faria se alguém me propusesse, mas eu não sugeriria uma pauta sobre “doe sangue”, alguma coisa assim, que eu tenha aflição, porque não gosto de agulha e tal. Mas o que, que me leva a escolher uma pauta? Eu penso bem, assim, os temas, assim, os temas que mais me interessam, assim, política, meio ambiente e cultura, então eu tento ir nesse lado, nos temas que mais me interessam, tento ver o que está acontecendo, pego as principais jornais, mais brasileiros porque acaba, principalmente aqui. Se eu tivesse mais tempo, eu tentaria ver o que tá passando fora também, assim, eu leio francês, inglês e aí tento ver porque eu acho que o jornalismo ele é muito a questão do...eu não sei se, é assim, é o que ta sendo publicado, se baseia pra poder tentar tirar algo dali e ter uma nova idéia a partir dali. Eu acho que é tudo isso, assim, não surge uma idéia no meio do nada, né, até porque ce não vai conseguir ser publicado. vai conseguir, é...o seu (PC) chefe vai querer uma pauta que ele também, ele ta lendo, ele ta se informando, uma pauta que tenha a ver com o contexto que os outros jornais tão publicando, assim, sabe, no site, na Internet, tal...

Cíntia: acha que o jornalismo tem a ver com educação?

Entrevistada: Eu acho. Eu acho. Tem, tudo a ver, tem tudo a ver. Eu, eu também adoro educação, eu gosto bastante¹¹⁸ e...eu acho que o papel do jornalista é...educar uma sociedade¹¹⁹, assim, eu acho que, assim, eu diria, assim (PC), tem um papel em certos termos porque, assim(PC) Como a gente vê hoje na imprensa é,...não ta sendo (PC) feito dessa forma. Assim, muito, muito raro ver o papel do jornalista como educador. Ou ele é tendencioso..., ele passa a informação. Mas, assim, eu acho assim, , ele pode, se tem um papel educador, mas assim, tem um limite, porque acho que se ele (PC) a educação é o que? dá uma sugestão, eu acho, eu vejo muitas vezes “Ah, faça isso, não faça aquilo”.Se o jornalista, ele (PC) der uma (PC) ele tentar educar de alguma forma, ele pode cair na questão da parcialidade. Isso eu fico um pouco, assim, eu fico pensando nisso. Ao mesmo tempo que eu acho que pode ser um papel educador porque tem que mostrar para sociedade, mas aí há um limite que eu sinto aí que eu, eu fico um pouco confusa. tem que mostrar, mas como vai mostrar essa forma sem colocar o seu pé ali, entendeu? Eu, assim, é uma questão, assim, que eu ainda penso muito eu não tenho uma opinião sobre, mas eu penso sobre essa questão de limite.

Cíntia : já ouviu falar sobre jornalismo Educativo?

Entrevistada: Não, nunca ouvi falar. Jornalismo Educativo? Mas, em que sentido, assim, em ter uma mídia educativa, assim?

Cíntia: Não...

Entrevistada: Tipo Jornalismo ambiental, político, assim?

Cíntia: É mais ou menos isso. Vou dar um exemplo de telejornal. O próprio telejornal pode ter um Jornalismo Educativo. Se tiver um incêndio aqui na Gávea em um prédio. Aí o repórter vai lá, vai dizer o que, quem, quando, onde, por que aconteceu aquilo ali. Mas, se for fazer com, com, com essa visão, ele vai falar, além de tudo isso, com todas essas informações, ele vai dizer assim: será que está seguro no seu prédio? O que pode ser saber para que seu prédio também não pegue fogo. Ou então em eleições: como vai usar a urna eletrônica. Então, ele está mostrando as pessoas como usar aquilo. Então, é também uma forma de educar. Fazer a pessoa refletir sobre determinados assuntos e não

¹¹⁸ Ao falar, a entrevistada baixou o tom de voz.

¹¹⁹ Ao falar “educar uma sociedade”, a entrevistada aumentou o tom de voz.

apenas pegar a informação embrulhada. Isso aconteceu. Ah, sim, aconteceu. Mas, e daí? O que isso vai acrescentar na vida dele?

Entrevistado: Eu entendo.

Cíntia acha que isso acontece na UTV?

Entrevistada: É isso que eu ia falar. dando esses exemplos, eu acho que sim, eu vejo a TV Universitária como uma TV Educativa. Total, total porque, vou dar um exemplo, assim, fiz minha terceira matéria que eu fiz aqui, mas a primeira que foi sobre o senado, a gente explica o que, que é o senado. E a gente explica o que está acontecendo e como deve ser feito, inclusive a gente tem uma discussão no estúdio, ele traz outras pessoas que falam aqui ao vivo, tem mais tempo para discussão porque quanto tem uma sonora, né, algo meio rápido que tira aquele trechinho. Aqui não, aí corre livre. Então, eu vejo sim.

Cíntia: Então s fazem e não dão o nome...não rotulam como Jornalismo Educativo?

Entrevistada: É, exatamente. Mas eu vejo o papel educativo. Mas, engraçado, assim, é...pensando bem, eu, eu vejo. Só que, assim, eu acho que não, não me passam isso. Por exemplo: as chefes não falam: essa é uma televisão educativa. Então o ideal é que a gente eduque, que faça isso, isso e aquilo” . Entendeu? Ninguém, ninguém me passa isso. Mas eu pensando sobre esse papel, eu acho.

Cíntia: Não é TV educativa. É Jornalismo Educativo.

Entrevistada: Jornalismo Educativo. Exatamente.

Cíntia: Porque as pessoas às vezes confundem com didática. Então, não é pra gente ficar ensinando como a TV Educativa que tem o compromisso que ela tem com a educação. É um jornalismo que vai fazer a sua matéria mas sabendo que tem aquele papel social, que falou, que tem um papel social e aí teria que tomar um certo cuidado na hora de ampliar um pouco um pouco mais, fazer a pessoa refletir e não simplesmente dar uma informação. Ir um pouco além disso.

Entrevistada: Eu acho que aqui dá. Eu acho que, assim, eu acho que pode melhorar, eu acho que a gente tenha um lado um pouco didático sim. Mas eu acho que a gente dá sim esse papel social que o estúdio principalmente nesse contraponto, o estúdio é... assim....é.... eu acho que é, é uma opinião e faz as pessoas refletirem mais ainda do que só a matéria. Eu gosto.

Cíntia: Qual a matéria que mais gostou de fazer?

Entrevistada: Hum, assim, eu já trabalhei em um site, outros sites, dois, e agora fiz intercâmbio morei fora e, assim, eu gosto muito de política. Então, lá fora eu fiz matérias sobre eleição foi o que eu mais gostei, assim. Aqui (PC) eu gostei muito agora, dessa última, é...que também o meu, a minha, meu VT, minha parte do programa foi sobre política eu tive que entrevistar o presidente do TRE, entrevistei uma juíza...que eu gosto pra caramba. Mas assim, diz porque, porque eu gostei mais de ter feito?

Cíntia: Não, eu queria saber mesmo qual a que mais gostou.

Entrevistada: É, foi esse assim, que eu tenho feito, né? E lá no meu intercâmbio, eu fui lá pra, pra Paris e...eu consegui entrevistar um candidato às eleições legislativas. Então, ficou muito, muito bacana. Fiz uma matéria que ficou muito legal, gostei bastante.

Depoente 4 – TV1 - estagiária

Cíntia: está em que período?

Entrevistada: Quinto período.

Cíntia: Por que escolheu... jornalismo?

Entrevistada: Na verdade, eu nunca imaginei outra profissão. Eu tenho, eu tenho um, eu sou pernambucana, eu vim pra cá fazer faculdade, e eu sempre desde que eu comecei a pensar em alguma coisa eu pensei em jornalismo. Eu sempre fui ligada, a televisão, assim, como telespectadora mas *nunca* pensei em trabalhar em televisão, assim, como telespectadora mas nunca pensei em trabalhar em televisão também. Eu sempre disse “ah, eu sou muito tímida, eu falo muito rápido”...enfim, várias coisas, eu falei “não, televisão nunca”. Eu sempre tive, eu sempre gostei muito de, de ler, escrever, muito...,ah, to a fim de escrever uma coisa sobre a minha vida, escrevia. E aí foi por eliminação. Saúde, não. Exatas, não vamos para a área de humanas. E assim, jornalismo. Não tinha outra coisa que me interessava, nunca pensei nada, assim.

Cíntia: E a TV1, como é que surgiu na sua vida?

Entrevistada: Bom, eu fiz uma prova para a TV1, é...eu fiz para cinegrafista (PC) justamente porque aparecer para mim era martírio. Nunca..., vou morrer mais não vou aparecer, sabe? E aí eu fiz pra cinegrafista, fiquei na lista de espera, isso foi em dezembro do ano passado. E aí, por acaso, eu, eu ia fazer o quarto período e tava fazendo matéria com a B. Na verdade, quando eu fiz a prova, que foi, me entrevistaram a D, a B e a N, a B foi o que mais me alfinetou, sabe, que mais...e eu tive pânico falei e ela, no meio ela falou: ah, com quem vai fazer Técnica em Comunicação? Eu falei B.G. Ela: “Prazer, sou eu” Eu não sabia que era ela. Eu falei...no dia seguinte eu mudei minha grade. Eu falei eu não vou fazer prova...não vou fazer matéria com ela, essa mulé é louca, ela vai,não vou, não vou, não vou. E aí que eu acabei, não mudei, ficou, mesma amiga, uma outra amiga fez na mesma época que eu enlouqueceu também... é assim, porque elas, elas revezaram, né, em cada, cada entrevista, uma resolve ser a que mais pergunta, que mais alfineta. E aí B também foi a dela e aí ela mudou o horário dela, falou que não, que não que não porque aí não tava querendo agüentar chato, professor muito exigente e acabei que eu não mudei, fiz com a B (PL) Um mês depois, é...eu tava na lista de espera para cinegrafista, ela me chamou pra conversar falou assim: olha só, Juliana. Seu texto é muito bom. quer ser cinegrafista mesmo ou não...foi uma falta de opção? Eu falei “olha, só B, meu pânico é aparecer. , se eu tiver prova de novo pra tv, eu não faço pra cinegrafista. Não sei se eu faço pra repórter, mas pra cinegrafista eu não faço. Porque o negócio era, eu não quero edição, eu não quero ser repórter, não quero aparecer. E veio com um caô: Ah, não vai aparecer nunca, passagem é só no Contraponto e olhe lá. Quando entrar no contraponto, nã, nã, nã , e veio com conversinha mole pra cima de mim. Eu...caí, ne’? Eu falei: Ah, é? Então, eu faço tudo menos aparecer? É, o Antena não precisa aparecer. Eu não cobro passagem em Antena, só vai gravar off, enfim (PM) Três semanas, entrei. Aí ela falou assim: Mas olha, não fala pra ninguém porque vai sair talvez alguém e eu vou falar com a D e com a N porque vai ta na lista de espera. Eu posso fazer isso, não estou fazendo nada ilegal,mas mesmo assim eu não quero que crie expectativa, que ninguém crie expectativa com . Falei...tá bom. No dia seguinte, ela falou assim: Ta preparada para trabalhar na TV1? Eu...gelei, né? Na terceira semana da TV, eu apresentei, eu li a cabeça, as cabeças do, as cabeças do Antena (risos). Ela fez de propósito, lógico. Porque tem, teve, eu gravei antes de várias pessoas que tavam na TV há muito mais tempo, sabe? Mas ela...me pegou logo, assim,na primeira oportunidade que ela teve, ela me pegou.e eu Amo, sabe? É engraçado porque eu to lá a cinco meses, seis meses agora e eu faço uma matéria, uma outra matéria de radiojornalismo com a chefe do jornal,com uma das chefes do jornal. eu fui entregar um texto para ela, ela falou assim: tem muito texto prat, prat, prat, pra televisão. nasceu pra TV.Eu falei: como assim,s abe? (riso) E foi isso.

Cíntia: O que que imaginava do jornalismo antes de entrar e agora trabalhando na TV1, tem diferença? O que era o jornalismo, qual a função do jornalismo na sua cabeça antes e depois?

Entrevistada: Antes eu acho que era uma coisa muito mais...informativa, assim, pra mim, sabe. Passar informação e pronto. Agora, eu tenho a consciência de que, principalmente a TV é formadora de opinião (PC) Então... o cuidado é, eu não faço uma coisa por fazer, sabe? Eu tenho, eu tenho, principalmente, eu tenho convicção no que eu estou fazendo e acreditar naquilo, sabe? Então, pra mim, a principal mudança foi essa, assim, a TV Principalmente.essa coisa de que é ah, não é um jornalzinho qualquer...que vai..., sabe...não é... é uma TV que vai passar, que passa num canal, que passa em São Paulo, Rio, TV, TVROC, que as pessoas assistem sim e que eu não posso errar uma informação, então, não posso não. Pessoa que, seja uma dica de qualquer coisa, sabe, até uma informação mais séria, tipo pesquisa que já fizeram de campanha do Lula, não posso errar porque as pessoas vão, vão acreditar naquilo, sabe? Então, princi, princ, principalmente essa visão de que forma opinião foi a que mais mais ganhei assim, com a faculdade também.

Cíntia: Qual acha que é a função da UTV?

Entrevistada: Eu acho que a UTV é, é..., é, aprendizado, sabe? É..., eu peço coisas que, que eu tenho certeza até porque, no caso da TV1, que eu só posso falar por ela, a gente não faz, tirando o Contraponto, que é hard news e que tem uma semana, tem três para produzir e não é uma coisa que tem, sabe, tem dez pessoas trabalhando naquilo. O repórter faz, o editor, o editor tem editor de texto, editor de imagem. faz tudo. Eu, como repórter, eu apuro, eu, marco entrevista, eu produzo, eu edito, eu faço VT, eu vou para a ilha quando é o caso de eu, de eu querer uma coisa mais complicada, sabe, então, tem, acaba aprendendo de tudo um pouco e às vezes de tudo um muito. Então,é muito mais aprendizado, sabe. Agora, é um aprendizado que, que tem obrigação e tem que ser cobrado, sabe, o teu erro...não é, Ah! não pode errar. Não, quando erra tem que assumir o erro mas, sabe, leva bronca por causa disso, vai ouvir por causa disso, porque não pode errar do mesmo jeito.

Cíntia: Das matérias que fez, quais as que mais gostou?

Entrevistada:Das matérias que eu fiz, quais as que eu mais gostei? Eu fiz uma do Benjamin Constant sobre o teatro pra cegos que eu amei fazer, sabe, que foi...sabe, assim, foi eu não podia ser apelativa na matéria,e depois os cegos gostaram, porque eu não tive essa função apelativa, falar teatro para cegos e não, não queria parecer aquela coisa, que peninha, eles são cegos, sabe? E ficou muito bacana. A edição também fez uma edição muito, assim, foi um conjunto de texto com com edição que ficou muito bom. Ah...falando assim, eu acho que esse eu gostei muito...(PM) as dicas também eu gosto muito de fazer....eu, eu, tenho um lado, um, um,muito cultural, assim, que sem querer foi aflorando essa coisa também, as pessoas falarem, ah, gosta de cego, deficiente, não sei o que, mas eu gosto sempre, eu gosto muito de fazer acho o lado cultural.

Cíntia: Como é que classificaria o programa que trabalha. Ele é o quê? Entretenimento? Variedade? Jornalismo?o que ele é?

Entrevistada: Como só fiz Antena até agora, é, porque eu peguei um programa especial pro Futura, então tenho que terminar. Eu acho variedade, eu acho cotidiano, ã... é um pouco de tudo, sabe? Entretenimento, tem matérias assim, só pra divertir mesmo. Por exemplo, matéria de mulheres ao volante, sabe. Que um repórter fez...dois repórteres...um homem e uma mulher fizeram e fizeram num kart, então, isso é entretenimento. E informativo ao mesmo tempo porque tem noção de....quanto a mulher bate no carro, sabe, qual porcentagem de mulheres e de homens, essas coisas. Eu

acho que...o Antena, é de tudo um pouco. Sabe, até... não tem restrições. Ah, isso não pode, sabe? Lógico que tem pautas que não não, não, pô, Pô, ah, a B não gosta, não é? Mas é muito difícil ela derrubar uma pauta sua, teve uma coisa que te interessa...ã... muito fácil ela aprovar.

Cíntia: Quando escolhe uma pauta, o que leva em consideração para essa escolha?

Entrevistada: O que eu acho interessante, o que, o que eu gostaria de ver na televisão, o que eu acharia, pô, que bacana, ele fez isso, sabe?

Cíntia: E o que gosta de ver na televisão?

Entrevistada: Eu gosto de ver (PL) nossa...eu gosto de ver muita coisa, esse é o problema(risos).Muita coisa, assim, é legal. Eu não sei, eu, de ver, uma pessoa que...engraçado porque eu acho que a TV também me deu muito isso assim, antes que a única possibilidade de trabalhar na televisão seria trabalhando com esportes porque eu tenho, eu sou apaixonada, sabe, de ver, de praticar eu sou péssima, mas de ver eu adoro. Eu acordo de madrugada pra ver corrida, pra ver jogo, sabe, amo. ,as a TV não, o esporte, até, até por por por questão de hábito, CE tem sempre um dia marcado, até num num tem muita,muita pauta pra isso, coisas especiais mesmo, específicas, tive que aflorar um lado cultural meu que achava que não existia, assim, a ponto de eu de eu gostar de me interessar e de querer trabalhar com isso também. Então...ã... acho que hoje, tudo me,me interessa. Assim, muita coisa me interessa.

Cíntia: acha que jornalismo e educação podem trabalhar juntos?

Entrevistada: Ah,claro! Acho que sim. Acho que o potencial que o jornalismo tem de formar opinião e, e , sabe, eu acho que, que, que o, o que a gente fez, o, o, resultado que a se tem, a, a, não o resultado, mas o quanto, o quanto atinge as pessoas é muito maior do que qualquer outro meio de comunicação.

Cíntia: E pensa em educação em alguma pauta quando vai...criar uma pauta, pensa no lado educativo nisso?

Entrevistada: Ah, depende da pauta, sim. Eu acho que, principalmente as, as ,as pautas principalmente que, que tenham, que sempre, dá pra fazer, por exemplo, ã... eu acabei de fazer uma pauta que eu peguei que e adorei fazer , que foi sobre, sobre os sites da Biblioteca da Instituição,sabe, que...eu cheguei lá, falei assim, eu sabia que tinha um site mas nunca sequer entrei no site, entrei pra fazer a pauta, sabe, pra realmente me informar. E assim, tem uma, uma, um mundo de coisa gigantesca, eu pego sempre pauta sobre a internet acho que, e...e, acho que falei pra B que merecia um VT maior, entendeu, sempre...não coisa... vou te confessar, não vou pensar em educação sempre não. Mas sempre que, que, que tenho pauta falando coisa interessante de, de, sei lá, um site de biblioteca, gosto de fazer isso.

Cíntia: s têm orientação dos professore que trabalham aqui?

Entrevistada: Sim

Cíntia: Eles acompanham o texto...

Entrevistada: É, a gente, a gente sugere pauta, a B aprova ou não. E aí partir do momento que, que, que a, que a gente tem a pauta aprovada, ela, ela, a gente faz tudo, produz, marca e aí depois a gente faz o VT, escreve o roteiro, e aí ela, e aí ela senta com ela na mesa, ela corrige o que ta...pode ficar melhor, uma construção de frase, ou até às vezes um erro de português que passa assim...sem querer e aí ela... fecha o VT e pronto, ela...

Cíntia: já ouviu falar em Jornalismo Educativo?

Entrevistada: Não.

Cíntia: tem idéia do que seja?

Entrevistada: tem idéia do que seja...Acho que jornalismo específico para educação, será, talvez, o quê?

Cíntia: É vou dar um exemplo pra . Ta tendo um incêndio aqui na Gávea. Então, o jornalista vai lá e vai dizer onde é o incêndio o que, quem, quando, onde, como e por quê. Mas se a gente pensar num Jornalismo Educativo, seria um pouco além. Faria as pessoas refletirem um pouco sobre o assunto. Então entraria, por exemplo...será que está seguro no seu prédio?

Entrevistada: Como evitar...

Cíntia: O que precisa saber pra que isso não aconteça. Então, isso seria, a grosso modo, seria um Jornalismo Educativo. vê isso na TV Universitária?

Entrevistada: (PL) Eu acho que... eu acho que sim, eu acho que sim. Eu acho que até, até por essa, até por essa , até por esse cuidado que a gente maior, até por esse tempo maior que a gente tem pra produzir, como eu te falei, não é um Jornal Nacional, não é noticiário 24 horas, nada disso, a gente tem sempre maior de ter esse cuidado, ah, ah, tamos fazendo VT sobre que dá, dá pra falar, dá pra se aprofundar, acho que a gente faz sim.

Cíntia: Então, mesmo não sabendo o que é, faz?

Entrevistada: É, agora, é, acho que sim (riso). Acho que faço mais do que achava que fazia.

Depoente 5 – TV1 - estagiário

Cíntia: Por que resolveu ser jornalista?

Entrevistada: Porque eu, que eu resolvi ser jornalista?

Cíntia: É

Entrevistada: Na verdade, quando eu, quando eu saí da escola, não queria ser jornalista. Eu queria seguir a carreira diplomática. Mas aí, pra seguir a carreira diplomática, tem que ter uma graduação. E eu pensei, é, em algumas graduações. Direto, economia, que são as matérias formais. Mas o jornalismo, eu comecei, me identifiquei com o jornalismo por essa questão de busca da verdadeaaaade, né, de anúncio mesmo da verdade para os outros. E também no caso particular, esse é muito próximo do ideal que eu tenho de católico porque, assim, no catolicismo, a gente sempre busca a verdade absoluta e no jornalismo também. Então, esse foi o fato que me fez, assim... ah, a busca da verdade, eu vou conseguir chegar aos fatos e informar pras pessoas alguma coisa didática e, e, achei bem legal isso. Na verdade, depois eu me desencantei um pouco. Foi quando eu descobri que nem sempre a gente pode chegar à verdade absoluta, nem sempre a gente pode falar o que é verdade, mas foi o que me fez...e aí depois, eu me apaixonei por jornalismo e agora eu penso em seguir a carreira jornalística mesmo. Por isso.

Cíntia: E a TV1, como é que entrou aí na sua vida?

Entrevistado: Pois é, a TV1... desde o primeiro período, eu processo estágio, pra...porque acho que essa carreira jornalística é uma carreira que muito mais do que teoria ela precisa de prática pra aprender e aí eu já tinha estagiado na assessoria da Instituição, na rádio catedral, que é a rádio católica e no jornal testemunha de fé, que também é do católico e eu queria outras experiências. E aí eu, os que faltavam, os, as mídias que faltavam no caso era TV, internet e outras que vieram, não sei, mas aí surgiu o processo de seleção da TV e eu gostava da linguagem da TV, nunca tinha tido nenhuma experiência e resolvi fazer a prova e passei.

Cíntia: E o que que ta achando?

Entrevistado: Eu to adorando. No começo, eu me enrolava todo, não conseguia escrever, eu achava que não era isso, quase que eu saí. Eu conversava com uma amiga

minha “nossa, eu não consigo escrever, não to acostumado com a linguagem de TV porque eu sempre meio que ficava com a linguagem escrita, então, pode escrever mais e linguagem de TV ela, não é resumida, mas ele é mais, mais sintética mesmo, né? acaba tendo que selecionar muito mais informação na linguagem de TV. E depois que eu me acostumei, eu adorei. Eu achei, assim, muito legal.

Cíntia: O que era jornalismo pra antes de entra para a faculdade e depois de entrar pra faculdade? Qual era a visão que tinha? chegou até a introduzir já um pouquinho aí. Mas qual era, era a sua visão? O que mudou?

Entrevistado: Eu acho que o jornalismo, foi mais ou menos o que eu tinha dito, o jornalismo antes de entrar na faculdade, o jornalismo pra mim ele era muito restrito a jornal, eu tinha mais acesso pelo jornal escrito, e era mais isso mesmo e a busca dos fatos que acontecem e o anúncio desses fatos, dos fatos mais importantes pra sociedade, para que todos, todos fiquem mais antenados, pra todas as, pra sociedade de todas as, as formações e de todas as idades e de todos os públicos e... eu acho que depois que eu entrei pra faculdade a coisa que teve mais impacto, o lance que teve mais impacto foi descobrir é o terceiro setor, né? Que existem muitas áreas que o jornalismo não atinge. Que existem muitas áreas que, que, que acontecem muitas coisas importantes que influenciam diretamente na nossa vida e o jornalismo não noticia porque não é do interesse público, não é do interesse capitalista, não é do interesse do chefe do jornal, das agências e isso foi uma coisa que... ta me cativando cada vez mais, que é o terceiro setor, que existem outros meios de entrar com tantas ongs no Brasil, um dos países que tem mais ongs no mundo e isso... vai fazer com que a gente exercite, se deus quiser. Mas acho que o que mudou no jornalismo é isso que, existem muito mais coisas que a gente pode abranger, existem muito mais fatos, existem outras verdades que a gente não conhece e o jornalismo às vezes a gente fecha, ele é um retrato da realidade.

Cíntia: quanto tempo ta, ta na TV?

Entrevistado: Eu to na TV há dois meses.

Cíntia: Quando sugere uma pauta, que que leva em consideração na hora de escolher uma pauta?

Entrevistado: (PM) Bom, é complicado porque na TV1 a gente três programas que é o Pilotis, o Contraponto e o Antena Coletiva. Então, no caso, eu to no Antena Coletiva. O Contraponto fica com os temas mais densos de economia e política da semana que tão ocupação a semana e o Antena Coletiva acho que tem essa proposta de ser uma coisa mais, mais light, digamos assim. Então, quando eu proponho alguma coisa pro Antena Coletiva, eu me proponho, primeiro, (PC) é...em, em fazer uma, uma, uma pauta mais light, uma pauta que tenha entretenimento. Então, geralmente tem pautas de exposições pautas de eventos, de eventos de cultura, ou então eu me preocupo em fazer uma coisa didática, uma coisa que eu gosto muito, é efeméride, né? Eu fiz agora dez anos de Pau, dez anos da morte de Paulo Freire, fiz também, vou agora de Clarice Lispector, 30 anos, acho que são coisas que cabem. Então a gente tocou no entretenimento, na informação e na educação.

Cíntia: quais as matérias que mais gostou de fazer?

Entrevistado: (PL) Se eu tiver que pontuar, assim, (PM). As duas que eu mais gostei de fazer foram a do Paulo Freire, que eu fiz sobre os dez anos da morte dele e eu pude entrevistar o Augusto Boal e uma entrevista da (PC) irmã do Chico Buarque. Esqueci o nome. Que gafe jornalística agora! E eu pude contar a vida dele, eu usei, eu entrei em contato com o instituto Paulo Freire, em Brasília, e eu pude receber o material deles, eles enviaram material de graça e a gente usou. E outra que eu gostei muito de fazer foi o VT sobre o trabalho voluntário diferente e ... e entrevistei pessoas de três trabalhos voluntários diferentes, e, e falei das oportunidades mesmo pras pessoas. Acho que foi

legal porque num teve essa coisa de educar as pessoas de falar que o Paulo Freire, tem muita gente que não, eu fiquei impressionado com a qualidade de gente que não sabe sobre Paulo Freire e ele realmente foi o educador mais importante do século XX. Um dos educadores... tem outro que bate com ele. E, no outro, no trabalho voluntário, acho que foi essa questão de incentivar as pessoas e fazer o bem, né?

Cíntia: Quando escreve o texto, qual sua preocupação?

Entrevistado: (PL) ã...Bom, primeiro, a preocupação principal é...é...selecionar, como o texto de TV é, é mais curto, ele é menor, a primeira preocupação é selecionar a informação mais importante, isso acho que é uma preocupação.. que...(pigarro) é até uma coisa fantasmagórica assim, porque esse negócio de selecionar a informação para o telespectador é complicado porque esse negócio de selecionar a informação para o telespectador é complicado porque quem sou eu para selecionar a informação importante, talvez essa informação seja importante para mim, mas não para o telespectador. Então, às vezes eu penso em uma coisa subjetiva, mas isso é o que mais me preocupa, selecionar, é, a informação mais importante. E aí, em segundo lugar, eu me preocupo em fazer um texto que prenda a atenção do do telespectador (pigarro) porque na televisão também tem também essa questão da imagem e do texto que a gente, que muita gente fala que televisão é rádio na verdade, que a gente não usa imagem. Então eu tento concatenar o texto com a imagem (pigarro) e...é isso.

Cíntia: já ouviu falar em Jornalismo Educativo?

Entrevistado: Jornalismo Educativo? Não, nunca ouvi falar nessa expressão Jornalismo Educativo.

Cíntia: Pode chutar, imaginar o que que pode ser isso?

Entrevistado: É, eu posso tentar. Eu acredito que Jornalismo Educativo (PC) quando eu penso em Jornalismo Educativo, eu penso no sentido didático da palavra educativa mesmo. De educar o leitor, o telespectador ou ouvinte sobre fatos, é...não só, não só o que a gente aprende na escola, as matérias de história, matemática, português, mas também sobre fatos que acontecem no dia-a-dia que a gente não tem conhecimento. Por exemplo, a gente fez uma matéria, uma matéria, três matérias com o Antena Coletiva sobre, sobre os três poderes. Então, ele explicou por, por exemplo, o, o, a importância do senado, o dever do senado, os senadores ficam responsáveis pelo o quê? Isso é uma coisa didática que as pessoas às vezes não têm conhecimento por que elas estão sendo representadas. Eu acho que seria essa questão de didatismo. De explicar mesmo e não só dá noticiar.

Depoente 6 – TV1 - estagiário

Cíntia: está em que período?

Entrevistada: quinto.

Cíntia: Quinto período. Por que resolveu fazer jornalismo?

Entrevistada: É...bom, vários motivos, assim.(PC) É...eu gosto, primeiro eu gosto muito da...da variedade do jornalismo. De poder, assim, algo que tenha rotina, mas cada dia, ou de repente, cada semana tá falando de um assunto diferente ou, enfim, ter a possibilidade de trabalhar numa revista especializada, sei lá, de cultura, e trabalhar numa, numa redação de jornal de política e trabalhar, enfim, eu sou uma pessoa, assim, eu tenho, eu sempre tive desde pequena curiosidade por tudo, entendeu? Tudo me interessa. Tudo o que é novo me interessa. Então, eu achei que... combinava bem nesse ponto.

Cíntia: E a TV1, como surgiu?

Entrevistada: Pois é, A TV1... um dos motivos pelos quais eu escolhi a Instituição foi porque a Instituição oferece muita oportunidade de estágio. Tem estágio, tem estágio dentro do departamento, tem estágio projeto Comunicar, jornal, rádio, TV, tudo isso e eu achei que isso seria uma escola muito interessante. (PM) É...pelo fato de não precisar sair daqui num primeiro momento..pra estagiar e mesmo assim ta estagiando. e ta aprendendo pra caramba porque acho que jornalismo bem ou mal, aprende um pouco na faculdade mas não pega enquanto num, num, tem que fazer, tem que ficar pronto, é outra coisa, sabe? To vendo um bem agora, assim.

Cíntia: Mas tinha várias opções, entre rádio, revista, e escolheu TV. Por quê?

Entrevistada: É...pois é!(riso). Eu acho que TV, assim, a experiência que eu to tendo, eu entrei mais ou menos há dois meses mais ou menos na TV, a experiência que eu to tendo é, é muito mais complexo. Tem que trabalhar em equipe, muito mais do que nos outros meios, depende de muita coisa, depende da câmera, depende do seu cinegrafista lembrar de trazer a bateria depende de, né, de um conjunto de coisas. E...eu acho isso muito interessante na TV, entendeu? Porque...bem ou mal, a, a maior parte das experiências que eu tenho na faculdade não são fazendo trabalho de TV. Se tem uma matéria aqui e outra ali de TV mas a maioria que faz é texto e uma coisa ou outra de rádio, eu gosto muito de rádio também. Eu não sei porque que eu resolvi começar pela TV. Eu acho que isso, isso, contou muito...é....foi curiosidade, vou ver como é esse negócio de TV e ver se eu gosto porque, assim, eu quero experimentar todos eles, pelo mesmo motivo que eu te, eu, falei agora, é...eu acho que só aprende e só sabe como é que é quando faz. Então, eu quero fazer todos eles pra ver o que, sabe, o que realmente me encanta. Mas, é...enfim, foi uma maneira de começar, assim.

Cíntia: Antes de fazer jornalismo devia achar algo da profissão. O que achava? Jornalismo era... o que era pra antes e o que é agora, que já conhece um pouco.

Entrevista: Olha, eu vou dizer que mudou bastante, né (riso), o conceito, né? É...eu acho que não é a mesma coisa todo mundo que fala ...ah, como é que é, sabe? Ah(PM), por um lado, todo mundo fala que é, é muito bacana porque é...(PC) não tem rotina entre aspas, né, assim e que tem a coisa de ter que correr pra caramba e eu sou muito agitada, então, assim isso contou bastante (risos). É...mas quando faz isso, sabe, quando tá na rotina muda muito, sabe? vê que,que, por mais que te falem e, e, por mais que imagine, é diferente, sabe, é pior, assim,(risos) ou é melhor, não sei. Depende do, acho que do perfil da, da pessoa. É...o que eu acho de Jornalismo (PL). Pois, é...é outra coisa que que, que me fez escolher também é porque acho que existe uma função social que, assim, bastante importante da mídia de jornalismo muito forte, principalmente hoje em dia né, porque tudo é linguagem, tudo é a mídia, sabe? E...acho que, é... ao mesmo tempo que é perigoso, é fascinante, sabe. Também me, me encantou bastante. É, mas eu acho que todo mundo tem, tem uma, uma influência do que o,o,do que o cinema vende como jornalismo especialmente e o cinema americano, sabe? Todos os filmes, assim, desde, se pegar a história do cinema, desde sei lá, 1940,50,60, vê que tem uma imagem do jornalista um pouco heróica, né? E...,não sei.eu acho que depois que eu entrei na faculdade e depois que eu comecei a estagiar, vê que não é bem assim, sabe, que ele não é um semideus, que essa coisa que quarto poder é muito relativa, sabe? Apesar de acho que, ser um poder também. Essa imagem, é...eu tão acho que essa imagem em ela pode, de certa maneira, se não destruir, mas aten???? Um pouco e ver que o jornalista é uma pessoa, é humano também, e, e, ele erra também, sabe?

Cíntia: falou em função social do Jornalismo. Como é que vê isso?

Entrevistada: É...eu acho que a gente tem uma responsabilidade, a gente - to me colocando já como (risos)...a gente tem uma responsabilidade muito grande porque é... eu vejo, sei lá, dentro da minha casa, enfim, no meu círculo de amizade, assim, é... todo

mundo acredita no que fala, sabe? E, assim, às vezes eu brinco e falo: “não acredita porque pode não ser verdade, hein. (riso) Ele pode ter se enganado, enfim, que lê pode ta, ta dizendo isso mas, não sei exatamente isso, sabe. E, e acho que eu tenho essa noção porque eu to dentro de uma faculdade estagiando e respirando jornalismo mais ou menos 24 horas por dia, sabe? Mas a maioria, a maior parte da população não tem, sabe? E o que fala, é aquilo e é verdade, então, toda hora, acho que, o que mais escuto, que, que fica bastante na minha, minha cabeça “mas eu vi na revista tal, eu vi no Jornal Nacional,” sabe? Falou lá, então é verdade, sabe? E acho que (PC), isso assim, é muito relativo. E não acho, é, que existe uma função social por isso, pela responsabilidade que tem de tudo que vai falar é verdade. Então, por exemplo, no momento político que a gente ta vivendo agora no país, sabe, é...tudo o que falar ali de política, sabe, quer dizer, informar a população do que, que acontece, sabe. É...eles vão, quer dizer, a gente vai, vai encarar como verdade, sabe? Então tem, tem uma função de, de, assim, informar mas educar também, sabe? Porque, enfim, a gente precisa saber o que tá acontecendo pra poder cobrar e a gente poder fazer alguma coisa e não continuar do jeito que ta, então, eu acho que tem, tem isso bastante. Fora, é...s pegar, a gente pegar os nichos especializados, assim, tipo, jornalismo ambiental, que eu gosto pra caramba também, e...jornalismo social, acho que tem essa vertente, também, o próprio jornalismo cultural e tal, vê que, que há iniciativas – o ambiental é um exemplo muito forte disso, né? Que as pessoas não sabem, sabe? As pessoas não sabem quando, quando é,...por exemplo. Eu fiz uma matéria sobre ecodesign. Saiu no site, não sei o que, e ta ali dentro, está respirando aquilo enquanto está apurando, pesquisando pra caramba, está ali dentro. Quando sai, é legal a reação dos teus amigos mesmo, que, que, que lêem e falam “poxa, eu não sabia disso, não sabia daquilo, não sabia daquilo, não sabia. Aí fica, pô, ele não sabia, sabe? Então, eu tenho essa função, sabe? De, de informar, de educar, de fazer ele saber e de saber que, é...a gente pode, quer dizer, que se a pessoa não soubesse disso, quer dizer, se a pessoa souber disso, de repente ela pode fazer a parte dela pra fazer um mundo melhor, sabe?

Cíntia: Quando escolhe pautas, sugere pautas, que que leva em consideração na hora da escolha, de bolar uma pauta?

Entrevistada: É...(PL). Bom, acho assim. Primeiro porque, quando vou sugerir uma pauta na TV1, né? É...a gente não trabalha com aquilo que é estritamente factual, né, porque a gente não tem essa periodicidade, tal, então eu procuro sempre tentar buscar uma pauta que dê pra aprofundar um pouco mais, que dê pra, não sei, olhar de uma maneira talvez um pouco diferente, um pouco curiosa, sabe, porque tem um pouco mais de tempo pra fazer e um pouco mais de liberdade pra criar do que, é...eu acho...né? eu não cheguei no mercado lá fora (riso), mas acho que um pouco mais de liberdade pra criar do que se tivesse no mercado lá fora. Então, eu acho que sempre, é...é...alguma coisa que eu olhei e, e achei curioso, sabe? E aí eu vou olhar, vou ver se aquilo rende uma pauta, entendeu? Se rende uma história legal, se ...acho que mais por aí. E também, como eu gosto de jornalismo ambiental, sempre (riso) acabou sugerindo alguma coisa ambiental porque eu acho que é importante pra caramba e a gente tem uma deficiência muito nova ainda, né, assim, muito recente e os problemas ambientais e a preocupação com, com o meio ambiente ainda é muito recente. Então, eu acho que é importante bater nessa tecla, sim, sabe, não só falando mal, falando das tragédias, mas falando bem também, né? Porque quando toca o seu telespectador por uma, de repente, por uma vertente...emocional, sabe, talvez funcione muito mais do que acusar e dizer olha, ta fazendo errado, não faz isso, quer dizer, o discurso do “não” é, é, acho que muito pior. Então, acho que é isso.

Cíntia: Das matérias que fez, qual a que mais gostou?

Entrevistada: Matéria matéria ou matéria disciplina?

Cíntia: Não, não, é...reportagem.

Entrevistada: Não têm muitas ainda (riso), assim. Mas...eu fiz uma sobre ioiô que foi uma pauta que surgiu muito...muito engraçado porque...ia ter uma reunião de pauta e eu tava cheia de VT pra fazer e aí eu falei “pô, eu não quero sugerir mais nada hoje porque não vou dar conta de fazer tudo. Mas, enfim, deixa eu ver se tem alguma coisa.” Aí eu fui, eu fui entrar no, no site da, da, ABI, da Associação Brasileira de Imprensa. Aí eu, quando eu coloquei no google ABI pra ele já entrar direto no endereço, embaixo de Associação Brasileira de Imprensa tinha Associação Brasileira de Ioiô. Eu falei: Gente, existe isso? O que que é isso, né? Aí eu fui olhar. E aí eu descobri que no sábado seguinte ia ter um campeonato de ioiô no Paraná. Aí pronto, eu falei, pô, isso rende uma pauta, sabe? Ainda mais que ioiô que acho que fez parte da, da infância da minha geração toda pelo menos e de outras também. Então, é o que eu tava falando sabe, de uma coisa curiosa, tipo ioiô. Cê olha e fala”o que que vai falar de ioiô”, sabe? Eu gostei muito de, do ioiô. É...mas tem sempre um trabalho em equipe, né? A imagem é legal, a edição foi legal, quer dizer, acho que a reportagem ficou boa também e...eu fiz agora que, a reportagem ficou boa também e...eu fiz agora uma ainda não foi ao ar que eu gostei também...que foi uma...a gente tem um quadro que se chama conversa que vai. É..., é uma entrevista tipo ping-pong que vai toda, que não é uma matéria. É ...eu achei que ficou legal mas ainda não foi editada e tal. Eu fiz foi com um produtor da BBC, enfim, achei que foi, ele é, é produtor de um documentário, um documentário não, uma série que passou na BBC e no Discovery, que ganhou vários prêmios, não sei o que e tal e eu achei que foi bem bacana, também, assim, acho que...

Cíntia: Aí foi entrevista, não foi matéria.

Entrevistada: É.

Cíntia: Do que viu aqui produzido, teve alguma que chamou muita atenção? “Poxa, queria ter feito essa matéria!”

Entrevistada: É, teve, mas eu não vou lembrar o nome agora, mas...o nome do VT.

Cíntia: Mas era sobre o quê?

Entrevistada: Era sobre...teve uma que, foi um dos repórteres lá que fez era sobre, foi um seminário que teve aqui na Instituição, foram vários dias sobre o Brasil, é... Enfim, visão política, social, tudo isso, e achei que a dele foi legal, inclusive eu tava com ele quando ele tava gravando o off, assim, de depois vê o projeto todo, é bacana. Tem uma que tá indo ao ar agora que é uma série que é três poderes. Também achei que ficou bem bacana assim, ficou *bem didático*¹²⁰ mas, é... eu acho que é importante, sabe?

Cíntia: Fala sobre o quê?

Entrevistada: sobre, são, é...vai falar de poder legislativo, isso. E...deixa eu pensar mais (PL) Tem o Contraponto que não é o programa que eu to, que também é, tipo, um telejornal temático. E assim, tem alguns que, que eu achei, sabe, sensacional e falei “pô, gostaria muito de ter feito. Realmente, que foi contraponto leitura que eles fizeram...normalmente a gente faz aqui no estúdio, eles fizeram na Bienal o programa todo, e achei que ficou sensacional também e...um sobre CPMF que também achei bem legal.

Cíntia: Explicando o que que era? Como era o programa?

Entrevistada: É um, são três blocos, normalmente é a estrutura mais ou menos no...é... dois, entrevistados por cada bloco, é..., é entrevista, tipo uma conversa, uma estrutura de telejornal, bancada, entrevistados e, às vezes, eles vão trocando, às vezes repetem um ou outro, é falando, na verdade, assim, não era explicando exatamente o que é CPMF,

¹²⁰ Nesse momento aumentou o tom de voz dando ênfase ao trecho.

mas falando tipo (PC) a gente tava naquele impasse, se ia ser prorrogado ou não, enfim, eles pegaram isso como gancho e, e tentaram aprofundar, chamaram economista, pessoas assim da área que pudessem falar qual a influência que isso tem na sua vida, sabe, tudo isso? Achei bem legal.

Cíntia: Já ouviu falar em Jornalismo Educativo?

Entrevista: Já¹²¹

Cíntia: O que que é?

Entrevistada: É...já ouvi falar, mas (riso), pode ser a mesma coisa que, que comunitário, jornalismo comunitário?

Cíntia: Não.

Entrevistada: Ah...então...

Cíntia: Jornalismo Educativo, vou dar um exemplo pra que é o exemplo que eu to dando pra todo mundo. Faz de conta que está tendo um incêndio aqui na Gávea. Aí vai um repórter lá e vai falar “onde foi, o que aconteceu”, a história do quem, que, quando, onde, como e por que. Quando a gente fala em Jornalismo Educativo, a gente iria além, iria fazer as pessoas refletirem sobre o assunto. Então, ele traria, além dessas questões, iria entrar: será que está seguro no seu prédio? O que precisa saber para evitar que isso aconteça no seu prédio, tá? Isso seria uma forma de fazer Jornalismo Educativo no jornal diário, num telejornal diário. acha que isso existe na TV Universitária, na TV1, essa preocupação em dar sempre uma reflexão?

Entrevistada: Eu acho que, de uma certa forma sim, a gente tenta fugir um pouco do, do hard news, daquela coisa dia-a-dia, sabe, é só o factual mesmo, como eu te falei aqui e...acho que sim. Até quando me perguntou das pautas, é, é, acho que eu tenho pelo menos, é, refletir um pouquinho, né? Se tem, tem um tempinho maior e, e, enfim, pra fazer e pra pra ir ao ar também, eu acho que, acho que existe sim, quer dizer, não sei se é, se é uma constante assim, mas eu acho que, que existe.

Cíntia: Não existe essa nomenclatura.

Entrevistada: É, é. Exatamente. Mas, por exemplo, a gente normalmente a gente pega do factual um gancho e aí vai destrinchar, entendeu?

Depoente 7 – TV1 - estagiário

Cíntia: qual o seu período?

Entrevistada: Terceiro

Cíntia: Quanto tempo aqui na...

Entrevistada: Na TV? Eu entrei em início de agosto. Tem quase dois meses.

Cíntia: Tá gostando?

Entrevistada: To adorando, adorando.

Cíntia: Sua intenção era TV mesmo?

Entrevistada: Assim, eu ainda tinha muita idéia formada não, sabe? To no início da faculdade, ainda tô em dificuldade, ainda não são as matérias de jornalismo ou publicidade ou cinema. Eu sei que eu quero jornalismo, eu já sabia. E eu tinha idéia de TV, assim, mas (PC) eu tenho muita vergonha, sabe (risos) em aparecer. Então, eu pensava se fosse em TV, alguma coisa de texto mesmo. Aí surgiu a oportunidade do estágio, passei, entrevista também...só que lá tem que fazer de tudo, né? Então...eu apareço.

¹²¹ Deu a resposta rapidamente.

Cíntia: Mas é bom. vai gostar muito.

Entrevistada: Não, não, eu to adorando. E é bom também que começa a se superar essas, as minhas coisas, de vergonha, eu sou muito tímida. Então, de ligar na cara de pau e falar com as pessoas, ir na casa de gente, sabe, que eu nunca vi.”Oi, tudo bom?Vou te entrevistar” (risos) Já to adorando.

Cíntia: Por que é que escolheu fazer jornalismo?

Entrevistada: Bom, (PM) Não sei, no segundo grau, mas ou menos,(PC) eu queria humanas, isso assim, que era a área de humanas eu tinha certeza. Aí eu pensava, assim, em direito, comunicação, pensei em psicologia antes, mas aí já não era muito minha praia. Só que aí no direito, quando eu comecei a procurar saber mais sobre as carreiras, teste vocacional, essas coisas, comecei a ver, não sei, se era isso que eu queria trabalhar, sabe? Um bando de lei, eu achei que não que era muito a minha cara. E o meu principal, meu forte que eu sempre gostei muito de ler e escrever. Sempre li muito, escrevi muito desde nova... e... aí, eu achei que era um caminho. Eu ia poder ler, escrever, me expressar, mas não necessariamente sobre leis, sobre qualquer coisa que eu quisesse. Aí eu acabei...e...cheguei assim, que, querendo, mas não com tanta certeza que eu quero hoje, sabe? Hoje eu tenho certeza que foi a melhor coisa que eu escolhi.

Cíntia: Antes de entrar para a faculdade, tinha uma noção, uma visão do que era jornalismo. Qual era sua visão antes e agora, que está estudando jornalismo e que está trabalhando na área, né, já está atuando?

Entrevistada: Bom, antes eu tinha noção de que era uma profissão que se trabalhava muito, (PC) que eu escutava as pessoas falando eu ia me prejudicar, vida pessoal, etc. porque tempo, plantão, notícia acontece toda hora. Então, fica meio que escravo do que está acontecendo. A sua vida passa a ser essa. (PC) e aqui, dentro é muito isso. E na TV, assim,no estágio (PC) eu acho que (PC) talvez o que (PC), que mais assim, que me faça enxergar é que eu convivo com, pessoas diferentes, áreas diferentes, eu convivo com muita gente, sabe, pessoas que talvez eu não tivesse oportunidade de conhecer se não fosse pela profissão. Eu tenho a oportunidade de, de repente, pegar um assunto que eu gosto, sugerir uma pauta e, através disso, chegar em alguma pessoa que eu admiro, e tal, que eu não, não ia ter acesso de forma alguma sendo, sabe, simples admiradora.

Cíntia: O que é, qual a função do Jornalismo na sua opinião?

Entrevistada: Informar, principalmente.(PC), e eu acho que...(PM) Ah, não sei. Acho que, assim: esse, esse negócio de imparcialidade, tal, acho que pode ser por aí, mas também não, sabe, porque não dá sua opinião, entendeu? Mas acho que principalmente informar as pessoas o que ta acontecendo, ter muito detalhe, exatamente o que acontece.

Cíntia: sugere pautas?

Entrevistada: Claro.

Cíntia: Como é que surgem essas pautas, surgem na sua cabeça? tira de onde isso, como é que elas vêm?

Entrevistada: Geralmente site, jornal, site de jornal e jornal mesmo, assim.

Cíntia: O que leva em consideração para escolher?

Entrevistada: Algum assunto que me interesse (PC) Eu sugerindo, às vezes, né, se eu faço uma pauta de outra pessoa não necessariamente aquele assunto me interessa, eu tenho que fazer. Mas alguma coisa, assim, que eu tenha vontade de produzir, de ta ali, de, ver aquilo acontecer, alguma coisa que seria do meu interesse, né. Porque acho que eu vou fazer com muito mais vontade, vou correr muito atrás, mas atrás do que eu correria se não fosse.

Cíntia: Qual o programa que ta trabalhando?

Entrevista: Antena.

Cíntia: Como classificaria ele. Variedade, entretenimento, jornalístico, o que ele é?

Entrevistada: Eu acho ele um pouco de tudo. É porque, é assim. O estagiário da manhã na TV tem um perfil muito diferente do estagiário da tarde. O que é que acontece. Eu não só tenho pautas minhas, que eu posso sugerir ou não, mas pelo meu horário ser diferente até dos chefes mesmo, eu não tenho reunião de pauta, eu não participo do dia-a-dia que, essa confusão que vê, sabe, esse entra e sai, faltando computador, não tenho isso. Eu tenho um computador, tenho quatro computadores para mim, sabe (risos) e...as pessoas do Contraponto pedem para fazer muita coisa pra eles. Tanto de sonora como povo fala principalmente. Nunca fiz tanto povo fala. Só faço povo fala. Então, eu não tenho, eu não tenho uma rotina, um programa fixo, sabe, muito é... eu preciso entregar essa pauta hoje, fechar essa pauta tal dia, fechar esse roteiro, entendeu? Eu faço muito mais produção pros outros e as minhas produções eu tenho tempo a mais pra me dedicar até porque eu trabalho de oito a meio-dia. Se é marcando, marcar uma entrevista com uma pessoa, esse horário é mais complicado, é tudo mais complicado. Eu acabo funcionando mais como apoio pra todo mundo pra qualquer programa do que pra um específico, entendeu? Mas eu faço de tudo.

Cíntia: Uma matéria que tenha gostado muito ou de fazer ou aquele que viu aqui e falou “poxa, eu queria ter feito essa!”

Entrevistada: Olha, eu não sei (risos) Porque eu to aqui a muito pouco tempo. Então eu já fechei acho que uma ou duas matérias e, assim, coisa por enquanto pequena, aqui dentro da INSTITUIÇÃO, exposição, etc.tem uma coisa dentro da TV, sabe, que se chama lapada, pra cobrir os eventos daqui...eu faço muita lapada. Qualquer palestra, qualquer coisa, sempre que o reitor ta em algum lugar, a gente tem que cobrir. Mas não chega a ser um VT que vai entrevistar as pessoas, etc. faz um apanhado, né, informar o que aconteceu, faz umas imagens, isso é o que eu faço mais. Mas tem muita matéria legal. Eu não tenho muito nem tempo de participar da produção. Às vezes, eu só vou ver os programas se eu to em casa e, aí, boto lá pra ver, né? Que acabou virando rotina. Eu nunca tinha visto a TV. Agora sempre lá, sabe e...muita coisa, sabe, especialmente, o Contraponto (PM) não, não, eu acho que o Antena tem o espaço pra criar porque é um tema mais livre, pode escolher o que quer. O contraponto tem aquele tema definido. E em cima disso, cria. Mas eu acho que desde que eu to aqui, os, antes, os contrapontos anteriores, eu não sei, mas desde que eu estou aqui, os temas estão sendo muito legais, eles estão muito criativos e eu queria poder participar, dessa escolha, do debate, de como vai ser cada bloco, o que eles vão trazer pra cá ou não.eu não tenho o menor conhecimento, sabe? O máximo que eu vejo é a gravação acontecer ou o programa no ar.

Cíntia: fazendo o texto, o chefe vê depois.

Entrevistada: É, não. A gente total liberdade de fazer...

Cíntia: Mas tem uma orientação.

Entrevistada: Mas tem a orientação. Todo roteiro, pra ser editado precisa da autorização do chefe, entendeu? A gente faz aí “Ah, isso aqui não ta legal. O que acha de mudar essa palavra ou não?” Mas a idéia é nossa. A gente cria e eles vão só orientando, sabe, o que vai ser melhor.

Cíntia: acha que jornalismo tem alguma relação com educação?

Entrevistada: Eu acho que tem muito. Principalmente (PM) eu não sei. Acho que todo lugar tem uma televisão. Então, começa por aí. E nem toda pessoa que vê televisão tem a oportunidade de... estudar. Principalmente lugar que tem pessoas carentes, a..., se tem escola é longe, sabe, às vezes não pode ir ou tem que trabalhar pra ajudar em casa e não tem tempo de estudar, só mesmo informação da televisão. Então eu acho que a

televisão, até eu acho que ela *tem o dever*¹²² de educação de alguma, de alguma forma. Eu acho que o jornalismo tá muito nisso, porque ele mexe com que está acontecendo. Então, se usar a, o gancho do que acontece pra ensinar alguma coisa, passar uma mensagem que fique, sabe, que não se faz assim “ali, eu vi o jornal e acabou e nunca mais, sabe? Uma coisa que pare pra pensar que vai refletir, que vai usar isso no dia-a-dia. Acho que isso é muito importante.

Cíntia: acha que a TV1 faz isso?

Entrevistada: Eu acho que de certa forma sim. Eu acho que a UTV em geral (PC) eu não sei se se é o papel deles é esse, mas acho que deveria ser, se não for. E acho que as pautas que a gente faz aqui procuram alguma forma mostrar, sabe, tem muita matéria de edição, entendeu? Eu acho que, como é um canal fechado, muita gente que de repente precisa desse tipo de educação de televisão não tem oportunidade de ver. Mas eu acho que tem muitas coisas que levam a isso sabe.

Cíntia: já ouviu falar em Jornalismo Educativo?

Entrevistada: Já, por alto, nada...

Cíntia: Tem noção do que seja?

Entrevistada: Jornalismo que educa (risos)?

Cíntia: Quero saber se conhece alguma coisa, se já ouviu falar.

Entrevistada: Já ouvi falar, mas nada...assim, só, o termo. Nada sobre, entendeu?

Cíntia: Nenhum professor, nenhuma disciplina comentou isso?

Entrevistada: Até agora não, até agora não. Acho que mais pra frente porque...eu acho o seguinte: agora eu tenho matéria muito em geral. Eu não tenho só jornalismo. Eu tenho cinema e publicidade também. Então, acho que não dá pra aprofundar muito. A partir do próximo período, que é o quarto, divide e aí é tudo muito específico. Aí tem só jornalismo até o final. Aí eu acho que as coisas vão começar a serem mais expostas, sabe, agora ainda tá mostrando o geral para as pessoas escolherem. Tem muita gente não sabe o que quer.

Cíntia: Por exemplo, se eu tiver um incêndio aqui na Gávea, e aí os repórteres saírem daqui para fazer a matéria, eles vão chegar lá e fazer aquela formulazinha: o que, quem quando onde e por que. Se a gente falar em Jornalismo Educativo, o repórter sai daqui e vai fazer exatamente a mesma coisa, mas ele iria incluir na matéria dele, será que está seguro no seu prédio? Como pode evitar que isso aconteça no seu prédio? Então ele vai fazer a pessoa refletir sobre o assunto, vai pensar sobre aquilo, receber alguma informação que ele não conhecia que vai provocar alguma transformação nele de alguma maneira, ele como cidadão, ele como um, com um... eleitor, em relação ao meio ambiente, enfim, vai haver uma alteração e não apenas ah! Teve um incêndio. Então seria isso seria mais ou menos o jornalismo educativo. acha que isso acontece aqui na TV1?

Entrevistada: Eu acho, principalmente com meio ambiente. As matérias de poluição, etc sempre... procuram chegar nesse ponto, sabe? Principalmente por mui...que eu tenha feito povo fala, por exemplo? e perguntar sabe o que é? Sabe o que que é isso? sabe o que que acontece se faz uma coisa dessas que é uma coisa errada? acha que isso deveria acontecer ou não? Por que acha que não deveria acontecer? O que acha que ia mudar? Eu acho que é uma forma de tá fazendo a pessoa parar pra, pra pensar. Ontem eu fui até fazer um povo fala sobre esse contraponto que tá sendo gravado, do jeitinho da corrupção, eu fui perguntar pras pessoas se elas já tinham comprado algum dvd piraata ou furado fila, se elas achavam que isso era corrupção ou não. E as pessoas pararem pra pensar e assim, às vezes, esquecerem, que era pra uma gravação e começar

¹²² Nesse trecho, a entrevistada deu ênfase.

a conversar comigo. “Ah,eu nunca tinha pensado nisso!” “Ah, mas é uma corrupção, então, se eu fizer isso...” aí eu perguntava: cê acha que essa corrupção se compara a corrupção na política que todo mundo condena, e aí ta fazendo, e aí... sabe o que acontece com quem faz isso? “Não, não acontece nada, porque no Brasil não tem justiça, não acontece nada.” Então, o que cê acha para que poderia mudar para isso acontecer? Então, eu acho que isso vai, sabe, de alguma forma , uma dessas pessoas pelo menos vai parar pra pensar nisso depois. Pô me pararam na rua e aí aconteceu isso, sabe?

Depoente 8 – TV1 - estagiário

Cíntia – está em que período?

Entrevistado: sétimo.

Cíntia: Sétimo período. E quanto tem na, na TV1?

Entrevistado: Desde agosto.

Cíntia: Pouco tempo!

Entrevistado: Pouco tempo.

Cíntia: Por que resolveu ser jornalista?

Entrevistado: Por que eu resolvi ser jornalista? (PC) É... acho que...não sei. Cada, cada hora eu descubro alguma coisa diferente porque eu resolvi ser jornalista. É, ... agora eu to numa, to (riso) num momento de uma tese sobre mim mesmo que é...acho que foi pelo não incentivo das minhas professoras de português eu me sentia desafiado a escrever e a...e a... e aí eu falo// E aí eu só tirava notas ruins em português, eu queria saber fazer, eu queria, sempre eu me interessei, sempre me achei incompreendido nas coisas que fazia e aí acho que por orgulho, por vontade vim fazer jornalismo. Mas, mais por outras coisas também. Acho que é um, o jornalista é um generalista, fala de tudo. Eu acho que...eu sempre tive essa necessidade de explorar tudo que eu, que eu poderia ter, então... Desde moleque, sabe, fazia natação, judô, jiu-jitsu, capoeira, fazia inventava tudo, tava sempre inventando alguma coisa, me reinventando. Então, acho que o jornalismo é bem por aí. se reinventa cada, cada matéria diferente cê ta fazendo, cê mergulha de cabeça num assunto que nunca ouviu falar e...tem que ter um texto publicável ou um...um..., uma matéria, um VT ou alguma coisa, eu acho que é essa reinvenção de si mesmo.

Cíntia: E a TV1, por que entrou aqui?

Entrevistado:TV1...bom, primeiro que é...é uma experiência muito bem reconhecida entre, entre as universitários. Se fala muito bem, é..., da experiência, do aprendizado que se tem...então...eu agora, eu tranquei durante um ano, tava viajando, é...tive poucos estágios. Então acabei me inscrevendo e passei pra TV e eu acho que é (PC) é um, é um espaço, na verdade, é um espaço no meu currículo, que é o currículo antigo, né, que o currículo mudou há pouco tempo, tornou um currículo mais técnico. Então, as pessoas tem mais essas, essa experiência. No meu currículo não tinha muito essa experiência. Então, assim, mas o comunicar era, era o lugar onde se tinha essa experiência, só que esse lugar não, é...nem todo mundo tem acesso. Aliás, (PC) pequena parcela dos universitários tem acesso. Então, é...tando aqui podendo ta tendo um cotidiano de produção de TV, um estágio de TV onde é o repórter (PC) qualquer estágio aí fora onde é repórter (BUFOU) vai demorar muito para ser repórter antes de , reunião de pauta, escolher o que ta fazendo, correr atrás disso então goza de uma liberdade que não vai

encontrar em outros estágios de TV e ...e também porque eu me interessava muito por TV - relação de imagem, palavra, texto.

Cíntia: É o que quer? TV?

Entrevistado: Eu não to fechado não, to fechado não. Aquela, a mesma, o mesmo tom de estar sempre me buscando, mas é me interessa muito. Acho que ela tem recursos complementares e, é...e diferentes. É uma especificidade que me interessa, assim...

Cíntia: Qual a visão que tinha de jornalismo antes de entrar para a faculdade e depois, agora que está exercendo as funções de jornalista?

Entrevistado: A visão? Acho que não mudou muito não. Acho que não (PM) É...acho que, que o principal, o principal que muda é, percebe que o jornalismo, ele, ele, ele está inserido num sistema capitalista, né? não ta, ta// O jornalismo é uma empresa, né? O jornal é uma empresa, jornal tem que vender. É..., então, tem que se fazer cálculos, tem que se pensar matérias e pautas que vão render, coisas que vão render, então,(riso) não é simplesmente o que aconteceu, né? Então, acho que, sabe disso antes, mas quando se depara com isso no dia-a-dia, quando trabalha com esses números, quando vê que certos veículos não são possíveis porque não vão ter anunciantes. É, isso é, isso, esse, esse é o maior choque em relação a (PM) não é choque porque eu já sabia, né? Mas é uma é uma percepção maior disso. Acho que, pra mim, acho que foi isso que...

Cíntia: Qual a função do jornalista pra ?

Entrevistado? Função do jornalista?

Cíntia: Ou do jornalismo?

Entrevistado: (PM) Acho que é uma função primordial dentro de uma sociedade, informar, levar informação, função primordial do jornalista e essencial para uma... sociedade democrática onde, onde tem a liberdade de pensamento, liberdade, claro, falando de um jornalismo ideal, né? Não de um jornalismo... é,... (PL) Não vou dizer jornalismo político porque, assim, eu prefiro que as coisas sejam esclarecidas, né, que enfim, que faça um jornalismo político mas que seja claro pro público que ta, né, que ta recebendo. E..., que não seja maquiado por um, por um, uma suposta neutralidade, uma suposta objetividade que...a gente aprende aqui sim, estuda que não é possível, realmente, é, é o ideal, né? buscar essa imparcialidade, mas qualquer coisa, uma foto, ta, ta o seu dedo, ta o seu pensamento. Então, acho que o jornalismo tá nesse...essencial pra i...e, e de uma certa forma, com a internet, acho que o jornalismo vai estar exercendo uma função ainda mais presente nessa, nesse processo democrático porque , com essa interatividade - não essa, não essa interatividade ilusória que a gente vive agora nesse começo de internet onde os velhos meios ainda dominam a internet e tentam fazer o velho jornalismo em um meio novo. É...mas eu acho que se desenvolvendo, a gente tem um monte de experiência aí já no mundo que vai ser o, é ...uma revolução realmente no jornalismo e muito importante, tem essa troca, tem poten// Cada cidadão um repórter em potencial, isso aí vai ser...vai dar muito pano pra manga no futuro.

Cíntia: Quando escolhe uma pauta, sugere uma pauta, como ela surge na sua cabeça?

Entrevistado: Como é que ela surge na cabeça? Bom, a gente vai depender sempre do veículo e do do que a gente ta fazendo, mas é...normalmente ele é fruto de pesquisa, leitura de jornal, pesquisa na internet. Quando não, é...(PM) conversa também, né, conversa com os amigos, cê percebe que alguma coisa aconteceu, percebe que “Ah! Ali pode ter uma pauta, pode ta uma coisa que junta mesmo, né? ouve falar de uma coisa que um outro camarada falou e junta (PC) e vê que ta presente em mais de um lugar, então, assim, se está presente de um lugar, porque que está presente em mais um lugar? Assim mesmo...aí isso já vai levanta...já vai, vai vão surgindo as partes na sua cabeça, acho que é bem por aí.

Cíntia: Das matérias que fez, quais as que mais gostou?

Entrevistado: Que eu fiz? Faz, eu fiz um pro, acho que o programa que eu gostei foi o programa que a gente fez na Bienal.que a gente levou o Contraponto que o, é o nosso programa que grava sempre em estúdio, a gente saiu do estúdio e foi gravar na Bienal, então aí entrevistamos Ariano Suassuna, o Cristóvão Buarque, Afonso Romano de Santana. Eu achei que esse// Foi um programa que ia num aprendizado muito grande, eles controlavam toda a parafernália do estúdio, assim, com , com duas câmeras, três câmeras com uma galera, com uma equipe inteira correndo atrás, vendo “ali, o Ariano Suassuna ta lá em cima, vamo lá correndo”. Na sala de imprensa, então...isso foi um programa que eu acho que eu que eu mais gostei sem dúvida foi da Bienal do livro.

Cíntia: E a matéria? Se tiver que pegar, escolher uma matéria que gostou?

Entrevista: Uma matéria específica? É...então, eu só fiz o Contraponto, assim (riso), é o único programa que eu participei até agora, que aí normalmente é o, é aí ta o, eu faço um VT que ta incluído em um bloco, né? Então, se eu fosse pegar, porque o primeiro, eu to em duas equipes. Primeiro eu participei como subeditor, então não fiz matéria, fazia o estúdio. E a segunda participei como repórter. Então, foram três programas só. Então, nesse três, eu posso dizer pra que o...o segundo que foi o...o sobre o...que foi eu trabalhei a questão do, do, do herói, né, eu trabalhei com o filme Tropa de Elite, né, seria o capitão Nascimento personagem do Wagner Moura um herói? E aí entrevistei o pessoal da Tropa de Elite, achei que isso foi minha matéria mais legal em relação a um her//, o capitão nascimento como herói, né? Essa análise aí.

Cíntia: E alguma matéria que outro colega tenha feito que fala assim “poxa, queria te feito essa matéria!”

Entrevistado: Que outro colega fez?(PM) Acho que sobre o samba, vai ter um programa inteiro sobre o samba. Acho que me interessa muito e...aí eu vejo pra ir pro, pra Madureira entrevistar a velha guarda às vezes, pô, é um programa que eu gostaria de fazer sem dúvida.

Cíntia: acha que jornalismo tem a ver com educação?

Entrevistado: Com educação?(PL) Sim. acho muito que tenha a ver inclusive falei isso na min há entrevista. É que fui professor, durante alguns te// algum tempo. Professor de matemática, depois dei aula de alfabetização, depois é, virei supervisor de um projeto de educação. E, na verdade, o jornalista ele é o mais pretensioso dos professores porque ele pretende ensinar sem a presença da sala. Então, ele tem que tomar cuidado naqui, naquilo que ele prepara da melhor forma possível pra que não haja dúvidas. Então...claro que eu acho que o processo de construção de conhecimento// O Pedro Demo que dizia “o professor que acha que tirar dúvida é, é, é, dar aula é, dá aula, é um babaca, né? Porque dá aula é fazer dúvidas. E que o, o, o, a construção do conhecimento vem a partir das criação das dúvidas, né? Quando o cara tem uma dúvida, ele vai gostar, saber por aquilo. Mas o professor é, é, é exatamente esse cara. Ele, ele se propõe a responder todas as dúvidas num, num no que ele, no que ele produz, no trabalho dele. Então, eu acho que o jornalista é o (PIGARRO) é o professor mais pretensioso.

Cíntia: tem a orientação aqui dos professores pra fazer suas matérias, não é isso?

Entrevistado: Sim.

Cíntia: Então, eles estão sempre acompanhando ?

Entrevistado: sim, eles estão sempre acompanhando, sempre direcionando, é...dizendo o que dá e o que não dá, principalmente em relação a recursos, né, acho que isso é... e a visão do produto final, né? Em televisão , no papel e quando realmente vê o que ta acontecendo é uma é uma diferença grande, né, quando tem o som, tem a imagem, tudo isso é, é, diferente quando lê ali no papel. Às vezes pode fazer muito sentido pra no papel, mas quando vai, não funciona quando vai pra, pra, pra, verdade mesmo, né,

u.u.uma imagem som funcionando. E às vezes tem uma coisa também que tem umas soluções mais fáceis principalmente em relação à linguagem, essa adaptação do conteúdo da sua idéia pra linguagem da TV. Acho que essa é a principal orientação.

Cíntia: já ouviu falar em Jornalismo Educativo?

Entrevistado: Sim¹²³.

Cíntia: sabe o que é?

Entrevistado: Educativo? Do sentido de, de, de educar através de, de, de jornais/notícias? Não, na verdade (PC) não muito ouvi falar, então.

Cíntia: Jornalismo Educativo, vou dar um exemplo que eu to dando para todo mundo, que é o meio simples e o que pode e que pode visualizar num telejornal normal. Se está tendo um incêndio aqui na Gávea, num prédio, o jornalista vai lá e vai falar o que, quem quando onde como e por que, né? O que que acontece, como aconteceu, onde aconteceu, aquelas informações todas. Já no jornalismo educativo, o repórter vai fazer a mesma coisa. Só que depois, ele iria falar assim: será que está seguro no seu prédio? O que precisa saber para que isso não aconteça no seu prédio? É uma maneira de fazer a pessoa refletir sobre o assunto e não apenas receber a informação e acabou o assunto ali.então, pode colocar isso em eleições, quando eles começam a falar do processo, como é o processo de eleição, a urna eletrônica...isso é uma, é jornalismo educativo. Porque não é simplesmente passar a informação. Está acontecendo a eleição ou vai acontecer a eleição. Ele vai dando outras informações para as pessoas refletirem sobre o assunto, pensarem sobre o assunto ou aprenderem alguma coisa para agir. Acha que isso acontece na TV1?

Entrevistado: se eu acho que acontece?

Cíntia: Que tenha esse tipo de preocupação, de jornalismo educativo.

Entrevistado: Eu acho que aqui a gente tem um pouco mais de liberdade, eu acho que de certa forma tangencia essa idéia de Jornalismo Educativo. Eu nunca, nunca ouvi, num, num consigo vislumbrar ainda o ideal disso, né? Pra mim, acho que o ideal disso está perto, próximo da internet com conceito do hiperlink, né, que pode dentro de uma matéria, quer saber mais, vai buscar o link no negócio ao, aí começa a entrar e pode ficar uma hora guiando em torno daquele tema. Acho que, pra mim, seria, é...é como eu vejo da melhor forma. Porque quando isso é induzido, eu acho que, não sei, se pode funcionar direito. Poder, sei lá (PM) se pessoas que sei lá pô, sentir se ofendidas. O que o cara ta falando me explicando? Por que sou um idiota, sei lá, sentir ofendido. O cara ta falando e explicando porque sou um idiota? Não sei o que. Sei lá, acho que pode ter alguns efeitos, assim, que num é, é seria necessário se entender melhor, assim. Mas eu acho que, e também é muito difícil de ser feito porque se se aprofundou nisso não naquilo, né? Então, é muito fácil cair numa ilusão sua, na condução sua, né, na condução da matéria. mas... eu acho que a gente faz, assim, de certo ponto aqui isso. Tem uma profundidade maior em alguns temas do que, a gente tem mais tempo, mais coisa pra trabalhar.

Cíntia:Acha que essa poderia ser uma das funções da TV Pública ou da TV Universitária de modo geral ou não importa?

Entrevista: Acho que pode ser função? Acho que, acho que importa sim e eu acho que sim, que e acho que poderia ser uma das que cumprem, né? A gente tem sempre preocupação. Pensando mais profundamente a gente tem sim. É...eu arrango esse programa no contraponto e a gente procura bastante fazer isso. É...principalmente contextualizar, pegar o próprio nome do programa “Contraponto”, né, ouvir todos os lados da, da da questão, programa de três blocos, né. Tese, antítese e síntese. Então tem

¹²³ O entrevistado não demorou para responder, mas falou em tom mais baixo passando insegurança.

que, a gente tem essa preocupação sim e é muito passado por orientação também, de estar buscando profundamente e indo além da própria notícia, né? Alguns programas permitem uma pouco mais isso, mas...

TV2

Depoente 9 - Diretor de Comunicação. TV2

Cíntia: O senhor participa da reunião de pauta dos programas?

Entrevistado: Não. É...eu deixo, eu dou liberdade, dou sugestões, essa coisa toda, mas eu prefiro, eu prefiro dar liberdade pra eles fazerem o trabalho porque aí, como minha função é de confiança, às vezes isso pode cercar a pauta ou pode parecer que eu estou impondo. É claro que às vezes eu tenho sugestões, às vezes tem alguma coisa que interessa a universidade, eu levo e, e aí eles acatam, não sei por que mas eles acatam (risos).

Cíntia: o senhor tem idéia de quantos alunos tem atualmente fazendo estágio?

Entrevistado: Não tenho, mas é...três ou quatro.

Cíntia: Então .../

Entrevistado: a gente quer ver se aumenta.

Cíntia: E...e quem cuida efetivamente são profissionais, então? Da área de comunicação?

Entrevistado: Isso.

Cíntia: E o que fazem os estagiários?

Entrevistado: Aí pergunta pra Q. Dependendo da, da, da competência de cada um, eles entram fazendo pauta, produção e acabam indo pra externa se tiverem capacidade de acompanhar.

Cíntia: Saindo um pouquinho daqui, voltando lá no seu passado. é jornalista. Por que decidiu ser jornalista?

Entrevistado: Olha só, na verdade foi minha segunda opção. A primeira foi estatística. Eu trabalhava com estatística econômica e tinha vontade de trabalhar em jornal de editoria de economia. Aí, fiz curso de jornalismo e fui trabalhar em editoria de economia. Trabalhei durante um tempo no Jornal do Brasil na editoria de economia e... (PM) depois eu parti pra assessoria. Mas dou aula na universidade desde 78.

Cíntia: Antes de exercer a profissão, o que era jornalismo pra e o que é Jornalismo atualmente? Houve diferença?

Entrevistado: Houve, porque a televisão não era tão forte e eu sou leitor de jornal desde 17, dezoito anos, acho que era, acho que um dos motivos era de (PC) um veículo de defesa do cidadão (PL) Não era só informação, era um veículo de questionamento do estado, essa coisa toda.

Cíntia: E hoje?

Entrevistado: Eu leio pouco jornal.

Cíntia: Mais televisão?

Entrevistado: Não. Quase não vejo. Mais do que noticiário, eu leio coluna, né, colunista.

Cíntia: Como vê o jornalismo hoje?

Entrevistado: o jornalismo hoje, olha só (PL). Eu acho que ele tá tendo uma rearrumação (PM) por esse número múltiplo de mídia, da dificuldade do meio de comunicação de... conciliar verba com preço de capa, anúncio que vai na televisão. Hoje a...(PL)/ até os anos 70 (PM), os jornais não eram tão empresariais como é hoje. Mas não tinha essa visão tão de mercado como tem hoje (PL). Antigamente, tinha pessoas

cobrindo um setor. Hoje em dia tem vários setores coberto por um jornalista. Mudou um pouco, se diversificou, né, tem três ou quatro revistas importantes semanais, jornais na verdade até diminuiu no Rio de Janeiro, passaram a ter uma referência maior, mas acho importante, né mas é... o departamento comercial, a impressão que eu tenho, é que tem mais empregados do que as redações.

Cíntia: E Educação, tem relação com jornalismo?

Entrevistado: Toda, toda. Eu acho que, que a educação no Brasil esteve e está em declínio. E que acaba afetando na formação das pessoas, todas, já que estamos falando de jornal, acaba afetando o nosso mercado. E como as pessoas precisam de emprego também acabam acertando salários mais baixos do que a importância social que eles têm. Não tô falando de exceções. Mas tem futebol o Ronaldinho Gaúcho, tem o Zé das Couves que joga em Bonsucesso Futebol Clube, né? É...então não é mais aquilo, aquele, o jornalismo tem seu charme, mas não é como tinha um peso grande.

Cíntia: a função do jornalismo seria também de educar? Ou seria de informar?

Entrevistado: Formar. Não de educar. Eu acho que a educação é uma coisa da escola. Os jornais poderiam ajudar na formação que a escola dá. (PL) Não tô falando de televisão, mas mesmo a televisão pode ter espaço pra ajudar na formação. Educação, eu acho que é família, casa, lar e escola. Eu acho que são essas coisas. O resto é fortalecimento ou comportamento.

Cíntia: Normalmente as pessoas falam que a função do jornalismo é informar. Então vem aquela história do O que? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê? Mas ele poderia ir além disso?

Entrevistado: Eu acho que é informar e formar. Informar e formar opinião. Informar simplesmente não quer dizer absolutamente nada, né? Mas acho que há necessidade de, isso que eu falei, por isso eu dou importância à coluna que ela também forma.

Cíntia: já ouviu falar em Jornalismo Educativo?

Entrevistado: (PL) Depende do que chama de Jornalismo Educativo. Existem várias formas. Educomunicação, é... educar comunicando. Mas até onde eu sei, um trabalho em comunidade e não um trabalho na sociedade.

Cíntia: Eu to falando de Jornalismo Educativo que não tem muita publicação no Brasil. Mas Jornalismo Educativo seria um jornalismo que dá algo além da informação. Se tiver um prédio pegando fogo, o repórter vai lá e diz o que aconteceu, onde aconteceu, como foi. Mas se ele usasse uma linguagem de Jornalismo Educativo seria o que poderia ser feito para evitar que aquilo aconteça no seu prédio, que tenha alguma coisa a mais pra que o leitor ou telespectador reflita sobre o tema. Uma reportagem de como usar a urna eletrônica é Jornalismo Educativo. Esse tipo de preocupação existe na UTV?

Entrevistado: Olha, nesse sentido não, porque nosso público é universitário. Então, a TV Educativa acho que ela deve ajudar a formar, o aluno universitário está exercendo sua crítica, seu olhar, sua forma de receber informação. Nesse sentido, a UTV não faz por esse público, pelo perfil do seu público. Deveria ou não fazer, isso a gente possa pensar.

Cíntia: Será que faria alguma diferença para o telespectador.?

Entrevistado: Pro nosso telespectador, eu acho que não. A menos que a UTV mudasse sua proposta. As universidades todas que fazem parte desse pool mudassem sua proposta.

Cíntia: Quantos programas são feitos aqui?

Entrevistado: São quatro ou cinco e às vezes fazemos uns especiais.

Cíntia: E todos pra UTV

Entrevistado: Todos pra UTV.

Depoente 10 – estagiário Relações Públicas – TV2

Cíntia: Qual sua função?

Entrevistado: Eu sou estagiário

Cíntia: Faz jornalismo?

Entrevistado: Faço Relações Públicas, é...no programa Andante.

Cíntia: Como classifica o programa Andante?

Entrevistado: É um programa de entrevista com música.

Cíntia: Por que resolveu fazer Relações Públicas e trabalhar em Jornalismo?

Entrevistado: Porque é muuuito bom. Eu acabei chegando/ eu passei por muita coisa antes de chegar na comunicação, sou técnico de eletrotécnica, fui analista de sistemas..., fui webdesigner..., quando estava fazendo webdesigner... fazia informática..., o design me despertou para a comunicação..., na comunicação fui procurar os campos... e acabei me interessando em publicidade..., mas aí quando eu passei pra cá para Relações Públicas, eu acabei me encontrando muito mais pelo...pelo campo teórico da publicidade. Daí eu comecei a... os alunos daqui, tinha um programa chamado palavra cruzada, o CTE tava dando apoio, emprestava câmera, a gente utilizava laboratório de vídeo para produzir também, mas o programa era todo feito por alunos, do oitavo período que coordenava mais e alunos do segundo, primeiro período botando a mão na massa, fazendo produção... e entrando na faculdade eu queria fazer tudo o que tava ao meu alcance. Depois, voltei a trabalhar como webdesigner... e fui trabalhar na assessoria de comunicação de uma ong. Mas acabei atrasando a faculdade e, por questão de horário, tive que sair da assessoria de comunicação e procurei alguma coisa na Instituição. A diretora do programa trabalhava comigo nessa ong e ela me convidou para trabalhar aqui e era compatível com meu horário, que eu estudo manhã e noite. E o estágio aqui é a tarde. Eu moro na instituição E topei trabalhar numa área mais ligada ao jornalismo porque tinha a ver com música e eu sou músico também.

Cíntia: o que está achando do trabalho?

Entrevistado: É um trabalho difícil...por causa das condições materiais que a gente tem aqui no CTE. Poucas câmeras, poucas equipes, dificuldade de sair de carro, dificuldade de produção, de telefone para ligar para celular. É...realmente eu não pretendo ficar na área de produção, de jornalismo, por muito tempo... Pretendo voltar mais para minha área mesmo porque tive pouca oportunidade de ficar na assessoria, fiquei oito meses nessa ong...

Cíntia: Aqui está quanto tempo?

Entrevistado: To há oito meses também. Acredito que sim...novembro,...Não, nove meses.

Cíntia: dá sugestões de pauta?

Entrevistado: Dou

Cíntia: Como surgem as pautas na sua cabeça?

Entrevistado: Bom, eu sou músico. Conheço, como o programa é de entrevista com músico, conheço muitos músicos e.. meu dia-a-dia é esse. Quando não to aqui, não to estudando pra faculdade, to com minha banda, to tocando, to na noite, to saindo conhecendo, conhecendo outro, e chego aqui já com alguma na cabeça e quando acho legal falo pra produtora: ah, fui ao show de fulano, gostei do trabalho dele, ou então, tava conversando com sicrano e ele me indicou um artista que é muito bom e ao mesmo tempo acabei fazendo contato com a produtora e ligo pra saber se tem algum artista trabalhando, se eles querem divulgar, eles me mandam material, leio sobre o artista e se achar interessante eu passo para a produtora.

Cíntia: o que gosta e o que não gosta no jornalismo?

Entrevistado: que eu gosto mais é o fato das pautas mudarem e ter que ficar pesquisando uma coisa diferente. Eu gosto muito desse trabalho. Agora, minha formação é voltada para o mercado de Relações Públicas e eu gosto da minha área.

Cíntia: Não tem nada contra?

Entrevistado: É não tenho contra, mas quero ficar na minha área. Eu pretendo trabalhar com isso. Tem uma lenda na faculdade de comunicação que relações públicas são jornalistas frustrados que não conseguiram passar para jornalismo, mas eu escolhi Relações públicas mesmo, quis fazer e não teria feito jornalismo, não me identifico, não tenho essa veia de repórter, gosto de trabalhar com, comunicação estratégica, política de comunicação de empresa.

Cíntia: Qual acha que é o papel da UTV?

Entrevistado: o papel mais importante da UTV tem a desempenhar é experimentar, ao mesmo tempo preparar os alu// eu acho que ela é muito importante para os alunos da faculdade. Acho que é a razão de existir da TV Universitária é dar vazão ao pensamento da universidade. Para o aluno de comunicação social, que é o meu caso, acho que é o lugar de experimentar, de testar modelo que não são os modelos hegemônicos da comunicação e ao mesmo tempo se acostumar com o mercado, aprender, experimentar, testar, porque a gente vê produção grande de modelos de rádio e colaram na televisão e continua assim. A gente vê programas de domingo, Silvio Santos, Faustão, o mesmo modelo de auditório, de rádio que foi para a televisão, não tem experimentação, não tem nada de novo, não tem um convite para a reflexão, e eu acho que é o convite à reflexão que a TV universitária tem que fazer, dando visibilidade ao pensamento da universidade como permitindo os alunos de comunicação social proporem novos modelos.

Cíntia: acha que jornalismo e educação têm relação?

Entrevistado: Com certeza, não só jornalismo, mas toda produção de TV...a produção de TV tem sido muito feita por jornalista e acho que também não é preciso ser feito especificamente por jornalista ou publicitário. Acho que tem que ser feito por comunicadores. O jornalista é o comunicador que tem peso muito grande na, na nossa televisão e geralmente pauta os conteúdos, pauta os modelos mesmos dos programas, e eu acredito que o conteúdo veiculado na mídia é...divulgado pela mídia é um conteúdo de certa forma formador, educador. O jornalismo é importante pelas pautas que propõe, da maneira que ele trabalha as pautas da maneira que ele traduz o discurso da academia para o público em geral,é... na proposta de modelos que... incentivam... a sociabilidade..., a inclusão de grupos marginais aos modelos que a gente tem. além da formação em si que pauta mais o jornalismo, que é a informação. Acho que a crítica em cima da informação passada também é muito importante para a informação e a educação do cidadão. Eu to falando numa educação numa perspectiva de Ah! Vamos educar nossas crianças. Passar daí para uma educação para todos.

Cíntia: já ouviu falar em Jornalismo Educativo?

Entrevistado: (PM)

Cíntia: ...descreveu o Jornalismo Educativo...É um termo não muito usual no Brasil. pode ligar num telejornal e ver um prédio, um incêndio num prédio. O repórter vai chegar lá e dizer o que, quem, quando, onde, como e por que. Mas se falar em Jornalismo Educativo, ele vai além. Ele vai fazer refletir sobre o fato. Será que estou protegido? O que preciso saber para evitar que isso aconteça na minha casa? acha que isso acontece aqui na UTV? s pensam dessa maneira? Ou quando sai, saiu por sair?

Entrevistado: No meu programa sobre música, a gente trabalha a perspectiva da vida pessoal e da carreira do entrevistado. A gente procura trabalhar o estilo musical, Por exemplo, a gente tenta contar a história do samba, da Mangueira, a gente tenta traçar um

panorama, tenta refletir a questão do mercado do MP3, da pirataria. Geralmente a gente pergunta a visão geral do mundo, mas nem sempre é possível trabalhar isso no programa semanal. Porque não vai ser toda semana que a gente vai conseguir um entrevistado que tenha relevância, que tenha um estilo definido, eu trabalho com samba, com jazz, com blues e sei falar sobre blues, nem todos os entrevistados são assim. Entraram no mercado, construíram uma carreira, mas sem muita reflexão. Então, a gente não pode pedir de todos os entrevistados uma reflexão sobre a história ou sobre o mercado de música. O Patofu, por exemplo, falou muito sobre cenário independente, sobre selo, falaram sobre o mercado mesmo de música e analisaram. E os outros programas como campus, olhar cidadão eu acho que também eles busquem essa reflexão, mas eu não posso falar de fora.

Depoente 11 – Coordenadora da TV2

Cíntia – Bom, vamos lá, me fala um pouquinho sobre a sua formação. se formou aonde, em quê...

Entrevistada: Eu sou bacharel em comunicação social, jornalismo pela PUC do Rio de Janeiro mestre em comunicação e cultura pela Universidade federal do Rio de Janeiro, fiz pós em comunicação na Universidade Federal do Rio de Janeiro, a UFRJ.

Cíntia: E aí? Começou a trabalhar em que, como foi?

Entrevistada: A mim, eu, eu comecei a trabalhar aos 18 anos como cinegrafista numa produtora que prestava serviço pro jôquei, eu gravava os stafs, aí de lá...(PC) fiquei como cinegrafista e depois fui direto pra televisão. Trabalhei como assistente de produção na TV Globo depois na TVE, ã..., e aí fui pra parte é... do editorial. Trabalhei muitos anos na, nas empresas ligadas ao grupo Abril (PC) aí voltei pra televisão pro telecine, e aí quando fui fazer meu mestrado, aí eu fui pra Estácio montar o laboratório de, pra montar a TV Estácio lá em Niterói. Aí na Estácio eu coordenei laboratório, implantei e coordenei laboratório, depois eu implantei e coordenei um curso Politécnico de produção de Rádio e TV (PL) e.. Coordenei a pós-graduação em telejornalismo e aí fui chamada pra coordenar aqui a TV Universitária da Instituição.

Cíntia : Ta desde fevereiro aqui?

Entrevistada: Desde fevereiro.

Cíntia: dá aula aqui também?

Entrevistada: Não... (PL) não, só esse, essa parceria desse curso que a gente ta fazendo com a UNATI, mas eu não faço parte do corpo docente da Universidade.

Cíntia: Tá, e qual é a sua função aqui dentro desse do centro aqui, qual e o nome desse centro?

Entrevistada: Olha, aqui é Centro de Tecnologia Educacional.

Cíntia: O que vem a ser?

Entrevistada: Ele produz toda, toda parte audiovisual ligada à educação aqui. Então a gente tem a videoteca, que e coordenada pela K, a gente tem a Cooptom que é coordenada pela H. que produz... grava as palestras, os seminários, faz vídeos que os professores pedem especificamente pra aula, edições, tal não sei o que...e a Coprote que é coordenação aos programas de TV que é, que responsabi, responsabiliza pela produção e veiculação dos programas da UERJ na TV Universitária.

Cíntia: Quantos programas?

Entrevistada: Bom a gente tem cinco programas na TV Universitária (PM), sendo que dois deles estão saindo da grade pra entrarem outros novos.

Cíntia: Quais são atualmente?

Entrevistada: É o Campus que é um programa semanal, (PL) o Galeria...o Andante que é um programa também semanal de música temático. O Galeria que é um programa mensal temático, que é de artes.(PC) A gente tem o olhar cidadão que é um debate, que ta sendo reprisado e que vai ser substituído pelo Vira-Letra que é um programa sobre...(PC) é uma parceria com a Instituição com a editora da Instituição, pra gente falar sobre, é, a produção e o mercado... editorial acadêmico. E o.. Cenas de Cinema que também ta,ta sendo reprisado vai ser substituído pelo Enfoque (PC) o Enfoque também é mensal (PC),é..que vai ser veiculação de documentários que a gente vai fazer em parceria, né, que a gente abriu aí é inscrição pra pros alunos dos Centros Universitários, pra que a gente pudesse selecionar esses alunos, é, é, introduzir esses documentários em parceria com os alunos, tipo colaboração, né, e projetos como esses de parceria com a UNATI também. Esse produto aí vai ser veiculado nesse programa que vai ser mensal.

Cíntia : Como é que classificaria esses programas? O Campus é Jornalístico, é entrevistas...

Entrevistada: O Campus é uma revista semanal.

Cíntia: E o Andante?

Entrevistada: É um programa de entrevista.

Cíntia: O Galeria?

Entrevistado: O Galeria é uma revista temática, né.

Cíntia: Olhar Cidadão?

Entrevistada: O Olhar Cidadão é debate.

Cíntia: E o Vira-Letra?

Entrevistada: O Vira-Letra é entrevista, (PL) e o Enfoque é documentário.

Cíntia: Quantas pessoas trabalham na produção desses programas?

Entrevistada: Tem que contar Cíntia, tem que contar, mas, por exemplo, no Campus... eu pego o papel e te mostro.

Cíntia: Tá.

Entrevistada: Então... umas vinte pessoas.

Cíntia: Umas vinte.

Entrevistada: É.

Cíntia: dentre estas pessoas quantos são estudantes e quantos são profissionais?

Entrevistada: Não, aí a gente tem os estagiários, né, a maioria deles é profissional.

Cíntia: Tá.

Entrevistada: A maioria deles é profissional.

Cíntia: E aí os estagiários?

Entrevistada: Mas tudo bem.

Cíntia: Os estagiários?

Entrevistada: Os estagiários a gente tem o Rômulo que trabalha com a gente, a gente tem.. a Estética que é inclusive uma estudante é que ela mora super, super, ela é de fora estuda aqui na UERJ, é...temos o Bruno (PL) temos...é Campus, Andante, Galeria, temos uma parceria com a FAETEC que é um estagiário de edição.

Cíntia: E o quê que eles fazem esses estagiários?

Entrevistada: Eles acompanham essas produções, os estagiários de produção...

Cíntia: Quem faz as reportagens não são os profissionais.

Entrevistada: Não, não profissionais,(PC) eles acompanham fazem pesquisa, fazem a produção, acompanham a edição, mas não, não lhe é imputada nenhuma responsabilidade toda finalização do programa, eles tem uma coisa que eu sempre frisei aqui, estágio é um treinamento profissional, então ele esta aqui pra ser, pra ter um treinamento profissional.

Cíntia: E eles são orientados por quem?

Entrevistada: Pelos diretores e produtores dos programas. Alguns estagiários trabalham em parceria com alguns produtores, como o caso do, o caso do Galeria por exemplo o estagiário trabalha diretamente com a U., quer dizer tudo com a U. que é diretora do programa, né. No caso do Campus, a Estética trabalha mais com o pessoal da produção, e no caso do Andante que é o caso do S. ele trabalha direto com a Q. que é diretora.

Cíntia: Tá. E coordena todo essa esse núcleo.

Entrevistada: Isso.

Cíntia: Ta. U... as pautas como é que elas surgem?

Entrevistadas: Reuniões de pautas que são feitas dirigidas pelos diretores, né, cabeçadas pelos diretores, eles fazem reuniões de pautas com os seus programas. Essas reuniões de pautas todos participam produtores, estagiários, né, quer dizer de cada, cada programa, né. Então eles fazem essas reuniões de pautas, decidem as pautas dos programas e começam a produção.

Cíntia: tem idéia de qual critério eles utilizam?

Entrevistada: O perfil do programa, é sempre o perfil do programa. Querem sempre aquilo que caiba no programa, né, é, é, é esse é o primeiro critério. No caso do Campus é e no caso do, do Galeria, a gente busca obviamente, né, sempre é valorizar trazer pra dentro dos programas o que acontece na, na instituição, né, da visibilidade das coisas que acontecem na Instituição. Então qual é a Universidade ela trata de assuntos, né, uni universo dela de, de assuntos aí imensos geralmente tem, por exemplo, uma pesquisa que está sendo desenvolvida então isso gera é... uma pauta, é gera pautas é, pode falar desde é... melhora na Cidade do Rio de Janeiro até consumo de chocolate, né, então isso aí enfim ...é, é representativo da própria, da própria sociedade, né, quer dizer tudo que ta aqui, os campos do saber eles vão devolver pra sociedade, aquilo que a sociedade ta me mandando. Então as pautas, são as mais altas possíveis, a partir de algo que é estudado, um seminário de, consegue pautas, é que falam de tudo, né, e o Campus é um programa que é muito legal nesse sentido. Como ele é uma revista, ele tem uma liberdade de temas muito grande, por aí ele vai ser temático, o Andante vai ser temático, né, eles já são programas temáticos.

Cíntia: Eles têm mais entrevistas ou tem, tem reportagem também?

Entrevistada: (PC) No caso do Campus tem blocos, cada assunto ele dá origem a um bloco, né, então uma apresentadora faz a cabeça, e tem, é esse bloco como se fosse uma grande reportagem, né, mas ele não tem a figura do repórter, né, assim por off, off da própria apresentadora, então eles.. assistiu esses programas?

Cíntia: Não assisti ainda.

Entrevistada: Pois é, eles lincam com offs, e, e, entrevistas, né, cada um desses blocos a temas que eles rendem mais de um bloco, né, então às vezes no Campus eles pode ter dois blocos do mesmo assunto. E é o que eu tava te falando, tem liberdade pra de acordo com o, é, é o que aquele tema rende, né, pra poder falar dele de uma forma mais confortável, porque o que a gente sabe jornalisticamente a gente nem sempre consegue, né. No caso do Andante são personalidade da música que são entrevistado, no caso essa pessoa é um programa inteiro, então a gente faz um programa com a Mart'Nalia, um programa com a Olívia Byington, um programa com é, o Martinho da Vila, um programa com, né...é um programa, um programa de entrevistas três blocos com aquele artista.

Cíntia: Ta. Voltar um pouquinho no tempo. Quando, antes de começar a fazer, ou melhor, quando começou a fazer jornalismo, escolher a área do jornalismo o que pensava da profissão? O jornalismo era o que pra? E atualmente, houve uma mudança do que pensava?

Entrevistada: Olha eu comecei, é porque eu, eu, eu tenho, eu tenho uma, uma um perfil atípico de ingresso na universidade. Por que quando eu fiz vestibular, eu fiz vestibular, eu, eu abdiquei, eu fui bailarina, então só que não existia no meu tempo não existia faculdade de Arte Cênica não existia, as pessoas faziam tablado, as pessoas é... e eu a minha família não deixou eu fazer, por exemplo primeiro eu queria ser Professora aí não deixaram eu ser Professora aí eu tive que fazer um científico, mas aí eu dançava, mas aí desisti de Arte Cênica agora era Teatro Municipal ou Tablado não dá futuro a ninguém, né, aí eu falei assim então vou fazer Educação Física, aí fiz a besteira de me inscrever para Educação Física para UERJ, mas eu escrevia bem, levava um pouco para o literário e o meu pai era professor da PUC, aí ele falou minha filha, tenta letras na PUC se não gostar fica em Educação Física, bota sua primeira opção, mas escreva unificado. Então só tinha CESGRANRIO e a PUC, né, então bota no CESGRANRIO Educação Física como segunda, como primeira opção pro segundo semestre, e bota a PUC em Letras que faz o primeiro semestre lá na PUC e tal que eu era filha de professora eu teria bolsa aí fui me inscrever, só que eu fui me inscrever com uma amiga minha lá da escola que também é Publicidade, ela falou não faz Letras não vamos fazer juntas faz comunicação faz publicidade, aí eu me inscrevi em Publicidade na PUC. Quando eu entrei a primeira aula de Jornalismo que eu tive introdução ao jornalismo são duas matérias determinantes, introdução ao jornalismo e introdução da história do rádio e da TV, né, quando eu dei conta de que no jornalismo eu ia falar de sociologia, antropologia, história, teatro, cinema, televisão, psicologia eu falei gente mas é, é na PUC uma menina que queria dançar balé, eu falei gente mas isso é maravilhoso vou falar de tudo, isso era coisa de jovem né, vou falar de tudo ao mesmo tempo agora e encantada com a televisão, tanto é que esse professor de história de rádio e televisão que me arrumou um emprego de cinegrafista no, no Jôquei Clube, né. Então assim, eu caí em jornalismo totalmente por acaso, né, que na verdade era pra eu estar sendo Personal Trainner hoje, vou ser Personal Trainner, professora da UERJ, professora da Estácio, né, mas assim eu me encantei com o Jornalismo e isso, Cíntia, olha... até hoje é uma coisa que me encanta, é, é a possibilidade de estar no jornalismo, né, por isso que eu te digo, acho que o mais bonito da TV Universitária é justamente o nanismo dela, não precisa concorrer com a TV Globo, ela não precisa concorrer com a, com o, o History Channel, né, ela tem umas fala que é, que é uma palavra produzida de dentro da Universidade, né, a na televisão não tem que ter audiência? Tem que ter audiência, mas acho que a televisão também tem que mostrar que ela pode fazer coisas com a liberdade muito maior do que, do que ela faz né, então é, é o que continua me encantando. A sua pergunta é muito legal que o que me encanta hoje é a mesma coisa que me encantou quando eu vi o jornalismo na minha frente essa possibilidade de fala, né, aí pensa na frente de, hoje eles gostam de ser chamados de velho, os velhos gostam de ser chamados de velhos que terceira idade, que melhor idade a gente é velho, então direi que é velho. Então senta aqui com eles, né, e coloca ali os temas e diz assim olha só fala de tudo, né, (PC) e pegando o gênero que é o gênero da categoria de informação que é o documentário, né, documentário ele não, categoria de informação tem, tem quatro gêneros documentário, debate, entrevista e o telejornal, então é o gênero da categoria de informação então eu vou te falar eu não tenho um lugar onde eu me sinta mais, mais jornalista mais assim é, trabalhadora da informação do que na frente de uma turma.

Cíntia: E, e jornalismo tem a ver com educação?

Entrevistada: Claro jornalismo tem absolutamente tudo a ver com educação, principalmente em função é da configuração global hoje em dia e da sociedade brasileira, né, quer dizer, o que as pessoas é, eu, eu acredito que muito das maneiras das pessoas entenderem o mundo, entenderem a si mesmas é pelos futuros jornalísticos, não

é à toa que o discurso do entretenimento ta cada vez mais referencial, né, cada vez mais, pega umas novelas pega um siticom ele pode ser americano, ele pode ser o que for, né, um é, mas ele cada vez tem mais é referencial, né. Por outro lado, tem um jornalismo cada vez mais bem performático também, né, são dois, são duas, é uma migração aí dupla, do jornalismo cada vez mais performático, uma, uma Regina Casé fazendo uma periferia, né, quer dizer, aquilo é informação? É, né, mas é performance pura, um Pedro Bial num Big Brothers, né, entretenimento, é, mas não bota como botaram a Claudia, como é que é o nome dela? Marisa Orth pra fazer, ela não segurou quem segura é o jornalista, né, quem trabalha ao vivo ali é o jornalista. E os programas de entretenimento também estão cada vez mais calcados no real, né, no, no referencial o tipo de jornalismo é **altamente educativo**¹²⁴, tanto que ele ta na sala de aula que professor consegue passar um conteúdo, né, isso não vai ter o aluno que vai falar eu ouvir isso no Jornal Nacional (PC) vai, ouvir isso no jornal hoje, né passa até quando fala ele viu aquilo na, não era impresso não hein, na televisão, no telejornalismo, (PC) eu acho, acho que ta muito ligado a educação é, é formativo né, é formativo e é uma forma de ver o mundo. Então é o que eu falo com os meus alunos, sabe o que eu acho mais bonito no jornalismo? É que vive um mundo que vai contar ele pras pessoas a coisa mais legal que a gente vive, em quanto às pessoas ficam sabendo tava lá, né, ficou seis horas num Jardim Botânico fechado olhando pra um ônibus seqüestrado sem saber o que ia acontecer e na hora que aquela mulher levou um tiro, e que aquele bandido que as pessoas que estavam em casa é, é, é, é tavam com raiva na hora que viu ele sendo jogado ali dentro aquilo mexeu com e chorou, né, então quando dizem ah esse jornalismo sensacionalista é porque esse repórter que ta na rua, ele ta sentindo também ele só faz chorar ele só emociona porque a gente se emociona também na rua, então é a coisa mais bonita mais maravilhosa do mundo e mais próxima das pessoas.

Cíntia: já ouviu falar em jornalismo educativo?

Entrevistada: (PL) Jornalismo educativo que a gente conhece como jornalismo educativo geralmente o senso de comum atrela isso a TV educativa, né, acha que o jornalismo educativo é o jornalismo da TV educativa. Cientificamente essa expressão jornalismo educativo eu já li em livro ta, o que eu já vi foi estudando televisão uma das categorias da televisão, quer dizer, das categorias da televisão que uma é informação e outra é a educação, né, agora é (PC) eu acho que o jornalismo educativo na sociedade atual ele é como o jornalismo in, investigativo acho muito engraçado quando falam pra mim de jornalismo investigativo que, digo nunca apanhei tanto quanto como quando na Contigo, na Tititi então talvez tenha sido o lugar que eu mais apanhei na minha vida, então o jornalismo é sempre investigativo eu acredito que ele é muito (PC) formativo nesse sentido não sei se ele é educativo, mas eu acho que ele tem muito de educador mas esse expressão jornalismo educativo na literatura eu te confesso que eu nunca vi. Aqui no Brasil não tem realmente uma literatura?

Cíntia: Não eu já vi um professor em São Paulo falando alguma coisa sobre isso, mas não aprofundou, por isso que eu to fazendo uma pesquisa sobre jornalismo educativo jornalismo e educação e puxando o jornalismo educativo lá de fora. Na Espanha, países aqui da América Latina todos tem, todos tem muita literatura educacional, o quê que teria isso na prática? Que um prédio pega fogo o repórter vai lá e fala que um prédio, onde foi o que aconteceu aquela historia do que, quem, quando, onde, como, por quê, mas o jornalismo educativo ele faria a pessoa refletir pra quê corro risco no meu prédio eu tenho que observar no meu prédio a desenhar as coisas. Quais são essas coisas? E como passar todas informações além daquelas básicas pra que ele reflita sobre o assunto

¹²⁴ Falou com mais ênfase e pausadamente.

só por conhecimento como é que é debater com outros, por que quando tem um assunto de eleição ela pode vim querer falar sobre o dia tal, mas falar sobre a urna, sobre o processo eleitoral, o que acontece se não votar como é que faz, se não quiser não vota, então isso seria um jornalismo educativo e o jornalismo é aquele que não sei quem quando, onde, por quê, e não passa disso de passar aquela informação que está por ali sem provocar nenhum tipo de, de repercussão. É, acha que esse tipo de jornalismo passa pela TV universitária?

Entrevistada: Sem dúvidas. Sem dúvida, sem sombra de dúvidas. Eu acho que passa. Acho que passa na medida que tem o tratamento diferenciado dos temas. Quando trata os temas de maneira diferenciada, e aí a palavra diferenciada se refere a tempo pra tratamento e a tempo pra é, edição de conteúdo mesmo, eu acho que passa sem dúvidas pela TV universitária. É, (PC) eu acho que é o que move uma TV universitária é a inquietação. Toda inquietação leva ao objetivo final, o que move é a inquietação. ta inquieto, te dá uma inquietação, te falar sobre aquele tema tem uma certa liberdade. A liberdade não é total nunca. Uma TV universitária tem que responder questões institucionais antes de qualquer coisa, não vamos achar que “ah, eu não to na TV Globo, eu não tenho nenhuma questão institucional”, é claro que tem, né, mas eu acho que consegue tratar os temas é de uma forma mais aprofundada do que consegue na televisão comercial, o que não tira o mérito da televisão comercial, a televisão comercial vai sumarizar isso da mesma forma ou mais fácil, então acho que são reflexões diferenciadas, até porque é diferenciado o modo de fazer. Então assim, eu não tiro mérito nenhum de TV comercial, eu adoro a TV comercial, eu assisto tudo na TV comercial, eu choro com matérias da TV comercial, porque ela tem que mexer com a sensação da gente, sabe disso, a gente ia fazer uma matéria de exposição, a gente mexia com sensação, a gente tem o tempo inteiro da (??), por isso que eu te falo, eu acho que jornalismo educativo é quase um pleonasmo, como definitivamente é um pleonasmo jornalismo investigativo entendeu?! Por que a gente ta num país que #@%*¹²⁵, outras pessoas, pega seus alunos na sala de aula. Cíntia, eles lêem texto e eles não conseguem verbalizar, não é nem que eles não saibam, eu acho até que eles não saibam o que está lendo, mas eles não conseguem refazer, reconstruir o discurso a partir de algo que foi lido, agora bota ele na frente da televisão pra ele ver, pergunta o que foi, o quê que foi dito ali, ele consegue reconstruir o discurso, por que? Porque quilo mexeu mais com a atenção dele, né então assim eu acho que é quase pleonasmo, não que invalide a expressão jornalismo educativo mas eu acho que reforça ainda mais do que nós jornalistas e agora, ao ver toda essa aventura da educação, é isso que percebo.

Depoente 12 – Coordenadora de Produção –TV2

Cíntia: é formada em jornalismo?

Entrevistada: ahã

Cíntia: Porque decidiu fazer jornalismo

Entrevistada: eu tinha 16 anos, eu nem conhecia direito a profissão, mas era uma coisa que me atraía. Escrevia bem. Apesar de ser uma área concorrida, me atraiu mais. Tinha outros interesses, mas acabou sendo a que na época me atraiu mais. Não sei se eu faria/quer dizer, faria de novo, faria, mas descobri durante a faculdade porque antes eu não conhecia muito sobre a profissão mesmo não.

Cíntia : o que lembra do que pensava antes e depois de trabalhar com isso

¹²⁵ Palavrão

Entrevistada: quando a gente, na adolescência, o contato que a gente tem com jornalismo, jornalista que conhece mais é mais da TV esta construção dos apresentadores, âncoras, parece que as coisas, parece uma vida mais, mais fácil do que na verdade é. Parece que aquilo não envolve as, as todos os questionamentos, e,e... a repercussão sobre a produção da notícia que, que na verdade envolve, parece uma coisa mais mecânica, e quando vai conhece mais o trabalho não é tão mecânico e há varias reflexões que estão permeando o trabalho. Isso antes eu não tinha essa imagem. Eu achava que era uma coisa simples, mais prática, mais mecânica e menos reflexiva.

Cíntia: se formou e começou a trabalhar aqui?

Entrevistada: É, eu fiz estágio durante a faculdade quase toda, desde o segundo período, fiz uma época no jornal de bairro da ilha, assim que me formei, fui trabalhar no jornal da ilha, ajudei a fundar ele, mas eu estava aqui e lá. Mas o jornal faliu aí eu fiquei mais aqui, aí comecei a fazer história aqui na universidade fazer outra graduação, e ficar aqui na instituição era mais prático, e ao mesmo tempo me possibilita através dos programas, estar em contato com esse material também, multidisciplinar, além do jornalismo ter outra área, de estudo de pesquisa, aqui eu tenho chance de fazer uma pesquisa que é histórica e de pesquisa.

Cíntia: o que faz aqui?

Entrevistada: Eu sou coordenadora produtora de todos os programas. A minha programação e um programa mais antigo com mais gente então precisa de mais organização e tem outro que a gente está produzindo agora eu é o Vira letra que a gente tá fazendo mais.

Cíntia: no campus quantas pessoas trabalham no Campus?

Entrevistada: dos roteiristas, 3 produtores, dois assistentes, dois estagiários, três editores, a gente galeria com 3 pessoas, o andante tem uma diretora, assistente de produção, duas pessoas, mais três estagiários.

Cíntia: participa das reuniões de pauta. Mas especificamente no campus. Como as idéias surgem?

Entrevistada: como cada pessoa, principalmente no campus cada um tem as coisas de seu interesse e através dessas coisas, reunindo essa informação faz comportamento, eu trabalho com história, pauta histórica, eu penso mais histórica, como o campus é muito variado, já pensamos pauta sobre cabelo, como é bem amplo, pode ser construído pelo grupo, então em geral a alguém levanta um tema, já viu no jornal, uma notícia que lembrou alguma coisa, mas a gente sempre conversa na reunião para estabelecer por que caminho, como vai desenhar o roteiro, os personagens. Como tem muito tempo com blocos de 8 minutos, para falar, a idéia é sempre buscar uma visão diferente, uma abordagem diferente da imprensa, que não tenha esse tempo. A gente tenta pensar muito como a gente vai falar sobre o assunto, vai falar sobre carnaval, mas vai chegar alguma coisa ali para fazer o diferencial. O andante é um programa de música, uma pesquisa do grupo, que tá sempre lendo, ouvindo, visitando e, daí, surgem as pessoas que a gente entrevista. A gente tem a proposta de cobrir as atividades de dentro da universidade, de divulgar o que acontece na universidade, tem uma oficina e um programa que a gente está sempre com contato com o departamento cultural para saber o que está acontecendo aqui. A gente dá prioridade ao que acontece na instituição mas também o que tem de fora vindo no jornal, cinema, teatro, televisão, mas não impede que...por exemplo, a gente falou sobre arte na terceira idade. O Vira letras é um programa novo com uma parceria com a editora da universidade. A partir dos livros publicados, a gente vai a pauta, as entrevistas serão basicamente sobre isso., a escolha vai ser de acordo com o material.

Cíntia: deste programas que participou, quais as matérias que mais gostou?

Entrevistada: Em tô no campus desde 2002, eu tive a felicidade de ganhar o galgo, o prêmio de gramado, não sei...eu já fiz muitas matérias aqui. Algumas eu gostei muito de fazer algumas, um perfil do Mario Filho, que eu gostei, a gente fez uma matéria sobre ditadura que tinha muita coisa de história que pra mim foi legal. Sobre o Cristo, e tem o último especial sobre a segunda guerra, ficou com bastante imagem, com música, tudo combina. São os mais recentes. Têm outros que ficaram muito legais. Um programa muito bonitinho sobre maternidade que era de comportamento que ficou muito bonitinho. Eu vejo jornalismo dessa forma estabelecer que a entrevista tem, uma dinâmica de entrevistador e entrevistado e contar uma história com essa interação.

Cíntia: jornalismo tem a ver com educação?

Entrevistada: eu acho que pode ter, não acho que todo jornalismo tem. Depende do veículo que está, a liberdade que tem de tratar o assunto. pode tratar o tema maternidade de forma mais factual, ao mesmo tempo pode fazer trabalho de comportamento. Pode fazer um trabalho de história e tema liberdade de andar por várias áreas do conhecimento. Se tem liberdade, pode fazer a mesma forma educativa também. Pro canal universitário tem essa chance ampliada, porque assim tem mais liberdade menos cobrança comercial e mais liberdade de produção e criação e tem mais chance de fazer algo educativo

Cíntia: já ouviu falar em Jornalismo Educativo?

Entrevistada: Não

Cíntia: Quando eu falei Jornalismo Educativo, eu estou vendo ele como aquele que vai além da informação. Um incêndio aconteceu, então a gente faz o que, quem, quando, onde e por que?. Mas Jornalismo Educativo diria: será que está seguro? Será que seu prédio está seguro? O que precisa saber pra que não aconteça a mesma coisa no seu prédio? Seu prédio está precisando de uma avaliação? s fazem alguns questionamentos assim. Além da informação fazer a pessoa, é, pensar, refletir, Existe esse tipo de preocupação ou isso acontece?

Entrevistada: acho que existe. Eu acho que não são todos, mas eu, acontece muitas vezes é... uma reprodução do que se assiste na TV, mesmo porque muitos alunos e professores é uma disciplina do curso de jornalismo que aprende a fazer o que faz fora, e ai quer dizer faz, tem mais liberdade, mais chance do que do tempo corrido, talvez isso não seja tão possível e ao mesmo tempo que outros programas de outras universidade que têm programas com formato que possibilitem isso, mesmo programa sobre debates, talk show que tem essas possibilidades do jornalista ou aluno de fazer essa matéria, mais de ampliar o nível mesmo da informação que está dando não só o factual a notícia mas ir um pouco além. Eu acho que é possível o canal universitário tem muitos exemplos disso.

Cíntia: fazem isso?

Entrevistada: eu acho que a gente dá, na medida em que, nessas conversas que a gente faz para fechar a pauta, a gente tenta fazer, trazer uma coisa a mais sobretudo que as pessoas que assistindo o programa tenham uma reflexão sobre aquilo mesmo os programas históricos que a gente tenha...se a gente for falar sobre a ditadura, a gente traz o tortura nunca mais e saber como influencia a nossa vida hoje.

Cíntia: acontece, mas s não planejam...

Entrevistada: não, não. Não é um plano. Algumas vezes a gente pensa, mas não ;e o plano de um programa, não, o campus faz jornalismo educativo. Não.

Depoente 13 – estagiária – TV2

Cíntia: é jornalista?

Entrevistada: sou estudante, sou formada...

Cíntia: estudante de jornalismo

Entrevistada: sou contratada, formada em relações públicas. Sou assistente de produção

Cíntia : em que programa?

Entrevistada: campus

Cíntia: há quanto tempo?

Entrevistada: um ano e meio

Cíntia: participa da, da reunião de pauta?

Entrevistada: muito.

Cíntia: como surgem as idéias ela vem de onde?

Entrevistada: eu procuro sempre estar muito sintonizada, que é o básico, né, ta ligada nas paradas que estão acontecendo, exposição, nosso programa tem um enfoque muito cultural e educativo, né, então tudo quanto é pauta de livro, exposição, folclore, tradição, comportamento, a gente tá sempre antenado nisso, fora cultura geral que vai pras outras áreas.

Cíntia: ainda não é jornalista.

Entrevistada: não

Cíntia : mais vai ser.

Entrevistada: se Deus quiser (risos)

Cíntia: porque resolveu fazer jornalismo?

Entrevistada: pra me tornar uma pessoa completa. Porque o que acontece, o Relações Públicas ele tem uma formação mais executiva, ele não tem uma parte técnica, não que a universidade não permita isso, mas porque o meio que eu estou inserida acaba fazendo com que eu adquira a prática dessa técnica. Por isso que eu escolhi o jornalismo.

Cíntia: está gostando?

Entrevistada: to, eu gosto muito do curso daqui.

Cíntia: O que é o jornalismo pra ?

Entrevistada: nossa, pergunta complexa! (PC) Ah! Meu Deus, o que é jornalismo pra mim.

Cíntia: a função do jornalismo qual é?

Entrevistada: Informar, né, informar, reportar,é...se bem que isso tem sido muito, muito, questionado até que ponto a gente pode confiar piamente na informação de um jornalista. ele tem que passar uma credibilidade muito grande para que ele faça valer aquela notícia que ele ta passando. Mas acho que ser jornalismo é ter o compromisso com essa verdade e com essa informação.

Cíntia : acha que o jornalismo tem a ver com educação?

Entrevistada: muito, muito, nossa, mesmo que seja um jornalismo impessoal, porque a gente tem os jornalistas/ eu não consigo separar o jornalista do formador de opinião. Tem aqueles que são formadores de opinião, assim, sabe, se manifesta, se coloca nessa posição, o Boechat, né, que tem um programa na Band News, que eu sempre procuro escutar também. E...o Willian e a Fátima soa formadores de opinião mas sem querer sem, assim, pelo simples fato de eles colocarem as pessoas em uma dada situação pra que essas pessoas reflitam sobre aquilo ou então uma situação que seja de impacto que vai influencia na vida daquela pessoas, por exemplo, essa licença maternidade, com certeza ao dar a notícia, afetou muita gente, muita gente começou a formar opinião sobre aquilo. Eles também são formadores de opinião, entendeu. Então eu acho que está muito ligado a educação e acho que o jornalista tem que estar sempre preocupado com ela também, não só informar, mas ta formando opinião e educar também.

Cíntia: já ouviu falar em Jornalismo Educativo

Entrevistada: Já

Cíntia: o que é?

Entrevistada: É engraçado, eu acho que me enquadrado muito nele, é um tipo de jornalismo que é... posso estar errada, mas enfim, te permite uma visão melhor do mundo que te cerca, pelo tipo de conteúdo que ele te passa ele te leva a uma reflexão melhor uma visão mais aprofundada, é um tipo de jornalismo que a TV Educativa e o Canal Futura desempenham, acredito eu. E... o foco educativo que permite uma reflexão melhor do que uma mera mostra que passa no jornal da band por exemplo

Cíntia: lembra onde ouviu falar sobre Jornalismo educativo?

Entrevistada: Na TV Educativa, no Canal Futura...

Cíntia: por exemplo, no jornalismo educativo, eles podem estar em um jornal comum. Por exemplo, se tiver um incêndio no prédio, o repórter vai dizer o que quem quando onde como e porque, mas se ele fizer jornalismo educativo, ele vai fazer o telespectador refletir sobre o assunto. Será que eu estou seguro no meu prédio? O que eu preciso saber para que isso não aconteça no meu prédio...

Entrevistada: não é uma simples cópia da realidade

Cíntia : É...

Entrevistada: inclusive é uma proposta de Brecht, de Bertold Brecht que também era jornalista, né,, e... foi jornalista, roteirista diretor, argumentista, o cara era @3%\$¹²⁶, né então a proposta dele era essa não era simplesmente só copiar a realidade, mas que as pessoas refletissem sobre aquela realidade que estava sendo passada. Tanto que as peças de teatro dele terminam sempre com uma indagação pra que a pessoa refletisse sobre aquilo que ela tinha visto

Cíntia: s acham que fazem isso aqui?

Entrevistada: a gente busca isso sim. Não da só para informar. A gente tem o compromisso de educar também, na vertente de comportamento, enfim, a gente tem que sair do câmbio. Por isso, a gente tem a preocupação de estar sempre com o pé na universidade também procurando professores que podem dar abrir mais a nossa cabeça e dar um conhecimento melhor para nosso telespectador.

Cíntia: s fazem por instinto ou pensam em fazer jornalismo educativo

Entrevistada: não, por instinto. E como se aquilo fizesse parte da gente. Mas tem reunião de pauta, sim, a gente vê que a pauta está fora da linha editorial do programa, a gente descarta, não não tem a cara do programa, temos que fazer alguma coisa mais focada para que a pessoa esteja informada de fato.

Depoente 14 – diretora de programa –TV2

Cíntia: sua função é diretora, não é isso?

Entrevistada: é

Cíntia: qual sua formação?

Entrevistada: eu sou jornalista

Cíntia : como vê o jornalismo antes e depois de exercer a profissão?

Entrevistada: olha, eu era muito jovem quando eu fiz vestibular. Eu tinha 17 anos, então o jornalismo era bem idealizado, né? E como eu sou de uma geração idealista que achava que iria mudar o mundo e era uma época em que todo mundo estava muito ligado na, nas questões sociais, estava muito ligado à ditadura militar, o que a ditadura estava fazendo com os presos políticos tanto no Brasil como na Argentina e outros países da América do Sul e nos Estados Unidos. Eu gostava de escrever desde os treze

¹²⁶ Palavrão

anos, gostava de fazer poesia e como eu tinha dificuldade, e não tinha maturidade para escolher a carreira, eu escolhi algo que eu gostasse, ou seja, algo que usasse a escrita. Aí que, que eu escolhi fazer jornalismo. Bom, aí depois eu fui pra prática e aí não era nada desse glamour, eu sonhava em ser correspondente em Londres da Globo, embora antes não era tão difícil como hoje, mas era um outro, a prática era uma outra tava me dando uma visão diferenciada da idealização. Aí eu comecei a botar a mão na massa mesmo, e sair pra fazer reportagem, sair para fazer vários segmentos da comunicação, e comecei a me identificar pela televisão. Então a televisão me dava assim um prazer em fazer, em me envolver, eu tinha uma admiração pelas pessoas que estavam no auge da carreira, e aí eu pensava em ser como aquelas pessoas, eu passei na TV manchete, fui estagiária da TVE, assistente de produção da TV bandeirantes. Aí eu tive uma grande experiência, depois eu fiquei trabalhando como assessora de imprensa, aí eu fiz concurso para a Instituição, e pensei em continuar minha carreira aqui.

Cíntia: E como foi aqui?

Entrevistada: O que aconteceu foi um desespero da época do Fernando Henrique Cardoso, das demissões em massa. Como eu trabalhava com assessoria de imprensa, eu ouvia a diretoria da empresa, dizendo que dependendo se não alcançasse as metas da empresa, que a primeira coisa que iriam cortar era a assessoria de imprensa. Como eu tinha que sustentar um filho e a minha casa, eu meio que me apavorei aí fui para o serviço público. Aí a universidade foi uma surpresa pra mim porque ela tem vários campos, vários segmentos aos poucos eu fui descobrindo se eu continuasse batalhando e brigando pelo que eu queria que é essa coisa televisiva que é essa coisa que eu me identifico. Aí eu peguei o meu curriculum, e fui procurar o diretor da faculdade de comunicação e ele ficou encantado com o meu curriculum, e enfim ele acabou me colocando na faculdade de comunicação, aí fui para o laboratório de televisão e vídeo e aí desenvolvemos um projeto de uma TV universitária online, a primeira online do Brasil e ganhamos prêmios em 2002, do intercom, uma instituição considerada no meio de comunicação social. Então quer dizer eu me sinto muito estimulada em continuar meu trabalho. Aí depois de um tempo eu resolvi sondar aqui no CTE e aí o diretor disse que teria sim uma oportunidade aqui pra mim, porque eu estava considerando o laboratório uma etapa já cumprida, queria calcar novos horizontes. Meu primeiro desafio foi passar para diretora do programa. E a Q. disse que eu não precisava ficar preocupada porque eu ia conseguir, então ela estimulou, e realmente esse primeiro programa que eu tô fazendo, pra pro primeiro programa ficou bem legal assim, um pontinho ou outro podia ter melhorado, não que estivesse errado, e não eu acho que eu to satisfeita com o que eu consegui desenvolver, né.

Cíntia: o que leva em consideração na hora de fazer a pauta?

Entrevistada: olha em primeiro lugar eu levo em consideração a imagem da instituição. Porque esse espaço é um espaço da instituição na TV universitária. Então o que é a instituição? É uma instituição de peso, uma instituição cultural, então a gente tem que fazer um programa que respeita essa linha da instituição. Então eu tenho compromisso com a cultura e com um programa de qualidade eu penso em pautas que estejam dentro desse status da universidade e que seja simples e que de acesso para estudantes secundários porque também não pode ser muito sofisticado, com linguagem muito acadêmica porque senão o programa fica chato. Então a gente senta discute essas pautas, procurando fazer coisas que a imprensa não esteja badalando, exposições artistas interessantes e também dar visibilidade aos produtos culturais da necessidade porque aqui temos galeria de artes, teatro, várias galerias, várias é...exposições, peças de teatro e coisas feitas por alunos e artistas consagrados. Enfim então a gente dá um pouco de prioridade, mas não só, tá porque o Rio de Janeiro com um movimento cultural intenso

e a gente recebe muito release, e tal, a gente faz uma triagem, dentro também do que a gente tem de estrutura que a gente tem, de carro, de de, de máquina pra trabalhar, de câmera, dentro dessa estrutura, que é precária, apesar do diretor fazer o máximo possível, mas é uma estrutura precária mas é essa estrutura que a gente trabalha e ela vem dando certo.

Cíntia : acha que jornalismo tem a ver com educação?

Entrevistada: sim tem muito a ver com educação e eu acho que isso é compromisso do jornalista. Acho que ele tem que estar sempre preocupado com a formação do povo, a formação do leitor, a formação de opiniões mas uma formação de opiniões que não atenda só o interesse de mercado, mas o interesse da nação, do povo no sentido de melhorar politicamente o país., acho que o jornalista tem esse compromisso ético.

Cíntia: acha que isso acontece efetivamente?

Entrevistada: olha, efetivamente não. Eu acho que o apelo mercadológico ainda é maior. Mas tem jornalista muitos inteligentes muito capacitados que tem o nome de respeito, que assinam matérias que conseguem entremear com o apelo mercadológico, conseguem tem uma linha educacional uma linha de respeito a inteligência do leitor.

Cíntia: já ouviu falar em jornalismo educativo?

Entrevistada: eu já ouvi falar sim porque eu e fui estagiaria da TV Educativa e na época, a TV educativa tinha esse compromisso com o público, embora alguns programas dão até traço de audiência, mas a preocupação nessa época, 1985, 86, era de educar. Primeiro porque a TVE não era televisão comercial, era estatal bancada pelo dinheiro do imposto de renda, o dinheiro que vinha do...dos impostos, né. Então dava mais liberdade para os profissionais trabalharem mais com a cultura mesmo. E até com a com a linha educacional então elas respeitavam a TV educativa é assim

Cíntia: Quando eu falei Jornalismo Educativo, eu estou vendo ele como aquele que vai além da informação. Um incêndio aconteceu, então a gente faz o que, quem, quando, onde e por que?. Mas Jornalismo Educativo diria: será que está seguro? Será que seu prédio está seguro? O que precisa saber pra que não aconteça a mesma coisa no seu prédio? Seu prédio está precisando de uma avaliação? s fazem alguns questionamentos assim. Além da informação fazer a pessoa, é, pensar, refletir, Existe esse tipo de preocupação ou isso acontece?

Entrevistada: Olha, eu não posso falar por todos os programas, mas posso falar pelo meu que eu to pouco tempo mas eu to dando esse direcionamento. A gente procura não fazer nada muito com linguagem muito acadêmica, muito cult, ou muito cabeça demais, né, mas também nem muito simplória e pobre, mas num meio termo pra que a gente possa dar acesso a pessoas culturalmente elitizadas e as que não tem acesso a cultura. Embora tem uma outra coisa que eu discordo, é que esse canal universitário seja num canal fechado, numa TV paga. Esse é um dos meus questionamentos quando eu cheguei aqui, por que não uma TV aberta? Que é pra poder chegar na favela, nos estudante de segundo grau, do primeiro, porque às vezes tem matérias que é de interesse de todos. Então, eu mesmo tive entrevistados que não puderam assistir programa a que eles deram entrevista porque ele não tinha TV a cabo em casa. Então isso é uma distorção que eu discordo. Eu já procurei saber se há a possibilidade de a gente entrar na grade da TVE, que agora é TV Brasil, para ter acessibilidade maior porque ficar fazendo um programa de arte, tentando mostrar um lado cultural brasileiro e de fora pra uma meia dúzia de pessoas que possam ter TV a cabo, né?

Depoente 15 – TV2

Cíntia: está em que período?

Entrevistada: Quinto período.

Cíntia: Por que escolheu... jornalismo?

Entrevistada: Na verdade, eu nunca imaginei outra profissão. Eu tenho, eu tenho um, eu sou pernambucana, eu vim pra cá fazer faculdade, e eu sempre desde que eu comecei a pensar em alguma coisa eu pensei em jornalismo. Eu sempre fui ligada, a televisão, assim, como telespectadora mas *nunca* pensei em trabalhar em televisão, assim, como telespectadora mas nunca pensei em trabalhar em televisão também. Eu sempre disse “ah, eu sou muito tímida, eu falo muito rápido”...enfim, várias coisas, eu falei “não, televisão nunca”. Eu sempre tive, eu sempre gostei muito de, de ler, escrever, muito...,ah, to a fim de escrever uma coisa sobre a minha vida, escrevia. E aí foi por eliminação. Saúde, não. Exatas, não vamos para a área de humanas. E assim, jornalismo. Não tinha outra coisa que me interessava, nunca pensei nada, assim.

Cíntia: E a TV2, como é que surgiu na sua vida?

Entrevistada: Bom, eu fiz uma prova para a TV2, é...eu fiz para cinegrafista (PC) justamente porque aparecer para mim era martírio. Nunca..., vou morrer mais não vou aparecer, sabe? E aí eu fiz pra cinegrafista, fiquei na lista de espera, isso foi em dezembro do ano passado. E aí, por acaso, eu, eu ia fazer o quarto período e tava fazendo matéria com a B. Na verdade, quando eu fiz a prova, que foi, me entrevistaram a D, a B e a N, a B foi o que mais me alfinetou, sabe, que mais...e eu tive pânico falei e ela, no meio ela falou: ah, com quem vai fazer Técnica em Comunicação? Eu falei B.G. Ela: “Prazer, sou eu” Eu não sabia que era ela. Eu falei...no dia seguinte eu mudei minha grade. Eu falei eu não vou fazer prova...não vou fazer matéria com ela, essa mulé é louca, ela vai, não vou, não vou, não vou. E aí que eu acabei, não mudei, ficou, mesma amiga, uma outra amiga fez na mesma época que eu enlouqueceu também... é assim, porque elas, elas revezaram, né, em cada, cada entrevista, uma resolve ser a que mais pergunta, que mais alfineta. E aí B também foi a dela e aí ela mudou o horário dela, falou que não, que não que não porque aí não tava querendo agüentar chato, professor muito exigente e acabei que eu não mudei, fiz com a B (PL) Um mês depois, é...eu tava na lista de espera para cinegrafista, ela me chamou pra conversar falou assim: olha só, Juliana. Seu texto é muito bom. quer ser cinegrafista mesmo ou não...foi uma falta de opção? Eu falei “olha, só B, meu pânico é aparecer. , se eu tiver prova de novo pra tv, eu não faço pra cinegrafista. Não sei se eu faço pra repórter, mas pra cinegrafista eu não faço. Porque o negócio era, eu não quero edição, eu não quero ser repórter, não quero aparecer. E veio com um caô: Ah, não vai aparecer nunca, passagem é só no Contraponto e olhe lá. Quando entrar no contraponto, nã, nã, nã , e veio com conversinha mole pra cima de mim. Eu...caí, ne’? Eu falei: Ah, é? Então, eu faço tudo menos aparecer? É, o Antena não precisa aparecer. Eu não cobro passagem em Antena, só vai gravar off, enfim (PM) Três semanas, entrei. Aí ela falou assim: Mas olha, não fala pra ninguém porque vai sair talvez alguém e eu vou falar com a D e com a N porque vai ta na lista de espera. Eu posso fazer isso, não estou fazendo nada ilegal,mas mesmo assim eu não quero que crie expectativa, que ninguém crie expectativa com . Falei...tá bom. No dia seguinte, ela falou assim: Ta preparada para trabalhar na TV2? Eu...gelei, né? Na terceira semana da TV, eu apresentei, eu li a cabeça, as cabeças do, as cabeças do Antena (risos). Ela fez de propósito, lógico. Porque tem, teve, eu gravei antes de várias pessoas que tavam na TV há muito mais tempo, sabe? Mas ela...me pegou logo, assim,na primeira oportunidade que ela teve, ela me pegou.e eu Amo, sabe? É engraçado porque eu to lá a cinco meses, seis meses agora e eu faço uma matéria, uma outra matéria de radiojornalismo com a chefe do jornal,com uma das chefes do

jornal. eu fui entregar um texto para ela, ela falou assim: tem muito texto prat, prat, prat, pra televisão. nasceu pra TV. Eu falei: como assim, sabe? (riso) E foi isso.

Cíntia: O que que imaginava do jornalismo antes de entrar e agora trabalhando na TV2, tem diferença? O que era o jornalismo, qual a função do jornalismo na sua cabeça antes e depois?

Entrevistada: Antes eu acho que era uma coisa muito mais...informativa, assim, pra mim, sabe. Passar informação e pronto. Agora, eu tenho a consciência de que, principalmente a TV é formadora de opinião (PC) Então... o cuidado é, eu não faço uma coisa por fazer, sabe? Eu tenho, eu tenho, principalmente, eu tenho convicção no que eu estou fazendo e acreditar naquilo, sabe? Então, pra mim, a principal mudança foi essa, assim, a TV Principalmente.essa coisa de que é ah, não é um jornalzinho qualquer...que vai..., sabe...não é... é uma TV que vai passar, que passa num canal, que passa em São Paulo, Rio, TV, TVROC, que as pessoas assistem sim e que eu não posso errar uma informação, então, não posso não. Pessoa que, seja uma dica de qualquer coisa, sabe, até uma informação mais séria, tipo pesquisa que já fizeram de campanha do Lula, não posso errar porque as pessoas vão, vão acreditar naquilo, sabe? Então, princi, princ, principalmente essa visão de que forma opinião foi a que mais mais ganhei assim, com a faculdade também.

Cíntia: Qual acha que é a função da UTV?

Entrevistada: Eu acho que a UTV é, é..., é, aprendizado, sabe? É..., eu peço coisas que, que eu tenho certeza até porque, no caso da TV2, que eu só posso falar por ela, a gente não faz, tirando o Contraponto, que é hard news e que tem uma semana, tem três para produzir e não é uma coisa que tem, sabe, tem dez pessoas trabalhando naquilo. O repórter faz, o editor, o editor tem editor de texto, editor de imagem. faz tudo. Eu, como repórter, eu apuro, eu, marco entrevista, eu produzo, eu edito, eu faço VT, eu vou para a ilha quando é o caso de eu, de eu querer uma coisa mais complicada, sabe, então, tem, acaba aprendendo de tudo um pouco e às vezes de tudo um muito. Então,é muito mais aprendizado, sabe. Agora, é um aprendizado que, que tem obrigação e tem que ser cobrado, sabe, o teu erro...não é, Ah! não pode errar. Não, quando erra tem que assumir o erro mas, sabe, leva bronca por causa disso, vai ouvir por causa disso, porque não pode errar do mesmo jeito.

Cíntia: Das matérias que fez, quais as que mais gostou?

Entrevistada:Das matérias que eu fiz, quais as que eu mais gostei? Eu fiz uma do Benjamin Constant sobre o teatro pra cegos que eu amei fazer, sabe, que foi...sabe, assim, foi eu não podia ser apelativa na matéria,e depois os cegos gostaram, porque eu não tive essa função apelativa, falar teatro para cegos e não, não queria parecer aquela coisa, que peninha, eles são cegos, sabe? E ficou muito bacana. A edição também fez uma edição muito, assim, foi um conjunto de texto com com edição que ficou muito bom. Ah...falando assim, eu acho que esse eu gostei muito...(PM) as dicas também eu gosto muito de fazer....eu, eu, tenho um lado, um, um,muito cultural, assim, que sem querer foi aflorando essa coisa também, as pessoas falarem, ah, gosta de cego, deficiente, não sei o que, mas eu gosto sempre, eu gosto muito de fazer acho o lado cultural.

Cíntia: Como é que classificaria o programa que trabalha. Ele é o quê? Entretenimento? Variedade? Jornalismo?o que ele é?

Entrevistada: Como só fiz Antena até agora, é, porque eu peguei um programa especial pro Futura, então tenho que terminar. Eu acho variedade, eu acho cotidiano, ã... é um pouco de tudo, sabe? Entretenimento, tem matérias assim, só pra divertir mesmo. Por exemplo, matéria de mulheres ao volante, sabe. Que um repórter fez...dois repórteres...um homem e uma mulher fizeram e fizeram num kart, então, isso é

entretenimento. E informativo ao mesmo tempo porque tem noção de....quanto a mulher bate no carro, sabe, qual porcentagem de mulheres e de homens, essas coisas. Eu acho que...o Antena, é de tudo um pouco. Sabe, até... não tem restrições. Ah, isso não pode, sabe? Lógico que tem pautas que não não, não, pô, Pô, ah, a B não gosta, não é? Mas é muito difícil ela derrubar uma pauta sua, teve uma coisa que te interessa...ã... muito fácil ela aprovar.

Cíntia: Quando escolhe uma pauta, o que leva em consideração para essa escolha?

Entrevistada: O que eu acho interessante, o que, o que eu gostaria de ver na televisão, o que eu acharia, pô, que bacana, ele fez isso, sabe?

Cíntia: E o que gosta de ver na televisão?

Entrevistada: Eu gosto de ver (PL) nossa...eu gosto de ver muita coisa, esse é o problema(risos).Muita coisa, assim, é legal. Eu não sei, eu, de ver, uma pessoa que...engraçado porque eu acho que a TV também me deu muito isso assim, antes que a única possibilidade de trabalhar na televisão seria trabalhando com esportes porque eu tenho, eu sou apaixonada, sabe, de ver, de praticar eu sou péssima, mas de ver eu adoro. Eu acordo de madrugada pra ver corrida, pra ver jogo, sabe, amo. ,as a TV não, o esporte, até, até por por por questão de hábito, CE tem sempre um dia marcado, até num num tem muita,muita pauta pra isso, coisas especiais mesmo, específicas, tive que aflorar um lado cultural meu que achava que não existia, assim, a ponto de eu de eu gostar de me interessar e de querer trabalhar com isso também. Então...ã... acho que hoje, tudo me,me interessa. Assim, muita coisa me interessa.

Cíntia: acha que jornalismo e educação podem trabalhar juntos?

Entrevistada: Ah,claro! Acho que sim. Acho que o potencial que o jornalismo tem de formar opinião e, e , sabe, eu acho que, que, que o, o que a gente fez, o, o, resultado que a se tem, a, a, não o resultado, mas o quanto, o quanto atinge as pessoas é muito maior do que qualquer outro meio de comunicação.

Cíntia: E pensa em educação em alguma pauta quando vai...criar uma pauta, pensa no lado educativo nisso?

Entrevistada: Ah, depende da pauta, sim. Eu acho que, principalmente as, as ,as pautas principalmente que, que tenham, que sempre, dá pra fazer, por exemplo, ã... eu acabei de fazer uma pauta que eu peguei que e adorei fazer , que foi sobre, sobre os sites da Biblioteca da Instituição,sabe, que...eu cheguei lá, falei assim, eu sabia que tinha um site mas nunca sequer entrei no site, entrei pra fazer a pauta, sabe, pra realmente me informar. E assim, tem uma, uma, um mundo de coisa gigantesca, eu pego sempre pauta sobre a internet acho que, e...e, acho que falei pra B que merecia um VT maior, entendeu, sempre...não coisa... vou te confessar, não vou pensar em educação sempre não. Mas sempre que, que, que tenho pauta falando coisa interessante de, de, sei lá, um site de biblioteca, gosto de fazer isso.

Cíntia: s têm orientação dos professore que trabalham aqui?

Entrevistada: Sim

Cíntia: Eles acompanham o texto...

Entrevistada: É, a gente, a gente sugere pauta, a B aprova ou não. E aí partir do momento que, que, que a, que a gente tem a pauta aprovada, ela, ela, a gente faz tudo, produz, marca e aí depois a gente faz o VT, escreve o roteiro, e aí ela, e aí ela senta com ela na mesa, ela corrige o que ta...pode ficar melhor, uma construção de frase, ou até às vezes um erro de português que passa assim...sem querer e aí ela... fecha o VT e pronto, ela...

Cíntia: já ouviu falar em Jornalismo Educativo?

Entrevistada: Não.

Cíntia: tem idéia do que seja?

Entrevistada: tem idéia do que seja...Acho que jornalismo específico para educação, será, talvez, o quê?

Cíntia: É vou dar um exemplo pra . Ta tendo um incêndio aqui na Gávea. Então, o jornalista vai lá e vai dizer onde é o incêndio o que, quem, quando, onde, como e por quê. Mas se a gente pensar num Jornalismo Educativo, seria um pouco além. Faria as pessoas refletirem um pouco sobre o assunto. Então entraria, por exemplo...será que está seguro no seu prédio?

Entrevistada: Como evitar...

Cíntia: O que precisa saber pra que isso não aconteça. Então, isso seria, a grosso modo, seria um Jornalismo Educativo. vê isso na TV Universitária?

Entrevistada: (PL) Eu acho que... eu acho que sim, eu acho que sim. Eu acho que até, até por essa, até por essa , até por esse cuidado que a gente maior, até por esse tempo maior que a gente tem pra produzir, como eu te falei, não é um Jornal Nacional, não é noticiário 24 horas, nada disso, a gente tem sempre maior de ter esse cuidado, ah, ah, tamos fazendo VT sobre que dá, dá pra falar, dá pra se aprofundar, acho que a gente faz sim.

Cíntia: Então, mesmo não sabendo o que é, faz?

Entrevistada: É, agora, é, acho que sim (riso). Acho que faço mais do que achava que fazia.

Depoente 16 – TV2

Cíntia: Primeiro me conta um pouquinho...

Entrevistada: ta gravando?

Cíntia: Ta, ta gravando. Me conta um pouquinho sobre, sobre sua formação profissional.

Entrevistada: Eu sou jornalista, trabalho em tele, em televisão há 30 anos, atualmente eu trabalho na Globonews. Trabalho na Globo há vinte e seis anos. E sou escritora pra criança também, essa é a minha formação. Formei na Universidade Hélio Alonso.

Cíntia: Eu também. E por que resolveu ser jornalista?

Entrevistada: Acho que tava no meu sangue. Porque minha mãe é jornalista, é, foi a primeira formada em primeira turma de jornalismo do Brasil, que era a antiga universidade de Filosofia que hoje, depois virou comunicação. Aí, não sei, eu desde a barriga da minha mãe eu vou me apaixonando pelo trabalho de jornalista, pela televisão, eu digo que ta no DNA. Aí virei jornalista/ virei... e foi por um acaso. De repente eu me vi dentro da televisão, não sei nem te explicar o porquê. Acho que já ta incorporado, no meu sangue, na minha vida.

Cíntia: Como via o jornalismo antes de ser jornalista e depois que passou a atuar. Teve alguma diferença?

Entrevistada: Ah, brutal! Eu acho que antes o jornalismo era mais investigativo, era uma coisa mais compromissada, eu acho que com essa história, do Ibope, de, em termos de televisão, a história do Ibope, as nov/ o jornalismo ficou muito comprometida porque hoje as notícias são guiadas por que vende, né porque ter o...a área comercial também. Então, eu acho que antes o Jornalismo era mais romântico e mais apaixonante e hoje o jornalismo ta passando por uma crise muito séria, eu acho. Nós tamos passando por uma crise muito séria de, de jornalismo. Hoje o que encanta mais é uma notícia de que uma menina, não desmerecendo a tragédia, que foi jogada pelo pai, por quem foi, numa, em São Paulo, do que propriamente a pessoa esmiuçar e ter sua própria opinião em cima do que seria o objetivo do jornalismo que é informar e fazer pensar. Então acho que hoje as pessoas se mobilizam mais por notícias sensacionalistas e que vendem o jornal,

porque uma notícia dessa faz vender jornal do que propriamente uma matérias de pensar uma matérias de formação de opinião, e tudo. Então, nós tamos passando por uma crise muuito séria de informação e nós jornalistas deveríamos dar uma parada pra pensar sobre o papel do jornalista. Eu acho que ta uma coisa muito complicada.

Cíntia: Como é que começou a trabalhar em universidade?

Entrevistada: Olha, meu, meu...na verdade, também foi por acaso. Na minha vida/ ontem até tava editando um programa sobre Cazuza, ele disse minha vida é um ro, as coisas vão é como se fosse uma enchente, elas vão acontecendo. Eu tinha, tava tentando meu pai achou 900 fitas de rolo de entrevistas de minha mãe na rádio Mec e aí,,, tudo começou com essas fitas que, no final das contas, a gente ofereceu pro MIS, Museu da Imagem e do Som, várias coisas, e acabou que ela quem se interessou em restaurar esse material e digitalizar foi a Instituição. Daí meu primeiro contato e fui convidada então pra montar, mudar a cara da TV3. E aí... eu apresentei um projeto, eles amaram, que é um projeto...de...ser uma televisão de extensão acadêmica e não uma televisão , é,...uma televisão feita pelos alunos e para os alunos e com o objetivo de ser um laboratório pra eles. E foi daí que eu cheguei na Universidade . Eu to há um ano. A gente conseguiu, a gente antes tinha quatro programas. Hoje me orgulho da gente ter o mesmo horário de, nós temos nove programas na UTV e fazemos só com alunos. Três com, quatro funcionários que são alunos, né, e dois estagiários e o resto é tudo colaborador.

Cíntia: Eles me passaram sete, sete programas.

Entrevistada: São nove, tem os especiais também.

Cíntia: Ah, tá. Mais dois especiais.

Entrevistada: é, mas, uma vez por mês e um de quinze em quinze dias. Porque é o Boca do Povo, quebra cabeça, Curta X, Bits e Bytes, Doc...

Cíntia: É o X ponto doc?

Entrevistada: É o X ponto doc, é... qual é a sua...

Cíntia: Qual é a sua é o quê?

Entrevista: É um programa produzido todo lá pelo Rebouças. Porque foi o seguinte. Quando eu cheguei aqui , eu quis utopicamente to tentando, sabe que as coisas não são fáceis, fazer o seguinte: fazer televisão. Aqui fosse a cabeça de rede. Porque o que acontece. São quatro campus, quatro campi que tem núcleo de comunicação, que tem estúdio e tudo e a minha idéia então era fazer desses quatro que fosse as nossas afiliadas, nossas, nossas, televisões locais e a gente ser a cabeça de rede a gente finaliza esses programas. Então, esse foi meu primeiro objetivo de fazer...então, hoje eu consigo agregar todos esses campi, por exemplo, eu tenho o programa X ativa, o X ativa que vem todo pronto de Niterói , é feito lá por Niterói. Assim, é feito lá por Niterói. O todo pronto pelo Rebouças. Eu tenho também tinha Madureira me ajudando, tem Petrópolis também que tem, participa do Bites e Bytes é meio a meio, que é feito parte por um apresentador de, de Petrópolis. Então, a gente, a idéia toda é agregar e não é um e não é, eu não faço parte a TV não faz parte do acadêmico do Jornalismo porque uma televisão não é feita só de jornalismo. Então, a gente tenta, agora acabei de fechar uma parceira com fonoaudiologia pra preparar, nós temos pessoal de politécnico, que abastece a gente com músicas na aula de com fonografias, esqueci o nome da aula. Então, a gente agrega todos os cursos da Instituição na TV. A minha idéia toda era essa.

Cíntia: Como é que s pensam as pautas. Quando, quando tem uma idéia, uma sugestão de pauta, de onde elas surgem normalmente?

Entrevista: Olha, as idéias surgem do seguinte: esse Quebra cabeça, por exemplo, na verdade como são nove programas, eu deixo o seguinte, eu deixo muito os meninos livres. Eu só supervisiono. Eu olho só antes de ir pra UTV. Então, por exemplo, a pauta do Quebra cabeça, do qual é a sua, eu conversei com a F, a gente junta, bate uma bola do

que vai ser, nós duas decidimos às vezes é a idéia de alguém. Na Boca do Povo eu faço uma reunião com os meninos também, a gente decide, já tem até três pautas prontas, pra, pra, pra três programas. O...o qual é... o...o Quebra-cabeça eu deixo mais livre porque ainda é o único meio acadêmico do jornalismo, tem mais colaboradores onde ter os alunos é mais experimental. O Curta X nós temos o Edson, que vê os programas e tem a Carolina que vê também o programa, que vê o programa, vê os vídeos, os curtas e me diz porque não tenho muito tempo de ver. Então, eu, eu vivo confiando neles. A gente tem, eu digo que eu tenho hoje a gente tem uma equipe muito afinada, de semi-profissionais. Eu digo pra eles que são minhas cobaias e que eu sou, que eu quero prepará-los como excelentes profissionais mesmo de mercado. E profissionais completos, não quero essa coisa, porque todo mundo aqui quando fala em jornalismo eles acham que jornalistas é só apresentador de televisão. Quando eu faço concurso aqui pra televisão, abrir vaga e coisa, vem uma fila/ se eu faço assim, pra idéia de programas, vieram cinco. Agora, nessa última leva que eu queria mudar um pouco a UTV e quando eu faço, assim, aberto pra, pra, apresentador, vem 47. Impressionante!

Cíntia: Chama mais atenção!

Entrevistada: É, que não é isso?

Cíntia: Quando... nessas reuniões tem espaço pra educação?

Entrevistada: Ah, olha, não, não, eu confesso que ultimamente a gente tem tido pouca reunião de pauta, tem feito mais reuniões segmentadas pelos programas. Mas educação sempre ta, a minha pauta número um é educação, eu acho. Eu acho que...informação e educação é o que falta, eu acho. Com certeza.

Cíntia: Há uma relação entre jornalismo e educação?

Entrevistada: eu acho que sim, com certeza, sim. Deveria caminhar paralelamente porque uma coisa ta ligada a outra. A base, tudo é educação. Eu acho que ta faltando é isso, talvez. Não digo a educação do bom dia, boa tarde, não, educação de base mesmo.

Cíntia: já ouviu falar em Jornalismo Educativo?

Entrevistada: Já, já, tem a TVE, tem, tem os projetos lá, tem até o..., TV Escola. No Canal Futura no primeiro, no primeiro momento era pra ser mais de Jornalismo Educativo, né?

Cíntia: acha que existe Jornalismo Educativo aqui nos programas produzidos pela UTV por s?

Entrevistada: Não, não, nesse, n, referente a Jornalismo Educativo. Eu acredito que por ser já/ por nosso trabalho ser um trabalho acadêmico paralelamente é um trabalho de Jornalismo Educativo. Quando fala em Jornalismo Educativo, fala, se refere muitas vezes a coisa didática, né? Eu, não, não é o nosso, não tem esse compromisso, não é uma coisa didática, é uma coisa informativa literalmente. Mas especificamente como uma, era inicialmente o projeto da TV Educativa, TV Futura, não. Eu tenho agora, por exemplo, vou ter um programa de ecoturismo, que é uma coisa mais informativa, educativa, mas que a gente não faz muito assim não.

Cíntia: Qual seria o compromisso da UTV?

Entrevistada: Eu acho que os programas da UTV, justamente, eu, ao meu, não nas normas não dizem muito isso, mas pra mim particularmente acho que é a coisa de ser um laboratório dos jovens, eu acho que a gente deveria ser mais informativo até do que é feito nas universidades não em termos institucionais, em termos de coisas acadêmicas, eu acho que seria um canal, ao meu ver eu acho que TV universitária deveria ser uma coisa de mostrar, é coisas que são feitas enquetes que estão sendo desenvolvidas, acho que deveria ser uma coisa assim mais grandiosa, merecia.

Cíntia: Eu tive comecei a ter muita dificuldade de encontrar a parte teórica, a literatura, e fui buscar fora e me surpreendi porque aqui na América Latina e consegui na Europa

também. O que diz na teoria. O jornalismo educativo faria o leitor refletir mais sobre o assunto. Se tivesse um incêndio ali na esquina, o repórter iria fazer o que, quem, quando, onde como e porque. Um jornalista com Jornalismo Educativo iria fazer isso também mas iria informar e passar mais informações, outros conceitos para que o telespectador refletisse, então fazer uma reflexão em todos os assuntos. Então eu to me aprofundando nesse sentido. De que forma nós estamos fazendo refletir sem conhecer essa teoria.

Entrevista: eu acho que... nós temos...voltando, nós temos o bites e bytes, é um programa que é um jornalismo educativo nessas teorias que está fazendo, tanto que nosso programa foi selecionado para a mostra Ver ciência que é uma mostra só educativa de ciência e tecnologia, e foi representando não só a Instituição, mas como as universidades do Brasil, né. E..Foi como exemplo de um jornalismo educativo em termos de ciência e tecnologia. E realmente ta sendo, nosso programa foi um sucesso. Então a gente faz, mas empiricamente aquela história. Porque, sabe o que acontece, decididamente, se a gente pensar, como eu tava falando até aqui na UTV, a gente, quando eu entrei, a gente não tem compromisso com,com ibope e nem comercial, daí s terem liberdade para praticar. Mas acontece que eu acho que o Jornalismo educativo esbarra justamente com a crise que eu falei no início pra .Os meios de comunicação esbarra com comercial, não sei se o pessoal está muito interessado em se informar, em se educar, entendeu? Isso não dá audiência. INTERROMPIDA

Cíntia: disse que não há interesse...

Entrevista: Eu não sei se não há interesse, né...atualmente não sei, eu acho, eu lembro que eu fiz um trabalho na TVE de um tempo atrás, também é muito difícil fazer, porque fazer, telejornalismo educativo é um desafio. Porque a gente não pode fazer..porque faz uma coisa educativa tem que fazer uma coisa muito atrativa. O mundo em que agente ta vivendo, em que esses jovens falam uma linguagem de tecnologia, nós estamos uma linguagem analógica e eles falam uma linguagem digital nós temos o conteúdo, digo nós que a nossa geração pra cá né, deve ter a mesma idade que eu, a gente né, a nossa geração é de informação e do analógico. Nós estamos numa transição justamente do analógico para o digital. Eles têm a informação tecnológica, mas eles não têm o conteúdo. Então essa divisa entre o analógico e o digital, essa fusão é que está difícil, porque o ...o que está acontecendo... a nossa geração, o antigo entre aspas, está cedendo para o digital para o jovem, mas sem levar a carga, de, a carga nossa carga de conhecimento, eles não estão assimilando nossa carga de conhecimento. A informação sim, mas o conhecimento não.

Cíntia: Os alunos quando entram para a universidade começam a fazer laboratório, eles tentam reproduzir o que eles vêem na televisão, ao invés de ...

Entrevista: Coom, certeza, quando eu cheguei, até agora, eu acabei de dar bronca numa menina, a gente fechou duas parcerias com programas pra fora, a gente faz umas parcerias participa de programas na alerj, e cadê o roteiro? Aí ela faz um roteiro, mas isso já existe na televisão, a criatividade...eles não têm criatividade, é impressionante, cara. Quando eu vim aqui, eles faziam um telejornal, eu é que tirei o telejornal da bancada. Quando eu vim aqui, eles tinham um jornal mal feito Fátima Bernardes e Willian Bonner na bancada lendo teleprompter. Na televisão, na nossa, não existe teleprompter e o único de estúdio é o interferência. Eu não, não, não quero, eles têm que aprender pelo menos eu digo o seguinte, eles aqui na televisão eles aprendem a improvisar e escrever. Eu dou um duro desgraçado neles porque não quero, eu odeio teleprompter, odeio, proíbo, pode até tirar daqui. E o único programa que eu to fazendo agora no estúdio é o interferência porque a menina que fazia saiu e o projeto era dela.

Então adaptou um projeto no estúdio porque a gente tem o compromisso de botar o programa, mas a minha idéia é acaba. Pra mim, estúdio já era.

TV3

Depoente 17 – Estagiário TV3

Cíntia: Pó quê que , é estagiário aqui...

Entrevistado: É.

Cíntia: ta em que período?

Entrevistado: Eu to no segundo período?

Cíntia: Por que que escolheu fazer jornalismo?

Entrevistado: Olha,eu comecei é...eu fiz vestibular pra química né, aí eu passei pra eu fui fazer UFRJ aí eu fui fazer três períodos lá de química, eu achava que era minha vocação, mas não consegui não me adaptei. Aí eu tranquei né a UFRJ e fiquei um tempo parado. Aí eu fiquei pensando no quê que eu ia fazer. Aí eu, eu tenho um tio que é, ele é trabalha numa revista de carros, aí eu conversei com ele e ele disse que falou sobre a área da comunicação aí eu me interessei e resolvi fazer X (PC) aí eu comecei na área da comunicação,no, no primeiro período eu gostei muito, aí no segundo eu já tentei procurando estágio pra não sair fazendo uma (PL) base pra quando eu sair já ter um emprego mais fácil, né.

Cíntia: Antes de entrar pra faculdade de, de jornalismo o quê que pensava sobre o jornalismo o que era ser jornalista pra antes do curso e agora que ta tento contato com a profissão?

Entrevistado: Olha, pra mim jornalismo eu achava que era uma coisa muito fácil achava que era só (PC) dá é fazer uma entrevista e tudo quem fazia por trás eram outras pessoas (PC) mas eu entrando aqui é... eu percebi que é uma coisa muito mais trabalhosa toda é, é investigação de fazer a produção, é de tudo, de editar as coisas, esse lado a tv não mostra (PC) é o lado por trás das câmeras, mas é muito legal.

Cíntia: , por que resolveu fazer estágio aqui, conta sua experiência como é que está sendo isso esse estágio seu contato?

Entrevistado: Olha ta sendo muito interessante então, tão interessante que eu é to no telejornal né, na mídia televisiva e resolvi tentar também na mídia impressa que é aqui na, no adegas que é no jornal da associação dos professores, aí ali eu trabalho no, no jornal dos professores e ajudo também na produção da revista. Aí eu to tendo contato com várias áreas também, eu só não faço radiojornalismo porque aqui tem colaboração na área também que aí eu não tenho tempo mas...

Cíntia: colabora com sugestões de pauta nas reuniões aqui do telejornalismo?

Entrevistado: É, colaboro porque todo mundo tem (PC) nas sextas feiras tem reunião de pauta onde todos os estagiários e colaboradores é... expõem algumas pautas que tão (PC) que forem aprovadas pela F, né (PC) a gente trabalha em cima dela.

Cíntia: E de onde surgem essas pautas, como é que tem idéias sobre essas pautas?

Entrevistado: Olha, às vezes por assuntos que, que a gente (PC) é mais ligado ou que viu em algum lugar e gostou que quer trabalhar em cima se aprofundar mais no assunto, mostrar o assunto pra outras pessoas(PC) é basicamente isso.

Cíntia: E quando... acha que tem educação que tem espaço pra educação na nessas pautas?

Entrevistado: Tem, tem principalmente na (PC) na associação dos professores né eu procuro mais a parte da educação que é pro jornal que das pessoas, mas no telejornal

também a gente visa à educação também como implantação de novas tecnologias pra educação e tudo.

Cíntia: O quê que (PC) (PL) quando, quando a gente fala jorna, jornalismo educativo já ouviu esse termo?

Entrevistado: Não (PC) olha o jornalismo educativo (PC) eu acho que deve ser pra área de é... melhoria de informação de,de,de novos(PC) vamos supor (PC) pra ir aperfeiçoando a educação pra, cada vez mais as pessoas já saírem das escolas mais focadas pra algumas áreas, pra ter pra melhorar formação das crianças pra elas já saírem direcionadas a um emprego e tudo.

Cíntia: Não, o jornalismo ele a ele não é apenas pra crianças é também tanto pra um modo geral. No caso se tivesse um incêndio aqui perto, o repórter iria lá e ia fazer aquele trivial o que, quem, onde, como e por quê, se vai contar o que aconteceu ali quantas pessoas morreram o quê que aconteceu. Se for um jornalista com essa idéia de jornalismo educativo ele vai fazer a mesma coisa, vai contar o fato mas ele vai ter a preocupação de fazer o telespectador refletir sobre o assunto,o telespectador tem que sair depois da,da,da exibição da reportagem tem que sair pensando assim, será que eu estou seguro na minha casa? O que mais eu preciso saber aqui no prédio pra ver se não pode acontecer aqui? Então o jornalismo educativo faz isso, faz as pessoas refletirem sobre o assunto. acha que, que os programas da UTV eles tem Jornalismo Educativo?

Entrevistado: Olha eu acho que é, pelo menos na TV3 a gente procura fazer com que as pessoas reflitam sobre os assuntos (PC) é eu acredito que a a UTV em geral tem essa função por ser um canal universitário, que é... as pessoas pensarem mais sobre o assunto refletirem, acho que a função seria essa mesmo.

Cíntia: Mais na hora que tem essa pauta pensa nessa reflexão o que eles fariam ou isso acaba acontecendo?

Entrevistado: Isso acaba acontecendo conforme a gente vai produzindo a matéria né, na verdade no inicio a gente pensa numa matéria, numa pauta aí quando for trabalhar na pauta a gente vai achando os melhores caminhos pra compreensão das pessoas como é que vai mostrar, se as pessoas vão entender de uma maneira ou de outra, a gente trabalha pra a pessoa ter cada tipo de compreensão pra poder estudar o assunto e entender da forma que ela quiser.

Cíntia: Ok!

Depoente 18 – estagiária – TV3

Cíntia: é estagiária aqui?

Entrevistado: Sou estagiaria de TV há menos de um ano.

Cíntia: Menos de um ano?

Entrevistado: É

Cíntia: Que período ta?

Entrevistado: To no terceiro.

Cíntia: Por que que resolveu fazer jornalismo?

Entrevistado: (risos) Calma aí, (PL) porque eu sempre gostei eu sempre gostei desse meio de ficar informada eu sempre gostei da televisão sempre via muita televisão porque meus pais não tinham tempo de ficar comigo é o tempo de chegar em casa e eu ta vendo televisão,aí ficava vendo assim sabe ficava girando, desde do primeiro ano eu já sabia que queria fazer jornalismo, aí na hora da inscrição eu fiquei meio em dúvida mas eu não, vou fazer jornalismo. Porque eu convivo com isso há muito tempo pela televisão pelos jornais mas eu sei como é que é.

Cíntia: E o quê que é ser jornalista pra ?

Entrevistado: Quê que é ser jornalista?(PL) é ser curioso.

Cíntia: Tem alguma diferença do que imaginava e agora que tá fazendo estágio aqui tá vendo de perto a profissão?

Entrevistado: Tem bastante que principalmente na parte de edição corta muita coisa, pode mudar tudo o que a pessoa falou através do processo de edição (PC) e assim eu também sei que agora que a televisão não é, não é ela não tá sempre certa ela também pode errar (PC) é uma das coisas que eu via na televisão, não tá certo umas coisas que eu até hoje vejo minha mãe fazendo e a ela via na televisão o jornal publicou que agora os pais daquela menina foram os culpados e ela acreditou sabe, mas não tem prova os caras ainda não foram presos não tem prova suficiente, mas aí sai escrito lá embaixo segundo não sei quem com as provas tais entendeu, eles também se comprometem lá o compromisso direto(PC)lá do meio.

Cíntia: sugere pauta aqui?

Entrevista: Hãrrã

Cíntia: De onde vêm essas pautas? De onde vêm as idéias das pautas?

Entrevistada: Dos jornais, das revistas, do meio também de ficar olhando, saiu olhou alguma coisa achou interessante...

Cíntia: E o quê que é interessante pra , qual o critério que usa pra falar essa é boa e essa não é boa?

Entrevistada: É o programa... entendeu, essa é boa pra um programa pra um tal programa, é um segmento entendeu? O quebra cabeça tem um segmento, Bites&bites tem outro segmento e Qual é a sua tem outra diferente, sabe.Então é pra aquele segmento, é interessante pra aquele segmento Bites&bytes que é de tecnologia é interessante(PC) eu acho que é tecnologia é o segmento que faz o programa.

Cíntia: acha que a educação tem espaço como o jornalismo?

Entrevistada: Tem a educação tá ensinando, ce tem que ensinar de alguma maneira as outras pessoas, tem que transmitir alguma coisa pra acrescentar na vida de outra pessoa.

Cíntia: já ouviu o termo jornalismo educativo?

Entrevistada: (PC) Jornalismo Educativo? Eu já ouvi, já, mas não sei te explicar direito. Eu acho que os meios de comunicação eles, eles têm que transmitir alguma coisa, eles têm que acrescentar alguma coisa pra outras pessoas.

Cíntia: Então, por exemplo, é isso mesmo, então, por exemplo, se tiver um incêndio num prédio aqui perto, vai um repórter que vai dizer aquela historia que, quem, quando, onde, como, por quê.Mas no jornalismo educativo o repórter faz isso, só que, além disso, ele vai fazer o telespectador refletir sobre o assunto, quando as pessoas vêm na minha casa o que eu preciso fazer pra não acontecer à mesma coisa no meu prédio.Então o jornalismo educativo faz o telespectador ou o leitor refletir e não apenas saber que houve um incêndio e acabou, tá. acha que os programas que s produzem têm esse tipo de reflexão, na hora que s escolhem s pensam nisso ou quando acontece, acontece por acontecer?

Entrevistada: **Ó, o nosso programa agora é, acabei de editar, é de profissões, então faz de uma certa forma as pessoas refletirem se é aquela posição que elas querem, principalmente pra quem não, não tá fazendo faculdade ainda não entrou nesse mercado (PC) estudantes de ensino médio que ainda não sabem o que tão querendo então vão refletir naquilo que eles tão querendo.**

Cíntia: E o Quebra-Cabeça?

Entrevistada: **O quebra-cabeça é mais, é uma revista interativa, não tem muito que refletir, ce mostra, não, tem umas matérias até que não, sabe?! Outras não têm outras que é só entretenimento.**

Cíntia: Então o que acontece sem reflexão é por que acontece porque tinha que acontecer não foi nada planejado?

Entrevistada: É o quebra-cabeça não, mas o Qual é a sua, sim.

Depoente 19 – Coordenadora 2 da TV3

Cíntia: Me fala um pouquinho sua vida profissional.

Entrevistada: Bom comecei como repórter em televisão, comecei em jornal, depois fiz em revista e logo depois...cheguei a passar um tempinho em assessoria, foi rápido. Quando eu consegui entrar para televisão. quando eu consegui entrar para a televisão, eu não entendia nada, aprendi na prática, aprendi fazendo. Demorei um pouco para entrar, fiz acompanhamento durante um ano mais ou menos tentando entrar, entrei, na tv educativa, só entrei porque abriu um jornal novo, tinha vaga. Quando criaram este jornal novo eu fui chamada para fazer reportagem, eu já entrei fazendo reportagem. É o que foi bom e ruim. Bom que aprendi na marra, fui obrigada a aprender tudo. Ruim porque vi erra muito, na televisão tem que... ter uma escola mesmo, tem que ter uma prática, tem que acompanhar fazer, treinar, televisão só se aprende basicamente na prática. Eu não tinha essa prática e acabei aprendendo na marra mas aprendi. Bom estou há vinte anos fazendo educação na tv educativa além de outras televisões, já fiz sbt, j'afiz manchete e alem disso sempre fiz outros trabalhos. Eu Fiz divulgação numa editora, na editora objetiva, eu fiz ass/ mantive numa própria empresa minha assessoria de imprensa e fiz pra várias órgãos, escolas, empresa, fiz jornal também de empresa, houseorgans, fiz trabalhos freelancers pra revistas. Bom, sempre junto com meu trabalho na televisão. Depois eu comecei a dar aula aqui na Instituição, fiz pós-graduação, fui chamada para dar aula aqui, comecei a dar aula, fui chamada para coordenar telejornal que são programas feitos pelos alunos com minha coordenação que vão lá no canal 16 da net. São programas variados cada um tem um modelo diferente, um formato diferente, um público diferente, aqui a gente faz uns 4 programas diferentes no total eles tem uns 8 programas diferentes no canal da UTV. A a universidade.

Cíntia: aqui dá aula de que?

Entrevistada: todas as minhas disciplinas são ligadas à televisão. Entrevistas, programas, matérias, tudo isso, tudo voltado para a televisão.

Cíntia: Quantos programas s produzem para a UTV?

Entrevistada: Aqui no Rebouças são quatro./ INTERROMPIDA

Entrevistas: São quatro programas aqui sob minha coordenação. Uma é uma revista eletrônica, quebra-cabeça. Nós fazemos matérias para esse programa que é finalizado na Barra. Fazemos também muitas matérias para um programa de tecnologia que se chama bites&bytes, que é de tecnologia, fazemos um programa chamado ecoX que é ecologia e sustentabilidade. E fazemos todo, este é todo feito aqui, produzido, né, gravado e finalizado aqui que é o Qual é a sua? sobre profissões. Cada programa aborda uma profissão e todas as suas dificuldades para jovens que estão cursando essa profissão ou queiram e cursar essa profissão. Tiramos todas as dúvidas, mercado de trabalho.

Cíntia: E ao todo são quantos?

Entrevista: Ao todo são 8.

Cíntia: lembra de todos?

Entrevista: Tem os programas especiais que eu não sei

Cíntia: Como s pensam as pautas?

Entrevista: Tudo aqui é feito pelos próprios alunos. Eu apenas coordeno. Eu sugiro pautas, mas eles têm que aprovar e se entusiasmar com as pautas. E tudo é feito por eles, desde a pauta, a produção, reportagem e edição tudo com a minha coordenação. O que eu faço é dar esse meu lado profissional pra que o trabalho que eles pensam seja concretizado da melhor forma possível. Como eu já tenho a prática e sei que a sugestão é viável ou não, eu digo que não é viável por isso, por isso e por isso. As vezes eles me convencem de que é viável e eu embarco nesse ou ao contrário, né, eles me convencem de que minha idéia não é boa. Pode ser. Mas eu sempre procuro dar um encaminhamento para que o produto chegue no final. Que a gente consiga finalizar. Que seja colocado em prática e dê resultado

Cíntia: Qual o critério que utiliza pra escolher as pautas.

Entrevistada: Primeiro critério é via informação. Se s observarem, a revista do quebra-cabeça ele tem informação e pode ter entretenimento. Então os dois parâmetros para essa revista eletrônica seriam informação e entretenimento. Outra que eu sempre digo, televisão, óbvio, tem que ter imagem. Então, se tem imagens bonitas, maravilhosas,vamos que aproveitar. Então diria que são três parâmetros que norteiam praticamente tudo. Dependendo é claro de cada formato. Por exemplo, no programa sobre profissões, tem que ser qual é a profissão que eu vou escolher? Uma profissão que esteja um demanda no mercado de trabalho. Engenharia que a gente acabou de fazer sobre sobre esse enfoque. Fizemos história porque íamos dar programa quando se comemorava a chegada da corte ao Brasil. Fizemos um programa sobre história. Então a informação, é ...demanda de mercado, sempre pensando que a gente tem que ter boas idéias para expressar aquilo. Afinal o programa de televisão não dá para ser alguma coisa que eu não possa mostrar. Então eu tenho, a minha obrigação em pensar em mais está sempre correlacionada a todos estes programas.

Cíntia: Educação tem espaço neste programas?

Entrevistada: Tem, em todas. No quebra-cabeças, por exemplo, a gente seleciona e costuma dar muito matérias com vínculo social que tem sempre tem vínculo educativo e variadas sugestões que aparecem aqui. A gente prioriza também é..ter um programa importante dentro da universidade que é educativo e que tem relação com outras matérias, fazemos também, entendeu. A...sempre fazemos quando a universidade promove por exemplo, cursos ou seminários, palestras voltadas para os alunos a gente vai sempre cobrir porque isso é importante para os alunos. Desde mostra de cinema, ta, eles estão realizando um festival de mostra agora, eles estão fazendo esta matéria. São feitas pelos alunos, isso faz parte do currículo de cinema. Outra coisa que alia educação e questão social. O curso de nutrição faz um curso aberto para, é...aberto a comunidade de nutrição e alimentos, seja de aproveitamento de sobras, do alimento que utiliza todo dia, aberto para a comunidade acadêmica e comunidade da região, desde moradores da favela como estudante. INTERROMPIDA bom, então, eu to voltando, lembrando a matéria de nutrição. Então aquilo tem os alunos, né, os alunos estão lá ajudando e mostrando esse trabalho está sendo feito com a comunidade, vale nota pra eles, os alunos daqui estão gravando e conhecendo o trabalho e aproveitando esse trabalho para o nosso programa e vai ao ar e será absorvido por quem assiste o programa.

Cíntia: já ouviu falar em Jornalismo Educativo?

Entrevistada: Sim. Mas, eu não, não acho que não, não (riso) na minha área acho que não passo exatamente dentro, acho, não é com este espírito, mas acho¹²⁷ que o trabalho que é feito aqui é muito Jornalismo Educativo. Afinal de contas a gente aqui trabalha

¹²⁷ Dá ênfase na palavra acho.

aqui Ensinando, educando fazendo jornalismo o tempo todo. Meu trabalho aqui eu vejo que é uma... amplia o trabalho que é feito dentro da sala de aula. Eu sou professora e ensino várias matérias de jornalismo. Quando eu chego aqui, o que eu falo pra eles, eu também falo aqui. Só que eu falo aqui em cima da prática. Então eu diria que é um ensino prático, aqui dentro dessa coordenação, desse trabalho. Mas é muito e totalmente educativo. Mas não com este título, jornalismo educativo, mas é absolutamente educativo. E é uma coisa muito mais abrangente porque aqui vai desde ensinar a fazer um texto, e tudo, como ensinar como o aluno ter informação, ter cultura, sabe, um melhor aproveitamento dele pro trabalho dele porque ele só vai ser um bom profissional se ele for uma pessoa completa, e uma pessoa completa em cultura em educação em ampliar os horizontes, pra tudo abrir pra tudo, absorver conhecimento de maneira geral.

Cíntia: Quando eu falei Jornalismo Educativo, eu estou vendo ele como aquele que vai além da informação. Um incêndio aconteceu, então a gente faz o que, quem, quando, onde e por que? Mas Jornalismo Educativo diria: será que está seguro? Será que seu prédio está seguro? O que precisa saber pra que não aconteça a mesma coisa no seu prédio? Seu prédio está precisando de uma avaliação? s fazem alguns questionamentos assim. Além da informação fazer a pessoa, é, pensar, refletir, Existe esse tipo de preocupação ou isso acontece?

Entrevistada: eu acho que não há uma formatação em cima disso, mas isso acaba fluindo sim e tendo. Pelo menos eu procuro. Eu já faço na TV Educativa hoje um programa, que é um programa analítico, crítico, reflexivo sobre a mídia. Eu trabalho fazendo isso, todos os dias, metade do meu dia. E é obvio que eu sou uma pessoa e é claro que absorvo as informações e não vou ser diferente outra F. aqui, é claro que eu vou estar atuando com isso, e eu tento passar isso pra eles não só aqui como também dentro da sala de aula, porque tem que ser crítico, analítico, que tem que ver o outro lado, que não pode ser maniqueísta, isso é uma coisa que a gente vai passando, transpassando pra eles o tempo todo. Eu não recebo nenhuma determinação ou indicação de que eu tenho que fazer isso, mas isso permeia o nosso trabalho o tempo todo.

Cíntia: Até mesmo na TV Educativa, não há essa preocupação, vai fluindo.

Entrevistada: Não, lá a gente faz com muito mais rigor isso afinal o programa é isso. O meu programa é uma análise crítica da mídia, então não posso fugir disso. Isso eu faço com rigor, com determinação, não ai é diferente, o formato é esse. Aqui, não é o meu formato ser crítica de qualquer programa de qualquer matéria, mas eu digo que é permeado porque a gente vai se formando e vai aprendendo que isso é importante. Não adianta passar a matéria a informação por si só ela tem que fazer pensar também sobre, abrir teu pensamento e tua cabeça.

Depoente 20 - TV3

Cíntia: está aqui há quanto tempo?

Entrevistada: um ano e dois meses

Cíntia: é formada em que?

Entrevistada: eu sou formada em administração e agora estou quase me formando em jornalismo. Estou no sétimo período

Cíntia : por que que trocou administração por jornalismo

Entrevistada: não, eu sempre quis fazer jornalismo, só que na época que eu terminei o ensino médio, porque era muito cara a faculdade de jornalismo, eu acabei indo para o lado administrativo eu me formei, fiz pos, fiz MBA fiz tudo. Ai quando surgiu uma

oportunidade, porque eu fui fazer um curso de locução, porque eu queria ter algum contato com a área, aí acabei indo trabalhar em rádio, fiquei cinco anos, aí vim pra cá fazer a faculdade e me envolvi com o pessoal da TV quando me dei conta estava trabalhando na UTV.

Cíntia: agora está contratada.

Entrevistada: agora to contratada como funcionária.

Cíntia: por um período?

Entrevistada: não, fui estagiária, fiquei como estagiária por seis meses, mas depois fui contratada. O contrato deveria ser de um ano, mas como estava exercendo muitas funções, acabei sendo contratada mesmo, rescindi o contrato e agora sou funcionária mesmo.

Cíntia: antes de entrar pra faculdade de jornalismo, o que achava o que era jornalismo e agora. Há diferença?

Entrevistada: Olha, eu acho que não tem diferença não porque foi uma área que eu sempre gostei, eu sempre me envolvi muito, com matéria, com notícia, e mesmo antes de ir pra faculdade de jornalismo eu já tinha escrito matérias para alguns jornais, como professora, porque eu também sou professora. Então não tive então essa diferença. Eu consegui sim me apaixonar mais pela profissão.

Cíntia: dá aula aqui de quê?

Entrevistada: Eu dou aula no ensino médio, no curso de administração.

Cíntia: jornalismo pra é o que?

Entrevistada: É minha paixão. Antes eu era apaixonada por rádio, agora sou pela TV, também adora impresso, acho que todas as áreas eu gosto.

Cíntia: Qual a função do jornalista

Entrevistada: olha, eu acho que a função do jornalista hoje é mais ampla do que era antigamente. Porque antigamente o jornalista apenas te informava. Hoje ele tem uma função mais ampla. Porque informar, todo muito informa. Eu entro lá no site, eu repórter, e boto lá uma foto, minha opinião, entendeu? Então eu acho que o jornalista tem que te manter atualizado, não apenas informado, mas atualizado também. Vê aqueles sites da internet, com vários links que te relembram o passado. Então eu acho que cada vez mais o jornalista tem que te manter atualizado sobre todo e qualquer assunto.

Cíntia: tá se formando né?

Entrevistada: É to no sétimo período.

Cíntia: participa de reunião de pauta.

Entrevistada: o programa que eu faço, eu praticamente faço quase tudo. Sou eu que faço a maioria das reportagens, uma ou outra eu divido com a apresentadora. Basicamente o Na Boca do Povo sou eu controlo, eu faço produção, faço reportagens, sou eu que redijo os textos de, eu que fico na ilha de edição.

Cíntia: Como se decidem as pautas.

Entrevistada: o Na boca do povo é temático. Então a gente tem uma reunião com a diretora, e cada reunião que a gente tem a gente define duas, três pautas pra ir trabalhando com os programas. Geralmente são assuntos que tão em foco na sociedade. Alguma coisa que naquele momento está chamando atenção.

Cíntia: que pode ser política...

Entrevistada: É, Pode ser qualquer coisa. A gente teve um período de reprises, aí voltamos com programa sobre o Rio de Janeiro porque começou toda aquela história de chegada da família real, que não sei o que. Só que a gente não quis abordar essa parte histórica, a gente foi pro lado das regiões, zona norte, sul, centro do Rio. A gente deu um enfoque diferente, mas voltou com o Rio de Janeiro. A gente tá fazendo um

programa sobre esporte, porque tá todo mundo começando a falar sobre os jogos de Pequim, então o programa aborda desde a importância da atividade física para a saúde, até a candidatura do Rio para 2016 copa do mundo , tal, a gente já tá trabalhando num terceiro que é sobre publicidade.

Cíntia: quando se pensam as pautas se pensam em educação?

Entrevistada: sempre tem o informe. Este do esporte, a gente tem o outro lado da saúde, né, da importância de procurar profissionais especializados na área tanto que a gente tem sempre debates e notas informativas durante o programa. Que é justamente para manter as as pessoas com essa preocupação. Sempre tem um enfoque, dentro de uma matéria e de outra, a gente procura dar esse enfoque na educação.

Cíntia: acha que o jornalismo tem alguma coisa a ver com educação?

Entrevistada: acho que tem tudo a ver. Justamente pelo lado informativo e pelo lado da atualização. Eu acho que hoje está mais ligado do que era antigamente.

Cíntia: você já ouviu falar em jornalismo educativo?

Entrevistada: Já

Cíntia: o que seria isso?

Entrevistada: Bom, na minha opinião seria mais esse lado da informação. De manter o seu telespectador, leitor, estar disponibilizando para ele no momento, determinadas informações que até então seriam dificultosos e ele não teria acesso. Eu vejo isso como jornalismo educativo.

Cíntia: Eu fui buscar fora do Brasil informações sobre Jornalismo Educativo porque não achei aqui praticamente nada na literatura. Seria mais ou menos assim. Se acontece um incêndio num prédio. O jornalista iria lá e diria o que aconteceu, onde aconteceu, daria a notícia propriamente dita. No jornalismo educativo, o repórter faria a mesma coisa, mas também faria refletir sobre o assunto.

Entrevistada: isso

Cíntia: será que eu estou segura no meu prédio? O que eu posso fazer para que isso não aconteça no meu prédio?

Entrevista: não é apenas informar. Manter atualizado, é... como todo mundo tá falando, dengue, dengue. Dengue, chega a dar até nervoso. Já tá aí, não tem mais jeito. O que a gente pode tentar agora é prevenir para daqui a dois três anos não tenha um quadro pior do que está agora. Falar a culpa do governo federal, agora não dá não adianta nada, tem que fazer um trabalho educacional com a população agora, é educacional mesmo. Eu e meu vizinho do lado, todos correndo o mesmo risco.

Cíntia: acha que este tipo de pensamento tem na UTV?

Entrevistada: em alguns programas sim, outras não, eu vejo muita coisa na UTV jogadas, assim. E...uma coisa que achei legal é que depois que a M. veio pra cá os alunos começaram a fazer programas. Ela tem a parte dela, que analisa cada um antes da gente enviar, e tudo, mas a gente tem liberdade, a gente escolhe o tema. Eu tenho a liberdade de dividir os blocos, e dispor minha opinião, eu acho legal em fazer um bloco assim, não sei o que. Só depois de pronto é que ela vai dar uma olhada. Então a gente tem essa liberdade enquanto algumas faculdades os professores fazem os programas. Como é que a gente vai colocar o aluno no mercado de trabalho se ele não tem contato com a realidade? E a gente procura tá passando isso. Hoje na universidade a gente não tem mais um público focado, tem pessoas de todas as idades, convivendo juntas no mesmo espaço. Então quando faz um programa como esse tem um leque enorme. A gente já não tem mais uma universidade de jovens e adolescentes. A gente tem uma universidade que vai desde a terceira idade até jovens e adolescentes. Então tem que criar algo amplo. Seu leque é enorme dentro da UTV. E as pessoas acreditam que não. Ah, não assistem utv! Muita gente assiste UTV.

Cíntia: acha que as pessoas pensam assim, em reflexão, ou as coisas acontecem.

Entrevistada: eu procuro passar isso sempre porque a gente, apesar do na boca do povo ser um programa de 52 minutos, que o maior que a gente tem aqui no Tom Jobim, a nossa equipe restrita, somos eu, a D. que dirige e faz o roteiro, N. fica com edição, produção, reportagens, e os dois apresentadores. E às vezes os apresentadores ajudam numa reportagem, outra.

Cíntia: Os apresentadores são alunos?

Entrevistada: são alunos. Basicamente a equipe tem quatro pessoas. A cabeça pensante é a minha. Sou eu que fico encarregada de off, reportagens e tal. Mas quando a gente cria, a gente decidiu lá, a gente vai fazer a pauta de assunto tal, eu peço pra eles estude de uma maneira global o assunto xis para no dia que esteja na hora do debate com o entrevistado de igual para igual. Então essa condição de poder participar de poder ter essa visão educativa. Porque a gente tem que sempre pensar que quem está assistindo em casa quer aprender um pouco mais aquele assunto. A gente tem sempre aprendendo, a gente nunca sabe tudo. Então eu me preocupo sempre dar essa informação não sei se é o meu lado professora, eu sempre me preocupo com isso, das pessoas estarem aprendendo mais, que a gente tem algo a acrescentar, que a gente tem que pensar em ajudar, a gente tem que ir por esse lado.

Depoente 21 – TV3

Cíntia: faz o que aqui?

Entrevistada: Eu sou produtor, eu trabalho na produção dos programas na casa, né?. Nas produções que a Instituição manda para a UTV.

Cíntia: Ah, nas cinco então.

Entrevistado: É, a gente sempre dá uma mãozinha é, eu sou responsável diretamente por duas, mas eu gosto de estar participando de tudo.

Cíntia: é formado.

Entrevistada: Não ainda não. Estou no sexto período de comunicação social, jornalismo.

Cíntia: Antes de entrar para a faculdade, queria ser jornalista?

Entrevistada: Ó é, entre aspas sim, eu gostava muito de televisão, entendeu eu tinha vontade de ser ator, etc e tal,entendeu, eu sempre tive dom de falar, vai ter um trabalhozinho (risos), eu sempre gostei muito de falar.

Cíntia: o que era o jornalismo antes e depois de fazer faculdade?

Entrevistada: O jornalismo pra mim era uma forma de receber informações, entendeu, eu gosto muito de esporte, entendeu, via muito por esse lado, de receber informações sobre o time que eu gosto de acompanhar, dos atletas que eu acompanho, o dia-a-dia da minha cidade. Hoje em dia, que eu trabalho, assim,que eu eu to perto dessa área, porque trabalho com produção, me fascina a forma que é.. eu posso formar opinião, de participar dessa informação, não to só recebendo, entendeu,estou sendo esse link a conexão das pessoas com a notícia, com os fatos, isso me fascina muito.

Cíntia: participa das reuniões de pauta?

Entrevistada: participo.

Cíntia: com idéias também?

Entrevistada: Com idéias, eu faço muita questão disso.

Cíntia: e de onde surgem essas idéias?

Entrevistada: do dia-a-dia, do percurso que faço de casa pro trabalho, do percurso do trabalho pra casa, do que vejo nas ruas, quando vou jogar futebol. Eu tento sempre, assim, eu digo assim, Depois que eu passei a estudar comunicação que eu comecei a fazer jornalismo e trabalhar na área, eu tento assim mudar meu olhar, 90, 100 mil por cento assim, ainda não mudou, mas eu tento prestar mais atenção dos que as pessoas prestam.

Cíntia: acha que educação entra nas suas sugestões de pauta?

Entrevistada: Entra. Ainda mais que eu, engraçado, tem a educação no todo, tem vários tipos de educação, entendeu? Um dos programas que eu faço, um dos principais da X é de Educação tecnológica, entendeu a gente ta tentando surpreender o telespectador, ta sempre tentando ensinar alguma coisa, né porque as pessoas gostam de aprender. Não gostam só... essa história de que a televisão faz com as pessoas sejam alienadas, só recebam besteiras, não as pessoas fazem questão de ver coisas boas, se tiver coisas boas elas vão querer ver com questão, não voa sentar apenas e assistir, elas vão absorver as coisas boas.

Cíntia: acha que jornalismo tem a ver com educação?

Entrevistada: Com certeza. O... no país que a gente vive atualmente onde a educação é um pouco deixada de lado, as pessoas não recebem a educação que deveriam, o jornalismo educa um pouco as pessoas porque ele ele, traz é... a forma, não é que traga a forma, eu me expressei errado, ele, ele passa muita coisa pras pessoas, então as pessoas não tiveram oportunidade de estudar, de se educar, mas o jornalismo trazendo as consequências de coisas ruins e coisas boas, não deixa de educar as pessoas também.

Cíntia: já ouviu falar em Jornalismo Educativo?

Entrevistada: (PL) o, assim, o termo utilizado assim, junto, assim, não.

Cíntia: Quando eu falei Jornalismo Educativo, eu estou vendo ele como aquele que vai além da informação. Um incêndio aconteceu, então a gente faz o que, quem, quando, onde e por que? Mas Jornalismo Educativo diria: será que está seguro? Será que seu prédio está seguro? O que precisa saber pra que não aconteça a mesma coisa no seu prédio? Seu prédio está precisando de uma avaliação? s fazem alguns questionamentos assim. Além da informação fazer a pessoa, é, pensar, refletir, Existe esse tipo de preocupação ou isso acontece?

Entrevistada: Olha, é... Uma das características assim que eu tenho, assim, que eu gosto muito, é de não fazer matérias pequenas. No caso dos programas que eu faço é não fazer matérias pequenas, não, mas que eu tenha vontade de fazer do jeito eu ta falando porque seria mentira. Mas, mas a gente tenta sempre ensinar a pessoa a, por exemplo, o google, todo mundo usa o google, mas nos fizemos fazer uma matéria sobre o google mostrando outras coisas que o google tem a mais, é as pessoas, é tão simples mas as pessoas não fuçam até aprender. Ou perguntar a outras pessoas. Nesse programa a gente tenta sempre despertar as simples curiosidades e aprendam utilizar o que a gente está explicando.

Cíntia: acha que é viável o jornalismo educativo?

Entrevistada: Partindo do pressuposto que que me falou, é totalmente viável. E aconselhável.

Cíntia: por que?

Entrevista: Porque, enquanto falava, eu pesava no meu prédio pegando fogo e se me passa as informações corretas sobre como eu proceder, pra que meu prédio não pegue fogo, eu iria fazer isso, quando chegasse em casa. É do ser humano, a curiosidade, e se passarem isso pras pessoas, elas vão saber, a gente passa as coisas mas a metade das pessoas vai ter curiosidade de ir lá de ver como funciona.

Cíntia: estimula as pessoas.

Entrevista: é, estimula.

Depoente 22- TV3

Cíntia: é formado em que?

Entrevistado: Não eu não sou formado. Ainda sou aluno de cinema.

Cíntia: e por que TV?

Entrevistado: Eu gosto de bastante da parte audiovisual. Sou formado em técnico de audiovisual de parte de câmera. Então pintou a oportunidade de trabalhar aqui na instituição porque aí realizaria outro sonho que era fazer minha faculdade. Aí botei curriculum aqui e consegui. Entrei aqui e gosto muito.

Cíntia: faz o quê?

Entrevistado: produção do Interferência.

Cíntia: participa da reunião de pauta.

Entrevistado: sim

Cíntia: no interferência tem duas pessoas?

Entrevistado: isso, tem um coordenador geral, sou eu e a C, estagiária.

Cíntia: como é o programa.

Entrevistado: interferência, apesar de ter mais de um ano na UTV, nós mudamos o formato, mudou a temporada, mudou formato, é chamar pessoas no estúdio da televisão, simulando... a gente simula uma rádio. É um bate papo descontraído, explicando.

Cíntia: como escolhe o tema, a pauta?

Entrevistado: a gente pega, escolhe o oposto, o próximo que vai ao ar, que vai, que é o Dicro com suas rimas e com Dionísio que é um escritor de romance para tentar ter conflitos, idéias para cada um se expor.

Cíntia: como surgem eles, são pessoas que estão em evidência?

Entrevistado: a gente faz uma pesquisa, pega uma seleção de nomes, assim, uns, a galera vai a favor de um ideal, e vai contra e leva em pauta, pra ver o que fica mais fácil para chamar, mas a gente sabendo no dia da gravação o que vai acontecer.

Cíntia: educação tem espaço no programa.

Entrevistado: tem, mas a gente tenta não fazer uma educação, uma coisa educativa cem por cento, que fica uma coisa chata, mas também a gente, o ideal da UTV é... mostrar educação? Vambora, mostrar uma coisa diferente, transmitir uma idéia de professor, nesse último dava aula de história, de línguas, porque ele fazia de forma muito descontraída porque tinha o Dicro ali entendeu, isso que a gente vai...tem educação sim, mas não aquela forma de professor sentado, entendeu?

Cíntia: Jornalismo e Educação têm algum tipo de relação?

Entrevistado: deveria ter mais . Eu acho que o jornalismo, eu sinto falta, no jornalismo no meu ponto de vista ele são formador de opiniões, acho que, acho não, tenho certeza que eles botam o foco em outro lugar. O jornalista poderia usar o poder dele de uma maneira mais, entendeu, objetiva, mais...como é que eu falo... o jornalista pra mim deveria partir mais pra educação tipo falar o que não é mais bacana mas de maneira e deixar d fazer mais programa de fofoca.

Cíntia: sabe o que é Jornalismo Educativo?

Entrevistado: Jornalismo Educativo? Creio que seja o principio da UTV, não, não sei não.

Cíntia: Quando eu falei Jornalismo Educativo, eu estou vendo ele como aquele que vai além da informação. Um incêndio aconteceu, então a gente faz o que, quem, quando, onde e por que?. Mas Jornalismo Educativo diria: será que está seguro? Será que seu

prédio está seguro? O que precisa saber pra que não aconteça a mesma coisa no seu prédio? Seu prédio está precisando de uma avaliação? s fazem alguns questionamentos assim. Além da informação fazer a pessoa, é, pensar, refletir, Existe esse tipo de preocupação ou isso acontece?

Entrevistada: É o que falta. O que eu sinto falta, por exemplo, a gente fala, pô maneiro, pô a gente tá colocando hospital de campanha por causa da dengue, mas de onde veio a dengue. Em 1930 tinha dengue. De 30 a 50 teve dengue. Foi erradicado em 60 e voltou de forma bem mais brusca. Poxa, mas da onde, o jornalismo não tá falando. Só tá falando do César mais, isso, César Maia aquilo. Poxa, não tá falando isso, aconteceu no antepassado, o que tamos errando hoje? Jornalista não fala isso no RJTV, entendeu. O meu ponto de vista, é o que mais fala da dengue por ser um jornal local, não fala da história da dengue pra gente não cometer erros, eu sinto falta disso, acho que tinha ser mais formador mais de opinião de maneira certa, não de formador de opinião como se o alemão é gente boa ou não e se Rafinha... não importa, importa é saber o que tem pra melhorar.

Cíntia: Tem Jornalismo Educativo na UTV?

Entrevistada: tem, tem...mas da maneira que eu idealizo, da maneira que eu gostaria que fosse, não. Em interferência antigo, a gente fazia, ainda conseguia chegar perto do que eu idealizo, a UTV talvez seja, a UTV e a TV e, e a teve cultura chegam mais perto. Fora isso, a TV globo, A TV globo, o globo ecologia ser sábado, acho que é sete e meia da manhã, isso é um absurdo.

Cíntia: É possível fazer Jornalismo Educativo no Brasil?

Entrevistada: A princípio, não. Acho que não. Seria uma mudança muito brusca e a gente ia ter espaço na televisão. A globo vai perder ibope, o sbt e a record, todo mundo perderia ibope. Porque a princípio ninguém quer ver, entendeu, o...se ...como é que tá o mundo na água, tá acabando a água, só passa rapidinho no jornal nacional que tá acabando a água, se colocar o globo ecologia no horário do big brother, a globo vai perder milhões, eu tenho noção disso, por isso não pode ser uma coisa brusca. Eu acredito que eu não esteja pra ver se isso vai acontecer ou não mas eu gostaria de ver pelo menos para os meus filhos.

Depoente 23 – TV3

Cíntia: trabalha no quebra-cabeça.

Entrevistada: Isso, é um telejornal que, só que ele é completamente diferente de todos os telejornais que você já viu. Ele não tem bancada, não são dois apresentadores, porque a gente achou que como é um telejornal universitário, a gente tem que dar oportunidade pra todo mundo fazer tudo, produzir aparecer, pra sair daqui com uma noção de tudo, sabe, editar, decupar, tudo, então todo mundo faz tudo.

Cíntia: Então cada semana é um apresentador...

Entrevistada: Não, depois se quiser, eu ate te mostro. É assim, ele tem três blocos, a gente trabalha junto com o pessoal de Rebouças, então a gente divide assim, em cada bloco entram duas matérias, então a gente trabalha com três matérias produzidas pela gente aqui e três do Rebouças. Uma da Barra, ouro do..., entendeu? Eu faço a matéria, aí eu pego um colaborador que faz a cabeça da minha matéria, ele faz a cabeça e entra minha matéria, entendeu. Não tem bancada, é tudo gravado ao ar livre, agente não trabalha em estúdio grava aqui pelo campus.

Cíntia: colaborador é aluno.

Entrevistada: sempre aluno.

Cíntia: quantos colaboradores têm aqui?

Entrevistada: a gente tem muitos (PM) colaborador. é porque assim, colaborador não recebe, né?

Cíntia: mas eles são fixos ou são interessados que vêm...

Entrevistada: são alunos que ficam interessados, aí vem aí deixam um horário que podem disponibilizar pra colaborar porque não recebem. A única coisa que recebem são... o conhecimento. Eles aprendem, entendeu? Aí tem gente que vem três vezes por semana, duas vezes por semana, fixo tem apenas Qe B que ficam de duas às seis todos os dias. Aí tem aquela pessoa que vem só no horário disponível.

Cíntia: qual sua função?

Entrevistada: eu sou diretora desse telejornal só que eu sou funcionária, eu era estagiária aí eu me formei e eles me contratam.

Cíntia: o que que era jornalismo antes da faculdade e antes

Entrevistada: Eu nunca sonhei em fazer jornalismo, cá aqui de pára-quebras. Eu terminei meu terceiro ano, eu estudava no colégio da aeronáutica, aí a gente... era muita coisa de doido, a gente tinha aula de segunda a sábado, e prova segunda, quarta e sexta querendo ou não, tinha que estar sempre estudando. Muita física, muita matemática sempre não gostei de número e aí que... queria ser do bope, olha só, queria ser pm coisa do tipo, mas eu não tenho estatura pra isso. Queria ser muita coisa, queria ser professora, queria ser dentista, mas nunca passou pela minha cabeça ser jornalista. Aí teve uma feira de profissões no meu colégio e eu queria, eu não sabia o que iria fazer e fiz teste vocacional, que foi até um estande da Veiga que estava lá. Aí neste teste vocacional, deu qualquer área de comunicação. Aí, ferrou, comunicação tem publicidade, tem jornalismo, tem tanta coisa pra fazer! Aí minha madrinha que é professora de história que me deu aula no município disse que, olha, C. acho que vai se dar bem em jornalismo. Se não gostar, troca. E aí eu me inscrevi em jornalismo, entrei sem saber bem, e hoje em dia não me vejo fazendo outra coisa. Cheguei a querer desistir no início no quarto período, porque os primeiros períodos, porque tem muita teoria, teoria, teoria, meu Deus, o que estou fazendo aqui? Aí consegui estágio na secretaria de turismo pra fazer assessoria. Também não é o que eu quero pra mim. Porque se eu gosto vem, tem reunião de pauta, dá idéia, vai apurar, eu pensei em trabalhar com impresso, não tinha passado na minha cabeça trabalhar em tv. Aí eu comecei, mesmo estando no impresso, fazia assessoria dos programas novos que estava entrando na grade pra UTV, fazia assessoria deste programas e comecei a me debandar para o programa da TV, de vez em quando eu ia lá, gravava uma nota. Os únicos lugares que ainda não trabalhei foi comunicação empresarial e radio, mas aí vim pra , a M. me chamou e disse eu quero te contratar, fica aqui, porque eu tinha arrumado emprego em Teresópolis, aí ela disse não não vai não. Aí surgiu essa oportunidade de trabalhar com tv. Eu vou fazer minha pós agora de telejornalismo.

Cíntia: o que é ser jornalista?

Entrevistada: o jornalista nada mais é do que um contador da história, né porque vai assim, em lugares, em acontecimentos, que não dá pra todo mundo ir, que tem oportunidade de ir, vai apurar os fatos, vai ver o que está acontecendo, ser imparcial, tem que ouvir os dois lados, né, às vezes, de quem acusa e de quem está sendo acusado, vai mostrar os fatos as partes boas e as partes ruins e contar para as pessoas de uma forma que elas entendam.

Cíntia: o que você leva em consideração para criar as pautas

Entrevistada: É assim, o nosso telejornal aqui é quinzenal. Então a gente não pode trabalhar com matérias temporais, porque elas podem perder a validade. Então a gente

trabalha com matérias atemporais, então a gente pensa em matérias atemporais que não sejam fúteis, então a gente procura estar sempre equilibrando uma matéria mais séria, de cunho social, e outra mais leve, então... coisa que a gente não sabe que existem e existem

Cíntia: Por exemplo.

Entrevistada: o Rebouças fez uma matéria sobre le parkour, todo mundo já ouviu falar de le parkour, mas muita gente...o que que é le parkour? Ai eles foram perto da catedral e fica um monte de meninos passando no meio das pessoas, fica todo mudo sem entender nada, ficou legal porque contou um pouco da história. E a gente trabalha com umas matérias mais serias ...casa santa clara em vargem grande que faz trabalha com crianças e como se fosse uma creche. Eles estão todos enrolados com falta de doação, não só de dinheiro, mas de roupa essas coisas, a gente vai lá conta a história e coloca o site para quem quiser ajudar.

Cíntia: vocês pensam em educação quando falam em pauta?

Entrevistada: Também. Eu fiz agora sobre o terceiro fórum mundial de educação que aconteceu em Nova Iguaçu. Outras matérias...porque ;e assim, ah, a gente está querendo fazer sobre o peja, que é aquela educação para pessoas que já passaram da idade, querem vota a estudar, alguns colégio do Município tem, mas a maioria é do estado que funciona a noite

Cíntia: você acha que o jornalismo tem a ver com educação?

Entrevistada: É, o jornalista antigamente só tinha que realmente, tinha apenas que contar os fatos, mas agora o jornalista tem a ver com muita coisa, como, tipo assim, a política, a justiça tá falha, então o jornalista assume o papel de denunciar o que está errado, entendeu em relação e educação também, a saúde, um monte de coisa tá falha, agora, acaba que a gente assume esse papel porque uma pessoa vai no hospital, aconteceu um absurdo, ai ela vai lá, tenta expor sua idéia e não consegue. Ai chama uma globo da vida, uma grande emissora dessa, que denuncia, rapidinho resolve o problema. Então, eu acho que..assim como a educação tá falha e outras coisas, a gente acaba assumindo esse papel que não é nosso papel mas a gente acaba fazendo isso.

Cíntia: sabe o que é jornalismo educativo?

Entrevistada: não

Cíntia: É mais ou menos isso. Vou dar um exemplo de telejornal. O próprio telejornal pode ter um Jornalismo Educativo. Se tiver um incêndio em um prédio. Aí o repórter vai lá, vai dizer o que, quem, quando, onde, por que aconteceu aquilo ali. eu. Ah, sim, aconteceu. Mas, e daí? O que isso vai acrescentar na vida dele?

Entrevistada: é o lead básico.

Cíntia: É. Mas, se for fazer com, com, com essa visão, ele vai falar, além de tudo isso, com todas essas informações, ele vai dizer assim: será que está seguro no seu prédio? O que pode ser saber para que seu prédio também não pegue fogo. Ou então em eleições: como vai usar a urna eletrônica. Então, ele está mostrando as pessoas como usar aquilo. Então, é também uma forma de educar. Fazer a pessoa refletir sobre determinados assuntos e não apenas pegar a informação embrulhada. Isso acontece. acha que isso acontece na UTV?

Entrevistada: eu não conheço todos os programas

Cíntia: os daqui.

Entrevistada: o meu, assim, algumas matérias sim, outras não, acho que as matérias mais de cunho social, pessoal até tenta fazer assim

Cíntia: mas s planejam fazer assim?

Entrevistada: a gente até planeja, mas nunca fica da forma que a gente planejou, sempre se depara com uma situação diferente que não tinha planejado e aí a gente vai trabalhando modificando e aí vai acontecendo.

Depoente 24 –TV3

Transcrição Carolina

Cíntia: como funciona o centro de produção?

Entrevistada: bom a produção funciona meio que no ritmo acadêmico. Porque a gente faz as coisas voltadas para o aluno, pelo aluno e a gente depende muito deles, tanto na parte de produção, como marcação da ilha, marcação de equipamento porque a gente tem que respeitar o horário do aluno e o que ele precisa marcar para fazer as cadeiras de jornalismo, de produção.

Cíntia: você sabe quantas pessoas estão envolvidas

Entrevistada: tem eu, a H., o G., que é nosso coordenador, o F., o M. e C. Todos eles são alunos de jornalismo menos eu e o M. Que somos de cinema. Eu sou formada e outros são estudantes ainda.

Cíntia: aí eles são como estagiários ou funcionários?

Entrevistada: eles são funcionários, na parte de assistentes de produção.

Cíntia: Têm estagiários?

Entrevistada: tem três estagiários.

Cíntia: você começou como estagiária?

Entrevistada: comecei como colaboradora, eu fiquei... três meses colaborando, é um estágio não remunerado, a maioria que passa aqui são colaboradores que são alunos que vem aqui algumas horas por dia, a maioria deles colabora para o telejornal que a gente faz, o quebra-cabeça, é um ritmo que eles variam muito. É...passa muita gente, mas os funcionários ficam aqui pelo no mínimo de seis meses, tem gente que está aqui há quase um ano.

Cíntia: quantos programas fazem aqui?

Entrevistada: sete programas

Cíntia: porque resolveu fazer cinema, trabalhar em TV?

Entrevistada: escolhi fazer cinema porque era o que eu queria fazer. Desisti do jornalismo, decidi ir para o cinema porque era mais a minha cara. Escolhi a televisão porque eu gosto muito de várias mídias e não só cinema e é uma prática porque é muito bom porque a gente pode trabalhar com equipamentos bons de mercado, edita o que faz, uma liberdade de criação e produção e isso é muito bom para aprender. Eu gosto muito de fazer TV, assim, eu gosto mais de fazer cinema, mas por enquanto eu to gostando de fazer TV.

Cíntia: há quanto tempo tá formada?

Entrevistada: eu me formei agora, há um ano.

Cíntia: e está há quanto tempo aqui

Entrevistada: sete meses

Cíntia: participa das reuniões de pauta participa como?

Entrevistada: eu faço na boca do povo, eu dirijo e roteirizo o programa, e ajudo na produção de programa quando eles estão apertados.

Cíntia: Como é o programa?

Entrevistada: Na boca do povo é um programa de temas, a cada 15 dias temos um tema diferente, a graça é quem faz as matérias e eu escrevo e dirijo o nosso quadro de bate papo, que é no estúdio.

Cíntia: quanto tempo ele tem

Entrevistada: 52 minutos. É o único que a gente faz aqui com esse tempo. O ativo é também de 52 minutos, mas ele vem pronto de Niterói. O resto é tudo 24.

Cíntia: quantas pessoas têm no Na boca do Povo.

Entrevistada: de funcionário eu e a H. e de estagiária, tem a M.

Cíntia: como se pensam as pautas?

Entrevistada: como o programa é temático, a gente tem uma direção, a gente vai mais no óbvio, uma entrevista com algum escritor, que tenha alguma coisa para falar, a gente não tem muito o que procurar, não é tipo um telejornal que a gente tem que procurar procurar, a gente tem mais liberdade porque é por tema.

Cíntia: e como vêm os temas?

Entrevistada: a gente faz uma releitura da atualidade. Na época do pan a gente fez um programa sobre esporte, na época da bienal, a gente fez sobre literatura, a gente pesca o que tá acontecendo.

Cíntia: quando escolhem decidem juntos?

Entrevistada: geralmente sou eu e a H. A coordenadora pode dar palpite.

Cíntia: dê exemplo de temas

Entrevistada: literatura, esportes, Rio de Janeiro, porque o programa quando começou na grade, seria sobre segredos. Mas acabou não dando muito certo porque os alunos não colocavam segredos lá. Então muitas vezes a gente tinha que inventar o segredo que a gente pensava que as pudessem ter. Então a gente acabou com os segredos e a gente pegou pelos temas. Fizemos sobre sustentabilidade, micos...

Cíntia: esse segredo era mais pessoal, né

Entrevistada: era tipo eu sou gay e meus pais não sabem. Tinham questões mais duras e segredos bobinhos. Eu gosto mais de bicho do que meu namorado. E os temas acabaram virando. Uma questão falava sobre prostituição e outro sobre moda

Cíntia: se pensam em educação quando fazem as pautas?

Entrevistada: bom, eu acho que de uma certa forma sim, porque como a gente faz uma programação acadêmica, a gente tem que pensar nisso sim. Como isso pode afetar o aluno. O bites e bytes, ele é muito, tem muito, um lado dele acadêmico também, ele fez uma ligação com um departamento que é de educação para informática. Tem convênio com microsoft, esse programa, e lê é mais acadêmico, voltada mais para o que a Instituição produz em termos acadêmicos.

Cíntia: como definiria jornalismo?

Entrevistada: o jornalismo é... não sei. Complicado porque não sou da área. Na época que eu optei pelo jornalismo eu larguei e fui para cinema. A maioria aqui é jornalista. Eu vejo que eu conseguiria fazer uma pauta. Eu não sou jornalista e eu conseguiria e é muito complicado isso. Porque jornalista precisa ter alguma coisa interessante, especial, porque senão ele pode ser qualquer coisa

Cíntia: acha que tem relação entre jornalismo e educação

Entrevistada: tem, o jornalista a função dele maior é falar, olha só isso tá certo e isso tá errado. Mas também não pode educar pro mal, mas pode educar por bem. É a função do jornalista, eu acredito.

Cíntia: acha que está educando quando faz o seu programa?

Entrevistada: acho que não muito porque a minha pauta é mais de pergunta e resposta e de como isso vai entrar no programa, acho que isso não é muito educacional.

Cíntia: você já ouviu sobre jornalismo educativo?

Entrevistada: Não

Cíntia: Se tiver um incêndio em um prédio. Aí o repórter vai lá, vai dizer o que, quem, quando, onde, por que aconteceu aquilo ali. Mas, se for fazer com, com, com essa visão,

ele vai falar, além de tudo isso, com todas essas informações, ele vai dizer assim: será que está seguro no seu prédio? O que pode ser saber para que seu prédio também não pegue fogo. Ou então em eleições: como vai usar a urna eletrônica. Então, ele está mostrando as pessoas como usar aquilo. Então, é também uma forma de educar. Fazer a pessoa refletir sobre determinados assuntos e não apenas pegar a informação embrulhada. Isso aconteceu. Ah, sim, aconteceu. Mas, e daí? O que isso vai acrescentar na vida dele? Acha que existe Jornalismo Educativo na TV universitária

Entrevistada: acho que não muito. Porque a gente também não tem a função de falar, olha tem que fazer assim, pode ser mais seguro, pode ser melhor, a gente não tem vivência para isso, a gente tá aprendendo ainda, a gente tá aprendendo agora, é nova, tem a sensibilidade para falar oh, isso aqui pode te levar para um bom caminho, a gente precisa de mais vivência ainda.

Depoente 25 –TV3

Transcrição

Cíntia: há quanto tempo está aqui

Entrevistada: comecei em estagiário em 2002, fui produtor que nem eles, e agora eu sou produtor.

Cíntia: e está contratado desde quando?

Entrevistada: Desde 2003.

Cíntia: é formado em quê?

Entrevistada: Comunicação, jornalismo, agora estou fazendo cinema.

Cíntia: O que imaginava antes e depois sobre o jornalismo?

Entrevistada: Quando eu comecei a fazer em comunicação, eu não pensava em jornalismo, eu sempre pensei em entretenimento. Eu pensava em fazer jornal nacional, eu pensava em fazer Otavio Mesquita, Goulart de Andrade no máximo. Nunca pensei o jornalismo que mostra o político roubou, a inflação tá péssima... O povo não sabe o que é inflação, o político rouba desde sempre e mostra que rouba e mostra que não foi preso, mostra e não vai até o final. Eu prefiro um jornalismo que mostra alguma coisa do tipo de como sobe aquele prédio ali, é que a pessoa aprende, acho que a televisão tem muito mais coisa que ensinar do que informar, informa. O povo não sabe o que tá fazendo, não tem acompanhamento. O melhor é ensinar, entender, vou te ensinar a plantar uma árvore...

Cíntia: Então, qual a função do jornalista?

Entrevistada: é trazer os fatos ao público. Mas eles não conseguem ir até o final. Vou dar a notícia de que o político, roubou daqui a um mês ele não vai dizer que ele foi condenado e cai em esquecimento. Mas a função dele é essa, de trazer ao público os fatos mais importantes e trazer o que tem de mais importante no mundo

Cíntia: conseguiu conciliar estas coisas na vida profissional?

Entrevistada: a gente não trata muito do factual. A gente cuida mais do cultural ou do entretenimento. Mas conciliei. O que eu queria fazer, eu consegui. Eu gosto muito de carro, as primeira matérias que eu fiz foi de carro. Informe, expliquei e uni o útil ao agradável. É o que eu falo pra eles, gosta de arte, então vai fazer uma matéria de arte, vai fazer passagem, vai aprender escrever um texto sobre o que gosta.

Cíntia: você participa da reunião de pauta?

Entrevistada: Participo. Do interferência, Do bites&bytes eu participo porque eu gosto e do interferência fui eu quem criei.

Cíntia: de onde vêm as pautas?

Entrevistada: informática, eu gosto do assunto. Eu sempre acompanho as novidades, e interferência é entrevista então surge do bate-papo, sugestão e vivência.

Cíntia: educação faz parte das pautas? Tem espaço nas pautas de s?

Entrevistada: na revista eletrônica a gente tenta mostrar, por exemplo de como usar o pen drive, como usar, tenta ensinar um pouco de informática. Tenta dar uma de telecurso segundo grau. O de entrevista e entretenimento, a gente não tem essa preocupação, nos outros não, como na TV educativa, não, ta distante disso, acho que é mais um treinamento. A UTV é mais um laboratório de quem faz.

Cíntia: e acha que educação tem a ver com jornalismo?

Entrevistada: Tem, ao meu ponto de ver, eu acho que eu gosto muito mais de fazer, eu gosto mais de ver do que mostrar como planta, uma planta do que mostrar o político que rouba, como rouba sempre. Vai fazer sobre inflação, então começa falando o que é inflação, como interfere na sua vida, como calcula, agora dar por dar, acho que...tem gente que entende, mas isso não me fascina muito.

Cíntia: já ouviu falar em jornalismo educativo?

Entrevistada: eu .. tem mais no futura e o, não... telecurso segundo grau não, porque não é jornalismo. O que mais representa é o canal futura.

Cíntia: É vou dar um exemplo pra . Ta tendo um incêndio. Então, o jornalista vai lá e vai dizer onde é o incêndio o que, quem, quando, onde, como e por quê. Mas se a gente pensar num Jornalismo Educativo, seria um pouco além. Faria as pessoas refletirem um pouco sobre o assunto. Então entraria, por exemplo, acontece um incêndio no seu prédio. O repórter vai e faz o lead com as perguntas básicas. No jornalismo educativo, ele iria além, faria as pessoas refletirem sobre o assunto. O que eu preciso saber para ficar seguro no prédio? Será que está seguro no seu prédio?

Entrevistada: é isso que eu falei mais ou menos, pega o índice, explica o índice e como influencia sua vida. Isso me fascina. Por isso nem gosto de ver jornal.

Cíntia: acha que existe jornalismo Educativo na UTV?

Entrevistada: não, acho que não. Não é porque trabalho aqui não, a instituição e a Gama traz também, faz a UTV ser laboratório. Outras universidades usam como propaganda da universidade. Não vê nada de idéia do programa do aluno. Mas acho que nenhuma delas tem essa de educativo.

Cíntia: Acha possível o Jornalismo Educativo na UTV?

Entrevistada: acho que é só questão de direção, questão de focar os programas pra isso, tem espaço para entretenimento que a gente faz, que tem gente que quer fazer isso como eu, tem espaço para laboratório e tem o espaço para o jornalismo também.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)